

A decorative border with intricate floral and scrollwork patterns, featuring small flowers and leaves, framing the central text.

Novo Almanach

DE LEMBRANÇAS
LUSO BRASILEIRO

1891

GRANDE NOVIDADE

REVISTA ILLUSTRADA

NOVA ILLUSTRAÇÃO QUINZENAL

Com a collaboração dos primeiros artistas
e escriptores portuguezes

120 réis cada numero, em grande formato,
com 6 paginas de texto e 6 de gravuras

Assigna-se e vende-se na Livraria de ANTONIO
MARIA PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, LISBOA.

NO PORTO, na Agencia da REVISTA ILLUS-
TRADA, Rua Sá da Bandeira, 217, 1.º, e em todas
as livrarias.

Publicam-se pontualmente dois numeros por mez
desde abril de 1890. O 1.º numero de cada mez é
sempre acompanhado d'uma lindissima estampa co-
lorida, como brinde, representando algum quadro
celebre. A collaboração litteraria é de Ramalho Or-
tigão, Fialho d'Almeida, Pinheiro Chagas, Serpa Pin-
to, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, D. Antonio da
Costa, D. João da Camara, Luiz Osorio, Silva Pinto,
Caiel, Oliveira Martins, Monteiro Ramalho, Beldemo-
nio, Gomes d'Amorim, João Chagas, José Augusto
Vieira, Anselmo de Andrade, Alberto Pimentel, Go-
mes Leal, Mello Freitas, etc., etc.

320
BIBLIOTECA
MUSEO
JOSÉ AUGUSTO VIEIRA

O MINHO PITTORESCO

ESPLENDIDA OBRA

ILLUSTRADA COM MAIS DE 300 DESENHOS

POR

João de Almeida

gravados pelos mais celebres artistas
nacionaes e estrangeiros

*representando as paysagens e pontos mais
formosos de todo o Minho*

OS SEUS MONUMENTOS ANTIGOS E MODERNOS

AS OBRAS D'ARTE

as vistas geraes e parciaes das suas povoações

os seus instrumentos e utensilios agricolas

os exemplares das suas especies zoologicas, etc.

5 MAGNIFICAS ESTAMPAS EM CHROMO

representando os costumes mais pittorescos de toda a provincia

Tudo desenhado do natural

E 6 MAPPAS CHOROGRAPHICOS DA PROVINCIA

expressamente gravados.

O tomo I, comprehende a descripção de todo o districto de Vianna
e parte do de Braga

O tomo II, comprehende o resto da descripção do districto de Braga,
e a descripção de todo o districto do Porto

À venda na livraria do editor, Antonio Maria PEREIRA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54 — Lisboa

Envia-se gratuitamente uma caderneta d'amostra d'esta soberba publicação, a quem a requisitar á Livraria do editor. Preço da obra completa, e já á venda, ricamente encadernada, em 2 volumes de grande formato, 13\$500 réis fortes. No Brazil encontra-se em todas as livrarias importantes.

GRANDE Diccionario Contemporaneo

FRANCEZ-PORTUGUEZ
E
PORTUGUEZ-FRANCEZ

PELO PROFESSOR

DOMINGOS DE AZEVEDO

Auctor do Ollendorff aperfeiçoado, da Grammatica Nacional,
das Lições praticas de conversação franceza, etc.)

REVISTO POR

LUIZ FILIPPE LEITE

Professor e vice-reitor do Lyceu de Lisboa

Publicado com a aprovação e sob os auspícios de

VICTOR HUGO

e prefaciado por

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Vejam-se os prospectos, com as opiniões que os nossos primeiros homens de letras escreveram acerca d'este diccionario: Camillo Castello Branco, Latino Coelho, Ramalho Ortigão, Thomaz Ribeiro são unanimes em confessar que este diccionario «é inquestionavelmente o melhor que existe para o estudo das linguas portugueza e franceza, e que está acima de confronto com todos os outros dictionarios analogos, até hoje publicados.»

TOMO I — Diccionario francez-portuguez.

TOMO II — Diccionario portuguez-francez.

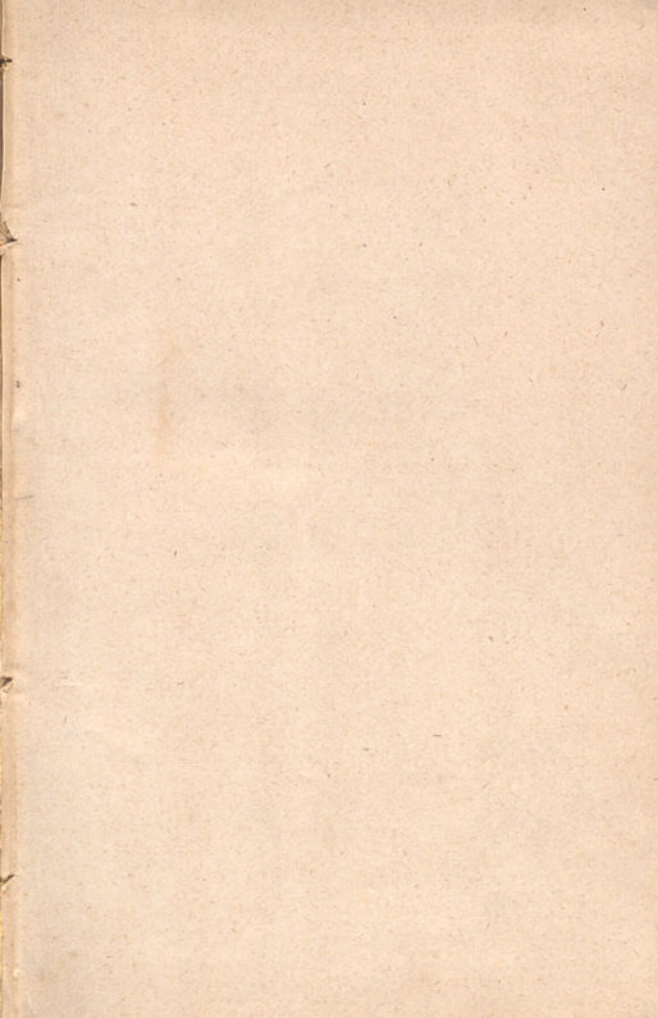
Preço da obra, encadernada em chagrin e percaline, 11\$000 réis. Encadernada em carneira, 10\$600 réis, Vende-se separado o 1.º tomo por 6\$000 rs., e o 2.º por 5\$000 rs.

Envia-se gratuitamente uma caderneta de amostra a quem a requisitar á Livraria do editor Antonio Maria Pereira, rua Augusta, 50, 52 e 54, Lisboa.

NOVO ALMANACH DE LEMBRANÇAS

Les longs ouvrages me font peur :
Loin d'épuiser une matière,
On n'en doit prendre que la fleur,

LA FONTAINE.





Julio Cesar Machado

NOVO ALMANACH
DE

LEMBRANÇAS

LUSO - BRAZILEIRO

PARA O ANNO DE 1891

Ornado de gravuras, enriquecido com muitas materias
de utilidade publica, e com o retrato
e elogio critico biographico do distincto escriptor

JULIO CESAR MACHADO

POR

Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro

BACHAREL FORMADO EM DIREITO

41.º ANNO DA COLLECÇÃO



BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
RUA DO MARQUÊS DE CARVALHO

LISBOA

Livraria de Antonio Maria Pereira

50, 52 — RUA AUGUSTA — 52, 54

1890

A remessa de artigos e toda a correspondencia, quer do Brazil, quer de outros pontos, relativa ao *Almanach*, deve ser subscriptada a Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, e dirigida para a livraria de Antonio Maria Pereira, rua Augusta, 50 a 54 — Lisboa.

LISBOA

—
Typ. e Stereotypia Moderna

11, *Apostolos*, 11

—
1890

JULIO CESAR MACHADO

I

No registo doloroso do *Supplemento ao Almanach* de 1890 escrevemos :

«A parca tem sido implacavel n'estes ultimos mezes com os amigos e mimosos das lettras em Lisboa. Abre a lista, morto o anno passado, Antonio d'Oliveira Marreca. Seguem-se Eduardo Coelho, Visconde de Benalcanfôr (Ricardo Guimarães), Visconde de Santa Monica (Henrique O'Neill), Francisco Palha, Julio Cezar Machado, João de Lemos e o Conselheiro João d'Andrade Corvo.» Pois o registo funebre, ainda tinha d'accrescentar-se ultimamente com dois nomes mais, o de Antonio Pereira da Cunha, e o do Visconde de Correia Botelho (Camillo Castello Branco), mortos ha poucos mezes. E' triste !

Todos me eram caros, a todos conheci, alguns foram meus condiscipulos, ou contemporaneos na Universidade, a todos estendi a mão d'amigo, mas d'entre elles o mais infeliz é aquelle cujo retrato e cujo elogio biographico abrirão o *Almanach* de 1891.

Não será Julio Cesar Machado ?

Qual lhe disputará a palma do martyrio ? Nem Camillo Castello Branco, principe das lettras, que tocou a idade propecta, e que ao sentir-se privado da luz, suicidou-se com um tiro de revolver, esquecendo-se de que havia escripto :

*A maxima coragem na tortura
E' sorrir, é sorrir, fingir ventura,
E ser maior que a dôr, calcal-a aos pés.*

Julio Cesar Machado, filho de Luiz Cesario da Costa Machado, e de D. Maria Ignacia Machado, nascera em Lisboa no dia 1.º d'Outubro de 1835. Aos tres annos foi com sua mãe para a Durruivos, no termo de Obidos, pequena quinta que a sua familia possuia ali. O pae ficou em Lisboa. A mãe, uma tia irmã d'ella, a avó, e um velho frade, tio da mãe, constituiam a familia na Durruivos. Foi o frade que o ensinou a lêr, e pela sua morte ficou a substituil-o o Padre Paulo, parochó da aldeia. A solidão da Durruivos não tinha distracções, nem creanças com quem brincar, nem visitas com quem fallasse, e quando aos nove annos, em 1844, para continuar a sua instrucção, veio com a mãe fixar a sua residencia em Lisboa, era, dizia elle, um selvagensito. Foi uma era nova, a primeira alegria da sua vida, por se achar em Lisboa, a vêr seu pae que não conhecia, porque o deixara aos tres annos. Com que enthusiasmo elle falla do pae, comparando-o com os poucos sugeitos asseados, que tinha visto até então na aldeia! E' que era um homem de cidade, vivo, energico, elegante, costumado a passar a existencia desafogada, porque nascera rico, e tinha já devorado duas fortunas e ia no vôso da terceira.

Deixémos a vida dos collegios, onde foi alumno interno, e do Lyceu que tambem frequentou, e onde alcançou os estudos da instrucção secundaria, menos exigentes que os d'hoje, para se entregar ao cultivo das lettras, visto que para ahí o chamavam todas as suas tendencias. Não era para a vida das lettras que o pae o dedicava, mas para o estudo da medicina: mas o pae falleceu em 1851, tinha elle 16 annos, e logo que teve a desgraça de o perder, não se pensou mais em medicina.

Tambem o pae de Gustavo Planche queria que o filho estudasse medicina, porém elle, arrastado pela febre litteraria, illudio-o sempre, e foi escriptor. Se ha um ponto de contacto entre Julio Cesar Machado e Gustavo Planche é só este. No mais distanceiam-se. Gustavo Planche, como critico, era por vezes acerbo,

ainda mesmo que os criticados se chamassem Victor Hugo, Lamartine, Balzac, e Lamennais, e por isso Affonso Karr lhe chamou Gustavo *cruel*. Nós sabemos, e sabem-n'o todos que o tem lido, que Julio Cesar Machado pertencia á escola opposta.

II

Que faz um rapaz perdido n'este deserto de Lisboa, faltando-lhe o pae, procurando viver pela penna, quando não tinha mais de 16 annos, vivendo a mãe longe, sem os bens que lhe pertenciam, por que estavam hypothecados, e a hypotheca engulia os rendimentos? Que faria, quando Camillo Castello Branco, no seu livro *Esboços d'apreciações litterarias*, diz que n'aquelle tempo Lopes de Mendonça, dotado d'um talento brilhante, escrevia folhetins a 12\$000 réis por mez, e os jornalistas escreviam á razão de quatrocentos e oitenta réis o artigo nos jornaes politicos?

Pois não desanimou. Costumou-se a viver com pouco e deitou-se ao trabalho. Logo em 1852 publicou um romance *Claudio*, conseguiu ser traductor do theatro do Gymnasio — dirigia a secção litteraria do jornal *Doze d'Agosto*, era revisor da *Revista Universal Lisbonense*. Em 1857 rebenta o cholera sobre Lisboa, o theatro do Gymnasio fechou, o *Doze de Agosto* deixou de publicar-se, a *Revista Universal Lisbonense* morreu.

Cessaram as fontes de receita. O cholera tirava para tudo o animo a todos; mas a Julio Cesar Machado, não. Metteu-se em casa, e começou a escrever a *Vida em Lisboa*, romance em dois volumes. Quando tinha promptos os primeiros capitulos foi lêl-os ao fundador da conhecida e conceituada livraria da rua Augusta n.ºs 50 a 52, que hoje è dirigida e continuada pelo filho d'aquelle honrado editor, que tem o mesmo nome que o pae.

Antonio Maria Pereira ouviu lêr os capitulos, e logo ali se estipulou o contracto. Pereira editava a obra, e o romancista em todas as semanas, á entrega d'uma porção de manuscripto, recebia um tanto. Tra-

balhou dia e noite, diz elle, começavam os figos lampos, e, quando o figo branco chegou a estar maduro, doce como o mel, pendendo já e a cahir, com o pé mal seguro á arvore, estavam promptos os dois volumes da *Vida em Lisboa*.

Abençoado romance. Os jornaes deram rebate. A *Vida em Lisboa* vendeu-se e chegou a esgotar-se, mas tão abençoado, que foi ainda origem d'outro beneficio. Julio Machado leu os dois volumes a dois moços de talento, Ricardo Guimarães, e Diogo de Macedo, que viviam juntos, e agradou tanto, que dias depois, escrevia-lhe Ricardo :

«Esta noite no salão de S. Carlos, vaes ser apresentado a José Estevão, e entras como folhetinista na *Revolução de Setembro*. Até logo.»

O' felicidade ! O' alvoroço ! Lopes de Mendonça, o notavel folhetinista da *Revolução*, ia deixal-a para se entregar á politica, e para substituir um escriptor tão illustre, ia ser, e foi nomeado Julio Cesar Machado. E como se desempenhou elle ? Coincidio vir n'essa occasião a Lisboa a tragica Ristori, e o primeiro folhetim de Julio Machado foi ácerca da Ristori e da primeira representação d'ella em S. Carlos. E' por isso que elle diz n'um dos seus livros :

«Comprehender-se-ha facilmente quanto haja sido em mim sempre viva a recordação da Ristori, em se dizendo que o meu primeiro folhetim, a minha entrada na *Revolução de Setembro*, a minha carreira, por consequencia, a minha vida, o meu pão da boca, e o meu do espirito, toda a minha existencia, todo o meu sentir, coincidiram com a chegada da Ristori a Lisboa, e com as representações d'ella.»

Desde que Julio Cesar começou a escrever na *Revolução*, os folhetins, que antes se publicavam aos sabbados, passaram a publicar-se ás terças feiras. Logo ao quarto ou quinto folhetim os numeros do jornal d'aquelle dia exgotavam-se, tanto nas lojas dos li-

vreiros como no escriptorio da administração, e mez e meio depois foi augmentada a tiragem dos numeros das terças feiras.

*

Não pára aqui o giro da roda da fortuna. N'uma tarde, em agosto de 1864, ia elle no Passeio, e ouviu duas vozes que o chamavam; voltou-se e vio Santanna e Vasconcellos e Ricardo Guimarães. Dispensaram-se os cumprimentos e foram logo ao que queriam, dizendo-lhe o Santanna :

— O Ricardo vae ser ajudante de procurador de fazenda, e deixa por isso o logar de secretario do Instituto Industrial. Lembrámo-nos de ti.

— Isso cahia do céu, mas que hei de eu fazer para o alcançar? — disse-lhe Julio.

— O que has de fazer? E's amigo do Corvo, e o João Chrisostomo, que é o ministro das Obras Publicas, tem pelo Corvo uma grande estima. Falla com o Corvo, procura-o, e nós vamos ao Lobo d'Avila pedir-lhe que escreva tambem ao seu collega a teu respeito.

O que é a sorte ! N'essa tarde subia Julio Cesar Machado a rua Nova do Carmo, e encontra João d'Andrade Corvo. Falla-lhe, e diz-lhe se elle teria duvida em pedir ao ministro das Obras Publicas que lhe fosse dado o logar de secretario do Instituto Industrial, vago pela sahida de Ricardo Guimarães.

Corvo diz-lhe que nenhuma duvida tinha em o obsequiar e que o fazia com o maior prazer.

Promessa d'amigo. No primeiro dia d'assignatura foi assignado o decreto nomeando Julio Cesar Machado secretario do Instituto Industrial.

Tudo isto, que parece milagroso, não provinha só do talento de Julio, vinha tambem d'elle ser um dos homens mais sympathicos, que eu tenho conhecido, e a sympathia é um auxiliar que a natureza dá a quem a tem. A sua conversação era desprezenciosa, viva, scintillante, matizada d'anecdotas, historietas e lembranças do que tinha lido, e que a memoria lhe suggeria a proposito de qualquer cousa. Era um encanto ouvi-lo, e nunca o tempo que se passava ao pé d'elle

parecia demasiado. Vê-lo na rua, nos passeios, ou nos theatros era sempre acompanhado com os mais distinctos nas lettras, na scena ou nas artes. A sua roda distinguia-se. Assim quasi que não havia em Lisboa quem o não conhecesse. E os seus amigos não desperdiçavam occasiões para o obsequiar.

III

Vejamos o escriptor.

Gervasio Lobato, n'um conceituoso artigo que publicou no *Occidente*, ácerca de Julio Cesar Machado, disse com muita razão :

«Julio Machado teve sempre desde que entrou no mundo litterario aos 17 annos uma preocupação unica: ter um estylo seu, uma maneira de dizer especial, que o distinguisse de todos os outros escriptores, ter uma individualidade propria, ser alguem.»

Litterariamente, ides vêr se isto é verdade ; individualmente era tanto assim, que Julio Cesar no meio d'um arraial de gente distinguia-se pela sua maneira d'andar, agitando a bengala, pela sua physionomia aberta, pela sua fronte levantada e intelligente, pelos seus modos, por tudo. Vamos vê-lo litterariamente :

«Está um sугeito em Cintra deseioso de se achar em Lisboa, e vendo que á porta d'uma hospedaria estava um cocheiro disposto a partir, e já na alnofada do trem, pergunta-lhe :

— Vaes a Lisboa, cocheiro ?

Respondeu que sim.

— Está livre ?

— Estou livre.

— Se te achas resolvido a irmos depressa dou-te duas libras, mas has de voar.

— N'um relampago estaremos em Lisboa, diz-lhe o cocheiro.

«Entreí na sege, fechei a porta, o trem partio de zoada, tirei um charuto, estendi o braço pelo postigo

da carruagem, accendi o charuto na roda do trem, que ia ferindo fogo, desaparecemos n'uma nuvem de poeira, sumindo-me entre relampagos e trovões, como Moysés, e quando acabo de fumar o meu charuto, o trem parou, e o cocheiro apeando-se, disse-me :

— Estamos em Lisboa.

Tinhamos chegado.»

Nos domingos, no verão, em Lisboa, havia sempre um pequeno arraial na Madre de Deus: vê-se a pintura photographica de um rebequista, que nunca ali faltava :

«Havia sempre musica na estrada; um realejo, ou dois, um flautista com a sua cantora, o cego improvisando, e um rebequista que era certo n'aquellas paragens; via-o a gente passar, de rebequinha debaixo do braço, taque, taque, em passinho de pulga, com um casacão muito comprido a bater-lhe nas pernas, um chapelicoque na cabeça, um pouco esburacado, para arejar umas farripas de cabello, que parecia que se punham de janella, olhos ora melancolicos, ora tragicos, parando de repente quando lhe parecia que era occasião propria, afinando a rebeca, e zás, uma musica magnifica, escancarando a bocca até ás orelhas, com um sorriso que lhe illuminava o semblante, ao tempo a que os pés lhe dançavam a polka nos sapatos, e as abas do casaco dançavam tambem alegremente. Ria toda a gente, por mais que o arco chorava nas cordas da rebeca, tanto prazer dava vêr o musico a pular; e á ultima arcada sempre um ou outro lhe dava dez réis.»

Pinta os camponezes e o seu amor pela terra :

«Entre nós o camponez não inspira grandes sympathias; chamam-lhe bronco, feio, dado a interesses pequeninos, e consideram-o tão miudo nos seus negocios, que no caso de ir para o inferno, o que não é de crer, seja capaz de resingar com o diabo por causa da fogueira, e metter-lhe na cabeça que se gasta ali lenha de mais, e que com dois cavacos possa arder do mesmo feitio qualquer pessoa !

«Os velhos do campo em Portugal são tantos! Têm o corpo dobrado pelo trabalho. Lavam-se pouco; são fuscos, encortiçados; têm os olhos a lagrimejar; testa curta e rugosa, cabello esgrouviado, a sair em farripas, de um chapéu russo, ou de um barrete velho. Nunca tiveram senão um amor na vida, — a terra.

.....
«A terra dá-lhes pouco, mas quanto dinheiro tiverem, ninguém lhes falle de o empregar d'outro modo: comprar terra, terra....

«Para algum mais desfavorecido da fortuna, a riqueza são os filhos. Não podendo ter terra, quer homens. Na cidade ha sempre quem diga por gala:

— Sou filho do meu trabalho!

«O camponez pobre prefere vir a dizer em velho:

— Sou' o trabalho dos meus filhos!»

Vêde n'estes periodos em que elle define os que são bons, e diz em que consiste a bondade, e qual a sua recompensa:

«A elevação de qualidades que distingue os que são superiormente bons, importa a intelligencia, a generosidade, a resignação, a humildade, a crença; o pulso da bondade tem um bater especial, que contraria n'isso todas as leis da analogia; quasi todos o que mais querem é o dia e a bulha; a bondade compraz-se na solidão e na sombra; é como a fonte de que falla Quinto Curcio, que diz existir n'um bosque, e chamar-se agoa do sol; quando o sol nasce está ella morna; em o calor indo no auge, ao meio dia, baixa ella de temperatura; com o declinar do dia vae subindo; está quasi a ferver á meia noite, e quanto mais vae chegando a manhã mais arrefece. Póde figurar-se essa fonte maravilhosa como um symbolo das almas que não se importam com os lumes da terra, e só aquecem á proporção que se approximam da grande noite, que é para ellas o limiar do verdadeiro mundo e da verdadeira luz.»

• Julio Cezar era um pintor descriptivo e primava em retratos, alguns dos quaes lhe sahiam como excellen-

tes photographias. Vêde este de Moniz, um actor do theatro do Gymnasio :

«Moniz, homem sêcco, fusco, pelle de pergaminho, côr de terra, hirsuto, todo elle escuro, cabello, olhos, rosto, fato; tinha o quer que fosse de um defuncto que se houvesse feito velho dentro d'um armario. Era um dos comicos de maior graça, de quantos teem pisado taboas de theatro em Portugal, e na vida o homem mais melancolico e taciturno. Tinha a arte da careta : um tregeito de physionomia d'elle fazia estalar gargalhadas. Depois, em enxugando o rosto dos borroes da pintura, embrulhava-se no seu sobretudo e não dava mais palavra. Tornou-se-lhe em doença essa qualidade de temperamento.

«Procurava a solidão com o mesmo empenho com que os felizes da vida procuram a sociedade e o mundo; e ia todas as tardes passear sósinho, em procura de arvores, de silencio e de ar.»

O contrario d'este era o Pereira, outro actor do Gymnasio.

«Baixote, gorducho, cabello á escovinha, cachaço amplo, dois olhinhos como dois pontos finaes, nariz largo, bocca grande, cara redonda, jocundo e cheio.

.....
«Depois do ensaio ia todos os dias jantar ás Hortas. Já o campo o conhecia de o vêr passar ; pareciam dizer-lhe adeus as oliveiras, dar-lhe os bons dias os malmequeres, os valancos, os almeirões ; atirarem-lhe beijos os cardasolas por entre as silvas e as flôres da amora ; acenarem-lhe as cearas com o seu loiro veo, e dizer-lhe amorosamente a grande alma vegetal :

— Adeus, Antonio ! Adeus, Pereira ! Adeus, amigo !

«Era o ultimo patusco, como o outro fôra ultimo *abencerragem*. Amava o petisco, o coio rustico, os sucios luzidios, vermelhos, pançudos. Bacho e os acolytos, silvanos modernos, satyros que bebem do *do lavrador*, em cima da borra, procissão triumphal, cortejo pagão, silenos adoradores do tinto.

«Alli passava as tardes, vendo jogar a malha, jogando elle tambem de uma vez ou d'outra, com os pri-

meiros que para alli encontrasse, sujeitos de mãos sujas, nariz avinhado, barba inculta, sobrelhas em confusão, e o fato em tal estado, que tudo que não fosse buraco, era nodoa.

«Applaudia alli o chinquillo, a isca incendiada, a fresca azeitona, elle, a quem Lisboa, a quem o Chiado applaudiria á noite, e despedia-se com saudade d'aquelles festivos Dionysios novos, que viviam na folgança, para voltar ao anoitecer ao seu camarim do theatro da travessa do Secretario de Guerra. Representava sempre com um grão na aza. Era a unica fraqueza d'este philosopho amavel.»

Uma vez em Veneza, onde o grande actor Rossi se achava de passagem, Julio Cesar teve occasião de o avaliar no *Kean*, peça em que nunca o vira. *Kean*, é alternadamente um cavalheiro, um marujo, um doido, e um namorado. E' uma peça de prova, e que exige grandes dotes no actor que o representa. Deixemos fallar Julio Cesar :

«Nas variadissimas scenas d'este drama excepcional, Rossi mostrou-se um grande artista; não haverá actor que possua mais oitavas no seu teclado: tem a um tempo o pranto e o riso, a energia e a suavidade, o arrebatamento e o quietismo, o lyrismo da poesia e a brutalidade da acção, a elegancia e o ar commum; póde representar com superioridade igual os principes e os ladrões, os fidalgos e os biltres, os amantes e os beberões, os filhos prodigos e os agiotas; é um Prothéo, um verdadeiro artista, elevado, simples, variado como a natureza.

«O publico applaudio-o phreneticamente e mais em Italia não se gosta muito d'aquella peça *d'il cavalieri Alessandro Dumas*; foi um triumpho d'enthusiasmo, a que nem o pranto faltou, porque as senhoras nos camarotes choraram por vezes.»

No pequeno e sympathico romancinho que fecha as *Scenas da minha terra*, e que se intitula: «Noite do Casal» ha uma cantora Angiolina, cujo talento Julio Cesar descreve do seguinte modo :

«A' proporção que ella fazia uma opera, ia-a tornando impossível a outra cantora. Era um talento privilegiado e unico. Quando era Norma e apparecia coroada de verbena, deixando perder o olhar no argenteo clarão da lua, — quando era Gemma e o ciume lhe contrariava o semblante n'uma expressão de raiva e de martyrio, — quando era Martha, e na feira, com o seu disfarce de camponesa, sorria aos galanteadores, que queriam avaliar-a no seu carro, — quando era Sapho e dedilhava a lyra, soberba de genio, esplendida de poesia, grandiosa de desgraça, — essa interessante cabeça, como esculpida por Phidias, erguia-se altiva e nobre sobre os seus hombros de marmore, e aquella mascara admiravel de pureza, de correcção e de vida, que a paixão mais violenta não conseguia alterar, conservava-se bella durante as agonias dramaticas.»

Fechemos com o que elle diz de Ristori :

«Superior a todas, a meu vêr, superior até ao Rossi, e até superior ao Salvini, foi a que primeiro nos visitou, a grande, a incomparavel, a de todo o ponto extraordinaria e rara Ristori ! Essa era a tragedia, essa era o sublime, essa era a encarnação d'aquella escola que repellia da scena o elemento popular, o elemento burguez, como indigno de figurar ao lado das *Mirras*, das *Medeas*, e das *Clytmnestras* da historia.

.....
«Rara, rara, essa Ristori. Assombroso e inexplicavel talento, terrivel e seductor. Na *Mirra*, por exemplo, em que ella representa a mulher mais culpada, mais vergonhosamente criminosa — o Dante põe-a no inferno isolada a um canto ! — a heroína da paixão hedionda, a triste e detestavel mulher que se apaixona pelo pae ; pois bem, até n'essa mulher maldita a Ristori era interessante, exactamente por ter, mais do que qualquer outra criminosa, a consciencia do seu crime, porque d'elle se castiga; e o poeta, que é Alfieri, nem mais nem menos, não nos deixa ignorar um momento que a condemna, apresentando-nos o quadro da sua culpa e da punição que a espera, como o espectaculo mais proprio para assustar uma alma inquieta das consequencias d'esse amor, por tal hor-

rido modo fóra do dever; e ao mesmo tempo ouvia-se escapar ao genio justiceiro como que um grito de misericórdia: mercê do talento d'essa actriz, além de tudo quanto tenho visto em theatro, o auditorio no seu coração, no intimo do seu julgamento, punia-a tambem, mas chorava. Conseguir isso era o supremo triumpho, altamente moral, e profundamente humano.

Por estes trechos, pois, podemos aquilatar o merito de Julio Cesar Machado como escriptor: agora restanos apresental-o como moralista, por que o era, sem elle o querer ser, nem o julgar. Na rapidez da escripta cahiam-lhe dos bicos da penna as sentenças, os conceitos, as moralidades a cada passo.

«O amor tem o quer que é de crime; ou uma pessoa ama com quem se perde, ou não sente o amor.»

«Dá-se na velhice um duplo effeito d'optica, a vista exterior diminue, e a vista interior augmenta; distinguem-se menos os objectos, mas vê-se melhor a razão das cousas.»

«Não existe a felicidade na sua plenitude, porque no adejar das azas frementes aspira sempre a ir para mais longe do que a ilha encantada do momento.»

«Ha na natureza humana um sentimento repulsivo para acreditar o que nos afflige, só comparavel á facilidade com que se acredita o que se deseja.»

«Para viver tranquillo e feliz, é melhor fechar hermeticamente a porta, e não a abrir a quem bater, sobretudo se fôr a gloria. Apesar da mascara d'anjo, que ella tem, não passa d'esqueleto vestido de lantejoulas; namora-se uma pessoa d'ella para depois se arrepende centos de vezes.»

«A fé é o que fórma o character, a familia, a sociedade: é o Styge que torna um homem de boa tempera. Em tudo que fôr grande ha fé, e é uma força; em tudo que fôr quebranto, abatimento, relaxação, ha duvida, e é a peor fraqueza.»

«E' preciso haver soffrido. Não se chega á gloria senão pela melancolia, senão pela lucta com a vida, com as ideias, com os temperamentos, com a sorte, não se chega á gloria senão pelas lagrimas ; é preciso passar pela cruz para ser Deos.»

«De perto ou de longe, os homens que conservam vicejante e fiel o amor da patria, são como os reis magos marchando para o berço predestinado ! E' a patria, é a patria mãe, é a doce luz da terra natal, a estrella que os guia. Não é só uma estrella caminheira a que vae adiante dos que amam e defendem o seu paiz; ha astros que os conduzem; astros que têm todos nome — a esperança, a honra, o valor, a fé, a independencia, verdadeiros planetas do firmamento da vida.»

«E' facil a quem é pobre, como é facil a todos, ser vaidoso, e até ser altivo; mas como a todos, e mais que a ninguem, e mais que em parte alguma, é difficil em Lisboa, a quem é pobre, ser digno. E a razão é simples : é porque os costumes são tão miseraveis e despreziveis, que se dá desculpa á avareza e não se dá desculpa á pobreza. A tolice é a gente, quando se encontra em taes apuros, não saber, ou não se lembrar que da pobreza poderia fingir avareza, e frequentar o mundo a titulo de somitico.»

«Quem sobe ás grandezas sociaes havendo partido da obscuridade do nada, fica maior ainda, do que se houvesse nascido n'um ambiente, que, de certa fórma, o encaminhasse ao progresso de destinos a que o seu talento o conduz um dia.»

«Diz-se que é preciso estudar os livros e as mulheres; antes as mulheres, que são mais bem escriptas»

«A fortuna é a mulher e nunca vae mal o que lhe aproveitar os caprichos : o acolhimento auspicioso que ella dá aos que a seguem, é por assim dizer, uma promessa, uma incitação, uma esperança de que melhores favores lhes reserva no futuro se a requestarem.»

IV

Considerêmol-o como romancista.

Julio Cesar Machado nunca se propoz a escrever um romance em dois ou tres volumes, talvez por que o seu talento de folhetinista, que esboça todos os assumptos sem os profundar, como a borboleta esvoaçando de flôr em flôr, lh'o não consentia. Mas nos pequenos romances ou contos que compoz revelou sempre sentimento, inteireza de character, instinctos benevolos, que por vezes terminavam em effeitos dramaticos.

E' assim que nos *Contos ao Luar*, no pequeno romance *Os Noivos*, quando a acção ia a precipitar-se para a deshonra d'uma familia, o coração elevado e nobilissimo d'uma mulher — Amelia — sacrifica-se e salva por esse acto a honra d'uma irmã.

Assim é, que no segundo conto, *Pedrito*, do mesmo livro, a paixão, que moralisa uma actriz — Margarida — faz a desgraça d'um moço, que a não conheceu a tempo, e que acordou d'um sonho para dispôr da vida.

Os *Dois Pescadores de Leça de Palmeira*, é um estudo de quem conhecia o mar, a vida dos pescadores, e as paixões que desvairam. Aquella Anna, aquella boa mãe, que de noite, vae, em vez de Izabel, a uma entrevista em que esta era esperada, para implorar um filho que não trahisse seu irmão seduzindo-lhe a esposa, e que partisse, que a deixasse; a resolução de Roberto, sacrificando o que tinha mais caro — a vida, para a felicidade da familia, ao mesmo tempo que Raimão, o marido de Izabel, ignorando tudo, socego e feliz, no seu barco de pescador, cantava ao longe sobre as aguas, são paginas que illustram os vinte e tres annos do auctor, e que consolam a quem as lê.

São estes e outros contos tão predilectos do publico, que já fizeram que os *Contos ao Luar* tivessem quatro edições.

Nas *Scenas da minha terra* — Marcolina. Aquelle

prior tão sensato, tão bondoso, aquelle padre que, desvairado por um amor sacrilego, seduz Marcolina, fazendo d'ella sua amante; Marcolina que lhe foge e que cheia de remorsos vae collocar-se debaixo das azas da mãe para o esquecer; aquelle camponez—Sebastião, que amava, e que já não podendo ser amado por ella, se entrega ao vicio da embriaguez; o padre que volta a tental-a de novo; e o modo por que ella se livra, entregando-se a Sebastião, e regenerando-o, para collocar um abysmo entre ella e o sacerdote, é um estudo moralissimo de quarenta paginas que encantam o leitor.

No seu livro *Do Chiado a Veneza* ha tambem alguns pequenos romances da mesma indole, e que se lêem com muito interesse.

«Os contos, como muito bem diz um intelligente collaborador d'este livrinho, o sr. Damasceno Vieira, no pequeno prologo que precede as suas *Noites de Veneza*, são uma especie de verdejantes oasis, onde os peregrinos cansados da longa marcha atravez do extenso e arido deserto, sob a inclemencia do sol abraçador, vão dessedentar-se na pura lympha que corre tremula e murmurante á sombra das grandes arvores silenciosas.»

Tendes por certo avaliado, quanto isso é possivel, por algumas transcripções n'uma pequena biographia, o que foi Julio Cesar Machado como escriptor. Tendes conhecido os seus dotes como folhetinista, a singeleza no dizer, a sua naturalidade no dialogo, o espirito e a graça com que orna os seus periodos, em summa as qualidades que fizeram d'elle um dos mais festejados dos nossos amigos das lettras.

Entretanto Camillo Castello Branco no seu livro *Esboços de apreciações litterarias*, fallando d'elle, concede-lhe, que tinha como folhetinista :

«... a clara e fluente linguagem que o genero requer; tinha ironias e remoques comedidos, como a cortezania manda; realçava no bem discernir o quilate das operas cantadas, do cantor louvavel, e do actor intel-

ligente; achava de prompto as finas perolas do livro novo, e assoprava mui delicadamente o cisco em que se deslapiavam, de geito e modo que não fosse incommôdar os olhos do auctor.»

Já é alguma cousa, mas ao mesmo tempo diz que os seus folhetins mingoavam em critica, doutrina, conselho, e ensinamento. Diz mais que nos seus romances a linguagem não era mais portugueza que a fórma; que os seus personagens eram lá de fóra, por que não conhecia aqui vida para observar e trasladar. Que o seu dizer peccava por muito afrancezado. O auctor não entrançou no entrecho (falla da *Vida em Lisboa*), sequer, um professor de primeiras lettras com vaidades de ter lido Frei Luiz de Sousa. Eram rapazes e raparigas que fallavam, como viviam, muito á franchezza.

Sejamos justos antes de ser rigorosos, se não severos. Ninguém podia esperar que Julio Cezar Machado fosse um escriptor tão portuguez como Antonio Feliciano de Castilho ou Camillo Castello Branco. Perdeu o pae aos 16 annos, ficou, por assim dizer, perdido em Lisboa, sem meios de vida, e começou a escrever para viver, e a escrever vertiginosamente. Entendeu que a penna em artigos avulsos lhe não dava o que o romance lhe podia produzir, e escreveu, quando a cholera morbus invadia a capital, a *Vida em Lisboa* em 2 volumes, e logo depois os *Contos ao Luar*. Depois d'isto chegou a escrever tres folhetins por semana. A's terças feiras para a *Revolução de Setembro*, ás quintas feiras para o *Rei e Ordem*, e aos sabbados para a *Opinião*. E elle dizia :

«Tivesse eu tempo e meios para preparar soffrivelmente o que escrevo e o caso não me metteria medo; mas o tempo chegava a faltar-me para escrever, o que seria para estudar?»

E tinha razão. Se elle quasi que não tinha tempo para escrever, como lhe havia de sobrar para lêr Frei Luiz de Souza, ou João de Barros?

Para adquirir a instrucção, a instrucção que se al-

cança pelas viagens, foi a França cinco vezes, como foi á Hespanha, á Italia e á Inglaterra, sacrificando para isso alguns dos predios que herdou depois de exonerados das hypothecas que os oneravam. Admira que os seus personagens sejam muitas vezes francezes, e que a sua linguagem e a construcção dos seus periodos seja ás vezes mais franceza que portugueza?

Muito fez elle. Tudo deveu aos seus esforços, e a fortuna auxiliou-o.

V

Avaliámos Julio Cesar Machado como escriptor, falemos d'elle como homem.

Julio recebeu da natureza dotes apreciaveis. Além do talento, deu-lhe um coração de pomba, uma alma d'ouro, um cofre de affectos tão encarecidos e tão vivos pela familia, principalmente, que o singularisam entre os mais dedicados. Fixando a sua residencia em Lisboa, onde perdeu o pae em 1851, e vivendo sua mãe na pequena aldeia da Durruivos, entre as Caldas e Obidos, ia no inverno buscar a mãe e trazia-a para Lisboa para viverem juntos. No verão, como a vida no campo é mais agradavel, acompanhava-a no seu regresso á Durruivos, mas como o estio é largo, ia alli muitas vezes vê-la. Na dedicatoria das *Scenas da minha terra* lhe diz elle :

«Todo o meu desejo é que este livro seja lido ahi na nossa casa da Durruivos, humilde cantinho do mundo, em que parece acabar a terra, e onde eu já encontro o céo quando ahi vou abraçal-a.»

Para fazer ideia do extremo do meu biographado, e da sua indole amorosa pela familia, basta dizer que tendo-lhe ficado um retrato do pae, nunca o filho se levantava de manhã, que ao sair do quarto não fosse logo beijar aquelle retrato, nunca á noite se recolhia que não fizesse o mesmo; sahindo de casa, ou reco-

lhendo, era preito respeitoso, necessidade de sua alma, a que nunca faltava.

Ligou o seu destino ao da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria das Dores Machado, esposa amantissima. D'este consorcio nasceu um filho, creança que desde logo começou a ser a alegria, o enthusiasmo, a delicia, a loucura do pae.

O Pae Goriot da *Comedia Humana* de Balzac não é, absolutamente fallando, uma phantasia de romancista. Ha paes assim. Aquelle feliz desgraçado, que de opulento que era se despio para casar as suas filhas com titulares, dar-lhes carruagens e palacios; aquelle desvairado que amava os cavallos que em faustosos trens as levavam aos bailes, ou as conduziam de tarde ao Bosque de Bolonha, e que desejava ser o cãozinho que ellas afagavam nos joelhos! Aquelle Christo da paternidade, como lhe chamou Balzac, que se podesse, e Deos lhe houvesse reservado um logar no céu, escolheria o inferno, para as suas filhas gosarem a bem-aventurança entre os coros angelicos; aquelle fanatico que morreu pobrissimo, e que amou as filhas da sua loucura com todo o amor das suas entranhas, tem semelhantes no mundo, não são muitos, mas tem-n'os, e Julio Cesar Machado era um d'elles.

Uma noite no antigo Passeio Publico, passeava Julio Cesar Machado e o filho, que teria então sete ou oito annos, com alguns amigos, de que fazia parte o sr. Silva Ramos, que conta isto: Um d'elles chamou para o pé de si a creança. Isto bastou para o pae se alvoçar por mal contido ciume, dizendo que um menino bem educado só junto de seu pae é que devia andar. Um dia n'um jantar em casa do sr. Baptista Podestá (é Alberto Pimentel que o conta) o pequeno Julio levantou-se da meza, e foi engalfinhar-se nas costas de um amigo do pae, que o recebeu amavelmente. D'ali a momentos o pequeno correu a trepar pela cadeira d'outro amigo de Julio Cesar, que o reprehendeu. Não tardou que o pae com lagrimas nos olhos sahisse com o filho, depois de ter apertado a mão muito expressivamente ao amigo que tinha afagado o Julito, e interrompendo desde essa hora as relações com o outro amigo que o reprehendera.

— O' papá, diz-lhe o filho uma occasião, tendo de

recolher-se á cama por um pequeno incommodo, ou doença que o accomettera, — e se eu morresse...

— Que? — respondeu-lhe o pae — Se tu morreses... se tu morreses... matava-me!

Como estas cem, muitissimas, que podiam contar os que mais conviviam com Julio Machado depois que lhe nasceu o filho. Não era amor, era lúcura, era idolatria. Como trabalhava para elle, como tratava de augmentar a sua casa e as suas terras da Durrui-vos, para o futuro bem estar de seu filho! Como fal-lava d'elle, da educação que lhe dava, e dos planos que tinha, aos seus amigos!

Cresceu este filho, chegou á idade dos 17 annos, e um dia mettendo-se n'um trem sahio para um arrabalde de Lisboa, e desfechou um revolver contra a cabeça. O que o levou a isso? Cremos que o não declarou, mas geralmente se disse que foram amores fa-ceis contrariados. Não perguntem a um mancebo, ou a uma mulher no verdor dos annos, por que attenta contra os seus dias. E' o amor, ou o ciume, seu irmão gêmeo, o motivo que leva quasi sempre ao suicidio homens e mulheres novas. Por cada dez que se dão na idade madura, dão-se trinta ou mais dos dezesete aos vinte e cinco annos. E' que a juventude é a idade em que o coração se abre a todos os sentimentos generosos — a coragem, a liberalidade, o desinteresse, o amor ideal, o desprendimento da vida, em quanto que nas idades propectas impera a ambição, o egoismo, o predomínio.

O allucinado que attentou contra a existencia no dia 13 de novembro de 1889, ás 7 horas da noite, succumbio no dia 15. Ainda viveu dois dias e meio, e desde então as condições de vida de Julio Cesar Machado soffreram uma transformação completa. Aquelle homem que no seu livro *A Vida Alegre* tinha escripto:

«Se os melancolicos, se os atacados de *spleen*, tivessem podido passar uma hora por dia comigo, emquanto estive na lua de mel do folhetim, é provavel que houvessem ficado curados para todo o sempre.

«Era uma cara de paschoa a minha!

«Quando mais tarde a vida me creou direitos a enfastiar-me de vez em quando, já estava eu proprio tão

habituação ao aspecto pittoresco da minha alegria, que nunca mais, de todo, lhe perdi os geitos.»

Aquelle homem que escreveu isto dizia uma verdade. Quem encontrava o Julio n'aquella rua da Boavista, entrando ou sahindo do Instituto Industrial, ou o via em qñalquer ponto da cidade, via-o sempre alegre, feliz, expansivo, a vida sorria-lhe, e quando ia acompanhado do filho, ainda pequeno, como que tinha orgulho de si, e não trocava a sua ventura pela de ninguem ! Aquella creança povoava-lhe o coração de supremas delicias. Pois este edificio de felicidade, desabou inteiro quando o perdeu, e Julio Machado podia apropriar a si aquelle formoso verso de Bocage chorando a mãe :

Não roce os labios meus nem mais um riso.

Effectivamente desde aquelle momento depoz a sua festejada penna d'escriptor, e entranhando-se cada vez mais na dôr que lhe retalhava o coração, tendo sempre presente na memoria aquelle filho estremeado que elle tinha visto agonisar n'um quarto do hospital de S. José, era um martyr, que por ultimo perdeu o somno, e a vontade de comer o necessario para o seu sustento. Não dormia, nem comia quasi. E como é que um homem do temperamento de Julio Cesar Machado, e tão affectuoso como era, que não come, nem dorme, e que está pensando constantemente no acontecimento doloroso que o preoccupa, pôde resistir a ponto de não perder a cabeça ? Será possível, mas não é provavel.

Pobre Julio ! Depois da tempestade que lhe enludou a alma, fugia da gente, e até dos seus mais intimos amigos. Tornou-se misantropo, taciturno, preocupado umas vezes, abstracto outras. Fazia compaixão vê-lo, e o desenlace não podia tardar. A sombra negra do suicidio por vezes lhe obscureceu o entendimento, e por fim era a sua ideia fixa. Era-lhe contrario em theoria ? De certo não. No seu romance *Claudio* escreveu elle :

«Schelley diz bem: ha casòs em que a morte é o unico meio de deixarmos de soffrer muito; e o poeta tem ainda razão, morrer é uma coisa immensamente natural, todo o homem tem na sua vida uma occasião em que devia morrer: a morte lava muita nodoa, risca muito crime, apaga muito odio, póde mesmo evitar a deshonra; a morte é a unica esperança com que o homem se acalenta, quando desgraçado, descrente, maldito, nega ou duvida de tudo quanto ha; quando sem ter a cabeça d'um amigo que o comprehenda, ou o coração de uma mulher que o ame, se vae entregar de bom grado ao socego da sepultura.»

Amigo que o comprehendesse e coração de mulher que o amava tinha elle, mas ninguem resiste a uma ideia fixa, que se afunda no cerebro em noites de insomnia. Julio queria ter o destino do filho, aquillo não era viver, e havia quasi dois mezes que elle o tinha perdido.

Um dia abriu-se com a esposa e disse-lhe:

— Mato-me, vou encontrar o nosso filho.

A sr.^a D. Maria dás Dores Machado, que era uma esposa, que se o Julio por um capricho, por um devassorio d'espírito lhe dissesse: «Vou viver entre os hurons e ós irroqueses anthropophagos, ou n'um dos pontos mais venenosos da Africa», acompanhal-o-ia ainda que soubesse que chegando lá era victima da sua dedicação, responde-lhe:

— Se o matares-te é proposito firme, é resolução tua inabalavel, mato-me contigo.

— Não, fica; diz-lhe elle.

— Pois não te será mais agradavel que eu em tudo e por tudò te acompanhe na vida e na morte?

— Decerto.

— Pois conta commigo.

Chega o sabbado 11 de janeiro. O Julio sahio, foi despedir-se do Instituto Industrial, declarando ao conselho, que se achava reunido, que deixava de fazer parte do pessoal d'aquella casa, e pedindo desculpa de qualquer falta que houvesse commettido no exercicio do seu cargo. Ahi, chamando á parte o seu collega, o sr. Alberto Braga, disse-lhe :

— Tu não és meu amigo, occultas-me alguma coisa. Aqui conspira-se contra mim.

Depois, mudando de tom :

— Olha, tenho a minha casa cercada de mulheres e de policias.

Tanto os membros do conselho, como o sr. Braga, viram a situação do desventurado, e ficaram consternados, não lhe dizendo palavra.

Na rua encontra o sr. D. Thomaz de Mello, aperta-lhe a mão e diz-lhe :

— Queres fazer-me o favor de me acompanhar ao tabellião Brito ? Preciso d'uma testemunha para o meu testamento.

— Estás gracejando, replicou-lhe o sr. D. Thomaz, para que queres tu fazer testamento ?

— Bem, retorquiu-lhe placidamente Julio Machado, vou procurar outro. Olha, ali no theatro de D. Maria hei de encontrar alguém.

Foi á relojoaria do sr. Plantier, a quem não via ha muito, e abraçou-o affectuosamente, despedindo-se.

— Mas para onde vaes tu ? — inquirio o sr. Plantier.

— Vou viajar. Para uma longa viagem.

Estava presente o sr. Julio Cardon, redactor do *Soleil*. O sr. Plantier apresentou-lh'o.

Julio Machado, apertando a mão ao jornalista, disse-lhe no mais correcto francez :

— Não posso affirmar-lhe que me causa prazer apertar-lhe a mão porque a vida já não tem encanto algum para mim.

No fim da tarde foi a casa do seu medico e seu amigo, o sr. dr. Hopffer, e conversou com elle algum tempo, mostrando a espaços que o seu estado não era normal. Quando se retirava, disse-lhe o sr. dr. Hopffer:

— Quero vêr tua mulher.

— Talvez a não vejas mais, respondeu-lhe Julio Machado.

Estavam feitas as despedidas. Seguia-se a longa viagem.

No dia seguinte, domingo, 12 de janeiro, os dois esposos, os dois cúmplices no attentado de conspirar contra a vida, levantaram-se mais cedo, almoçaram, ou fingiram que almoçaram, vestiram-se, como se fôra para sair e fazer visitas, mas foi para a visita da morte.

Havia em casa, por unica creada, uma boa velhinha, que estava ao serviço de Julio Machado havia 52 annos. Cerca do meio dia, disse-lhe o amo:

— O' Maria, vá-me comprar o *Figaro*. Olhe, para ter a certeza de o encontrar, chegue ao escriptorio do Noronha, na rua do Ouro, n.º 146.

A Maria sahio, deixando-os a rasgar papeis, que atiravam para o fogão e para o fogareiro, na cosinha.

Quando a creada chegou e subio ao terceiro andar do predio n.º 2 da travessa do Moreira, ao Salitre, e abriu a porta da sala, deparou-se-lhe um espectaculo horroroso. Os dois allucinados tinham ido á sala despendurar o retrato do filho, que trouxeram para um quarto que lhe servia de escriptorio. Foi ahi, na presença muda do infeliz moço, que se representou a horrivel tragedia. Primeiro ensaiaram a estrangulação. Um cordel que Julio Machado prendeu á femea d'um feixo pedrez, que encimava a porta do quarto que deitava para a escada, quebrou-se com o peso do corpo. Sua esposa não soube dar a laçada, tambem nada conseguiu, mas por muito tempo conservou no collo os signaes das escoriações.

Vendo que este meio falhou na primeira tentativa, mudaram de resolução e foram buscar uma navalha de barba, com que o Julio golpeou transversalmente o pulso direito com tanta violencia, que produziu uma ferida de cinco centimetros, e d'uma profundidade, que interessou todos os tecidos molles até ficar o osso

descoberto. A hemorragia foi tal que produziu em pouco tempo a morte.

A esposa com a mesma navalha golpeou os dois pulsos, mas mais profundamente o esquerdo que o direito. Concebe-se. No pulso esquerdo o golpe deixou também o osso descoberto.

O espectáculo que encontrou a pobre velha era na verdade horroroso. Havia sangue no sobrado, no tecto, que até ahí jorrou, nas paredes, nas portas, nos moveis, nos livros, nos papeis, em toda a parte. Depois de se golpearem no escriptorio do filho, os dois cambaleando, dirigiram-se para a sala, por sobre um rasto de sangue, onde caíram, e onde foram encontrados, elle de costas, já morto, e a esposa debruçada sobre o seu corpo, ainda com vida.

— Deixem-me aqui morrer! — dizia ella ás pessoas que a Maria aturdida tinha ido chamar.

— Não me tirem d'aqui, não me levem para o hospital, lembrando-se, que no hospital tinha assistido á morte do filho.

A sr.^a D. Maria das Dores ou não foi ouvida, ou fingiram que a não ouviram dizer que a não levassem para o hospital, porque foi para ahí que a levaram quasi desfallecida. No hospital de S. José, no quarto n.º 2 do 2.º andar, onde já tinha estado com o marido, quando velavam o filho, que morreu no quarto n.º 3, immediato, chegou a apresentar-se o alvitre da amputação immediata d'ambos os braços, mas felizmente resolveu-se empregar o tratamento de cirurgia conservadora, por iniciativa do sr. dr. Francisco Alberto d'Oliveira. Foi o que a salvou. Ahí esteve 94 dias, tratada com uma dedicação e um carinho, que ella pela sua bondade e a sua fina educação tornou ainda mais solícito, se é possível. Do braço esquerdo não pôde servir-se.

O infeliz escriptor foi no dia seguinte, 13, (fazia exactamente dois mezes que o filho tinha desfechado um revolver na cabeça) conduzido ao cemiterio de S. João n'um carro funebre, seguido d'outro em que ia o parochó e o acolyto. Acompanharam-n'o á derradeira morada os lentes, os alumnos, empregados do Instituto, homens de letras, jornalistas, actores, amigos, que os tinha em todas as classes da socie-

dade. O cortejo foi todo a pé. A pobre velhinha Maria José, que quasi o tinha visto nascer, acompanhou-o tambem, derramando lagrimas, e quando o vio desaparecer, quasi que lhe arrancaram o coração.

Entre os seus amigos ha uma subscrição organizada, que já attinge a quantia de mais de um conto de réis, para lhe erguerem um jazigo.

Acabaram para ti os dissabores, as contrariedades, os contratempos, e as dores que te alancearam o coração de pae.

Descanço no Senhor, meu pobre amigo e adeus! Digo-t'o commovido, tanto mais quanto sei que te commoveu um dos maiores desgostos, senão o maior que tenho tido na vida.

A. X. RODRIGUES CORDEIRO.



Sexo por sexo

Parece que tornámos a metter lobo entre as ovelhas, a pag. 208, mas d'esta vez as apparencias enganam.

Quem é authora do artigo e o devia assignar na imprensa é a Ex.^{ma} Sr.^a D. Francisca Dias de Bem (de Portalegre) e não o sr. D. Francisco Dias de Bem, como sahio por um erro typographico que passou por alto ao revisor.

Rectificação

A pag. 174 lê-se, assignando os versos que ahi se publicam, o nome d'Alberto Volla, em lugar de Alberto Volta que assim se chama o cavalheiro que os escreveu.

Questão de numero

Descrevem-se 63 logogriphos e são só 53, porque houve um salto de 17 para 28; quando se deu por isso foi tarde, e já se tinha feito a numeração de 28 por diante.

Offertas

Fomos obsequiados com as seguintes, que muito agradecemos:

Do sr. Verediano Carvalho (Rio de Janeiro) a undecima edição, consideravelmente augmentada, do seu curioso *Manual Mercantil, ou Encyclopedia Elementar do Commercio Brasileiro*. 1 volume em 4.^o de mais de 300 pag., boa edição.

Do nosso esclarecido e sempre festejado collaborador, prosador e poeta distincto o sr. Damasceno Vieira (Porto Alegre) *A Voz do Tiradentes*, scena dramatica, em verso, com uma apothese á Republica dos Estados Unidos do Brazil. Edição esmerada de 16 pag.

Do sr. Alfredo Ferreira Rodrigues (Pelotas) nosso intelligente collaborador, o *Almanach Litterario e Estatistico do Estado do Rio Grande do Sul*, 2.^o anno — 1890, com numerosas gravuras e lithographias; o retrato do inelyto Rio Grandense general Osorio, e a

sua biographia por Alfredo Ferreira Rodrigues. E' um curioso volume de mais de 300 paginas, com charadas, enigmas e logogriphos, poesias e artigos d'acurada redacção e organisação.

Do sr. Barão de Santo André (Maceió) *Breves Traços Biographicos do Dr. Thomaz do Bomfim Espinola*, seu lembrado sogro, compadre e amigo, com o retrato. E' um opusculo de 60 paginas, tributo de condolencia á memoria do finado.

Do sr. José Cavalcanti Ribeiro da Silva (Pernambuco) *Uma Noiva Masculina*, comedia em 1 acto, 2.^a edição, e 2.^a serie do Theatro Alegre, 65 pag.

Do sr. Manuel F. Beiriz (Rio de Janeiro), *Orçamento, nota dos matriculados, e balanço geral da receita e despesa da Sociedade Propagadora de Bellas Artes e o Lyceu de Artes Officicios—1889.*

Do sr. Elpidio d'Oliveira Martins (Minas do Rio de Contas—Bahia), nosso distincto collaborador, *O Episcopado Brasileiro, ao Clero e aos Fieis da Igreja do Brazil.* Opusculo de 86 paginas em 4.^o.

Temos recebido alguns n.^{os} do *Policia Africano*, que este anno (1890) começou a publicar-se em Loanda.

Temos continuado a receber tanto o *Districto de Lourenço Marques*, como a *Gazeta do Sul* (de Quelimane).

Charadas, enigmas e logogriphos do «Almanach» de 1890

Alguna coisa se conseguio já... O anno passado houve só 72 decifradores, desceu a maré. Este anno subiu a 110, subiu e subiu bastante. Este numero no thermometro quer dizer que diminuiu, e muito, a difficuldade das charadas. Entretanto ainda ha quem ralhe das difficuldades que encontrou nas charadas de 1890. Vide pedido da Caçadora Paraense, e tambem o da sr.^a D. Maria A. Castro, (da Bahia), não se lembrando que as maiores difficuldades que se acharam no *Almanach* de 1890, devem-se ás senhoras mais do que aos cavalheiros. E se não vejamos :

A charada de pag. 142—*luva*—a "grande" maioria não a adivinhou. E' de senhora.

O logogripho de pag. 232—*Diccionario*—pouquissimos o adivinharam. E' de senhora.

A charada de pag. 269—*Cobra*—mesmo os mais ha-veis traduziram *Chaman*, ou *Cochar*. E' de senhora.

A charada de pag. 290—*Ravigota*—*Vitalico*—só os maioraes a traduziram. A grande maioria poz-lhe adiante um 0. E' de senhora.

O logogripho de pag. 299—*Chaoulmoogra*—cremos que ninguem o adivinhou, ficou em branco. E' de senhora.

A charada de pag. 330—*Camarata*—só os maioraes é que a traduziram. A grande maioria poz um cifrao adiante. E' de senhora.

A charada de pag. 424—*Melinite*—pouquissimos a decifram, traduziram *malandro*, *malandéo*. E' de senhora.

Isto é uma amostra, podiamos continuar a lista.

Serão as senhoras as que tem mais razão para fallar, maldizendo as difficuldades? Ninguem o dirá.

Além das que enumeramos acima, foram tambem adivinhadas pelo menor numero, e algumas por um numero muito pequeno, as seguintes: a de pag. 138, *Barga*—197, *Herva ferro*—208, *Aglirlik*—347, *Quimalancas*—464, *Aqui qui*—*Quipela*—*Gorgoli*.

Iremos limpando os abrolhos no *Almanach* de 1891. Dir-nos-hão:—Se assim é, por que a pag. 256 publica uma charada encyclopedica figurada, que contém quatro charadas novissimas, uma charada em quadro, um logogripho e uma charada antiga?—Respondemos, bem sabemos que é indecifrável, mas publicamol-a como obra d'arte no seu genero. Depois, é uma entre cento e tantas.

Repetimos, iremos limpando os abrolhos. Vemos que não ha remedio senão ir sendo, de anno para anno, menos latitudinario na admissão de composições difficéis, com quanto seja verdade que o melhor juiz para as julgar não somos nós, com a significação á vista, são os decifradores. E por isso, juntando os nossos votos aos das duas ex.^{mas} sr.^{as} Caçadora Paraense e D. Maria A. de Castro (Bahia), pedimos, ás senhoras

principalmente, e em seguida aos senhores charadistas, a fineza de irem aligeirando e aclarando as suas composições.

Das 151 (152 eram ellas, porque não se contaram as decifrações da charada de pag. 370 (*matraca*) que marca duas syllabas, devendo marcar tres), mas das 151 charadas, enigmas e logogriphos do *Almanach* de 1890, adivinharam :

Decifradores	Estados e Provincias	Localidades	Decifrações
Os srs. :			
Eugenio Savard	—	Rio de Jan.	150
Arthur de Castro	—	Bahia	148
Carlos Pinto	—	Bahia	148
Alcibiades Magalhães	Bahia	R. Vermelho	147
Frederico da Silva Leite...	—	Rio de Jan.	147
Germano Homem de Albuquerque	—	Rio de Jan.	147
Francisco Gomes Finisterra	Porto	Averomar..	145
D. Maria A. de Castro.....	—	Bahia	142
Nhonhó	—	Rio de Jan.	141
D. Josephina d'Azevedo....	—	Rio de Jan.	141
L. G. Pinto de Sousa	Bahia	S. Salvador.	140
Antonio Virginio Paim.....	—	Bahia	139
Elpidio d'Oliveira Martins..	Bahia	M. do R. de C.	137
D. Carmelitana de Arantes .	S. Paulo....	Mococa.....	136
Manuel Cassiano d'Oliveira França.....	Min. Geraes	Sacramento.	135
João Gomes Villar	—	—	135
José Mario da Silva Freire..	Bahia	S. Salvador.	135
Frey Donato.....	Pernambuco	Iguarassu ..	135
Phantasma Negro.....	—	Pernambuco	134
Caçadora Brazileira.....	—	Rio de Jan.	132
Sertanejo Paulista.....	—	Maranhão...	132
Demosthenes d'Olinda A. Cavalcanti.....	—	Pernambuco	131
As Graças Paulistas.....	—	S. Paulo....	131
D. Amanda V. B. Guimarães	Rio de Jan.	Campos	131
João Stelp.....	—	Lisboa	131

Decifradores	Estados e Provincias	Localidades	Decifrações
Os srs. :			
D. Laura da Fonseca.....	Pernambuco	Olinda.....	131
Grupo de Pyrilampos.....	—	Bahia.....	131
Dr. Manoel Ignacio d'Andrade.....	França.....	Pau.....	131
J. L. Belchior.....	—	Rio de Jan.....	130
A. Souto Maior.....	—	Paris.....	130
Gaspar Guimarães.....	—	Pernambuco	130
D. Urania Bistriz.....	—	S. Paulo....	130
D. Adelina Paulistana.....	—	S. Paulo....	130
D. Angelica Sapho.....	—	S. Paulo....	130
D. Josephina B.....	Rio de Jan.	Paula Mattos	129
D. Julia G. S.....	—	Bahia.....	129
J. Cajaty.....	—	Bahia.....	129
Leo Currealinho.....	—	Pará.....	129
Polydoro.....	—	Pernambuco	129
Francisco de Paula Lima...	Pernambuco	Recife.....	129
João da Silva Freire Filho.....	Bahia.....	Itapagipe...	129
Caçadora das Caçadoras...	—	Rio de Jan.	128
Caçador Indiano.....	—	=	128
Virgilio Torres.....	—	Pernambuco	127
João Domingos da Cunha..	S. Catharina	Desterro...	125
Dois Tungas.....	Pará.....	Baião.....	125
D. Alcina Candida De Lima.	Pernambuco	Boa Vista...	124
D. Maria Maximina d'Albuquerque.....	—	Casalvasco..	124
Alfredo Tavares.....	Ouro Preto.	Minas.....	124
Luiz Botelho.....	Bahia.....	Itapagipe...	123
A. A. A. A.....	Minas.....	Sete Lagoas	123
Figurado—Espada Negra..	—	Brazil.....	122
Julio Marinho de Campos..	—	—	122
A. Magalhães Gomes.....	—	—	121
Tancredo d'Oliveira.....	—	Recife....	121
D. Argemira Mozart.....	—	S. Paulo....	121
Justino Paiva (Alemtejano).	—	Bahia.....	121
Club Tigre & C. ^a	—	Pará.....	121
Godofredo Magalhães.....	—	Pernambuco	121

Decifreadores	Estados e Provincias	Localidades	Decifrações
Os srs. :			
D. Maria Candida da Cunha Freire	—	Bahia	119
Francisco das Chagas Moura	=	Bahia	119
J. Glycencio de Sousa Gouveia	—	Recife.....	119
D. Eulalia de Moniz e Castro Borba Coutinho	Brazil.....	—	118
D Josephina Laurentina ...	—	Pernambuco	118
D. Zulmira Candida d'Oliveira	—	Bahia	118
D. Maria Eulalia de Novaes José Correia de Mello.....	Minas	Itabira	117
Arthur Freire	—	Rio de Jan.	117
D. Leopoldina Ferreira ...	—	Pernambuco	116
Barão de S. José	Bahia	Itaparica ...	116
Jatinasino Supragusa.....	Bahia	Itaparica ...	115
	—	Pará	115
	—	Cidade Nova da Revolução	114
João Eliot.....	Brazil.....	—	114
Club dos Mosquitos.....	—	Pernambuco	114
Charadista denodado.....	—	Pernambuco	113
Mithridates.....	Pernambuco	Itambé.....	113
Elysio Vidigal.....	—	Bahia	113
Gontran de Gusmão	—	Pernambuco	112
Angelo Pereira da Cunha ..	—	Bahia	112
D. Gertrudes Baptista da Cunha	—	Bahia	112
D. Beatriz y Sandoval	—	Pernambuco	111
Os Besouros.....	—	Porto.....	111
Julio Cezar Campos Mattos.	Brazil.....	Joazeiro....	110
Lord Shove Yow.....	—	Pernambuco	108
Pequeno Antoninho.....	Beira.....	Vizeu.....	105
José de Goes Cavalcanti...	—	Recife.....	105
Odilon Falcão.....	Pernambuco	Pesqueira ..	105
Club dos Pitosgas.....	—	Pernambuco	105
Caçador Pernambucano ...	—	Olinda	105

Decifradores	Estados e Provincias	Localidades	Decifrações
Os srs. :			
Virginio Braga.....	—	Recife.....	105
Caçadora Paraense.....	—	Pará.....	104
Filho das Selvas.....	Pará.....	Belem.....	103
Ship Chandler.....	—	Setubal....	103
José Lopes de Brito (portu- guez).....	—	Pará.....	102
G. Caetano.....	—	Lisboa.....	102
João Pintor.....	—	Recife.....	102
D. Christica dos Anjos....	—	Lisboa.....	101
D. Laurã de Mattos.....	—	Pernambuco	101
D Leonor Marinho Flores..	—	Recife.....	101
Club dos Punhaes de Prata.	—	Porto.....	99
Club dos Paos.....	—	Bahia.....	99
Pharol sem luz.....	—	S. Julião da Barra....	98
D. Amelia Carolina Soares e Silva Ramos.....	—	Torre de S. Julião da Barra....	98
A. O. G. D.....	—	Pernambuco	97
Politicos de Montevir.....	—	Pernambuco	97
Augusto Cezar d'Athayde... Brazil.....		Joazeiro....	96
F. A. de Athayde.....	S. Catharina	Lagos.....	93
Domingos José Correia Reis	—	Porto.....	91
Duo Pedritense.....	Brazil..	Villa de Pe- drito.....	91
Tragaldabas.....	—	Rio de Jan.	91

Alguns dos senhores decifradores continuam a escrever em separado, 1.º as decifrações das charadas, 2.º dos logogrifhos, 3.º dos enigmas, deixando ás vezes até de numerar a pagina, cingindo-se ao numero de ordem de cada especie. Para maior facilidade d'exame pedimo-lhes que organisem a lista completa e seguida por columnas, citando as paginas. E' mais simples, e tambem simplifica depois o trabalho.

REGISTO DOLOROSO

E' do nosso distincto collaborador e amigo o sr. Joaquim Pestana, da Ilha da Madeira, a seguinte communicação em carta de 25 de Junho :

«Sabe-se por cartas que falleceu ultimamente no Brazil o meu patricio Manoel Gomes Paes, assim como sua esposa, victimas ambos da febre amarella. O fallecido era um rapaz muito intelligente e trabalhador, poeta e escriptor de merecimento. Era collaborador d'este livrinho. Os versos «Affectos» do *Almanach* de 1884 a pag. 296, são d'este infeliz amigo.

«Em 1888, creio que em Mossamedes, tambem se finou o seu cunhado, o sr. José Pereira d'Oliveira Junior, auctor da mimosa poesia «O Mez de Maria», de pag. 135 do *Almanach* de 1885.»

Tambem em carta de 15 de maio de 1890 nos participa um amigo d'este livrinho, o sr. Antonio Virginio Paim (Rio Vermelho — Bahia) que fallecera no dia 27 de julho de 1889 o sr. Luiz Alvares Paderne Junior, um do mais distinctos charadistas bahienses, e que por vezes vio o seu nome inscripto nas folhas do *Almanach*. Era empregado publico, e deixou na miseria a sua extremosa familia.

Desfolhamos a flôr da saudade sobre as suas sepulturas, e enviamos o nosso pezame ás suas familias.

CHARADAS, ENIGMAS E LOGOGRIPOS

DO

ALMANACH DE 1890

- | | | | |
|-----|---|-----|---|
| 130 | Caveira. | 182 | Antrophilo. |
| 134 | Boogoo. | 184 | Siberianos. |
| 136 | Palavra. | 186 | Magoari. |
| 138 | Barga. | 189 | Semiotica. |
| 142 | Luva. | 191 | Zeloso (1) |
| 144 | Leolinda. | 192 | Mulheres ha como as co-
bras, formosas mas ve-
nenosas. |
| 147 | Magnolia. | 195 | Amasonas. |
| 150 | Ruivaca. | 197 | Herva-ferro. |
| 125 | Chicharro. | 200 | Losna-ansol, |
| 155 | Versinhos de pé que-
brado. | 202 | Leitura. |
| 157 | Limpopo. | 205 | Eugenio. |
| 158 | Rebequista. | 208 | Aglihrk. |
| 160 | As esmolas são letrass a-
cadas sobre a eterni-
dade. | 211 | Kanara. |
| 163 | Baepina. | 213 | Saudade. |
| 165 | Onomatomania. | 214 | Losna—ansol |
| 168 | Apedeuta. | 216 | Temeridade. |
| 170 | Macueria. | 218 | Raiva-aviar. |
| 172 | Temporal. | 227 | Sensitiva. |
| 174 | Ganga. | 224 | Na rebecca corre uma em-
barcação (Almadia). |
| 176 | Maracujá. | 227 | Esternutatorio. |
| 178 | Sisão—Oasis. | 228 | Andaluzia. |
| 180 | Lembranças. | 232 | Diccionario. |

(1) Esta charada, por um erro, marca 5 syllabas em vez de marcar 3 (2—1). Muitos traduziram *Rivalidade*, attendendo ás 5 syllabas, mas como ha grande analogia entre zelo e *rivalidade*, contou-se esta decifração aos que assim traduziram.

234	Judicatoria.	309	Salvatella.
237	O campo é o ninho do poeta Castro Alves.	311	Lacedemonia—Esparta.
240	Testamento.	312	Archiprior.
242	Evasiva.	315	Amplexo.
247	Ananá.	318	Catapucia.
248	Iris..	320	Ter saudades é amar. Ha mesmo um sem numero de pessoas que nunca amaram d'outra forma.
250	Felicitar.	325	Crotalo.
253	Acor—roca.	324	Larochefoucauld.
2-6	Enig. Liberdade do ancião fazias joven. = Anag. José Bonifacio d'Andrade e Silva.	328	Hilonome.
258	Retrato.	330	Camarata — magatama — ratasana—tamanaca.
260	Torotro.	333	Esteganographia.
262	Posição.	334	Lara—Aral.
264	Adandu.	336	Jacob.
267	Heliogabalo.	338	(Pergunta) Pae.
269	Cobra.	342	Azarola.
271	Gal—lac.	344	Estaphisagria.
272	Jaboticabeira.	347	Quimalancas.
274	Espiguetto.	349	Asilo.
276	Almadia,	352	A vespera do mal haver é o dia do bem fazer.
278	Carioca.	354	Voto.
280	Engano.	357	Notorio.
281	Aninem—menina.		
284	Catascopia.		
287	Anime—Emina.		
288	No rio pilhas peixe. (Faneca).		
290	{ Ravigota—Vitalico. { Goliardo—Tacodoca.	360	Cangarilhada
292	Magno—Gnoma.		{ Canga rilhada ga ra tu ja ri tu al lha ja da
294	Napoleão.	361	Absalão.
296	Roolim—Rolim,	365	Sacasoca.
299	Chaoulmoogra.	367	Dronteim.
301	Adelia.	368	Biobio.
302	Ossobó.	370	Matraca. (1)
304	De-tec-thora-deodara-crapa-ara-a.	371	Caso.
306	Isaias.	374	Pesaroso
		376	Alabarda

(1) Como marca só duas syllabas e não 3, como devia ser, ninguém a adivinhou.

378	Gonsalves Dias.	494	Melinite.	
380	Paparote.	426	Delphina.	
383	Montéa.	428	Serpente.	
384	{ Ha duas cousas no mundo que não posso entender, irem padres ter ao inferno e os medicos morrer.	430	Sciencia.	
		432	Catarata.	
		434	Contraste.	
		436	Maria.	
386	Ibiboboca	{ I bi bo bo ca bi cha ti a bo ti cão bo a ca	438	Convenção nacional.
			440	Bacchantes.
			445	Cacophonia.
			448	Probo.
389	Batorelha.	458	Corça.	
391	Aza.	459	Mogiganga.	
392	Cora.	460	Caracoma.	
394	Rodrigues Cordeiro.	462	Chihuahua.	
396	Acaso.	464	{ A qui qui Qui pe la qui pe la Pe do ro qui la te la ro che Gor go li go thi a li a ge	
403	Jabotimata			{ Ja ka bo ta Ja bo ti ma ta ta ma na ta
408	Mulatinha.	466	Pungentes saudades	
410	Rosalina.	469	Agudea — Agueda.	
414	Empelota.	472	Cassave.	
415	Meteoro.	474	Perrum—Perruma.	
416	Essa comida mata o soldado (Batedor).	477	Megametro.	
418	Duello.	478	Dar com a cabeça pelas paredes.	
422	Engeitadinha.	479	Caliga.	



SENHORAS

QUE COLLABORARAM NO PRESENTE ALMANACH

III.^{mas} Ex.^{ma} Sr.^{as}

- D. ADELIA NOBRE MARTINS, pag. 173
D. ADELAIDE SAMPAIO, pag. 240
D. ADELINA DE S. B., pag. 397
 AGAR, pag. 432
 ALBA CALDERON, pag. 259
 ALGARVIA, pag. 348
 D. ALICE MODERNO, pag. 459
D. ANNALIA VIEIRA DO NASCIMENTO, pag. 334
D. ARMANDA V. B. GUIMARÃES, pag. 184
D. AMELIA BRAGA, pag. 333
D. AMELIA ERNESTINA DE AVELAR, pag. 163
 AMELIA JANNY, pag. 477
D. BERTHA ISMENIA DE FREITAS, pag. 414
 SEÑORITA BEATRIZ Y SANDOVAL, pag. 190
D. BRANCA MARIA BETTENCOURT E SILVA, pag. 476
 CAÇADORA BAHIANA, pag. 424
 CAÇADORA BRAZILEIRA, pag. 422
D. CLOTILDE A. D'ARAÚJO, pag. 394
D. CANDIDA DE MENEZES RIBEIRO, pag. 140
 D. CARLOTA LOPES, 177
D. CARMELITANA DE ARANTES, pag. 284—358
D. CARMEN TOBOSO, pag. 259
 CLUB FEMININO, pag. 413

DONA C. MAXIMA DE FIGUEIREDO FEIO, pag. 299—453

D. DELMINDA SILVEIRA, pag. 379

D. DEOLINDA SIMÕES, pag. 378

DIANA, pag. 290

D. ERNESTINA DE FREITAS AMARAL, pag. 183

DONA E. SAINT BRISSON, pag. 402

DONA F. B. C., pag. 317

D. FRANCISCA DIAS DE BEM, pag. 207

D. GEORGINA DE CARVALHO, pag. 198

AS GRAÇAS PAULISTAS, pag. 390

D. GUILHERMINA DA COSTA E SILVA, pag. 359

D. HELENA LUIZA DA FONSECA, pag. 131

D. HENRIQUETA MARTINS, pag. 400

D. HERMINIA AURORA COELHO, pag. 207

D. HERMINIA ESMERALDINA GOULARTE, 348

HILDA, pag. 477

D. HONORINA C. G. GALVÃO ROCHA, pag. 368

D. IZAURA CEZIMBRA, pag. 370

D. IGNEZ SABINA PINHO MAIA, pag. 142

IRMÃ JULIETA, pag. 300

D. JOSEPHINA DE AZEVEDO, pag. 276

D. JOSEPHINA B., pag. 158

D. JOSEPHINA LAURENTINA, pag. 325

D. JULIA D'ALMEIDA, pag. 252

D. JULIA S. C., pag. 202

D. LAURA DA FONSECA, pag. 314

D. LAURA MATTOS, pag. 187—322

D. LEONOR ABREU, pag. 354

D. LEONOR DE FIGUEIREDO CASTELLO BRANCO
pag. 387

D. LEONOR GUIMARÃES, 298

D. LEONOR MARINHO FLORES, pag. 196

D. LEOPOLDINA FERREIRA, pag. 470

D. LUIZA AMELIA, pag. 213

D. LUIZA DE MACEDO ALVES, pag. 454

- D. LUIZA NOGUEIRA D'ALBUQUERQUE, pag. 356
 D. MAGDALENA MARTINS DE CARVALHO, pag. 374
 DONA M. J. F., pag. 308
 D. MALVINA DOS REIS, pag. 237
 D. MARGARIDA NORTON, pag. 264
 MARQUEZA D'ALORNA, pag. 309
 D. MARIA AMELIA SOARES, pag. 227
 D. MARIA DO BOMFIM RODRIGUES, pag. 141
 D. MARIA DO CARMO NEVES E MELLO, pag. 397
 D. MARIA E. DE NOVAES, pag. 331
 D. MARIA DE FIGUEIREDO FEIO GOMES, pag. 292
 D. MARIA MAXIMINA D'ALBUQUERQUE, pag. 310
 D. MARIA MINERVINA DE MENEZES, pag. 429
 D. MARIA DA P. BORGES, pag. 168
 D. MARIANNA COELHO, pag. 194
 D. MARIETA IGNEZ D'ALENCASTRO, 210
 D. MATHILDE CARDOSO, pag. 386
 D. MINERVINA CASTRO, pag. 286
 D. NARCISA DE MORAES LEMOS, pag. 216
 D. OLYMPIA DO AMARAL COUTINHO, pag. 272
 D. ORMINDA DE SOUSA RAMOS, pag. 306—338
 D. PHILOMENA SERPA, pag. 170
 D. PALMYRA LUIZA DE MONT'ALVERNE, pag. 347
 D. PAULA FERREIRA, pag. 260
 D. ROSA BRANCA DE OLINDA, pag. 346—428
 D. SIDONIA VIEIRA DE CAMPOS, pag. 261
 UMA SCALABITANA, pag. 308
 D. UBALDINA D'OLIVEIRA, pag. 229
 D. URANIA BRISTRITZA, pag. 433
 D. YAYÁ GARCIA, pag. 214
 D. ZINIA DA CUNHA, pag. 269



AUCTORES
QUE COLLABORARAM NO PRESENTE ALMANACH

Ill.^{mos} Ex.^{mas} Srs.

- A. A. V. C. pag. 373
ABILIO DE MENDANHA, pag. 197
ACCURCIO URBANO, pag. 469
A. GOMES TAVARES, pag. 191
AJANARIO PTERRE, pag. 339
ALBERTO MARQUES PEREIRA, pag. 418
ALBERTO NOZOLINO D'AZEVEDO, pag. 425
ALBERTO RAMOS, pag. 171
ALBERTO VOLTA, pag. 174
ALBINO MOREIRA E SOUSA, pag. 285
ALEXANDRE HERCULANO, pag. 234
ALFREDO F. RODRIGUES, pag. 406
ALFREDO ROCHA, pag. 143
ALFREDO TAVARES, pag. 336
A. L. P., pag. 475
ALVARO DE CASTELLÕES, pag. 354
A. MAGALHÃES GOMES, pag. 248
D. FREY AMADOR ARRAIZ, pag. 309
AMANCIO DA CUNHA, pag. 154—218
A. MARINHO DA CUNHA, pag. 255
A. MOREIRA DE VASCONCELLOS, pag. 423
ANDARILHO, pag. 326

- A. NOVAES, pag. 130
 ANTARES pag. 182
 ANTONIO ALFREDO ORLEANS, pag. 429
 ANTONIO E MONIZ, pag. 394
 ANTONIO FERREIRA, pag. 344
 ANTONIO HENRIQUES DA CUNHA LISBOA, pag. 276
 ANTONIO J. FERREIRA DE CAMPOS, pag. 275
 ANTONIO J. DA ROCHA, pag. 298
 ANTONIO DE JESUS E SILVA, pag. 471—189
 ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA, pag. 470
 ANTONIO JOSÉ VIALE, pag. 283
 ANTONIO ANTERO DE JESUS CASTRO E MORAES,
 pag. 316—454
 ANTONIO MONTES ALVES MONTEIRO, pag. 466
 ANTONIO PERES DA SILVA JUNIOR, pag. 319—387
 A. PORTUGAL, pag. 184
 PADRE ANTONIO VIEIRA, pag. 167—263
 APRIGIO NASCIMENTO, pag. 146
 ARAUJO FILHO, pag. 277
 ABLINDO VARELLA, pag. 411
 ARAMIRES, pag. 245
 A. REBELLO, pag. 362
 ARRISCADO MALHEIRO, pag. 459
 ARTIAGA SOUTO MAIOR, pag. 157
 AUGUSTO CEZAR DE ATAYDE, pag. 228
 AUGUSTO CEZAR DE FREITAS, pag. 464
 AUGUSTO DOS SANTOS, pag. 418
 AUGUSTO DE SOUSA, pag. 323
 A. DE V., pag. 474
 BENIGNO DE MESQUITA, pag. 239
 BENEVIDES L. BARBOSA, pag. 287
 BENTO DE MELLO, pag. 378—424
 BERNARDO FRANCISCO DA SILVA, pag. 307
 BICO, pag. 235
 BRAZ GARCIA DE MASCARENHAS, pag. 332

- CAÇADOR INDIANO, pag. 376
 D. FREY CAETANO BRANDÃO, pag. 355
 CANDIDO M. D'OLIVEIRA, pag. 367
 CANTOR PERNAMBUCANO, pag. 245
 CARLOS CEZAR, pag. 357
 CARLOS MATHEUS G. DOS SANTOS, pag. 217
 CARLOS PINTO, pag. 431
 CARMO E SOUSA, pag. 331
 CLUB DOS CAVALLEIROS DO LUAR, pag. 420
 CLUB TIGRE & C.^a, pag. 174
 C. WERBA, pag. 250—303
 DAMASCENO VIEIRA, pag. 202
 DAMIÃO DE GOES, pag. 341
 DEMOSTHENES D'OLINDA A. CAVALCANTI, pag. 414
 DIOGO DO COUTO, pag. 325
 DOGELLO CALDAS, pag. 339
 FREI DONATO, pag. 364
 EDISTIO MARTINS, pag. 432
 EDUARDO MASCARENHAS, pag. 279
 EDUARDO NEVES, pag. 316
 ELPIDIO CEZAR DE AZEVEDO, pag. 136
 EMILIO ALGODA, pag. 179
 EMILIO CASTELLAR, pag. 307
 EST. C., pag. 423
 EUGENIO ALÃO, pag. 157—184
 EUGENIO FERREIRA D'ARAUJO, 230
 EUGENIO MAIA, pag. 340
 EUGENIO P. TAVARES, pag. 476
 EUGENIO SAVARD, pag. 215
 F. (BAHIA) pag. 176
 F. (LISBOA), pag. 187
 F. A. D'ATHAYDE, pag. 472
 FERNANDO FELIX CABRAL, pag. 132
 FERNAM MENDES PINTO, pag. 398
 FERREIRA DEUSDADO, pag. 214

- F. GOUVEIA, pag. 271
 FILINTO ELYSIO, pag. 140
 FLORINDO MONTALEGRE, pag. 270
 F. M. DA SILVEIRA, pag. 384
 F. MOREIRA, pag. 224—288
 FORTES DE FONTES, pag. 333
 F. P. ALBANO GONÇALVES, pag. 161—419
 FRANCISCO D'ANDRADE, pag. 179
 FRANCISCO (DR.) DE CASTRO FREIRE, pag. 288
 F. GOMES D'AMORIM, pag. 479
 FRANCISCO L. DE CACERES, pag. 253
 FRANCISCO MARIA DA SILVEIRA, pag. 192
 FRANCISCO MENDONÇA DE GOUVEIA, pag. 460
 FRANCISCO PEREIRA SOARES DA MOTTA, pag. 242
 FRANCISCO RODRIGUES LOBO, pag. 160
 FREDERICO DA SILVA LEITE, pag. 397
 GABRIEL AUGUSTO NOGUEIRA, pag. 255
 GABRIEL DE LUCENA, pag. 406
 GASPAR GUIMARÃES, pag. 263
 GEORGE DE MONTE MAIOR, pag. 290
 GERMANO HOMEM D'ALBUQUERQUE, pag. 343
 GIL VICENTE, pag. 261
 GODOFREDO DE MAGALHÃES, pag. 211
 GRILLO MENDES, pag. 306
 GUILHERME (DR.) STUDART, pag. 232 — 283
 HEITOR GUIMARÃES, pag. 399
 FREI HEITOR PINTO, 132
 H. L. CARDOSO, pag. 466
 HORACIO MAIA, pag. 459
 IRENIO BORGES, pag. 310
 IRINEU SEABRA, pag. 328
 I. S., pag. 458
 ISAIAS D'OIVEIRA, pag. 475
 J. A FERREIRA, pag. 471
 JACINTHO FREIRE D'ANDRADE, pag. 172

- J. A. MARQUES, pag. 312
 J. C. BIZARRO, pag. 163
 J. C. C. MATTOS, pag. 258
 J. C. RIBEIRO E SILVA, pag. 252—271
 J. D. CORDEIRO DA MATTA, pag. 199—315
 J. EUSTAQUIO D'AZEVEDO, pag. 133—155
 J. G. DOS SANTOS, pag. 451
 J. GARRANA, pag. 461
 J. L. VIANNA, pag. 222
 J. MAYA CONDE, pag. 138
 J. MACHADO LEAL, pag. 405
 J. REBELLO DE SOUSA, pag. 463
 DR. J. S. DE BRITO, 351
 J. SIMÕES DIAS, pag. 285
 J. S. TEIXEIRA FILHO, pag. 479
 PADRE J. T. T. R., pag. 256
 JOÃO ANTONIO RODRIGUES D'AZEVEDO COUTINHO,
 pag. 408
 JOÃO BASTOS, pag. 365—421.
 JOÃO DE BRITO, pag. 370
 JOÃO CHRYSOSTOMO, pag. 371
 JOÃO DIABINHO, pag. 256
 JOÃO DINIZ, pag. 476
 JOÃO DOMINGOS DA CUNHA, pag. 144—327
 JOÃO ELIOT, pag. 138
 JOÃO NETTO, pag. 136
 JOÃO STELLP, pag. 352—416
 JOÃO DE SOUZA PEREIRA, pag. 330
 JOB CORIOLANO TELLES, pag. 183
 JOAQUIM ALVARES DOS REIS, pag. 319
 JOAQUIM ANTONIO DE SOUSA TELLES DE MATTOS,
 pag. 155—168
 JOAQUIM DA CUNHA, pag. 311
 JOAQUIM D. CHAVES, pag. 280
 JOAQUIM JOSÉ PEREIRA DA CUNHA, pag. 159

- JOAQUIM PESTANA, pag. 188—215—407
 JOAQUIM RAMOS DA SILVA MOREIRA, pag. 294
 FREI JONAS, pag. 178
 JOVINO MENDONÇA, pag. 152
 JOSÉ D'AMORIM SALGADO, pag. 469
 JOSÉ CORREIA DE MELLO, pag. 216
 JOSÉ AUGUSTO, pag. 420
 JOSÉ DIOGO RIBEIRO, pag. 429
 JOSÉ (DR.) LINO CARNEIRO D'ALBUQUERQUE
 pag. 304
 JOSÉ LOPES VIANNA, pag. 461
 JOSÉ MARIO DA SILVA FREIRE, pag. 191
 JOSÉ LUIZ DE SA, pag. 402
 JOSÉ PEDRO GERVASIO DA ROSA, pag. 479
 JOSÉ THOMAZ NUNES D'AGUIAR, pag. 478
 JULIO DE CASTILHO, pag. 182
 LEO, pag. 362
 LEODEGARIO VAREJÃO, pag. 301
 LEONIDAS DEWER, pag. 189
 LUIZ DE CAMÕES, pag. 349
 LUIZ MARQUES DE CAMPOS, pag. 287
 FREI LUIZ DE SOUSA, pag. 347
 LYDIO NUNES BAHIENSE, pag. 140
 MACHADO D'ASSIS, pag. 343
 MANOEL BEIRIZ, pag. 229
 PADRE MANOEL BERNARDES, pag. 327
 MANOEL E. FERREIRA, pag. 196
 MANOEL FRANCISCO C. E SILVA, pag. 395
 MANOEL JOAQUIM SILVEIRA SOBRINHO, pag. 410
 MANOEL JORGE RODRIGUES, pag. 333
 MANOEL MARQUES FERREIRA COELHO, pag. 318
 MANUEL VICENTE DE FIGUEIREDO, pag. 200
 MARIALVA, pag. 363
 MARTINS, pag. 175
 MARTINS D'OLIVEIRA, pag. 195

- MARRECOs TAPEROENSES, pag. 166
 MATTOS FERREIRA, pag. 225
 MAXIMO ALVES FERREIRA, pag. 373
 M. DIAS GRILLO, pag. 156—251
 MERICANO, pag. 384
 MIGUEL AUGUSTO ROGERIO DA ENCARNACÃO, pag. 380
 MITHRIDATES, pag. 194
 M. LEGNAR, pag. 456
 MODESTO SANZIO, pag. 412
 MUCIO JAVROT, pag. 230
 NARCISO FEFICO, pag. 188
 NEMO, pag. 430
 NHÓNHÓ, pag. 155—262
 NODUALC, pag. 416
 NUMERO 1 DA ASSOCIAÇÃO S. NICOLAENSE, pag. 391
 NUMERO 3 DA ASSOCIAÇÃO S. NICOLAENSE, pag. 415
 NUMERO 4 DA ASSOCIAÇÃO S. NICOLAENSE, pag. 360
 NUNO AFFONSO D'ALBUQUERQUE, pag. 198
 OCTACILIO DANTAS, pag. 248
 ODLAREG MIDNAL, pag. 132
 OLIMPIO DE ARAUJO, pag. 278
 OLIVEIRA MARTINS, pag. 260—278
 OLIVEIRA NEVES, pag. 236
 ORTIGA, pag. 243
 P. A. DE MIRANDA, pag. 368—374.
 PADUA CARVALHO, pag. 351
 PAN TARANTULA, pag. 223
 PARAENSE (UM), pag. 298
 PAULINO DE CABRAL E VASCONCELLOS pag. 158
 PEDRO ANTONIO DE MIRANDA, pag. 368
 PEDRO V. DOS SANTOS MOURA, pag. 237
 PEQUENO ANTONINHO, pag. 473
 POLYDORO, pag. 181
 PYRILAMPO, pag. 303
 R. pag. 453

- R. (PERNAMBUCO) pag. 480
 R. CHARTERS pag. 210
 RAMIRO FRANÇA DE CERQUEIRA, pag. 165
 RANGEL SOBRINHO, pag. 404
 RAUL D'ABRANTES, pag. 301
 RAUL D'AZEVEDO, pag. 427
 RICARDO GUIMARÃES, pag. 404
 RODOLPHO BARBOSA, pag. 219
 ROMUALDO FERREIRA DOS SANTOS, pag. 434
 ROZENDO D'OLIVEIRA, pag. 338
 SEBASTIÃO DE VASCONCELLOS GALVÃO, pag. 219
 SERTANEJO (O), pag. 359
 SILVIUS, pag. 165
 S. J. GUERREIRO pag. 273
 SIMÃO F. DE SOUSA, pag. 160—320
 S. RANG, pag. 426
 THOMÉ GONÇALVES FERREIRA MENDES, pag. 431
 FR. THOMÉ DE JESUS, pag. 411
 TIGRE BRAZILEIRO, pag. 291
 TITO V. DANTAS, pag. 450
 TRAGALDABAS, pag. 474
 TRAJANO A. DE OLIVEIRA JUNIOR, pag. 296
 TUNGAS (DOIS), pag. 293
 VARDAS, pag. 360
 VELLOSO JUNIOR pag. 239
 VER LUISANT, pag. 250
 VEREDIANO CARVALHO, pag. 235
 VICTOR DE JESUS, pag. 238
 V. DE KANDOSY, pag. 270—295
 VIRIATO A. C. B. D'ALBUQUERQUE, pag. 296
 VISCONDE DE CASTILHO (ANTONIO FELICIANO) pag. 350
 ZAMITH, pag. 212
 *** (PARAHIBA), pag. 250
 *** (PERNAMBUCO), pag. 339

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTE ALMANACH

A... (poesia).....	132	A' memoria do infe-	
A (poesia).....	339	liz poeta Ricardo	
A Antonio Pedro (poesia).....	370	Guimarães (poesia).	404
A Luiz de Camões		A meu pae (poesia)..	196
(poesia).....	283	A meus paes, residen-	
Abastança, luxo, de-		tes na Mourisca	
masias do reinado		(poesia).....	318
de D. Manuel.....	179	A minha esposa (poesia).....	469
A' beira mar.....	153	Amor e desventura	
Aberração da natu-		(poesia).....	391
reza.....	184	Amor (O) perfeito	
A bordo (poesia).....	202	(poesia).....	446
Acrostico (poesia)....	373	Amor para os velhos.	375
Acrostico (poesia)...	378	A Moreira de Vas-	
Affonso (D.) Madrigal	292	concellos.....	300
Africa (A).....	243	Amuletos.....	336
Agradecimento (poesia).....	213	Anagramma.....	215
Agradecimento in-		Anagramma.....	307
completo... ..	340	Anagramma.....	416
Ahi vem o pae!.....	193	Anagramma.....	427
Alegrias (As) e con-		Anhele (poesia).....	397
tentamentos do		Anjo (O) da Guarda	
mundo.....	132	(poesia).....	311
Almoço aos pombos..	177	Anniversario (poesia)	277
A' memoria do com-		Ao avistar Jerusalem	
mandador Antonio		(poesia).....	287
Gilberto Moreira		Ao leme (poesia)....	299
(poesia).....	323	Ao luar (poesia).....	328
A' memoria de meu		Ao meu pequeno Ma-	
pae S. R. Feio (poesia).....	292	rio (poesia).....	430
		Appello á sciencia	
		(poesia).....	181

Apostolo (O) S. Thomé	439	Camara illustrada ...	177
A proposito da chuva	443	Canção do marinheiro	
Armações (As) valen-		(poesia).....	215
cianas de pesca ...	139	Canto do Cysne (po-	
Aristocracia (A).....	345	sia).....	130
Arlindo (poesia).....	474	Caridade de uma po-	
Armada do rei de		bre	209
Achem, diante de		Carrasco (O).....	461
Malaca	398	Carruagens	398
Archivo de raridades	166	Carta CXLII ao Conde	
Arrentella.....	266	da Castanheira ...	263
A' sombra da aroeira		Cartão d'Adelaide	
(poesia).....	421	(poesia).....	179
A um estudante va-		Casa (A) de Victor	
dio (poesia).....	423	Hugo.....	217
A uma actriz (poesia)	357	Casas (As) romanas..	293
A uma tia (poesia)...	210	Cavallo musical.....	216
A uns cabellos d'oiro		Cavalleiro desmonta-	
(poesia).....	432	do	233
Banquete (Um)de sel-		Cavalleiro em perigo.	441
vagens.....	278	Ceifeira de sapatinho	
Barão de S. André		(poesia).....	265
(poesia).....	466	Char. 1. ^a — pag.	132
Barquinha(A) (poesia)	366	— 2. ^a 136— 3. ^a	140
Bastilha (A queda da)		— 4. ^a 152— 5. ^a	158
(poesia).....	155	— 6. ^a 160— 7. ^a	163
Beijo postal (poesia).	154	— 8. ^a 166— 9. ^a	168
Boa sahida.....	471	— 10. ^a 174—11. ^a	178
Bons bebedores.....	428	— 12. ^a 183—13. ^a	187
Bons e maus.....	383	— 14. ^a 190—15. ^a	194
Bom modo de viver..	320	— 16. ^a 198—17. ^a	207
Borboletas (As).....	475	— 19. ^a 210—20. ^a	214
Buscar lâ.....	235	— 21. ^a 216—22. ^a	219
Busto da cantora Ma-		— 23. ^a 224—24. ^a	228
libran	305	— 25. ^a 230—26. ^a	240
Cabo (A) Verdiana		— 27. ^a 242—28. ^a	248
(poesia).....	415	— 29. ^a 252—30. ^a	255
Caçada (A).....	239	— 30. ^a Δ 256—31. ^a	261
Callado (O) é o me-		— 32. ^a 269—33. ^a	276
lhor.....	189	— 34. ^a 284—35. ^a	286
Camelias.....	401	— 36. ^a 291—37. ^a	296
Caminho de ferro....	385	— 38. ^a 300—39. ^a	303
Campo (O).....	211	— 40. ^a 306—41. ^a	310

— 42. ^a	312—43. ^a	317	Culto intimo (poesia)	218
— 44. ^a , 45. ^a e 46. ^a		319	Definição da mulher.	445
— 47. ^a	325—48. ^a	331	De longe (poesia)....	136
— 49. ^a	333—50. ^a	338	Desejos (poesia)....	308
— 51. ^a	343—52. ^a	348	Desengano (poesia)..	183
— 53. ^a	350—54. ^a	356	Desengano (poesia)..	229
— 55. ^a	363—56. ^a	368	Deserto (poesia)....	333
— 57. ^a	373—58. ^a	378	Deus sabe (poesia) ..	459
— 59. ^a	390—60. ^a	397	Deuses e gigantes...	345
— 61. ^a	397—62. ^a	406	Divagação pela his-	
— 63. ^a	406—64. ^a	413	toria.....	253
— 65. ^a	418—66. ^a	422	Divindades (As) da	
— 67. ^a	425—68. ^a	429	Grecia	271
— 69. ^a	433—70. ^a	436	Doente (poesia).....	408
— 71. ^a	439—72. ^a	444	Dolorido (poesia)....	245
— 73. ^a	447—74. ^a	454	Doutrina (A) de Jesus	307
— 75. ^a	458—76. ^a	461	D u v i d a posthuma	
— 77. ^a	469—78. ^a	469	(poesia)!.....	450
— 79. ^a	473—80. ^a	475	E esta?.....	459
— 81. ^a	476—82. ^a	477	Ecclesiasticos e me-	
— 83. ^a	478		dicos.....	136
Christo (poesia).....		404	Echos notaveis.....	251
Cidade (A) de Campos		385	Eclipse do sol.....	417
Cidades peccadoras..		264	Educação da mulher.	421
Cidade de Porto Ale-			Elegia á morte da ex-	
gre		431	Imperatriz do Bra-	
Cifragem		429	zil (poesia).....	379
Clero (O) e a sciencia		371	Embriaguez (A).....	405
Clown (O).....		353	Emfim! (poesia)....	438
Coherencia de Diony-			Em boa harmonia	
sia (poesia).....		349	(poesia).....	165
Colloquio d'amor.....		289	Emfim (poesia).....	348
Com a pedra no sa-			Em viagem para a	
pato (poesia).....		402	India	435
Conde (O) Ravaro...		270	Encontro (poesia)....	143
Confidencia (poesia).		285	Enigma 1. ^o — pag.	133
Conversação.....		169	— 2. ^o 141— 3. ^o	171
Coroa de lagrimas			— 4. ^o 184— 5. ^o	192
(poesia).....		453	— 6. ^o 216— 7. ^o	245
Creanças (As) (poesia)		437	— 9. ^o 264—10. ^o	280
Cruz (A) do frade....		455	— 10. ^o A 298—11. ^o	314
Cruz (A) Vermelha			— 13. ^o 336—14. ^o	352
(poesia).....		258	— 15. ^o 360—16. ^o	384

— 17.º	400—18.º	410	Fomes em Cabo Ver-	
— 19.º	416—20.º	424	de.....	157
— 21.º	432—22.º	440	For ever (poesia)....	418
— 23.º	442—24.º	448	Franklin Tavora....	219
Entre primos.....		331	Funebre (poesia)....	187
Epigramma (poesia)...		140	Gabinete curioso....	415
Epigramma (poesia)...		474	Grandes paixões.....	303
Episodio curioso.....		249	Guerra (A) segundo	
Epitaphio (poesia)...		411	Thucydides.....	379
Escola do amor.....		160	Guardaos Dios de tal	
Esperança (A).....		197	dolor (poesia).....	290
Esperança (poesia)...		358	Haste sem flôr (poesia)	412
Esperança (poesia)...		309	Hercules (Os).....	137
Esperança (poesia)...		476	Hoc opus... (poesia).	316
Esquecimento das in-			Homenagem a Serpa	
jurias.....		408	Pinto.....	198
Estancias (poesia)...		477	Honra ao mestre (poe-	
Estatistica mortuaria		159	sia).....	298
Estatua (A) de Nabu-			Hontem e hoje (poe-	
cho.....		327	sia).....	157
Estatua (A) de Pas-			Humorista.....	367
quino.....		337	Imaginação (A) do poe-	
Estio (poesia).....		338	ta (poesia).....	467
Estrella d'alva (poe-			Industria rendosa....	395
sia).....		399	Imprensa (A) em Villa	
Evora e sua Universi-			Nova de Gaya.....	438
dade.....		168	Inteireza de João de	
Exercicio improprio.		161	Barros.....	334
Explendidos (Os) (poe-			Intelligencia e virtude	403
sia).....		454	Instrucção em Sergi-	
Exposição de Paris			pe.....	310
(Aspecto geral)....		161	Jacaré ou crocodilo..	281
Extremo de dedica-			João Mendes Cicioso.	341
ção.....		329	Jorge Rodrigues.....	333
Felicidade (A) dos ou-			Judeus (Os) em Por-	
tros.....		384	tugal nos primeiros	
Fiandeira (A).....		313	seculos da monar-	
Figueira da Foz.....		436	chia.....	234
Findae (poesia).....		184	Juiz das cousas.....	317
Flôr cahida (poesia).		335	Junto a uma flôr (poe-	
Fogo! fogo!.....		377	sia).....	378
Foi juiz sete dias....		298	Juramento de D. João	
Folhas soltas (poesia)		270	de Castro.....	325

Jurisprudencia curiosa	214	— 46.º	376	— 47.º	386
Justificação de sangue limpo	316	— 48.º	394	— 49.º	402
Lagrимas e turbilhões (poesia)	275	— 50.º	414	— 51.º	420
Latinorios	276	— 52.º	429	— 53.º	434
Latour Manbourg	242	— 54.º	437	— 55.º	443
Lembrança	359	— 56.º	445	— 57.º	451
Legisladores (Os)	433	— 58.º	456	— 59.º	460
Liberalidade de D. João II	156	— 60.º	463	— 61.º	470
Lição ao mestre (poesia)	476	— 62.º	472	— 63.º	479
Lição de piano	297	Lopes (Dr.) Trovão ..			422
Lisonja (A)	309	Lyceu (O) de artes e officios do Rio de Janeiro			229
Litteratura principesca feminina do norte	129	Mãe (A)			145
Livre (O) Chire portuguez (poesia)	354	Madame du Tort			247
Livro (O) e o jornal	232	Madeira (A)			175
Locomotiva (A) (poesia)	294	Magoas (poesia)			387
Locução (poesia)	344	Manhã (A) (poesia) ..			159
Logogriphos 1.º pag.	132	Maria e Eva			195
— 2.º 138 — 3.º 141		Mastro de Cocanha ..			257
— 4.º 155 — 5.º 165		Maxima chinesa			352
— 6.º 173 — 7.º 176		Memorias			188
— 8.º 181 — 9.º 188		Mergulhadores			154
— 10.º 191 — 11.º 196		Meus (Os) desejos poesia)			174
— 12.º 202 — 14.º 212		Milagre da economia e da ordem			413
— 15.º 222 — 16.º 227		Milagres (Os) de Santo Antonio (poesia)			223
— 17.º 237 — 28.º 250		Minha alma (poesia) ..			471
— 29.º 259 — 30.º 262		Minha (A) musa (poesia)			279
— 31.º 272 — 32.º 278		Minuete (O)			464
— 33.º 287 — 34.º 288		Miserias do mundo ..			425
— 34.º ^A 293 — 35.º 308		Monumento (O) da Batalha			357
— 36.º 320 — 37.º 322		Morena (poesia)			374
— 38.º 326 — 39.º 339		Mulheres (As)			472
— 40.º 347 — 41.º 351		Mulheres (As) do Christianismo			349
— 42.º 354 — 43.º 359		Mulher (A) marinha ..			391
— 44.º 364 — 45.º 370		Musas (poesia)			424

Não te vás ! (poesia).	444	Poesia recitada n'um	
Não bula commigo,		beneficio (poesia)...	304
não ! (poesia).....	301	Porco sem lombos ...	452
Napoleão no capti-		Post mortem (poesia)	360
veiro	258	Prece (poesia).....	306
Navegando no Ama-		Premio de valor.....	447
zonas.....	355	Prendas (poesia).....	456
Necrologia.....	146	Preso por ter e... .	238
No album d'uma meni-		Prodigalidade e ava-	
na (poesia).....	288	reza	411
No album da Ex. ^{na}		Professor (O) José	
Sr. ^a D. Brites Cu-		Pinto Chichorro da	
nha (poesia).....	170	Gama (poesia).....	394
No cerco de Dio.....	172	Prophecia d'uma bea-	
No jardim (poesia)...	327	ta,.....	340
Nomes gregos	144	Quando ella falla (poe-	
Nostalgias (poesia)...	479	sia.....	343
Olhos azues (poesia).	479	Quanto vale a longe-	
Onde está Deus?....	310	vidade.....	296
Orgulho do Visconde		Quadro (poesia).....	250
d'Almeida Garrett.	164	Quadro (poesia).....	303
Origem do nome Mos-		Quem era grande para	
samedes	199	Napoleão?.....	400
Outono	340	Raphael Sanzio,....	185
Padre Nosso Portu-		Recibo curioso	237
guez latino (poesia)	261	Recompensa d'amor.	328
Padua Carvalho	133	Recordação (poesia) .	163
Palmito (O).....	303	Rehabilitação da fa-	
Passarinho bebendo.	201	ma dos gatos	352
Pavilhão Oriental....	409	Religião (A) catholica	140
Pela tarde (poesia)..	271	Retrato (O) do pae	
Pela patria (poesia)..	194	(poesia).....	235
Pendencia de honra .	225	Resposta (poesia)....	280
Penhasco (O) (poesia)	475	Resposta soberana-	
Pergunta enigmati-		mente varonil d'u-	
ca	295	ma rainha	380
Pervigilios (poesia) .	426	Retrato de Eiffel....	321
Petroleo (O).....	317	Revelação (poesia)..	253
Pezadelo	457	Retirante (O) (poesia)	138
Phenomeno de amor.	304	Ribeira de Camaro-	
Pinheiro (O) da Ma-		nes ou de Jamour .	225
deira	227	Rio Amazonas (poesia)	189
Pobreza (A) do homem	470	Rua historica (poesia)	263

Ruínas (poesia).....	436	Torre (A) Eiffel	419
Ruínas	374	Torres (As) e os sinei-	
Santo Frey Payo....	347	ros.....	182
Saudade (poesia).....	260	Uma alma de fera... ..	142
Saudade eterna (poesia).....	239	Um anno ! (poesia) ..	447
Saudades da infancia (poesia).....	248	Um bom escravo.....	207
Sentenças de Santos. 344		Um contra senso.....	285
Serão d'um homem de		Um elogio perigoso..	190
letras.....	361	Um epitaphio curioso	131
Silencio (O) e a lagrima.....	365	Uma familia de in-	
Singularidade.....	328	glezes visitando a	
Sobre charadas.....	362	exposição.....	369
Socorro (O) mutuo..	468	Uma glosa de Santa	
Soffrimentos (Os)....	302	Thereza (poesia)... ..	341
Solidão (poesia).....	406	Um letrado (poesia)..	158
Soneto	200	Uma quissama (poesia)	315
Soneto	367	Uma participação....	339
Soneto	414	Um pé de vento (poesia).....	241
Soneto Imperial....	319	Um relance.....	223
Soneto (Um) do Padre Antonio Vieira	167	Valor, valer, valentia	
Soneto recitado no		animoso, valoroso,	
th e a tro Angrense	330	valente (poesia)... ..	332
Sonhando (poesia)...	442	Vamos ? (poesia)....	363
Tenho pena (poesia)..	226	Versos á morte de A.	
Terremotos da Ilha		S. V.....	461
da Madeira	407	Versos de H. Heine..	384
Teu porvir (poesia)..	450	Versos á Ex. ^{ma} Sr. ^a	
Teus olhos (poesia)..	351	D. L. N. V.....	362
Tirnava, ou tirnova .	273	Vida (A) (poesia)....	142
Titulos e proeminencias do duque de Wellington	413	Vinte e oito de setembro de 1871....	283
Trabalho (O)	459	Visita a um cemiterio	191
Trafico (O) da escravatura	260	Visões (As) do poeta (poesia).....	230
Traição (poesia).....	448	Vive e gosa ! (poesia)	477
		Volta (A).....	290
		Volta da alvorada (poesia).....	420

CORRESPONDENCIA

PEDIDO D'UMA CAÇADORA

Não quero privar os decifradores e auctores de charadas, d'um pedido que lhes faz, e a mim tambem, a *Caçadora Paraense*, mas sempre direi a s. ex.^a que o caso já não está tão feio como o pinta.

A caçadora entrou ha muito pouco tempo em combate. A sua espingarda caçadeira, ainda lhe erra alguns tiros, porque a mão da atiradora não está adextrada nem o seu olhar fixa bem a *mira*, mas em adquirindo mais firmeza verá que ha de matar as charadas quasi todas, porque já não são tão difíceis, nem tão enredadas como foram. Quem tem o talento e a penetração de s. ex.^a ha de vir a correr pela estrada que hoje se lhe afigura coberta d'espinhos e abrolhos.

Ha de vir a correr? Já corre, porque a lista que nos mandou não traz adivinhadas 140 ou 148 charadas, é certo, mas em compensação, tem adivinhadas as mais difíceis. Que será em se adextrando mais!

PEDIDO AO DR. RODRIGUES CORDEIRO

Meu caro senhor Cordeiro,
Como vós sois um doutor
Vou-lhe pedir um favor
Muito serio e comesinho.
Estou feita em estilhaços
Por causa das taes charadas
Difíceis e embaraçadas
Do seu mui bello livrinho.

Já não é um passatempo
O que n'elle está sahindo,
E' trabalho louco, infindo
Que bem custa decifrar;
É se assim permanecer,
Vão todos abandonando,
Vão pouco a pouco deixando
De taes charadas matar.

Os que dizem troque letra,
Mude, transponha, o diabo;
De todos elles dê cabo
Que nada perde o doutor.
E outros taes enigmaticos,
Ou que desflam a historia,
Rasgue todas pr'a memoria
D'aquelle que é seu auctor.

Por conseguinte doutor
Diga a Carlos de Moraes,
A esse, e outros que taes
Que não estraguem charadas.
E ao *sôr* Pereira Pegas
Eximio decifrador,
Dê-lhe pancadas d'amor
Para não vir com massadas.

E é o doutor quem perde,
Poucos são os compradores,
Fogem os decifradores,
D'este livrinho afamado.
Não consinta, pois, doutor,
Que lhe remetam charadas
Do theor das publicadas,
No sen livrinho illustrado.

Com os grandes logogrifhos
O doutor deve acabar,
Pois só servem p'ra massar
Os que tentam decifral-os.
E esses taes que a solução
E' novissima charada,
Machada a elles, machada,
E nunca mais acceital-os.

Os que apontam vegetaes,
E aldeias, no Brazil;
Seja-lhes sempre hostile,
Quando o venham visitar.
E os que mandam zoologicos,
Veja na mythologia!
Procure na geographia!
Rua, rua sem pezar.

Aos que dizem: sou cidade
Sem lhes dizer d'onde é,
Não faz mal, passe-lhe o pé
Sem pena, dôr, nem paixão.
E uns que são anatomicos
Só feitos para *moer*,
Nem por sombra os queira ver
Aos papeis velhos, ao chão.

E se á Zulmira Oliveira
Fallar, o caro doutor,
Diga-lhe que por favor
Não faça charadas taes.
O mesmo, se bem lhe apraz,
A' Dona C. de Menezes,
Pois são charadas p'ra mezes
As que ella e Zulmira faz.

E muitos eu citaria
D'esses que fazem charadas,
P'ra não serem decifradas
Nem mesmo por adivinho.
Agora cumpre ao doutor
Avisar a toda a *grei*,
Que as taes como expliquei
Não entram n'este livrinho.

Oh! auctores e auctoras
De charadas de canceira!
Não sejam d'essa maneira
Que ninguem pôde matar.
Não as façam meus senhores
De tanta difficuldade,
P'ra que com facilidade
Possam todos decifrar.

E' pedido que vos faz
Esta nova Caçadora,
Que quer ser decifradora
Sem muito se fatigar.
E pondo n'este pedido
Um grande ponto final
Deixa a todos por signal
Um bem terno *au revoir*.

Caçadora Paraense (Pará).

Outro protesto contra as charadas difficeis. — Não é só a *Caçadora Paraense*, que se levanta contra as charadas difficeis, temos outra voz não menos auctorizada, por que na lista dos decifradores brilha ao pé dos maiores com 142 decifrações. Referimo-nos á Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria A. de Castro, da Bahia. Oçam :

«Permitti que vos dê um conselho : Faça um novo appello do alto das columnas do seu conceituado livrinho a todos os senhores charadistas, quer de Portugal, quer do Brazil, ou de qualquer outra parte, que já é tempo de cessar tamanho capricho, tão grande furor em tudo embarçar e dificultar, para não acabarmos d'uma vez com este meio de diversão. Sim, meu caro doutor, peço-vos que declareis no *Almanach*, que uma bahiana, que, se usou de rigor em algumas das suas produções, a todos implora perdão, promette d'ora avante em não mais concorrer para levar o desanimo aos decifradores, e em só fazer composições simples.

.....
«Quero tornar conhecida de todos a minha resolução com a declaração formal de que retirar-me-hei das fileiras do *Almanach*, não por vós, a quem só tenho que ser muito grata, pelos obsequios e attentões, mas pelos que querem persistir no seu projecto.»

As senhoras que até agora eram as que mais dificultavam as charadas e logogriphos, são as que no *Almanach* de 1891 se declaram contra as difficuldades e bem hajam. Não serão ouvidas, principalmente quando uma se penitencia por ter em tempo feito algumas charadas difficeis? ... Com tão graciosas auxiliares não ha batalha que se não vença.

Z. (*Itabira*). — Custa-nos que uma distincta collaboradora que tem o direito de fechar a lista das senhoras que escrevem para este livrinho, não tenha o seu nome na parte litteraria do *Almanach*. Será porque não temos cá artigos de s. ex.^a? Não. Esquecida da guerra que tem feito a charadas e logogriphos difficeis, mandou dois logogriphos. Diz um :

Ave-ave-ave-ave-ave, e a significação é *Nangombeiaolungo*, que é o nome d'uma ave.

O outro diz : Peixe, peixe, peixe, peixe, e sem mais explicação, acrescenta que o conceito é *Guamaycuatiaga*, que é o nome d'um peixe.

Quem adivinharia isto? Ah senhoras, senhoras, sois

as mais culpadas, subtilizando e enredando uma diversão, que, em vez de attrahente, tornaes difficilima.

As Graças Paulistas (*S. Paulo*). — Tem o seu nome n'este livrinho, mas é pelo que cá tinhamos e não pelo que nos mandaram: uma charada sem palavra de significação. Acaba:

*Santo Deus, que tentação!
Isto é mesmo excommunhão?*

Fica para o *Supplemento* de 1891, ou para o *Almanach* de 1892, se a tempo nos mandarem o conceito, repetindo-a.

A. C. (*S. Julião da Barra*). — Fica alistada, como recruta, mas recruta que promette, na lista das decifradoras. Quem assim principia, tem direito á promoção.

Receio a hospitalidade. (*Porto*). — Não receie. Continue, e verá se é ou não, e sempre, bem recebido.

Eremita. (*Cabo*). — A paz e o silencio dos ermos é bom, a tranquillidade e o socego das solidões não é peor, mas quando vier para o bulicio do mundo quebrar a monotonia do viver, póde ser util até para a saude. Visto que se namorou do *Almanach*, e abandonou o retiro, lá vae adeante o seu artigo.

Boa filha á casa torna (*Mondego*). — Não era esquecida, não o creia; nós é que nos julgavamos esquecidos. Ainda bem, que saudades a trouxeram cá... Vae um dos seus artigos e para 1892 irão os versos.

M. S. (*Madeira*). — Foi attendido mais uma vez, e sel-o-ha sempre, como *cultivador* do dourado campo da poesia. Não desanime, não abandone o trilho para que sente tentações, embrenhe-se n'elle e prosiga.

Macte, nova virtute, puer.

Manoel (*Cabo Verde*). — Creio bem que a consciencia o levou a arrepende-se de não ter pensado o que escreveu, porém de ter escripto o que pensou. Quando assim se procede, tem aberta a porta para collaborar n'este livrinho, quer como poeta, quer como prosador.

Charada soneto (*Parahyba*).—A palavra de signifi-
cação ficou no tinteiro. Por falta d'ella é que a não pu-
blicamos. Fica archivada á espera de passaporte para
seguir viagem.

Helio (*Lisboa*).—Não tem de que pedir-nos desculpa.
Com todo o gosto lhe dariamos aqui um logar se atten-
desse ao mote da bandeira que o *Almanach* desenro-
lou e que diz: *Abaixo as difficeis*. Ora o seu logogri-
pho que lhe parece facil, seria considerado difficil
pela grande maioria de decifradores. Começa por
ter 22 lettras e ser um nome botanico que se escreve:
Pelargonico Grandiflorum. Está bem architectado, e é
pena ser difficil.

Venha cousa mais singella, e mais comezinha, para
contentamento dos amadores.

Ailanna madrugadora devota (*Brazil*).—Bem vinda
seja. Chegou quando as flôres da primavera alegra-
vam veigas e jardins. Não fomos esquecidos, bem via-
mos que era impossivel. Podemos (o que o anno pas-
sado não fizemos, nem podiamos) dar os parabens aos
leitores d'este livrinho.

O de 1892 fica esperando.

Jocacto (*Rio de Janeiro*). Não diga que lhe não fa-
zemos a vontade. Ah! vão duas quadras suas que são
o retrato completo da sua *Ella* desde os bicos dos
pés até á cabeça:

Teus cabellos, fios de ouro,
São laço que me prendeu.
O teu collo é tão de neve
Que a mesma neve venceu.

Os teus olhos são carbunculos,	Os teus pés na mão se fecham,
Os teus labios de carmim,	De pequeninos que são,
As tuas faces de rosa	As tuas mãos moduladas,
A tua pelle é setim.	De marfim. Que perfeição !

Sim senhor, se o mulher que faz a sua felicidade,
tem em si tanta riqueza, que até as mãos lhe cantam,
é caso de lhe dar parabens.

S. (*Beira*)—Chegaram quando a parte litteraria do
Almanach estava encerrada. Dos artigos irá um no
Supplemento, e outro no *Almanach* de 1892.

CORREIOS E TELEGRAPHOS

Porte das correspondencias permutadas entre os correios do continente do reino ou das ilhas adjacentes

Cartas Cada 15 gr. ou fracção	Bilhetes postaes Cada um	Bilhetes postaes com resposta paga Cada um	Jornacs Cada 50 gr. ou fracção	Impressos Cada 50 gr. ou fracção	Amostras Cada 50 gr. ou fracção	Até 250 gr. Cada 50 gr. mais	Manuscriptos Cada 50 gr. mais	Premio de registo ada volume, além do porte	artas de valor declarado Cada 100\$000 réis ou fracção além do porte e do registo	Avisos de recepção Cada um
25	10	20	2 1/2	5	5	25	5	50	250	25

OBSERVAÇÕES.— Nas cartas não registradas é prohibido incluir dinheiro, pedras preciosas ou quaesquer objectos de ouro ou prata, sob pena de perdimento em beneficio da fazenda.

Nas cartas com valor declarado só podem ser incluídos papeis representativos de valores, letras e ordens de pagamentos, notas do banco, titulos de divida publica nacionaes e estrangeiros, acções ou obrigações de bancos, sociedades ou companhias, bilhetes ou cautellas da loteria, sellos ou formulas de franquia de correio, estampilhas do imposto do sello, coupons para pagamento de dividendo ou juros, etc.

O limite maximo do valor declarado é de 1:800\$000 rs.

As cartas de *valor declarado* deverão ser apresentadas em sobrescripto consistente, feito d'uma só peça e que esteja intacta, lacrado em cinco pontas, de maneira que se prendam todas as dobras do mesmo, imprimindo o remetente sobre o lacre, que deve ser todo da mesma qualidade, um sinete seu particular.

A affixação dos sellos nas cartas de *valor declarado* será feita exclusivamente pelo empregado do correio.

No caso de extravio, perda total ou parcial, de carta ou maço registado, o estado pagará: por carta ou maço re-

gistrado, sem declaração de valor, 95000 réis;—por carta de valor declarado, a importancia da perda.

As cartas não franqueadas pagam o dobro do porte, e as franqueadas insufficientemente pagam o dobro do porte que lhes falta.

Consideram-se jornaes, de qualquer natureza, os impressos que teem titulo especial, repetido em cada publicação feita em dias certos. Os que contem indicações manuscriptas, além do nome e residencia, são considerados como cartas. E não são expedidos maços de mais de 2:000 grammas de jornaes, ou impressos, ou amostras,

Consideram-se como *impresso*s os livros brochados ou encadernados, os preços correntes, os catalogos as circulares, as estampas, mappas, papeis de musica, bilhetes de visita, participações e couvites, e as provas de imprensa, com ou sem correções, podendo ser acompanhadas de original.

Os livros pedem ter manuscriptas qualquer dedicatória e assignatura; os preços correntes os algarismos; as circulares o nome, cathegoria e tratamento das pessoas a quem se dirigem, data e assignatura; os papeis de musica a musica e letra; os avisos e convites os espaços destinados a indicações proprias; os bilhetes de visita as palavras de pezames, parabens, agradecimento ou despedida

Os papeis que constituirem signaes representativos de valores, os bilhetes ou cautellas da loteria, os sellos ou formulas de franquia de correio (inutilizados ou não), as estampilhas do imposto do sello, as letras selladas e o papel sellado não escriptos, as notas, cedulas, coupons para pagamento de dividendo ou juros, e em geral os titulos de qualquer especie, pagaveis ao portador, só podem ser lançados no correio em subscriptos fechados como cartas, sob pena de ficarem retidos.

Consideram-se como *manuscriptos* e *amostras* os papeis escriptos á mão, as apolices, os titulos e outros papeis commerciaes lithographados ou impressos.

Não ha limite de peso para os manuscriptos.

Os processos, precatorias e auctos judiciaes civis ou militares devem ser sempre registrados.

Os objectos de oiro ou prata e as pedras preciosas podem ser expedidos como *amostras*, sendo registrados.

As cartas destinadas aos varios paizes da Europa, Egypto e colonias francezas, que até agora só podiam ser ex-

pedidas pelo mar, por paquetes francezes, podem agora ser enviadas por via de Hespanha ou por mar, á vontade dos remetentes. Tambem podem ser registradas cartas com valor declarado para as diversas localidades do paiz visinho.

Vales nacionaes

Sacam-se vales de correio em todas as terras onde houver propostos de recebedor de comarca. Nas ilhas dos Açores só se podem sacar nas cidades de Angra, Horta e Ponta Delgada. Na Madeira somente na cidade do Funchal.

O preço da emissão de vales do correio é de 50 réis por 5\$000 réis ou fracção de 5\$000 réis.

Os vales dividem-se em: *Vales telegraphicos*—os transmittidos ou a transmittir pelo telegrapho; *Vales do correio*—os expedidos ou a expedir por meio das communições postaes.

Os *vales de correio* podem ser *nominaes* ou *ao portador*.

O valor maximo do vale telegraphico é de 100\$000 réis quando houver de ser pago em Lisboa ou em qualquer das capitaes dos districtos administrativos; 50\$000 réis quando houver de ser pago em qualquer das cabeças do concelho.

O maximo do vale do correio ao portador é de 50\$000 réis de qualquer que seja o ponto aonde haja de ser pago.

O valor maximo do vale do correio nominal é de 300\$000 réis quando houver de ser pago em Lisboa ou em qualquer das capitaes dos districtos administrativos; 150\$000 réis quando houver de ser pago em qualquer cabeça de comarca; 50\$000 réis quando houver de ser pago em qualquer cabeça de concelho que seja comarca.

Os vales do correio pagaveis nas ilhas dos Açores, bem como os que alli forem emittidos, só podem ser passados em moeda forte, por 1\$000 réis, ou multiplos d'esta quantia sem fracção alguma.

Além do pagamento do premio da emissão, os vales estão sujeitos ao pagamento do imposto do sello, pela seguinte forma: De 5\$000 até 20\$000 20 réis. De mais de 20\$000 até 50\$000 50 réis. De mais de 50\$000 até 100\$000—60réis. De mais de 100\$000 até 300\$000—100 réis.

Não é permittida a emissão de vales nominaes a favor de individuos designados por iniciaes. Os vales nacionaes são validos por cinco annos contados da data da emissão.

Portes da correspondencia originaria do continente do reino, Açores ou Madeira, destinada ás provincias ultramarinas portuguezas, ou originaria de qualquer das mesmas provincias, e destinada ao continente do reino, ás ilhas dos Açores ou da Madeira, ou a outra provincia ultramarina, quando a remessa fôr feita por embarcações portuguezas ou por navios estrangeiros, que transportarem gratuitamente as malas do correio.

Cartas Cada 15 gr. ou fracção	Bilhetes postaes Cada um	Bilhetes postaes com resposta paga Cada um	Jornaes, impressos e amostras Cada 50 gr. ou fracção	Até 500 gr.	Premio de registo Cada vol. além do porte	Cartas de valor declarado Cada 100,5000 ou fracção além do porte e do registo	Avisos de recepção Cada um
50	10	20	5	50	50	250	25

Taxas a que ficam sujeitas as correspondencias telegraphicas permutadas entre as estações do continente do reino ou entre as estações de qualquer das ilhas adjacentes :

Designação	Taxas	
	Fixas — Réis	Por palavra — Réis
Telegrammas ordinarios	500	100
Telegrammas noticiosos (que manifestamente tratam de noticias de interesse geral, para a imprensa periodica e agencias de noticias e para affixar em logares publicos).....	250	500
Telegrammas urbanos (trocados intramuros ou dentro das barreiras de qualquer cidade do reino ou ilhas adjacentes)	200	200

Designação	Taxas	
	Fixas — Réis	Por palavra — Réis
Telegrammas suburbanos (trocados entre Lisboa e localidades até á distancia de 15 kilometros, entre o Porto e localidades até á distancia de 10 kilometros, entre qualquer outra cidade e localidades até á distancia de 5 kilometros)...	\$025	\$005
Telegrammas semaphoricos (trocados entre os portos semaphoricos e os navios no mar) qualquer que seja a extensão do telegramma.....	\$400	- \$-
Telegrammas electro-semaphoricos (trocados entre navios no mar e quaesquer pontos do continente do reino ou ilhas adjacentes, servidos pelo telegrapho ou pelos meios que o completam)		
taxa semaphorica, qualquer que seja a extensão do telegramma.	\$400	- \$-
taxa electrica ...	\$050	\$010
Telegrammas multiplos (para a mesma localidade a muitos destinatarios ou ao mesmo destinatario, em diferentes domicilios na mesma localidade): — por cada endereço a mais de um e por cada 100 palavras ou fracção de 100 palavras	\$100	- \$-
Telegrammas maritimos	\$050	\$010
Telegrammas avisos maritimos.....	\$300	- \$-
Copias (extrahidas dos telegrammas a pedido dos respectivos expedidores ou destinatarios ou extrahidas das communicações que a direcção geral poder fazer publicas): — por cada 100 palavras ou fracção de 100 palavras.....	\$100	- \$-

Designação	Taxas	
	Fixas — Réis	Por palavra — Réis
Certidões (extra-taxa de certidão de cahidas dos tele-grammas, a pedido dos expedidores ou destinatarios):		
da 100 palavras ou fracção de 100 palavras (havendo-a) por cada mez e por cada estação	\$300	- \$-
Recibos das importancias das taxas cobradas dos expedidores para transmissão de telegrammas e dos destinatarios de telegrammas semaphoricos maritimos, e a fazer seguir	\$200	- \$-
	\$020	- \$-

Telegrammas urgentes (com prioridade de transmissão sobre os telegrammas particulares). Paga a taxa ordinaria que lhe competir pela sua cathgoria e mais o duplo da mesma taxa. (Se o telegramma tiver operações accessorias acresce a taxa respectiva).

Telegrammas conferidos (sujeitos á repetição integral, de estação em estação, de todo o seu contexto).—Paga a taxa ordinaria que lhe competir pela sua cathgoria e mais metade da mesma taxa.

Telegrammas com certificado de recepção (para ser communicado ao expedidor a hora ou accidentes da entrega do telegramma respectivo).—Paga a taxa ordinaria que lhe competir pela sua cathgoria e mais a de um telegramma ordinario de 10 palavras.

Telegrammas com resposta paga.—Paga a taxa ordinaria que lhe competir pela sua cathgoria, mais a mesma taxa pela resposta quando fôr indicado o numero de palavras pagas até 30, ou a de um telegramma de 10 palavras quando não fôr indicado o numero de palavras.

Telegrammas para fazer seguir (transmittidos successivamente ás direcções indicadas no endereço, até á sua entrega, ou para as direcções que forem indicadas no domicilio do destinatario). — Paga, além da taxa ordinaria que lhe competir, a taxa egual para cada reexpedição.

Portes de correspondencia do continente do reino, Açores ou Madeira, destinada a Hespanha, ilhas Baleares, ilhas Canarias, possessões hespanholas do norte de Africa e povoações da costa occidental de Marrocos. ¹

Cartas ¹ 15 grammas ou fracção.	Bilhetes postaes	Jornaes ou impress. 50 grammas ou fracção.	Manuscriptos ou amostras 50 grammas ou fracção.	Premio de registro cada volume além do porte.
25	10	5	20	50

¹ Casa Branca, Larache, Mazagão, Mogador, Rabat, Staffi, Tanger e Tetuan.

² As cartas lançadas no correio sem sello algum, ficam retidas.

Portes a que ficam sujeitas as correspondencias originarias de Portugal, Madeira e Açores com destino aos diversos paizes que fazem parte da União postal universal, segundo as suas respectivas condições de franquia.

Paizes	Cartas até 15 grammas	Bilhetes postaes	Jornaes e outros impressos até 50 gr.	Amostras		Papeis de commercio			Registro dos diversos artigos além do porte	
				Até 100 gr.	Cada 50 gr. a mais	Até 200 gr.	Até 250 gr.	Cada 50 gr. a mais	Premio fixo	Aviso de recepção
Do 1.º grupo..	50	20	10	20	10	—	50	10	50	50
Do 2.º grupo..	80	30	20	40	20	80	—	20	50	50
Do 3.º grupo..	100	30	20	40	40	—	100	20	100	50

EECOMMENDAS POSTAES

O correio permuta encomendas :

Com as ilhas adjacentes e entre as terras do continente do reino, descriptas na tabella n.º 1.

E com varios paizes da Europa, não só por terra (via Hespanha), como por mar (paquetes francezes, inglezes e allemães que tocam em Lisboa).

O porte das encomendas permutadas entre as terras do continente, entre as ilhas, e entre aquellas e estas é :

Entre as estações do reino.....	200
Qualquer das ilhas dos Açores ou Madeira, com destino á mesma ilha.....	200
Qualquer estação do continente do reino com destino a qualquer das ilhas dos Açores ou Madeira.....	250
Qualquer das ilhas dos Açores ou Madeira, com destino a qualquer das ilhas dos Açores ou Madeira.....	250

A razão da differença é porque nas duas ultimas ao porte de terra accrescem 50 réis de porte maritimo.

Os volumes de encomendas para serem admittidos a circular dentro das malas do correio devem satisfazer ás seguintes condições :

1.^a Não excederem o peso de 3 kilogrammas nem a dimensão de 60 centimetros em qualquer das faces e o volume de 20 decimetros cubicos.

2.^a Não conterem cartas, dinheiro, tabaco, animaes vivos, substancias corrosivas, inflammaveis, explosivas, ou liquidos, que não estejam acondicionados conforme as prescripções ordenadas para o transporte d'estes artigos ;

3.^a Estarem acondicionados de fôrma que o seu contheudo fique bem guardado ;

4.^a Serem sellados com um sello especial do remetente posto sobre lacre, chumbo, etc., de maneira que não possa ser aberto sem ficarem vestigios da violação.

Os volumes de encomendas em que forem encontrados papeis manuscriptos, são onerados com uma multa equivalente ao sextuplo da taxa correspondente

ao pezo d'esses papeis como cartas não franqueadas, não podendo esta *multa* ser inferior a 1\$000 réis ; os volumes em que se encontrarem objectos cuja transmissão pelo correio é prohibida, serão *apprehendidos*.

Os remetentes de volumes de encomendas postaes destinadas ao continente ou ás ilhas adjacentes, devem declarar, por escripto, o contheudo dos mesmos volumes. Estas declarações são feitas em um impresso fornecido pelas repartições fiscaes.

Indemnisação

No caso de extravio, ou perda de um volume de encomenda, o correio paga ao remetente uma indemnisação de 1\$000 réis por cada kilogramma, ou fracção d'este pezo. A perda parcial não dá logar a indemnisação alguma.

Estações auctorisadas a permutar encomendas postaes entre si e com paizes estrangeiros

Abrantes.	Amares.	Cab. de Basto.
Agueda.	Anadia.	Caldas da Rainha.
Alandroal.	Ancião.	Caminha.
Albergaria-a-velha.	Ang. do Heroismo.	Campo-Maior.
Albufeira.	Arc. de Val-de-Vez.	Cartacho.
Alcacer do Sal.	Arraiollos.	Cascaes.
Alcaçovas.	Arruda.	Castello Branco.
Alcanena.	Aveiro.	Castello de Vide.
Alcobaça.	Aviz.	Castello Daire.
Alcochete.	Azambuja.	Castro Marim.
Alcoentim.	Azeitão.	Castro Verde.
Alcoutim.	Barcellos.	Celorico de Basto.
Aldeia Gallega.	Barquinha.	Chaves.
Alemquer.	Barreiro.	Cintra.
Alhandra.	Batalha.	Coimbra.
Alijó.	Beja.	Constancia.
Aljezur.	Belem.	Corvo (ilha).
Almada.	Belmonte.	Covilhã.
Almodovar.	Benaveute.	Crato.
Alter.	Borba.	Cuba.
Alvito.	Braga.	Elvas.
Amarante.	Bragança.	Espinho.

Esposzende,	Murça.	S. Pedro do Sul.
Estarreja.	Niza.	S. Roque (ilha do Pico).
Extremoz.	Obidos.	S. Thiago de Cacem
Evora.	Oeiras.	S. Vicente da Beira
Faie.	Olhão.	Seixal.
Faro.	Oliv. ^a de Azemeis.	Serpa.
Feira.	Oliveira do Bairro.	Setubal.
Felgueiras.	Oliveira de Frades.	Silves.
Fronteira.	Ovar.	Sines.
Funchal.	Paços de Ferreira.	Soure.
Fundão.	Paredes.	Tavira.
Gollegã.	Paredes de Coura.	Thomar.
Grandola.	Pecegueiro (conc. ^o	Torres Novas.
Guarda.	de Sever do Vouga	Torres Vedras.
Guimarães.	Penafiel.	Vagos.
Horta.	Penamacôr.	Valença.
Idanha-a-Nova;	Pezo da Regua.	Vélas (ilha S. Jorge)
Ilhavo.	Pomba!	Vendas Novas.
Lagoa.	Ponta Delgada.	Vianna do Alemtejo
Lagos.	Ponte da Barca.	Vianna do Castello
Lamego.	Ponte do Lima.	Vieira.
Leiria.	Ponte de Sôr.	Villa do Bispo.
Lisboa,	Portalegre.	Villa do Conde.
Lixa.	Portel.	Villa Nova da Cer-
Loulé.	Porto.	veira.
Louzã.	Porto de Moz.	Villa Nova de Fa-
Louzada.	Povoa de Lanhoso.	malicão.
Macedo de Caval. ^{os}	Povoa de Varzim.	Villa Nova d'Ourem
Manteigas.	Reguengos.	Villa Nova de Por-
Morco de Canavezes	Rezende.	timão.
Marinha Grande.	Rio Maior.	Villa do Porto (ilha
Marvão.	Sabugal.	de Santa Maria).
Melgaço.	Salvaterra.	Vil. Pouca d'Aguiar
Mertola.	Santa Cruz (ilha	Villa Real.
Mezão-Frio.	das Flores).	Villa Real de Santo
Mirandella.	Santa Cruz (ilha	Antonio.
Moita.	Graciosa.	Vil. Velha de Rodão
Monção.	Santa Cruz de Villa	Villa Verde.
Monchique.	Meã.	Villa Viçosa.
Monforte.	Santa Martha de	Vizeu.
Montemór-o-Novo.	Penaguião.	Vouzella.
Montemór-o-Velho.	Santarem.	

Maneira de verificar se os volumes de encomendas postaes excedem 20 decimetros cubicos¹

Dimensões em centimetros	Numero correspondente	Dimensões em centimetros	Numero correspondente	Dimensões em centimetros	Numero correspondente	Dimensões em centimetros	Numero correspondente
1	—	16	280	31	347	46	387
2	70	17	286	32	350	47	389
3	111	18	292	33	353	48	391
4	140	19	297	34	356	49	393
5	163	20	302	35	359	50	395
6	181	21	307	36	362	51	397
7	196	22	312	37	365	52	399
8	210	23	317	38	367	53	401
9	222	24	321	39	370	54	403
10	233	25	325	40	372	55	405
11	242	26	329	41	375	56	406
12	251	27	333	42	377	57	408
13	259	28	336	43	380	58	410
14	266	29	340	44	382	59	412
15	273	30	343	45	384	60	413

Para verificar se um volume excede 20 decimetros cubicos procede-se da seguinte fórma:

1.º Medem-se em centimetros as suas tres dimensões: comprimento, largura e altura; 2.º Escrevem-se os n.ºs que na col. 2.ª da tabella acima correspondem a cada uma das referidas dimensões, e sommam-se os tres numeros obtidos.

Se a somma fôr inferior ou igual a 1:000, o volume é acceite; se a somma fôr superior a 1:000, o volume é regeitado por ultrapassar os limites permittidos.

Exemplos:

Encomenda A:

Comprimento 35 cent.	—N.º correspondente col. 2.	359	} 998
Largura..... 16	» —N.º	280	
Altura..... 35	» —N.º	359	

¹ Esta tabella copiamol-a do *Almanach Postal* do sr. Peres Galvão.

Encommenda B :

Comprimento 35 cent.—N.º correspondente col. 2	359	} 1:004
Largura..... 22 » —N.º.....	312	
Altura..... 27 » —N.º.....	333	

A encommenda A não excede 20 *decímetros cubicos* ;
a encommenda B tem mais de 20 *decímetros cubicos* ;

VALES INTERNACIONAES

(Decreto de 29 de março de 1879)

Emittem valles internacionaes as administrações de correio de Lisboa e Porto, não podendo exceder a quantia de 500 francos.

A direcção geral dos correios designará as estações postaes de cada paiz, que emittem e pagarem vales.

Os vales são enviados pelos tomadores, ou a descoberto, ou dentro de sobrescriptos.

O tomador no acto de pagar e receber o vale, enche um boletim com o seu nome, morada e quantia entregue, e com o nome do destinatario, sua morada, estação postal e paiz respectivos.

As quantias emittidas são inscriptas na moeda do paiz destinatario, conforme as reduções cambiaes da tabella de pag. 74.

O premio da emissão é fixado em 100 reis por qualquer quantia até 10\$000 réis, e em mais 50 réis cada 5\$000 réis ou fracção.

Não se emittem vales para destinatarios designados sómente por iniciaes.

Não se emittem em cada dia mais de 500 francos do mesmo tomador para um destinatario; comtudo um tomador pôde emittir diversos vales de 500 francos para diversos destinatarios.

Os tomadores de vales pôdem ser reembolsados dos seus vales, apresentando o respectivo recibo da estação postal, e tendo esta em seu poder o vale que emittio.

Não se effectuando o pagamento do vale por falta de indicações precisas, os tomadores requerem á direcção geral dos correios, para que seja auctorizado o mesmo.

Os vales são validos por tres mezes da sua data para os paizes da Europa, e por seis mezes para os outros paizes. Findos estes prazos, só o podem ser por aucto-

risação expressa da estação emissora, requerida pela estação destinataria.

A remessa de vales para Portugal póde ser feita, ou pela estação emissora, ou pelo tomador.

Só as administrações de correio de Lisboa e Porto pagam vales internacionais.

Os vales são pagos á vista, salvo os casos de quaesquer irregularidades, devendo o destinatario passar recibo e assignar, sendo a assignatura reconhecida por tabellião, ou abonado por qualquer consul, ou firma commercial.

Tambem podem ser assignados por procuração, mediante a mesma procuração ou copia authentica, que se junta ao vale, ou a rogo do destinatario, com a declaração e a assignatura estranha authenticadas, ou abonadas pelo consul.

Os vales podem ser tambem pagos a cessionarios, por endosso, sendo as assignaturas authenticadas por reconhecimento ou abonação.

Tabella de redução de cambios para os vales internacionais

UNIDADES MONETARIAS

De Allemanha : marck, 225 réis. Cada marck, 100 pfennigs ; cada pfennig, 2,25 réis.

De Dinamarca, Suecia e Noruega : 1 krone, 250 réis. Cada krone, 110 øere ; cada øere 2,5 réis.

Da Hollanda : 1 florim, 380 réis. Cada florim 100 centessimos ; cada centesimo, 3,80 réis.

De França e suas colonias, Belgica e Suissa : 1 franco, 182 réis. Cada franco 100 centimos ou centesimos ; cada centimo 1,82 réis.

De Italia : 1 lira, 182 réis. Cada lira 100 centimos ou centesimos ; cada centesimo, 1,82 réis.

De Roumania : 1 ley, 182 réis. Cada ley, 100 banys ; cada bany, 1,82 réis.

De Egypto : 1 piastra, 50 réis. Cada piastra, 40 páras, cada pára, 1,25 real.

—Sendo o maximo dos vales de 500 fr., póde remetter-se : Para Allemanha até 404 marcks — 90\$900.

Para Dinamarca, Suecia e Noruega até 364 kronas 91\$000 réis.

Para a Hollanda até 240 florins—91\$200 réis.

Para França e suas colonias, Belgica e Suissa até 500 francos—91\$000 réis.

Para Italia até 500 liras—91\$000 réis.

Para Roumania até 500 leys—91\$000 réis.

Para o Egypto até 1:820 piastras—91\$000 réis.

Permutação de fundos entre Portugal e Brazil

Os encarregados de emissão de vales, tanto no continente como nas ilhas, podem receber, por deposito, quantias para serem convertidas no Brazil em vales do correio, pagaveis ás pessoas e nas localidades que elles designarem.

Nenhum deposito de dinheiro para ser convertido em vale, poderá exceder a quantia de 90\$000 réis. Só podem ser recebidas quantias de 1\$000 réis ou multiplos d'esta quantia sem fracção alguma.

O premio pela emissão é de 2 % (20 réis por 1\$000 réis). Além d'este premio nenhuma outra taxa póde ser cobrada a não ser o imposto do sello.

Os vales são validos por 6 mezes contados da data da sua emissão.

O correio portuguez não se obriga a pagar no Brazil determinada somma em troca da quantia recebida por deposito, mas a satisfazer a *quantia que esse dinheiro produzir* ao cambio corrente da praça.

O correio portuguez garante contra qualquer eventualidade as quantias depositadas até serem satisfeitas aos respectivos destinatarios.

Findo o praso da validade do vale, este só póde ser pago mediante auctorisação especial de pagamento requisitada ou pelo tomador ou pelo destinatario do vale.

No caso de não ser feita reclamação no *praso de dois annos*, a quantia reverte a favor do thesouro portuguez e do brasileiro.

CARTAS REGISTRADAS COM DECLARAÇÃO DE VALOR

(DECRETO DE 14 DE ABRIL DE 1879)

As administrações e direcções do correio do continente do reino e ilhas adjacentes permutam cartas registradas com declaração do valor com: Allemanha—Austria-Hungria—Belgica—Dinamarca e suas colonias das Antilhas e da Groenlandia—Egypto—França e

suas colonias de Guadalupe, Martinica, Guyana, Senegal, Reunião, Pondichery e Cochinchina—Hollanda—Italia—Luxemburgo—Noruega—Rumania—Russia—Servia—Suecia—Suissa.

Nas cartas póde incluir-se ordens ao portador, notas do banco, coupons de dividendo, lettras, titulos de divida publica nacionaes e estrangeiros, sellos postaes ou de verba, acções e obrigações de bancos, sociedades ou companhias sendo o limite maximo da declaração de valor de 1:800\$000 réis.

Os subscriptos devem ser feitos de uma só peça, solidos e consistentes, lacrados em cinco pontos das dobras, e marcados com o mesmo sinete, que nunca póde ser alguma moeda.

Antes de verificadas e registadas as cartas não se põe os sellos ou qualquer objecto.

Em caso algum os correios tomam conhecimento do contheúdo das cartas com valores declarados, nem podem intervir no seu encerramento, nem fornecer sobrescriptos, lacre ou sinete, ou escrever o endereço ou a declaração de valor.

A declaração de valor é escripta por extenso pelo romettente na parte superior do sobrescripto, sem emenda alguma.

O remetente recebe no acto de entregar a carta, recibo indicando o valor declarado, o peso da carta, a data do registo, o premio e porte respectivos, e o numero de ordem. Por cada carta paga-se o porte respectivo, o premio de registo e uma percentagem sobre o valor declarado.

Os remetentes pódem exigir recibos dos destinatarios.

Não se remetem cartas para destinatarios designados por iniciaes.

Por cada 36\$000 rs ou 200 francos, e suas fracções, de valor declarado paga o remetente a percentagem seguinte :

Para a Allemanha, Austria-Hungria e Hollanda 100 rs. Para a Belgica, Antilhas dinamarquezas e colonias francezas (excepto Senegal) Luxemburgo e Suissa 90 rs. Para o Senegal, 80 rs. Para a Dinamarca, Rumania, Russia e Servia, 110 rs. Para a Groelandia, 140 rs. Para o Egypto e Suecia, 120 rs. Para França, 50 rs.

CAMINHOS DE FERRO DO MINHO E DOURO

80

DO PORTO A BARCA D'ALVA	1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.	DE BARCA D'ALVA AO PORTO	1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.
Rio Tinto	120	090	070	Almendra	160	120	90
Ermezinde	180	140	100	Côa	370	290	210
Vallongo	310	240	170	Pocinho	540	420	300
Recarei	500	390	280	Freixo	710	550	390
Cette	590	460	330	Vesúvio (<i>apead.</i>)	900	700	500
Paredes	670	520	370	Vargellas	900	700	500
Penafiel	740	580	420	Foz Tua (<i>apead.</i>)	1140	890	640
Meinedo (<i>apeadetro</i>)	900	700	500	Tua (<i>provisoria</i>)	1180	920	660
Cahide	900	700	500	Cottas	1270	990	710
Villa Meã	970	760	540	Pinhão	1390	1080	770
Livração	1070	830	590	Ferrão	1540	1200	860
Marco	1140	890	640	Covellinhas	1670	1300	990
Juncal	1240	960	690	Bagauste (<i>apead.</i>)	1840	1430	1030
Palla (<i>apead.</i>)	1390	1080	770	Regoa	1840	1430	1030
Mosteiró	1390	1080	770	Caldas de Moledo	1940	1510	1080
Caldas d'Aregos	1500	1170	840	Rede	1980	1540	1100
Ermida	1620	1260	900	Barqueiros	2070	1610	1150
Porto de Rei (<i>apead.</i>)	1750	1360	970	Porto de Rei (<i>apead.</i>)	2200	1710	1230
Barqueiros	1750	1360	970	Ermida	2200	1710	1230
Rede	1820	1420	1020	Caldas d'Aregos	2320	1800	1290
Caldas de Moledo	1860	1450	1040	Mosteiró	2430	1890	1350
Regoa	1980	1540	1100	Palla (<i>apead.</i>)	2560	1990	1430
Bagauste (<i>apead.</i>)	2150	1670	1190	Juncal	2560	1990	1430
Covellinhas	2150	1670	1190	Marco	2660	2070	1480
Ferrão	2280	1770	1270	Livração	2750	2140	1530
Pinhão	2410	1880	1340	Villa Meã	2830	2200	1570

Cottas	2530	1970	1410	Cahide	2940	2290	1640
Foz Tua (<i>apead.</i>)	2660	2070	1480	Meinedo (<i>apead.</i>)	3060	2380	1700
Tua	2660	2070	1480	Penafiel	3060	2380	1700
Vargellas	2920	2270	1630	Paredes	3130	2440	1740
Vesuvio (<i>apead.</i>)	3090	2410	1720	Cette	3230	2510	1800
Freixo	3090	2410	1720	Recarei	3320	2580	1850
Pocinho	3260	2540	1820	Vallongo	3490	2720	1940
Côa	3430	2670	1910	Ermezinde	3620	2820	2020
Almendra	3640	2840	2030	Rio Tinto	3700	2880	2060
Barca d'Alva	3970	2950	2110	Porto	3790	2950	2110

DO PORTO A BRAGA

Entre Porto e Braga

Kilom.	Estações	Preço dos bilhetes		
		1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.
5	Rio Tinto	\$120	\$090	\$070
9	Ermezinde	\$180	\$140	\$100
16	S. Romão	\$310	\$240	\$170
23	Trofa	\$440	\$340	\$250
	Louzado	\$630	\$490	\$350
33	Famalicão	\$630	\$490	\$350
	Gavião	\$740	\$580	\$420
39	Nine	\$740	\$580	\$420
45	Arentim	\$860	\$670	\$490
48	Tadim	\$920	\$720	\$520
54	Braga	1\$030	\$810	\$580

Entre Braga e Porto

Kilom.	Estações	Preço dos bilhetes		
		1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.
7	Tadim	\$140	\$110	\$080
10	Arentim	\$190	\$150	\$110
15	Nine	\$290	\$230	\$160
	Gavião	\$400	\$320	\$230
22	Famalicão	\$400	\$320	\$230
	Louzado	\$590	\$470	\$330
31	Trofa	\$590	\$470	\$330
39	S. Romão	\$720	\$570	\$410
46	Ermezinde	\$850	\$670	\$480
49	Rio Tinto	\$910	\$720	\$510
54	Porto	1\$030	\$810	\$580

CAMINHO DE FERRO DA BEIRA ALTA

Kil.	Da Figueira a V. Formoso	1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.	Kil.	De V. Formoso á Figueira	1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.
—	Figueira da Foz	—	—	—	—	Villar Formoso (<i>buffete</i>)...	—	—	—
7	Maiorca (<i>apeadouro</i>).....	140	110	80	8	Freineda	160	130	90
12	Alhadas	240	190	140	27	Cerdeira	540	420	300
16	Montemór	320	250	180	35	Villa Fernando (<i>apeadouro</i>)	700	550	390
27	Arazede	540	420	300	46	Guarda	920	720	510
32	Limede (<i>apeadouro</i>)	640	500	360	65	Pinhel (<i>apeadouro</i>)	1290	1010	720
36	Cantanhede	720	560	400	71	Villa Franca das Naves...	1410	1100	790
42	Murtede	840	650	470	85	Celorico	1690	1320	940
51	Pampilhosa (<i>buffete</i>).....	1020	790	570	00	Fornos d'Algodres	1990	1550	1110
60	Luzo	1200	930	670	08	Gouvêa	2150	1670	1200
74	Mortagua	1470	1150	820	24	Mangualde	2470	1920	1370
86	Santa Comba Dão	1710	1330	950	35	Nellas	2680	2090	1490
98	Carregal do Sal	1950	1520	1090	43	Cannas de Senhorim.....	2840	2210	1580
103	Oliveirinha (<i>apeadouro</i>)...	2050	1590	1140	50	☉liveirinha (<i>apeadouro</i>)...	2980	2320	1660
110	Cannas de Senhorim.....	2190	1700	1220	55	Carregal do Sal	3080	2400	1710
118	Nellas	2350	1830	1310	67	Santa Comba Dão	3320	2580	1850
129	Mangualde	2570	2000	1430	79	Mortagua	3560	2770	1980
145	Gouvêa	2880	2240	1600	93	Luzo	3840	2980	2130
153	Fornos d'Algodres	3040	2370	1690	202	Pampilhosa (<i>buffete</i>).....	4010	3120	2230
168	Celorico	3340	2600	1860	211	Murtede	4190	3260	2330
182	Villa Franca das Naves...	3620	2810	2010	217	Cantanhede	4310	3350	2400
188	Pinhel (<i>apeadouro</i>)	3740	2910	2080	222	Limede (<i>apeadouro</i>)	4410	3430	2450
207	Guarda	4110	3200	2290	226	Arazede	4490	3490	2500
218	Villa Fernando (<i>apeadouro</i>)	4330	3370	2410	237	Montemór	4710	3660	2620
227	Cerdeira	4510	3510	2510	241	Alhadas	4790	3720	2660
245	Freineda	4870	3790	2710	246	Maiorca (<i>apeadouro</i>).....	4890	3800	2720
253	Villar Formoso (<i>buffete</i>)...	5030	3910	2790	253	Figueira da Foz	5030	3910	2790

LINHA DO PORTO A VALENÇA

DO PORTO A VALENÇA					DE VALENÇA AO PORTO				
Kilom.	Estações	Preço por classes			Kilom.	Estações	Preço por classes		
		1. ^a	2. ^a	3. ^a			1. ^a	2. ^a	3. ^a
—	Porto.	—	—	—	—	Valença.	—	—	—
5	Rio Tinto.	120	090	070	4	S. Pedro da Torre.	120	090	070
9	Ermezinde (Entr. p. ^a o Douro e Minho).	180	140	100	14	V. Nova de Cerveira.	290	230	160
16	S. Romão.	310	240	170	20	Lanhellas e Seixas.	500	390	280
23	Trofa.	440	340	250	25	Caminha.	500	390	280
32	Famalicão.	630	490	350	33	Ancora.	630	490	350
39	Nine.	740	580	420	41	Montedor.	780	610	440
46	S. Bento.	880	680	490	48	Vianna.	930	730	520
50	Barcellos.	970	760	540	53	Darque.	1010	790	560
60	Tamel.	1140	890	640	62	Barrozellas.	1180	920	660
68	Barrozellas.	1310	1020	730	70	Tamel.	1330	1040	740
77	Darque.	1460	1140	820	80	Barcellos.	1520	1180	850
82	Vianna.	1560	1210	870	84	S. Bento.	1600	1240	890
89	Montedor.	1690	1320	940	91	Nine.	1730	1350	960
97	Ancora.	1860	1450	1040	98	Famalicão.	1860	1450	1040
105	Caminha.	1990	1550	1110	107	Trofa.	2030	1580	1130
110	Lanhellas e Seixas.	2090	1630	1160	114	S. Romão.	2180	1700	1220
116	V. Nova de Cerveira.	2200	1710	1230	121	Ermezinde.	2320	1800	1290
126	S. Pedro da Torre.	2390	1860	1330	125	Rio Tinto.	2370	1850	1320
130	Valença.	2470	1920	1370	130	Porto.	2470	1920	1370

CAMINHO DE FERRO DO PORTO

A' Pova e Famalicão

DO PORTO Á POVOA E FAMILIÇÃO				DE FAMILIÇÃO À POVOA E PORTO			
Kilom.	Estações	Preços		Kilom.	Estações	Preços	
		1. ^a	2. ^a			1. ^a	2. ^a
4	Sr. ^a da Hora....	70	40	5	Outiz.....	90	60
6	Custoiás	140	70	9	Gondifellos	160	100
11	Pedras Rubras..	200	120	13	Fontainhas.....	230	140
14	V. do Pinheiro..	250	150	15	Rates.....	270	170
16	Modivas.....	290	180	21	Laundos	380	230
20	Mindello	360	220	25	Amorim.....	450	280
23	Azurara	410	250	29	Pova.....	520	320
25	Villa do Conde..	450	280	32	Villa do Conde..	580	350
28	Pova/ <i>buffete</i> ..	500	310	34	Azurara	610	370
32	Amorim.....	580	350	37	Mindello	670	410
36	Laundos	650	400	41	Modivas	740	450
42	Rates.....	760	460	43	V. do Pinheiro..	770	470
44	Fontainhas.....	790	480	46	Pedras Rubras..	830	510
48	Gondifellos.....	860	530	51	Sustoiás	920	560
52	Outiz.....	940	570	53	Senhora da Hora	950	580
57	Famalicão (<i>buff</i>)..	15030	630	57	Porto.	15030	630

CAMINHO DE FERRO DE GUIMARÃES

DA TROFA A GUIMARÃES				DE GUIMARÃES A TROFA			
Kilom.	Estações	Preços		Kilom.	Estações	Preços	
		1. ^a	2. ^a			1. ^a	2. ^a
3	Louzado (apead)..	120	70	8	Vizella.....	160	90
9	Santo Thyrso....	180	100	13	Lordello (apead)..	260	150
13	Canços (apead)..	260	150	18	Negrellos.....	360	200
16	Negrellos	320	180	21	Canços (apead)..	420	240
21	Lordello (apead)..	420	240	26	Santo Thyrso....	520	290
26	Vizella	520	290	31	Louzado (apead)..	620	350
34	Guimarães.....	680	380	34	Trofa	680	380

ENTRE LISBOA E O ENTRONCAMENTO				ENTRE O ENTRONCAMENTO E LISBOA					
Kilomet.	Estações	Preço dos bilhetes			Kilomet.	Estações	Preço dos bilhete ^s		
		1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.			1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.
—	Lisboa.....	—	—	—	—	Entroncamento...	—	—	—
4	Poço do Bispo....	120	100	070	5	Torres Novas....	120	100	070
7	Olivaes.....	140	110	080	13	Matto de Miranda	260	210	150
10	Sacavem.....	200	160	120	23	Valle de Figueira	460	360	260
18	Povoa.....	360	280	200	32	Santarem.....	640	500	360
22	Alverca.....	440	340	250	47	Sant'Anna.....	940	730	520
26	Alhandra.....	520	410	290	52	P. de Reguengo..	1040	810	580
31	Villa Franca....	620	480	350	60	Azambuja.....	1200	930	670
37	Carregado.....	740	580	410	70	Carregado.....	1390	1090	780
47	Azambuja.....	940	730	520	77	Villa Franca....	1530	1190	850
55	P. de Reguengo..	1100	850	610	81	Alhandra.....	1610	1260	900
61	Sant'Anna.....	1220	950	680	85	Alverca.....	1690	1320	940
75	Santarem.....	1490	1160	830	89	Povoa.....	1770	1380	990
84	Valle de Figueira	1670	1300	930	97	Sacavem.....	1930	1500	1070
94	Matto de Miranda	1870	1460	1040	100	Olivaes.....	1990	1550	1110
103	Torres Novas....	2050	1590	1140	106	Poço de Bispo....	2050	1590	1140
107	Entroncamento...	2130	1660	1180	107	Lisboa.....	2130	1660	1180

Os comboios correios n.^{os} 7 e 8, entre Lisboa e Porto, levam carruagens *Sleeping-cars*. Os passageiros que desejem occupar estes logares de luxo deverão munir-se de bilhetes de 1.^a classe para um percurso não inferior a 100 kilometros, ou pagando como tal, e pagar a sobretaxa de 2\$300 réis, qualquer que seja a distancia; as creanças de 3 a 7 annos pagarão meio bilhete e metade da sobretaxa; duas creanças occuparão um só logar.

De Lisboa a Cintra, Torres Vedras, Alfarellos, Figueira da Foz e vice-versa

Kil.	Estações	1.ª cl.	2.ª cl.	3.ª cl.	Kil.	Estações	1.ª cl.	2.ª cl.	3.ª cl.
—	Lx. ^a (Caes dos Soldados)	—	—	—	—	FIGUEIRA DA FOZ ...	—	—	—
—	S. Domingos (<i>apead.</i>) ...	250	200	140	—	Santo Aleixo (<i>apead.</i>) ...	120	100	70
13	Bemfica ...	250	200	140	—	Lares (<i>apead.</i>) ...	120	100	70
17	Porcalhota ...	370	300	210	11	Amieira ...	220	170	130
19	Queluz, Bellas ...	370	300	210	16	Thelhada ...	320	250	180
25	Cacem ⁽¹⁾ ...	490	400	280	24	Louriçal ...	480	380	270
34	Cintra ...	670	540	380	32	Guia ...	640	500	360
—	Meleças (<i>apead.</i>) ...	650	520	360	38	Monte Redondo ...	760	590	420
33	Sabugo ...	650	520	360	43	Monte Real ...	860	670	480
—	Mafra ...	810	650	450	—	Milagres (<i>apead.</i>) ...	1100	850	610
46	Malveira ...	910	730	510	55	Leiria ...	1100	850	610
56	Pero Negro ...	1110	890	620	65	Marinha Grande ...	1290	1010	720
62	Dois Portos ...	1230	990	680	71	Martingança ...	1410	1100	790
67	Runa ...	1330	1070	740	85	Vallado ...	1690	1320	940
71	Torres Vedras ...	1410	1130	780	—	Cella (<i>apead.</i>) ...	1970	1530	1100
79	Ramalhal ...	1560	1270	880	99	S. Martinho ...	1970	1530	1100
86	Outeiro ...	1710	1370	950	104	Bouro ...	2070	1610	1150
95	Bombarral ...	1890	1540	1050	111	Caldas da Rainha ...	2210	1720	1230
102	S. Mamede ...	2030	1610	1130	116	Obidos ...	2310	1800	1280
107	Obidos ...	2130	1690	1180	121	S. Mamede ...	2410	1870	1340
112	Caldas da Rainha ...	2230	1770	1240	129	Bombarral ...	2570	2000	1430
120	Bouro ...	2390	1890	1330	138	Outeiro ...	2740	2140	1530
124	S. Martinho ...	2470	1950	1370	145	Ramalhal ...	2880	2240	1600
—	Cella (<i>apead.</i>) ...	2740	2170	1520	152	Torres Vedras ...	3020	2350	1680
138	Vallado ...	2740	2170	1520	157	Runa ...	3140	2450	1750
152	Martingança ...	3020	2390	1680	162	Doiz Portos ...	3220	2510	1790
158	Marinha Grande ...	3140	2480	1740	168	Pero Negro ...	3340	2610	1860
168	Leiria ...	3340	2630	1850	178	Malveira ...	3540	2770	1970

—	Milagres (<i>apead.</i>).....	3580	2820	1990	—	Mafra	3640	2850	2030
180	Monte Real	3580	2820	1990	191	Sabugo	3800	2980	2110
185	Monte Redondo.....	3680	2890	2040	—	Meleças (<i>apead.</i>).....	3960	3110	2200
192	Guia	3820	3000	2120	201	Cintra	4160	3270	2310
199	Lourical	3960	3110	2200	199	Cacem	3960	3110	2200
207	Thelhada	4110	3230	2280	205	Queluz, Bellas	4080	3200	2270
212	Amieira ⁽²⁾	4210	3310	2340	207	Porcalhota.....	4120	3230	2290
—	Lares (<i>apead.</i>)	4310	3390	2390	210	Bemfica.....	4180	3260	2320
—	Santo Aleixo (<i>apead.</i>)...	4350	3420	2420	—	S. Domingos (<i>apead.</i>) ...	4430	3480	2460
223	FIGUEIRA DA FOZ...	4430	3480	2460	223	Lx. ^a (Caes dos Soldados)	4430	3480	2460

O spassageiros que seguem d'Alcantara para a linha de Torres, mudam de comboyo no Cacem.

(¹) Bifurcação da linha de Cintra. (²) Bifurcação do ramal d'Alfarellos.

Figueira da Foz a Alfarellos e vice-versa

Kil.	Estações	1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.	Kil.	Estações	1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.
—	FIGUEIRA DA FOZ.....	—	—	—	—	ALFARELLOS.....	—	—	—
4	Santo Aleixo.....	120	100	70	8	Verride	160	130	90
6	Lares.....	120	100	70	17	Amieira.....	340	270	190
11	Amieira.....	220	170	130	21	Lares	420	330	240
20	Verride	360	280	200	24	Santo Aleixo.....	480	380	270
27	ALFARELLOS	540	420	300	27	FIGUEIRA DA FOZ.....	540	420	300

ENTRE LISBOA E PORTO				ENTRE PORTO E LISBOA					
Kilom.	Estações	Preços por classe			Kilom.	Estações	Preços por classe		
		1. ^a	2. ^a	3. ^a			1. ^a	2. ^a	3. ^a
—	Lisboa.....	—	—	—	—	Porto.....	—	—	—
107	Entroncamento.....	2130	1660	1180	4	V. Nova de Gaia.....	120	100	070
111	Thomar (Payalvo)...	2410	1870	1340	9	Valladares	180	140	100
130	Chão de Maçãs.....	2580	2010	1440	16	Granja	320	250	180
140	Cacharias.....	2780	2170	1550	20	Espinho.....	400	310	230
150	Albergaria.....	2980	2320	1660	25	Esmoriz.....	500	390	280
162	Vermoil.....	3220	2510	1790	36	Ovar.....	720	560	400
170	Pombal.....	3380	2630	1880	49	Estarreja.....	980	760	550
186	Soure.....	3700	2880	2060	64	Aveiro	1280	990	710
199	Alfarellos.....	3950	3080	2200	84	Oliveira do Bairro...	1670	1300	980
202	Formoselha.....	4010	3120	2230	92	Mogofores	1830	1430	1020
212	Taveiro	4210	3280	2340	101	Mealhada.....	2010	1560	1120
218	Coimbra	4330	3370	2410	105	Pampilhosa	2090	1630	1160
225	Souzella.....	4470	3480	2490	112	Souzella	2230	1730	1240
232	Pampilhosa	4610	3590	2560	119	Coimbra.....	2370	1840	1320
237	Mealhada.....	4710	3660	2620	125	Taveiro	2490	1930	1380
245	Mogofores	4870	3790	2710	135	Formoselha	2680	2090	1490
253	Oliveira do Bairro...	5030	3910	2790	138	Alfarellos.....	2740	2140	1530
273	Aveiro.....	5420	4220	3010	151	Soure	3000	2340	1670
288	Estarreja	5720	4450	3180	167	Pombal.....	3320	2580	1850
301	Ovar	5980	4650	3320	175	Vermoil.....	3480	2710	1930
312	Esmoriz	6200	4820	3440	187	Albergaria	3720	2890	2070
318	Espinho.....	6320	4910	3510	198	Cacharias.....	3930	3060	2190
321	Granja.....	6380	4960	3540	207	Chão de Maçãs	4110	3200	2290
328	Valladares.....	6510	5070	3620	210	Thomar (Payalvo)...	4290	3340	2390
333	Villa Nova de Gaia..	6610	5140	3680	230	Entroncamento.....	4570	3560	2540
337	Porto.....	6690	5210	3720	337	Lisboa	6690	5210	3720

De Foz-Tua a Mirandella e vice-versa

Kil.	Estações	1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.	Kil.	Estações	1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.
—	Foz do Tua	—	—	—	—	MIRANDELLA	—	—	—
5	Tralhariz	120	100	70	6	Lataas	190	160	110
14	Amieiro	270	230	160	10	Frechas	190	160	110
16	S. Lourenço	310	260	180	13	Cachão	250	210	150
18	Tralhão	420	360	250	18	Villarinho	350	290	200
22	Brunheda	420	360	250	25	Abreiro	480	400	280
26	Codeças	570	480	330	29	Codeças	630	530	370
30	Abreiro	570	480	330	33	Brunheda	750	530	370
37	Villarinho	710	600	410	37	Tralhão	750	630	430
42	Cachão	800	680	470	39	S. Lourenço	780	630	430
45	Frechas	860	720	500	41	Amieiro	950	660	460
49	Latadas	1050	880	610	50	Tralhariz	950	800	550
55	Mirandella	1050	880	610	55	Foz-Tua	1050	880	610

COMPANHIA REAL DOS CAMINHOS DE FERRO ATRAVEZ D'AFRICA

DE LOANDA A QUILUNDA					DE QUILUNDA A LOANDA				
Kilom.	Estações	Preços			Kilom.	Estações	Preços		
		1. ^a	2. ^a	3. ^a			1. ^a	2. ^a	3. ^a
3	Cidade Alta	240	180	60	14	Funda	560	420	140
20	Cacuaco	840	630	210	30	Quifangondo	1200	900	300
30	Quifangondo	1200	900	300	40	Cacuaco	1600	1200	400
46	Funda	1840	1390	460	57	Cidade Alta	2240	1680	560
60	Quilunda	2400	1800	600	60	Loanda	2400	1800	600

RAMAL DE LISBOA A CASCAES

Serviço provisório e limitado entre Pedrouços e Cascaes

COMBOIOS ASCENDENTES

Estações : — Pedrouços — Algés — Dáfundo — Cruz Quebrada — Caxias — Paço d'Arcos — Oeiras — Curcavellos — Pared — Estoril — Cascaes.

COMBOIOS DESCENDENTES

Estações : — Cascaes — Estoril — Pared — Carcavellos — Oeiras — Paço d'Arcos — Caxias — Cruz Quebrada — Dáfunda — Algés — Pedrouços.

Preços — Passageiros: 1.^a zona (de Pedrouços a Oeiras). De uma a outra qualquer estação d'esta zona: 2.^a classe, 70 réis, 3.^a classe 50 réis. — 2.^a zona (de Oeiras a Cascaes). De uma a outra qualquer estação d'esta zona; 2.^a classe, 70 réis; 3.^a classe, 50 réis. — De uma estação da 1.^a zona a uma qualquer da 2.^a zona, ou vice-versa: 2.^a classe, 140 réis; 3.^a classe 100 réis.

Bagagens — Por qualquer trajecto entre estações de uma das duas zonas, até 50 k. de peso, 100 réis; por cada fracção indivisível de 50 k. a mais dos primeiros 50, 50 réis. De uma estação da 1.^a zona a outra qualquer da 2.^a ou vice-versa o dobro d'aquelles preços.

Condições — O numero de passageiros por comboio é limitado a 150 em 2.^a classe e 400 em 3.^a. O bilhete vendido para um comboio, em que o respectivo passageiro não possa accommodar-se será valido para o seguinte do mesmo dia. Dando-se o caso de faltarem logares nos ultimos comboios, a Companhia poderá pôr á disposição do publico comboios supplementares. Não o fazendo reembolsará a importancia dos bilhetes que não forem inutilizados na estação de procedencia.

Nos preços applicaveis a bagagens estão comprehendidas todas as despesas menos a do imposto do sello.—A companhia apenas se obriga a expedir no praso de 24 horas as bagagens que pesem mais de 100 k. reservando-se portanto, o direito, de as não fazer seguir a destino pelo mesmo comboio em que transitar o respectivo passageiro. Ficam em vigor todas as condições de applicação da tarifa geral de Norte e Leste em tudo que não seja contrario ao que aqui se estipula.

Lisboa—Rocio e Lisboa—Alcantara a Cintra e vice-versa

COMBOIOS ASCENDENTES							COMBOIOS DESCENDENTES			
Estações	De Lisboa-Rocio			De Lisboa-Alcan.			Estações	Lisboa e Alcan.		
	1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.	1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.		1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.
LISBOA—ROCIO	—	—	—	—	—	—	CINTRA	—	—	—
Campolide.....	120	100	70	—	—	—	Cacem	200	160	110
LISBOA-ALCANTARA	—	—	—	—	—	—	Queluz-Bellas.....	320	260	180
S. Domingos (<i>apead.</i>)...	240	200	140	140	120	80	Porcalhota.....	360	290	200
Bemfica	240	200	140	140	120	80	Bemfica	420	340	240
Porcalhota	260	220	150	220	180	130	S. Domingos (<i>apead.</i>)...	560	450	310
Queluz—Belas.....	300	250	170	260	210	150	LISBOA-ALCANTARA	560	500	310
Cacem	420	340	240	360	290	200	Campolide.....	620	500	350
CINTRA.....	620	500	350	560	450	310	LISBOA—ROCIO.....	620	450	350

ADVERTENCIA—Os preços de Campolide para as demais estações ou vice-versa são eguaes aos indicado d'essas mesmas estações de ou para Lisboa.

CAMINHO DE FERRO DO SUESTE

(Contendo as novas tarifas)

26

De Lisboa a Faro					De Faro a Lisboa				
Kilom.	Estações	Preços por classe			Kilom.	Estações	Preços por classe		
		1. ^a	2. ^a	3. ^a			1. ^a	2. ^a	3. ^a
—	Lisboa (vapor)	—	—	—	—	Faro	—	—	—
—	Barreiro	150	150	100	16	Loulé	310	240	170
3	Lavradio	310	280	210	25	Boliqueime	480	370	270
6	Alhos Vedros	310	280	210	34	Albufeira	650	510	360
9	Moita	370	330	240	51	S. Barthol. de Messines..	970	760	540
16	Pinhal Novo (Entronc.)..	500	430	310	65	S. Marcos	1240	960	690
31	Poceirão	780	650	470	86	Saboia Monchique	1630	1270	910
42	Pegões	950	810	590	98	Odemira	1860	1450	1040
57	Vendas Novas	1280	1040	750	114	S. Martin. das Amoreiras.	2170	1690	1210
76	Monte-Mór	1640	1320	950	121	Garvão	2300	1790	1280
91	Casa Branca (Entronc.) ..	1920	1540	1100	134	Panoias	2540	1980	1420
103	Alcaçovas	2150	1710	1230	134	Ourique	2540	1980	1420
111	Vianna	2300	1830	1310	140	Cazevel	2660	2070	1480
117	Villa Nova	2410	1920	1380	149	Carregueiro	2830	2200	1570
125	Alvito	2560	2040	1460	163	Figueirinha	3090	2410	1720
138	Cuba	2810	2230	1600	170	Outeiro	3230	2510	1800
154	Beja (Ent. da lin. do Alg.)	3110	2460	1770	187	Beja (Entronc.)	3550	2760	1970
171	Outeiro	3440	2720	1950	204	Cuba	3870	3010	2150
178	Figueirinha	3570	2820	2020	216	Alvito	4100	3190	2280
192	Carregueiro	3830	3030	2170	224	Villa Nova	4250	3310	2360

201	Cazevel.....	4000	3160	2260	231	Vianna	4380	3410	2440
207	Ourique.....	4120	3250	2320	239	Alcaçovas.....	4530	3530	2520
220	Panoias.....	4360	3440	2460	250	Casa Branca.....	4740	3690	2640
220	Garvão.....	4360	3440	2460	266	Monte-Mór.....	5050	3930	2810
226	S. Martinho das Amoreiras	4480	3530	2520	284	Vendas Novas.....	5390	4190	3000
243	Odemira.....	4800	2780	2700	299	Pegões.....	5670	4410	3150
255	Saboia Monchique.....	5080	3950	2830	310	Poceirão.....	5880	4570	3270
276	S. Marcos.....	5430	4260	3050	325	Pinhal Novo.....	6160	4800	3430
290	S. Barthol. de Messines..	5690	4470	3200	333	Moita.....	6320	4910	3510
307	Albufeira.....	6010	4720	3380	335	Alhós Vedros.....	6350	4940	3530
316	Boliqueime.....	6180	4850	3470	338	Lavradio.....	6410	4990	3560
324	Loulé.....	6330	4970	3560	340	Barreiro.....	6450	5020	3590
340	Faro.....	6640	5210	3730	—	Lisboa (chegada).....	6640	5210	3730

RAMAL DE SETUBAL

Kílo.m.	Estações	Preço por classes			Kílo.m.	Estações	Preço por classes		
		1. ^a	2. ^a	3. ^a			1. ^a	2. ^a	3. ^a
	Lisboa.....	—	—	—		Setubal	—	—	—
	Barreiro	150	150	100		Palmella.....	120	90	70
3	Lavradio	310	280	210	6	Pinhal Novo.....	250	200	140
6	Alhós Vedros.....	310	280	210	13	Moita.....	400	310	230
9	Moita.....	370	330	240	21	Alhós Vedros.....	440	340	250
16	Pinhal Novo.....	500	430	310	23	Lavradio.....	500	390	280
23	Palmella.....	630	530	390	26	Barreiro.....	550	430	310
29	Setubal.....	740	620	450	29	Lisboa.....	740	620	450

De Lisboa a Extremoz

Kilom.	Estações	Preços por classe		
		1. ^a	2. ^a	3. ^a
-	Lisboa (vapor).....	-	-	-
91	Casa Branca	1920	1540	1100
112	Monte das Flores....	2320	1850	1320
117	Evora	2410	1920	1380
136	Azaruja	2770	2200	1580
141	Valle de Pereiro	2870	2270	1630
149	Venda do Duque	3020	2390	1710
158	Evora Monte.....	3190	2520	1810
169	Extremoz.....	3400	2690	1920

De Extremoz a Lisboa

Kilom.	Estações	Preços por classe		
		1. ^a	2. ^a	3. ^a
-	Extremoz.....	-	-	-
12	Evora Monte.....	230	180	130
20	Venda do Duque....	380	300	220
28	Valle de Pereiro	540	420	300
33	Azaruja	630	490	350
53	Evora	1010	790	560
58	Monte das Flores....	1100	860	620
79	Casa Branca	1500	1150	840
-	Lisboa (vapor).....	3400	2670	1920

De Lisboa a Pias

-	Lisboa (vapor).....	-	-	-
154	Beja.....	3110	2460	1770
167	Baleizão	3360	2660	1900
174	Quintos	3490	2760	1980
183	Serpa	3660	2890	2070
196	Pias.....	3910	3088	2210

De Pias a Lisboa

-	Pias.....	-	-	-
14	Serpa	270	210	150
23	Quintos.....	440	340	250
30	Baleizão.....	570	450	320
43	Beja	820	640	460
-	Lisboa	3910	3080	2210

LINHA DE CACERES

Entre a fronteira portugueza e a estação de Valencia d'Alcantara

COMBOIO ASCENDENTE					COMBOIO DESCENDENTE				
Kilom.	Estações	Preços por classes Réis			Kilom.	Estações	Preços por classes Reales vellon		
		1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.			1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.
—	T. das Vargens.....	—	—	—	—	V. d'Alcantara.....	—	—	—
29	Pezo	580	450	450	17	Marvão.....	7,40	5,80	4,20
49	Castello de Vide.....	930	760	550	49	Castello de Vide.....	14,20	14,20	8,00
65	Marvão.....	1290	1010	720	65	Pezo	22,60	22,60	12,60
84	V. d'Alcantara.....	1600	1260	900	84	T. das Vargens.....	34,40	34,00	19,20
CORRESPONDENCIA COM AS LINHAS DE LESTE E NORTE									
De Lisboa					De Valencia d'Alcantara				
—	Lisboa.....	—	—	—	—	V. d'Alcantara.....	—	—	—
175	T. das Vargens.....	3480	2710	1930	81	T. das Vargens.....	34,40	27,00	19,20
256	V. d'Alcantara.....	5090	3960	2830	—	T. das Vargens.....	—	—	—
De Elvas					De Lisboa				
—	Elvas	—	—	—	256	Lisboa.....	108,40	84,40	60,40
91	T. das Vargens.....	1810	1410	1010	—	T. das Vargens.....	—	—	—
172	V. d'Alcantara.....	3420	2660	1900	172	Elvas.....	72,80	56,60	40,60
Do Porto					De Elvas				
—	Porto.....	—	—	—	—	T. das Vargens.....	—	—	—
209	T. das Vargens.....	5940	4620	3300	830	T. das Vargens.....	—	—	—
380	V. d'Alcantara.....	7550	5870	4200	—	Porto.....	160,80	125,00	84,90

SERVIÇO POR VALENCIA D'ALCANTARA

Kil.	DE LISBOA A MADRID	1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.	Kil.	DE MADRID A LISBOA	1. ^a cl.	2. ^a cl.	3. ^a cl.
—	Lisboa.....	—	—	—	—	Madrid.....	—	—	—
107	Entroncamento.....	2130	1660	1180	402	Vallencia d'Al. (B).....	10440	7690	5580
111	Barquinha.....	2210	1720	1230	—	De Marvão.....	—	—	—
119	Praia.....	2370	1840	1320	—	Marvão.....	—	—	—
130	Tramagal.....	2580	2010	1440	16	Castello de Vide.....	320	250	180
135	Abrantes.....	2680	2090	1490	36	Peso.....	720	560	400
147	Bemposta.....	2920	2270	1630	65	T. das Vargens.....	1290	1010	720
164	Ponte de Sor.....	3260	2540	1810	77	Ponte de Sor.....	1530	1190	850
175	T. das Vargens (B).....	3480	2710	1930	94	Bemposta.....	1870	1460	1040
204	Peso.....	4050	3150	2250	105	Abrantes.....	2090	1630	1160
224	Castello de Vide.....	4450	3460	2470	111	Tramagal.....	2210	1720	1230
240	Marvão.....	4770	3710	2650	122	Praia.....	2430	1890	1350
256	Valencia d'Al. (B).....	5140	3980	2850	130	Barquinha.....	2580	2010	1440
659	Madrid.....	15560	11630	8400	240	Lisboa.....	4770	3710	2650

SERVIÇO POR BADAJOZ

—	Lisboa.....	—	—	—	—	Badajoz.....	—	—	—
107	Entroncamento.....	2130	1660	1180	17	Elvas.....	370	280	210
175	Torre das Vargens.....	3480	2710	1930	20	Santa Eulalia.....	400	310	230
184	Chança.....	3660	2850	2030	39	Assumar.....	780	610	430
200	Crato.....	3970	3090	2210	49	Portalegre.....	980	760	550
217	Portalegre.....	4310	3350	2400	66	Crato.....	1310	1020	730
227	Assumar.....	4510	3510	2510	82	Chança.....	1630	1270	910
240	Santa Eulalia.....	4890	3800	2720	91	Torre das Vargens.....	1810	1410	1010
265	Elvas.....	5260	4100	2930	159	Entroncamento.....	3160	2460	1760
282	Badajoz.....	5620	4380	3120	265	Lisboa.....	5260	4100	2930

EQUAÇÃO DO TEMPO

Como o sol se retarda umas vezes, outras se accelera ou parece estacionario, idearam os astrônomos para maior facilidade dos seus calculos, reduzir estes movimentos desiguales, a um tempo e movimento egual e médio. E' o que se chama—Equação do tempo, ou differença entre o tempo verdadeiro e o tempo uniforme, mostrado pela seguinte taboa, em relação aos dias do mez. Entre outros usos serve tambem para regular os relógios. Se ao ponto do meio dia marcado em uma boa meridiana o relógio mostrar os minutos e segundos declarados na tabella para antes, ou depois do meio dia verdadeiro, sabe-se que está certo.

Os minutos com o signal + devem exceder ao meio dia verdadeiro, e os que tem o signal — devem faltar para elle.

TABOIA

Dias	Janeiro	Dias	Fevereiro	Dias	Março	Dias	Abril
5	+ 5' 50''	5	+ 14' 20''	5	+ 11' 40''	5	+ 2' 42''
10	+ 7 57	10	+ 14 31	10	+ 10 26	10	+ 1 17
15	+ 9 49	15	+ 14 23	15	+ 9 2	15	— 0 2
20	+ 11 24	20	+ 14 58	20	+ 7 34	20	— 1 11
25	+ 12 42	25	+ 13 16	25	+ 6 2	25	— 2 9
30	+ 13 39	28	+ 12 44	30	+ 4 30	30	— 2 55
Dias	Maio	Dias	Junho	Dias	Julho	Dias	Agosto
5	— 3 28	5	— 1 49	5	+ 4 15	5	+ 5 43
10	— 3 48	10	— 0 53	10	+ 5 2	10	+ 5 5
15	— 3 53	15	— 0 8	15	+ 5 38	15	+ 4 13
20	— 3 41	20	+ 1 13	20	+ 6 2	20	+ 3 8
25	— 3 20	25	+ 2 18	25	+ 6 13	25	+ 1 52
30	— 2 45	30	+ 3 20	30	+ 6 8	30	+ 0 26
Dias	Setembro	Dias	Outubro	Dias	Novembro	Dias	Dezembro
5	— 1 29	5	— 11 37	5	— 16 16	5	— 9 5
10	— 3 11	10	— 13 1	10	— 15 55	10	— 6 53
15	— 4 56	15	— 14 12	15	— 15 12	15	— 4 31
20	— 6 41	20	— 15 9	20	— 14 8	20	— 2 2
25	— 8 25	25	— 15 50	25	— 12 45	25	+ 0 28
30	— 10 4	30	— 16 13	30	— 11 3	30	+ 2 55

ECLIPSES NO ANNO DE 1891

LISBOA

Haverá no anno de 1891 dois eclipses do Sol, dois da Lua, e uma passagem de Mercurio pelo disco do Sol.

I. Eclipse total da Lua no dia 22 de maio, parte visível em Lisboa.

Entrada da Lua na penumbra ás 3 horas da tarde.
Entrada na sombra ás 4 h. e 5 m da tarde.
Principio do eclipse total ás 5 h. e 13 m. da tarde.
Meio do eclipse, ás 5 h. e 53 m. da tarde.
Fim do eclipse total, ás 6 h. e 32 m. da tarde.
Sahida da sombra, ás 7 h. e 41 m. da tarde.
Sahida da penumbra, ás 8 h. e 45 m. da tarde.
Grandeza do eclipse, 1:299 do diametro da Lua.
Nasce a Lua pelas 4 h. e 46 m.

II. Eclipse annular do Sol no dia 6 de junho, invisível em Lisboa.

Principia o eclipse á 1 hora e 26 minutos da tarde.
Termina o eclipse ás 5 horas e 51 minutos da tarde.

III Eclipse total da Lua no dia 15-16 de novembro, visível em Lisboa.

Entrada da Lua na penumbra, dia 15, ás 9 h. da tarde.
Entrada na sombra, dia 15 ás 9 h. e 58 m. da tarde.
Principio do eclipse total, dia 15 ás 11 h. e 1 m. da t.
Meio do eclipse, dia 15, ás 11 h. e 42 m. da tarde.
Fim do eclipse total, dia 16, aos 24 m. da manhã.
Sahida da sombra, dia 16, á 1 h. e 26 m. da manhã.
Sahida da penumbra, dia 16, ás 2 h. e 24 m. da manhã.
Grandeza do eclipse : 1:386 do diametro da Lua.

IV Eclipse parcial do Sol no dia 1 de dezembro, invisível em Lisboa.

Principia o eclipse ás 9 h. e 7 m. da manhã.
Termina o eclipse aos 41 m. da tarde.

Passagem de Mercurio pelo disco do Sol no dia 9-10 de maio de 1891, invisível em Lisboa.

Principia a 9 de maio, ás 11 h. e 14 m. da tarde.
Termina a 10 de maio, ás 4 h e 17 m. da tarde.

NASCIMENTOS E OCCASOS APPARENTES DO SOL

Nascim. Occ.		Nascim. Occ.		Nascim. Occ.		Nascim. Occ.	
Tempo médio		Tempo médio		Tempo médio		Tempo médio	
Janeiro		Fevereiro		Março		Abril	
1 7h20/ 4h48/		1 7h 8/ 5h20/		1 6h35/ 5h51/		1 5h47/ 6h21/	
9 7 21 4 54		9 7 0 5 29		9 6 23 6 0		9 5 34 6 29	
17 7 18 5 2		17 6 51 5 38		17 6 11 6 7		17 5 23 6 36	
25 7 14 5 11		25 6 41 5 46		25 5 58 6 14		25 5 12 6 44	
Mai		Junho		Julho		Agosto	
1 5 4 6 49		1 4 38 7 16		1 4 40 7 28		1 5 2 7 10	
9 4 56 6 57		9 4 36 7 22		9 4 44 7 25		9 5 9 7 1	
17 4 48 7 4		17 4 36 7 24		17 4 50 7 22		17 5 17 6 51	
25 4 42 7 11		25 4 38 7 27		25 4 57 7 16		29 5 24 6 40	
Setembro		Outubro		Novembro		Dezembro	
1 5 30 6 30		1 5 57 5 42		1 6 28 4 59		1 7 2 4 37	
9 5 37 6 18		9 6 4 5 30		9 6 37 4 51		9 7 8 4 36	
17 5 45 6 5		18 6 13 5 18		17 6 46 4 44		17 7 14 4 38	
25 5 52 5 52		25 6 20 5 9		25 6 55 4 39		25 7 18 4 42	

SERVIÇO TELEGRAPHICO DOS INCENDIOS

Os soccorros fazem-se por meio de serviço telegraphico, que dispensa na maior parte das vezes as badaladas, que só em regra nos grandes incendios se dão para tocar a rebate.

Este serviço consta d'um posto principal e de trinta postos secundarios. O posto principal está collocado no palacio dos Paços do concelho da cidade de Lisboa; os postos secundarios nas diversas estações de soccorro de incendios, no quartel geral da guarda municipal no governo civil de Lisboa, e nos mais postos de segurança publica que se julgarem convenientes.

No posto principal ha uma guarda permanente, que é de quatro bombeiros durante a noite, e de dois durante o dia.

TABELLA DOS SIGNAES DE INCENDIO EM LISBOA

S. Engracia, Beato Antonio.	11	B. do Sapato, V. de S. Ant. Regedoria e Cabeço de Bola.
S. Vicente, St.º Estevão	12	Esc. Ger., Chaf. de Dentro.
Graça	13	Calçada do Monte.
S. Thiago, Sé, S. Christovão	14	Loyos, Aljube, C. do Castello.
Carmo, Conceição Nova	15	Quart. do Carmo, G. do Depos.
S. Nicolau	16	Praça d Figueira.
Soccorro	17	Mouraria.
S. José	18	Santa Martha.
Pena	19	Convento da Encarnação.
Bemposta, Anjos, Penha de França	20	Campo de Sant'Anna, Arroios e Monte Agudo.
S. Sebastião	21	Quartel de Santa Rita.
Coração de Jesus	21	Largo de Santa Martha.
Monserrate	22	Amoreiras.
S. Mamede	22	Collegio dos Nobres.
Santa Isabel	23	Rua Nova da Estrella.
Estrella	24	Buenos Ayres e Boa Morte.
Lapa	24	Pau da Bandeira.
Necessidades	25	Praça de Armas.
S. Francisco de Paula	26	Pampulha.
Santos-o-Velho	27	Inglesinhas.
Paulistas	28	Junto á egreja.
Chagas	29	Rua das Flôres.
S. Roque	30	Travessa da Queimada.
Martyres	31	Governo Civil.
S. Paulo	32	Caes do Sodré.
<i>Para cessarem os toques</i>	7	

NOS ARRABALDES

Olivaes	33	Casa do regedor.
Ajuda — Boa Hora	34	Calçada de D. Vasco.
Alcantara — S. Pedro	35	Praça de Armas.
Belem — Casa Pia	36	Guarda da Casa Pia.
Bemfica	37	Casa dos regedores.
Carnide e Odivellas	38	

MARÉS

Conhecem-se as horas das marés pela idade da lua, que data do 1.º dia da lua nova. Procurando essa idade na tabella seguinte, ter-se-hão as horas de preamar e baixamar em qualquer dia. Se desejarmos saber por exemplo os preamares e baixamares do dia 20 de março procuremos este dia na folhinha e veremos ser o 10.º dia da lua, e procurando na 1.ª columna da tabella o n.º 10 acharemos na mesma linha horisontal o que desejamos.

Quando na tabella das primeiras marés se notam marés da tarde, as da manhã d'esse dia são as segundas do dia antecedente, como acontece no dia 30 da lua, cujas marés da manhã são as segundas do dia 29.

TABELLA DOS PREAMARES E BAIXAMARES DO TEJO

IDADE DA LUA	PREAMAR		BAIXAMAR	
	DA MANHÃ	DA TARDE	DA MANHÃ	DA TARDE
1 e 16	2 h. 55'	3 h. 20'	9 h. 7'	9 h. 32'
2 17	3 44	4 9	9 57	10 22
3 18	4 34	4 59	10 46	11 11
4 19	5 24	5 49	11 36	
5 20	6 13	6 38	0 1	0 26
6 21	7 3	7 28	0 51	1 15
7 22	7 53	8 18	1 40	2 5
8 23	8 43	9 7	2 30'	2 55
9 24	9 32	9 57	3 20	3 44
10 25	10 22	10 46	4 9	4 34
11 26	11 11	11 36	4 59	5 24
12 27		0 1	5 49	6 13
13 28	0 26	0 51	6 38	7 3
14 29	1 15	1 40	7 28	7 53
15 30	2 5	2 30	8 18	8 42

N. B. As horas das marés do dia 1 da lua, são as mesmas do dia 16; as do dia 2, as mesmas do dia 17; e assim por diante.

COMPUTO ECCLESIASTICO

Aureo numero.....	11	Indicação romana (126 ^a)....	4
Epacta	XX	Letra dominical.....	D.
Cyclo lunar.....	99 ^o	Letra do martyrologio A maior	
Cyclo solar (67 ^o).....	24		

TEMPORAS

Fev.	25, 27 e 28	Setembro	16, 18 e 19
Maió	27, 29 e 30	Dezembro	16, 18 e 19

FESTAS MOVEIS

Septuagesima... 25 de janeiro	Espírito Santo.. 17 de maio	
Cinza	11 de fevereiro	SS. Trindade.... 24 de maio
Paschoa	29 de março	Corpo de Deus.. 28 de maio
Ladainhas.....	4, 5 e 6 de maio	Coração de Jesus 5 de junho
Ascensão.....	7 de maio	Dom. 1. ^o advento 29 de novembro

ESTACÕES

<p style="text-align: center;">PRIMAVERA</p> <p>Março 20, ás 8 h. e 48 m. da t.</p> <p style="text-align: center;">ESTIO</p> <p>Junho 21, ás 4 h. e 57 m. da t.</p>	<p style="text-align: center;">OUTONO</p> <p>Novembro 23, ás 7 h. e 37 m. da m.</p> <p style="text-align: center;">INVERNO</p> <p>Dezembro 21, ás 2 h. e 4 m. da t.</p>
---	---

BENÇÃOS MATRIMONIAES

Todos os dias do anno, excepto desde quarta-feira de Cinza até o 1.^o domingo depois da Paschoa, e desde a 1.^a dominga do Advento até dia de R^e ¹, em que são prohibidas.

FOLHINHA PORTUGUEZA

SIGNO DE



AQUARIO

- 1 DE JANEIRO. *Quinta-feira.* ✠ CIRCUMCISÃO DO SENHOR. S. Fulgencio B. de Ruspe. S. Alderedo, Ab., adv. contra a colica e dôr de pedra. *Ind. na igreja do Loreto, e na R. egr. de Santo Antonio em todos os dias do anno e plen. na egr. de Santa Brigida. Ind. no convento do Desagravo em todas as quintas feiras do anno, e como a da Porciuncula na egr. das freiras do SS. Sacramento, em Alcantara, na 1.^a quinta feira de cada mez. Hora Solemne da Instituição do SS. Sacramento em todas as quintas feiras do anno. Festa a Nossa Senhora de Belem, na freg. da Magdalena. Grande gala e recepção no Paço da Ajuda, por boas festas e bons annos.*
- 2 *Sexta.* S. Isidoro, B. M. *Ind. das 3 horas da tarde em todas as sextas feiras do anno em memoria da Agonia de Jesus Christo. Com. as 13 sextas feiras de S. Franc. de Paula na sua egr. com ind. Exp. do SS. Sacramento na cap. do Senhor Jesus dos Perdões em todas as 1.^{as} sextas feiras de cada mez, na freg. da Magdalena.*
- 3 ☾ *Sabbado.* S. Antero, P. M. S. Aprigio B. de Beja, Port. S. Genoveva V. *Quarto ming. ás 9 h. e 35 m. da manhã.*
- 4 ☽ *Domingo.* S. Gregorio, B. S. Tito, discip. de S. Paulo. *No 1.^o domingo de cada mez ind. plen. em Santo Amaro e de tarde desagravo do SS. Sacramento na egr. dos Milagres.*
- 5 *Segunda.* S. Simeão Estelita. S. Telesforo, P. M., S. Apolinaria, V. *Vesperas e matinas na Sé de Lisboa.*
- 6 ✠ *Terça. DIA DE REIS. (Epifania).* Os 3 Reis Magos Gaspar, Belchior e Balthazar, adv. contra os accidentes epilepticos e perigos de caminhos. *Festa na Sé Patriarchal, a que assistem SS. MM. e a côrta. Ind. na egr. do Loreto.*

- 7 DE JANEIRO. *Quarta*. S. Theodoro, Monge. S. Fillon, Ab. adv. contra as febres. *Ind. plen. na egr. da Madre de Deus na 1.^a quarta feira de cada mez. Com. as benções nupciaes e acabam as ferias.*
- 8 *Quinta*. S. Lourenço Justiniano, Patr. de Veneza. *Vesperas e matinas na freg. de S. Julião.*
- 9 *Sexta*. S. Julião M. *Festa de instrumental e de tarde Te-Deum na sua freg. Com. a nov. de Nossa Senhora da Divina Providencia.*
- 10 ☉ *Sabbado*. S. Paulo, 1.^o eremita. S. Gonçalo de Amarante, D. *Festa a Nossa Senhora da Conceição na freg. de S. Julião. Ind. nos conv. de S. Domingos. Lua nova ás 2 h. e 48 m. da tarde.*
- 11 *Domingo* (1.^o depois dos Reis). Nossa Senhora de Jesus, S. Hygino. P. M., Santa Honorata, V. *Ind. na freg. de Santa Justa para os irmãos dos Passos no 2.^o domingo de cada mez. Principia a nov. de S. Sebastião. Festa na freg. das Mercês.*
- 12 *Segunda*. S. Satyro, M., S. Taciana M.
- 13 *Terça*. S. Hilario, B e dr. da egr.
- 14 *Quarta*. S. Felix, M.
- 15 *Quinta*. S. Amaro, adv. contra os achaques de pernas e braços. *Festa na sua capella, em Santo Amaro, começando as visitas á mesma capella por todo este mez. Festa na Conceição Velha e Desagravo.*
- 16 *Sexta*. Os Santos Martyres de Marrocos, Ff., S. Marcello, P. M., A B. Estephania, V. D. *Ind. nos conv. de S. Francisco. Com. os dias de Santa Engracia em desagravo pelo desacato na noite de 15 de janeiro de 1630, no convento de Santa Clara.*
- 17 ☾ *Sabbado*. S. Antão, Ab., adv. contra a erisipela. *Quarto cresc. ás 5 h. e 41 m. da manhã.*
- 18 *Domingo* (2.^o depois dos Reis). O SS. NOME DE JESUS. N. Senhora da Divina Providencia, A Cadeira de S. Pedro em Roma. S. Prisca, V. M., S. Margarida de Hungria, adv. contra os males de garganta. *Ind. plen. na ermida da Ascensão.*
- 19 *Segunda*. S. Canuto, Rei de Dinamarca, M. *Vesperas e matinas na freg. de S. Sebastião da Pedreira.*

- 20 DE JANEIRO. *Terça.* S. Sebastião, M. adv. contra a peste. *Festa na sua freg. pela irmandade dos marceneiros e em varias egr.*
- 21 *Quarta.* (*Jej. no Patr.*) S. Ignez, V. M.
- 22 *Quinta.* (~~X~~ *no Patr. e no Alg.*) S. Vicente, M. Padreiro de Lisboa e do Algarve. S. Anastacio M. adv. contra as doenças de qualquer genero. *Festa de pontifical na Sé e em S. Vicente. Festa a S. Sebastião na sua freg. e na de Santa Catharina.*
- 23 *Sexta.* Os Desposorios de N. Senhora com S. José. S. Raymundo de Peñafort, D., adv. contra as febres. S. Ildefonso, Arceb. de Toledo. *Ind. nos conv. do Carmo e plen. nos de S. Domingos.*
- 24 ⁽⁶⁾ *Sabbado* Nossa Senhora da Paz, S. Thimoteo, B. M., O B. Marcollino, D., *Lua cheia, ás 11 h. e 49 m. da tarde.*
- 25 *Domingo da septuagesima.* A Conversão de S. Paulo, A. *Festa e lausperene na sua freg. Festa nas Commendadeiras da Encarnação ao Sagrado Coração de Maria. Com. os dom. da Madre de Deus.*
- 26 *Segunda.* S. Polycarpo, B. M., S. Paula, viuva. *Dedicação da egr. do Colleginho. Festa a S. Sebastião na freg. de S. Paulo.*
- 27 *Terça.* S. João Chrysostomo B. e doutor da igreja. *Anniv. do obito de S. M. I. a Duqueza de Bragança.*
- 28 *Quarta.* Trasladação de S. Thomaz d'Aquino, D., S. Cyrillo, B. A B. Veronica. *Ind. nos conv. de S. Domingos. Benção e Ind. nos conv. da Trindade. Com. a nov. das Chagas de Christo na sua egr.*
- 29 *Quinta.* S. Francisco de Sales, B., S. Pedro Thomaz, C. *Ind. e festa a S. Francisco de Salles na egr. das Salesias e egr. da Visitação.*
- 30 *Sexta.* S. Martinha, V. M., S. Jacintha de Mariscotti, V. F. *Ind. nos conv. de S. Francisco.*
- 31 *Sabbado.* (*Jej. excepto nos Bispados de Vizeu e Elvas*). S. Pedro Nolasco, S. Cyro M. A B. Luiza de Albertoni, viuva, F.



- 1 DE FEVEREIRO. *Domingo da sexagesima.* S. Ignacio, B. M., S. Brigida, V. O B. André de Conti, F. *Ind. plen. e Benç. nos conv. da Trindade.*
- 2 ☾ *Segunda.* PURIFICAÇÃO DE NOSSA SENHORA. *Festa na Parochial de S. Thiago e S. Martinho, na Parochial egr. de Nossa Senhora da Purificação em Bucellas, Sé, ermida da Victoria, Carmo. Benção da cera na freg. dos Martyres e outras egr. Ind. no Loreto, S. Lourenço e Santo Amaro. Está patente n'este dia o Hospital da Estrella. Quarto ming. ás 4 h. e 6 m. da manhã.*
- 3 *Terça.* S. Braz, B. M. O B. Odorico F. *Festa nos Martyres, Santa Luzia e Conceição Velha.*
- 4 *Quarta.* S. André Casino B. C. S. José de Leonissa F.
- 5 *Quinta.* S. Agueda, V. M. *adv. contra as dôres nos peitos. S. Pedro Baptista e seus 22 comp. Festa a N. Senhora da Piedade nas Chagas e mat. ao orago.*
- 6 *Sexta.* As Chagas de Christo. S. Dorothea V. M. *Festa e lausperenne na egr. das Chagas. Ind. nos conv. de S. Francisco.*
- 7 *Sabbado.* S. Romualdo, Ab., S. Ricardo, Rei de Inglaterra. *Festa a S. Urbano na egr. das Chagas. Obito de Pio IX.*
- 8 *Domingo da quinquagesima.* S. João da Matta, fundador da Ordem da SS. Trindade. *Festa ao Sagrado Coração de Maria no conv. da Encarnação com ind. para os confrades. Ind. das 40 horas na Sé, Corpo Santo, e S. Luiz Rei de França e S. Brigida n'estes dias e nos dois seguintes.*
- 9 ☽ *Segunda.* S. Apollonia, V. M. *Festa na casa de correccão (Monicas). Ad. contra as dores de dentes. Lua nova á 1 hora e 36 m. da manhã.*
- 10 *Terça.* (Entrudo). S. Escolastica, V., S. Guilherme Duque d'Aquitania, A.
- 11 *Quarta feira de Cinza.* (Jejum até á Paschoa excepto nos domingos). S. Lazaro, B. A B. Joanna Valeria, F. *Benção da Cinza na Sé, Martyres, Corpo Santo e Inglesinhos. Prohibem-se as benções nupcias até á oitava da Paschoa.*

- 12 DE FEVEREIRO. *Quinta*. S. Eulalia, V. M.
 13 *Sexta*. S. Gregorio II. P. S. Catharina de Ricci.
 14 *Sabbado*. S. Valentim, M. *Vesp. na Real egr. de Santo Antonio da Sé.*
 15 ☽ *Domingo (1.º de quaresma)*. Trasladação de Santo Antonio. Os Ss. Faustino e Jovita, Mm. *Ind. na egr. do Loreto e conv. de S. Francisco. Procissão dos Terc. em Santo Antão do Tojal. Quarto cresc. ás 5 h. e 53 m. da tarde.*
 16 *Segunda*. S. Porfirio, M. O B. Bernardo de Corleone, F.
 17 *Terça*. S. Faustino M. *Anniversario da Infanta D. Antonia irmã de El-Rei D. Luiz I. Pequena gala. Não ha desp.*
 18 *Quarta (Temporas)*. S. Theotonio, 1.º Prior de Santa Cruz de Coimbra. S. Semeão, B. M.
 19 *Quinta*. S. Conrado, F., O B. Alvaro de Cordova, D. *Vae da Graça para a egr. de S. Roque a imagem do Senhor dos Passos.*
 20 *Sexta (Temporas)*. S. Eleuterio, B. *Procissão do Senhor dos Passos da Graça (sae da egr. de S. Roque)*
 21 *Sabbado (Temporas)*. S. Maximiano B. S. Angela de Mericia V. F.
 22 *Domingo (2.º de quaresma)*. A Cadeira de S. Pedro em Antioquia. S. Margarida de Cortona, F. *Proc. dos Terc. de S. Francisco em Sacavem.*
 23 ☽ *Segunda*. S. Pedro Damião, Cardeal e dr. da egr. S. Lazaro, monge. *Benção para os Terc. de S. Francisco e de Jesus. Lua cheia ás 6 h. e 42 m. da tarde.*
 24 *Terça*. S. Mathias, Ap.
 25 *Quarta*. S. Cezario, Irmão de S. Gregorio Nazianzeno. O B. Sebastião de Aparicio, F.
 26 *Quinta*. S. Torquato M. Arceb. de Braga.
 27 *Sexta*. S. Leandro, Arceb. de Sevilha.
 28 *Sabbado*. S. Romão, Ab. O B. Thomaz de Evora F.

SIGNO DE



ARIES

- 1 DE MARÇO. *Domingo (3.º de quaresma)*. S. Sebastião M. S. Rozendo, portuguez. *Proc. dos Passos em Oeiras, Almada, Alverca e dos Terc. de S. Francisco na Arruda.*

- 2 DE MARÇO. *Segunda*. S. Simplicio, F.
- 3 ☾ *Terça*. S. Marinho, soldado M., S. Hemeterio, M., S. Cunegundes, imperatriz. *Quarto ming. ás 7 e 1 m. da tarde.*
- 4 *Quarta*. S. Casimiro. S. Lucio, P. M.
- 5 *Quinta*. S. Theophilo, B., S. João José, F.
- 6 *Sexta*. S. Ollegario, B., S. Coleta, V. F. *Proc. dos Passos em Belem. Festa ao Senhor dos Passos no Desterro.*
- 7 *Sabbado*. S. Thomaz d'Aquino, dr. da egr. As Ss. Perpetua e Felicidade, Mm.
- 8 *Domingo* (4.º de quaresma). S. João de Deus.
- 9 *Segunda*. S. Francisca Romana, viuva. S. Catharina de Bolonha, V. F.
- 10 ☉ *Terça*. S. Melitão e seus 39 comp., Mm. *Com. a nov. de S. José. Lua nova ás 11 h. e 14 m. da m.*
- 11 *Quarta*. S. Candido, M.
- 12 *Quinta*. S. Gregorio B. e dr. da egr.
- 13 *Sexta*. A B. Sancha, V. Inf. de Portugal. S. Rodrigo, M. S. Eufrazia. V. C.
- 14 *Sabbado*. Traslado de S. Boaventura. S. Mathilde, rainha. *Com. o septenario das Dores, na Graça, S. Antonio da Sé, S. Nicolau, Santa Justa, Magdalena e em outras egr.*
- 15 *Domingo da Paixão*. S. Zacharias P. S. Longuinhos, soldado. S. Henrique, rei de Dacia. *Benção no Menino Deus. Proc. dos Passos na Luz e S. Antão do Tojal.*
- 16 *Segunda*. S. Cyriaco M.
- 17 ☽ *Terça*. S. Patricio, apost. S. Gertrudes. *Quarto crescente ás 8 e 34 m. da manhã.*
- 18 *Quarta*. S. Gabriel Archanjo.
- 19 *Quinta*. S. José, esposo de Nossa Senhora e protector da egr. Catholica para alcançar de Deus boa morte. *Faz 34 annos a sr.ª D. Maria José Beatriz, 3.ª filha de D. Miguel de Bragança. Festa na egr. do Hospital de S. José, Martyres e outras egr.*
- 20 *Sexta*. As sete Dôres de Nossa Senhora. S. Martinho Dumiense, arceb. de Braga. *Festa na freg. de S. Nicolau, Santa Justa, Magdalena, Lapa e Santos o Velho, ermida das Dores, Boa Nova e Boa Morte. Princ. a primavera ás 8 h. e 48 m. da tarde.*

- 21 DE MARÇO. *Sabbado*. S. Bento, Ab. *Festa no Mos. da Encarnação. Faz 4 annos o sr. D. Luiz Philippe, Principe da Beira, 1.º filho de El-Rei D. Carlos I. (1887)*
- 22 *Domingo de Ramos*. S. Emygdio B M., S. Ambrosio de Sena, D. S. Benevenuto, B. F. *Festa na Sé, Procissão do Triumpho na cap. dos Terc. do Carmo em Lisboa. Campo Grande, Loures e Almada.*
- 23 *Segunda*. S. Felix e seus comp. Mm. *Com. as ferias.*
- 24 *Terça*. INSTITUIÇÃO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, S. Marcos, M. S. Agapito B.
- 25 ☉ *Quarta feira de Trevas*. ANNUNCIAÇÃO DE NOSSA SENHORA. *Officio na Sé, Martyres, Santa Justa e S. Roque. Lua cheia aos 35 m. da tarde.*
- 26 *Quinta feira de Endoenças*. (✠ desde o meio dia até ao meio dia seguinte). S. Ludgero, B. S. Theodoro B. M., S. Braulio B. *Festa de instrumental na Sé. Ceremonia do Lavapés na freg. dos Martyres, Paço d'Ajuda e S. Roque.*
- 27 *Sexta feira de Paixão*. S. Roberto B. S. Augusta, V. M. *Ind. nos conv. de S. Francisco. Proc. do Enterro do Senhor nas egr. de Jesus, Graça, e Dores, em Belem.*
- 28 *Sabbado de Alleluia*. S. Alexandre M. *Ind. na egr. do Loreto e conv. de S. Domingos.*
- 29 *Domingo de Paschoa*. S. Victorino e seus comp. Mm. *Benção papal na Sé de Lisboa. Ind. plen. na Parochial egr. do Loreto e nos conv. do Carmo e S. Domingos. Pequena gala.*
- 30 *Segunda (1.ª oitava)*. S. João Climaco A B. Angela de Fulgino, viuva, F.
- 31 *Terça (2.ª oitava)*. S. Benjamim, diacono, M., S. Balbina, V.

SIGNO DE



TAURUS

1 DE ABRIL. *Quarta*. S. Macario. As Chagas de St.ª Catharina de Senna.

- 2 DE ABRIL. ☾ *Quinta*. S. Francisco de Paula, conf., adv. da successão masculina e agua nos lugares seccos. S. Maria Egypciaca. *Festa e lausperene na egr. de S. Francisco de Paula. Ind. nos conv. de Santo Agostinho, Carmo e egr. do Loreto. Quarto ming. ás 5 e 54 m. da manhã.*
- 3 *Sexta*. S. Pancracio, B. M. S. Ricardo B. S. Benedicto, F. *Faz 60 annos a sr.^a D. Adelaide, viuva do sr. D. Miguel de Bragança.*
- 4 *Sabbado*. S. Izidoro, arc. de Sevilha, S. Zozimo. *Ind. na egr. do Loreto.*
- 5 *Domingo da Paschoela*. S. Vicente Ferrer, D. *Festa á Senhora das Angustias na egr. de S. Francisco de Paula. Communhão dos meninos nas freg. de S. Nicolau e Sacramento.*
- 6 *Segunda*. N. Senhora dos Prazeres e da Pena, S. Marcelino M. *Celebra-se a festa da Annunciação de Nossa Senhora. Festa e lausperenne na freg. da Pena. Com. as benções nupcias. Acabam as ferias.*
- 7 *Terça*. S. Epifanio, B. M.
- 8 ☽ *Quarta*. S. Amancio B. O B. Clemente de Osimo, A. *Lua nova ás 8 h. e 20 m. da tarde. Anniv. do Rei da Dinamarca Christinno 2.^o*
- 9 *Quinta*. Traslado de S. Monica. *Celebra-se a festa da Instituição do SS. Sacramento na sua freg. Ind. com as da Parciuncula em todas as egr. em que estiver ou tiverem a invocação do SS. Sacramento ou do Corpus Christi.*
- 10 *Sexta*. S. Ezequiel, propheta. *Ind. nos conv. do Carmo.*
- 11 *Sabbado*. S. Leão I. P. O B. André de Monte Real, A. *Ind. no Loreto.*
- 12 *Domingo do Bom Pastor*. S. Victor M. portuguez. *Festa do Bom Pastor na freg. dos Martyres, pela Irm. do Santissimo.*
- 13 *Segunda*. S. Hermenegildo, M.
- 14 *Terça*. Os Ss. Tiburcio e Valeriano, Mm. S. Pedro Gonçalves Telmo, D.
- 15 *Quarta*. As Ss. Basilissa e Anastacia, Mm. S. Eutychio, M.
- 16 ☽ *Quinta*. S. Engracia, V. M. portugueza. *Quarto crescente á 1 h. 4 m. da manhã.*
- 17 *Sexta*. S. Aniceto P. M. S. Elias, monge port.

- 18 DE ABRIL. *Sabbado*. S. Gualdino B. Card.
- 19 *Domingo*. O PATROCINIO DE S. JOSÉ. S. Hermogenes M. *Festa a Santa Maria Egypcia na freg. dos Martyres pela irmandade dos Archeiros, e ao Patrocínio de S. José na Estrella.*
- 20 *Segunda*. S. Ignez de Montepoliciano, V. D.
- 21 *Terça*. S. Anselmo, Arc. de Cantuaria. *Com. a nov. de Santa Catharina de Sena.*
- 22 *Quarta*. Os Ss. Sotero e Caio Mm. Santa Senhori-
nha, V. portugueza.
- 23 *Quinta*. S. Jorge M., defensor do Reino de Portuga-
l. (*Procissão de manhã*) da ermida de Nossa
Senhora da Saude e a S. Sebastião dos Artilhei-
ros. *Festa e lausperenne na freg. de S. Jorge de*
Arroyos.
- 24 ☿ *Sexta*. S. Fiel de Sigmaringa, M. F., S. Hono-
rato. *Com. as nov. de Nossa Senhora do Resgate*
Invenção de Santa Cruz. Lua cheia ás 4 h. e 29 m.
da manhã.
- 25 *Sabbado*. S. Marcos Evangelista.
- 26 *Domingo* (4.º) Fugida de Nossa Senhora para o
Egypto. S. Pedro de Rates 1.º B. de Braga.
Festa a Santa Catharina de Genova na egr. do
Loreto.
- 27 *Segunda*. S. Tertuliano B. S. Turibio, Arcebispo
de Lima. *Dedicação da Real Capella de Nossa*
Senhora das Necessidades (1750) e da egr. da
Graça.
- 28 *Terça*. S. Vital M. S. Prudencia B. O B. Lu-
cio F.
- 29 *Quarta*. S. Pedro M. D. S. Antonia, V. M. *Ind.*
nos conv. de S. Domingos, Com. a nov. da Ascen-
são. Outhorga da Carta Constitucional (1826) Gr.
gala. Cortejo. Não ha despacho.
- 30 *Quinta*. S. Catharina de Sena, V. D., S. Peregrino,
Servita. *Ind. nos conv. de S. Domingos. Prepara-*
ção para o Mez de Maria nas egr. e cap. em que
se celebra este santo exercicio. Festa na freg. de
Santa Catharina.



- 1 DE MAIO. ☿ *Sexta.* S. Philippe e S. Thiago. App. S. Segismundo, M. Rei de Borgonha, adv. contra as dôres quartãs. *Com. o Mez de Maria nas egr. dos Inglezinhos, S. Izabel, Salvador, S. Mamede, S. Paulo, Milagres, Conceição Velha, Magdalena, S. Luiz Rei de França, Recolhimento de S. Christovam. Quarto minguante á 1 hora e 14 m. da tarde.*
- 2 *Sabbado.* S. Athanasio, B. e dr. da egr. A. B. Mafalda, V. Infanta de Portugal. S. Flaviana V. M. adv. contra as doenças d'olhos.
- 3 *Domingo (5.º)* A MATERNIDADE DE NOSSA SENHORA. INVENÇÃO DA SANTA CRUZ. S. Alexandre e Juvenal, Mm. *Festa a Nossa Senhora do Resgate na sua ermida aos Anjos. Festa do Senhor Jesus dos Perdões por musica e de tarde Te-Deum no freg. da Magdalena. Festa nas freg. de Santo André e Santa Marinha e Santa Cruz do Castello.*
- 4 *Segunda.* (Rogações, n'estes tres dias abstinencia de carne). S. Monica, viuva, mãe de S. Agostinho. *Ind. nos conv. de S. Agostinho. Com. a nov. de N. Senhora dos Martyres.*
- 5 *Terça.* (Rogações). Conversão de Santo Agostinho. S. Pio V. P. D., S. Angelo M. C. *Anniversario natalicio da Imperatriz Eugenia, viuva de Napoleão 3.º*
- 6 *Quarta.* (Rogações e jejum). S. João ante portom lalianum. S. Damasceno. *Ind. na egr. do Loreto. Festa á Senhora do Amparo na ermida da Ascensão. Embarca o cyrio do Cabo e recebe S. Pedro de Louza.*
- 7 *Quinta.* ✠ ASCENSÃO DE N. SENHOR JESUS CHRISTO. S. Estanislaui, B. M., S. Augusto, M. *Festa e Hora da Nov. na Sé de Lisboa, erm. d'Ascensão, Bom Successo, Inglezinhos, Sacramento (em Alcantara), Santa Joanna, S. Julião, Martyres, Estrella e freg. do Sacramento. Com. a nov. de S. João Nepomuceno.*

- 8 DE MAIO ☉ *Sexta.* Aparição de S. Miguel Archânjo. *Ind. nos conv. do Carmo. Festa ao Senhor Jesus dos Impossiveis na ermida d'Ascensão. Festa na freg. de S. Miguel. Lua nova ás 5 h. e 39 n. da manhã.*
- 9 *Sabbado.* S. Gregorio Nazianzeno, B. e dr. da egr. Trasladação de S. Nicolau, B.
- 10 *Domingo.* S. Antonio, Arc. de Florença, D. Trasladação de S. João da Matta. *Ind. nos conv. de S. Domingos. Proc. e festa do Corpo de Deus na egr. do Salvador. Festa ao Patrocinio de S. José no conv. das Albertas.*
- 11 *Segunda.* S. Anastacio, M.
- 12 *Terça.* S. Joanna, princeza de Portugal, V. D. *Festa da sua egr. Desembarca (de tarde) em Belem o cirio do Cabo.*
- 13 *Quarta.* N. Senhora dos Martyres. S. Pedro Regalado, F. *Festa por instrumental e de tarde Te-Deum na freg. dos Martyres. Principia a nov. de Santa Rita de Cassia na freg. de S. Julião por musica instrumental. Com. a nov. do Espirito Santo.*
- 14 *Quinta.* S. Gil D. S. Bonifacio, M.
- 15 ☽ *Sexta.* S. Izidoro, lavrador. S. Indaleto e seus comp., Mm. *Quarto crescente, ás 6 e 28 m. da tarde.*
- 16 *Sabbado.* S. João Nepomuceno, M. adv. da boa fama. S. Ubaldo B. *Festa na egr. do Corpo Sanio pelos Terc. de S. Francisco da Cidade. Vesp. e matinas nos Martyres, Sacramento, e Sé. Com. o Triduo Solemnissimo na egr. do Senhor Jesus do Monte junto a Braga. Sae da freg. de S. Pedro em Alcantara o cyrio das Mercês e volta na terça feira á noite.*
- 17 *Domingo do Espirito Santo.* S. Paschoal Baylão, F. S. Possidonio, A. *Com. a nov. de S. Philippe Nery. Ind. nos conv. de S. Francisco. Jubileu no Arcebispado de Braga e por 8 dias no Patriarchado. Festa por instrumental na Sé.*
- 18 *Segunda (1.ª oitava).* S. Venancio M. S. Erico, rei da Suecia. S. Felix de Cantalicio, F.
- 19 *Terça (2.ª oitava).* S. Pedro Celestino, P. S. Ivo, F., S. Pudenciana, V. *Festa a S. João Nepomuceno na egr. do Corpo Santo. Chega o cyrio das Mercês.*

- 20 DE MAIO. *Quarta.* (Temp. e jej.). S. Bernardino de Sena.
- 21 *Quinta.* S. Manços, M., 1.º bispo de Evora.
- 22 *Sexta.* (Temp. e jej.). S. Rita de Cassia, viuva. S. Quiteria V. M. com 8 irmãs portuguezas. *Festa a Santa Rita de Cassia nas freg. de S. Julião, S. André, Ajuda, no Paço do Lumiar e em Evora. Ann. do consorcio de S. M. El-Rei o Sr. D. Carlos I. (1886).*
- 23 ☾ *Sabbado* (Temp. e jej.). S. Basilio, Arc. de Braga. S. Desiderio B. M. *Lua cheia ás 5 h. e 49 m. da t.*
- 24 *Domingo da SS. Trindade.* N. Senhora Auxiliadora, S. Afra M., Trasladação de S. Domingos.
- 25 *Segunda.* S. Gregorio VII, P., S. Maria Magdalena de Pazzi, V. C.
- 26 *Terça.* S. Philippe Nery, fundador da congr. do oratorio, S. Eleuterio, F. M.
- 27 *Quarta.* S. João, P. M. O Veneravel Beda. *Festa e proc. do Corpo de Deus na freguezia dos Martyres. Com. a nov. do Coração de Jesus.*
- 28 *Quinta.* ✠ CORPO DE DEUS. S. Gusmão, B. *Proc. (de tarde) do Corpo de Deus da Cidade, a que assistem SS. MM. e a côrte. Pegena gala.*
- 29 *Sexta.* S. Maximo, B., S. Theodosia, viuva, mãe de S. Procopio, M.
- 30 ☾ *Sabbado.* S. Fernando, rei de Castella, S. Felix P. M. *Quarto minguante ás 6 e 18 m. da tarde.*
- 31 *Domingo.* S. Petronilla V. O B. Diogo Salomonio, D. *Festa do Mez de Maria nas egr. mencionadas do 1.º dia d'este mez. Festa em Santa Quiteria de Meca. Festa dos Escravos do SS. Sacramento na egr. do Salvador, com Ind.*

SIGNO DE  CANCER

- 1 DE JUNHO. *Segunda.* S. Firmo, M., S. Fortunato, presbytero. O B. Thiago de Strepa, F. *Com. a tresena de Santo Antonio na sua igreja. Principia a nov. de N. Senhora da Conceição da Rocha na Sé, Santos e Estrella.*

- 2 DE JUNHO. *Terça.* S. Marcellino, M.
- 3 *Quarta.* S. Paula, V. M., S. Ovidio, B. de Braga.
- 4 *Quinta (Jejum).* S. Francisco Caracciolo. S. Quirino B. M. *Proc. do Corpo de Deus da Sé, denominada de casa.*
- 5 *Sexta.* ✠ O SS. CORAÇÃO DE JESUS. S. Marciano, M. S. Bonifacio B. M. O B. Pacifico, F. *Festa na ermida das Dôres, em Belem; Basilica do Coração de Jesus, a que assistem SS. MM. e a côrte. Festa e offerta na Sé e outras egr. Procissão (de tarde) em Jesus. Festa em Chellas e Carnide.*
- 6 ☉ *Sabbado.* S. Norberto, B. S. Paulina, V. M. *Lua nova ás 3 h. e 49 m. da tarde.*
- 7 *Domingo.* S. Roberto, Ab.
- 8 *Segunda.* S. Sebastião, S. Severino B. S. Sepia, V. *adv. contra a dôr de pedra.*
- 9 *Terça.* Os Ss. Primo e Feliciano Mm. S. Melania C.
- 10 *Quarta.* S. Margarida, rainha da Escocia.
- 11 *Quinta.* S. Barnabé, Ap., S. Onofre conf. *adv. contra as febres.*
- 12 *Sexta.* S. João de S. Fagundo. *Vesp. e mat. na egr. de Santo Antonio da Sé.*
- 13 *Sabbado.* ✠ S. ANTONIO DE LISBOA. *Ind. nos conv. l de S. Francisco. Festa por instrumental na Rea egr. de Santo Antonio da Sé, a que castuma assistir a Camara Municipal, e na freg. dos Martyres.*
- 14 ☽ *Domingo.* Nossa Senhora Mãe de Deus e dos Homens. S. Basilio Magno B. e dr. da egr., S. Eliseu, prof. *Festa na egr. de S. Mamede. Quarto crescente ás 11 h. e 57 m. da manhã.*
- 15 *Segunda.* S. Vito M., S. Abrahão, abb., *adv. contra o demasiado choro das creanças. Princ. a nov. de S. João Baptista.*
- 16 *Terça.* S. João Francisco Regis.
- 17 *Quarta.* A B. Thereza, rainha de Leão, portugueza., S. Manuel e seus irm., Mm.
- 18 *Quinta.* Os Ss. Marcos e Marcolino, irm. Mm. A. B. Osana V. D., S. Calagero, cenf. *adv. contra o mal-das hernias.*
- 19 *Sexta.* S. Juliana de Falconeri, V. Os Ss. Gervasio e Protasio, Mm., A B. Miquelina, viuva, F.
- 20 *Sabbado.* S. Silverio, P. M. *Princ. a nov. de S. Pedro.*

- 21 DE JUNHO. *Domingo* (4.º) S. Luiz Gonzaga. *Festa ao Senhor Jesus dos Triumphos, na sua ermida em Alcantara. Com. o estio ás 4 h. e 57 m. da tarde.*
- 22 ☉ *Segunda.* S. Paulino B. O B. Philippe de Placencia, A. *Lua cheia ás 4 h. e 36 m. da manhã.*
- 23 *Terça (Jejum).* S. João Sacerdote, S. Edeltrudes, rainha da Bretanha.
- 24 *Quarta.* ✠ Nascimento de S. João Baptista. *Ind. nos conv. do Carmo e nas egr. do Loreto, S. Lourenço e Santo Amaro. Festa na Penha de França, Lumiar, Almada, Alcochete e Alhandra. Festa na cap. em S. Roque.*
- 25 *Quinta.* S. Guilherme, abb., S. Febronia, V. M., S. Tude, adv. contra a tosse, *que se venera na freguezia da Magdalena. Ind. plen. na egr. do Bom Successo.*
- 26 *Sexta.* S. João e Paulo, irmãos, Mm., S. Pelayo, M.
- 27 *Sabbado (Jejum).* S. Ladislau, rei da Hungria. O B. Benavento, F.
- 28 ☽ *Domingo* (5.º) A PUREZA DE NOSSA SENHORA., S. Leão II, papa. *Festa da Pureza de Nossa Senhora na freg. de S. Mamede, e da Nossa Senhora da Lapa na sua freg. Quarto minguante ás 10 h. é 39 m. da tarde.*
- 29 *Segunda.* ✠ S. Pedro e S. Paulo, app. *Ind. nos conv. do Carmo, egr. do Loreto e Santo Amaro e plen. na cap. das Oblatas á Ajuda.*
- 30 *Terça.* Commemoração de S. Paulo, Ap. S. Marçal, B.

SIGNO DE



LEO

- 1 DE JULHO. *Quarta.* S. Theodorico, Ab.
- 2 *Quinta.* Visitação de Nossa Senhora. *Festa na egr. de S. Roque. Ind. no conv. do Carmo, e plen. na ermida dos Milagres.*
- 3 *Sexta.* S. Jacintho, M., S. Heliodoro, B. *Os lentes da Universidade de Coimbra vão á egr. de S. Clara.*

- 4 DE JULHO. *Sabbado*. S. Izabel, rainha de Portugal, F. *Festa e lausperenne na freg. de Santa Izabel, no conv. de Santa Clara em Coimbra. Festa na freg. de S. Nicolau. Ind. nos conv. de S. Francisco.*
- 5 *Domingo* (6.^o) FESTA DO PRECIOSISSIMO SANGUE DE N. SENHOR JESUS CHRISTO. S. Athanasio, M. S. Miguel dos Santos, adv. contra os cancos e tumores.
- 6 ☉ *Segunda*. Santa Domingas, V. M. *Com. a nov. de S. Camillo de Lelis. Lua nova ás 3 h. e 22 m. da m.*
- 7 *Terça*. S. Pulqueria, V., S. Claudio e seus comp. *Com. as nov. de N. Senhora do Monte Carmo na cap. dos Terc. do Carmo e no Recolhimento do Carmo ao Passadiço e Estrella.*
- 8 *Quarta*. S. Procopio M. O B. Lourenço de Brundusio, F.
- 9 *Quinta*. S. Cyrillo, B. M., O B. João de Colonia, M., O B. Nicolau e seus comp., Mm. *Ind. nos conv. de S. Francisco. Entrada do exercito Libertador no Porto (1832).*
- 10 *Sexta*. S. Januario e seus comp., Mm., S. Amelia, V. A B. Joanna Escopelli, C. *Pronome de S. M. a Princeza D. Amelia. Peq. gala.*
- 11 *Sabbado* S. Sabino. *Traslad. de S. Bento.*
- 12 *Domingo*. N. Senhora do Patrocínio, S. João Gualberto, Ab., S. Nabor, e S. Felix Mm. *Festa na cap. dos Terc. do Carmo.*
- 13 *Segunda*. S. Anacleto, P. M. *Faz 30 annos a Serenissima Sr.^a D. Maria Anna, 5.^a fitha do Sr. D. Miguel de Bragança.*
- 14 ☽ *Terça*. S. Boaventura B. card. F. *Ind. nos conv. de S. Francisco. Quarto crescente ás 4 h. e 52 m. da manhã.*
- 15 *Quarta*. S. Camillo de Lellis. S. Henrique, imperador. O B. Ignacio de Azevedo, portuense e seus 39 comp., jesuitas portuguezes.
- 16 *Quinta*. Triumpho da Santa Cruz. N. Senhora do Monte do Carmo. S. Sizenando, M. O B. Ceslau, M. *Ind. na R. egr. de Santo Antonio e por 8 dias nos conv. do Carmo com Benç. no 1.^o. Festa no conv. de S. Alberto e na cap. dos Terc. da Carmo por instrumental e lausperenne com ind. plen. e Benç. para os Irmãos. Festa na freg. de S. Nicolau, Estrella e Recolhimento, ao Passadiço.*

- 17 *Sexta*. DE JULHO. S. Aleixo. *Com. a nov. de Sant'Anna.*
- 18 *Sabbado*. S. Marinha, V. M., S. Frederico, B. M. *S. Festa na freg. de Santo André e Santa Marinha.*
- 19 *Domingo* (8.º) O Anjo Custodio do Reino. S. Vicente de Paula. As Ss. Justa e Rufina, Mm. O B. João Dukla, F. *Festa na freg. ds S. Justa. Ind. plen. na egr. de S. Luiz Rei de França.*
- 20 *Segunda*. S. Jeronymo Emiliano. S. Elias, propheta, S. Margarida, V. M. *Ind. no conv. do Carmo. Festa a Santo Elias na cap. dos Terc. do Carmo.*
- 21 ☉ *Terça*. S. Praxedes V. *Lua cheia á 1 h. e 17 m. da tarde.*
- 22 *Quarta*. S. Maria Magdalena. S. Platão, M., adv. e libertador dos captivos. *Festa e lausperenne na freg. da Magdalena.*
- 23 *Quinta*. S. Apolinario, B., M., adv. contra as quebra-duras. S. Liborio, B., adv. contra a dôr de pedra.
- 24 *Sexta*. S. Christina, V. M., S. Francisco Solano, F. *Desembarque do Exercito Libertador em Lisboa (1833). Te-Deum no Hosp. dos Inv. de Runa pelo 64.º anniv.*
- 25 *Sabbado*. S. Thiago, Ap. S. Christovão, adv. contra o fastio. S. Valentina, V. M. *Com. os 18 sab. de N. Senhora da Penha de França. Ind. e festa em varias egr.*
- 26 *Domingo*. SANT'ANNA, Mãe da Mãe de Deus, adv. contra a esterilidade dos casados. Ss. Symphronio, Olympio e Theodulo, Mm. *Ind. plen. no conv. do Carmo. Festa no Bom Successo, Sant'Anna, Claustro da Sé, etc. Bemfica. Festa a Nossa Senhora do Livramento em Alcantara. Com. as nov. de S. Domingos. Princ. os 18 dom. de Nossa Senhora da Penha de França.*
- 27 *Segunda*. S. Pantaleão, medico, A. B. Cunegundes.
- 28 ☾ *Terça*. S. Innocencio, P. *Quarto minguinte ás 3 e 56 m. da manhã.*
- 29 *Quarta*. S. Martha, V. S. Olavo, rei da Noruega. *Festa na egreja de Santa Martha. Com. a nov. de S. Caetano.*
- 30 *Quinta*. S. Rufino, M. As Ss. Maxima e Donatilla, Mm. *Festa da Dedicção da Parochial egr. de N. Senhora dos Martyres.*

31 DE JULHO. *Sexta.* S. Ignacio de Loyola. *Ind. plen. na egr. de Santa Brígida. Faz 26 annos o Ser. Sr. Infante D. Affonso (1865). Juramento da Carta Constitucional (1826). Gr. gala. Cortejo. Não ha despacho.*

SIGNO DE



VIRGO

- 1 DE AGOSTO. *Sabbado.* S. Pedro ad Vincula. Os Martyres de Chellas.
- 2 *Domingo.* N. Senhora dos Anjos. S. Estevão P. M. S. Affonso Ligorio, B. e dr. da egr. *Ind. da Porciuncula nas egr. dos conv. de S. Francisco, Real egr. de St.º Antonio da Sé, cap. das Oblatas, na Ajuda, e na cap. do Bomjardim junto a Bellas. Nome do Ser. Sr. Inf. D. Affonso.*
- 3 *Segunda.* Invenção da S. Estevão Proto-Martyr.
- 4 ☉ *Terça.* S. Domingos. *Ind. nos seus conv. e comm. ger. Benção para os Terceiros. Lua nova ás 4 h. e 36 m. da tarde.*
- 5 *Quarta.* N. Senhora das Neves. *Festa na freg. do Socorro. Faz 38 annos a Ser. Sr.ª D. Maria das Neves, 1.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*
- 6 *Quinta.* Transfiguração de Christo. Sant'Iago, eremita. *Ind. na egr. do Loreto e plen. na ermida da Ascensão. Com. nov. da N. Senhora d'Assumpção, a da Senhora da Salvação na Arruda, da Senhora do Castello em Coruchê e a da Senhora da Saude na erm. do Calhariz de Bemfica. Festa nos Oliveaes.*
- 7 *Sexta.* S. Caetano., S. Alberto, C., S. Severino, M. *Festa de S. Caetano na sua egr. e a S. Alberto na egr. dos Terc. do Carmo. De tarde Benção da agua com a reliquia de S. Alberto. Com. a nov. de S. Roque.*
- 8 *Sabbado.* S. Cyriaco e seus comp. Mm., S. Severo, Presbytero.
- 9 *Domingo.* N. Senhora da Boa Morte. S. Romão, M.
- 10 *Segunda.* S. Lourenço M., S. Philomena V. M. *Ind. na egr. do Loreto, e por 8 dias em S. Lourenço. Festa e lausperenne na egr. de S. Lourenço.*

- 11 DE AGOSTO. *Terça*. Os Ss. Tiburcio e Susana, Mm.
- 12 ☽ *Quarta*. S. Clara, V. M. *Ind. nos conv. de S. Francisco. Quarto crescente ás 8 h. e 35 m. da tarde.*
- 13 *Quinta*. Os Ss. Hypolito e Cassiano, Mm., S. Helena, V. M. *Ind. na egr. do Salvador.*
- 14 *Sexta*. (*Jej.*). S. Eusebio., S. Athanasia, viuva. *Com. a nov. do Coração de Maria. Cyrio de N. S. do Rosario.*
- 15 *Sabbado*. ✠ ASSUMPTÃO DE NOSSA SENHORA. *Jubileu no arcebispado de Braga e por 8 dias no Patriarchado e na egr. da Graça. Ind. nas egr. do Loreto, Guia, S. Lourenço, Milagres e outras egr. Festa a N. Senhora da Salvação, na Arruda, da Senhora do Castello, em Coruche e da Senhora da Saude no Calhariz de Bemfica. Festa em Santa Maria de Loures e procissão. Festa na Sé e S. João da Praça.*
- 16 *Domingo*. S. Joaquim, Pae de N. Senhora, S. Roque, F., adv. contra a peste. S. Jacintho D. *Ind. e festa na egr. da Visitação. Ind. nos conv. de S. Domingos.*
- 17 *Segunda*. S. Mamede, M., adv. contra a falta de leite nas mulheres que criam. *Officio e missa na cap. do Hospital dos Invalidos de Runa, por alma da Ser. Princeza D. Maria Francisca Benedicta, sua fundadora.*
- 18 *Terça*. S. Clara de Monte Falco. V. A.
- 19 ☽ *Quarta*. S. Luiz, B. F. *Ind. nos conv. de S. Francisco. Com. a nov. de S. Agostinho. Lua cheia ás 8 h. e 52 m. da tarde.*
- 20 *Quinta*. S. Bernardo, Ab. e dr. da egr. *Ind. nos seus most.*
- 21 *Sexta*. S. Joanna Francisca, viuva de S. Anastacio, M. S., S. Umbelina, irmã de S. Bernardo. *Ind. e festa na egr. da Visitação.*
- 22 *Sabbado*. S. Thimotheo, M.
- 23 *Domingo*. O SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA. S. Philippe Benicio. S. Liberato e seus comp., Mm., Aa. *Festa do Sagrado Coração de Maria na sua ermidã no Campo Grande e Commendadeiras da Encarnação.*



- 24 DE AGOSTO. *Segunda*. S. Bartholomeu, Ap. *Ind. na egr. do Loreto. Faz 36 annos a Ser. Sr.ª D. Maria Thereza, 2.ª filha do sr. D. Miguel de Bragança.*
- 25 *Terça*. S. Luiz, rei de França, F. *Ind. nos conv. de S. Francisco, e plen. em S. Luiz, (egr. da nação franceza), n'este ou em qualquer dia do seu oitavario.*
- 26 ☾ *Quarta*. S. Zeferino, P. M. *Quarto minguante ás 11 h. e 33 m. da manhã.*
- 27 *Quinta*. S. José de Calazans, S. Rufino B. M.
- 28 *Sexta*. S. Agostinho, B. e dr. da egr. *Ind. nos seus conv. e Benção para os Terceiros.*
- 29 *Sabbado*. Degolação de S. João Baptista. *Ind. nos conv. do Carmo e egr. do Loreto. Embarcam os cyrios da Atalaya e chegam na 2.ª feira.*
- 30 *Domingo*. S. Rosa de Lima, V. D., S. Fiacrio, conf., adv. contra os caneros. *Ind. nos conv. de S. Domingos. Princ. as nov. de N. S. das Necessidades e da Luz. Festa do Senhor da Serra em Bellas.*
- 31 *Segunda*. S. Raymundo Nonnato, Cardeal. *Acabam os caniculares.*

SIGNO DE



LIBRA

- 1 DE SETEMBRO. *Terça*. S. Egydio, Ab., S. Constançio B. *Princ. a nov. de S. Nicolau Tolentino. Com. as ferias nos tribunaes.*
- 2 *Quarta*. S. Estevam, rei da Hungria. S. Brocardo, C.
- 3 ☽ *Quinta*. S. Eufemia, V. M. Os Bb. João da Perusia e S. Pedro de Saxoferrato, Mm. Ff. *Lua nova ás 7 h. e 39 m. da manhã.*
- 4 *Sexta*. S. Rosa de Viterbo, V. F., S. Candida. *Ind. nos conv. de S. Francisco.*
- 5 *Sabbado*. S. Antonino, M. O B. Gentil. *Trasladação dos Martyres de Lisboa. Embarca o cyrio da Atalaya da freg. de S. Estevão e volta na segunda feira.*
- 6 *Domingo*. S. Libania. V. A. Os Ss. dos Conegos Regrantes.

- 7 DE SETEMBRO. *Segunda*. S. João, M., S. Anastacio, M.
- 8 *Terça*. Nascimento de Nossa Senhora. S. Regina, V. M., S. Andrião, M., adv. contra a peste e quebraduras. *Festa de N. Senhora da Boa Hora na freg. de S. Julião. Ind. nas egr. das Necessidades, Loreto e conv. do Carmo. Festa em varias egr. Nome de S. M. a Rainha a Sr.^a D. Maria Pia. Peg. gala*
- 9 *Quarta*. S. Sergio, B. A B. Seraphina, viuva, F. *Assiste a Camara Municipal de Lisboa, na Real egr. de Santo Antonio ao officio por alma de D. Sancha e no dia seguinte á missa.*
- 10 *Quinta*. S. Nicolau Tolentino, A., conf., adv. contra as sessões terças. *Ind. nos conv. dos Eremitas de S. Agostinho.*
- 11  *Sexta*. S. Theodora, penitente. Os Ss. Proto e Jacintho, Mm. O B. Bernardo de Offida, F. *Quarto crescente ás 10 h. e 30 m. da manhã.*
- 12 *Sabbado*. S. Auta, V. M. *Embarca o cyrio da Atalaya das freg. do Salvador e S. Thomé, e volta na segunda feira. Anniv. do consorcio da Sr.^a Inf. D. Antonia.*
- 13 *Domingo*. O SS. Nome de Maria. S. Philippe, M. *Festa de N. Senhora da Graça na freg. de S. Bartholomeu de Lisboa, pela irmandade do Santissimo.*
- 14 *Segunda*. Exaltação da Santa Cruz. *Ind. nos conv. do Carmo e plen. na erm. d'Ascensão. Festa de N. Senhora da Graça na sua egr. e Belem pelas irmandades dos Passos.*
- 15 *Terça*. S. Domingos em Soriano. S. Nicomedes M., S. Militina, M. *Ind. nos conv. de S. Domingos. Com. a nov. de Nossa Senhora das Mercês.*
- 16 *Quarta*. (Temp. jej.). *Trasladação de S. Vicente, M. Ss. Cornelio e Cypriano, Mm.*
- 17 *Quinta*. S. Pedro d'Arbués, M., As Chagas de S. Francisco., S. Comba, V. M. *Ind. nos conv. de S. Francisco.*
- 18  *Sexta*. (Temp. jej.). S. José de Cupertino, F., S. Thomaz de Villa Nova, B. A. *Ind. nos conv. de S. Agostinho. Lua cheia ás 4 h. e 27 m. da manhã.*

- 19 DE SETEMBRO. *Sabbado.* (*Temp. jej.*) S. Januario, B. M., S. Constança M., Milagrosa Apparição de Nossa Senhora em La Salette (França) em 1846. *Faz 38 annos o Ser. Sr. D. Miguel Maria, 1.º filho do Sr. D. Miguel de Bragança.*
- 20 *Domingo.* Festa das Dôres de Nossa Senhora, S. Eustaquio e seus comp. *Com. a nov. de S. Miguel.*
- 21 *Segunda.* S. Matheus, Ap. e Evang. S. Ifigenia, princeza. *Ind. na egr. do Loreto.*
- 22 *Terça.* S. Mauricio e seus comp., Mm.
- 23 *Quarta.* S. Lino, P. M., S. Tecla, V. M. *Princ. o outono ás 7 h. e 37 m. da manhã.*
- 24 ⑤ *Quinta.* N. Senhora das Mercês. S. Geraldo, B. M. O B. Dalmario, D. *Anniv. do obito de S. M. Imperial o Duque de Bragança D. Pedro IV em 1834. Quarto minguante ás 10 h. e 31 m. da tarde.*
- 25 *Sexta.* S. Firmino, B. M., S. Herculano, soldado, M., S. Pacifico de S. Severino, F. *Com as nov. de Nossa Senhora do Rosario e de S. Francisco.*
- 26 *Sabbado.* Os Ss. Cypriano e Justina, Mm. A B. Luzia, N. F.
- 27 *Domingo.* S. João Marcos, B. M. Os Ss. Cosme e Damião, Mm., S. Elizario F. *Ind. plen. no egr. de S. Luiz, rei de França.*
- 28 *Segunda.* S. Wenceslau, duque de Bohemia, S. Bernardino de Feltro, F. O B. Simão de Roxas. *Festa da Dedicção da Egr. Parochial do SS. Sacramento em Lisboa. Comm. e Ind. plen. na egr. de S. Luiz. Faz 28 annos S. M. El-Rei o sr. D. Carlos e 26 a sua consorte a Rainha a Sr.^a D. Maria Amelia. Anniv. do obito do sr. Infante D. Augusto (1889).*
- 29 *Terça.* S. Miguel Archanjo. *Ind. nos conv. do Carmo, e na freg. dos Anjos para os irmãos das irmandades das Almas. Festa na freg. de S. Miguel e em Santos-o-Velho.*
- 30 *Quarta.* S. Jeronymo, dr. da egr. *Festa em Belem. Acabam as ferias.*



- 1 DE OUTUBRO. *Quinta.* Os Ss. Verissimo, Maxima e Julia, Irs., Mm. portug. S. Remigio, B. *Ind. plen. na Real Basilica de Mafra nos primeiros 15 dias d'este mez.*
- 2 *Sexta.* Os Anjos da Guarda.
- 3 ☉ *Sabbado.* S. Candido, M. S. Maximo, B. *Trasladação de Santa Clara. Lua nova aos 21 m. da manhã.*
- 4 *Domingo.* O SS. Rosario de Nossa Senhora. S. Francisco d'Assis. *Ind. na egr. do Loreto e por 8 dias nos conv. de S. Domingos. Comm. geral e benção para os Terc. de S. Domingos. Festa e ind. na egr. do Rego. Proc. do Rosario, de tarde, do Bom Successo, Santa Joanna, Desterro e em Mafra.*
- 5 *Segunda.* S. Placido e seus comp., Mm.
- 6 *Terça.* S. Bruno. *Com. a nov. de Santa Thereza.*
- 7 *Quarta.* S. Marcos, P. O B. Matheus Carrerio. D.
- 8 *Quinta.* S. Brigida, V., princeza de Nericia. S. Pelagia, penitente.
- 9 *Sexta.* S. Dionysio B. de Paris, S. Andronico e Athanasia, Mm. *Festa em Odivellas e bodo aos pobres.*
- 10 ☾ *Sabbado.* S. Francisco de Borja, Padroeiro do Reino e conquistas, adv. contra os terremotos. S. Luiz Beltrão, D. *Ind. nos conv. de S. Domingos e plen. na egr. de S. Brigida. Offerta na Sé de Lisboa. Com. a nov. de S. Pedro d'Alcantara. Anniv. nat. da Ex-Rainha de Hespanha D. Isabel. Quarto crescente ás 10 h. e 20 m. da tarde.*
- 11 *Domingo.* Nossa Senhora dos Remedios. S. Firmino, B. *Traslad. 1.ª de Santo Agostinho. Ind. nos seus conv. Festa na Sé. Chega o cyrio das Palmelloas a Nossa Senhora da Penha de França. Com. a feira do Campo Grande*
- 12 *Segunda.* S. Cypriano, B. M., S. Serafino, F. *Festa das Palmelloas na Penha de França.*
- 13 *Terça.* S. Eduardo, adv. contra a gotta coral. S. Daniel e seus comp. Mm. *Ind. nos conv. de S. Francisco.*

- 14 DE OUTUBRO. *Quarta.* S. Calixto, P. M. S. Gaudencio B. M.
- 15 *Quinta.* S. Thereza de Jesus. *Ind. nos conv. do Carmo e em S. Lourenço. Com. as nov. de S. Raphael.*
- 16 *Sexta.* S. Martiniano, M. A., S. Gallo, Ab. *Faz 44 annos S. M. a Rainha a Sr.ª D. Maria Pia, viuva. Gr. gala. Cortejo. Não ha despacho.*
- 17 ☿ *Sabbado,* S. Hedwiges, viuva, duqueza de Polonia. *Lua cheia á 1 h. e 8 m. da tarde.*
- 18 *Domingo.* S. Lucas Evangelista. *Ind. na egr. do Loreto.*
- 19 *Segunda.* S. Pedro d'Alcantara, F. *Ind. nos conv. de S. Francisco. Festa e lausperenne na egr. do Recolhimento das Orphãs em S. Pedro de Alcantara. Anniv. do obito de S. M. El-Rei D. Luiz I, em Cascaes, tendo de idade 50 annos 11 mezes e 19 dias (1889).*
- 20 *Terça.* S. João Cancio, adv. contra as febres. S. Iria, V. M. portug.
- 21 *Quarta.* Santa Ursula e suas comp., Vv., Mm.
- 22 *Quinta* Dedicacão da Real Basilica de Mafra. S. Maria Salomé. O B. Ladislau, F. O B. Gregorio Celli, A.
- 23 *Sexta.* S. João Capistrano, F., S. João Bom, A, *Ind. nos conv. de S. Francisco.*
- 24 ☿ *Sabbado.* S. Raphael Archanjo. S. Fortunato, M. *Quarto minguanté á 1 h. e 20 m. da tarde.*
- 25 *Domingo.* Os Ss. Chrispim e Chrispiniano, Irs. Mm. *Conquista de Lisboa por D. Affonso Henriques.*
- 26 *Segunda.* S. Evaristo, P. M. S. Luciano e seus comp., Mm. O B. Boaventura de Potenza, F.
- 27 *Terça.* Os Martyres de Evora. S. Elesbão, imperador da Ethiopia.
- 28 *Quarta.* S. Simão e S. Judas Thadeo, Ap. *Ind. na egr. do Loreto.*
- 29 *Quinta.* Trasladação de Santa Isabel, rainha de Portugal. S. Feliciano, M., S. Eusebia, V. M. A. B. Bemvinda, V. D. *Festa no conv. de Santa Clara em Coimbra.*
- 30 *Sexta.* S. Serapião, B. C.
- 31 *Sabbado.* (*Jej.*). S. Quintino, M. O B. Thomaz de Florença, F.



- 1 DE NOVEMBRO. ☉ Domingo. FESTA DE TODOS OS SANTOS. Jubileu no arcebispo. de Braga e por 8 dias no patriarch. Ind. na egr. do Loreto e Hospital da Victoria. Lua nova ás 5 h. e 56 m. da tarde.
- 2 Segunda. (Comm. dos Fieis Defunctos.) S. Victorino, M.
- 3 Terça. S. Malaquias, B. primaz da Irlanda.
- 4 Quarta. S. Carlos Borromeu, arceb. card..
- 5 Quinta. S. Zacharias e S. Izabel, paes de S. João Baptista. Ann. do obito do Ser. Sr. Inf. D. Augusto.
- 6 Sexta. S. Severo, B. M., S. Leonardo.
- 7 Sabbado. S. Florencio B. Com. a nov. do Beato Gonçalo de Lagos.
- 8 Domingo. S. Severiano e seus Comp., Mm. Com. a nov. de S. Gertrudes.
- 9 ☽ Segunda. Dedicção da Basilica do Salvador em Roma. S. Theodoro, M. Os Ss. da Ord. de S. Domingos Ind. nos seus conv. Quarto cresc. ás 8 h. e 10 m. da m.
- 10 Terça. S. André Avelino, conf., adv. contra os accidentes apopleticos. S. Florencio, M. Os Def. da Ord. de S. Domingos Faz 33 annos a Ser. Sr.^a D. Aldegundes de Jesus Maria, 4.^a filha do Sr. D. Miguel de Bragança.
- 11 Quarta. S. Martinho B. Anniv. do obito de S. M. El-Rei o Sr. D. Pedro V em 1861.
- 12 Quinta. S. Martinho, P. M. S. Diogo, F. Ind. nos conv. de S. Francisco.
- 13 Sexta. S. Eugenio B. de Toledo.
- 14 Sabbado. (Jez. excepto no bisp. de Coimbra). Trasladação de S. Paulo, 1.^o Eremita. O B. Gabriel, F. Ind. nos conv. do Carmo. Obito do Sr. D. Miguel.
- 15 ☽ Domingo. O Patrocínio de Nossa Senhora. Dedicção da Real Basilica do SS. Coração de Jesus. S. Gertrudes Magna. O B. Alberto, D. Ind. nos conv. do Carmo. Obito da Rainha a Sr.^a D. Maria II. Lua cheia ás 11 h. e 40 m. da tarde.
- 16 Segunda. O B. Gonçalo de Lagos, A. S. Valerio, M. S. Ignez, V. A B. Luzia de Narni, V. D. Os Ss. da Ord. de S. Francisco de Paula. Princ. a nov. de Santa Catharina.

- 17 DE NOVEMBRO. *Terça*. S. Gregorio Thaumaturgo, B. A B. Salomea V. F. Os Def. da Ord. do Carmo e S. Francisco de Paula.
- 18 *Quarta*. S. Romão, M.
- 19 *Quinta*. S. Isabel, rainha da Hungria, F. *Ind. nos conv. de S. Francisco*.
- 20 *Sexta*. S. Felix de Valois, fund. dos Trinos. *Benção e Ind. nos conv. da Trindade*.
- 21 *Sabbado*. Apresentação de N. Senhora. *Ind. nos conv. do Carmo, em S. Lourenço, e erm. dos Milagres*.
- 22 *Domingo*. S. Cecilia V. M. *Festa da Santa na freg. dos Martyres*.
- 23 ☾ *Segunda*. S. Clemente, P. M. S. Felicidade, M. *Quarto minguante ás 7 h. e 49 m. da manhã*.
- 24 *Terça*. S. João da Cruz, C. S. Estanislaú Kostka. S. Chrisostomo, M., S. Romão, presbytero, adv. contra os perigos d'agua. *Ind. nos conv. do Carmo. Princ. a nov. de Francisco Xavier*.
- 25 *Quarta*. S. Catharina do Monte Sinay, V. M. *Festa na sua freg. Ind. nos conv. do Carmo. Com. a nov. S. Barbara*.
- 26 *Quinta*. S. Pedro Alexandrino, B. M. A B. Delfina, V. F.
- 27 *Sexta*. S. Margarida de Saboia, viuva., S. Leonardo de Porto Mauricio, F. *Com. a nov. de S. Nicolau*.
- 28 *Sabbado*. S. Gregorio III, P. S. Jacobo da Marca, F. *Ind. nos conv. de S. Francisco. Faz 29 annos a Ser. Sr.ª D. Maria Antonia, 6.ª filha do sr. D. Miguel de Bragança*.
- 29 *Domingo*. (1.º do advento). S. Saturnino, M. Os Ss. das 3 Ord. de S. Francisco. *Com. a nov. de Nossa Senhora da Conceição*.
- 30 *Segunda*. S. André, Ap. *Ind. na egr. do Loreto e freg. dos Anjos para os Irm. da Irm. das Almas*.

SIGNO DE



SAGITARIO

1 DE DEZEMBRO ☉ *Terça*. S. Eloy B. *Acclamação d'El-Rei D. João IV (1640). Simp. gala. Lua nova ás 11 h. e 8 m. da manhã*.

- 2 DE DEZEMBRO. *Quarta.* S. Bibiana, V. M. Os Def. das Tres Ord. de S. Francisco. *Anniv. do ex-imperador do Brazil, D. Pedro II.*
- 3 *Quinta.* S. Francisco Xavier. *Festa do Santo na egr. de do Colleginho com ind. plen. na egr. de S. Brigida.*
- 4 *Sexta. (Jej.)*, S. Barbara, V. M. S. Pedro Crysologo B. dr. da egr. *Festa em S. Julião.*
- 5 *Sabbado. (Jej.)*. S. Gerardo, Arc. de Braga. S. Sabbas, Ab. A B. Isabel Bona, V. F. *Officio de S. Cecilia na freg. dos Martyres. Princ. a nov. de Santa Luzia. Vesp. na freg. de S. Nicolau.*
- 6 *Domingo (2.º do adv.)*. S. Nicolau, B. *Festa na sua freg.*
- 7 *Segunda.* S. Ambrosio, B. e dr. da egr. *Matinas na Sé.*
- 8 ① *Terça.* ✠ FESTA DA IMMACULADA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA, Padroeira do Reino e Conquistas. *Jubileu na egr. da Graça. Ind. no Loreto, S. Lourenço e nos conv. do Carmo, S. Francisco, Santo Agostinho, e Trindade. Festa na Sé Patriarchal a que assiste El-Rei e a cõrte. E' dia de offerta. Benção Papal. Grande gala. Quarto crescente ás 4 h. e 37 m. da tarde.*
- 9 *Quarta.* S. Leocadia, V. M.
- 10 *Quinta.* *Trasladação da Santa Casa do Loreto.* S. Melchiades, P. M. *Festa ao Senhor Jesus da Ressauração na egr. da Conceição Nova.*
- 11 *Sexta. (Jej.)*. S. Damaso, P. portug. S. Francisco, C.
- 12 *Sabbado. (Jej.)*. S. Justino.
- 13 *Domingo (3.º do adv.)*. S. Luzia, V. M. adv. contra a doença dos olhos. O B. João Marinonio. *Benção em Jesus para os Terc. Festa na egr. das Chagas.*
- 14 *Segunda.* S. Agnello, Ab.
- 15 ② *Terça.* S. Eusebio B. M. *Festa da nobre Irm. das Escravas de Nossa Senhora da Conceição na Real Cap. do Paço da Ajuda. Anniv. do obito de Sua Magestade El-Rei o sr. D. Fernando. Lua cheia aos 16 m. da tarde.*
- 16 *Quarta. (Temp. jej.)*. As Virgens de Africa, Mm. Aa. S. Adelaide, imperatriz, viuva. O B. Sebastião Maggi, D. *Traslad. de St.ª Maria Magdalena de Pazzi. Ind. no conv. do Carmo. Com. a nov. do Natal na egr. das Orphãos de S. Pedro d'Alcantara. Anniv. do rei Leopoldo da Belgica.*

- 17 DE DEZEMBRO *Quinta.* S. Bartholomeu de S. Geminiano. S. Lazaro, B.
- 18 *Sexta.* (*Temp. jej.*). Nossa Senhora do O', S. Espiridião, C.
- 19 *Sabbado.* (*Temp. jej.*). S. Fausta, mãe de S. Anastacia. S. Adjuncto, Ab.
- 20 *Domingo.* (*4.º do adv.*). S. Domingos de Silos, Ab.
- 21 *Segunda.* S. Thomé, Ap. *Ind. no Loreto.*
- 22 *Terça.* S. Honorato, M. *Com. o inverno às 2 h. e 4 m. da manhã.*
- 23 ☉ *Quarta.* S. Servulo, adv. contra a paralyisia. S. Victoria, V. M. O B. Nicolau Factor, F. *Quarto mingunte às 5 h. e 2 da manhã.*
- 24 *Quinta.* (*Jejum*). S. Gregorio, M. *Ferías até aos Reis. Com. a nov. da Circumcisão do Senhor. Vesp. e matinas na Sé, Martyres, Inglesinhos e Menino de Deus.*
- 25 *Sexta.* ✠ NASCIMENTO DE N. SENHOR JESUS CHRISTO. *Jubileo no Arceb. de Braga, e por 8 dias no Patriarch. Ind. na egr. do Loreto, Hospital da Victoria, Senhora do Monte, e plen. na cap. das Oblatas. Benção nos conv. de S. Agostinho. Peq. gala.*
- 26 *Sabbado.* (*1.ª oitava*). S. Estevão Protomartyr. *Ind. na egr. do Loreto. Benção nos conv. do Carmo e para os Terc. de S. Francisco da Cidade e de Jesus. Comm. geral e benção para os Terc. de S. Domingos.*
- 27 *Domingo* (*2.ª oitava*). S. João, Ap. e Evang. *Ind. nas egr. do Loreto e Santo Amaro. Obito do Inf. D. João.*
- 28 *Segunda.* (*3.ª oitava*). Os Ss. Innocentes, Mm. *Ind. na egr. do Loreto.*
- 29 *Terça.* S. Thomaz, Arceb. de Cantuaria, M.
- 30 *Quarta.* S. Sabino, B. M.
- 31 ☽ *Quinta.* S. Silvestre P. *Te-Deum em todas as cathedraes e collegiadas, e em muitas egr. Lua nova às 2 h. e 43 m. da manhã. Pequena gala.*

VARIÉDADES

Litteratura principesca feminina do norte. — A imperatriz d'Austria, diz-se, escreve *lieder*, que não publica, mas que imprime com as suas proprias mãos n'uma pequena typographia, que se fez para seu uso.

A joven archiduqueza Valéry envia todos os annos uma peça de versos ao comité litterario dos *Dioscures*.

A imperatriz Augusta tem um livro onde consigna



em bom estylo as suas reflexões sobre os grandes acontecimentos e os espectaculos que mais lhe prenderam o espirito. A sua neta, a princeza Frederica Carlos, compõe marchas e *lieder*, que apparecem nas revistas de familia.

Mas entre todas quem mais se distingue, pelo seu talento litterario, é a rainha da Roumania, de quem damos o retrato, e que assigna os seus versos e a sua prosa — Carmen Sylva. Carmen Sylva escreve originariamente em allemão, e na lingua da Roumania. Manda editar em Leipzig poemas symbolicos sob o seu nome, e poemas humoristicos sem nome de auctor. N'um d'estes, illustrado com baixos relevos egypcios, e quadrumanos que saltam sobre as palmeiras, ella expõe, com um tom de satyra benigna, o prazer de ser macaco, antes que homem da côrte. A rainha da Roumania escreve tambem em companhia sob o pseudonymo *Dito et Idem*, e tambem muitas vezes improvisa, no meio das suas donzellas da côrte, contos de heroes e de fadas, que são contados com indizível interesse e graça.

CANTO DO CYSNE

(*Offerecido a minha prima
a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Vianna*)

Já vejo despontar a nova aurora
do mundo que buscava tão afflicto,
além de todos esses do infinito,
Que tanto namorei feliz outr'ora !

Escuto a doce voz que vem sonora
chamar-me dos anjinhos ao prestito,
que passa n'este mundo de granito,
convida ao infeliz, e vai-se embora !

Adeus, queridos paes, manhã serena
dos dias d'esta vida bem sombria,
que destes a meu ser que tanto pena !

Adeus, irmãos, amigos e poesia
dos lares infantis em tarde amena ;
adeus, ó tu que adoro ! até um dia !

Outubro 14 de 88.

A. Novaes (Rio de Janeiro).

CHARADA I

Districto japonico,
Não é do Brazil, — 2
No Brazil vegeta
Palmeira gentil. — 2.

Cercada, batida
Das ondas do mar,
Em sitios remotos
Me ireis encontrar.

D. Helena Luiza da Fonseca (Santos).

Um epitaphio curioso. — N'um cemite-
rio de Hespanha, não sei em que terra, porque o docu-
mento d'onde o extrahimos não o dizia — lê-se o se-
guinte :

EPITAPHIO

Bajo esta losa
Está el cuerpo
Del poeta improvisador
Don José de Maduréra,
Que se murió.
Pero que nó se murió !
Pues que en los Ciélos,
Se fué a vivir !
Y quando a ellos llegó
Dios le pidió que cantasse,
Pero el no quizo.
Entonces lo rogó,
Y como insistió,
Cantó.
Despues que lo oyó
Diós
Llamó a los Angeles.
Y les dijo :
Senores, vayanse usters a
.....
.....
que yo quero quedarme solo
con el improvisador
Don José de Maduréra.

O collecter do epitaphio publicando-o, por prudencia
supprimio o *foguete* com que o Padre Eterno mandou re-
tirar os anjos para ficar só com o poeta Maduréra, mas
os leitores poderão julgal-o.

LOGOGRIPHO I

Quem me encontrar na primeira—1, 10, 8, 7.
Logo a segunda me chama—7, 6, 11, 4, 10, 2.
E, além de prima, terceira. — 11, 1, 5, 9, 7, 13, 12.
Quem não respeita e não ama
A memoria dos valentes ?
De Gonzaga ou Tiradentes
Perdurará sempre a fama.

Fernando Felix Cabral (Macció—Alagôas)

As alegrias e contentamentos do mundo. (PEROLAS SOLTAS) — Que contentamento ha no mundo que não seja agoado com descontentamento? Andam travadas umas cousas com outras, alegria com tristeza, trabalho com descanso, tranquillidade com desassocego, pobreza com riqueza, paz com discordia, ignorancia com honra, doce com azedo, fel com mel, mil males com um pequeno bem. Assim anda tudo n'este mundo sorteado e misturado sem haver n'elle contentamento puro.

IMAGEM DA VIDA CHRISTÃ

Frei Heitor Pinto.

A...

(*A Henriques Lima*)

Quando vejo teu rosto assim desfeito
Pelas fezes do arduo soffrimento.
Ah! não sabes talvez n'esse momento
Quanto soffre por ti meu triste peito.

Quem eras e quem és! dura incerteza
Existe para mim em teus olhares
Que me dizem quaes são os teus pezares,
Que demonstram qual foi tua belleza!

Foge, oh! fuge de mim, qu'assim tão triste
Magôas a quem hoje pôde ver-te,
Que a tanta compaixão ninguem resiste!

Embora vivas triste, hei de querer-te,
Embora foste má, se a mim feriste,
Nunca, oh ! nunca farei por esquecer-te !

Odlareg Midnal (Recife).

ENIGMA I

Hei na musica logar,
Jogo tambem posso ser,
Sendo tambem de terreno
Dança tambem hei de ser.

Neptuno & Cybelle (Beja).

Padua Carvalho.—(*Traços biographicos*)
—Em 1889 falleceu n'esta capital de Santa Maria de Belem, no dia 6 de abril e aos 29 annos de idade, o professor normalista Antonio de Padua Carvalho. A historia de nossa litteratura, tão nova ainda e já bastante avantajada, é enriquecida por nomes de moços talentosos, poetas distinctos, prosadores emeritos, que, infelizmente para a mãe patria, quando começam a mostrar-nos todo o brilho do seu peregrino talento, Atropos os surprehende e mata.

Pertence a este numero o meu inditoso poeta : paraense intelligente e estudioso, dedicado ás letras, consagrou sua existencia ao aperfeiçoamento do seu espirito, d'aquelle espirito emprehendedor e pujante, que foi tantas vezes as delicias do nosso pequeno meio.

Como escriptor deixou-nos no *Entre-columns* do *Diario de Noticias*, onde collaborou por largo tempo com o pseudonimo de Sganarello, a prova mais inconcussa de sua intelligencia. Fertil imaginação, durante o tempo que levou na redacção d'aquella folha não deixou nunca de contribuir diariamente com uma chronica chistosa, quando não juntava a esta um artigo criterioso e serio, um folhetim primoroso, uma joia litteraria qualquer.

Padua Carvalho só retirou-se d'arena jornalística, quando sentio ir-lhe extinguindo a existencia, o germen

toxico da molestia que o levou ao tumulo. Excelente *conteur*, deu-nos nas « Phantasias Sonoras » os indicios de um estyllista mimoso, de um avantajado cultor da fórma. Inspirado poeta, difficil fôra-nos dizer em que escola se filiava, pois, como Mendes Leal, cultivava todo o genero de poesia, primando sempre pelo bom gosto esthetico e pela riqueza de sua imaginação sempre crescente.

Eis como elle termina a poesia — *Murmurios* — escripta para commemorar a liberdade dos incolas ;

Santa Cruz desertou, até que um dia
Tão cheia de esplendor e magestade
Regressa a ver de novo
As costas do oceano,
As praias onde então Cabral plantára
A cruz consoladora !
Já as ondas não gemem de saudade
Nem lastimam os ventos seus amores !
O sol da liberdade hoje apparece
Em todo o seu fulgor inexplosivel.
Fez-se um moderno mar
Para banhar de novo a nossa patria !
E n'esse novo mar de novas ondas
Vae róta do porvir !

Na poesia — *Anima mea* — que remetterei mais tarde, para publicada ser n'este livrinho, que foi o seu enlevo, assim exalta a mulher :

Est'alma que viveu em frente á immensidade
E douda, esvoaçou no mar da eternidade
Aos paramos da luz,
Quando alliva affrontou a voz da tempestade
Só se pode humilhar perante a magestade
Dos braços d'uma cruz !...

No entanto ella se curva á fimbria dos vestidos
Que ornam-te o corpo e solta uns timidos vagidos
Quando te vê partir !
Ja não sabe subir no vago dos espaços...
Só sabe resvalar na linha de teus braços !...
Só sabe te seguir !...

Padua Carvalho não deixou comtudo de soffrer o aguilhão dos criticos protervos, dos protenciosos litteratos de encomenda, que offuscar quizeram por vezes o brilho do seu talento. Foi um martyr. Ouvia as phrases chilras e morbidas do pessimismo caturra, sem ligar-lhes a minima importancia. Sabia que os seus adversarios eram os bemaventurados poetastros incongruentes e réles, que, por serem pretenciosos, se julgam os corypheos da litteratura Amazonica.

E note-se, eu faço raras excepções; feita a ellypse de um ou outro como poeta ou como critico, nada mais fica senão uma córja dos *elogios mutuos*, essa nova ran que, á força de inchar, estourará um dia no meio da galhofa e das apupadas.

Padua Carvalho morreu quasi esquecido do mundo, mas perdurará sempre no coração de sua velha mãe que o estimava, de sua familia que o pranteia.

O proprio *Diario de Noticias*, jornal que levantou e a quem deu vida, não sahio da chapa quotidiana, ao dar a funesta noticia do seu passamento!... Ingratos!

Ingratos que assim pagaram os sacrificios que por elles passou!

As poesias dispersas de Padua Carvalho, publicadas em varias folhas, formariam um bello volume. Oxalá que um dia occorra a um editor a lembrança de as colleccionar e publicar, para que assim aquelle moço talentoso seja lido pelos posteros, e suas poesias nos sirvam de deleite, quando tombarmos enfraquecidos para o occaso da nossa existencia.

Descança, mallogrado amigo e primoroso poeta! E deixa nós, os que te estimamos, do meio do nosso obscurantismo, escrevermos no marmore da tua sepultura a palavra— *Recordação*— cravejada dolentemente com as lagrimas pungitivas da saudade.

J. Eustachio de Azevedo. (Belem—Pará).

DE LONGE

A Heitor Guimarães

Por um dever fortissimo impellido
Vim... e deixei-te — após a magoa enorme,
A alma em tormento, o coração partido...
Para lançar-me á lucta desconforme.

Porém, qual novo Tantalo, aguerrido,
Sem que o destino os dias lhe transforme,
Teu casto amor, embora á dôr jungido,
Dentro de mim risonhamente dorme !

Elle é que faz-me grande e me aproxima
Da paz ethérea ; n'um sorriso de anjo,
Elle é que a vida inteira me sublima.

E é, pois, em ti mulher, que o bello abranjo !
E só de ti provêm-me o verso e a rima,
E é só por ti que a minha lyra tanjo.

João Netto (Brazil).

CHARADA II (NOVISSIMA)

1-2—Esta rude interjeição e esta ave é uma ave.

Elpidio Cezar de Azevedo (Santa Izabel—Bahia).

Ecclesiasticos e medicos. — No tempo antigo houve ecclesiasticos, que ensinaram e exerceram a medicina, e a historia faz menção d'alguns.

D. Martinho foi medico do rei D. Diniz e depois foi bispo da Guarda.

Mestre Pedro, natural de Lisboa, e que foi chanceler mór do mesmo rei, ensinou a medicina.

S. Frei Gil ; o mestre João Vicente, um que foi bispo de Lamego, e outro de Vizeu, ensinaram ambos a medicina.

O papa João XXI —, portuguez, que foi arcebispo de Braga, depois eleito cardeal, e que d'ahi subio á cadeira de S. Pedro em 1276 — era filho de medico e elle tambem foi medico muito distincto. O seu nome antes do pontificado era mestre Pedro Julião.

Os Hercules. — Em todo o tempo a curiosidade publica tem prestado toda a sua attenção e nunca é indifferente ás demonstrações d'uma grande força e de agilidade. A historia e a legenda o provam. A Biblia tem o seu Sansão, a Mythologia grega tem

romance satyrico em prosa e verso de Francisco Rabelais.
Que força e que destreza não era necessaria áquelle ho-



o seu Hercules e os seus doze trabalhos, o gigante gaulez é personificado na physionomia attrahente de *Gargantua*,

mem que se mostra na gravura, para luctar com um urso, que açaimado lhe não póde morder, mas que o póde rasgar com as mãos? E ainda assim é necessario que o urso o conheça, e que por muitas vezes elle lhe tenha dado de comer. Ainda assim é temeridade que tem feito victimas.

LOGOGRIPHO II (PARODIA)

(Ao sr. *Eugenio Savard*, auctor do da pag. 476
do «*Almanach*» de 1887)

- «Como a flor que vicejante,—5, 4, 8.
- «Desabrocha em pleno abril,
- «E se entrega delirante
- «Aos innocentes affagos
- «Da borboleta gentil ;—5, 2, 6, 7, 9.
- «Qual formosa e terna diva — 1, 2, 5, 6, 9.
- «Destinada a só amar,
- «Que esplendida surge, altiva
- «Em toda a sua pureza,
- «Da nivea espuma do mar.—9, 3, 9, 5, 6, 9.

Assim de um teu olhar, da meiga voz
Que desferem teus labios tão risonhos,
Nasceu o louco amor ardente e puro
Que te consagro, ó virgem dos meus sonhos.

João Eliot (Brazil).

O RETIRANTE

(A *Julio C. Monteiro*)

Do berço expulso pela secca atroz,
deploravel, faminto e maltrapilho,
sem abrigo, a vogar em seu exilio,
ninguem lhe escuta a supplicante voz.

Na penuria tristissima e feroz
elle, tão pobre quanto honrado filho,
oppresso pela fome, segue o trilho
da deshouna paterna logo apoz.

A esposa pelo ouro é seduzida,
A innocente filhinha então vendida
aos infames *abutres da virtude*...

E *elle*, que tinha a honra por docél,
vê seu lar tansformado em vil bordel ;
— tal é do *Retirante* a sorte rude.

J. Maya Conde (Ceará).

As armações valencianas de pesca.

(Ao meu presado amigo José Vieira de Abreu, dignissimo Pharmaceutico). — Parece que em toda a extensão das vinte e tantas leguas de costa algarvia, actualmente, não se encontra já, sequer, um unico logar apropriado para o lançamento das novas armações de pesca valencianas, que não esteja sendo occupado por estas, ou concedido pelo governo para tal fim, ás varias empresas d'este genero de industria. Tal tem sido n'estes ultimos annos a febre desordenada dos nossos comprovincianos pelas empresas piscatorias d'aquelle systema, que póde dizer-se banido por completo o antigo uso das *artes*, ou quaesquer outros apparelhos de pescar, destinados ao peixe miudo.

E, realmente, este novo apparelho de pesca leva muitissima vantagem a todos os outros conhecidos; não só porque, collocado em paragens de poucas correntes póde conservar-se em acção de pescar todo o inverno no oceano, sem que por isso venha a ser muito prejudicado pelos escaecões, aproveitando-se logo os primeiros momentos de bonança para lhe extrahir todo o peixe que porventura possa existir na rêde, como tambem por não se limitar só á apanha de sardinha e chicharro, mas sim a todas as outras qualidades que lá possam ter ingresso.

E' pena não podermos dar aqui uma descripção circumstanciada de taes apparelhos, mas os nossos estimaveis leitores por certo nos desculparão de semelhante falta, attendendo a que a indole d'este livrinho não se presta a longas tiradas e narrações.

Temos já visitado estas armações de pesca por varias vezes, e a ultima d'ellas foi na proxima passada época balnear, na amavel companhia de nossos prezados primos Theopisto de Souza, 1.º aspirante da alfandega de Lisboa: sua ex.^{ma} esposa, D. Maria Thezeza de Passos e Souza; Manoel Joaquim Mendes de Souza, irmão d'aquella nossa prima, e o nosso amigo e compadre Manoel de Souza Botinas Senior, indo todos em alegre convivio e magno passeio fluvial, coroado por um obsequio do sr. Manoel Soares, de Olhão, pois que este senhor, na armação que dignamente administra e de que é socio, logo que alli chegamos, ordenou em honra de todos nós a manobra do levantamento

das rêdes, sem que necessaria fosse n'aquella occasião, pelo que lhe testemunhamos aqui os nossos mais sinceros agradecimentos.

João Antonio Rodrigues de Passos (S. Braz d'Alportel).

CHARADA III

O que diz prima e segunda,
Diz tambem prima e terceira.

CONCEITO

Sou amphibio conhecido,
Cá na terra brazileira.

D. Candida de Menezes Ribeiro
(Laranjeiras—Sergipe)

EPIGRAMMA

(Perolas soltas)

Um nobre (porem côxo) desposado
Com senhora de rara formosura,
«Casei com Venus,» tinha por dictado;
E a gente que o ouvia
Assegurava ser verdade pura
O que o nobre dizia.

Mas tanto a apregoou o tal esposo
Que se fez enojôso
E um (dos que o ouviu) sonso e magano,
Que sem a dama ver via o marido
A quem mais perto achou disse ao ouvido :
Venus deve ella ser ; que elle é Vulcano.

Filinto Elysio.

A religião catholica.—Da pujante Religião Catholica pullulam e irradiam provas inconcusas de ser ella uma emanação Divina ; provas que só serão contestadas pelos ignorantes. A myriade de annos succedidos à pavorosa tragedia do Calvario, o tempo de 18 para 19 seculos que se tem seguido á fundação do Imperio de Christo, Imperio fundado com a

effusão do seu preciosissimo sangue no oriente, brilha alli, e, com a rapidez do raio, resplandece no occidente; Imperio Santo, cujo poder se ha manifestado por infinitos triumphos alcançados nas infinitas perseguições do mundo;—em paralelo ás instituições dos homens, apresenta uma prova maravilhosa da sua procedencia Divina.

Estabelecida a religião por Aquelle que, em extrema pobreza, nasceu n'uma manjadoura, e morreu n'um patibulo affrontoso entre dois ladrões, *ipso facto* não tomaria incremento... A sua conquista, muito diversa da expectativa judaica, consistio em palavras pronunciadas á plebe, dos cimos dos montes; os seus generaes foram pobres pescadores da Galiléa; chancellou a sua Instituição com uma Cruz, em que foi cravado deante do céo e da terra... E, todavia, eis perdurando este Imperio mystico, e perdurará por seculos de seculos! Aquellas palavras jámais passarão, posto que passem os céos e a terra; os pescadores da Galiléa são—*Sal da terra e Luz do mundo*; a Cruz, que até então fôra instrumento de ignominia, fórma hoje o mais rico ornato dos sceptros e corôas.

Retroceda-se, agora, aos annaes da historia, e ver-se-ha que só ruinas e esquecimento succedem aos imperios e fama dos Cesares, Alexandres, Philippes, etc.! Estes desappareceram, como tudo n'este mundo; porque a sua origem era humana, *ergo*, transitoria.

Lydio Nunes Babiense. (Imperial Villa da Victoria—Bahia).

LOGOGRIPHO III (POR LETTRAS)

(Ao bacharel Jesuino José Gomes)

O sol é a fonte d'ella — 10, 5, 3.

Nota que a lyra tem—4, 11

Parte do verbo que olha—6, 9.

E macaquinho tambem—6, 7, 1.

De faceis combinações

O logogripho esta feito.

O que querem mais que diga?

Só se disser o conceito.

D. Maria do Bomfim Rodrigues. (Aracaju—Sergipe.)

A VIDA

Oh ! miseravel grão de poeira immunda
Que tantos dissabores nos has dado,
Vae reclinar-te ao lôdo onde nasceste...
Cumprindo á risca assim, teu duro fado. .

Ao nascer, que se ouve ! immenso grito
Que symbolisa a dôr, e o crú penar.
Introito para as luctas do futuro
Que vizam um só fim : — exterminar !

Se a uns dás um rizo, graciosa,
Tu mentes inda mesmo no sorriso
Occultando o que tens de venenosa !...

Que o nescio não julgando traiçoeiro
E crendo o teu sorrir um paraíso
Oscula a tua essencia perigosa ! !...

D. Ignez Sabina Pinho Maia (Rio de Janeiro, Brazil).

Uma alma de féra.— O infante D. João irmão do rei D. Sancho, o Bravo de Castella, andou sempre em desintelligencia com seu irmão, e por isso sahio de Castella para Portugal, reinando D. Diniz. Depois d'estar algum tempo em Portugal, D. Diniz não consentio que entre nós permanecesse, para contemporisar com o rei de Castella. Sahio para França, mas um vento contrario levou-o a Tanger. Persuadio o moiro Aben Jusef, que lhe vinha offerecer os seus serviços e sabendo que o rei de Marrocos, em guerra com o rei de Castella, meditara uma expedição contra Tarifa, offereceu-se para ir contra a patria, e obteve o commando de 5:000 cavalleiros. Apresentando-se diante da praça, defendida por João Peres de Gusmão, o Bom, e conhecendo dentro em poucos dias que não era facil tomal-a pela resistencia tenaz do alcaide, lançou mão d'um estratagema. Sabe que fóra da praça estava vivendo em certa aldeia o filho de João Peres Gusmão — creança de nove annos. Vae buscal-o, e faz saber ao pai que tinha o filho em seu poder, e que lh'o mataria se não lhe entregasse a praça. A resposta de Gusmão foi:

«Tenho só um filho, que amo muito, mas não quero

que elle viva a preço d'uma infamia. Procederia do mesmo modo se em vez de um tivesse uns poucos de filhos, todos sacrificaria no altar da patria. Assim pois, infante D. João, se no vosso campo falta o ferro para immolar a victima — ahi o tendes.»

E deitou a sua espada abaixo da muralha.

D'ahi a pouco era assassinada com a espada do pai em frente dos muros da fortaleza a pobre creança! Depois, vendo que não se lhe entregava Tarifa — levantou o cerco.

Este infante, ou esta féra, era uzeira e vezeira. Em 1282, andando em lucta com o pae, no reino de Leão, estando a cercar o Castello le Samora, defendido pela mulher de Gustavo Peres, que na ausencia do marido o sustentava, soube que esta, tendo tido um filho havia oito dias, o tinha a crear n'um povo vizinho. Mandou buscar a creança e fez saber á mãe que lh'a mataria se não lhe entregasse Samora. A pobre senhora não tinha a austera coragem de João Peres de Gusmão, e para não ver despedaçar o filho das suas entranhas entregou o Castello. Era mãe.

ENCONTRO

Encontrei-a vagando, maltratada,
Andrajosa, sombria e pensativa :
Era uma rosa murcha — a fugitiva,
A flor que fôra bella e perfumada,

De seu misero estado envergonhada
Temeu de olhar-me. Como a sensitiva,
Retrahió-se chorosa e afflictiva,
Baixando a fronte de pudor corada.

Fôra a lembrança de remotos dias,
De amores castos, «na manhã da vida,»
Que a mente despertando as phantasias

Da virgem recordava. E ella abatida
Tristonha do presente de agonias
Fingio não ver-me, de pezar ferida.

21 de março de 88.

Alfredo Rocha (Bahia).

Nomes gregos. — É digno de notar-se que a maior parte dos nomes citados por Homero foram dados como recompensa porque significavam as qualidades que mais se estimavam nos seculos heroicos, taes como — o valor, a força, a ligeireza na carreira, a prudencia, e outras.

Da palavra *polémos* (que designa a guerra) fez Thepoléme, isto é — *proprio a sustentar os trabalhos da guerra*; Archéptoléme, *proprio a dirigir os trabalhos da guerra*.

Juntando á palavra *maqué* (*combate*), preposições e diversas partes da oração que modificam o sentido, mas d'um modo sempre honroso, compoz os nomes de *Amphimaco*, *Antimaco*, *Promaco*, *Telemaco*.

Procedendo do mesmo modo sobre a palavra *hémoré*, (*intrepidez*, *força*), fez *Agapénor* — o que estima o valor; *Agemor*, o que o dirige; *Prothoémor*, o primeiro pela sua coragem, e outros; da palavra *damas* (*eu dômo*, *eu submetto*) fez *Damastor*, *Amphidamas*, *Polydamas*. De *thoos* (*ligeiro na carreira*) derivam-se os nomes d'*Aréithoos*, *Alcathoos*, *Panthoos*, e outros; de *mèdos* (*consolho*) — os de *Agamedo*, *Leycomedo*, *Perimedo*, *Therasymedo*. etc.; de *cleos* — (*gloria*) os d'*Amphiclés*, *Aglaclés*, *Bathyclés* e outros.

D'aqui seguia-se que muitos particulares tinham dois nomes, o que lhes tinham dado seus paes, e os que tinham merecido pelas suas acções; mas o segundo fazia bem depressa esquecer o primeiro.

ENIGMA II

(Ao meu illustrado amigo o distincto algebrista
Alfredo F. Rodrigues)

28

29

30

31

32

—

Nome simples, nada mais,
Vós de certo adivinhaes.

João Domingos da Cunha.
(Rep. Argentina—Buenos Ayres)

A mãe. — Origem fecunda e sagrada da vida, a mãe é a creatura mais respeitavel da natureza. E' ella que aquece os seus filhos junto do seio, que os senta nos seus braços, que os alimenta aos seus



peitos, e que os protege em tudo e por tudo no regaço inexgotavel da sua ternura. Se depois os vê n'um perigo, quem a detem? E' ella, a mãe, que para salvar um filho, não olhando para a sua fraqueza, nem

para a debilidade das suas forças, se lança com intrepidez ás chammas, ou se atira no abysmo do mar para o disputar ás ondas. Não nos deu d'isto um exemplo a rainha de Portugal, em Cascaes, n'um dia de mar levantado, e que rugia na *Gruta do Inferno*?

NECROLOGIA

A lembrança dos homens que se assignalaram por grandes obras e pensamentos, parece purificar a atmosphera que nos cerca e ennobrecer os nossos fins.

S. SMILLES.

Não havia muito tempo que o povo brasileiro lamentava a perda de um dos seus mais sabios estadistas — o Visconde do Rio Branco, — e já hoje curva-se lacrimoso ao sarcophago do Barão de Cotegipe!

A nossa penna demasiadamente rude e obscura treme de acanhamento ao traçar o nome augusto d'este respeitavel diplomata, cuja grandeza ha sido exposta em toda a parte por illustrados e competentes admiradores. Porém cumprimos um dever.

Na cidade do Rio de Janeiro, a 13 de fevereiro de 1888, vergando ao peso dos soffrimentos physicos deixou de existir o dr. João Mauricio Wanderley — Barão de Cotegipe.

Foi este facto para o imperio do Brazil uma perda irreparavel e uma dolorosa surpresa.

Immediatamente espalhou-se a triste noticia e grande numero de pessoas de todas as classes e partidos politicos correu á casa do finado para manifestar os seus pezares por esse infausto acontecimento.

Reunio-se a meza do Senado em conferencia, nomeou uma commissão para dar pezames á desolada familia do defunto Barão e deliberou que na acta d'esse dia se lancasse um voto de profundo sentimento.

Iguaes manifestações de pesar foram expeditas por associações, directorias de partidos, presidencias de provincia, em telegrammas dirigidos á familia do illustre morto.

As embarcações surtas no porto, diversos bancos nacionaes e estrangeiros puzeram a bandeira em reverencia, e a Santa Casa da Misericordia offereceu-se para fazer á expensas suas todas as devidas solemnidades.

No dia seguinte ás dez horas da manhã, effectuou-se o sahimento funebre.

Enorme sequito composto de pessoas de todas as posições sociaes, sem distincção de nacionalidade ou de politica, conduzio os restos mortaes do grande cidadão ao cemiterio de S. João Baptista, onde foram inhumados.

O senado, associações artisticas e litterarias, directorias de bancos e companhias, fizeram-se representar por meio de comissões.

Esteve presente todo o ministerio e Sua Magestade Imperial representou-se pelo seu veador.

A terra da patria mais uma vez se fechou sobre o corpo de um d'aquelles filhos em quem havia posto as suas mais bellas e gloriosas expectativas !

O povo do cruzeiro fôra unanime em demonstrar quão sentido foi esse acontecimento fatal, que roubou á communhão dos homens que trabalham para o engrandecimento da nação, o vulto gigantesco do valente luctador !

Na capital do Pará o partido conservador, a 19 do dito mez, mandou celebrar exequias solemnes em sufragio á alma do egregio e venerando senador.

Durante o acto via-se que a compenetração dos sentimentos tristes como que curvava irresistivelmente a multidão que, em torno do sumptuoso cenotaphio, enchia o grande templo do Senhor.

A tribuna sagrada foi occupada pelo illustrado sacerdote dr. Manuel Carlos do Nascimento, que tornando salientes em largos traços de eloquencia as virtudes e feitos do finado, mostrou-o descendo ao tumulo coberto de gloria, aureolado pela gratidão dos seus contemporaneos e legando em sua preciosa existencia um bello exemplo á mocidade.

Quem foi o Barão de Cotegipe dil-o melhor do que nós e religioso orador paraense.

Ouçamol-o :

.....
«Quem foi, ex.^{mos} senhores, o nobre e assignalado Barão, cujo cadaver desceu para a terra e cuja alma subiu para o céo ?

«O Dr. Wanderley, oriundo de illustre linhagem, teve por berço a Villa da Barra, provincia da Bahia.

«Os seus progenitores, vendo-o com irresistivel inclinação ás letras, o mandaram estudar; e, tendo completado ás humanidades, matriculou-se o joven na Academia de Olinda, onde se graduou em sciencias juridicas e sociaes.

«Iniciando a vida publica, exerceu successivamente os cargos de juiz municipal e de direito na cidade de Santo Amaro, deixando ahí honrosas recordações.

«Foi nomeado chefe de policia e logo depois presidente de sua provincia natal, portando-se com tanta sabedoria e prudencia em sua administração, que mereceu inequivocas provas de apreço da parte dos seus concidadãos. E a sua provincia grata a tantos beneficios o elegeu deputado geral durante quatro legislaturas.

«Deputado, provou exhuberantemente que era dotado de um masculino talento, prestando grandes serviços á sua patria e á sua provincia.

«Foi então que na tribuna parlamentar fulminou chammas de eloquencia. Palavra fluente, argumentação vigorosa, o nobre Barão fazia timbre em convencer o seu contendor, e, quando por vezes não conseguia convencel-o por apodicticas razões, desarmava-o com um chiste, vencia-o com um *ridendo*, como fazia Horacio, quando castigava os costumes.

«Teve de enfrentar-se varias vezes na tribuna com Zacarias, tambem ingente talento da moderna geração, e se um não era superior ao outro na palavra, se diferenciavam no modo de empregal-a.

«A do proeminente liberal era como o furacão destruidor, que não encontra embaraço em sua passagem, a do nobre Barão era, em seus effeitos, qual o sol da primavera, que de manhã é fresco, ao meio dia ardente e á tarde suave: palavra que sabia admiravelmente variar e unir o util ao agradável.

«Já vantajosamente conhecido no paiz, entrou o Barão a occupar a pasta da Marinha, no Gabinete Marquez de Paraná, e logo depois foi transferido para a pasta da Fazenda, no ministerio presidido polo Duque de Caxias, de grata memoria.

«É escusado dizer que em ambos prestou relevantes serviços á sua patria.

«Subindo o Gabinete Zacarias, o nobre Barão, na opposição parlamentar, não deixou de ser um cidadão prestante ao seu paiz, empregando toda a sua actividade, talento e circumspecção nos negocios tendentes á guerra do Paraguay, de modo a ser ella acabada sempre com honra para o Brazil.

«O nobre Barão, attingindo os quarenta annos de idade, empregados só nos labores da sua patria, foi galardoado com uma cadeira no Senado Brasileiro, a qual honrou sobre modo durante o resto de seus dias; e, acto continuo, entrou para o Gabinete presidido pelo Visconde de Itaborahy, do qual foi uma das mais fortes columnas.

«Mas, ex.^{mos} senhores, alem de parlamentar e estadista, era tambem o nobre Barão diplomata consummado.

«Foi encarregado pelo governo de uma grande e melindrosa missão diplomatica no Rio da Prata.

«Tratava-se de celebrar a paz entre o Brazil e a Republica vencida, segundo a lettra e o espirito do tratado da triplice alliança.

O orador depois de expôr a lucta diplomatica havida entre os ministros paraguay e argentino e o enviado brasileiro, diz :

«O nobre Barão, talento primoroso, espirito atilado e perspicaz, percebendo o plano, e agindo dentro do tratado da alliança, separadamente celebrou a paz em nome do Brazil.

«Foi um golpe inesperado, audaz e decisivo».

Continua:

«Ex.^{mos} srs., quando outros titulos não tivesse o nobre Barão, bastaria este para só eleva-lo ás culminancias da diplomacia do universo e attrahir sobre si a gratidão nacional.

«Não é ainda tudo, a corôa do grande do Imperio ainda tem flôres dignas da nossa admiração.

«Assumindo ao poder o gabinete Rio Branco, lhe foi offerecida uma pasta, mas o estadista emerito não a accetou, sómente por modestia, e suppondo que ella seria muito bem occupada por outro estadista que não elle; todavia não deixou de auxiliar muito o mesmo gabinete na confecção da lei de 28 de setembro de 1871, que declarava livres os filhos de mulheres escravas.

«No ministerio 25 de junho de 1875, o nobre Barão occupou tambem e mui brillantemente a pasta da fazenda, em que exhibio-se como sempre um perfeito financeiro. Foi essa transição politica conservadora que lhe deu mais um ensejo de prestar o mais assignalado serviço a favor da religião do Estado.

«Vós não ignoraes, ex.^{mos} srs., que a Igreja Catholica soffreu perseguição na pessoa de seus principes, durante um certo espaço de tempo, e deve-se attribuir esse acontecimento de triste recordação antes a um desvio ou a erro politico, do que ás boas intenções e religiosidade dos nossos homens d'Estado.

«Poís bem. O nobre Barão, que era por assim dizer a alma do ministerio Caxias, declarou aos seus collegas de governo que o gabinete só podia viver e governar o paiz dando immediatamente *amnistia* aos bispos que soffriam nas gemonias do Estado.

«Este alvitre aceito com especial agrado, foi assignado pelo poder moderador o decreto, que descerrava de par em par as portas dos carcerees, sendo depois recebidos os bispos em suas dioceses, com estrondosas manifestações de jubilo e affecto de seus rebanhos. . .

«Tendo a questão religiosa abalado profundamente o paiz, era de esperar a queda do partido conservador, e de feito galgou o poder o partido liberal em 1878.

«O nobre barão com a mudança politica em nada desmereceu da nação, nem de seu partido. Pelo contrario colheu novos louros nas polemicas da imprensa e nos debates parlamentares. Collaborou activamente na promulgação da lei da reforma eleitoral, alargando as garantias do voto do eleitor brasileiro, na camara vitalicia, de que era o mais bello ornamento.

«Tal era a sua importancia na camara alta, que foi eleito por duas vezes seu presidente por unanimidade de votos, e, notae, quando precisamente o senado contava maioria liberal! Tal o prestigio e confiança que inspirava aos seus adversarios politicos o eminente homem de Estado!

Narra o orador o banquete honorifico em que o eminente politico foi acclamado *chefe supremo* ou Summo Pontifice da grey conservadora e prosegue:

«E respondendo ás jubilosas demonstrações de apreço, declarou no character de chefe supremo:—que o seu partido queria, podia e devia fazer a libertação dos escravos no Brázil...

.....
«Palavras propheticas que foram realisadas festivamente pela aurea lei de 13 de maio do anno passado, regendo gloriosamente os destinos do paiz o patriotico gabinete 10 de março!

«E para tão feliz exito concorreu esforçadamente o pranteado barão, não só como governo no ministerio 20 de agosto de 1885, cujo digno presidente era, como tambem no actual de 10 de março, procurando sempre salvaguardar os interesses da patria e conciliar o *reclamo* dos abolicionistas adiantados com as sabias disposições da lei.

«O seu ultimo ministerio durou dois annos cheios, factó extraordinario na historia politica do nosso paiz; mas só um estadista da estatura de Cotegipe podia fazel-o durar tanto, sem embargo da opposição parlamentar e dos escolhos por que passou!

«D'entre tantos dotes peregrinos que ornavam o illustre finado e que hoje, como outras tantas coróas de saudades, compõem e enfeitam o seu sepulchro, destaca-se um de fino quilate, que é como a flôr purpurea, a gemma preciosa que, entre as demais flôres, aprimóra e abrilhanta a grinalda, que emmoldura a frente do triumphador.

«Este dote, esta flôr era o espirito religioso de Cotegipe.

«Era catholico de crenças firmes e inabalaveis e praticante dos mandamentos de Deus e da Santa Igreja.

«Logo que se tratava de defender a Igreja, os seus dogmas, a sua disciplina, os seus privilegios, a palavra de Cotegipe transformava-se em apologetica da verdade, quer na imprensa, quer na tribuna. O prova o acto da amnistia e o projecto sobre provimento de parochias, afogado na secretaria das camaras.

«Possuia uma fé humilde, porque cria com submissão em todos os dogmas da igreja; uma fé efficaz, que se manifestava nos actos que praticava para com os seus semelhantes. De sorte que só o catholicismo, de que era estrenuo defensor, o tornava um homem superior.

«Sendo assim, ex.^{mos} srs., a morte o não surpreendeu, como o ladrão *que ataca em hora incerta*, na phrase da Escriptura. Elle estava preparado para a morte, porque os homens verdadeiramente grandes são os que estão com a consciencia pura diante de Deus. O seu trespasso foi um leve repouso, um somno tranquillo, para elle poder receber a corôa do justo juiz, que remunerar a virtude.

«Mas que digo? O nobre barão não morreu, elle vive glorioso nas paginas doiradas da historia patria, a sua memoria perdura na geração presente e hade repercutir nas gerações por vir; cumprio apenas a lei do *transformismo*, mas elle vive e viverá na memoria dos povos: «In sæculorum memoria ejus...»

«Ah, ex.^{mos} srs., que bello exemplo para nós e para a mocidade brasileira na vida e na morte d'este grande homem! Se elle foi o modelo do magistrado honesto, do administrador zeloso e do politico experimentado e generoso, deve ser agora o guia, o pharol d'essa mocidade ávida de luz e esperançosa da patria, d'aquelles, que serão um dia chamados a governal-a.»

O Barão de Cotegipe era condecorado com a dignitaria da Ordem do Cruzeiro, com a commenda da Ordem da Rosa, com a Gran-Cruz de de N. S. da Conceição de Portugal, com a da Real Ordem de S. Leopoldo da Belgica, com a da Real Ordem de Izabel a Catholica da Hespanha, com a da Real Ordem da Corôa de Italia e com a de Santa Anna da Russia.

Viveu 73 annos, 3 mezes e 20 dias, trabalhando successivamente para o bem publico 51 annos e 3 mezes, pouco mais ou menos.

Sua Magestade o Imperador do Brazil ao saber do fallecimento do barão de Cotegipe escreveu:

«Sinto muitissimo; estimava-o ha cincoenta annos.»

Aprigio Nascimento (Baião)—Provincia do Pará.

CHARADA IV

Á talentosa e ex.^{ma} sr.^a D. Maria Menezes)

Move-me o vento—1

E vento eu faço—2

Ando de contento

Sou preto palhaço.

Jovino Mendonça (Sergipe—Laranjeiras).

À beira-mar. — Não ha espectáculo como o do mar. A variedade do seu aspecto, ora espreguiçando-se indolente, ora rugindo tempestuoso, como nas marés do equinocio; ora visitado por gaivotas, que

mergulham, procurando o alimento, ora encrespando quando os ventos desencadeados lhe varrem a superficie, ora dormindo, e abatido, quando as trovoadas estão sobre elle, e os relampa-



gos fuzilam — tudo concorre para nos attrair, e subjugar-nos a attenção. Os camponezes, principalmente, são os que mais se extasiam diante d'elle. Temos visto pobres mulheres tardes in-

teiras sentadas na praia, a olhar para o mar, como presas d'um encanto.

O que representa a gravura não é pois uma phantasia. Ella, a mulher, talvez uma criada, ia com o cesto

buscar alguma coisa, mas, chegando á praia, assenta-se n'uma rocha, e ali fica a namorar o infatigavel Oceano. A um rapaz, que a acompanhava, acontece o mesmo. Nem um nem outro são capazes de fazer um verso, nem a sua educação tal lhes permite, mas o que elles sentem, e não sabem explicar, não será poesia? Seguramente.

BEIJO POSTAL

Ao receber-te a carta incontinentemente a abri,
Comecei pela data e fui á assignatura :
Que linguagem bonita ! e quanto de ternura
Em cada phrase ! então, de novo, a mesma li :

Surpreza ! mas o que ?... não sei o que senti !...
Um beijo me enviaste, ó loira creatura
Com quem nasceu o amor e a castidade pura !
Um mimo semelhante ao que hoje eu recebi,

Ha tanto o cubiçava e tu m'o adivinhaste...
Não sei se o coração em ti choroso está,
Não sei se fui eu só a quem na vida amaste,

Como não sei se tu, por mim padeces lá.
Agradeço-te, ó flor, o beijo que mandaste,
Mas, a doçura d'elle é que não veio cá !...

Amancio da Cunha (Recife)

Mergulhadores.—Entre os pescadores de perolas e de coral encontram-se bons buzios que sem auxilios exteriores se demoram muito tempo debaixo d'agua; mas não são só aquelles dois objectos que elles recolhem. Entre os meios uzados para desmanchar navios inimigos inventaram certo vestuario impermeavel e munido de vidros em frente dos orgãos visuaes e tendo um tubo para respirar. Assim o mergulhador passeia no fundo do mar e corta as amarras, ou broca o costado dos navios. Meio mais prompto e menos perigoso para o agente que os torpedos. Em Ormuz, no archipelago grego e entre alguns selvagens encontram-se bons buzios capazes de aguentar debaixo de agua sem appa-

rato algum nem vestuario, pois vulgarmente mergulham inteiramente despidos ; o scaphandro é invenção moderna.

Joaquim Antonio de Souza Telles de Mattos (Evora)

LOGOGRIPHO IV

(A' ex.^{ma} sr.^a D. Josephina B)

É filha das aguas nas quaes habita—5, 3, 7, 10.
Formosa pequena gazil rapariga—1, 6, 4, 2, 10.
Que tem nas orelhas, gentil e catita—2, 8, 4, 3, 7.
Um pouco de prata, já vio ! minha amiga ?—9, 6, 8, 5.

É filho da terra, na terra nascido
Pequeno bichinho, que é praga, já vi;
Aonde ? Não sei, já estou esquecido,
Procure-o portanto que encontra-o aqui.

Nhonhõ (Rio de Janeiro).

A queda da Bastilha

14 de julho

Amanhecêra o dia esplendido. Nas praças
se ouvia em confusão o grito de mil raças
projectando a facção !
Mais tarde os batalhões entravam nos Invalidos (1)
e cheios de rancor, colericos e pallidos
armas foram buscar gritando : Insurreição !...

Carra (2) na exaltação, cartazes lia ao povo ;
na tribuna Danton pronunciava um novo,
discurso animador...

P'las ruas de Paris e em frente ás Tulherias
Chenier recitava estrophes e poesias,
da republica em nome, altivo e com ardor !...

O povo enlouqueceu de raiva contra o throno,
armou-se contra o rei, deixou de ser um mono
e tornou-se um leão !
Teve sêde de sangue e ao som da Marselheza,
—A Bastilha ! gritava,—abaixo a realeza !
morra a causa do Rei ! Viva a revolução !

(1) Antigo palacio, hoje extineto.

(2) Celebre orador republicano.

O sangue ia ensopando a terra pardacenta...
e ante aquella onda atroz, que subia sangrenta,
o Rei quasi se humilha...
Nascia em cada peito um sentimento novo :
—A' Bastilha! A' Bastilha! iá gritando o povo...
e ao longe o echo bisava : — A' Bastilha! A' Bastilha!

Em menos de horas trez venceram o invencivel,
transpuzeram sem custo as raias do impossivel
colericos, febris!...

E ao choque colossal das grandes bombardieiras
Da metralha ao impulso, ao grito das fileiras,
a Bastilha cahia envolta em projetis!....

.....
Foi um rasgo de audacia! E audacia sublimada,
d'essa besta de carga,—o povo, a plebe, o nada
que transformou-se então,
de cordeiro que o era, em tigre furioso,
de fraco e sem acção,—um grande poderoso,
da patria pelo amor, pelo amor á nação!

Hoje a França recorda aquella data horrivel
ainda com pavor! e com pavor terrivel
essa lueta sem par!

E emquanto que aos céos sóbe um hymno de victoria
altiva, ella se envolve em seus padrões de gloria,
olhando a limpidez cyanica do mar!

.14 de julho de 1889.

J. Eustachio d'Azevedo (Belem—Pará).

Liberalidade de D. João II. — Con-
tam os chronistas de D. João II, bem como de D. Pe-
dro I, algumas anedotas que se podem classificar de
extravagancias, e que provam a popularidade que estes
reis tinham, a despeito de suas crueldades.

Achando-se D. João II sem dinheiro em Tavira e
precisando sem demora aprestar um navio, mandou
dizer a Pedro Pantoja se lhe emprestava seiscentos mil
réis (mil justos) por sete ou oito dias emquanto não vi-
nha dinheiro de Lisboa, da casa da Mina, onde man-
dára por elle.

Pantoja lh'os foi logo levar, offerecendo-lhe muito

mais dinheiro que tinha, e pediu que o não tomasse de outrem, pois quanto tinha sua alteza lh'o dera : o que el-rei muito agradeceu.

Passados cinco dias chegou o dinheiro esperado, e mandou logo el-rei dar a Pantoja setecentos mil réis, que elle não quiz acceitar, e se foi agravar a el-rei, dizendo que o servira com tão boa vontade e que sua alteza lhe dava aquelle ganho do seu dinheiro como se fôra a um mercador cobiçoso.

Ao que el-rei respondeu :

«Ora, pois que vos agravaes, tomae oitocentos mil réis, e, se mais fallaes palavra, tomareis novecentos mil:» acrescentando que assim agradecia os serviços que lhe prestavam.

M. Dias Grillo. (Conceição d'Ourique).

HONTEM E HOJE

Quando outr'ora te amei e a minha voz chorava
Elegias d'amor ao teu formoso ouvido
Dizias a sorrir, um riso que matava,
Que do seio te havia o coração fugido.
Amas-me! Sentes hoje illuminar-te a aurora
Que só me esteve n'alma emquanto ella foi pura ! ...
Eu dei-te o coração quando te amava, agora
Tenho o peito vazio e a alma fria, escura !

2 de Agosto de 1886.

Eugenio Alão.

Fomes em Cabo Verde.—Está este archipelago sujeito, quasi periodicamente, a estiagens mais ou menos graves, acarretando comsigo todas as desgraças e misérias da fome. Que nos lembre, as mais sérias e cujas datas ficaram archivadas, são as seguintes : 1713, 1750 e 1770 — esta por antonomazia denominada *fome grande* —, 1839, 1857 e 1864.

N'esta ultima, a mais moderna, morreram para cima de 20:000 pessoas, victimas da miseria e das doenças.

Na Cidade da Praia dava-se uma *sopa economica*, a que accudiam mais de 2:000 pessoas. No concelho de Santa Catharina, o povo sublevou-se e arrombou os armazens do deposito de mantimentos do goveeno.

N'este anno as chuvas faltaram totalmente, quando mais necessarias eram para fazer vingar as sementeiras. Tudo se perdeu e os povos de Cabo Verde estão ameaçados de uma d'essas crises terriveis, que costumam visital-os como se fôra um castigo do cêo.

Astiaga Souto Maior (Praia—Cabo Verde).

CHARADA V

Eu vou mostrar-vos, meu leitor, constante,
Certo tratante que se diz parente ;
Porém não fujas, eu vos peço, agora,
Já, sem demora, mesmo incontinente.—2

Da flôr mimosa que se ostenta bella,
Só falla d'esta com prazer infindo ;
Ai ! como é grato seu perfume ameno,
Parece threno que se diz sorrindo.—2

Tem attractivos, póde ser fagueira,
Não é asneira se pensar assim ;
Mas busoa logo, vós, leitora amada
D'esta charada descobrir seu fim.

D. Josephina B. (Rio de Janeiro).

UM LETRADO

Um homem com um chambre roçagante,
Com óculos, chinellas, e barrete,
Sentado em um pequeno tamborete,
Quatro livros de traz em uma estante.

E tendo pela parte de diante
Varios feitos mais velhos n'um bufete ;
Tambem para chamar pelo paquete
Campainha que toque a cada instante ;

Na salla seis cadeiras encouradas
Tinteiro muito bem aparelhado,
Umhas Ordenações muito cotadas ;

Fingir-se a quem entrar muito occupado ;
Olhar se sobe alguém pelas escadas
Eis aqui, meus senhores, um letrado ;

Estatística mortuaria.—No anno de 1835 morreram nas differentes provincias do imperio russo 748:237 pessoas do sexo masculino.

Por idades :

Tinham attingido a idade de 60 annos.....	32:365
A idade de 65 annos	25:919
A " 70 "	27:717
A " 75 "	18:372
A " 80 "	16:219
A " 85 "	7:841
A " 90 "	5:711
A " 95 "	2:272
A " 100 "	1:577
A " 105 "	291
A " 110 "	112
A " 115 "	52
A " 120 "	39
A " 125 "	10
A " 130 "	6
A " 135 "	3
A " 140 "	1

Bem diz Moreau de Jcnés, na fria Islandia ha cem vezes mais probabilidades de vida que na risonha Italia. Os paizes frios não são aquelles em que se vive menos.

A MANHÃ

(Ao meu amigo Graciliano da C. Baracuhy)

As flores que se ostentam donairosas
 Mesclando a verde côma do arvoredó
 Parecem estar ouvindo algum segredo
 Revelado pelas brisas ciciosas...

Indolentes, verdes ramas bolicosas
 Carregadas de orvalho em dôce enredo
 Refrescam a manhã, como em brinquedo,
 Duro solo, aspergindo caprichosas...

Mimoso passarinho, no aureo dia,
 Enviando á branda luz, trina no galho
 Recortada e sentida melodia...

Insensível, alguém, ao frio orvalho
Curvado ao seu labor com ousadia,
Seu futuro assegura c'ò trabalho.

16 — 11 — 1888.

Joaquim José Pereira da Cunha. (Pará).

Escola do amor. (PEROLAS SOLTAS). —

Só na escola do amor se alcança com perfeição tudo o que pelas do mundo variamente se aprende, e com muito decurso de annos se alcança : o aviso no fallar, a discrição no escrever, a brandura no conversar, a policia no vestir, a graça no parecer, a cortezania no tratar, a liberalidade no despender, o esforço no pelear, a largueza no jogar, a humildade no servir e a pontualidade no merecer.

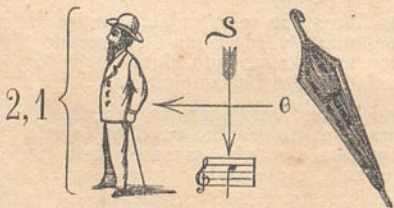
Do pensamento e juizo dos amantes sahiram ao mundo as emprezas discretas : as chimeras escuras, as idéas levantadas, os motes assisados, os versos excellentes, os enredos subtis, as cartas galantes, as fabulas bem fingidas, os primores, os extremos, e as finezas, tudo é doutrina tirada das escolas do amor.

CORTE NA ALDEIA

Francisco Rodrigues Lobo.

CHARADA VI (ENIGMA PITTOresco)

(A Vaz Martins)



Simão F. de Sousa (Madeira).

Exercício improprio. — Para que andar^á esta menina travêssa, que assim se lhe pôde chamar sem injuria, subindo e descendo uma escada

de mão, e de degraus altos, sem se lembrar de que pôde cahir de um modo desastroso ?

Quer sem duvida ter o prazer de colhêr por sua mão os



fructos d'essa laranjeira carregada de dourados pomos, para depois saborear o resultado do seu proprio trabalho.

O' infancia, louca infancia, quanto és improvidente !

O que vale muitas vezes a estas temerarias é a verdade d'aquelle nosso proloquio que diz :

Ao menino e ao borracho
Põe-lhes Deus a mão por baixo.

Aspecto geral da Exposição de Pariz. — De toda Pariz, como pharol de alarme para

os viajantes transviados, maravilha-nos o aspecto do monumento, que a nação franceza nos fins do seculo XIX inaugurou em homenagem á concepção extraordinaria de um homem, que distinguio a França com a sua ideia, constituindo uma perfeita novidade, que perpetuará de futuro a lembrança da Exposição Universal de Pariz em 1889. Mr. Eiffel e a sua torre consubstanciam-se n'um só pensamento, n'um só galardão: distinguir a França perante o mundo, illustral-a com um novo invento, patentear aos estranhos uma celebridade completamente original. Ella ali está, a maravilhosa torre, como atractivo ao Campo de Marte, indicando-nos o local da Exposição, e attraíndo-nos ao seu recinto. De toda a parte ella se mostra impavida, soberba, grandiosa, a crescer sempre, engolphando-se nas regiões aereas, no azul do espaço, com o cimo perdido n'essa amplidão desmedida, onde reina o socego do deserto, a quietação do isolamento. As aves não irão lá fazer o seu ninho, porque a sua altura representa para ellas um Sahará aereo, isolado na immensidade. Da sua altura não alcançariam as planicies floridas, nem as primaveras lhes seriam risonhas, retouçadas com os matizes diversos da agglomeração de chrysantemos variados, dos rosaes esplendidos, ou das heras estendendo-se preguiçosamente pelos rendilhados dos castanheiros, ornados de campanulas azues.

Isolado no deserto do ar, desamparado na immensidade, o *touriste* desaparece da terra n'esta viagem pelo espaço, como emigrado do globo para os climas das regiões azues. De toda a parte eil-a que nos surge desfaldando nos ares a signa alegre do pavilhão francez. Avançando, vêmol-a crescer, alargando se, estendendo-se, patenteando-se toda inteira no immenso recinto da Exposição, que se desenrola á nossa vista, n'um confuso movimento, agitando-se em todas as direcções, borbório de milhares de cabeças, que se movem de continuo. O sol inunda todo o recinto em tapete malizado de côres diversas, d'è milhares de flores vicejando no solo, produzindo cambiantes esplendidos sobre a selva verdejante da planicie. As auras sopram embalsamadas pelas essencias, que se evolvem das petalas setinosas das roseas, das miadresilvas e dos jasmims, transportando até nós suas emanações odoríferas; e sustendo no seu dorso os galhardetes festivos, em ondulações apressadas e ca-

prichosas. Hymnos de gala repercutem a alegria de uma festa universal, para que concorreram as cinco partes do mundo, em certamen energico das glorias do trabalho, em lucta acceza de primazias e originalidades, em conquista heroica de meritos e distincções.

Um grande movimento se manifesta logo á entrada da Exposição, muitos tramways e carros estacionam ou circulam, largando ondas de gente, que se precipitam para as portas de entrada, como uma avalanche despenhada por algares; muitos vendedores de bilhetes apregoam a sua mercadoria: a 70 centimos! a 60 centimos! a 50 centimos! A confusão é indescrptivel. Uma intensa linha de arvoredos desenrola-se á nossa vista em panorama esplendido de verduras pittorescas; a Exposição patenteia-se n'uma perspectiva amena, no ar paira um sussurro confuso do bulicio animado da vida, que se agita em todo o Campo de Marte.

F. P. Albano Gonçalves (Pariz).

CHARADA VII

Por n'esta dizer que, qual avesinha
Livre sou,—2
N'um laço cahi — com letra trocada —
Preso estou! — 2

Já viu embirrar algum batoteiro
Com quem ao pé d'elle se sente lampeiro?

J. C. Bizarro — (Lisboa).

RECORDAÇÃO

Foi a musa de alegre poesia
Que vi leda sorrir-me e passar,
Foi a brisa fagueira que um dia
Veio terna esta fronte oscular!

Foi um sonho formoso e dourado
Que um instante minh'alma afagou,
Linda rosa que além no passado
Minha senda obscura esmalto!

Flor risonha de amor e de encanto
Que vi linda sorrir em botão
E bem cedo co'os olhos em pranto
Vi pendida rojando no chão !

Foi lampejo de doce ventura,
Que um instante minh'alma aqueceu,
Foi estrella magnetica e pura
Que uma nuvem velou no meu ceu !

Ah ! se ainda tão viva e ridente
Outra vez eu te visse brilhar !...
Mas não sei !... sinto só que na mente
Tua imagem sempre hei de guardar !

Entre as ledas memorias d'outr'ora
Que no livro d'est'alma gravei,
Esta foi a relida a cada hora
E saudade immortal lhe sagrei !

D. Amelia Ernestina d'Avelar (Ilha do Pico).

Orgulho do visconde d'Almeida

Garrett.—Na sessão de 18 de maio de 1839 apresentou Almeida Garrett na camara dos deputados o projecto sobre a propriedade litteraria. A 21 de junho deram as commissões a que foi remettido, o parecer sobre o projecto, que só entrou em discussão nas primeiras sessões de 1840. Numa d'essas sessões o deputado Alberto Carlos affirmou que a redacção d'um dos paragraphos daria resultado contrario áquelle que queria dizer o projecto e faria rir. Garrett respondeu, dizendo :

«Peço ao sr. deputado que queira emendar a minha redacção porque eu não tenho duvida em acceitar as suas emendas, as suas licções, as urbanas e polidas correcções que tão civilmente me faz. Confesso, sou eu proprio que confesso ser ignorantissimo, sou um perfeito ignorante, não sei pôr uma palavra ao pé da outra, não sei reger uma oração, a minha curtissima comprehensão não me permittio aprender nada em todo o largo tempo que estive meditando os codigos de Inglaterra, de França, da Allemanha, da Russia, da Prussia, etc. Não sei nada de hermeneutica juridica, emfim declaro que não sei fazer uma connexão de palavras, que faça sentido correcto porque sou um perfeito ignorante, segundo o illustre de

putado pela ilha de S. Miguel tão gentilmente, como quem o sabe, acaba de dizer; e eis a razão porque peço ao sr. deputado que queira propôr a sua emenda, porque eu desde já adopto a sua redacção.» (1)

LOGOGRIPHO V (MYTHOLOGICO)

Este animal, veja, attente — 1, 2, 3, 10
Que é bastante perigoso! — 6, 11, 4, 9
Um vegetal excellente
Ahi tem, mui precioso, — 8, 5, 7
Da Lybia no continente
O todo, que é venenoso,
Encontrará facilmente.

Ramiro França de Cerqueira (Caravellas — Bahia).

EM BOA HARMONIA

(Imitação)

Ella 'stava pensativa.
Elle chega, — e mui fagueiro:
«Gentil dama!»
— Cavalheiro! —
Volve a bella a suspirar
«Se acaso nós nos casassemos?...
(Logo *ella* em voz dolente :)
— Era n'isso exactamente
que eu 'stava agora a pensar!

Casaram...
Ao outro dia
Ihe diz *ella*, receiosa:
— Meu amigo! —
«Cara esposa!»
Ihe volve *elle* a bocejar, —
— Se nós nos divorciassemos! ...
(Logo *elle* em tom ridente :)
«Era n'isso exactamente
que eu 'stava agora a pensar! —

Silvius.

(1) Diario da camara dos deputados de 1840, pag. 99.

CHARADA VIII (EM CIRCULO E QUADRANTES)

(*Á illustrada charadista bahiana D. Maria A. de Castro*)

Procurando na botanica
Esta planta lá achei,
Aqui não tereis molestia,
Mas insecto, vos direi.

A terceira, c'um signal,
Podeis leitora comer ;
As restantes que são plantas,
Sem demora as ireis ver.

Marrecos Taperoenses (Bahia).

Archivo de raridades. (COPIA FIEL). —

Escola particular da Santa Cruz do Povoado, 6 de fevereiro de 1887.

Ill.^{mo} Sr.

Subdelegado do districto do charapucú, comonico a V. S.^a que abri, a escola particular da Santa cruz, do Povoado no dia dois do corrente, conformei eu disse a V. S.^a lá em sua residencia; e athe esta dacta, não me tem aparecido alumnos, nem hum eporiço comonico a V. S.^a paraque V. S.^a dei todas providencias, atal respeito. Visto V. S.^a ter uma Portaria, do Chefri de Policia, para osfins de edocação; n'esta escola se achão, 18 mininos marticulados ia the esta dacta só quatro é que me tem dito que Vem trazer; enquanto atar José Gregorio Ramos desfiz, todo quanto elle ladessi em sua prezencia; eporiço Peço toda provedencia de Autoridade, efico esperando as suas ordem, para omeu governo; pois tanto tenho me, esforçado para Oprogrecio, d'este lugar: — Dêos Guarde a V. S.^a — Ill.^{mo} Señr. Valiriano Augusto Lobato, Digno Subdelegado de Policia do Districto do Charapucú, — Oregente da escola particular do Povoado. *F.*

COPIA DA ACTA

Os dois dias do mez de Fevereiro do Anno de 1887. — Foi aberta a escola particular da Santa cruz do Po-

voado; estando Presente o cidadão, Amancio Amaral de Azevedo Léal i Manoel Thenorio de Goveia, i Elizario José Rodregues, e João d'Oliveira Pantoja, e Amancio — comigo regente da dita escola, — Vicente Évang.^{ta} Machado; N'esta ocasião o Sr. Amancio Léal, Deu parte, que tres, alunos matriculados n'esta escola estavam gravemente doente, e porisso deixavão, de frequentar, a escola oque frequentarão, tanto que fequim bão de saude, cujos alunos são de nomes, Marcos Antonio Jacquis, Manoel Raymondo da Silva, Antonio Joaé do Espirito Santos, i eu fis asigente explicação, que ficava, aberta a escola, para aquelles que quizerim metter os seus filhos n'esta escola, no dia, eu que eu abri; não se apresentou, pais nem um dos matriculados nem dos que estão por matricular; para isso lavrei presente acta que assigno, na Presencia d'estes Sres. assima mencionados, eu Regente da escola.

Um soneto do Padre Antonio Vieira

SONETO (1)

Humildes, valles, levantados montes,
Incultos bosques, verdes arvoredos,
Talhadas serras, asperos rochedos,
Escusos lagos, cristalinas fontes.

Arrebatados rios, firmes pontes
Viçosos prados, escavados médos
Sonoras praias, concavos penedos
Turvados mares, pardos horisontes.

Vou-me, ficai-vos; não vos digo mais
Que esta é a cortezia d'esta terra,
Barbara, despedida ingrata gente.

Mas ai, que já meus olhos dão signaes
Que outro primor o seu costume encerra,
Que sempre pouco diz quem muito sente.

Padre Antonio Vieira,

(1) O Padre Vieira depois d'uma longa peregrinação por entre os índios do Brazil despedio-se d'elles com este soneto, extrahido das *Vozes Saudosas* na parte correspondente á voz metrica.

CHARADA IX

(Ao illustre cavalheiro auctor da charada «Vagalume»
publicada no Supplemento de 1889, a pag. 51)

Que sou simples amadora,
Já fica o leitor sabendo ;
E que ser-lhe maçadora,
Em coisa alguma pretendo.—1

O meu desejo sómente	Hoje, que á luz da evidencia—2
E' tornar aqui patente	Explica tudo a sciencia,
Que se engana quem presume	De mil modos nas escolas ;
Que... que uma dama educada,	Ninguem mais crê em visões
Possa tremêr assustada ;	E quejandos abusões,
Só em ver um vagalume !	Perfeitas caraminholas.

Se o leitor abiscoitou
O mimo que o todo diz
Descontente não ficou
Do presente que lhe fiz.

D. Maria da P. Borges (Rio de Janeiro).

Evora e sua Universidade.—Apezar de termos fallado d'ella, ainda muito nos resta a dizer. Alem dos magnificos marmores branco e de cores de seu frontispicio e columnas innumeraveis, citaremos os azulejos vidrados em Evora representando assumptos relativos á sciencia professada na respectiva classe. Aos lados das portas da sala dos actos apparece em tamanho quasi natural um academico com seus habitos universitarios. Por aquelles corredores passearam homens de nomeada universal, e pessoas de sangue real. A fama da universidade era tal que foi preciso fazer trez edificios diversos, um para cada classe de alumnos; o dos estrangeiros, quasi tudo irlandezes, era proximo d'uma mesquita arabe proximo do outeiro de Villa Nova, (entre a rua de Valasco e rua da Mesquita). Teve typographia propria e ainda n'algumas de suas edições apparece o brazão academico Eborense; quem porém faz caso hoje d'isto?

Joaquim Antonio de Souza Telles de Mattos. (Evora).

Conversação. — Dizem os francezes que só elles sabem conversar, e acrescentam : os verdadeiros inglezes visitam-se uns aos outros pelo prazer de estarem juntos, mas não se julgam na obrigação de dar á lingua uma hora, fazendo ostentação do seu espirito. Os hespanhoes, quando estão juntos, fumam e pouco dizem; os allemães reúnem-se para pensar; os orientaes encontram ineffaveis delicias no silencio; os chinezes teem um proverbio que diz: — «Se

versa, ainda que não haja que dizer, para mostrar que teem recursos ainda para mais. Que importa que a conversação seja deslocada, pueril, vasia de sentido, e até ás vezes inconveniente?



a conversação não vem a proposito, uma palavra que se diga é já de mais.» Ora os francezes não querem saber se a conversação vem a proposito; a questão é conversar e sustentar a con-

A conversação não cahe, sustentada de lado a lado, e é o que se pretende.

Crebillon, filho, (e note-se que é um francez avaliando a conversação nas salas e nas melhores companhias do seu tempo) escreveu :

«O espirito que se emprega ordinariamente na sociedade elegante é limitado, diga-se o que se disser. Esse tom encantador que se chama o tom de boa companhia, não é muitas vezes mais que o tom de ignorancia pretenciosa e da affectação.»

Uma mãe dizia a sua filha, já senhora casada, de

quem se acompanhava, quando ia ás salas de recepção:

— Tu não fallas, não dizes nada ?

— Mamã, eu não tenho nada que dizer.

— Inventa: viste cahir um cavalleiro, tombar uma carruagem, porque abalroou com um omnibus; uma desordem; viste irem presos dois homens por um roubo que tinham feito; deitar-se uma rapariga d'uma janella á rua. O que te lembrar; a questão é fallar, ainda que se trate das vidas alheias. Estar calada é fazer de parva.

NO ALBUM

Da ex.^{ma} sr.^a D. Brites Cunha

Quasi se me afigura um sacrilegio
E me confunde a idéa
De manchar, eu, as folhas perfumadas
Do teu album gentil, gentil sercia:
Do livro bemfadado
Que ha de gozar do doce privilegio
De repousar, ao lado
Dos preciosos nada
Dos quaes a escolha artistica revela
Uma mulher intelligente e bella.

Meu Deus ! Eu, que queria,
Vir depôr aos teus pés, quanto ha mais bello
Em côr, perfume, fôrma e melodia,
Nem, ao menos, n'um cantico singelo,
Mas expressivo, verdadeiro e forte,
Sei traduzir o intimo transporte
Do enthusiasmo que agita
Meu coração, que férvido palpita !
Todo o teu ser, porém,
Attrahe, enleva, e corresponde a quanto
A nossa alma contém
Mais alto, nobre, delicado e santo.

Realisas, da fôrma mais completa,
Todos os ideaes, que adora e cria
A arrebatada e louca phantasia
Do artista e do poeta.

Privilegiada e doce creatura!
Qual ha de ser o espirito, accessivel
Aos encantos do bello, que não ceda
Ao immenso attractivo irresistivel
Da tua peregrina formosura,
Quando nos olhos e na frente linda
Espelhas a alma, mais formosa ainda!

Accodem-me, por vezes, á memoria,
Vividas, luminosas, quasi frescas,
As tradições, as lendas romanescas
Das já remotas epocas
De supremas paixões, de extincta gloria.
Do tempo em que, dos bellos cavalleiros
Os fleis corações, ternos e ardentes,
Abriavam, sob o aço frio e duro
Das rijas armaduras reluzentes
O sentimento acrisolado, puro;
Quando os fortes, intrepididos guerreiros
Os invictos heroes de cem combates,
Ao findarem os rispídos embates
Das lutas prolongadas,
Cumulados de gloria e de prestigios,—
Embainhando as lucidas espadas,
Iam buscar o premio dos prodigios
N'um sorrir, — só —, das suas bem amadas.

É que, se me permittes que o confesse,
Achava natural, singelo, simples,
O singular cavalheirismo antigo
Se a dama tão querida se podesse
Assemelhar contigo!

27 de junho de 1886.

Philomena Serpa. (Vellas—S. Jorge)

ENIGMA III

(Ao Ill.^{mo} sr. José Pereira Pégas)

A's direitas, general,
A's vexas, imperador.
Para o bom decifrador
Não é mister numeral.

Alberto Ramos (S. Paulo).

No cerco de Dio — dia de S. Lourenço — 1546. — *Perolas soltas* — Amanheceu o dia do glorioso S. Lourenço dedicado com sua felice batalha a martyrios de fogo. Acudiram a suas estancias fidalgos e soldados, com tanto alvoroço, como se já tivessem posse do premio e da victoria. Logo viram de longe abalar-se o exercito inimigo com ordenada marcha, derramando-se em torno da fortaleza. Laborava a nossa artilheria com não pequeno effeito, porque o inimigo como soldado soffreu a carga sem descompôr a ordem com que vinha marchando, até ganhar o posto, e arvorar escadas para dar o assalto. Chegaram a accommetter os baluartes com resolução grande, querendo cevar os nossos na peleja, para que a confusão do conflicto servisse de coberta ao engano do fogo que tinham maquinado. Faziam os nossos grandes gentilezas nas armas, como quem se apressava a descansar na victoria, promettida no termo d'este dia.

No baluarte D. João se resistia á violencia do ferro sem temer a do fogo. Pelejavam os inimigos tibiamente até que lhes chegou o signal de se dar fogo á mina, retirando-se a um mesmo tempo todos; porém, temor igual e subito nos descobriu o engano. Bradou logo o capitão mór dizendo que deixassem o baluarte para que sem dano rebentasse a mina, já conhecida na improvisa retirada do inimigo. Obedeceram todos ás vozes do capitão mór, deixaram o posto; porém, Diogo Reinoso, com desordenado valor, sustenta o logar, tratando de covardes aos que o desamparavam. A estas vozes tornaram todos a occupar o posto, não querendo seguir a rasão, senão o exemplo. Rebentou logo a mina com espantoso estrondo, e aquelles valorosos defensores sustentaram mortos o logar que defenderam vivos.

Aqui acabou D. Fernando de Castro, em idade de desenove annos, levantado d'uma doença que a natureza podéra fazer leve e o valor fez mortal. Morreu D. Francisco d'Almeida, continuando-se n'elle o valor e as desgraças do seu appellido. Aqui ficaram tambem sepultados Gil Coutinho, Ruiz de Sousa e Diogo Reinoso, que pagou com sua vida tantas mortes de que havia sido generoso, mas fatal instrumento. Diogo de Sotto Maior, voando com uma lança nas mãos, cahio

em pé na fortaleza, sem receber lezão de fogo, nem da queda. Alguns cahiram no arraial dos inimigos; quasi sessenta homens pereceram n'esta desventura e treze que escaparam com vida, ou ficaram feridos, ou deformes do fogo. Escrevem outros com dilatada penna os casos d'este incendio. Nós por não lastimar a attenção de quem ler esta historia, quizeramos nos successos de tão illustre cerco deixar antes em silencio este infelice dia. (1)

Jacinto Freire de Andrade.

VIDA DE D. JOÃO DE CASTRO.

LOGOGRIPHO VI (POR LETRAS)

(REPRODUCCÃO)

(Dedicado ao sr. Carlos Silva, auctor do logogripho a pag. 80 do Supplemento de 1889 — «Infancia»

Não é a idade de pueris enganôs—12, 2, 3, 4, 8, 6, 10,
5, 9, 7, 11, 1.

Não é bonita, pois na dança vi—2, 11, 1, 9, 12.

Formosa a flôr que ella tinha em si—2, 12, 4, 11, 1.

E esbelta como esta que aqui achamos.—3, 4, 12.

CONCEITO

Creia, o conceito que ora aqui lhe damos
Não é a idade de pueris enganôs.

E. Adela Nobre Martins (Cabo Verde—Ilha de S. Thiago).

(1) O memoravel cerco de Dio pelo poderoso exercito do rei de Cambaya durava desde a Paschoa de 1546, e este triste acontecimento deu-se a 10 d'agosto. Os defensores da fortaleza eram já poucos e a temeridade de Diogo Reinoso, roubando-lhe sessenta, cerceou-lhe quasi metade dos defensores. Os assaltos amiudados continuaram por novos reforços de Cambaya. O heroico capitão que defendia aquelles derrocados muros era D. João de Mascarenhas. Foram-lhe mandados soccorros de Goa, mas os mares aparcellados, fizeram com que D. Alvaro de Castro, que os trazia, arribasse a Baçain, onde se demorou alguns dias. Na praça já quasi não havia defensores, nem viveres para lhes dar. Nos muros abatidos pelas minas batalhava-se peito a peito. N'esta triste situação, soccorre-os D. Alvaro de Castro expondo-se a ser engulido pelas ondas, e em seguida o proprio governador da India, que fez levantar o cerco, e restaurou a fortaleza levantando-lhe os muros. O cerco levantou-se por fim a 11 de novembro.

Da Redacção.

Os meus desejos

(A Margarida)

Teu lindo rosto
Quizera eu ver
Em doce paz
Adormecer.

Quando em teu quarto
Desponta o sol,
Na branca préga
Do teu lençol...

Subido fôra
Um só favor :
Ser dos teus pés
O cobertor.

Sentir bater
Teu coração,
Bem como sente
O teu colchão.

Das teus segredos
D'amor primeiro,
Quizera eu ser
O travesseiro.

Ter tua bocca
Tão adorada
Como a tem junta
Tua almofada.

Mas eu não sou
Teu leito, não !
Nem o lençol,
Nem o colchão !

Nem almofada,
Nem cobertor !...
Um louco apenas
Morro d'amor !...

É pois loucura,
Pensar em ver
Teu lindo rosto
Adormecer.

Alberto Volla (Porto).

CHARADA X (EM LOSANGO)

(A Orleans e Savard)

A primeira no alfabeto,
segunda na geographia ;
terceira sendo adverbio
nunca teve companhia.

A quarta verão, juramos,
n'uma linda embaração.
Na quinta bonito verbo
certamente encontrarão.

Só fallam as duas ultimas
eil-as aqui com clareza :
-uma, é senhor na Inglaterra,
outra é letra com certeza !

E nada mais. Até logo,
fazei da penna—canhão !
Matem o producto escasso
que sete fêras vos dão.

Club Tigre & C.^a (Pará).

A Madeira (*Ao meu presado amigo e collega dr. José Joaquim de Freitas*). — A Madeira, essa bella e formosa ilha portugueza, é justamente cognominada — a *Perola do oceano*.

Habitada por um povo pacifico, morigerado e amante da liberdade; dotada pela natureza de immensas maravilhas que nos extaziam e deslumbram; enriquecida com um clima unico em todo o mundo, é effectivamente a **MADEIRA**, a *Perola do oceano*.

Portuguezes e estrangeiros, encontram n'esse clima, o lenitivo aos crueis padecimentos principalmente aos pulmonares, que os flagellam e consomem; — respirando ahi um ar puro e balsamico e submettendo-se a uma temperatura, todo o anno quasi uniforme!

Descoberta em 1418 a 1419, por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, tem feito altos progressos em todos os ramos da actividade humana.

A capital da ilha, — o *Funchal* — a terceira cidade do reino — possui muitos e importantes estabelecimentos publicos.

Para instrucção, — tem muitas escolas primarias, — um Lyceu para instrucção secundaria, — um curso especial de theologia no Seminario diocesano, — e um curso superior na Escola Medico-Cirurgica, que fornece á humanidade muitos medicos-cirurgiões habéis e distinctos, que exercem livremente a clinica em todo o Portugal, e mesmo no estrangeiro.

Estabelecimentos de caridade: tem um asylo de Mendicidade e Orphãos, — um albergue nocturno, — um hospital civil, — um militar, — um hospital para tuberculosos, denominado — *Hospicio da Princeza D. Maria Amelia*, — um hospital para Lazaros, etc.

Ha, além d'isso, uma sociedade de soccorro mutuo, denominada *Associação de Beneficencia do Funchal*, que presta innumeross soccorros e beneficios aos seus associados. Um consultorio sustentado por um benemerito estrangeiro, M. Constantino Ouchoff, tendo adjunto uma pharmacia, que fornece medicamentos gratis aos doentes attendidos no consultorio, e que presta relevantissimo serviço caritativo aos pobres de toda a ilha.

De organisação recente, existe uma *associação de bombeiros voluntarios*, de grande utilidade publica, formada de bons e finos rapazes da cidade, e cuja fundação é de-

vida ao zelo, solicitude e dedicação d'um illustre vereador municipal, o ex.^{mo} dr. José Joaquim de Freitas, medico distinctissimo e cidadão respeitavel.

· Possui tambem um magnifico *theatro*, e um bello *jardim municipal*, etc.

· Emfim, encerra em seu seio importantes e bellos edificios.

O povo madeirense, sempre que se lhe offerece occasião, dá sobejas provas de ser um povo ordeiro, livre e civilisado. Amante dedicado da liberdade, odeia e repelle dignamente tudo o que tenha por fim vexal-o e opprimil-o.

É pois a Madeira uma das mais importantes possessões portuguezas.

Não julguem, porém, que o que fica dito, é filho exclusivo do amor patrio ! Não ! Além d'esse nobre sentimento, — *amor da patria* — ha o amor á verdade e á justiça.

Novembro de 1889.

Martins (Praia da Victoria).

LOGOGRIPHO VII

Foi um grande philologo,
Com Jacobus se bateu,
E por seu grande saber
Do rei pensão mereceu. — 1, 4, 5, 6, 7, 8.

Ousadissimo animal
Té a lua perseguir !
Inda mantem esperanças
De a vir a engulir — 2, 3, 6, 7.

CONCEITO

Um rio com tal riqueza
Nunca se vio, com certeza.
De oiro puro suas margens,
Do mais precioso metal ;
Quem provar sua escuma
Tornar-se-ha immortal.
Rolam em suas ondas
Perolas e rubis,
Areias tão odoríferas
Como almiscar, subtis.

F (Bahia

Almoço aos pombos. — Assim é que se en-

sua benfeitora, que os visitava com o seu cestinho de milho e alimpas, e os alimentava com tanta graça e tão boa vontade! E o que faz a estas avessinhas, faz aos pobres. Não lhe batem á porta que



sinam as creanças a serem meigas e caritativas. Com que alegria não vinha esta creança todos os dias, de manhã e á tardinha, dar de comer aos seus pombos, e como os pombos a amavam! Se ella era a

ella não corra, cheia de alegria, á mamã para que lhe dê o que ella ha de dar d'esmola.

Camara illustrada. — Em eras já passadas e em magna sessão camararia d'um concelho ultramarino deu-se um episodio digno de figurar no *Almanach Luzo brasileiro*.

O presidente tinha ha muito abandonado o commercio da *tamara* e mudado o nome de Judas para um qualquer mais christão, e assim transformado chegava a representar cá n'este mundo de *presidente da camara municipal*.

Alguns vereadores conheciam o renegado'e desejavam dar o caso a publico.

Estava-se em plena sessão e um representante do municipio, sob a impressão de ampla pitada, disse :

—Proponho que seja prohibida a creação de porcos dentro da villa.

—Escreva, sr. João Thereza, disse o presidente com voz grave ao escrivão, homem sizudo e descendente, pelo lado materno, da primeira nobreza.

—Collega, disse outro vereador: em casa de ladrão não se falla em corda, e não devemos fallar em *toucinho* sem licença do sr. presidente.

A calva presidencial transpirava !

—Sr. presidente, atalhou o escrivão João Thereza, eu lembro a V. Ex.^a, com licença dos senhores vereadores, que os ditos porcos suínos, nas nossas casas, são elles ditos a limpeza das ditas.

Este escrivão estava á altura das circumstancias.

—Proponho mais (diz outro vereador) que a palha que cobre as casas, seja removida todos os annos, por causa dos cheiros epidemicos exhalados no espaço...

—Peor—respondeu o douto escrivão—d'essa forma a palha não chegará para consumo dos habitantes.

E levanta-se um padeiro á meia noite para taes conspicios cidadãos comerem o selecto cúscúz !

D. Carlota Lopes—(Praia).

CHARADA XI

(Ao distincto charadista Manuel Baptista da Costa)

Posso ser branco ou ser preto	}	1
Ser da cõr do gyrasol :		
Verde, azul ou cõr de creme		
Ou da cõr do arrebol		

Sem ter pernas nem cabeça	}	2
Pinta a manta, o diabo a sete ;		
Se possuil-as, não me falles		
Pintor e (padre) promette.		

CONCEITO

Sem fazer figura grande
Nem um nimio figurão
Certo entre as deusas da fabula
Com certeza me acharão.

Frei Jonas (Rio de Janeiro).

O cartão de Adelaide

Nitido, de um verde desmaiado
A recender perfumes e doçura,
De bella e delicada contextura,
E em cada um dos cantos recortado.

Com um listão no meio atravessado,
Dourado e deslumbrante em sua alvura,
E a realçar-lhe ainda a formosura
Um nome tão querido e adorado.

Sobre a margem com nitida clareza,
Uma palavra simples e mimosa,
Lê-se como um symbolo de pureza,

E no brilho a rivalisar c'o a rosa:
E' o cartão de extrema singeleza,
Aonde o «sim» me deu a minha esposa.

1889.

Emilio Algoda.—(Sobral—Ceará).

Abastança, luxo, demasias no reinado de D. Manuel.—*Perolas soltas.*—

A maior parte d'aquelles felices annos que durou o imperio do glorioso e bem afortunado rei D. Manuel lhe succederam sempre todas as cousas tão prosperamente, que parece que a fortuna de proposito tinha tomado a seu cargo engrandecel-o, porque com os grandes proveitos e interesses, que se tiraram de muitas e muito gloriosas conquistas que os portuguezes fizeram nas partes orientaes, e do trato e commercio d'ellas, em espaço de poucos annos veyo este reyno a ser tanto mais rico e abastado do que o nunca fôra; que os mesmos homens quasi atonitos de tão supita mudança não souberam tratar as riquezas, nem usar d'ellas com a temperança devida e necessaria, quiçá parecendo-lhes que lhes não podia jamais vir a faltar o que uma vez tinham alcançado.

Ajudava tambem então esta riqueza e abastança do reyno, estar elle ainda livre e desembaraçado das obrigações que depois teve a que foi forçado acudir-se, porque não tinha elRey ainda filhos a quem houvesse de dar casas, e rendas, nem filhas a quem houvesse

de dar dotes, o que tudo havia de sahir da sustancia do reyno, e assi tudo o que então havia n'elle se convertia nos seus usos, com que cada dia se fazia mais rico e mais abastado, e dos limites d'elle para fora estava tudo em santa paz e quietação, que não havia cousa que podesse dar cuidado.

Esta prosperidade e boa fortuna veio em fim a dar mostra d'alguma mudança e declinação, porque esta grande riqueza e abundancia que se devera de poupar para as necessidades da honra, se veio a empregar toda em delicias e appetites, os quaes como costumam ser insaciaveis foram causa de grandissimas superfluidades e demasias, que nos trajos tomados quasi d'improviso de gentes estrangeiras, nos adereços das casas, no fausto e pompa do serviço, em cheiros e perfumes deliciosos, em invenções de manjares differentissimos, assaz custosos á fazenda e danosos á vida, e em muitas outras cousas d'esta qualidade, que foram bastantes não somente para darem grandissima quebra n'aquella grande abundancia a que os homens tinham chegado, mas para perverterem e quasi corromperem de todo aquelle rigor e austeridade dos costumes antigos, que era a columna e sustentação da verdadeira honra. (1)

Francisco d'Andrade.

CHRONICA DE D. JOÃO III.

(1) O luxo excessivo não foi só o resultado da conquista da Índia, era vicio do tempo. Já no reinado antecedente, de D. João II, as festas que fez em Evora para celebrar o casamento do príncipe seu filho foram taes que mandou vir de fora tapeçarias, pannos finos, brocados, sedas, tella d'oiro, de que Garcia de Rezende na sua *Miscellanea* diz :

Vimos as festas reaes
Que em Evora foram feitas
Não se viram outras taes
Tão ricas nem tão perfeitas
Nem gastos tão designaes,

Que multidão de brocados
Chaparias e broslados,
Que justas, momos, torneos!
Que touros, carros, que arreos
Que banquetes esmerados!

Como era influencia do tempo, continuou o luxo no tempo de D. João III. D. Sebastião, que lhe succedeu, ordenara em 1570 n'uma Pragmatica, entromettendo-se na economia das familias, *que ninguem podia comer, ou dar a comer á sua meza mais que um assado e um cosido, ou arroz ou cuscuz, e sem nenhum doce.* Mas quando partio para a infeliz jornada d'África, o luxo dos cavalheiros que o seguiam, para que empenharam rendas e fazendas, era desmedido e o d'elle não menos.

Da Redacção.

LOGOGRIPHO VIII

(Poesia do ex.^{mo} sr. Elpidio de Oliveira Martins,
offerecida ao mesmo)

Transitando por agros caminhos — 4, 2, 9, 5, 1, 10, 3
Vae o cego, coitado! a esmolar!
Deixa apoz, sem pão — a chorar — 3, 8, 3. 7, 2, 6, 7, 12
Sua esposa e seus filhinhos.

Vae exposto aos rigores da sorte,
Só guiado por seu fiel cão, — 4, 2, 6, 7, 12, 9
E arrimado n'um fragil bordão, — 4, 10, 9, 10
Segue ávante — sem rumo e sem norte.

Quando encontra um christão assim diz: — 11, 10, 5
«Uma esmola, por Deus, eu vos peço;
Pois sou cego e de esmolos careço.»

E pedindo... e pedindo o infeliz,
Cumpre a sina, e apoz semi-morto
Torna ao lar a buscar o conforto.

17 — 10 — 89.

Polydoro (Companhia Pery — Brazil).

APPELLO A' SCIENCIA

Sciencia! Tu somente é que has interpretado
da sabia Natureza os mil arcanos seus
e os tens á humanidade inteira revelado
da ignorancia atroz rompendo os densos véos

O velho Galliléu em teu poder fiado
depois de meditar, de haver observado
por annos vinte e nove
da lampada suspensa o balouçar constante
na cathedral de Piza, exclama delirante:
— «A terra é que se move!»—

Por ti foi que Laplace e Herschel preserutando
a abobada sem fim com vidros encorvados
poderam descobrir e foram calculando
a forma e rotaçào dos mundos afastados.

O americano Franklin, o teu fanal visando,
e um'haste ponteaguda aos ares levantando
o raio dominou.

Em vão podes vibrar em zig-zagues de aço
—terrível meteoro—e retumbar no espaço,
—o imperio teu findou!—

Diniz Papin, Watt e Stephenson fundados
na força do vapor elastica, expansiva,
poderam construir—por tuas mãos guiados—
a não com propulsor e a locomotiva.

A Kepler inspiraste; o grande genio um dia
interpretou as leis da immensa astronomia.

A ti oh Potestade!

Copernico deveu dos mundos o systema
e Newton resolver o universal problema
das leis da—gravidade—

Por teu poder Buffon, attento analysando
as lavas dos volcões, as fosseis creaturas,
da—Terra—a nossa mãe, a idade calculando,
chegou a duvidar das Santas Escripturas.

Portanto, se tens tu, oh immortal Sciencia!
a tantos inspirado, a tantos d'entre o povo,
illumina tambem a minha intelligencia,
faze n'ella brotar algum engenho novo,
tão grande, original, tão sublime, altaneiro,
que simplesmente pela exploração do qual,
evitando a sancção do codigo penal
e sem trabalho algum, eu possa haver dinheiro!

Antares (Lorêna—S. Paulo—Brazil).

As torres e os sineiros. — Poisam
junto ás torres habitações de sineiros e d'outros empre-
gados; lembram ninhos de passaros. As horas soam lá
nos altos em primeira mão, assim como o chilrear das
andorinhas dos beirados; e os rumores da vida da ci-
dade estou que chegam amortecidos áquellas paragens
meio mysticas, meio profanas. Das maldades do mundo
pouco se deve lá saber; mas em compensação com que
doçura se não escutam n'esses esconderijos aereos os
brados melancolicos ou festivaes dos campanarios!

O sineiro é o hermitão dos pincaros; o mysanthropo
das musicas dos bronzes; o castellão do Vacuo, o silen-

cioso cicerone do que todos vêem ; é certo. Mas sem sinos não ha culto, e sem sineiro não ha sinos.

Que importantissimo papel não representa depois na lithurgia catholica esse obscuro sonhador, esse personagem incoercivel, esse maestro das ventanas, que é a um tempo a alegria dos repiques, a commoção dos dobres funerarios ! elle que espalha enthusiasmo ou devoção por todas as familias da cidade ! elle que pregoa para os quatro pontos cardeaes a hora do sermão, a hora do *Te-Deum*, ou o momento solemne da elevação !

Lisboa antiga, tom. III.

Julio de Castilho (Lisboa).

CHARADA XII (HELICE)

Aos heroes Savard, Luz, e Zamith

Cahia-lhe em farrapos toda a roupa !
Era um estado horrivel, vergonhoso !
Pois nem sequer um sentimento tinha
Estava na miseria o desditoso ? — 1

Mas junto ao leito seu sem, um momento,
Abandonar o infeliz amante,
Ella, a companheira de seus dias — 2
Vae-lhe dar a tisana a cada instante.

Morreu ! Depois envolto n'um lençol
Dado por favor n'um hospital
Foi o pobre lançado á valla fria.
D'outro modo o não fôra este animal.

D. Ernestina de Freitas Amaral
(S. João do PrincipeRio de Janeiro).

DESENGANO

(A D. Anna E. Franco)

Quando souberes que parti... não chores...
Por mim não quero que derrames pranto ;
Busca somente retirar da ideia
O nome... o nome do que te amou tanto.

Job Coriolano Telles — (Bahia).

Aberração da natureza.— Baptisou-se n'esta freguezia de Cuyabá, Capitania de Matto-Grosso, no dia 18 de janeiro de 1799, sendo celebrante o revd.^o padre coadjutor Manoel Machado de Siqueira, uma innocente, a qual recebeu o nome de Izabel, filha legitima de José da Arruda e Sá e Anna da Fonseca Corrêa, pessoas brancas d'estas Minas, que nasceo, e ainda assim se conserva, branca da cabeça até ao umbigo e dos joelhos até á extremidade dos pés, porém preta do umbigo até aos joelhos.

A. Portugal (Bolem—Pará).

ENIGMA IV

Nos paços nobres sentado

Do concilio popular,

O patrimonio sagrado

Álerta deve zelar.—2

Já dos annos combatido,

Dos invernos ao tufão

Apalpo o meu coração

E já o sinto entanguido.—3

Reforçada cidadella

Das populares franquias

N'ella a turba se acastella

De invasoras tyrannias.

D. Amanda V. B. Guimarães (Campos—Rio de Janeiro).

FINDAE

Deixae, deixae-me em paz, aspirações febris

Da minha mocidade.

Fugi, tende piedade

Do pobre coração que tanto perseguis.

Deixae, deixae-me em paz. Eu não devo provar

N'este Eden terreal

Os fructos da ventura

—A arvore do mal—

Findae, findae para sempre, homericas visões

D'amor, de graça, e luz

Que d'antes vi sorrir ao meu olhar maguado,

Como um anjo de paz ao pé d'um condemnado,

Como ao lado d'um crente os braços d'uma cruz.

Setembro de 1885.

Eugenio Alão.

Raphael Sanzio. — Celebre pintor, architecto e esculptor da escola romana, Raphael foi contemporaneo de Miguel Angelo e Leonardo de Vinci, no seculo XVI, o grande seculo da pintura. Qual d'elles era maior? Não é facil dizel-o. Uma concepção sublime e uma maneira larga e grandiosa, são os elementos do estylo de Miguel Angelo, o artista por excellencia. Deve-se a Leonardo de Vinci, rico de to-

tigos o mais moderno, pelos processos que empregava. O talento de Raphael, no dizer de Carlos Clemente,



dos os elementos que constituem o genio, o claro escuro e, no dizer de Taine, é de todos os pintores an-

era um maravilhoso cadinho, no qual as mais variadas doutrinas se combinavam e fundiam, para darem origem a obras de uma perfeição e' belleza, que nunca até então se haviam reunido em tão alto grau. Estas obras não arrebatam, nem subjugam como as de Miguel Angelo, não attrahem, nem seduzem como as de Leonardo de Vinci, mas produzem uma impressão, que

por não ser violenta nem subita, não deixa de ser profunda. Principalmente entre Miguel Angelo e Raphael havia uma certa rivalidade. Um dia Raphael encontra-se no Vaticano com Miguel Angelo. Aquelle vivia como um principe, e ia rodeado dos seus discipulos, que chegaram a ser cincoenta. Miguel Angelo ia só, austero, sombrio, melancolico, como costumava andar.

— Ides com tão grande sequito que pareceis um general, diz elle, voltando-se para Raphael.

— É vós, responde este ao pintor do *Juizo final* ides só, como costuma andar o carrasco.

É forte.

Raphael era filho d'um pintor, e recebeu de seu pae as primeiras lições. Morto este, esteve no *atelier* de Perugino, em Perugia, cerca de seis annos. Passou para Florença, onde viveu quatro annos entregue ao estudo das obras antigas. Em 1508 foi chamado a Roma por Julio II, que o encarregou de decorar com quatro grandes frescos a sala do Vaticano chamada de *assignatura*. Terminado este trabalho, foi pelo pontifice encarregado de decorar a sala de *Heliodoro*. Pela morte de Bramanti, em 1515, foi pelo papa nomeado architecto em chefe da fabrica de S. Pedro, e no anno seguinte superintendente dos edificios de Roma. Chegára ao apogeu da sua gloria, e vivia como um grande senhor e em pé d'igualdade com os mais illustres personagens de Roma. O cardeal Bibiena fez grandes esforços para o casar com uma das suas sobrinhas, mas Raphael vivia apaixonado por uma mulher — a Fornarina, que elle tornou celebre. Era tal a loucura do grande pintor por esta sua amante, que para ir a casa d'ella, quando andava pintando a *Galathea*, largava os pinceis tanto a miudo, que Agostinho Chigi, para evitar estas continuas interrupções, deu alojamento no seu palacio á Fornarina. Com quem elle casou foi com a morte. O grande artista tinha trabalhado muito e não tinha forças para tanto. Nascera a 6 de abril de 1483, e morreu a 6 de abril de 1520, contando apenas 37 annos. No anno antecedente tinha morrido Leonardo de Vinci com 67 annos — e 44 annos depois, em 1564, morreu Miguel Angelo com 90.

CHARADA XIII (ENIGMA)

(*Em terno por syllabas*)

É longa e estreita a segunda,
Uma medida a primeira,
Na machina, olhando bem,
Vês facilmente terceira.

Laura Mattos (Valença—Brazil).

FUNEBRE

(*Ao receber a noticia do fallecimento da Ex.^{ma} Sr.^a D.
J. F. de C.*)

... A Joanna ia muito bonita.

Parecia que estava a dormir. Ia toda de branco e coberta de flores naturaes muito fresquinhas, o que fazia um verdadeiro contraste com ella, sem vida, coitadinha...

(*Extracto de uma carta.*)

Atraz d'esse caixão cheio de flores
em que teu corpo era flor tambem,
deviam ir marchando sobre andores,
carpindo enormes, cruciantes dôres,
o coração saudoso de uma mãe,

Os risos d'esta vida, as harmonias,
a côr, a luz, o som, tudo o que é brando,
ingénuas ignorancias, alegrias
caprichos infantis e phantasias
n'um côro funeral todos cantando...

Uma canção que a dôr mudou em pranto,
manhã de sol em noute transformada,
bouquet de flôr's envolto em negro manto,
sonho d'amor com accorder d'espanto
n'uma lugubre horrivel madrugada!

O que sabias tu? No livro enorme
da vida universal que foi que lêste?
que o sol, depois de ter brilhado, dorme,
que as flores se mudam n'uma massa informe
e cançada, tambem, adormeceste...

Outubro, 1889.

F. — (Lisboa).

Memorias.—Do *Diario de Noticias*, da Madeira, extrahimos a seguinte carta do infeliz Maximiliano, o ex-imperador do Mexico, dirigida ao digno consul do Funchal, o ex.^{mo} sr. Carlos Bianchi :

Joaquim Pestana (Madeira).

«*Meu caro Bianchi.* — Agradeço-te do coração a tua amavel carta, e as tuas benevolas expressões com relação á escolha que de mim fez o povo mexicano para seu soberano.

«Se, como é possível, decidir deixar a Europa em ordem a acceitar a corôa que esse povo me offerece, tenciono visitar a Madeira e ahi renovarei as expressões de sincera estima com que me subscrevo»

Teu muito affectuoso,

Maximiliano.

LOGOGRIPHO IX

(POR LETRAS)

(*Ao distincto amigo dr. F. P. M. M.*)

Consultar um certo medico—10, 5, 7, 9, 11, 4, 8, 1, 7 5

Veio n'esta embarcação—1, 10, 9, 10, 6, 2, 8

Audaz cavalleiro turco,—12, 1, 5, 2, 10.

D'alguma aldeia mandão.—1, 11, 7, 8.

Afflicto com a doença,—2, 8, 9, 1, 8, 12.

Encontrando um homemzinho.—1, 10, 4, 9, 8, 7, 8.

Metteu-lhe logo o chicote,—12, 7, 5, 1, 2, 10, 4.

Por achal-o mui damninho.—9, 5, 1, 11, 6, 8.

P'ra sua grave molestia—1, 7, 3, 12, 10, 6, 11.

Deu-lhe o medico tal herba;—1, 10, 4, 8, 7, 9, 8.

Mas, apezar da mezinha,—6, 9, 3, 12, 7, 8, 4.

A febre ainda conserva.—8, 1, 10, 5, 4, 11.

CONCEITO :

Por ser phariseu trazia
Um pergaminho em que sei
Terem sido outr'ora escriptos
Os mandamentos da lei.

Narcizo Fefico (Tartaria — Minas).

Rio Amazonas

(Ao meu gigante e formoso Rio-Mar)

Creou-te Deus um colosso,
Gigante, herculeo, *Senhor*,
Rasgando, altivo Condor,
Co'as garras as densas mattas,
Saltando por entre rochas,
Correndo sobre brilhantes,
Formando além, espumantes
Atterradoras cascatas.

Teu leito todo é saphyra,	A ti, o mar obedece :
Os bosques são teus lençoes,	Co'as vagas turvas, fugaces,
Os sabiás, rouxinoes	Vem beijar-te as lindas faces
São teus eternos cantores.	Da morena còr dos ceus.
As alvas garças, gentis,	Os desertos se postergam,
Os gaviões arrogantes,	Os bosques, valles, campinas
Os colibris coruscantes,	As montanhas, as collinas,
São teus leaes servidores.	Se curvam aos gestos teus.

1889.

Leonidas Dewer (Manãos—Amazonas).

O calado é o melhor. — Muita gente sabe perfeitamente applicar este antigo dictado ; mas o que nem todos sabem é a sua origem : é o que vou apresentar aos leitores que a não soubérem.

Em 16 de janeiro de 1630, deu-se na igreja de Santa Engracia, de Lisboa, um terrivel desacato, e procedendo-se ás mais rigorosas investigações, cahiram as suspeitas n'um pobre homem, chamado Simão Pires Soliz, que havia sido visto a passear de noite n'aquelles sitios e que, ao que parece, namorava uma freira, proximo da igreja.

Soliz foi preso ; e para a prisão, a freira de Santa Clara, sua namorada, fez-lhe presente de dois melões, acompanhados de um bilhete em que se lia—«o calado é o melhor.» —Este bilhete aggravou de tal maneira a situação do infeliz, que o pobre preso foi levado a soffrer os mais atrozes castigos.

Foi pois do presente da freira que vem o dizer-se ainda hoje—o calado é o melhor—como quem diz «a alma do negocio é o segredo».

Antonio de Jesus e Silva — (Minde).

CHARADA XIV

No extremo do horisonte, além, no termo, — 1
Tombo, e no tombo me acharás, descança! — 1
Depois de tão doente e tão enfermo
Ficar d'uma ferida d'esta lança!

Señorita Beatriz y Sandoval.

Um elogio perigoso (*Ao meu s mpathico patricio e amigo Isidoro José Martins*).—Ahi por 1850 e tantos foi carregar de sal, na ilha d'este nome, um navio francez.

Attrahido, não sei por que dever do seu cargo, um funcionario publico, já então antigo servidor da alfandega d'aquella ilha, — vae um bello dia a bordo do famoso barco, e é convidado para descançar na camara, bem como o patrão mór e outras entidades officiaes.

O velho aduaneiro, surpreso de tanto luxo que se lhe depára em uma sala fluctuante, não cessa de menear a cabeça e de manifestar a sua admiração por tudo que vê em torno de si.

De repente, o capitão francez levanta uma cortina e deixa vêr um quadro representando o imperador Napoleão I!!

O nosso honrado funcionario, apreciador incommensuravel do grande guerreiro, contempla detidamente o retrato, meneando sempre a cabeça, e agora saracoteando-se até ir implicar com os moveis que lhe ficam mais proximos, exclama, para dar maior expansão ao jubilo que lhe fervia no intimo do coração: — *ah canalha!!...*

O capitão francez, que até aqui gostára summamente das differentes interjeições do empregado surpreso, sente-se fulminado á voz do — *ah canalha*, — perfila-se, e irrompe em improperios, exigindo uma satisfação em regra, e, n'uma palavra, o nosso visitante corre grande risco, porque o capitão grita ao rapaz da camara que lhe traga as pistolas!!

Tratar de — *canalha* — ao imperador Napoleão a bordo de um navio francez?!...

A situação torna-se nimamente critica: o virtuoso aduaneiro não comprehende uma palavra do idioma do monarcha elogiado, fica mudo e frio como a lanterna apagada, e por sua infelicidade, o francez conclue d'este fatal

silencio uma confirmação implicita do supposto insulto! Já não póde mais menear a cabeça, acha-se entre a cruz e a caldeirinha, elle, o mais inoffensivo dos empregados do ultramar ! ! . . .

Mas o sr. Julio Ferreira d'Almeida, patrão mór da ilha, cavalheiro que falla correctamente a lingua de Victor Hugo, salva a situação, conseguindo socegar o espirito do capitão, a quem explica, que o *ah canalha*, é o termo mais mimoso e mais sublime de que dispõe o creoulo para render uma eloquente homenagem ao merito de um grande heroe.

—Comprehando... comprehendendo, masliga o francez, mas os srs. creoulos têm uma maneira muito exquisita e muito pouco amavel de louvar a um francez ! . . . Rapaz, vai guardar as pistolas ! . . .

Pedro Antonio d'Oliveira (S. Vicente de Cabo Verde).

LOGOGRIPHO X

(Ao meu primo e amigo sr. João da Silva Freire)

Com o teu dito picante—5, 7, 12, 11, 3.
Não me faças confusão,—1, 2, 9, 10, 11, 6.
Porque nas aves verás—4, 13, 8, 12, 3.
A minha decifração.

CONCEITO

Queria dar-te o conceito,
Amigo do coração,
Porém acho-me aturdido
Em enorme confusão.

José Mario da Silva Freire (Bahia—S. Salvador).

Visita a um cemiterio. — Raro será o homem que, ao entrar em um cemiterio, não sinta a ideia da immortalidade.

O silencio augusto de uma necropole, aquellas fileiras de cyprestes apontando os agudos cimos para o céu, tudo nos convida a meditar na vida d'além tumulo.

Alli reinam completa paz e quietação, e até parece que a suave brisa tem o som mais melancolico na morada dos mortos do que na mansão dos vivos.

Repassado de uma especie de pavor e de profundo respeito para com o Creador, sente-se o nosso espirito quando

contemplamos o campo em que, um dia, ficará o nosso corpo para sempre em repouso.

Então, engolfados na triste idéa da morte, nos consolamos, é certo, com a esperança de uma eternidade sem paixões nem contendas, onde nos possamos confundir e abraçar com os nossos semelhantes.

Mas o homem, com o seu natural egoismo e vaidade, esqueceu-se de que o cemiterio é o logar onde impera a verdadeira igualdade, e por isso levantou custosos monumentos para perpetuar a sua memoria e attestar o valor, que teve em vida.

Julgou elle, assim, que na morte tambem ha distincções.

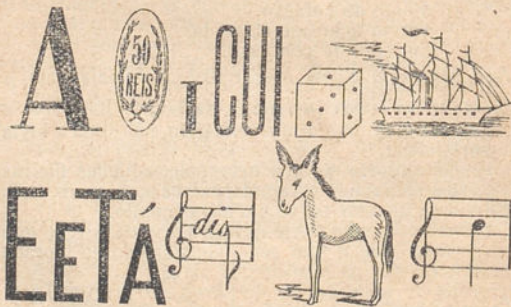
Quantas vezes, porém, na rasa sepultura, e sem pomposos epitaphios, não se encerram os restos de alguem que foi rico, não de bens de fortuna, mas de acções benemeritas em favor da humanidade?!...

Este ficará esquecido como talvez o fosse durante a existencia.

A. Gomes Tavares (Recife—Pernambuco).

ENIGMA V (PITTORESCO)

(Offerecido ao meu amigo e eximio enigmista
dr. José Fernandes Torres
e a meu irmão João Maria da Silva)



Francisco Maria da Silveira—(Minas).

Ahi vem o pae!— A gravura que hoje apresentamos é um quadro de Sadeler. Uma pobre mãe, com um filhinho ao collo, e dois que pouco maiores eram, que a acompanhavam, ia quasi todas



as tardes, depois de certo tempo, á praia do mar, estender os olhos pela extensão das aguas, para vêr se ao longe lorigava as velas da embarcação que lhe trazia o marido. Uma tarde, oh felicidade! estava cumprindo o seu fadario, e vê ao longe uma vela.

Approximando-se com vento de feição, e já mais perto, reconhece o marido no homem que lhe acena com o lenço. Lá vem o pae! foi o grito da pobre, grito d'alma que se casou ao marulho cadenciado do desdobrar das ondas. E d'ali a pouco saltava em terra o chefe de familia, que ha mezes a não via, — e indo todos, depois de fêrvidos e apertados abraços, foi dia de festa, na casa, onde tantas saudades se haviam curtido.

CHARADA XV

Ao club dos Punhaes de Prata

Entre montes e collinas—2
Certo homem caminhando
Quasi, quasi se perdia—1
Salvou-se, e letra trocando
Seguiu para esta aldêa
Lá do velho Portugal
E achou-a pittoresca,
Bella, fresca, sem igual.

Mithridates (Stambé — Pernambuco).

PELA PATRIA!

A' arrojada classe academica portugueza

Irmãos! a nossa causa é justa; e tão sagrada,
reflecte em todo o mundo a luz d'um brilho tal,
que exclamo delirante, a mente enthusiasmada:
tão nobre patriotismo eleva Portugal!

Acalentae bem fundo o amor da patria, puro:
— que intacto permaneça em vossos corações!
Não affrouxeis na lucta, atletas do futuro,
— Mostrae qu' descendeis de Gama e de Camões!

Só com trabalho extremo e n'um ousado heroismo,
conseguireis deter a marcha ao despotismo
com que essa traiçocira Albion lesar-nos vem!

Brademos com denodo e digno patriotismo:
abaixo a tyrannia — o sordido egoismo
dos detractores vis da patria nossa mãe!

D. Marianna Coelho (S. Martinho d'Anta—Villa Real)

Maria e Eva (*Commemoração do dia 8 de setembro*)—Maria, Filha e Esposa de Deus Espirito Santo, creatura excelsa e de abeterno destinada para sanetuario da divindade e corredemptora do homem proscripto, do qual, no cimo do Calvario, foi constituida Mãe pelo Salvador agonisante, tem sido sempre a protectora desvelada da humanidade opprimida.

Maria, proeminente a tudo, e só inferior a Deus, que a fez gerar milagrosamente no ventre de Santa Anna, esteril e decrepita, que não podia naturalmente conceber, vio a luz do mundo no dia 8 de setembro, dia este, em que principiou a raiar no firmamento moral a aurora luminosa da anhelada e promettida redempção.

Este dia tão festivo nos annaes da humanidade tem sido sempre, e com razão, commemorado pela Igreja, que em todos os tempos se tem adornado de pomposas galas, entoando hymnos de louvôr á heroína immaculada, que, esmagando a cabeça da serpente tentadora, restituiu o homem ao gozo dos direitos que o Creator lhe outorgára, e que pela sua infidelidade perdeu.

Eva, que o Creator tirou d'uma costella do já creado Adão, para companheira d'este, de quem teve a origem, mostrando assim que a mulher é igual ao homem em natureza e inferior em robustez, foi tentada pelo dragão infernal para transgredir o preceito divino, deixou-se resvalar no precipicio, levando consigo o incauto companheiro, e legou á posteridade o peccado, a desgraça, as dores, o constante e afflictivo labutar da vida, a morte, em fim, e, para cumulo de desventura, o anathema de Deus, e a proscrição do paraizo.

Despojada a humanidade da innocencia e da graça, principiou logo no primogenito d'aquelle primitivo casal a longa serie de atrocidades, que tem manchado sempre a historia humana, sendo Caim assassino de seu proprio irmão; e assim decorreram quarenta seculos de ferro, até que uma segunda Eva, mais forte que a primeira, e isenta da mancha original, provinda d'esta, rehabilitou o homem, levantando-o da abjecção da culpa, o collocando o no logar d'honra que lhe fôra destinado.

Eva não obstante a sua fraqueza, foi grande pelo seu arrependimento, e perseverança; Maria, excedeu

todos os seres angelicos e humanos, sendo o primeiro ente da criação, e, por assim dizer, o anel da cadeia entre o Creador e a creatura, dotada das mais excelsas prerogativas, e, emfim, mãe do Deus humanado e medianeira solícita entre elle e o homem, a quem, protegendo constantemente na vida, facilita o ingresso na mansão celeste.

Martins d'Oliveira (Povoa de Lanhoso).

LOGOGRIPHO XI

POR LETRAS

(*A Laura da Fonseca*)

E' minha primeira
De Bianor cognome—6, 2, 5, 1
Sendo nympha do mar—3, 4
De uma ilha é o nome—2, 3, 4

CONCEITO

E agora, minha cara,
Só o conceito nos resta,
E' pae dos rios e fontes
E' filho do Céu e Vesta

D. Leonor Marinho Flores (Pernambuco — Recife).

A meu pae

Dos annos a pesar que hão passado
Desde que tu baixaste á terra fria,
Inda no meu peito nem um dia
O coração deixou de prantear-te !

E' que tu n'esta vida tormentosa
Eras a luz que os passos me guiava ;
E quem mais puro amor me consagrava
Depois que a mãe perdi extremecida.

Pobre orphão, sem er um peito amigo
Onde esta fronte pouse com carinho,
Hei a vida passado qual do ninho
Extraviada rôla apaixonada !

Oh! meu pae, se de lá onde repousas
Podes na terra vêr os passos meus,
Com um fio de luz dos olhos teus
Para o bem o dirige, como em vida.

1888.

Manuel E. Ferreira (Pará).

A ESPERANÇA

A' Ex.^{ma} Sr.^a Dona F. A. Costa Pereira

A esperança é o cherubim de niveas azas que Deus envia do céu á terra para nos amparar do berço ao tumulo, do tumulo á et ruidade.

Ella é a virgem de caridade, que tem sempre para as chagas da nossa vida um balsamo de consolação, e para as dôres da nossa alma um refrige ió celeste.

Sem ella o homem não daria um passo na vida, nem valor teria para esperar tranquillamente o recosto da morte.

Sem ella o nauta não procuraria transpôr a vastidão dos mares, nem teria alento para além, na ilha encantada, repousar á sombra da palmeira de seus dourados sonhos.

Sem ella o soldado não correria impavido ao campo da batalha, nem audacia teria de erguer no baluarte inimigo o estandarte da victoria.

Sem ella o lavrador não regaria a terra com o suor do seu rosto, nem lhe confiaria as s mentes se não confiasse no seu fructo.

Sem ella, perguntae-o ao sabio:—porque tantas noites de vigalias?—e elle vos responderá: é porque quero encontrar a luz atlantica que além se occulta no oceano da verdade.

Sem ella, perguntae-o ao artista, ao modesto artista, porque tanto affan, tanto esforço, tanto se afadiga para chegar ao sabbado? elle vos responderá: é porque quero com o suor do meu rosto ir applicar a sede a meu velho pae e matar a fome a minha velha mãe.

Sem ella, perguntae-o á virgem, porque tanto doaire no vestir, tanto esmero no pentear, tanto sorrir ao amigo espelho, tantos ais ao confidente travesseiro? e ella indubitavelmente vos responderá, não pela bôcca,

que o não consente a mimosa flôr do seu pudor, mas por aquelles soberanos confidentes, por aquelles interpretes divinos, por aquelles meigos olhos que fluctuam n'un ceu d'amôr: — é porque quero cingir na fronte a grinalda de noiva, e mais tarde, ao sol dourado do hymeneu, ouvir do tenro arbutto o doce nome de mãe!...

Amemos, pois, a esperança, que sem ella a terra é um arido deserto, o céu um abysmo sem fundo, povoado de negras sombras...

1890 *Abilio de Mendanha* (Monte-mór-o-Velho).

CHARADA XVI

Aos campeões que mais eu considero:
O glorioso Savard, tão destemido;
O audaz triumvirato sempre unido—
Zamith e Cunha Pires e Ludgero;
A' grei luzida e forte de bahianos—
Orleans, Castro, Pinto, Finisterra
E Gansos Pretos, bons milicianos;
A todos esses bravos, que «na guerra»
Tem revelado indomita coragem,
Eu, mui humilde, aqui rendo homenagem.

Separae a primeira, e no restante
Moeda haveis de ter, de algum valor.—2
Reina o prazer sincero e delirante
Na bella festa, em casa do doutor.—2
Agora, que do nome tão curioso
Do todo, meu leitor, sois informado,
Penetremos no templo magestoso,
Onde o deus Buddha tem culto sagrado.

Nuno Affonso de Albuquerque (Olinda—Pernambuco).

Homenagem a Serpa Pinto

Salvé heroico e digno descendente
Dos heroes da epópeia portugueza:
D'esses de quem a audacia, e a firmeza,
Illustram os annaes da patria ingente.

D'esses que na guerra do Oriente,
Taes feitos praticaram de nobreza
Que aos contrarios attestam com largueza
Que bom não é luctar co'a lusa gente.

E Portugal que tanto hoje te deve,
Reconhecido, vem dizer-te: — «Avante!»
Nossos brios a defender prosegue.

«E todo o mundo ha de dizer em breve,
Fallando d'este feito altisonante —
«Ditoza patria que tal filho teve!»

D. Georgina de Carvalho (Lisboa).

Origem do nome Mossamedes —

E' portuguez ou angolense este nome? E' o que a nós mesmo perguntamos, sem podermos sahir da duvida, em consequencia de duas contradicções palmares que encontrâmos em dois escriptore — um portuguez e outro angolense. Segundo o que escreveu o sr. Simão José da Luz Soriano nas *Revelações da minha vida* (pag. 558) «se poz o nome de Mossamedes á Angra do Negro por obsequiosa memoria do Barão e Mossamedes, depois con e da Lapa, que em junho de 1785, mandára explorar os sertões do sul de Benguella.» Conforme esceveu o nosso compatriota J. A. de Carvalho e Menezes na sua *Demonstração geographica e politica do territorio portuguez na Guiné inferior, que abrange o reino de Angola, Benguella e suas dependencias* (pag. 84 a 85) «a povoação indigena d'aquelles contornos é conhecida com o nome de *Mossongo Bittoto* — que significa — Mossamedes e habita as praias e valle proximo do forte: os seus mais notaveis chefes são os sobas *Moene-Chipola* (sem nenhuma importancia entre os seus) e *Girahul*; este mais poderoso e mui respeitavel ancião, tem em grande valia as relações com os portuguezes, que igualmente o consideram pela superioridade de sua posição.»

Que illação se deve tirar d'isto?

Que o nome *Mossamedes* é devido ao barão d'este nome, ou que este procede de *Mossongo Bittoto*? E' o que é preciso investigar-se. Se o barão de Mossamedes já tinha este nome quando a 9 de setembro de

1784 chegára a Loanda e tomára posse do governo de Angola, pois só no anno seguinte (junho de 1785) é que mandára explorar os sertões do sul de Benguella,— é *Mossamedes* nome portuguez.

Se *Mossongo Bittoto* significa Mossamedes, de que proviera o baronato do governador (que gostava tanto de titulos honorificos, que de barão de Mossamedes passou a visconde da Lapa e mais tarde a conde) — é porque este nome é angolense.

Conclusão logica: por causa das duvidas, entregamos esta questão aos eruditos; não deixando todavia de dizer aos illustrados leitores que ha no Bengo e outros concelhos de Angola umaservas comestiveis a que dão o nome de *mussâmbe* e que igual nome costumam os angolenses applicar a Mossamedes. (*Cúia cu Mussâmbe*. Ir a, ou para Mossamedes). Como —perdoem-nos dizel-o — os europeus são vezeiros em adaptar ás suas linguas os nomes de linguas incultas, quem sabe se de *mussâmbe* os portuguezes fizeram *Mossamedes*?

J. D. Cordeiro da Matta (Barra do Quanza).

SONETO

Eu sou a triste fôlha, sêcca, errante,
Ceifada em sua mais tenra verdura,
A' pobre e débil planta agonisante...
— Já tombada no seio da expressura...

E que, do patrio bosque, assaz distante,
Sosinha ermando por verêda escura,
Auzente chora a companheira amante,
Roubada ha pouco, pela sorte dura!..

Sempre ferida por hervada setta
Em objectos do mais puro amôr
Que vão tocando d'esta vida a méta,

Eis a proscripta, já sem luz, sem côr!..
Há longos annos que a infeliz vegéta...
Para o prazer, — porque nascêo p'ra dôr!..

Manuel Vicente de Figueiredo (Falcão—Barra Mansa).

Passarinho bebendo. — A providencia de Deus é grande. Está a superficie da terra coberta



d'animaes silvestres e insectos, estão os ares povoados de milhões d'aves, sem que nem aquelles nem estas peçam nada ao homem para o seu sustento, senão

quando elle as escravisa. Vêde esta avesinha : baixou dos ares, onde esparecia, desceu ao chão, tinha sêde, vio n'um jardim um vaso com agua, e, ali está dessedentando-se, para depois se librar nas azas outra vez, e volver aos espaços aereos.

Com rasão escreveu o nosso padre João de Lucena, na «Vida de S. Francisco Xavier» :

«Serra a formiga com os dentes o gram por que lhe não naça no celeiro; tira-o a secar ao sol, se lhe chegou a humidade, que é quanto faz, ou fizera o lavrador mais pródigo : logo ou n'aquelle bichinho a providencia não fica áquem da humana, ou ella é governada pelo divino.»

LOGOGRIPO XII

POR LETRAS

Do tempo antigo cidade—8, 2, 1, 7, 6, 5
Onde aroma se guardava—7, 1, 9, 4, 3, 2
Ha um rio onde se lava—6, 10, 8, 9, 2
Certa fazenda encorpada—11, 7, 6, 2, 12
Lá achei um animal—6, 9, 3, 10, 2
Mais um peixe de agradar—6, 7, 4, 2, 8, 10

O conceito? Na Botanica,
Muito facil de encontrar.
Se não digo—dá producto
Que te *póde allumiar*.

D. Julia S. C. (Bahia).

A BORDO

(DESCENDO O URUGUAY)

Além respande a lua ; bellamente
Estende o véo de prata
Pela amplidão dormente,
E sobre o rio garbosa se retrata,
Qual pallida sultana
Que no crystal de um lago devaneia.
O formoso Uruguay crescendo aneia
Com furia americana
E pela varzea impavido campeia.

Por entre as ramarias

Dos sarandys que alteam-se nas bordas
Desfere o rio sonóras harmonias
Qual se vibrasse apaixonadas cordas.

Embal-amam-se os ares de fragrancias
Agrestes das campinas
Orientaes, argentinas,
E além, sobre os outeiros,
A luz branqueia as casas das estancias
Ornadas de coqueiros.

No salão do paquete una hespanhóla
Desfere, acompanhando se ao teclado,
Um cantico amoroso que se evóla
Ao céo todo estrellado :

*Todo acabó ; estinguida
La antigua llama siento !
No exhale ni un lamento
Mi altivo corazon !
Que el mas profundo olvido,
Rasgada ya la venda,
Sobre mi amor estienda
Su funebre crespon !*

Recosto-me á amurada
Da pôpa, a ver a espuma alvinitente
Que as rôdas do vapor em giro ardente
Levantam na carreira arrebatada.

Alguem que eu não conheço
Acérca-se de mim. Não me recordo
Que palavras trocamos no começo
Da meiga relação travada a bordo.

«Como é formoso o rio ! disse enlevada
A suspirar de manso.

«Como elle espelha a noite constellada !
«De olhal-o não me canso !»

«Para onde vai, senhor ? — Eu volto aos lares,
«A Porto Alegre, após bem longa ausencia.»
— Eu á França, opprimida de pezares,
«De maguas que laceram-me a existencia !

«Sim ; é mister partir. A vida agora
«E' para mim prizão !»

E vi na face pallida e doente,
Que a lua romantisa e mais descóra,
Uma nuvem passar, triste e silente
Corno passa chorando uma illusão.

— Soffre acaso, senhora ?

— Sim ; procuro

«Em viagens calar a dôr pungente

«Que sangra o coração.

«Ha muito que descri de meu futuro !»

— Acaso amou ?

— Amei ; mas fui trahida ;

«E' trivial, bem vê, a negra historia

«Que amargura-me a vida !

«Amor ! paixão ! miragem transitoria

«Que em delirio arrebatou o pensamento,

«Fenece n'um momento !

«Eu devera esquecer o louco ingrato

«Que espedaçou-me as crenças ;

«Mas muita vez oscúlo o seu retrato,

«Sentindo aqui saudades bem intensas !»

E apertava convulsa o coração
Que anceava de dôr sob o corpete
De setim, que brilhava á luz da lua
Como um espelho negro. Do paquete
No fulgido salão
A canção da hespanhola continúa :

*Oh ! quanto te adoraba !
Porque no confesarlo ?
Cautiva, sin pensarlo,
Me vi de tu beldad !
Y hoy mismo que te huyo
Si he rôto mis cadenas,
A costá de hartas penas
Compré mi libertad !*

A doente saudosa proseguia :
«Vcu visitar Pariz. Esta senhora
(Disse indicando alguem) é minha tia,
204

«Uma alma compassiva que me adóra,
«Que me serve de mãe n'esta agonia
«Que tenho em discorrer p'lo mundo fóra.
«O senhor é feliz ! Já foi amado
«E continúa a sel o. Não é certo ?

Não respondi : sentia igual deserto
No peito amargurado.

«A dôr moral é mais do que a dôr physica !
«Vou morrer, não me engano,
«Em breve, atravessando o bello Oceano ;
«Eu sei que morro tysica !

No florescer dos annos,
Talvez vinte, sentia a desventura
Emmurhecer-lhe a rósea formosura
Sob o peso de atrozes desenganos,
Não queria lutar — morria cedo !
Seu nome ? E' meu segredo.

Immersa em profundissimo desgosto,
Deixava a lua illuminar-lhe o rosto
Immaculado e santo.

No salão, entretanto,
A' branca luz electrica, fulgente,
Soava docemente
Da faceira hespanhola o terno canto :

*Porque tiernos recuerdos
Me asaltan de otros dias,
Flotantes armonias
De um canto que espiró ?
Aun quando el sol se esconda
Trás las nevadas cumbres,
Revelan sus vislumbres
Mi sueño que passó !*

A natureza em torno estremeia
D'infinita poesia.
N'aquelle bello instante
A lua n'amplidão, banhada em gloria,
Em claro azul seguia a trajectorya,
Serena e triumphante.

Nenhuma nuvem pelo céu suspensa.

A vasta immensidade,
Mysteriosa e funda como a crença,
Expandia a solemne magestade.

A joven, suspirando com tristeza,
Madona lacrimosa,
La arrancando as folhas de uma rosa
Que deixava cahir na correnteza...

Depois, em vago anseio,
Reclinando a cabeça sobre o seio
Da velha commovida,
Verteu amargo pranto,
Derradeiro talvez de toda a vida.

E resoava o canto :

*Mas no ; nada perturbe
Tu misteriosa calma !
A que agitar la palma
De mi desgraçado amor ?
Que Dios que nos escucha
Dé paz á tu existencia !
Yo guardaré la esencia
De la murchita flor !*

Murmurava a doente :

«Fidelidade eterna — enlace ardente
«De dois seres que beijam-se chorando
 «De alegria ineffavel,
 «E' sonho de demente,
«Um mytho n'este globo miserando,
«Sem fé, supinamente detestavel !
«Além, n'alguma estrella scintillante,
«Não formada do lodo d'este mundo,
«Talvez possa minh'alma — doida amante —
«Sanar a febre d'este amor profundo !
«Serei feliz ! Quem sabe ?»

E a voz tremia
Cortada por soluços de agonia.

«Veja as mãos como escaldam !

Confiante
Estendeu-m'as gemendo. N'esse instante
Em que a vi junto a mim, chorosa e bella,

Não sei que sensação de luto e goso
Pulsou me o coração angustioso.
Que partilhava a sorte da donzeila.

Um acesso de tosse convulsiva,
Um soluçar intenso
Humedece-lhe os lábios: a saliva
De sangue mólha o lenço.

Contemplo-a pensativo,
Oppresso o peito a tanto soffrimento.
E a pezar meu, revivo
Um luctuoso e intimo tormento.
Uma angustia fatal, sem lenitivo...

.....
E enquanto duas almas
Entregam-se em silencio á mesma dôr,
Trôa a explosão frenetica das palmas
No salão principesco do vapor.

Damasceno Vieira (Porto Alegre — Brazil).

CHARADA XVII

Tem valor, sendo invertido.—1
Junta uma letra e verás
Que o povo diz, convencido:
E' contrario de sagaz.—2

Corre a gondola, tão breve
Como os passaros no ar,
E vae beijando de leve
A branca espuma do mar.

D. Herminia Aurora Coelho (Paranaguá—Brazil)

Um bom escravo. (*A minha cunhada D. Felicidade de Jesus Antunes*).—O pae João era um bom servidor do seu senhor, que o comprára a troco de alguns centos de mil réis, no tempo em que os negocios lhe corriam ás mil maravilhas.

Entretanto o pobre escravo, que vivia, ha não sei quantos annos, sob o jugo de seu mau senhor, era tratado com todo o desprezo, poucos dias passando que não experimentasse os rigores de uma chibata.

Assim mesmo, não deixava de consagrar aquella ami-

sade propria de um coração bem formado, aos filhos de um homem tão perverso.

É vendo passar-se estas scenas que vamos encontrar João de Aguiar, o senhor do escravo modelo, vivendo de algumas economias havidas do suor escravo, já emprestando dinheiro a elevadas taxas, e já do proprio salario dos mesmos. A posição, porém, dos seus haveres estava-se tornando falsa, devido á má collocação dos seus capitaes, e á falta do braço escravo que cada vez mais diminuia, pois á medida que uns falleciam, outros fugiam para nunca mais voltar.

Só o nosso heroe, que era a perola do lar, apesar de tanto rigor, permanecia no seu posto de honra.

A Lei de 13 de maio, declarando livres todos os escravos, não veio alterar os antigos habitos do bom escravo !

Os filhos de João de Aguiar, já todos emancipados, tinham procurado meios de vida, isto é, sobrecarregando-o uns e outros, pois que ao trabalho não se prestavam, nem ao menos para sustentar aquelle que fez toda a especie de trapaças, talvez, quem sabe, para dar-lhes uma educação melhor do que a que teve.

Voltando ao bom escravo, que é o principal personagem da nossa historia, diremos que continuou a servir como d'antes, mas supportando rigor mais brando do que o passado.

Todos os dias em quanto pôde trabalhar, levava o producto do seu suor áquelle que o fez passar tantas horas amarguradas.

Ultimamente já os dois andavam de porta em porta mendigando uma esmola, até que certo dia Deus se lembrou de João de Aguiar, e lhe deu o eterno descanso.

Todos os sabbados, depois de ter percorrido toda a cidade, implorando uma esmola, lá ia pae João, a caminho do cemiterio, levar uma corôa de flores naturaes para ser collocada na pedra funebre, onde se acham os restos mortaes d'aquelle que tão mal o tratou em quanto escravo.

.....
Eis até onde pôde chegar a perversidade de um homem, e a dedicação de um bom escravo.

Que exemplo, e que virtude !

D. Francisco Dias de Bem. (Porto Alegre—Brazil).

Caridade d'uma pobre. — Ha poucos annos, n'uma quaresma, entrou na igreja de Saint-Merry, em Pariz, uma velhinha, e procurando na sa-

crisia o padre thesoureiro da parochia, entregou-lhe nove francos, para lhe fazer o favor de lhe dizer nove missas.

O padre sabendo que ella era muito pobre, disse-lhe que sim, que lhe dizia as nove missas, mas quiz restituir-lhe o dinheiro. Mas



a velhinha não o recebe, e pede-lhe que elle o accete pelo divino amor de Deus, como esmola das missas. «São as minhas economias, disse ella, é o que tenho podido apurar do meu trabalho durante anno e meio. Mas não diga nada ao sr. prior, que me dá esmola, assim como outros bemfeitores. Este porém é dinheiro do meu trabalho e não das esmolas que me dão.»

— Bem, bem, disse o padre, já mui commovido, direi as missas pelo dinheiro que daes, mas por quem as direi?

— As tres primeiras, retorquiu ella, contando pelos dedos, serão por alma de meu marido, que Deus me levou ha já vinte annos. As tres següintes por intenção d'um pobre moço que acaba de morrer n'um quarto contiguo áquelle em que eu vivo, e mandolh'as dizer porque não creio que haja quem se lembre da alma d'aquelle desgraçado. Aqui está o seu nome de baptismo.

— E as tres ultimas? disse o padre.

— As tres ultimas, vós as direis pelas tres almas mais esquecidas do Purgatorio.

E dizendo isto retirou-se. O padre mais commovido ainda, porque sabia que aquella pobre vivia de

escolas, e que o seu trabalho apenas lhe rendia seis *sous*, que ella economisava para missas, ficou dizendo consigo: «Vae, boa mulher, que acabas de resumir todas as caridades christãs no espirito da familia, no amor do proximo, e na communhão das almas, no que ellas tem de mais essencial, mais sublime e mais profundo.»

A UMA TIA

Zulmira Engracia, madona
de cincoenta e tantos annos,
que fez andar n'uma lona,
—dizem—gregos e troyanos.

Porque alguem ama a sobrinha,
anda sempre n'uma *sécca*.
—Se a inveja fosse tinha
muita gente era careca!...

Não lhe cabe no *toutiço*
que a menina—uma peralta,
tambem já tenha derriço!
Nada mais que ver lhe falta!...

Acho muito natural
a pequena ter namoro,
embõra a tia, por mal,
diga que offende o decoro.

Mas no que eu não creio nada,
nem consinto que se diga,
é que a velha fosse amada
nos tempos de rapariga.

R. Charters — (Leiria).

CHARADA XIX (PELOTENSE) (*)

- 2 — Isto encontras na pharmacia :
1 — Um curioso vegetal,
4 -- Certa fructa farinacea
3 — E uma pedra do animal.
5 — Região bella, asianço.
6 — Quem não conhece a maldade
7 — N'esse logar de descanço
8 — Gosa a paz da eternidade.

CONCEITO

Ouvem-se os sons do instrumento,
Que a turba encanta, arreбата.
Não é mau divertimento,
Vamos vêr a funçanata.

D. Marieta Ignez de Alencastro (Pelotas — Brazil).

(*) Vidè *Almanach de 1886*, pag. 266.

O campo.—Quanto é risonha a vida campestre !

Aqui na cidade um calôr abrazador e insupportavel, um pó incommodo e subtil, estragando a saude e o fato. Ali no campo, no arrabalde, um fresco embalsamado, uma vegetação esplendida e luxuriante e um panorama encantador convida-nos a viver e a folgar.

Quando a extensa e monotona invernada foge esparvida da estação calmosa e esta reina com todo o seu esplendor, o ciciar da brisa no palmeiral attrahe-nos poeticamente e então abandonamos por algum tempo o ruido atroador das cidades pelas alegres gargalhadas da vida campestre, o continuo vae-vem dos vehiculos pelas suaves ondulações da barquinha sulcando as aguas crystalinas d'uma corrente.

Quem, atrevido sceptico ou frio pensador, não dedicará algumas horas do ocio á meiga contemplação da lua quando surge prasenteira por detraz de uma collina verdejante ?

Quem, ao levantar-se pela nevosa madrugada, não aspirará com delicias a aragem perfumada pelo odor da viçosa horta ?

Até o meu gato, o meu bichano, quando abro a janella do meu gabinete, ainda pelo somno entorpecido, encontro com ares de subdelegado, sentado no peitoril da janella a apreciar (creio eu) o nascer do sol, de accordo com a gata do meu visinho.



Vós, leitor ou leitora, quem quer que sejaes, imaginae um outeiro verde como a esperanza dos nossos sonhos, macio como o veludo, e ali — na falda — um riacho deslisando em borburinhos o modesto volume de suas aguas.

Ao lado do ribeiro uma casinha côr de leite, respirando dos alicerces á cumieira o amôr e a felicidade interior, e tendo, ao redor, um pequeno jardim coberto de flôres perfumadas e no fundo, lá no fundo, uma capoeira.

Dentro d'esta, uma dazia de gordas e appetitosas gallinhas, dez ou doze pintainhos e um gallo, o respeitavel defensor da capoeira.

Não mui longe, uma casinha de madeira na qual um pedaço de corrente prova achar-se alli o guarda da casa e o verdadeiro defensor das gallinhas.

Na verdade, o amigo da casinha do riacho é um valente terra nova, cujas deslumbrantes fileiras de dentes e cujas formidaveis patas não são para brincadeiras.

Nas arvores da horta e do pomar a passarada alegremente chilrêa; o canario no raminho gorgeia uma ballada e a alva pombinha arrulha saudando um par mimoso que passeia enlaçado sob a dura folhagem d'um cajueiro.

*

* * *

Responda-me agora o leitor ou a leitora : haverá mais formosa tela para um quadro de gosos e venturas do que esta que nos dá o regaço da familia ou a brisa dos coqueiras?

Ou crerá ainda na felicidade que nos dão os montões de ouro ou os diamantes, o bulicio das festas ou o riso das salas?

O campo é tambem a mina, mas a mina dos poetas; o campo tem um bulicio mais suave que o das festas, o ciciar da aragem no arvoredó e o rumorejar do regato crystallino; o campo, leitor ou leitora, tambem tem risos, o riso puro das alvoradas de janeiro e o gorgeio dos passarinhos.

Godofredo de Magalhães (Pernambuco).

LOGOGRIPHO XIV

Sou pobre, e por toda a vida
Pobre hei de ser, queira ou não,
Toda a fortuna que eu tenho
E' a sacola e o bordão —3, 1, 2, 4.
Vou pedir de madrugada
Do dia ao primeiro arrebol.
Quando as aves me dissérem
Que já é nascido o sol.—5, 6. 7, 8.

Sou pobre mas sou polido,
Sou no tratar delicado.
Sei lidar com cavalheiros
Sou no fallar esmerado.

Zamith (Rio de Janeiro).

AGRADECIMENTO

(Ao sr. J. F. de Almeida, auctor da pag. 290
do «Almanach» de 1890)

Poeta ! eu te agradeço o canto lisongeiro
Que tem da cotovia o doce gorgear !
Que flores ! que matiz ! que aroma feiticeiro !
E a luz da inspiração em tudo a radiar !

O genio soberano é sempre dadivoso
Igual ao astro-rei o espaço a percorrer,
Se sóbe a esphera azul pujante, esplendoroso,
A erva mais humilde affaga com prazer.

Mas eu é que não tenho, ó bardo tão sensível,
Da aurora radiante os mysticos clarões ;
Só tenho dentro d'alma a sêde do impossivel,
A sêde que devora as magas illusões.

Mas eu é que não tenho as flores do talento,
Da louca phantasia o meigo scintillar ;
Por isso só procuro a sombra, o isolamento ;
Sou qual rasteira gramma o ermo a tapetar.

Que importa que inda erga a fronte scismadora
E fite doudamente um astro n'amplidão ?
Arroubo passageiro ! A alma sonhadora
Descae de dia em dia, em lenta prostração.

Que importa que inda veja em sonho delirante
Visão de um outro tempo aérea me sorrir ?
Chimerica illusão que brilha um só instante ;
E fico a tactear depois de a ver fulgir !

Mas tu porque deixaste a larva da descrença
Tocar-te o sentimento, a nobre inspiração ?
Viver em magoa infinda é sorte de quem pensa ?
Na mente tanta luz ! no seio... cerração !

Vencer buscar por Deus, a dor que te consome
Poeta fluminense, a Patria é tão gentil !
Depõe no seu altar a off'renda do teu nome
E canta alegremente em honra do Brazil.

13 de Setembro de 1889.

D. Luiza Amelia (Parnahiba — Piauhy).

Jurisprudencia curiosa. — Nos seculos 14.^o e 15.^o ainda o espirito humano teve uma curio-
sissima jurisprudencia criminal. Foi a que se referio aos
processos instaurados aos animaes. Se o animal podia
ser preso e levado ao tribunal, o processo corria, em
geral, no fóro civil. Se os animaes não podiam ser ca-
pturados, então o tribunal ecclesiastico tomava conta da
questão.

No eleitorado de Moguncia houve um d'estes processos
instaurado contra uma alluvião de moscas, que infesta-
ram aquella localidade, o qual se tornou muito notavel por
um despacho do juiz, que é da these seguinte: «Vista a
pequenez do seu corpo, e attendendo principalmente á sua
tenra edade, entendemos por bem nomear ás rés curador
e defensor para os fins convenientes.»

Este magistrado *ex-officio* defendeu com calor as suas
clientes, e pediu em conclusão um local para onde as
moscas podessem ir viver tranquillamente sem causar
prejuizo a ninguem.

Instauraram-se processos semelhantes a pardaes, por
habitarem os telhados de uma igreja e perturbarem os
fieis nas suas orações; ás sanguessugas por corromperem
as aguas do lago de Genebra; ás lagartias, aos gafanhotos
e ás lesmas por fazerem mal ás plantas.

Os cavallos, burros, touros e porcos, accusados de ho-
micidio voluntario, eram sentenciados á morte, ou a soff-
rer diversas mutilações. Muitas vezes vestiam-lhes um
fato de homem, para executar com todo o rigor a pena
de Talião.

CRIMINALIDADE E EDUCAÇÃO

Ferreira Deusdado.

CHARADA XX

Se uma letra á minha tércia
Com cuidado se tirar,
A' prima parte juntando-a:
Lá no céo vae-se encontrar, 2.

A segunda em varios fins	E' tão facil a charada!
Costuma ser empregada;	Porque, pois, tamanha lida?
Mas assim, defeituosa,	Quer conceito? Ahi o tem:
E' aspera, não lhe agrada?	Certa droga conhecida.

D. Yayá Garcia (Rio de Janeiro).

CANÇÃO DO MARINHEIRO

Minha barca, meu thesouro, fende os mares, vae além!...	Tenho noites d'almo goso vendo a barca a velejar!
Vejo sempre o astro d'ouro a dizer me:—«filho, vem!...»	É mais livre este repouso sobre as aguas d'alto mar.
Minha barca, meu thesouro, fende os mares, vae além!...	Tenho noites d'almo goso vendo a barca a velejar.

Não invejo os bens da terra que só trazem desventura!	Quando surge a meiga aurora sinto n'alma a voz de Deus;
Sobre o mar o peito encerra mil segredos de ternura!...	minha fronte não descora ante a luz, e o mar, e os ceus!
Não invejo os bens da terra que só trazem desventura!	Quando surge a meiga aurora sinto n'alma a voz de Deus.

Eu não temo a vaga altiva, nem das ondas o furor;	Minha barca, meu thesouro. fende os mares, vae além!...
sua vista me captiva que é sublime o seu amor.	Vejo sempre o astro d'ouro a dizer-me—«filho, vem!...»
Eu não temo a vaga altiva nem das ondas o furor.	Minha barca, meu thesouro, fende os mares, vae além!...

1877.

Joaquim Pestana (Madeira).

Anagramma

(*Offerecido, como tributo de gratidão, à ex.^{ma} sr.^a D. Carmelitana de Arantes, e composto dos nomes de minhas oito irmãs e de meus tres sobrinhos*)

Ambrosina Elisa Correia
 Alice Esther M^{arques}
 America Eu^{ydice}
 Alzira E^{zilia}
 Adelina E^{ulalia}
 Arminda E^{vira}
 Armand^{na} Eudora
 Aida Es^{wella}
 Laur^{Correia}
 Hele^{Za} Correia
 Mario M^{arques}

Outubro de 1889.

Eugenio Savard (Brazil).

ENIGMA VI

Tem meu todo sete letras,
Cinco d'ellas são vogaes ;
Que as outras são consoantes,
Por certo que adivinhaes.

Estas sete reduzidas
Cifram-se em quatro sómente,
Sendo metade vogaes,
Quem assim falla não mente.

Quinta, setima e segunda,
Tercia e sexta são vogaes,
As demais são consoantes,
Falta saber as eguaes.

A tertia é egual á sexta,
Setima e quinta á segunda ;
N'este pequeno preceito,
E' que o meu todo se funda.

Consoantes, prima e quarta,
Estas mesmas deseguaes.
O meu todo é um macaco.
Não precisa dizer mais.

José Correia de Mello (Recife — Pernambuco).

Cavallo musical. — Tal se podia chamar áquelle (era do conde do Sabugal) que Fr. Antonio das Chagas celebrou com um soneto, usando da metaphora da musica.

Diz assim o primeiro quarteto :

*Galhardo bruto, teu accorde alento
Musica é nova, com que aos olhos cantas ;
Pois na harmonia de cadencias tantas
E' clave o freio, e solfa o movimento.*

Por estes quatro versos podem avaliar os dez restantes. É a summa extravagancia.

CHARADA XXI (EM PARALLELOGRAMMO)

HORISONTALMENTE

Lá no céo sou encontrado.
Agora em substancia vêde
Tecido bastante usado,
Bebida que mata a sede.

VERTICALMENTE

Primeira e setima, extremas, Letras são, mas deseguaes ; Na segunda, uma cidade, Na terceira um rio achaes.		Vereis na quarta, a do meio, Um animal pequenino ; São vegetaes quinta e sexta. Disse tudo, aqui termino.
--	--	--

D. Narciza de Moraes Lemos
(Rio Grande do Sul — Brazil).

A casa de Victor Hugo.—Quando visitámos a exposição universal de Pariz em 1889 tivemos occasião de visitar tambem aquella casa, situada na ampla avenida, que tem o nome do immortal poeta.

O interior é dividido em pequenos compartimentos, formando hoje um museu curioso, que merece deitido exame e estudo. Ia sêr adquirido



Victor Hugo

Quem deixará de experimentar intenso jubilo ao transpôr os umbraes da habitação onde se finou o patriarcha da democracia?

pela municipalidade de Paris. Pagava-se um franco pela entrada.

Lá se encontra o leito onde o poeta exhalou o ultimo suspiro.

Dentro d'uma caixa envidraçada vê-se o bonet e o sacco de viagem com que emigrou para Inglaterra.

Ali existem desenhos do seu proprio punho, obras d'arte, a bibliotheca, preciosos manuscriptos. Tudo muito bem disposto e conservado.

Entre os autographos nota-se um altamente hon-

roso para a nossa patria. Não copiámos o original porque a letra não é bastante legível e porque dispunhamos de curto praso de tempo.

A traducção portugueza impressa a par do original, e que foi feita por um ministro allemão, visita intima do poeta, segundo nos disse o guarda, é a seguinte :

Camões é o poeta de Portugal. Camões é a mais alta expressão d'este povo extraordinario que mal apparece no globo, conseguiu fazer-se mencionar na historia, soube dominar a terra, como a Hespanha, e o mar como a Inglaterra, e não recuou ante nenhum acontecimento, nem se curvou ante nenhum obstaculo e sahido de pouco soube conquistar tudo. Nós saudamos Camões.
— *Victor Hugo.*

Esta insuspeita opinião d'um dos maiores genios do mundo é tanto mais digna de registro quanto é certo não ser Victor Hugo prodigo em suas obras em allusões a Portugal.

Carlos Matheus G. dos Santos.

CULTO INTIMO

Amar-te ! eis o esplendor que sinto bem
Queimar-me o vaporoso coração
Depois de te oscular a nivea mão
Ideal, mimosa, como igual não tem.

Amar-te como eu amo, existe alguém ?
Talvez a tua mãe, creança linda.
Se juro amar te uma vez mais ainda,
É porque amas tu a mim também.

De todas as sensiveis creaturas
Teu existir sómente é que se encerra
Nas folhas dos arbustos as mais puras !

No deserto sem fim, no val' da serra
Por ti entrego a vida ás aventuras ;
Só tu és o meu céu aqui na terra !

Amancio da Cunha (Recife).

CHARADA XXII

2 — 2 — Esfria n'este vaso esta substancia.

Rodolpho Barboza.

Franklin Tavora.— Mão fatidica sempre a pesar sobre a litteratura brasileira! Cada dia um dos seus melhores litteratos a sumir-se na lobrega voragem do sepulchro! Hontem registra-se no numero dos mortos Gonçalves de Magalhães, Alencar, Fernandes Pinheiro, Macedo, José Bonifacio, Martim Francisco de Andrade e Silva, Mello Moraes, pai, e tantos outros, e hoje o livro funebre reabre suas paginas para inscrever no seu doloroso registro o nome de Franklin Tavora.

Fatal destino o dos brazileos sabios,
Fatal destino o dos brazileos mestres!

Deserta-se o pantheon da patria! Precisamos servir-nos das expressões de Varella, o laureado poeta. Contém as suas palavras uma amarga verdade.— A nossa litteratura, ainda tão escassa de escriptores, os vê sempre, quando elles tentavam enobrecer e enriquecê-la com seus talentos, cobri-la de glorias com seus esplendores, desapparecerem um a um, envoltos no lençol da morte:— Franklin Tavora occupava o logar de um dos mais distinctos escriptores brazileiros, por isso a mãe patria debruçando-se sobre a tumba aonde se encerra seu cadaver pranteia-o justamente.

*

* *

Vamos do escriptor finado dar apenas notas biographicas. A biographia escreva-a aquelle a quem sobram talentos. Nossa noticia sirva de auxilio a esse.

João Franklin da Silveira Tavora, como era o seu nome, nasceu em Baturité, na provincia do Ceará, aos 12 de janeiro de 1842

Filho legitimo de Camillo da Silveira Borges Tavora e de Maria de Sant'Anna Borges Tavora, quando contava apenas 2 annos de idade, em 1844, seus paes deixaram a provincia e passaram a residir na capital de Pernambuco.

Deslisou-se no Recife a sua infancia e se não fosse de proposito ao berço de seu nascimento depois, apenas o conheceria pelo nome.

Recebendo a educação primaria e tendo completado os preparatorios exigidos para o curso de Direito, em 1859 matriculou-se na faculdade do Recife.

Brilhante tirocinio academico foi o de Franklim Tavora e a epocha de sua passagem na academia do Recife pode dizer-se que foi uma das suas mais bellas phases. Nos diversos annos do curso lá estavam matriculados varios d'esses talentos de grande estatura, que alli fulguraram e, mais tarde, já fora, luziram com dobrado esplendor. A par d'elles correu sua vida academica sendo tambem valente soldado da phalange admirada.

Quando estudante, foi redactor e collaborou em muitos jornaes academicos, publicando a esse tempo a sua primeira obra — *Mysterio de familia* — drama que, representado no theatro de S. Isabel, teve feliz acceitação.

Recebeu em 1863 o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociaes e começou a vida publica.

Sendo um dos redactores do *Jornal do Recife*, continuou por algum tempo n'esse encargo juntando a isso a nova profissão que iniciou de advogado nos auditorios da comarca do Recife.

Mas alguma cousa o seduzio na proxima provincia de Alagoas e para lá foi. Esteve algum tempo em Maceió e depois fixou a sua residencia em Porto Calvo, onde se estabeleceu, advogando até 1867.

N'aquella epocha voltou a Pernambuco e foi então nomeado inspector geral da instrucção publica da provincia, e exerceu esse cargo desempenhando-se d'elle como se podia esperar de seus meritos.

Tambem no mesmo tempo a provincia elegeu-o por um dos seus representantes na assembléa provincial, cujo mandato terminou com o fim do biennio da mesma assembléa, em 1868. Subindo então o partido conservador ao poder e militando elle em fileiras adversas áquella politica, foi destituído do cargo de inspector da instrucção publica.

Abriu novamente a sua banca de advogado no Recife, continuando assim a profissão encetada, mas que os cargos publicos tinham interrompido.

Em 1870 foi nomeado curador dos orphãos da capital.

Entregou-se com ardor aos estudos, o jornalismo da capital o teve outra vez á sua frente e foi esta ainda mais uma occasião para realçarem os seus talentos. Na questão religiosa em que os dois illustres bispos de Pernambuco e Pará, D. Vital d'Oliveira e D. Antonio de Macedo Costa figuraram como os vultos mais notaveis d'ella e que agitou todo o imperio, tornou-se saliente Franklim Tavora com sua auctorizada penna no jornalismo pernambucano, já escrevendo para o *Jornal do Recife*, já para a *Verdade*, orgão de que era redactor-proprietario.

Pouco antes d'essas luctas, não querendo ficar para celibatario, sentindo attracções por um lar, por umas caricias de esposa, por uns risos de criança correndo e gritando de um lado para outro sob o tecto paternal, e pelas mil travessuras d'essas creaturas angelicaes, achou insipida a vida, incompleta mesma, e resolveu unir-se pelos laços matrimoniaes áquella que era a gentil musa de suas primorosas composições poeticas.

Em 1873 foi nomeado secretario do governo na provincia do Pará, mas pouco tempo se demorou n'essa commissão.

Era impossivel Franklim Tavora continuar a viver essa vida da provincia, estreito circulo incapaz de conter as aspirações de um espirito superior, sequioso de perfeição e progresso. Deixou então Pernambuco, onde estava, em 1875, em busca da cõrte do imperio e ahi novos horisontes se lhe abriram.

N'esse mesmo anno entrou para a secretaria do ministerio do imperio como 1.º director da mesma e n'esse logar esteve até á morte, mas exercendo-o sempre com inexcedivel zelo e aptidão, affirmando aquelles que bem o conhecêram, que a repartição, com a acquisição do novo auxiliar, ganhou um funcionario tão distincto que era uma verdadeira honra do cargo.

Foi um viver de immensa agitação a existencia que começou a correr para o dr. Tavora na cõrte. Ella não se limitou aos labores do empregado publico. Estudos incessantes, associações litterarias, o jornal e mil outras cousas eguaes o absorviam. N'esse afan

de tomar parte em todo o movimento de lettras, elle com Nicolau Midoci crearam a importante *Revista Brasileira*, destinada á publicação das producções inéditas de brazileiros illustres, tendo como seus collaboradores vultos da ordem de Silvio Romero, Tobias Barreto, Machado d'Assis, Maciel Pinheiro e outros.

Era socio do Instituto Geographico Brasileiro, do qual foi secretario muitas vezes e orador, cabendo-lhe tambem ser principal redactor da *Revista* de tão importante instituição.

Alem de uns estudos criticos sobre Varella, prefacio da obra do mesmo poeta.—*Diario de Lazaro*,—publicou ainda as *Cartas a Cincinato* e as seguintes obras: *Casamento no Arrebalde*, *Mysterio de Familia*, *Trez Lagrimas*, *Casa de Palha*, *O Matuto*, *Lourenço*, *O Cabelleira*, *O Sacrificio*, e a *Trindade Maldita*. Não colligiu, porém, os seus versos, em grande quantidade esparsos em jornaes com outros escriptos de menos importancia. Enviuvando na côrte, casou-se ahi segunda vez.

Soffria Franklim Tavora bastante do estomago, e no dia 18 de setembro de 1888, uma hematemese, proveniente de ruptura do estomago, deu-lhe a morte, ás 6 horas e meia da tarde. Perdeu o Brazil uma de suas glorias na litteratura do paiz.

Sebastião de Vasconcellos Galvão.

LOGOGRIPHO XV

No jardim és muitas vezes a rainha ;—3, 8, 5, 2, 8
Tens bondade capaz d'enfeitiçar, — 1, 8, 3, 8
Bella, és bella sem par, queres ser minha? 7, 4, 2, 3, 8, 7, 4
Diz-me que sim, saberei não faltar — 5, 4, 8, 5
Sou sincero, sou franco e sou leal ;— 1, 6, 4, 5
Os annos tornaram-me indifferente — 2, 9, 8, 3, 10
A exercicio qualquer mesmo braçal ;— 3, 2, 9, 8
Até esta que não me acode á mente. — 2, 7, 4, 8

O conceito tenho de dar bem sei,
É virtude mas muito rara em fim,
Por isso não sei se a encontrarei,
Apesar de que ainda exista em mim.

J. L. Vianna (Pontével).

Um réclame. — Approximava-se nas vespéras de Santo Antonio a extracção da grande loteria hespanhola, cujo primeiro premio era de 90:000\$000 réis, e um cambista lisbonense convidava os seus freguezes a habilitar-se, por meio dos seguintes versos:

Os milagres de Santo Antonio

Santo Antonio milagroso,
Seja de pedra ou de barro,
Seja de pau carunchoso,
É sempre um santo bizarro
Santo Antonio milagroso.

Fez milagres ás dezenas,
O mundo deixando absorto,
Como um segundo Messenas;
—E até já depois de morto
Fez milagres ás dezenas!

D'uma vez quebrando a bilha
A uma moça que passava,
—oh! milagre! oh! maravilha!—
Prometteu que a concertava
D'uma vez, quebrando a bilha...

Pôz lhe a bilha outra vez nova,
Pôz-lhe a bilha sem defeito!
De milagres dando prova,
Deu-lhe cuspo, deu-lhe geito,
Pôz-lhe a bilha outra vez nova!

As pescadinhas marmotas
Saíram fóra do mar
Uma vez, ás cambalhotas,
P'ra ouvir o santo falar,
—As pescadinhas marmotas!

Em tempo de inverno duro
Vio o Santo uma latada,
Mais resequida que o muro
Onde murchára encostada
Em tempo de inverno duro.

Santo Antonio, cá de baixo,
Deu-lhe um sopro milagroso:
Surgio logo tanto cacho
Que até se lambeu guloso
Santo Antonio, cá de baixo!

P'ra salvar o pae da força
Uma vez de Roma vae;
Duzentas leguas emborca
—E co'a pressa de quem vae
P'ra salvar o pae da força.

Fez falar o assassinado,
Que se ergueu da fria loisa!
—Qual verboso deputado,
Que falla por qualquer coisa,
Fez fallar o assassinado!

Quem já fez tanto milagre,
Que o povinho traz de cór,
A quem sã fé lhe consagre
Vãe fazer outro maior.
Quem já fez tanto milagre!

Santo Antonio milagreiro,
No dia 10, que vem perto,
Dará chuva de dinheiro,
—Vae nos dar um céu aberto
Santo Antonio milagreiro!

Lá na loja do Fonseca,
—Santo Antonio, que deu uva
Da parceira gasta e secca,
De dinheiro dará chuva
Lá na loja do Fonseca!!!

Pan-Tarantula.

CHARADA XXIII (ENIGMA PITTORESCO)

(EM QUADRO)

(Ao meu distincto amigo Francisco Teixeira Guimarães)

IX



T



DO



SA

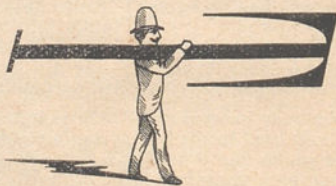
Consagrado a Cybele



RO

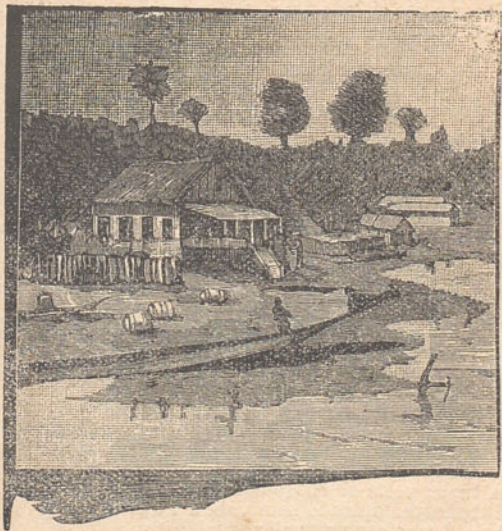


UM



F. Moreira (Canguçu — Rio Grande do Sul).

Ribeira de Camarones ou de Jamour. — E' uma ribeira assim denominada, em Africa, na Alta-Guiné. Esta ribeira, ou mais propriamente bahia, é muito larga, e tida em veneração pelos indigenas. Tem um bom porto e fornece boa agua. A cidade Camarone fica a seis leguas á en-



trada da ribeira, n'uma ilha. Exporta marfim, pimenta, oleo de palma e outros productos. A ribeira de Camarones lança-se no golpho de Biafra. Não muito longe da bahia ao norte erguem-se as chamadas terras altas de *Roumby*, ou montanhas, cujo ponto culminante se eleva a 1:100 metros.

Pendencia d'houora. — Lembram-se d'aquelle celebre cêreo, em que se encontrou Cicero—

cêrcos de que foi liberto pelo esforço proverbial de Cesar?

A Pulfion e Vareno, centuriões dos mais illustres das legiões, que ali se encontraram—conta-o o mesmo Cesar, nos *Commentarios*—dividia-os certo litigio de honra.

Não perderiam ensejo de supplantar-se.

O exercito sitiado fez varias incursões, no campo inimigo.

—Que melhor oportunidade poderemos esperar, para decidir a nossa velha pendencia?—observou Pulfion ao rival, em uma das sortidas mais audaciosas.

Seria capaz de a deixar escapar-se, qualquer d'elles?...

A's palavras seguiu a acção.

Pulfion deita-se em corrida. Atravessa o campo. Penetra no mais cerrado dos inimigos.

O rival segue-o. Estimula-o o brio, o pundonor.

Pulfion, antes que tome da espada, fêre com um rojão, ao primeiro barbaro, que para elle avança.

Mas o audacioso romano breve é envolvido pela multidão. Não lhe franqueia passagem a mais estreita aberta.

Vê já o escudo e o apenso talabarte atravessados por um dardo.

Envolvido pelo tropel, nem ensejo lhe deixa o conflicto de tirar e fazer uso da espada.

Reconhece-se irremediavelmente perdido!...

Mas Vareno chegára. E Vareno é esforçado.

Aos seus prodigios, desvia-se a nuvem de barbaros, que lhe cerca o compatriota.

A turba volta-se então contra elle.

Julgara ter deixado sem vida a Pulfion.

Não desmaia o seu valor.

O primeiro que avançou, pagou com a vida a temeridade.

Distribuidas a um e outro lado, detem os que investem.

Em meio d'aquella afanosa lida falta-lhe o chão de baixo de um pé. Cae. A onda aguerrida accomette-o, envolve-o.

Logrará Vareno deixar-se ser esmagado, feito pedaços?!...

Já senhor de si, Pulfion volta á carga. E com tal de-
nodo, que o seu camarada lhe fica devendo a vida
por tão providencial soccorro!...

E como se fôra pouco tudo isto, conseguem ambos
retirar, e penetrar na fortaleza sem o mais ligeiro fe-
rimento!...

Que primor aquelle!

Favoreceu-os a fortuna tão por egual, que um ao ou-
tro ficaram devendo a vida, n'aquelle recontro, sem
que podesse dizer-se a qual d'elles correriam os me-
lhores louros, n'aquelle combate!...

Mattos Ferreira. (Cintra).

LOGOGRIPHO XVI

Elle vinha alegremente,
Trazendo, de volta ao ninho.
A tenra palha, a semente,—5, 2, 6, 1, 4.
O sustento p'ra o filhinho.—1, 7, 8, 2, 6.

E chegando radiante,
Disse ao filho o bem te vi :
—Chamavas por mim, distante,
Aqui 'stou bem junto a ti.—6, 7, 3, 4, 8.

Percorri longas campinas,
Verdes prados, sem cessar...
Até que após a carreira
Eis-me emfim de volta ao lar.

D. Maria Amelia Soares (Cachoeira—Bahia).

O pinheiro do Madeira.¹—Eleva-se so-
branceiro e desafrontado, no alto do *Cabeço do Seixo*,
a uns tres kilometros de Turquel para OSO., e a
egual distancia d'esta povoação (Vimeiro) para SE.

Esta bella arvore, de muita nomeada nas circunvi-
sinhanças, avista-se a algumas dezenas de kilometros,
e em várias direcções, de modo que é para uma boa
parte da população agricola dos arredores como o pha-
rol ou ponto de mira a que se soccorrem quando, ao re-
gressarem de suas longas excursões na epocha das cei-
fas, das vindimas, etc., pretendem orientar-se relati-
vamente á situação do *ninho seu paterno*.—É muitos

¹ Assim denominado por haver pertencido ao sr. José Joaquim Ma-
deira, de Turquel.

d'esses bons camponezes me tem significado, na sua linguagem rude e desartificiosa, mas sincera, que, ao enxergarem-n'o por entre as brumas do horisonte longinquo, uma extranha commoção, mixto de alegria e enthusiasmo, de saudade e esperanças, lhes abala o peito.—E' o amor patrio, vivamente excitado pela vista d'aquella sentinella de seus lares, a qual parece estender-lhes ao longe os braços para lhes amenisar um tanto as agruras da jornada, e conduzil-os prestes até junto dos entes cuja vida faz parte da sua vida,—até aos encantados sitios onde o coração se expande como que mergulhado em delicioso ambiente. E' o amor patrio, tanto mais intenso quanto mais distantes nos achamos do torrão onde nascemos, onde deslisaram os mais bellos dias da nossa vida e para onde tudo nos attrae:—recordações da meninice, amigos e companheiros de infancia, logares que nos acordam a reminiscencia de sucessos agradaveis e prazenteiros...

José Diogo Ribeiro (Vimeiro—Alcobaça).

CHARADA XXIV (ENYGMATICA)

Eis aqui uma charada
De facil decifração,
Ha de ser bem atilado
Quem d'ella der solução.

É de gosto esta charada
E o todo gostoso é,
Instrumento conhecido—2
Que tambem toca na Sé.

As avessas com cuidado
Prove o liquido, leitor
Ou por outra chupe o succo
De mansinho, meu senhor.

CONCEITO

A chave d'esta charada
No todo está meu leitor,
Portanto está terminado
Não dou conceito ao senhor.

21 de fevereiro de 1890.

Augusto Cesar de Atayde (Joazeiro).

DESENGANO

A dôr é funda, é fundo o meu martyrio,
Tenho a taça de fel negro esgotado...
Acerados punhaes cravam se fundo
N'este meu peito triste e amargurado !

Amei com fé as rosas da esperança,
Que via em meu sonhar, meigas, louças,
Mas vi morrerem cedo uma por uma
Em sombrias e gelidas manhãs.

Hoje meu peito só de dôres vive,
Pulsa meu coração nas agonias,
Chorando as já perdidas esperanças,
Vejo envoltos no dó meus tristes dias...

Hoje, morta a esperança e a fé já morta...
Desenganos crueis de outra amargura...
Oh ! funesta paixão, martyrio infindo
Me levas pouco a pouco á sepultura.

O derradeiro adeus minh'alma entôa
No mar da eterna dôr, convulsionado...
Acerados punhaes cravam-se fundo
N'este meu peito triste e amargurado !

D. Ubaldina de Oliveira (Desterro).

O lyceu de Artes e Officios do Rio de Janeiro (Brazil). — Conceção herculea do espirito pertinaz e emprehendedor *de um homem*, que soube com inauditos esforços agremiar um dia uma pleiade de patriotas, em cujos animos por si previamente dispostos com eloquentes argumentos innoculou por assim dizer o germen de seus sentimentos altruistas, que possuia a flux, para fazer brotar com admiravel surpresa o monumento faustoso e soberanamente glorioso cujo titulo encima estas linhas, a 23 de novembro de 1856, na capital brazileira.

Estimulo do civismo que servio para fundação d'estabelecimentos congeneres em outras localidades do então imperio, e hoje republica do Brazil, sua utilidade não poderá ser contestada e d'ella è pujante prova a enorme concorrência de alumnos que concorrem á sua matricula, que é gratuita, e onde a classe prole-

taria em geral apparece ávida de receber o ensino theorico e pratico, que com espantosa liberalidade é alli dispensado por benemeritos cidadãos que tambem gratuitamente vão leccionar.

Ali tudo é igual ; sexo, côr, nacionalidade, estado, profissão, credo politico ou religioso, e a idade não serve de impecilho á entrada no templo do progresso.

É seu director o denodado campeão a quem o Brazil deve essa gloriosa columna, cuja solida construcção intellectual só podia planear e com feliz exito executar o eximio architecto *Bettencourt da Silva*, a quem a cidade do Rio de Janeiro deve o lindo e duradouro specimen de construcções architectonicas e cujos conhecimentos de perspectiva e esthetica o tornam o primeiro architecto brasileiro, hoje chefe eleito do «Proletariado Brasileiro».

Fevereiro de 1890.

Manuel Beiriz (Rio de Janeiro).

CHARADA XXV

A primeira póde, ordena,
A segunda tambem manda :
Mas d'este modo o caminho
Jamais anda nem desanda !...

Pois anda e bem depressa,
E' o que posso afirmar,
E em terras bem distantes
D'Africa o ides achar.

Eugenio Ferreira d'Araujo (Nitheroy).

As visões do poeta

I

.....
Quem és tu ? quem és tu, virgem formosa
Que me banhas de luz n'este momento ?...
Que derramas perfumes na minh'alma,
E sementes de fé meu pensamento ?...

Ella fitou-me !

Olhar sublime e bello !

(Um vislumbre de moça e de creança !)

«Se a descrença prender-te ó desgraçado,

Não te esqueças que chamo-me : **ESPERANÇA !**»

II

Outra apparece ! Sombra magestosa
Esmagando a seus pés futuro e gloria ;
Fazendo de mil almas torturadas
Degraus do solio seu, de sua victoria !

Oh tu ! quem és ? pergunto pasmo e trémulo,
Gigante que caminhas, delirante...

«Eu sou, (e estremecei !) o mesmo espectro
Que no *inferno* saudou o velho Dante !...

«Vês ? Nada !... Louco ! louco ! aos pés de Omphalia,
Hercules, se tornou-se um sonhador ?...

— Oh visão ! Oh loucura ! — Não ! mancebo !

«Odeio a humanidade e sou o...

AMOR !

III

Como um sonho ao raiar dos quinze annos,
Duas surgem além, candidas, bellas,
— Uma — arrancando um nome do passado,
— Outra — c'roando-o ao raio das estrellas !

Eu interrogo-as : Deusas peregrinas,
É longe o vosso lar ? Seguir-vos-hei !
São de luz vossas plagas ? Conduzi-me !
Oh ! deixae-me sonhar .. comvosco irei !

E uma d'ellas sorrio ! — Misero verme,
Quem te póde roubar a humanidade ?...

— Não me pódes seguir ; eu vou p'ra longe...

— Vosso nome — Escutae :

POSTERIDADE !

A outra respondeu-me :

«P'ra meu throno,

Faço degrau das paginas da historia ;

Sou cortezã do genio e do talento...

Vivo da luz que nutre o pensamento,

E ao troar do canhão chamo-me :

GLORIA !

IV

Faz-se treva no fundo do horisonte...

E uma mulher, como as visões do Dante,

Me apparece sombria, horrida e fera,

De torvo aspecto, olhar horripilante !

«Sou tua irmã ! não temas !» Ella disse
«Teu berço embalo e dou-te a gloria, um nome ;
Cercos tua vida desde o berço á campa...
Dá-me um osculo, irmão !

Chamo-me a FOME !»

V

O reverso da mystica medalha.
Ante mim surge o espectro temeroso,
A gloria, a vida, a vaidade humana,
Unem-se a seus pés n'um transe horroroso !

Interrogando-o digo-lhe : Phantasma !
Que vens turvar meu placido viver,
Dize, parca fatal, dize, onde habitas,
Que sol, que abysmo vil, te vio nascer ?!...

«Sabes meu nome ? Sei ! É o teu destino ?
— Fallas, sombra, talvez da minha sorte?...
«É bem certo ! Duvidas ?... vem commigo !
Es o meu noivo, poeta !

Eu sou a MORTE !

.....
Mucio Javrot, brasileiro (Pará—Brazil).

O livro e o jornal.— Não conheço missão mais nobre do que a de quem espalha com mão prodiga entre as multidões sequiosas de saber as grandes verdades da sciencia moderna, ou denuncia-lhes os esplendores da arte, que tanto orgulho despertam á famíl a humana. Não me furto ás sympathias, que geram em minha alma os arautos das conquistas, que a civilisação accumula em seu caminhar vertiginoso.

O livro e o jornal são as duas poderosas alavancas em que se estribam esses modernos Prometheus ; valentes catapultas, que desmoram os edificios em que se acastellam as ideias condemnadas ; rijos alicerces em que se cimenta a boa propaganda.

Um livro é uma alvorada. O jornal, por onde passa, traça uma faixa de luz.

São, pois, dignos de benção os que ligam seus nomes a esses preciosos elementos de progresso, a esses laboratorios portentosos em que se opera a transformação do mundo social.

Dr. Guilherme Studart (Ceará—Brazil).

Cavalleiro desmontado. — Bate-lhe, bate-lhe, fustiga-o, que mais arisco o tornas. Talvez cahisses mais por descuido ou impericia tua, que por manha do teu cavallo, e se assim é, levanta as mãos a Deus, porque não quebraste perna, nem braço; e



deixa o animal. E onde te ficou o chapéu e os arreios do cavallo? Agora não o fustigues, porque tem vigor e é novo. Se o conservares e elle chegar a velho, poupa-o tambem, seguindo o conselho de Boileau:

Malheureux, laisse en paix ton cheval vieillissant,
De peur que tout à coup efflanqué, sans haleine,
Il ne laisse en tombant son maître sur l'arène.

Os judeus em Portugal nos primeiros seculos da monarchia. (*Pérolas soltas*).—Desde o principio da monarchia, os judeus, pelos motivos que já temos apontado, exerceram uma grande influencia no reino. Entre as accusações que o clero e os nobres, conjurados com este, dirigiram contra o infeliz Sancho II era uma a da preponderancia que tinham debaixo da sua administração os sectarios do judaismo. A suprema inspecção das rendas publicas foi depositada nas mãos de judeus no reinado de D. Diniz e D. Fernando, sendo revestidos do cargo de thesoureiros-móres, correspondente ao dos modernos ministros de fazenda, no tempo do primeiro arrabi-mór D. Judas e, no do segundo, outro D. Judas. Um dos morgados mais notaveis que se instituiram em Portugal, ainda no seculo XIV, foi o de D. Moisés Navarro, em Santarem, por concessão de D. Pedro I. Attendendo, porém, ás continuas representações populares contra os vexames praticados pelos ministros d'esta raça, el-rei D. Duarte prohibio por lei que fossem empregados como officiaes da corôa ou dos seus donativos, o que, affastando-os dos cargos mai. elevados não obistou a que continuassem a arrematar a cobrança dos impostos e a praticar os actos que o povo, com mais ou menos razão, reputava vexatorios e expoliadores.

As leis que os protegiam eram a expressão de ampla tolerancia. Tinham não só a liberdade de seguirem a sua religião e de usarem publicamente os ritos d'elles nas synagogas (*esnogas*), mas tambem a de se regularem nas relações, no direito privado, pelos proprios costumes. Quaesquer violencias contra essas garantias de que gosavam, achavam-se precavidas nas leis com severissimas comminações, e, quando por serviços publicos bem mereciam da patria, eram recompensados com mercês, como os subditos christãos. Emfim, as bullas de ampla protecção que successivamente obtiveram de Clemente VI em 1247, e de Bonifacio IX, em 1389, apresentadas a D. João I pelo seu

physico-mór, mestre Moysés, foram confirmadas e mandadas guardar escrupulosamente por aquelle grande principe nas suas minimas provisões.

HISTORIA DA ORIGEM E ESTABELECIMENTO DA INQUIZIÇÃO EM PORTUGAL.

Alexandre Herculano.

O retrato do pae

É noite. A casa é modesta, mas com enorme candieiro parece que está em festa. entre Adozinda e Helena, duas senhoras *de cera*, amigas de fazer scena!

A mãe, de rosto fagueiro, na poltrona de ramagens tem lido o serão inteiro. Junto da mãe que estivera a ler alto as aventuras de Robinson, que soffrêra

A Mimi colore imagens n'um velho *bouquin* inglez de phantasticas viagens. do exilio as amarguras, ignez, pensando no pae da vida entende as agruras

O Arthur ainda outra vez repassa a sua grammatica e mais o thema francez. Dolorida solta um ai, dos seus olhos luminosos o pranto em silencio cae.

Uma intriga muito asnatica entretém a mais pequena. São dez horas. Buliçosos largam todos o serão Uma questão de pragmatICA beijam a mãe pressurosos.

E em terna procissão,
com amor e com recato
a mãe e os filhinhos vão
dar boa noite *ao retrato...*

Novembro de 1889.

Bico (Pedrouços).

Buscar lâ...— O dr. Laurindo Rebello foi um brasileiro mais notavel pelo favor das musas do que pelos favores de Hypocrates e que deixou fama pela sua excentricidade de bohemio.

Quem julgasse poder amesquinhal-o e o tentasse sahia-se mal.

Um examinador de philosophia, filho d'um pharmaceutico mulato, querendo caçoar com Laurindo, n'um exame, fez-lhe a seguinte pergunta ;

—Quem é o pae dos filhos de Zebedeu ?

Laurindo respondeu immediatamente com toda a fleugma :

—É um mulato boticario do largo da Sé, grande fazedor de cataplasmas e causticos.

Laurindo não primava pelo acceio do vestuario e, n'um exame de chimica, na escola de medicina, apresentou-se com um casaco de gola assaz *lustrosa*.

O lente arguidor, mulato um tanto insolente, quiz ridicularisar o examinando e perguntou-lhe em ar de mofa :

—Qual é a melhor substancia chimica para tirar beldum de casacos sebentos ?

Ao que Laurindo respondeu muito calmo :

—Catinga (1) de bode (2) e quanto mais chavelhudo e atrevido for elle, melhor.

Com os ditos e improvisos poeticos do dr. Laurindo Rebello poder-se-hia encher grossos volumes.

No Rio de Janeiro foi editado, posthumamente, um volume de versos d'esse originalissimo brasileiro.

1890.

Verediano Carvalho (Rio de Janeiro).

TENHO PENA

Ai ! já lá vae o tempo, a bonançosa calma,
em que ella, anjo do céo, tão meiga me sorria,
dando-me allivio e paz, quando, afflicto, sentia
a dôr — revolto mar — a submergir minha alma !

Discipula, porém, da nobre arte de Talma,
o que eu julgava amor, era só phantasia,
scena de camarim, que bem lhe promettia
corôas no proscenio e muita e muita palma !

Logo que outro surgio, mais novo, de repente
aquelle amor sumio-se como sol poente,
dando logar a nova, e pathetica scena !...

Ao vêl-a desdenhosa, alegre, indifferente,
choro o tempo perdido, em que eu, ingenuo e crente,
com ternura a amei ; — confesso ; tenho pena !...

Oliveira Neves (Montemór o-Velho).

(1) *Catinga*, humor fetido dos animaes da raça caprina.

(2) *Bode*, epitheto ignominioso que os brancos dão no Brazil aos mulatos.

Recibo curioso (*Archivo de raridades.*)—
Em principios de 1884, falleceu em Loanda o major de caçadores da rainha Manuel Ignacio dos Santos Torres, e por ordem do quartel general, éra o batalhão de caçadores n.º 2, na sua maxima força, que devia fazer as honras funebres.

Um certo official inferior do exercito d'África Occidental, depois de ter recebido ordem do seu primeiro sargento para que passasse o recibo dos cartuchos desembalados para se distribuirem ás praças da sua companhia, escreveu o seguinte, que tive o ensejo de ler :

«Recibi d'arrecadassão regimental 57 cartuxos des enballados, para o cadavel conçumir na porta do cemiterio.»

O pobre major depois de morto como é que havia de consumir esses cartuchos ?

O recibo foi reformado, mas não por elle.

Pedro V. dos Santos Moura.

(África Occidental — Benguella).

LOGOGRIPHO XXVII

(POR LETRAS)

(*Ao sr. dr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro*)

Se bem procura com geito,
Na paca, lindo animal,
Acha e fica satisfeito
E ha de dizer por signal — 3, 2, 4, 1.

—Encontrei, está bem feito,
E é deveras ideal !...
Sahir a gente do leito
Para ver um mineral. — 4, 1, 2, 5.

Mas o que talvez não sabe | E' dizer onde se encontra
E dizer-lhe não me cabe | Esse bichinho *bylontra*
Por ter amizade ao rato ; | Dizer onde está o gato.

D. Malvina dos Reis (Praia Grande—Rio de Janeiro).

Preso por ter cão e... (*Offerecido, em tributo de muita amizade e gratidão, ao meu particular amigo padre Ignacio Ferreira Viegas, distincto professor particular d'algumas linguas, no logar do Tourigo, Beira Alta*). — Ainda não rodaram muitos annos que n'esta provincia foi riscado do numero dos vivos um padre, que se destacava das demais pessoas d'estes sitios e do seu tempo por sua descommunal estatura, energico character e grande talento.

Tinha por habito invariavel comer uma só vez ao dia, mas havia-se por tal forma n'esta unica refeição, que ficava bem indemnizado das outras duas, que de bom grado o seu estomago dispensava.

Foi muitos annos professor do seminario d'esta diocese, assumindo ao mesmo tempo os logares de professor e reitor do lyceu nacional.

Era, fóra da cathedral, um dos homens mais attenciosos e cortezes que por aquelles tempos aqui transitavam; na cadeira, porém, era diametralmente o contrario.

De affavel e urbano que era em extremo, apenas subia á cadeira metamorphoseava-se immediatamente em grande rigorista, muitissimo exigente, e por vezes incivil.

Os discipulos, que o respeitavam devéras, conservavam-se sempre, em regra, durante a prelecção, n'um silencio sepulchral.

Mas ainda que elles envidavam todos os esforços para estarem, dentro da aula, silenciosos e attentos o mais possivel, no emtanto, no decurso de quasi nove mezes d'aulas, e n'um curso, que regulava todos os annos por cincoenta e tantos alumnos, sempre havia, como era de presumir, um ou outro pequeno desmando da parte dos mesmos.

Como porém o professor a que alludo fosse inexoravel e não desculpasse a menor omissão, logo que algum discipulo tinha a *fragilidade* de commetter a mais leve falta, mandava-o levantar immediatamente, vociferando, em seguida, contra o pobre estudante uma tremenda censura, acompanhada d'uma infinidade de vituperios, terminando por fim por lhe fazer sempre a já bem conhecida e esperada pergunta :

—O senhor tem pae?

Esta pergunta collocava o alumno n'um dilemma.

(Ten agora aqui applicação a epigraphie que encima este artigo—preso por ter cão e preso por não o ter).
Se respondia :

—Tenho sim senhor. O professor, em continente, retorquia :

—Pois olhe, *não o mostra!*...

Se, porém, o estudante murmurava :

—Já não, senhor!

—*Bem mostra*, tornava aquelle, que não teve quem lhe dêsse educação!...

Victor de Jesus (Vizeu).

SAUDADE ETERNA

(Ao meu amigo M. A. Azevedo Machado)

(SONETO)

Essa por quem continuamente, o pranto
Te afflue aos olhos e te orvalha o rosto,
Na emoção do mais intimo desgosto
D'essa saudade que te afflige tanto ;

Essa que era o teu bem e o doce encanto
Do lar, ao mal e á desventura opposto,
Que vivia do gosto de teu gosto
E cantava nas notas do teu canto.

Caro poeta, muitas vezes, quando
O vento zurze as folhas do cypreste,
Do eterno somno os mortos despertando,

Virá, talvez na luz que o azul estrélla
Ver os filhinhos que aqui tem, chorando
As fundas máguas da saudade d'ella.

Velloso Junior (Nitheroy—Rio de Janeiro).

A caçada *(Carta). Ao meu intelligente e distinctissimo amigo o ex.^{mo} sr. dr. Antonio Ferreira Bairrão, como prova de admiração pelas suas apreciaveis qualidades e excellentes virtudes.*

Amigo.

Não te posso descrever as sensações agradaveis que a caçada de hontem me fez experimentar! Tudo correu esplendidamente!

Um bello dia de abril, aformoseado com os raios vi-

vificantes d'um sol acariciador, perfumado com o aroma do tojo e da madresilva, com todas as commodiades proprias da estação ; tudo, tudo concorreu para que este dia me ficasse gravado na memoria como um dos mais divertidos da minha vida.

Foi no meio do maior entusiasmo que a minha *Aguia*, após uma carreira vertiginosa em que levou a palma ao *Corisco* do Julio, me veio entregar ufana, uma enorme lebre !

Queridos animaes !

Como era meigo o seu olhar ! Como era expressiva a sua attitude !

O *Pombo* do Daniel foi admiravel, como sempre, colhendo varios louros para a sua corôa já de ha muito gloriosa.

Apezar de tudo quanto acabas de ler, foram os meus cães que tiveram as honras de vencedores.

O meu *Mississipi* n'uma corrida brilhante, em que tomaram parte o *Corisco*, *Pombo* e *Azelia*, revelou-se um animal digno da estima do seu possuidor, já pela velocidade da corrida, já pela destreza da fisga ! Aqui o meu entusiasmo elevou-se ao mais alto grau de intensidade !

Os bravos saíram a flux da bocca dos assistentes e o meu orgulho levou-me ao excesso de... beijal-o.

N'este dia, para mim de tão gratas recordações, apenas a falta da tua amavel companhia produziu uma leve sombra, que não permittio que a minha felicidade fosse completa.

.....
Maio de 1889.

Benigno de Mesquita.

CHARADA XXVI (EM TRIANGULO)

A primeira é certa planta
A segunda um mineral,
Tercia arma perigosa,
Quarta cidade, que tal ?
A quinta, que é derradeira,
E' a letra principal.

D. Adelaide Sampaio.—(Bahia).

UM PÉ DE VENTO

As avesinhas não cantam,
vergam troncos té ao chão,
nuvens de pó se levantam
ao tremendo furacão !

Desvirou-te o guarda chuva,
vôa o chapéu pelos ares,
e ninguém te coadiuva
vendo-te presa d'azares !



Acode, ai, acode às saias,
que o pé de vento levanta ;
quando elle reinar não saias,
Não temes audacia tanta ?

Houve um preto, nunca ouviste?
que, se tal vento fazia,
já não alegre, mas triste,
do tugurio não sahia.

Pois imita o pae André,
bom pretinho da Guiné.

Latour Manbourg.—Era general do exercito de Napoleão; aquelle que levou os couraçados ao assalto do grande reduto de Borodino. Este general perdeu uma perna em combate, que uma bala d'artilhe-ria lhe levou. Um camarada seu que o respeitava tanto quanto o amava, ao ver aquella desgraça, e cahido no chão o general, começou a lastimar o contratempo e a sentil-o com as suas lagrimas.

—De que estás tu a chorar, pateta? diz-lhe o general. Não sabes que d'aqui por diante não tens a engraxar senão uma bota?

CHARADA XXVII

Sou charadista humilde e tenho pena,
E não culpo ninguem, bem alto o digo.
Se algum ingenho tenho (elle é tão pouco)
Essa pena escurece-m'o e mal posso
Enigmas fabricar, fazer charadas
De cotovêlos cinco, seis ou sete
Com dente de coelho assaz matreiro.

Repito, tenho pena! pois quizera,
Se a tanto me animasse a grã clemencia
Do charadista mór que tudo manda
—Euzebio Thomé B. az de Pina e Pona,
Successor d'André Gil da Cunha e Silva,
Quizera, sim, fazer uma charada
D'espinhos cheia emfim, amarga e dura
Que dente de rapoza não trincasse.

D'esta forma ella iria correr mundo
Com sobrescripto claro aos charadistas
Naturaes do Brazil. E pois ali
Onde ha decifradores assaz fortes
Como nunca encontrei em parte alguma.

E de que sou sincero no que digo
Mostrarei com clareza o *testemunho*. —2

E quanto a Portugal, nós cá não temos
Quem possa decifrar, com pena o digo,
De cotovêlos cinco uma charada.
Decifradores ha em toda a parte,
Porém os brazileiros são dos taes
A quem difficilmente, isto é verdade,
Metter-se possa, emfim, no bucho a falla.

Ao ler n'este livrinho a grande lista
Dos bons decifradores em campanha,
Eú vejo Portugal em retirada,
Ao passo que o Brazil canta victoria.

É que este finalmente em seus dominios
Decifradores tem com praça assente.
Admirando portanto o seu arrojo,
Humilde, com reverencia me descubro
Perante o brazileiro audaz e forte.

A fama de perito na materia ;
A gloria alcançada nos combates,
Eis porque em toda a parte elle é temido.
Emfim *com a primeira* a preceder-lhe
Será todos os annos, será sempre
Tudo isto que vós vêdes : assim seja — 1

Gente ha que muito pesa e tem valia !
Indiscreto ! que importa !... you dizel-o :
(Não é por me gabar, que mal parece)
Por *mim* não sou um peso assaz exiguo... — 1

De resto, muito embora me apedrejem,
Por dizer a verdade nua e crua,
Aos filhos do Brazil aqui levanto
Um viva bem sincero, pois declaro :
Como decifradores teem valor
Assaz reconhecido ; e merecimento !!...
Se queres um conceito puro e simples
Oh ! toda a gente o diz, não é pequeno.

Francisco Pereira Soares da Motta.
(Marco de Canavezes)

A Africa. — A Africa, o vasto continente que Stanley houve por bem chrismar com o tenebroso cognome de continente negro, está sendo na actualidade o grande interesse politico das primeiras nações colo-

niaes europeas conforme disse ha tempo o marquez de Salisbury chefe do gabinete *inglez* : toda a Europa é unanime em reprovar o vergonhoso e injusto esquecimento a que esta terra infeliz tem sido lançada, e dispõe-se a abril-a por meio de processos rapidos e grandiosos, á larga civilisação e ao largo commercio.

Já hoje resôa o alegre silvo da locomotiva em varios logares onde n'outros tempos só se ouviriam os roucos latidos de chacaes e de hyenas ; hoje uma navegação a vapor porventura ainda na infancia mas com brilhantes auspicios, corta constantemente as aguas do Atlantico, do oceano Indico, etc., augmentando d'um modo notavel o progresso da Africa ; por toda a parte, por assim dizer, vêem-se os elementos da civilisação combatendo tenazmente a barbarie.

Eu sou dos que teem a convicção de que se continuar como dá esperanças, o desejo da Europa em libertar este continente do obscurantismo, servindo-se como começa a servir-se de aperfeiçoados artigos da mechanica moderna, e se depois enviar numerosa colonisação, dentro de cincoenta annos reputo transformados, senão radical, pelo menos immensamente todos estes ignotos sertões.

Nós os portuguezes, possuimos em Africa as duas possessões de Angola e Moçambique que se vierem a unir-se pela occupação portugueza das regiões centraes que lhe ficam de permeio formarão um grande imperio ; se se realisar essa união, como justamente ambicionamos, devem acabar as differenças officiaes que existem entre Angola e Moçambique, formando-se de ambas as possessões um só paiz com denominação commum e administração collectiva : esse paiz tomaria o nome de Nova-Lusitania : fundar-se-hia quasi ao centro, sobre o Zambeze e servida pela futura linha ferrea que irá da costa occidental á oriental, uma cidade decente, moderna e relativamente populosa que ficaria sendo a capital do imperio ; o soberano portuguez tomaria os titulos de rei de Portugal e imperador da Nova-Lusitania.

Foram os nossos antepassados aquelles grandes vultos que subjugaram o Indostão e inspiraram o immortal Camões a cantar-lhes os famosos feitos n'um poema semi-divino ; fomos nós que fundámos o Brazil : em

memoria d'esses esplendentes factos historicos cum-
pre-nos mostrarmo-nos dignos dos nossos avós e evi-
denciar bem ao mundo actual e á posteridade qual a
valia da nossa gloriosa nacionalidade : á Africa pois.

Ortiga (Africa Occidental).

ENIGMA VII

São só quatro estes meus signos :
O segundo ao terceiro igual,
O terceiro e o primeiro
Ultimo são por signal.

O quarto não faz differença
Do primeiro e do segundo.
Porém, digo ainda mais,
—E quem sabe se os confundo?—

O segundo e o primeiro
Entre si não são eguaes.
O terceiro e o primeiro
Entre si são deseguaes.

O terceiro e derradeiro
Deseguaes são entre si.
Está bem longe de Christo
E muito perto de ti.

Aramires (Porto),

DOLORIDO

Eu era mui creança, as primaveras
Depois que a luz celeste contemplei
 Contara quinze vezes ;
Repleto de primores e de risos
Janeiro apparecia novamente
 Na escala dos mezes.

Minha mãe habitava lindas plagas
Onde as brisas osculam brandamente
 Os coqueiros da praia ;
Onde as aves chilrêam mais sonóras,
Onde as mattas frondosas estremecem
 Co'o grito da jandaia.

Ali, tão brandamente se passaram
As horas mais felizes do meu ser,
Só flores e illusões ;
Meus versos eram puros como as nuvens,
Como a lua gentil, como as cabanas
D'aquellas regiões !

Mas fui a certo baile ! E vi as luzes
Dos ricos candelabros scintillarem
E fiquei deslumbrado ;
Mas tambem nos luzeiros mais ardentes
Do fogo sensual dos teus olhares
Eu vi o El-Dorado !

Enleiado escutei a tua fala
Como escuta o possante sertanejo
No ramo o sabiá ;
Amei-te, creatura, santamente
Como o indio feroz adora as selvas
Do calido Pará !

O dia, amanhecendo côr de rosa
Nas dobras pardacentas do horisonte,
Nascia pressuroso ;
Porém o meu amor, creança linda,
Mais ainda que o dia, no meu peito
Nascia impetuoso !

Pedi-t'uma quadrilha receioso
A ti, o meu enlevo mais fagueiro,
A ti, foi o pedido ;
E tu... não recusaste o meu anhelos,
E tu... me respondeste sim, córando,
Rubor talvez fingido !

O rubor de creança é puro e bello
Como é puro o tremer da sensitiva
Na relva do jardim ;
Se tinhas rubra côr em tua face
É porque a mentira no teu rosto
É de côr carmezim !

Oh ledos corações da juventude,
Alegres alvoradas da existencia,
Amar é pesadume ;

É fagulha que morre, é labareda
Que ateia voraz um forte incendio
Co'o sopro do ciume !

Assim cresceu o amor que consagrei
A ti, gentil phalema, oh maripoza,
Oh doudo colibri ;
Tu foste a linda rosa perfumada
Feriram o meu labio os teus espinhos
Mas elle ainda ri !

Mulher, mulher perjura e vingativa,
Tu eras o primeiro e o mais risonho
Amor de quinze annos ;
Amei-te loucamente, oh linda flor,
Mas vi nos teus sorrisos emboscados,
Vi miseros enganos !

Archanjo tu já foste da minh'alma,
A ti, cantei na lyra rudes cantos
D'infinda melodia ;
Porém o teu sorriso envenenado
Cravou-se no meu peito e apunhalou-me
Em plena luz do dia !

Teus olhos seductores eram dardos,
E eu ao seu lampejo me curvava
De joelhos em terra ;
Mas hoje quando lanças sobre mim
Seu brilho senhoril e dardejante,
Mulher, eu grito :—guerra !

1890

Cantor Pernambucano.

Madame du Tort.—Viveu no seculo pasado em França, e tornou-se conhecida por grande numero d'opusculos em prosa e verso, que inserio no *Mercurio* e n'outras publicações do tempo. Morreu em 1720, e Fontenelle, brincando com o seu nome *Tort* escreveu-lhe por baixo d'um retrato a seguinte sextilha :

C'est'ici madame du Tort ;
Qui la voit sans larmes, a tort ;
Mais qui l'entend et ne l'adore
A mille fois plus tort encore.
Pour celui qui fit ces vers-ci,
Il n'eut aucun tort, Dieu merci.

Saudades da infancia

N'aquellas tardes serenas,
Que alegre atraz das phalenas
Rapidamente eu corria ;
Na briza que perpassava,
Um balsamo que m'alentava,
Com que delirio eu bebia !?...
Jamais pensei um só dia
Que a infancia se esvaeria
Na poeira do passado,
E que meu peito ridente,
Brincando louco, contente,
Se veria amargurado !

No canto do passarinho,
No múrmur do ribeirinho,
Que de futuros sonhei !...
Nas côres do arrebol,
Nos raios do bello sol,
Que de crenças alentei !?...
Que—como a candida flôr
Que n'aurora—com fulgor
Desabrocha alegremente,
E que mais tarde emmurchece,
Desfolha triste e fenece
Aos raios do sol ardente ;

Mas então era eu — creança,
E — na taça da infancia,
Libando santa ventura,
Nunca pensei um momento
Que o dulçôr fugindo lento
Só me deixasse amargura !
Assim ella—a flôr da vida,
Fosse um dia emmurchecida
Ao lento correr dos annos,
E suas petalas mimosas,
Rubicundas, perfumosas,
Seccassem aos desenganos !

Oh minha infancia querida !

Ameno jardim da vida
Onde só fragrancia existe !
Passaste — sonho de rosas —,
E só saudades penozas
Me restam no peito triste !

Octacilio Dantas Barboza (Rio de Contas—Brazil).

CHARADA XXVIII

(Offerecida ao amigo e decifrador A. Maximiano Tavares)

Se juntares divindade
N'esta prima, meu leitor—1
Vós vereis da humanidade
Bem cruel perseguidor.

Se juntares perto d'esta
Uma nota bem vulgar
Vereis ave que não presta—1
E um homem, sem cançar.

A. Magalhães Gomes (Ouro Preto—Minas Geraes)

Episodio curioso. -- Concorreram a um baile tres senhoras que, não tendo os predicados das tres *graças*, foram denominadas as tres *parcas*! Um

cato negociante, a quem não conhecia, e pergunta-lhe quem



medico janota, querendo mostrar *espírito*, dirige-se a um pa-

era a senhora que fazia parte de um grupo de *feias* no canto do salão.

— E' minha mana *Lalá*, responde elle.

— Não é a primeira, diz o Esculapio no maior embaraço d'este mundo; é a que está ao pé d'ella.

— Aquella é minha cunhada *Sinhá*.

— Perdão, murmura o allopatha desorientado; não me refiro á segunda, trato unicamente da terceira senhora que está mais ao canto. Comprehende agora?

— Perfeitamente! Essa é minha esposa *Yaya*, retorquiu o commerciante, *medindo* o imprudente doutor.

— Pois meu caro senhor, exclama este rodando sobre os calcanhares, felicito-o por ter semelhante *collecção*.

*** (Parnahiba — Estado de Piauhy).

QUADRO

(A J. Cedraz)

Ti... ti... ti—eis em voz rude
Grita quem quer altaneiro;
D'antes cantara o *brejeiro*
N'uma importante attitude.

Como qualquer que se illude
As gallinhas ao terreiro
Vem correndo do poleiro,
Vem á cata do bom *grude*.

Esperam... mas estalada
Vem ferina como um raio
Uma enorme gargalhada.

Quem foi? oh! tal ensaio
Em terrivel assuada
São *artes* do papagaio!...

8 de setembro de 1886.

C. Werba (Rio de Contas—Bahia).

LOGOGRIPHO XXVIII

Respeito o passar dos annos—7, 8, 9, 4, 13.
Para nós é agradável—2, 12, 6, 7, 8, 9.
Apezar dos mil enganos
É formosura adorável—8, 9, 5, 11, 6.

Respeito os gritos de dor—6, 10.
Das aves o *chilrear*
Mas desprezo com rancor
Quem me quizer enganar.

Ver *Luisant* (Lisboa).

Echos notaveis (Ao rev. Mattos Ferreira, m.^{mo} prior em Cintra).—O som propaga-se em todos os sentidos, e com tanta mais velocidade quanto mais denso fôr o agente da transmissão. Assim os solidos são melhores vehiculos do que os liquidos, e estes melhores do que os gazes; mas o meio transmissor ordinario é o ar atmospherico, e são consequencias d'esta propagação os phenomenos de que vamos fallar.

Se ao irradiarem as ondas sonoras encontram no trajecto um obstaculo, mudam de direcção, e é a este desvio que se chama *reflexão do som*. Os raios sonoros, incidindo sobre um plano, afastam-se d'elle com a mesma inclinação que sobre o mesmo levavam, e por isso se diz que o *angulo de reflexão* é igual ao *angulo de incidencia*.

A reflexão do som produz o *echo*.

Echo é, pois, a repetição d'um som reflectido por um corpo.

Para que haja echo não basta a reflexão, é preciso que esta se dê a distancia conveniente para que o som reflectido chegue depois do directo: do contrario dá-se a *resonancia*.

O som percorre 340 metros por segundo á temperatura de 16 graus.

A menor distancia a que se reproduz um som breve é de 17 metros, e conforme ella assim se póde reproduzir maior ou menor numero de syllabas.

Quando houver um só obstaculo reflectidor, produz-se um *echo simples*. Havendo dois ou mais, e convenientemente dispostos, passa o som d'um para outro, e produz-se então o *echo multiplo*.

Ha echos multiplos deveras *notaveis*, como vamos ver.

No mosteiro de Mafra ha uma sala em que o que se diz em voz baixa n'um extremo se ouve distinctamente no outro. E' isto devido á forma elliptica do tecto, indo reproduzir-se n'um dos focos da ellipse, já reforçados, os sons produzidos na proximidade do outro.

Identico phenomeno se observa na galeria circular do zimbório da igreja de S. Paulo em Londres, e em algumas outras, nas quaes os raios sonoros soffrem uma série de reflexões.

A estas galerias chama-se *galerias fallantes* ou de *segredo*.

Em Nancy ha um echo que repete um verso alexandrino completo.

Diz Ebell existir um echo em Dezebours que repete distinctamente as 27 syllabas d'esta phrase: *Conturbabantur Constantinopolitani innumerabilis sollicitudinibus.*

A tres leguas de Verdun ha um echo, produzido por duas torres que distam 50 metros, que repetem 12 vezes o mesmo som.

Na Irlanda, no lago Killarney, ha outro que faz uma segunda parte d'uma ária tocada por um cornetim á piston.

Gessandi e Boissard fallam d'um echo existente proximo do tumulo de Cecilia Metella que repete com muita clareza oito vezes um verso da Eneida, e ainda mais, mas confusamente.

O echo de Woodstoch, em Inglaterra, repete até 17 syllabas de dia e 20 de noite.

O de Simonetta, perto de Milão, repete mais de 45 vezes o estrondo d'um tiro. Bermoullinos affirma ter contado 60 repetições.

Quando se dispara um tiro de pistola na base do monte Heiligenberg, nos arredores de Heidelberg, os individuos collocados atraz e por cima do atirador não ouvem o tiro, mas sim o echo, que semelha uma trovada.

Junto de Aderbach, na Bohemia, ha uma especie de circo, erigido de rochedos nus e ponteagudos, onde em certo ponto se produz um echo que repete tres vezes uma phrase de sete syllabas.

Quem atravessa cantando o pateo semi-circular de Genetay, a 10 kilometros de Rouen, não ouve a propria voz; os ouvintes, collocados nos outros pontos, tambem a não ouvem, mas sim o echo, simples ou multiplo, conforme a posição.

M. Dias Grillo (Conceição d'Ourique).

CHARADA XXIX (NOVISSIMA)

Segura, mas nega, esta affirmativa — 2 — 2.

Julia d'Almeida Bahia (Porto).

REVELAÇÃO

(A J. A. de Mendonça Simões)

Minha senhora, eu sei: Eu sou plebeu, portanto,
Longe de mim suppôr que amado sou por vós ;
Conheço a differença,—o abysmo que entre nós
Levanta-se altaneiro. Embora, no entretanto,

Eu vivo a contemplar em intima afeição
A vossa imagem santa,—adora-o intimamente !
Ao pobre, não é dado ir indiscretamente
Do nobre aos pés depôr seu pobre coração.

Porém condemne embora o stulto preconceito
Esta afeição sincera, e viva no meu peito,
Eu hei de vos amar assim secretamente.

Podeis, minha senhora, altiva condemnar-me,
Só porque vos respeito podeis inda odiar-me,
—Que mais vos amarei assim eternamente !

J. C. Ribeiro da Silva (Nazareth—Pernambuco).

Divagações pela Historia. — Foi no X, seculo em que o papa João XIII consagrou o grande sino da egreja de Latrão e lhe chamou João Baptista, padroeiro d'esta basilica.

No XI seculo, o monge Guy Aretino deu ás seis primeiras figuras da musica, os nomes que tirou da primeira estrophe do hymno de S. João, os quaes ainda hoje se conservam.

No mesmo seculo, Santo Odillon, abbade de Clugny, instituiu na sua abbadia o uso de orar todos os annos no dia seguinte ao de todos os santos, pelas almas dos fieis mortos. A egreja achou esta instituição tão santa que a abraçou.

Em Veneza, e no XII seculo, o imperador Frederico, expulso da Italia e temendo uma proxima rebellião da Allemanha, vio-se obrigado a pedir perdão ao papa Alexandre III, que no auge das humilhações lhe poz um pé sobre o pescoço.

No mesmo seculo, o pontifice Celestino III, sentado na sua cadeira, levantou com os pés a corôa e pôl-a d'esta forma na cabeça de Henrique IV, que estava de

joelhos diante d'elle e descoberto, e depois com um pontapé, deitou a corôa ao chão para lhe mostrar que, assim como o tinha coroado o podia depôr, quando lhe conviesse.

Esta pantomima que hoje faria as delicias dos espectadores de qualquer theatro de feira, teve ao que parece, n'aquelle tempo, a seriedade d'um acto solemne, porque não consta da historia que houvesse a expansibilidade das palmas da parte de quem presenciou o facto. Mas outros tempos outros costumes. Cinco seculos depois quando Napoleão no fastigio da gloria se fez coroar imperador, para dar ao acto um tom de maior celebridade, obteve que o papa o viesse sagrar a Paris, facto sem precedentes, porque antes de Napoleão nenhum imperador foi sagrado fóra de Roma, e para evitar questões de pragmatica, *por acaso* fez-se encontrado com o papa no caminho, e ainda *por acaso* foi-lhe tomando a direita na carruagem em que o conduzio ao paço.

Em Notre-Dame onde teve logar a sagração, o papa depois de ter ungido o imperador com os sagrados oleos e de lhe haver benzido e ungido a espada, quando pegou na corôa e se dispunha a coroa-lo, como era a praxe do antigo cerimonial, Napoleão dispensando mais uma vez a pragmatica, arrancou das mãos do papa a corôa imperial, e collocou-a elle mesmo na cabeça, para que depois se não dissesse que elle a tinha recebido da egreja.

No seculo XIII, Balduino II tendo as finanças em apuros, vio-se obrigado a empenhar aos venezianos a corôa de espinhos de Nosso Senhor, por uma somma de dinheiro. E Raymundo conde de Tolosa, para proteger os albigenses e por ter feito matar a Pedro de Castello Novo, legado do papa, foi excommungado na presença de vinte arcebispo, e para se livrar das iras de Roma sujeitou-se depois de açoitado com varas á porta da egreja de S. Gil, aonde Pedro de Castello Novo tinha sido sepultado, a ser arrastado por cima da sua sepultura, pelo legado do papa, que lhe lançou para este fim uma estola ao pescoço.

No concilio celebrado em Lyão no seculo XIII, o papa Innocencio IV, querendo distinguir os cardeaes, determinou que ficassem usando chapéu ver-

melho, para significar que deviam estar sempre promptos a derramar o seu sangue pela defeza da fê.

Francisco L. de Caceres. (Madeira—P. do Sol).

CHARADA XXXI

(*Offerecida ao meu particular amigo
Celso Ribeiro da Silva*)

Não t'afflijas, amigo, é conjuncção—1
Que só Verdi te poderá mostrar—1
Menina que podes amar—2
Com amor do coração.

CONCEITO

Intentei fazer-t'um brinde,
Fazendo uma charadinha,
Lindo nome de mulher,
Mas se o não crês—adivinha.

Gabriel Augusto Nogueira
(Parahyba do Sul—Rio de Janeiro)

O livro da rasão

(*D'Obert*)

Quando o céu, o justo céu,
Prodigo em seus presentes,
De mil bens accumulou
Tantos seres diferentes ;

Dizem que do Deus supremo
A mão pia e dadivosa,
Aos homens offereceu
Um'obra maravilhosa :

Um livro que de Minerva
Escreveu a sabia mão,
O qual foi intitulado,
Singelamente—a rasão—

Esse livro exposto aos olhos
Da velhice e juventude,
Devia guiar a todos
No caminho da virtude ;

Porém ninguem comprehendeu
(Ó triste, e fatal cegueira !)
Que elle continha a doutrina
Mais pura e mais verdadeira...

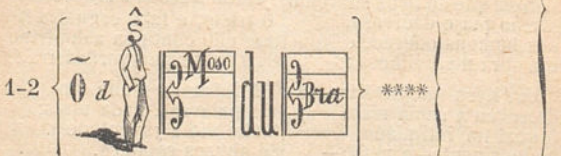
A infancia, n'elle vio
Vãs palavras, nada mais ;
N'elle vio a juventude
Só abusos capitaes.

Mil regras desnecessarias
Vio n'elle a virilidade,
E a velhice lacerou-lhe
As paginas, sem piedade.

A. Marinho da Cunha (Lisboa).

CHARADA ENCYCLOPÉDICA ¹ (PITTORESCA)

(Ao meu amigo Simão Figueira de Souza)



João Diabinho.

(Ponta do Pargo—Madeira.)

¹ Quatro charadas novíssimas, uma em quadro, um logogrifho por petras e uma charada antiga.

Mastro de Cocanha — Chama-se mastro de Cocanha um mastro alto e untado de sebo, que se ergue verticalmente nas praças e largos,



por ocasião de festas publicas, e no cimo do qual se collocam premios, para o feliz que vencer as difficuldades e poder lá chegar, apesar da superficie escorregadia do mastro.

Este uso foi levado pelos francezes a Napoles, no tempo de Carlos VIII. Ordinariamente em cima do mastro havia linguças, macarroni e outras gulodices que desafiavam o apetite.

A' roda do mastro de cocanha havia folguedos, cantigas, danças de roda, etc.

Por analogia chama-se tambem paiz de Cocanha, o paiz imaginario onde se encontra sem trabalho a satisfação de todas as necessidades para uso de todos os povos. Paiz, que é preciso estar mais que electrizado por bebidas alcoolicas, para se poder ver, e por isso diz Beranger :

Ivre de champagne,
Je bats la campagne,
Et vois de *cocagne*
Le pays charmant.

A CRUZ VERMELHA

Horas mortas da noite acordei, virgem,
E vi-te n'uma sombra mysteriosa
Acercaste-te n'um gesto brando e ledo
C'um doce tom de voz cariciosa.

Desfeita a loura trança assetinada,
Cobrindo o lacteo peito perfumado
Caminhaste p'ra mim, oh ! meu amor,
Té ao leito chegares, e a meu lado.

Ahi então fitámo-nos sorrindo,
Confiando nossas mutuas illusões
Ao sonho que o porvir nos ia abrindo.

De subito foi se a sombra e veio a luz,
Acordei abraçado oh ! quem diria !
Ao teu nobre braço — VERMELHA CRUZ.

16 de fevereiro de 1890.

J. C. C. Mattos (Joazeiro—Bahia).

Napoleão no captiveiro. — O antigo odio da olygarchia ingleza prescreveu ao carcereiro de

Napoleão, que inflingisse ao prisioneiro todas as contrariedades moraes, todas as humilhações directas, todas as privações physicas. Esta vingança infame se estendeu até á recusa d'agua para um banho, até á recusa de algumas garrafas de vinho, até á recusa de alguns arrateis de carne! e até á baixaza de se quebrar perante elle, o busto de seu filho.

Pretendia-se que Napoleão se curvasse ante as amarguras da vida do captiveiro.

Conheceu-se que Napoleão se tinha afeito a este genero de existencia, e sempre altivo, e de frente elevada, elle era tão grande em Santa Helena, como o tinha sido á frente da França, vencedor dos russos e dos gêlos, e na campanha de Friedland!

Esta serie ininterrupta de perseguições aproximou rapidamente o fim a que miravam os ministros inglezes: a morte de Napoleão.

Posto que no começo do captiveiro o governador de Santa Helena, almirante Cock-Burn, exercesse ás vezes uma vigilancia fastidiosa, entretanto a situação era toleravel.

Sob o poder do novo governador, Sir Lowe, a vida do prisioneiro tornou-se uma terrivel agonia.

Memorial de Santa Helena.

Alba Calderon

LOGOGRIPO XXIX

(*Á minha amiga Dolores Sepulveda*)

, Acordam os echos
À voz estridente — 4, 5, 1, 7.
Do pobre animal, — 6, 2, 1, 4.
Que busca, impaciente,
Cedendo á fadiga,
O liquido grato
Que sêde mitiga.—3, 2, 7.

CONCEITO

Estás curiosa! desejas conceito?
Pois não! de bom grado vou dar-te uma idéa:
Estuda, reflecte, procura com geito,
Verás com certeza cidade européa.

D. Carmen Toboso (Uruguayana—R. G. do Sul).

A Saudade

A Thomaz A. de Araujo

Passeando, por mim foi encontrado
Em um pequeno bosque, — um bello ninho;
Parei a contemplal'o admirado...
Depois toquei de leve no raminho...

Tres pombos — ao tocar devagarinho
Foi que achei; tirando-os apressado
Levei-os e seguindo o meu caminho,
Ouvia os paes chamarem-me malvado!

Criei-os, *Amor* — dei nome ao primeiro,
Esperança — ao segundo companheiro,
De *Saudade* ao terceiro da irmandade.

Amor fugio-me um dia sem tardança,
Depois... foi-se tambem minha Esperança,
Só d'elles me ficou triste — Saudade!

Paula Ferreira (Rio Grande do Sul).

O trafico da escravatura — Um navio de escravos (1) era um espectaculo asqueroso e lancinante. Amontoada no porão, quando o navio jogava, batido pelo temporal, a massa de corpos negros agitava-se como um formigueiro de homens, para beber avidamente um pouco d'esse ar lugubre, que se escoava pela escotilha quadrada de ferro. Havia, là no seio do navio balouçado pelo mar, ferozes luctas, gritos, uivos de colera e desespero. Os que a sorte favorecia, n'esse ondear de carne viva e negra, aferravam-se á luz e olhavam a estreita nesga do céu.

Na obscuridade do antro, os infelizes, promiscuamente arrumados a monte, ou cahiam inanimados n'um torpor lethal, ou mordiam-se, desesperados e cheios de furias. Estrangulavam-se, esmagavam-se: a um saiam-lhe do ventre as entranhas, a outro quebravam-se-lhe os membros nos choques d'essas obscuras batalhas. E a massa humana, cujo rumor selvagem saia pela escotilha aberta, revolviam-se no seu antro, afogada em lagrimas e em immundicie.

(1) Refere-se aos navios negreiros que outr'ora transportavam escravos da Africa para o Brazil.

Quando o navio chegava ao porto de destino, — uma praia deserta e afastada, — o carregamento desembarcava ; e á luz clara do sol dos tropicos, apparecia uma columna de esqueletos cheios de pustulas, com o ventre protuberante, as rótulas chagadas, a pelle rasgada, comidos de bichos, com o ar parvo e esgaseado dos idiotas.

Muitos não se tinham em pé : tropeçavam, cahiam, e eram levados aos hombros, como fardos.

Despejada a carga na praia, entregues os conhecimentos ao caixeiro do negreiro, a funebre procissão partia a internar-se nas visitas da costa, para d'ahi começarem as peregrinações sertanejas ; e o capitão, voltando a bordo, a limpar o porão, achava os restos, a *quebra*, da carga que trouxera. Havia por vezes 50 e mais cadaveres sobre quatrocentos escravos !

(O Brazil e as Colonias Portuguezas).

Oliveira Martins.

CHARADA XXXI

(A' minha amiga Rosa de Azambuja Neves)

Pode servir-te de guia—2
E dá-te um fructo gentil,—2
Se percorres algum dia
Esta aldeia do Brazil.

Sidonia Vieira de Campos.—(Belmonte—Brazil).

Padre nosso portuguez latino. —

Na farça o *Velho da Horta*, de Gil Vicente, que foi representada perante o rei D. Manuel em 1512, começa entrando o velho pela porta, resando e dizendo :

Paternoster creador,
Qui es in celis poderoso,
Sanctificetur, Senhor,
Nomen tuum vencedor
Nos ceos e terra piedoso
Adventat a tua graça,
Regnum tuum sem mais guerra ;
Voluntas tua se faça
Sicut in caelo et in terra
Panem nostrum, que comemos

Quotidianum, teu é ;
Escusal-o não podemos ;
Inda que o não merecemos,
Tu da nobis hodie.
Dimitte nobis, Senhor,
Debita nossos errores,
Sicut et nos, por teu amor,
Demittimus qualquer error
Aos nossos devedores.
Et ne nos, Deos te pedimos
Inducas per nenhum modo
In tentationem cahimos ;
Porque fracos nos sentimos
Formados de triste lodo.
Sed libera nossa fraqueza
Nos a malo nesta vida
Amen por tua graça.

«O Velho da Horta».

Gil Vicente

LOGOGRIPHO XXX (POR LETTRAS)

Ao Cidadão Ludgero Pereira da Luz

Um pobre cego, coitado !
Diz para a filha querida :
— Toma sentido, cuidado...
Tem conta, peso e medida — 6, 2, 9, 5, 10.

Não q'rendo ouvir os conselhos,
Do ceguinho, a filha ingrata,
Abandona o pobre velho
N'esta ilha, e logo trata — 1, 5, 3, 8.

De procurar aventuras,
Fazendo o que lhe parece ;
Sugeita á fome, ás securas,
Como a planta que fenece — 4, 10, 7, 2, 8.

Volta assim arrependida
Tranzida de frio e susto ;
Mas logo encontra — perdida !
A morte junto a um arbusto.

Nhõnhõ (Rio de Janeiro).

Rua histórica

Vede-a, que estendendo-se magestosa,
Calçada de granito primitivo,
Se torna um monumento sempre vivo
Da nobre tradição tão gloriosa

D'um bravo patriota, d'um soldado,
Que morreu a lutar pelo Brazil,
Este solo d'um céu de lindo anil
Por Dias e Varella decantado !

Quando a rua d'um grão libertador,
De Canéca immortal, de Tiradentes,
Saúdo humildemente e com fervor,

Meu ser, meu coração, também tu sentes
Pelas cinzas passadas inda quentes
Dos heroes reviver um grande amor !

Gaspar Guimarães.—(Recife).

Carta CXLII—*Ao Conde da Castanheira, datada da Bahia aos 31 de Julho de 1694* (PEROLAS SOLTAS)

Meu senhor: E' cousa tão natural o responder, que até os penhascos duros respondem, e para as vozes tem ecos. Pelo contrario é tão grande violencia não responder, que aos que nascem mudos, fez a natureza também surdos, por que se ouvissem e não podessem responder, rebentariam de dor.

Esta é a obrigação e a pena em que a carta que recebi de V. Ex.^a n'esta frota me tem posto, devendo eu só esperar reciprocamente que a resposta do meu silencio fosse tão muda como elle: mas quiz a benignidade de V. Ex.^a que n'este excesso de favor se verificasse o pensamento dos que dizem que para se conhecerem os amigos, haviam os homens de morrer primeiro e d'ahi a algum tempo (sem ser necessario muito) resuscitar. E porque eu em não responder fui mudo como morto, agora com o espaço de um anno e meio, é força que falle como resuscitado.

O que posso dizer a V. Ex.^a é que ainda vivo, cren-do, com fé muito firme, que não será desagradavel a V. Ex.^a esta certidão. Não posso comtudo callar que

no mesmo dia seis de Fevereiro, em que entrei nos oitenta e sete annos, foi tão critica para a minha pouca saude este seteno, que apenas por mão alheia me permite dictar estas regras, as quaes só multiplicadas em copias, sendo as mesmas, podem satisfazer a tantas obrigações, quantas devo á patria na sua mais illustre nobreza. Sendo porem tão singular, e não usada, esta indulgencia, ainda reconheço por maior a que de novo peço a todos, e é que a pena de não responder ás cartas se me commute na graça de as não receber d'aqui por diante, assim como é graça e piedade da natureza não ouvir quem não pode fallar. E para que o despacho deste forçado memorial não pareça genero de ingratidão da minha parte, senão contracto util de ambas, e muito digno de aceitação, sirva-se V. Ex.^a de considerar que se me falta uma mão para escrever, me ficam duas mais livres para as levantar ao céu e encommendar a Deus os mesmos a quem não escrevo, com muito maior correspondencia de meu agradecimento, por que uma carta em cada frota é memoria de uma vez cada anno; e as da oração de todas as horas são lembranças de muitas vezes cada dia.

(Cartas)

Padre Antonio Vieira.

ENIGMA IX

Uma mulher colheu uma flor e disse-lhe :

— És uma perola, rainha das flores !

— E a flor respondeu :

— Tira-me uma letra, substitue-a por outra, e screi o que dizes.

Ao que a mulher retorquiu :

— Exactamente como eu...

(Cômo se chamava a mulher, e a flor e a pérola ?)

Margarida Norton (Gaya).

Cidades peccadoras. — Ha um proverbio italiano que divide os peccados mortaes pelas principaes cidades de Italia d'este modo. Segundo elle : Napoles representa a preguiça ; Florença a avareza ; Milão a gula ; Bolonha a ira ; Genova a inveja ; Veneza a luxuria ; e Roma a soberba.

Note-se que Turim não é contemplada, seguramente porque os peccados mortaes não passam de sete.

Ceifeira de sapatinho,
d'esticada e boa meia,
chapeu fino, sobraçando
d'espigas farta pavea ;

Saia curtinha, riscada
que mais que o pé deixa vêr
com a symbolica foice
P'ro que não é, parecer,



Desoito annos, quando muito,
hom collo, cara formosa,
d'avental, para disfarce,
fresca que nem um rosa,

Tu não me enganas, velhaca,
ceifeira do carnaval,
e se mascara tivesses,
eras ceifeira real.

Arrentella (*Ao meu amigo padre José Joaquim Marques, prior de Cartaxo*). — Está situada ao sul do Tejo, na margem esquerda, onde, com o rio Judeu, forma uma bahia, de sorte que do lado do nascente está ella, e do poente está o logar da Amora. D'este veja-se o Almanach de 1885. Vamos falar agora de Arrentella.

O logar d'Arrentella, como fica dito, está assente a sul de Lisboa e é uma das freguezias mais antigas do Patriarchado, tornando-se, por isso, muito importante, principalmente quando o Seixal e Aldeia de Paio Pires (d'esta veja-se o de 1868) faziam parte então da sua freguezia; hoje só tem 331 fogos com mil e duzentas e tantas almas, que se empregam em grande parte na fabrica, e o resto em lavoura, commercio, e mais misteres.

Tem por padroeira Nossa Senhora da Consolação. E' do concelho do Seixal e da comarca d'Almada, distando d'esta oito kilometros e d'aquelle dois.

A etymologia d'Arrentella que o padre Luiz Cardoso traz no seu Diccionario Geographico, é muito extravagante e por isso a não menciona.

Este logar, onde a povoação está assente em amphitheatro tem por cupula ou corôa a igreja parochial, que é um vasto e grandioso templo, semelhante a alguns de Lisboa, e áquem do Tejo não haverá igual. D'este ponto vê-se Lisboa desde Chellas até Alcantara, avistam-se as serras de Cintra e Monchique ou Monsão, Almada, Pragal, Fonte Santa, Lazareto, Caparica, Cezimbra e Arrabida, bem assim a sua rival Amora porque ambas se espe- lham e enfeitam na mesma enseada ou bahia.

É um dos grandiosos panoramas, que alegram e seduzem o mais falto de gosto e visionario turista. Principalmente o do ponto da igreja.

A igreja é um dos templos mais bellos e antigos do sul: tem no interior 27 metros de comprimento com largura adequada. O corpo mede 19 metros; é d'uma só nave, tendo de cada lado tres altares. As paredes são revestidas de ricos azulejos representando os passos da Virgem. O tecto todo estucado com baixos relevos; o do centro representa a Virgem com uma bateira aos pés e em volta tem medalhões representando os apóstolos e os doutores da igreja; além d'estes tem ainda mais figuras symbolicas cada uma com versiculos da Biblia, que representam as virtudes cardeaes, o silencio, etc. Mas a figura

que mais impressiona o povo é a do diabo, e por isso são os habitantes chasqueados pelos povos circumvisinhos d'este modo: «*sempre é da terra que tem o diabo na igreja e S. Pedro á porta*». Assim é, porque sobre a verga da porta travessa ha um medalhão em alto relevo que representa S. Pedro.

O tecto foi retocado em 1855, e n'este mesmo anno foi substituida a antiga imagem, orago, por ser pequena e um tanto disforme, por outra mais perfeita, com o menino no braço, esquerdo tendo elle um sceptrosinho de prata. Esta imagem foi mandada fazer á sua custa pelo então juiz da irmandade do Santissimo, A. C. da Fonseca Falcão que foi administrador da casa de Bragança. Este mesmo senhor fez com que em 1864 a festa annual fosse com pompa e de pontifical, que celebrou o bispo de Angola D. Lino.

Esta imagem que é a actual padroeira com o titulo *Nossa Senhora da Consolação*, está na capella-mór. O altar é de talha dourada e antiga, no camarim tem um quadro a oleo feito pelo sr. Antonio Felix da Costa, discipulo da Academia. Diz-se que foi o primeiro que pintou. Vidè o jornal «*Artes e Letras*» no anno de 1873.

O quadro pintado pelo sr. Felix da Costa mede 5 metros d'altura por tres de largura e por isso occupa toda a bocca do camarim.

E' bem desenhado, com correcção e bom colorido, mas a pouca luz que a capella-mór recebe tira lhe toda a belleza e merecimento.

A Virgem da Soledade, porém, especial protectora dos arrentellanos, está em altar separado,—o terceiro da parte do Evangelho, tem um metro e meio d'altura, é de vestir; tem ricas alfaias e vestidos que só se vêem quando ha festa e procissão no dia 1 de novembro de cada anno, que sempre se tem celebrado, em cumprimento do voto feito pelos nossos antepassados em 1755, quando foi o terramoto.

A igreja tem tres entradas pelo sul, poente e travessa que lhe dão ingresso para ella e para as casas d'arrecadação d'alfaias, para reuniões da irmandade e junta de parochia. Tem uma sacristia humida, pequena, acanhada e escura; tem espaçoso côro com orgão e um carrilhão de afinados sinos, que dizem ter vindo do convento de Rilhafolles de Lisboa, por pedido e influencia do então pa-

rocho o conego J. Serrão. Tem tambem algumas boas alfaias para adorno da Virgem da Soledade, que teem sido offertadas pelos devotos da mesma.

Junto da egreja do lado do nascente está o cemiterio, bem proprio para o serviço; tem alguns tumulos de marmore.

No adro, que é murado pelo poente, está a pequena residencia parochial, que tem uma deliciosa vista; n'estes ultimos annos tem servido tambem de casa de escola por assim convir ao rev. parochio-professor. A escola é paga pelo municipio do Seixal e o professor tem mais uma gratificação mensal pelo serviço da escola nocturna dada pela direcção da fabrica para instrucção dos seus operarios analphabetos, parecendo-nos pequena a frequencia, pelos modos selvagens com que elles costumam tratar os que visitam a terra.

A área da freguezia d'Arrentella sem o Seixal e sem Paio Pires é igual a esta e maior do que aquella; ainda assim, tem algumas vistosas e productivas quintas. Entre ellas destaca-se a que é do sr. Mexia Salema, herdeiro de D. Paulo da Gama, que acompanhou seu irmão Vasco na descoberta da India. Na quinta além d'um grande lago admiram-se algumas corpulentas arvores plantadas pelo seu primeiro possuidor. Distinguem-se tambem as dos srs. Frederico, Ramires e Coelho d'Abreu. Algumas d'ellas estão na margem do Tejo onde passa a estrada que liga Cacilhas, Almada, Cezimbra e Azeitão ao Seixal, adornada de espessos pinhaes e frondosas arvores, como as que se vêem no estabelecimento da fabrica de lanificios, conhecida no commercio pela fabrica d'Arrentella, onde trabalham quatrocentos e tantos operarios.

Deu começo a esta fabrica o conhecido professor Caldas Aulete; então produzia chitas, etc., hoje é uma das mais importantes do paiz.

Além das quintas que matizam a estrada tem a fabrica de cortumes, botica, casa para o matadouro municipal, um porto para embarque, para serviço publico, mandado fazer pela camara do Seixal; como tambem a mesma mandou collocar dois marcos fontenarios um em cada largo; esta agua, porém, não é para comparar com a da Amora. Tem estabelecimentos commerciaes, uma sociedade recreativa philarmonica, composta d'amadores e que só a pedido tem tocado em Lisboa, na Tapada, e em certamen com algumas

musicas regimentaes, tem alcançado o premio; um monte, etc.

Quando ao pôr do sol, que dá de chapa no logar d'Arrentella, se olha para a estrada, parece uma fita de prata cheia quasi sempre de trens, carros, carroças de peixe de Cezimbra, e isto dá tal perspectiva a quem está no adro da igreja d'Amora que um amator de photographia não acharia melhor quadro para um *cliché* como este, que se parece muito com um burgo de Lisboa.

Arrentella foi uma das povoações mais ricas do sul quando com o Seixal e Aldeia fazia uma só freguezia, desde o anno de 1600 e tantos; hoje com a desmembração d'ellas, resultaram por motivos de interesses, rixas renhidas, ora com estas, ora com Almada e Amora. Com Almada por obrigarem a ir á festa do Corpo de Deus com bandeira e danças para tomarem parte na procissão, até que foram desobrigados por sentença, como o foram os d'Amora.

Com a fundação da fabrica tem-se adoçado um pouco as antigas rixas, porque n'ella se empregam operarios de todas; além d'isso, alguns forasteiros tem vindo limal-os.

Ultimamente tem ali passado a estação calmosa o sr. Antonio Ennes, litterato, tendo occupado a casa do fallecido deputado Falcão da Fonseca.

Era esta freguezia foreira ao marquez de Marialva, a quem pagava os oitavos; hoje vive isenta de tal onus por motivo da sua extincção.

Padre J. T. T. R. (Amora).

CHARADA XXXII (EM TRIANGULO)

(POR SYLLABAS)

(Aos charadistas Bahianos)

Na primeira, se procuras,
Vês arbustos certamente.
E' molestia perigosa,
Bato, bato levemente,
Mas insisto e venham já
Pois na rocha esta estará.

D. Zinia da Cunha.—(Rio de Janeiro).

FOLHAS SOLTAS

Ribeiras que ides airozas
entre as flores da campina,
deixae rever-me, saudoso,
em vossa agoa cristalina.

Vós, arvoredos gentis,
que na limpha vos miraes,
dai-me conforto e alegria
à sombra d'esses ramaes.

Agora, meus passarinhos,
entoai vossa gorgeio,
adormecei-me o espirito
n'um suave e terno enleio.

A doce brisa da tarde
meneia no campo as flores,
e a muda voz do silencio
está segredando amores.

Vejo prados e montanhas,
tudo a minha alma sorri;
sinto harmonias nos ares,
em cada harpejo uma huri.

No céu vasto e azulino
campeia brando folgado,
e nos largos horisontes
é tudo risonho e ledó.

Aquelles picos soberbos
ora banhados d'azul,
despiram o humido pezo
das grossas nuvens do sul.

Eis em tudo vê-se alegre
a meiga mãe, natureza,
que esse jubilo a nós passe,
que nos afaste a tristeza.

Doce imagem dos meus sonhos,
oh vem sentar-te a meu lado,
quero partir o meu goso
co' o terno bem meu amado.

Nossas almas bem unidas
larguem o terreal averno,
e pelas regiões ditosas
solvam um prazer eterno.

Florindo Montalegre—S. Miguel (Açores).

O CONDE RAVARO

(Um capítulo de romance)

Era elle, não havia duvida. Conhecia-o bem — era o conde Ravaro.

Estava muito mudado : mais pallido e magro, alguns cabellos brancos já ornavam-lhe a fronte.

Achei-o triste ; quasi que não me falou.

Disseram me que enlouquecera. Fez-me pena.

A ultima vez que o vira achava-se em Napoles ; foi no baile que deu Giovanni. Então estava risonho, corado, bello, com o seu elegante uniforme de official de marinha.

Tivera uma provocação com um baronet inglez e devia bater-se de madrugada. A questão fôra por causa d'ella.

Mas continuara a conversar, rindo-se alto, muito alto: despedira-se ainda alegre, como brincando commigo.

Depois soube que fôra ferido e que estivera muito ma.

Agora via-o ali, a bordo, n'aquelle estado.

Quando saltei em Petropolis despedi-me d'elle com effusão. Não me respondeu; sómente mais tarde, ao largar do bote em que ia p'ra terra, disse-me com um tom de voz triste, sumido: adeus!

Fiz-lhe adeus com a mão e fiquei de pé olhando-o enquanto o escaler se afastava.

Não o vi mais.

Hoje de manhã Giovanni quando entrou na bibliotheca disse-me que tinha morrido.

Perguntei-lhe como.

—Louco, respondeu-me.

—Pobre Ravaro!

PELA TARDE

(A *Francelino Domingues da S. Junior*)

Quando á tardinha o sol para o poente
Vai a morbida fronte declinando,
E a brisa nos sarçaes vaê brandamente
De tristeza uns idyllios murmurando...

E na macia alfombra da campina
Vôa o bando gazil das borbolêtas,
E vão beijando as flores da collina,
As recatadas, timidas violêtas...

E em saudosa orchestra os passarinhos
Vão saltitantes recolher-se aos ninhos
Lá entre o verde-escuro dos ramaes...

Eu, ante este concerto de harmonias,
Tenho saudades dos passados dias,
Da minha infancia que não volta mais!

J. C. Ribeiro da Silva.—(Torre—Pernambuco).

As divindades da Grecia. — A imaginação ardente dos gregos povoou o universo de uma multidão quasi innumeravel de divindades. Aquella extravagante e desordenada theologia teve, comtudo,

seus encantos ; enfeitaram-a de tudo quanto o gosto produzio de mais bello. O enthusiasmo da liberdade, a pureza do ar, a variedade das paizagens, a excellencia das producções, os accidentes da natureza, a belleza do céo, todo este agradavel concurso, produzia nos sentidos dos gregos as emoções mais voluptuosas, e dispunha-lhes o espirito para as mais brilhantes imagens, e o coração para as sensações mais doces.

O espectáculo do mar offerecia-lhes um cortejo amoroso de divindades ; era Neptuno no seu carro ou Amphitrite acompanhada de nereidas de formas seductoras, percorrendo velozmente a superficie do mar. Zephyro agitava docemente as ondas, e se ás vezes o violento Bóreas sobrelevava as vagas tinha-se a esperanza de o aplacar com sacrificios. O deus que presidia ao curso de um rio era representado sob a forma de um homem recostado a uma urna, coroado de roseiras, contemplando enternecido as danças das nymphas, as quaes, após seus folgares, desappareciam nas aguas do rio a que o deus presidia. As nascentes e as fontes eram grutas de cristal, onde as naaiades tinham as suas moradas. As oreadas habitavam nos montes. Na solidão das florestas encontravam-se, de envolta com uma infinidade de dryades, faunos e satyros, cujo aspecto grotesco fazia grande contraste com o porte esbelto e desembaraçado das nymphas, as quaes, para evitar os ataques e perseguições de que constantemente eram victimas, empregavam todos os esforços e subterfugios para se verem livres da lubricidade de seus incançaveis perseguidores.

F. Gouvêa.—(Africa).

HIST. DA GRECIA, DE COUSIN-DESPREAUX.

LOGOGRIPHO XXXI POR SYLLABAS

A' Caçadora Fluminense

Tu és a meta que com afan procuro—1.^a 3.^a
Tu és um anjo que baixou á terra—1.^a 2.^a
Es como o rio que se estende puro,
Banhando o prado e os pendores da serra.

D. Olympia do Amaral Coutinho (Cantagallo—Brazil).

Tirnava ou Tirnova — E' uma cidade da Turquia da Europa, assente sobre uma collina, que foi residencia dos ultimos reis bulgaros, e

cidade eleva-se a *svetivhora*, isto é, a montanha santa, cujos bosques tornados inviolaveis pelas tradições antigas, prestam aos rebanhos e ás fontes a frescura d'uma sombra perpetua.



presentemente d'um metropolitano, que se intitula primaz e patriarcha da Bulgaria. A Tirnava está situada graciosamente entre jardins e aos pés corre-lhe o Iantres. Ao sudueste da

A cidade, que terá 18:000 habitantes está dividida em dois grandes bairros, um habitado pelos turcos, e o outro pelos armenios, pelos gregos e israelitas. Tem oito mesquitas, e diferentes egrejas e sinagogas. A gravura representa uma rapariga armenia, de Tirnava, com o seu traje pittoresco, meio masculino, meio feminino, que não deixa de ser graciosos.

O jogo.— O jogo! essa paixão desordenada, esse vicio pernicioso, esse mixto de ambição e de rapina, esse funesto entretenimento, unico em que o amigo não conkece o amigo, em que os laços mais sa-

grados da amizade, da gratidão e do parentesco são quebrados e feitos pedaços pelo desejo ardente de deixar até sem camisa aquelle com que se joga; o jogo! essa força centripeta que arrasta o homem a perder-se a si, a sua mulher e a seus filhos, e que não poucas vezes o tem levado a perpetrar o roubo para não faltar á satisfação do seu apetite!

Não são poucos os espectaculos que se nos apresentam á vista, cuja existencia se deveu a esse fatal vicio.

Além vae uma viuva mendigando o pão quotidiano, arrastando u-na vida de privações e pesares, até morrer na pobre enxerga d'um hospital; mas esta viuva foi rica até á opulencia, porque razão andar á n'aquelle estado de miseria?... Oh! é que seu marido possuia um rendimento de mais de cem contos de réis; dava bailes e partidas em que se jogava forte; a sua consorte acompanhava-o em diversas bancas com as senhoras da sua qualidade, perderam tudo; o marido morreu pobre e a mulher ahí mendiga á noite uma triste esmola!

Vêde esse joven gentil e elegante, para o qual seus paes olhavam como um futuro ornamento da magistratura, ou da tribuna, para quem amontoaram cabedaes immensos, vivendo na mais estricta economia, afim de que, depois da sua morte, esse filho fizesse na sociedade a mais brilhante figura; vede-o despresivel e despresado, coberto com os andrajos dos indigentes, fugindo dos sitios mais concorridos onde outr'ora o viamos ostentando os seus vestuarios da mais aprimorada elegancia!

E querem saber a razão porque esse joven já nada possui da enorme herança que seus paes lhe legaram, á custa de muitos sacrificios? Sabeis porque arrasta uma vida miseravel abandonado de todos? E' porque entrado no goso de seus bens logo uma nuvem de jogadores de profissão, que tanto abundam, infelizmente, farejando uma boa preza, o cercou enchendo-o de homenagens e falsos protestos da mais cordeal amizade e o conduzio de modo que elle para se distrahir da lembrança do fallecimento d'aquelles que lhe deram o ser, se entregou de alma e coração ao funestissimo vicio do jogo.

Então era elle um cavalheiro em toda a extensão da palavra; onde chegava eram tudo zumbaias, e um cortejo de adaladores se formava na sua passagem empeçonhando-lhe a vaidade e o amor proprio; agora ahí o tendes, nem já os que o roubaram o cumprimentam: se o vêem apontar em uma rua, escoam-se immediatamente por outra, para não terem que dar um miseravel vintem áquelle a quem industriosamente espoliaram tantos contos de réis.

Muitos outros exemplos vos mostraria se o comportassem as dimensões destinadas n'este interessante annuario, para os seus numerosos collaboradores; restando-me apenas aconselhar a todos a quem os maus conselhos e os falsos amigos tenham arrastado a tão desgraçado vicio, que leiam com attenção o que sobre este vasto assumpto tem escripto abalisados auctores, e fujam sem demora d'esses antros, onde, alem de se perderem os haveres, se perde a saude, e, o que é mais — a honra!

S. J. Guerreiro.—(Moçambique).

LAGRIMAS E TURBILHÕES

(A F. de Paula Pires)

Tudo pertence á terra. A cega creatura
Passa um momento só á sombra da incerteza
Levando dentro d'alma uma saudade acceza
Que breve se desfaz na treva immensa, escura.

Noss'alma é como o lyrio—a sua essencia pura
Remonta-se ao azul em aurea subtileza,
E emquanto o seu aroma aspira a natureza
—O corpo se desfaz na fria sepultura.

Nasce a creança rindo e rindo segue ovante,
Guiada pela luz de um astro scintillante,
Sonhando no porvir altivo, immaculado...

Após caminha ainda e chega... escuta... chora
As doces illusões que tanto amou outr'ora,
E tomba inerme emfim no leito amargurado.

1890.

Antonio J. Ferreira de Campos. (Pelotas)

CHARADA XXXIII

(Ao valente caçador o Ex.^{mo} Sr. José da Cunha Pires)

A povoação celebrada
De todos nós conhecida—2
Está em ilha formosa,
Do oceano filha querida—2

Existe um animal que nos contem
No corpo que alimenta nos fornece,
E' mais facil agora conhecer
Quem talvez este todo não conhece.»

D. Josephina de Azevedo.—(Rio de Janeiro).

Latinorios.—Um sujeito de nome Nhama, achando-se com uma furiosa dôr de cabeça, consequencia das libações da vespera, mandou chamar certo medico, e apenas este lhe perguntou o que sentia, respondeu :

—Muita dôr de capite, meu doutor !

—O que é ?

—Dôr de capite. Desde hontem á noite que não posso dormir por causa de capite.

—Explique-se, homem !

—Doe-me capite, já lhe disse; ou por outra aries.

—O que está a dizer de aries e capite ?

—Oh ! senhor !—pois um doutor não sabe o que João San-Sophia ou Antonio Mar-Grande (1) sabem de cór?
—E' cabeça.

Momentos depois retirou-se o medico, deixando a receita.

Apenas o Nhama o vio pelas costas, rasgou a receita e disse para os circumstantes :

—Vade in pace. Se soubesse que elle não entendia latim, não o mandava chamar, porque é signal de ser muito bruto, e portanto máo medico.

Chamou depois a Sam Má d'Aua, e disse-lhe :

—Amanhã muito cêdo, vá á casa do Mé-Mina-Cala (2) e diga-lhe que me mande remedio para capite ou aries que elle logo o comprehenderá melhor que esse bruto do medico.

(1) Curandeiros.

(2) Nome d'um outro curandeiro.

*
* *

O velho João Gina, sendo uma vez intimado a ir depôr no tribunal, e perguntado pelo juiz o que sabia, respondeu :

—Saberá V. Ex.^a que foi n'uma *domua conjuncto da domua mea*.

—O que é ?

—V. Ex.^a não percebeu : foi n'uma *domua conjuncto da domua mea*.

—Official, leve esse homem para a cadeia.

—Perdão, meu senhor! — Foi n'uma casa junto da minha casa. (Accrescentou a tremer o pobre Gina, só com o mêdo de ir fallar a lingua de Virgilio dentro da jaula chamada Hotel da Paciencia, onde decerto lhe não saberia muito bem o seu bocado de zequente ou calulú. (3)

22 de Janeiro de 1890.

Antonio Henriques da Cunha Lisboa.

(Ilha de S. Thomé).

ANNIVERSARIO

Eram tres as creancinhas tão mimosas
Que iam festejar os annos da vóvó,
Saltava uma contente n'um pé só
E as outras a sorrir levavam rosas.

Ao chegarem á casa, estrepitosas
As palmas resoavam na salinha,
E eis o riso bondoso d'avósinha,
Acariciando as flores graciosas.

Como são boas todas as velhinhas !...
Ergueu tão ternamente as tres creanças
E junto a si sentou as pobresinhas.

Que festejos ! Aquellas esperanças
—Cantavam quaes alegres andorinhas,
Com o doce arrulhar das pombas mansas.

1889.

Araujo Filho.

(3) Comidas favoritas do paiz.

LOGOGRIPO XXXII

(Ao distincto auctor do enygra de pag. 60 do
«Supplemento ao Almanach» para 1886)

O 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 (1)

Já correm gratas virações da tarde—3, 8, 2, 10, 6.
A frol das veigas enrisando brandas,
Na flôr do lyrio mil beijinhos dando,—10, 6, 7, 8, 9, 10, 6.
Trazendo aromas das olentes bandas !

Cobre-se a terra do sendal de brumas !—1, 2, 3, 4, 3.
Vesper exulta d'eternal fulgor !
Minh'alma scisma em meditar profundo,
Curtindo as dôres—que me traz o amor !

Perpassa as folhas, tanta vez relidas,
Do triste *livro*, que a paixão escreve !—10, 4, 5, 6, 7, 8,
9, 10.

Sonhando, véla, sem sentir o inverno,
Que me rodeia de enervante neve !

Engolfa, oh ! alma, no scismar... em dôres !...
A terra é falta de ridente luz !
A noite chega, pavorosa e negra,
E' bom que abraçes a pesada cruz !...

.....
Emtanto, é bello o desmaiar da tarde !
Encantos tem o esmorecer do dia !
Mas, a saudade, co'os fataes pezares,
Mata-me os gostos em fatal porfia !...

Olympio de Araujo (Rio Novo—Minas).

Um banquete de selvagens. — O australio quando uma baleia naufraga na costa, accende fogueiras nos altos para chamar os companheiros ao banquete.

Pouco a pouco vêm chegando homens, mulheres, e eanças, dando gritos de alegria, com tregeitos e momices. Amontôam-se, pisam-se, precipitam-se ; as creanças com o olhar acceso, insinuam-se de rastos por entre os joelhos dos paes ; e n'um instante a montanha gordurosa apparece coalhada de gente, como o

(1) De uma poesia de O. de Araujo.

cadaver de um cão, inchado, cuspido na praia pelo mar, coberto de moscas negras.

Ha um vago sussurro, um zumbir de masticação incessante. As banhas do cetáceo, em pastas molles, esbranquiçadas, correm, dissolvendo-se ao calor das fogueiras e da gente anciosa, faminta. Ha quedas e a pelle negra dos selvagens vê se escorrendo uma gordura fétida, os cabellos estão ensopados, as mãos, os braços tintos de sangue e oleos.

Precipitam-se sobre a carcassa, com a bocca escancarada, devoram ás dentadas, introduzindo a cabeça por entre as visceras quentes. A orgia dura dias e noites, sem cessar, emquanto dura a comida. Por fim o esquelêto apparece com os ossos nús e dentro das linhas do arcabouço, como cavernas de um navio, os que não dormem já bebados de comer, disputam em luctas os ultimos bocados de carne.—Ha cadaveres e sangue de homens misturado com as poças coaguladas do sangue e da gordura do cetaceo, ha vomitos e imundicie, resonar de digestões difficeis, um fumo espesso das banhas ardendo nas fogueiras e um fetido nauseabundo de cousas pôdres.

Oliveira Martins.

AS RAÇAS HUMANAS E A CIVILISAÇÃO PRIMITIVA.

A MINHA MUSA

E' loura a minha musa como os soes
Dos dias de verão mais sorridentes,
Os olhos no luzir incandescentes
No mar entre penedos são pharoes.

Eu vi-a a vez primeira mui creança
Fitei-a apaixonado e palpitante.
E ella, desde tão feliz instante !
Brotar fez no meu peito uma esperança !

Outr' ora vendo a rosa perfumada,
O timido regato, a turba alada,
A minha doce musa tinha ardôr ;

Agora na minh'alma já descrente
E' cinza que voou, resta sómente
Recordação fatal d'um puro amor !

Eduardo Mascarenhas.—(Recife).

RESPOSTA

Ao sr. Cunha das moças,
Eu rogo queira aceitar,
O enigma abaixo inscripto
Que lhe ouso dedicar.

No pseudonymo se allude
A um distincto cavalheiro,
Que me fez uma remessa
Lá do Rio de Janeiro.

O qual com muito respeito,
E subido acatamento,
Emprestou-me de bilontra
O devido tratamento.

Por essa distincta honra
De graciosa cortesia,
Me declaro agradecido
Protestando sympathia.

E devendo-lhe finesa,
Pelo jus que me confessa,
Cumpro o dever de accusar
Recebida a sua remessa.

Pedindo que me conceda
Desculpas pela demora,
A resposta, por motivos,
Só pude fazel-a agora.

Aproveitando tambem
Este opportuno ensejo,
Lhe faço sciente que
Anhelamento desejo,

Não somente saber quem
Me fez tão grata surpresa,
Provando com sua offerta
Um penhor de alta fineza;

Mas pedir-lhe que me faça
(Por favor especial)
D'ora em diante, annualmente,
surpresa ou remessa igual,

Visto que estou penhorado,
Pela sua urbanidade,
E fina prova que deu-me
De verdadeira amizade.

Assim convencido, que
Me haja ser deferido,
Com summa benevolencia,
Este modesto pedido;

Apresento, respeitoso,
O enigma promettido,
O qual é, singelamente,
N'estes termos concebido:

ENIGMA X

Ao sr. Cunha das moças
Lá do Rio de Janeiro,
Rogo dizer-me, qual é
O orador brasileiro,
Que, tirando um appellido,
Logo no mesmo momento,
Tem de vel-o convertido
Em simples medicamento.

Joaquim D. Chaves. (Arany)

Jacaré ou Crocodilo. — Este feio animal, copiado fielmente pela gravura, representa



na antiguidade um papel singularissimo, no Egipto. Herodoto affirma, que em Thebas, princi-

palmente, era o jacaré tido em grande veneração, sendo consagrado e alimentado nos templos com carne de victimas. Depois da sua morte este reptil era cuidadosamente embalsamado, e em seguida deposto em sepultura particular. Pela influencia dos cuidados que lhe prodigalisavam perdiam a sua ferocidade a ponto de que, enfeitados de braceletes, e brincos nas orelhas, assistiam ás festas religiosas, concorrendo para a sua pompa.

Strabão, que tinha viajado no Egypto, falla do crocodilo quasi nos mesmos termos que Herodoto. Diz que os habitantes da cidade d'Arsinoé, que antigamente se chamava *Crocodilopolis*, porque ali o crocodilo era tido em grande veneração, tinham n'um lago um d'aquelles reptis, que alimentavam de pão, carne e vinho (etape do soldado em campanha). O geographo grego conta que vio, estando o animal na margem do lago, chegarem dois sacerdotes, um dos quaes lhe abrio a bocca, escancarando a guela, enquanto o outro lhe deitava a carne, o pão e o hidromel. Feito isto o crocodilo saltava rapidamente no lago e ganhava a margem opposta.

Hoje, os mesmos que então o adoravam, dão-lhe a morte sempre que podem.

Outros tempos, outros costumes.

O crocodilo encontra-se na Asia, na Africa, na Martinica, em S. Domingos e em Cuba. Os crocodilos do Nilo chegavam a ter oito metros de comprimento, mas no rio Zambeze, na nossa Africa, segundo a descripção que d'elles nos faz Sebastião Xavier Botelho, ha-os que attingem quinze metros. A unica parte sensivel que tem estes monstros para se matarem é a dos olhos. Cegando-os podem então os pretos dominal-os, dando-lhes a morte.

A LUIZ DE CAMÕES

(NO TRICENTENARIO — SONETO)

Nos annos juvenis teu doce canto,
Cysne immortal, amenisou meus dias,
Bem que ás vezes a flauta que tangias
Mavioso e triste, me arrancava pranto.

Enlevaste-me, após, com mago encanto
Quando mais alto as azas desferias,
E preclaros varões ao céu subias
Que o luzo reino sublimaram tanto.

Ha mais de doze lustros, eu gravada
Tenho na mente a portentosa historia
De seus feitos gentis, por ti narrada.

Do seu vate hoje Lysia honra a memoria
Com Lysia a minha voz te acclama e brada;
Salve, cantor da lusitana gloria.

10 de junho de 1880.

Antonio José Viale.

28 de setembro de 1871

Não ha muito que na historia do Imperio americano escreveu-se a pagina mais luminosa de sua vida politica, foi afixada ao som estrepitoso de unanimes applausos o mais duradouro padrão de agigantado tentamen, de victoria incruenta.

Ao lembrar a data memoravel não vela a patria seu rosto magestoso, antes expande-se aos vividos clarões de inteiro desvanecimento e de prazer infindo.

Feliz do povo que não lança ao esquecimento os grandes marcos milliarios da sua evolução e a quem não cegam os fogos e cambiantes de auroras redemptoras.

Ai do que se arroja ante o carro da conquistas das ideias modernas e busca pôr-lhe tropeços!

28 de setembro de 1871 foi para a terra brasileira, para a familia humana, risonha madrugada de esplendida manhã.

Balsamo suave a lagrimas que escaldam as faces de

miseros proscriptos, doce lenitivo a dores que mal se comprehendiam e que o escarneo insultuoso fazia sopitar no peito a desgraçados párias. A lei aurea da redempção, que Rio Branco traçou, foi cantico sacerdotal a cujo som tombaram despedaçadas as muralhas da Jérichó do criminoso direito e sobre os rotos pedestaes vio-se plantada e desdobrada aos ventos a formula da liberdade.

E toda a revolução social que o nome do novo Wilberforce symbolisa, custou apenas verbos electrisantes de gratas emoções, esplendidas manifestações de humanitarios sentimentos, não foi alimentada pelas calidas paixões de luctas fraticidas, não vicejou orvalhada com o sangue de martyres.

Sem que a sociedade experimentasse abalo, sentisse commoção, desapareceu d'entre nós a bastilha do captiveiro, riscou-se do pavilhão auri-verde a nodoa, que o envilecia.

O filho da livre America rejeita a negra herança da metropole, maldiz a Duarte Vaz.

Salve os que venceram, soldados de gloriosa cruzada!

A elles as corôas triumphaes, que as lagrimas de gratidão dos escravos valem, sem duvida, as gêmmas preciosas dos diademas reaes.

Bem vindos aquelles que a Patria, lançando fóra de si preconceitos seculares, recebe de braços abertos como seus filhos legitimos.

Dr. Guilherme Studart.—(Ceará—Brazil).

CHARADA XXXIV

(Ao distincto decifrador Eugenio Savard)

Muda segunda e verás } 2
Uma fructa saborosa }
Accrescenta a mesma letra
E terás mulher formosa — 2
O conceito? Quem dirá
Que é arvore do Pará!

D. Carmelitana d'Arantes.—(Mococo—S. Paulo).

CONFIDENCIA

Pensa em Deus a alma pura; a mãe no filho;
A flor no sol, e no esposo a esposa,
O artista na sua obra, e no tomilho
Pensa, talvez, a inquieta mariposa.

O enfermo na saúde, e o exul amante
Nos amores da terra que deixou;
O avaro no seu ouro, e palpitante
Pensa a rosa na brisa que a beijou.

Pensa a avesinha no arraiar da aurora
E o eunucho do harem pensa na huri;
Se tudo pensa no que mais adora,
Eu em que hei-de pensar? eu penso em ti.

J. Simões Dias.

Um contra senso.— No seculo XIX tudo obedece ao influxo da moda. A novidade, eis o que predomina no nosso tempo. Não ha costume, não ha ideia por mais extravagante, por mais absurda, por mais prejudicial, ou por mais ridicula que seja, que não se adopte, que não se perfilhe, que não se abraçe com enthusiasmo fremente.

Ora a novidade da epoca n'esta capital, são os prados, as corridas.

Em menos de um anno construíram-se 6 prados n'esta provincia: 3 aqui no Recife, 1 em Palmares, 1 em S. Bento e 1 em Pesqueira.

Dizem-me, mas eu duvido, que as instituições d'esta natureza, teem um fim elevado, uma missão altamente civilisadora: desenvolver o gosto na população para aquisição e aperfeiçoamento dos animaes uteis, como o cavallo, etc.

Talvez que em outros paizes, ou mesmo em outros logares d'este imperio, os prados de corridas tenham dado o resultado mais esplendido; aqui têm servido unicamente para desenvolver no povo o gosto pela jogatina em grande escala.

Supponhamos, porém, que taes sociedades sejam realmente proveitosas, sejam uteis, o que quer dizer esse interesse, esse disvello, esse cuidado pela sorte

dos irracionaes procurando-se tornal-os fortes e vigorosos, e esse desprezo relativo, essa falta de caridade e de amor para com o proximo? Por ventura os irracionaes serão mais dignos de nossas attenções?

Oh! não póde ir mais longe o desvairamento do nosso seculo!

Recordo me ter lido na *Cidade do Vicio*, de Fialho de Almeida, que a sociedade actual não precisava tanto de juizes, nem de engenheiros, nem de philosophos, como de medicos.

De medicos, de verdadeiros medicos, é effectivamente do que nós mais precisamos.

A vida do homem já se acha circumscripita a tão limitado espaço de tempo, que n'este andar, d'aqui a uns 50 annos o seu termo medio será de 20 a 30 annos.

E emquanto que todas as nações á porfia, auxiliam e concorrem por todos os modos para tudo o que tem por fim a conservação e aperfeiçoamento dos irracionaes, nomeadamente do cavallo, ainda nenhuma, exceptuando talvez a Inglaterra, se lembrou de que nós mais que os bichos, precisamos melhorar o nosso organismo, que se acha fraco, doente, corrompido de doenças e de vicios.

Triumpho a irracionalidade!

As grande capitaes estão cheias de coudelarias!

Do nosso bem estar, da hygiene de nossa casa, de nossa alimentação pouco cuidamos.

As sociedades modernas não se interessam muito pela nossa robustez physica, pela conservação de nossa saude. Ultimamente o governo brasileiro abriu as portas do Imperio á emigração chinesa, apezar da grande opposição da imprensa. Este facto demonstra eloquentemente o que acabei de dizer — que as sociedades modernas não se interessam muito pela nossa robustez physica, e pela cõservação da nossa saude.

Albino Moreira de Souza.—(Recife).

CHARADA (INVERTIDA) XXXV

(A meu tio José

Se acontece que ás direitas }
O leitor tenha encontrado, } 2
A's avessas todos temos }
Em sentido figurado. }

D. Minervina Castro.—(Rio de Janeiro).

LOGOGRIPHO XXXIII

*Ao Ex.^{mo} Sr. Nestore d'Ollem,
distincto auctor do logogripho «Conselheiro Manuel
Pinto de Sousa Dantas»
a paginas 134 do supplemento de 1888.*

Um homem mui tagarella, 7, 10, 5, 4, 3, 6.
Com certa caixa na mão, 4, 1, 2, 10, 7, 6, 3, 10.
Quer vender um instrumento, 1, 10, 3, 7, 4, 5, 8, 6.
Que pertence a tecelão, 3, 8, 9, 8, 10, 7, 6, 5, 8, 6.
Ninguém compra o instrumento? 2, 10, 7, 10, 1, 7, 10.
É caso para arrelhiar! 8, 3, 6, 7, 4.
Mas lá diz o livro santo, 4, 2, 9, 3, 4, 1, 8, 10, 1, 7, 4, 1.
Não ser peccado o teimar, 7, 4, 5, 2, 6.
Uso fez d'industria tal, 1, 6, 3, 4, 5, 9, 8, 10.
Que o instrumento vendeu, 5, 10, 3, 6.
Depois de limpo e polido, 7, 4, 5, 1, 6.
A um celebre pygmeu, 2, 6, 7, 4, 7, 6.

Eu tenho, tu tens, elle tem,
Nós temos, vós tendes, elles teem.

Luiz Marques de Campos (Congo — S. Salvador).

Ao avistar Jerusalem

(Sobre uma pagina de Pinto de Campos)

Ajoelha-te, minha alma! Eis-te afinal
Chegada ao termo de tuas ambições:
Descortinam teus olhos os padrões...
Panorama sublime e original!

O sacrario de um Deus celestial!
O foco que illumina os corações!
E que passando a todas gerações
As redimio do primitivo mal.

Circumvagam teus olhos esses montes,
Valles, encostas, torrentes e pontes
Celebres até hoje, e eternamente!

E em cada successo e cada acto
Um exemplo envolve, um incentivo exacto
Do grande Mestre, Mestre Omnipotente.

Benevides L. Barbosa.

(P. do Espirito Santo—Barra de S. Matheus).

NO ALBUM D'UMA MENINA

IMITAÇÃO DO HESPANHOL

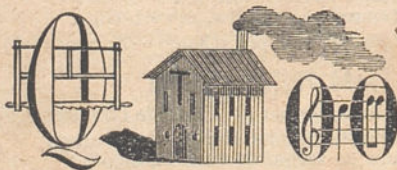
Tens visto d'um céu nublado
Brilhantes gottas descer?
Olha, filha de minha alma,
Chama-se a isso *chover*.

Dize: do céu de teus olhos	As nuvens e as nossas penas
Não viste ás vezes baixar	Gottas e lagrimas são:
Gottas eguaes? Pois menina	Do mar se nuvens sahiram,
Chama-se a isso <i>chorar</i> .	As penas do coração.

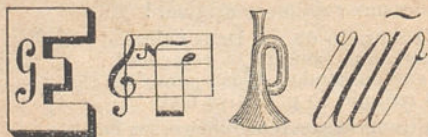
Dr. Francisco de Castro Freire.

LOGOGRIPO XXXIV (ENIGMA PITTORESCO POR LETTRAS)

(Ao illustrado auctor do Almanach)

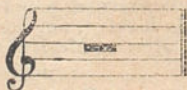


4,5,7,5,8.



5,6,1,2,3.

CONCEITO



F. Moreira. (Cangaçú).



terra de selvagens antropophagos, que banha o mar do sul. O preto estava derretido pela preta, que o

está ouvindo com paciência, sentada, abraçando os joelhos com os braços, e com uma caveira aos pés, para mostrar as manchas que tinha.

Depois de muitos rodeios em que elle procurava mostrar-lhe quanto lhe queria — diz-lhe por fim :

— Pretinha Cannibal, gostas de mim ?

— Homem, — respondeu-lhe a negra, para o desenganar de vez, — gosto de ti, mas é para te devorar.

Ora vão lá ser juiz com tal mordoma ! E o caso é que o preto era capaz de se deixar devorar por ella.

GUARDEOS DIOS DE TAL DOLOR

Desdeñado soy de amor
Guardeos Dios de tal dolor.

Soy del amor desdeñado, De fortuna perseguido, Ni temo verme perdido Ni aun sequer ser ganado: Un cuydado a outro cuydado Me añade siempre el amor, Guardeos Dios de tal dolor.	En quexas me entretenia, Ved que triste passatiempo Imaginava que un tiempo Tras otro tiempo venia, Mas la desventura mia Mudo-se en otra peor, Guardeos Dios de tal dolor.
---	---

Diana

George de Monte Mayor.

(Portuguez)

A volta. — Decorreram os dias...

De então comecei a sentir saudades de meu lar. Anhelava suspirosa o dia do regresso. Oh! como as horas me pareciam vagarosas!... Como tardava o momento da partida!...

Chegou enfim esse momento desejado. Parti. O saveiro cortava velozmente as agitadas aguas do Catinguiba. A bella capital affastava-se de nós com rapidez vertiginosa!... As altivas torres da igreja parochial, a alfandega, a fabrica de tecidos, tudo, tudo diminuia.

Ao longe divisava-se um ponto alvejante—a carvoaria. Em breve nada mais se distinguia, era tudo informe.

Debruçada na borda do saveiro, que fugia rapidamente da terra, com a dextra tentava apanhar as fo-

lhas de mangue que eram impellidas pela corrente do rio, em direcção opposta á nossa. De vez em quando o meu olhar fixava-se na villa de Santo Amaro, que relembrando-se do seu antigo esplendor, erguia-se altaneira por entre espessa folhagem.

Seguindo o nosso rumo, divisei ao longe duas canoasinhas, que costeando a margem esquerda, com as vellas enfunadas, apresentavam-nos um panorama poetico, encantador!...

Quedei-me pensativa contemplando as aguas que agitadas pelo vento baloiçavam mansamente a embarcação. De repente ergui-me, lancei os olhos ao poente; o sol dardejando seus ultimos raios desapparecia além das longiquas serras. Os seus derradeiros e rubros clarões reverberavam-se nas salsas aguas, imprimindo em nossos corações os melancolicos beijos de saudades indefinidas!...

As garças que descansavam á margem do rio levantavam o vôo, e garbosamente fendiam os ares indo pousar á outra margem...

A noite approxiva-se á medida que o rio tornava-se estreito e tristonho. As estrellas brilhavam por momentos e eram logo apagadas por nuvens vaporosas.

A noite tornou-se densa, os relampagos cruzavam o espaço, e apoz ouviam-se os surdos estampidos dos trovões!...

Era tudo trevas...

Do fundo da embarcação onde me havia recostado ouvia o sinistro bater dos remos nas aguas...

Adormeci...

Março, 1889.

Diana. (Sergipe—Brazil).

CHARADA XXXVI

Ao Club dos Tigres & C.^a (de Belem)

A dita, a fortuna, a felicidade.

A prosperidade, a sorte a ventura—2

O azar, desgraça, a fatalidade,

A calamidade, e a desventura—2

Reunem-se todos em lauto banquete,

Das plantas á sombra em lindo quintal

Depois vão caçar, trabuco e mosquete

O feio bichano, o feroz animal.

Tigre Brasileiro. (Rio de Janeiro).

À MEMORIA DE MEU PAE S. R. FEIO

OFFERECIDA A MINHA EXTREMOSA MÃE C. M. F. FEIO

Se o teu vulto suavissimo e querido,
jaz na mudez dos tumulos desfeito,
vive cada vez mais estremecido,
teu santo nome, ó pae, dentro em meu peito.

Fazer surgir á luz — ah!... eu quizera! —
da campa que te occulta despiedosa,
o corpo hirto e adorado!... Se eu pudera!...
com lagrimas de dôr, d'alma saudosa!?...

E por volver-te á vida, que descança,
na solitaria paz da sepultura;
dos olhos teus, a luz suave e mansa,
accendera com beijos de ternura!

Mas da campa o silencio pavoroso,
cruelmente me diz a atroz verdade,
de que não póde dar-te um peito ancioso,
mais que a expressão dolente da saudade!...

E o pranto de meus olhos cae tremente,
n'um murmurio de dôr longo e sentido,
innundando-me a alma! e tristemente,
quebra o seio um soluço dolorido!...

Abril, 5 de 1890.

D. Maria de Figueiredo Feio e Gomes. (Villa Real).

D. Afonso Madrigal (a que chamaram o *Tostado*) bispo de Avila falleceu no seculo XV. Foi dotado d'extraordinaria memoria, e escreveu... escreveu — tanto que não obstante morrer de 55 annos, deixou *Commentarios sobre a chronica d'Eusebio*, *Commentarios sobre a Escriptura*, e outras obras tão extensas, nem sempre bem dirigidas, que produziram depois d'uma impressão que se fez em Veneza em 1596—treze grandes volumes in folio. Está depositado em Avila, e os seus patricios fizeram-lhe o seguinte epitaphio:

<p>Aqui jace sepultado quien virgen murio y vivo, en ciencias mas esmerado el nuestro bispo Tostado que nuestra nacion honró,</p>	<p>Es mui cierto que escrivio para cada dia tres pliegos de los dias que vivo, su doctrina assi ahumbró que hace ver a los ciegos.</p>
---	--

LOGOGRIPHO XXXIV

(POR LETRAS)

A' *Ex.^{ma} Caçadora Paraense*

Sinhasinha : — vo-excellencia
 Que faz certos logogriphos
 Cheios de *coisas*, de *griphos*,
 Ha de ver com insistencia
 Que este antigo potentado — 4, 1, 2, 1.
 Não vae manchar o rosado
 Das faces de vo-excellencia

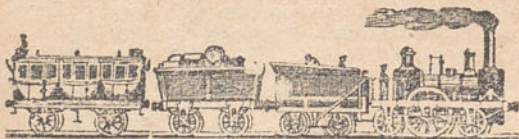
E se acaso vo-excellencia
 Zangar-se com elle, então
 Dir-lhe-emos, com rasão,
 Que vá com toda a urgencia
 Pela Asia passear — 3, 6, 7
 Onde logo que chegar
 Rodearei vossa excellencia — 7, 5.

Porém, se vossa excellencia
 Encontrar por lá um rio,
 Um mar, um lago sombrio,
 E, queira, com deligencia,
 Transpor-lhe o azulado leito,
 Tem aqui este conceito
 Que offertamos a vossencia.

Dois Tungas (Baião — Estado do Pará).

As casas romanas. — Entre os romanos a entrada d'uma casa era collocada sob a protecção de quatro divindades : *Janus*, que presidia ao todo da porta d'entrada e que por isso se chamava *Janua*; *Forculus*, que tinha sob a sua vigilancia as batentes da porta; *Fores Limentinus*, que velava sobre a verga de cima do portal, a que nós chamamos tambem limiar—limen, e emfim a deusa *Cardea*, ou *Carna*, que se invocava para a conservação dos gonzos sobre que gira a porta — *Cardinalis*.

A LOCOMOTIVA



SOBRE UMA PAGINA DA POESIA COM O MESMO TITULO
DO TALENTOSO SR. M. DE CARVALHO

Silencio! Um grito de espanto
Rebôa em toda a amplidão!
—Fui eu quem surgiu pasmozo
Qual meteorio clarão!
Nos meus rails puxo o mundo,
Rasgo a terra e a terra afundo
Porque monstro me formei;
Co'a minha força terrivel
Eu não conheço o impossivel!
—O progresso inaugurei!...

Abri, caminho, ó florestas,
Que a vossa extensão findou;
Para mim não ha distancia
Porque igneo raio eu sou!
Montes, serras de granito,
D'alto abaixo eu precipito
Para passar o meu trem;
Quero unir os continentes,
As ilhas todas e as gentes,
E inda quero ir mais além!

Em ve'oz carreira—cega,
N'um tropel descommunal,
Eu conduzo a ignotas plagas
Um sol de luz sem igual:
— A instrucção — essa guerreira,
Que é do bem a mensageira,
Co'o seu gladio a lei dictar,
Derramada ao ignaro povo,
A quem dou um fóro novo
Que vou levando ao rodar!

Eu na minha trajetoria
Sou como a—Revolução:
Si derribo, quebro, esmago,
Dou a lei—Compensação:
—As portas abro ao trabalho,
E dia á dia batalho
Para tudo engrandecer;
Do bosque eu faço a cidade
Como faço a tempestade
Quando começo a correr!

Do furacão tenho as azas,
Por ninguem nunca esperei;
Quando vou febril, rugindo,
Treme o chão onde passei!
Sou leão sanhudo, immenso,
Não me lembro e nunca penso
Que inda venha a recuar;
Eu, estando de jornada,
Distendida em minha estrada.
Despedaço o que encontrar!

Fumegante, crepitando,
Eu sinto a vida existir;
No meu craneo esbrazeado
Um vulcão ha sempre a abrir!
Quando silvo atiro ao espaço,
Como o obuz a «ponta d' aço»¹
Um sopro do meu pulmão;
Como a ceráunia, o meu leito
Eu queimo rasgando o peito
A atroar como o trovão!

¹ É uma balla, unica que fura os encouraçados.

Reluctou quem concebeu-me,
 Reluctou até vingar!
 Firme foi, constante, e via
 Que o mal da lucta—é parar...
 —Quando nasce um pensamento
 Que não morre e bebe alento
 N'esta fé: «triumpharei!»
 Se transforma o espinho em flores,
 Nada impede os luctadores,
 Que p'ra vencer não ha lei!

A longa juba esfrangalho
 Obumbrando o azul do céu;
 Quando grito á immensidade
 Lhe pergunto: quem mais que eu?
 —Eu vivo, sou forte e ... grande,
 Sobre mim não ha quem mande,
 Contra mim não ha poder;
 Eu vivo—sinto-o, e convenho
 Que até mesmo eu alma tenho
 Para assim poder viver!...

Nunca finda o meu percurso,
 O progresso eu fiz—sou eu;
 Da sciencia finco um marco,
 —Adamastor... Prometheu!
 Meu suor goteja e queima,
 Não me torcem... ninguem teima...
 —Potente, enorme, sem par!
 Meus membros, jámais cansados,
 Serão colossos tombados
 Se algum dia rebentar!

Sou indomavel. E sinto-me
 P'ra toda a lucta—capaz;
 Ninguem pára em minha frente,
 Todos hão de andar atraz!
 Prodigio!—De pólo a pólo
 Legiões estaco e rólo
 Se o combate se off'recer;
 No meu vôo estranho, ingente,
 Co' o meu pulso omnipotente,
 Só Deus me póde conter!...

Como os astros que sciatillam
 Nas regiões eternaes,
 De tres genios me fulguram
 O sceptro e c'roa reaes!
 —O Briareu sou moderno;
 Como ao Dante, o meu *inferno*
 Me estatue no Pantheon;
 As gerações que atravessam,
 De seculo a seculo arremessam
 James, Fulton, Stephenson!

Silêncio! Um grito de espanto
 Rebôa em toda a amplidão!
 —Fui eu quem surgio pasmozo
 Qual meteorio clarão!...
 Não tenho rival no mundo,
 Sulco a terra e a terra afundo
 Porque monstro me gerei;
 Co' a minha força terrível
 Eu não conheço o impossivel
 —O progresso inaugurei!...

Joaquim Ramos da Silva Moreira—(Pernambuco).

PERGUNTA ENIGMATICA

(Dedicada ao dr. A. Xavier Rodrigues Cordeiro)

O que é que sendo do sul d'Africa e achando-se sempre em todas as embarcações, manda tambem no exercito, ficando todavia no fim de *tudo*?

V. Kaudosy. (Brazil).

Quanto vale a longevidade!—Em 1526 Fr. Antonio do Porto, da ordem de S. Francisco, ajudado de 4 companheiros, conseguiu penetrar na ilha de Salsete de Bombaim, que antigamente pertenceu aos portuguezes, e derribou muitos pagodes, sendo um d'elles o denominado *Elephante*, que era notavel por ser talhado em rocha e memoravel por se lhe ligarem varias tradições religiosas. N'esta occasião baptisou elle o principal *boto* (sacerdote dos gentios) d'aquelle pagode, o qual contava 150 annos de idade e estava forte.

Tendo-se dado conhecimento d'aquelle importante facto e da longevidade a El-Rei D. João III de Portugal, admirou-se muito d'ella e fez ao mesmo *boto* a mercê de uma rica aldeia.

Viveu o *boto*, ainda depois da conversão proxima-mente 45 annos, sem nunca deixar de trabalhar; fallecendo por consequente da idade de quasi dois seculos! E' esta mais uma prova de que o trabalho dá vigor.

Feliz homem, generoso rei!

Viriato A. C. B. d'Albuquerque
Nova Goa (India Portugueza).

CHARADA XXXVII (EM QUADRO POR SYLLABAS)

Ora aqui vê-se um aquatico	Formosa dama fez parte
Animal, que um bello dia	D'aquella nossa excursão,
Apanhei lá no Adriatico,	E a bella, com toda a arte,
N'uma grande pescaria.	Captivou-me o coração.

Fingi-me enfermo, em viagem.
A dama de lindo rosto
Deu-me certa beberagem,
Que eu traguei, mas que mau gosto !

Este meu estratagema
Logo souberam-no todos.
Nem sempre vinga o systema
De espertezas e de engodos !

Trajano A. de Oliveira Junior.
(Victoria—Espirito Santo).

Lição de piano. — Em geral, quasi todos os animaes são doces para as creanças. Uma creança faz judiarias a um cão, e o animal tudo soffre, porque é uma creança que o mortifica. Um papagaio morde as pessoas extranhas, e á creança que vê pela primeira vez abre as azas e festeja-a. O mesmo acon-



tece com o gato. Se assim não fôsse como estaria um gato quieto, pondo-lhe as mãos sobre as teclas do piano, sem que elle dê um pulo fugindo espantado, ao ouvir os sons que acordou? Pois não foge nem forceja para isso, porque é uma creança que lhe dá lições de piano. Milagres da innocencia.

HONRA AO MERITO

A' *Ex.^{ma} Sr.^a D. Annalia Vieira do Nascimento*

Não tenho a honra de conhecer-vos, mas
tenho tido a dita de apreciar-vos. Desculpae este
pobre elogio devido ao vosso talento poetico.

Do author.

Quando escuto d'essa harpa tão sonora
As canções que o teu estro divinisa
Préso immenso a elegante poetisa,
E admiro a distincta escriptora.

Dos jardins do ideal a doce brisa
Os seus segredos te confiou cantora ;
Do progresso tomaste a sã divisa,
Caminhaste p'ra luz que t'avigora.

Muito embora, não sou nenhum portento,
Mas cultos presto ao genial talento :
Fére, ai desfére a tu' harpa gentil !

Poetisa gentil, segue, eu te imploro !
Illumina esta patria que eu adoro,
«Linda estrella do céo do meu Brasil !»

1887.

Antonio J. da Rocha (Costa do Mar Grande—Bahia).

ENIGMA X

Tres letras somente
Meu todo contém,
E creio que está
Nas terras d'além.

A segunda e tércia
Leitor, ignaes são,
E' facil, portanto,
Solver a questão.

E para conceito
Mais bem adequado,
Direi que na Asia
Será decifrado.

Um grande philosopho,
Um sabio de truz,
Moralista celebre
Ali vio a luz.

D. Leonor Guimarães. (Recife—Pernambuco).

Foi juiz sete dias. — Marciliano M. B. Costa é taberneiro na capital do Pará, e por influencia dos parentes foi nomeado juiz commissario

rio do Moju, em 8 de março de 1887. Como não podia vêr o cidadão que era *ad-hoc*, fez publicar o seguinte edital, pelo qual se reconhecem as luzes de que elle dispõe. Eil-o :

Marciliano Macedo de Bahia e Costa, juiz commissario do municipio do Moju, etc.

Faz publico pelo presente edital, que só perante o seu juizo podem ser requeridas medição de terras de posses por legitimas, não tendo competencia para fazer as qualquer [outra pessoa, ainda mesmo a pedido dos interessados para nomeações *ad-hoc*, pois será preciso para isso provado impedimento deste juizo.

Aquelles, pois, que quizerem medir e demarcar suas posses, podem dirigir-se por petição ao juizo effectivo Marciliano Macedo de Bahia e Costa, cuja residencia é na rua do Riachuelo, canto da travessa 15 de Agosto.

Para conhecimento de todos publica-se o presente edital pela imprensa e será affixado nos lugares mais publicos da villa do Moju.

Belem, 8 de março de 1887.—*Marciliano Macedo de Bahia e Costa.*

Coitado, sete dias depois, a 15 do mesmo mez e anno, era exonerado e nomeado em seu lugar o tenente João Eutropio.

Um paraense. (Moju—Pará).

A O L E M E

Tu eras o piloto aventureiro,
que do leme difficil se apossava;
e por entre as rajadas do pampeiro,
o barco docemente governava.

Mas *eu*, sou como o naufrago perdido,
que a torrente impiedosa vae rolando,
dos abysmos à flux, desfallecido,
e a pedaços a vida apoz deixando !...

1820.

Dona C. Maxima de Figueiredo Feio.—(Porto)

CHARADA XXXVIII

Offerecida á gentil e mimosa poetisa de Sergipe—Diana

Na India sou encontrada Visto que sou indiana— E sendo bem procurada Na India sou encontrada : Sem lhe dar grande massada Bella e gentil sergipana, Na India sou encontrada Visto que sou indiana—2	{	Sou <i>feia</i> , inspiro pavor, Fuja de mim tenha medo, A' vida não tenho amor Sou <i>feia</i> inspiro pavor : Evite portanto a dôr Que p'ra morrer inda é cedo, Sou <i>feia</i> , inspiro pavor Fuja de mim tenha medo.
--	---	--

Irmã Julieta. (Rio de Janeiro).

(Collegio da Immaculada Conceição)

MOREIRA DE VASCONCELLOS (A.)

(LINEAMENTOS)

Poeta e jornalista. Na imprensa escreveu artigos litterarios e apreciações criticas ; no livro escreveu versos e não escreveu traducções ! N'este ponto afasta-se da totalidade dos nossos poetas — não traduz !

Tudo quanto produz é exclusivamente da sua lavra. Não carece de Musset, de Schiller, d'Espronceda, de Saint-Germain, de Lamartine, etc., etc., quem possue talento de sobra para produzir novidades. Os velhos lyricos do universo, esartejados e salgados por não sei quantas gerações de poetas brasileiros, jámais lhe inspiraram, sequer, duas linhas de imitação ao menos. Quem de bom grado elle seria capaz de imitar, era a sr.^a D. Elisa de Saibro ; essa sim, porque é, por assim dizer — o seu luminoso ideal litterario. Ninguem, como elle, lhe adora a poesia e os devaneios. Tres linhas da inspirada poetisa fluminense, merecem-lhe os mais francos enthusiasmos. Elle ama a poetisa pelos versos e estes por ella... dizem ! *Honni soi qui mal y pense.* Que ella em si já é um poema, me confessou elle uma vez e eu acreditei. Um poema... d'amor, fica entendido !...

Tem 28 annos e um livro publicado. O livro, que se intitula *Aljofares*, é uma interessante collecção de versos lyricos e humoristicos traçados com aquelle peculiarissimo descuido tradicional dos que começam. Não

obstante contém estrophes d'um lavor e singeleza realmente adorabilissimas.

Isto quanto ao poeta. Quanto ao seu physico, a não chamal-o feio, para não mentir, não posso tambem dizer que seja bonito, pela mesma razão supracitada. Sympathico... é possível, a despeito do seu bigode... unico!

Um cavalheiro pouco expansivo, porém immensamente sincero. Um amigo leal como poucos e dedicado como nenhum. Estremece a familia e o lar paterno e venera o irmão — o actor Moreira de Vasconcellos.

E' um rapaz distinctissimo. Tem paginas da sua vida replectas de aventuras, as mais picantes e anedocticas. Collaborou em diferentes impressas do paiz e pertence a não sei quantas sociedades de homens de lettras. Está a imprimir outro livro de versos e confecciona um volume de prosa, que constará de ensaios de critica, supponho. E' um operario do progresso.

Nota particular. — Frequenta assiduamente o antigo *Café Anglais*. Das duas ás 4 da tarde é certo encontrar-o, ou n'uma das portas a vêr o Rio de Janeiro que passa, ou dentro, sentado a alguma das mezas, n'um grupo de confrades, na mais animada das palestras. Toma leite ou toma cerveja, com quem elle não toma nada é com os *cacetes!* O Francisco Cabral que o diga...

P.S. — Denunciei o ponto de encontro diario do poeta, porque sei que elle não tem crédores. Oh! os crédores! os crédores! Ah! Tem-me posto... calvo.

Raul d'Abrantes.

Campos dos Goytacazes (Brazil).

NÃO BULA COMMIGO, NÃO!

(Ao collega Carlos Silva)

Era bonita. E cantava
com toda a suavidade!
era seu canto um idyllio,
repassado de saudade!
Era dos bosques a filha,,
—o anjo da solidão!
terminava o canto assim:
«Não bula commigo, não!»

Que fazes (Ihe perguntei)
perdida n'este deserto?
tu queres m'acompanhar?
Eu moro d'aqui bem perto!
Tu serás a minhã noiva,
dar-te-hei a minha mão...
ella foi-me respondendo:
«Não bula commigo, não!»

Tu serás a Julieta
eu serei o téo Romeo,
e hei de fazer-te um canticó
lindo como os de Dirceu,
dou-te mais se tu quizeres
de poeta o meu condão!...
ella foi-me respondendo:
«Não bula commigo, não!»

Minha gentil camponeza,
eu a tudo me sujeito,
não te faças tão cruel!
Não sentes bater-me o peito
em fogo d'amor ardendo,
como as chammás d'um vulcão?
Ella foi-me respondendo:
«Não bula commigo, não!»

Nos meos cantos de poeta,
hei de elevar-te á rainha,
reinarás no peito meo,
desejô que sejas minha!
Te darei quanto possuo,
dou-te a vida e o coração!...
mal tinha findado disse:
«Não bula commigo, não!»

Hei de adorar-te n'um throno,
coberto pelo docel,
de mil flores perfumosas
de um vasto caramanchel!
Pois tudo que te offereço,
será tudo pois em vão?
responde-me, ó feiticeira?
Me disse—Não quero, não!

Ah! mulher! tua belleza
tem tanto de divinal,
quanto tem de indifferente
teu coração glacial!
Deu-me as costas em resposta
da minha admoestação,
foi seguindo e me dizendo:
«Não bula commigo, não!»

Será (pensei) uma louca?
ou antes o serei eu?
Quantos castellos já tinha
formado no animo meo!
Ah! meos sonhos de magia!
como ephemerós que são!
apenas são do poeta
suave consolação!

Fiquei só: e no silencio
do deserto ainda ouvia,
da tyranna feiticeira
a triste monotonia!
qual unisono instrumento
sem outro diapásão,
repetindo sempre, sempre:
«Não bula commigo, não!»

Leodegario Varejão (Cabo — Pernambuco)

OS SOFFRIMENTOS

Os terriveis soffrimentos que se consideram immerecidos parece que chegam lenta e fatalmente a mirrar a alma! N'esta situação os olhos deixam de conhecer o que são lagrimas, o coração torna-se empedernido e ossificado.

QUADRO

Na fazenda se findou
O trabalho d'esse dia,
Porque veio á—Ave Maria—
E a *nambú* triste cantou.

O curral já procurou
A boiada que pascia
Em cima da serrania ;
O vaqueiro já boiou,

Pelo carreiro da serra.
O murmurio de quem falla
Já se ouve pela terra,

Por algum tempo se calla,
Quando o gado já não berra,
Geme a porta da senzala.

1883 C. Werba (Brazil).

O PALMITO

Caminhava para sua casa, acabando de assistir á festa de *Ramos*, um sujeito costumado ao uso excessivo de bebidas espirituosas, e levava cuidadoso o seu palmito. Encontra-o um seu conhecido, e aproximando-se d'elle, disse-lhe: «Amigo, casa tão conhecida não precisa de ramo.»

Grandes paixões. — E' pouco menos que um aforismo de philosophia e de experiencia que as paixões de impeto desmarcado nunca, ou quasi nunca se repe tem.

CHARADA XXXIX

(Ao «*primo charadista portuguez*», *Pequeno Antoninho*)

Charadista d'excellencia.
Aqui faço reverencia,
Ante o seu grande talento ;
Bradando bem clarinho :
Hurrah ! o grande Antoninho,
Que em charadas é portento!—1

Co'esta minha animação,		Se com isto o eu molesto,
Vou pôr tudo em sedição—2		Desde já faço protesto
Vou pôr tudo em remoinho;		Nunca mais aqui voltar;
Desde já vou serenar		Sacrificando-me até,
Não cessando de gritar :		De me dar um cafuné,
Hurrah ! o grande Antoninho!...		Por assim o importunar.

Pyrilampo. (Porto).

Phenomeno de amor.—Quando se ama parece que a vida se duplica, porisso que havendo perfeita correspondencia, vivem os que amam um para o outro, ou um no outro.

POESIA

Recitada no beneficio do celebre artista portuguez

CHRISTOVÃO JOSÉ MENDES

Quando o genio apparece
Das trevas rasgando os véos,
A humanidade estremece
E crava os olhos nos céos!
Os partidos se confundem,
Os sentimentos transluzem
Ligados n'um turbilhão;
Os pensamentos vacillam
Ao estridor da ovação!...

Grande artista!! eu te saúdo
Em nome da humanidade!!!
Raive-se o mar iracundo,
Raive-se a fátua vaidade...
Ao vêr a auréola da luz
Que a tua estrella conduz
Aos paramos do infinito —
Es penhor abençoado,
Ó bem vindo, ó inspirado —
És o artista bemdicto!!!

És o artista sublime,
Espanto das gerações!!!
Que arranca bravos! prantos
Do fundo dos corações!...
Raive-se embora a inveja,
Estulta, esteril peleja
Que a ignorancia traduz...
Tu caminhas sempre ávante,
Ah segue o genio que amante
Expande jorros de luz.

Apanha os bravos do povo
Implanta-os no coração;
E' um sublime renovo
Da mais sensata ovação.
Apanha-os são gritos d'almas,
São corações, não são palmas
Que vês calir aos teus pés...
Pelos prodigios que expande
Teu genio robusto, grande
Na conquista dos laureis!

Fita, condor altaneiro,
A gloria que surge além;
Recebe de um povo inteiro
A ovação que dar-te vem!
Acceita-a, são gritos d'almas,
Brados vibrados em palmas
Nas franjas aureas—azues.—
N'ellas vai sello do orgulho
Do valor, que não mergulho
Da adulação nos paues...

26 de março de 1886.

Dr. José Lino Carneiro d'Albuquerque
(S. Luiz de Quitunde—Alagoas).

Busto da celebre cantora Malibran.—A Malibran passa por ter sido a mais celebre cantora italiana d'este seculo. Depois de haver cantado em Londres, voltando de New York a Paris em 1827, no anno seguinte escripturou-se no theatro

Sontag, outro milagre da scena pelo seu canto.



italiano, em que tambem se escripturou a

Cada uma d'ellas tinha o seu partido, como em Lisboa o tiveram a Stoltz e a Novelli. A Malibran arrebatava, a Sontag encantava. Qual d'ellas era maior? Deixariam de ser rivaes? Não, decerto, odiavam-se.

Pois bem, uma noite, no salão da condessa de Merlin, no meio d'uma sociedade intima e selecta, as duas rivaes acharam-se em frente uma da outra e foram rogadas para cantar um dueto. Não poderam escusar-se, era um pedido da dona da casa... Cantaram e o effeito que ellas produziram foi tal, que quando acabou de soar a ultima nota no meio de

bravos e palmas, freneticas, as duas cantoras lançaram-se nos braços uma da outra. Os que tiveram a felicidade de as ouvir choravam commovidos.

Estas duas celebridades, que d'inimigas se tornaram amigas desde então, morreram ambas na flôr da idade.

A Sontag morreu em 1834 no Mexico, aos 29 annos de idade, arrebatada por um ataque de cholera, quando estava sendo alvo de todas as admirações como artista, e de todas as sympathias como mulher. Era allemã.

A Malibran morreu em Manchester, em 1836, das consequencias d'uma queda d'um cavallo, aggravadas pela impaciencia de voltar á scena, antes de tempo. Tinha apenas 28 annos.

PRECE

Em noites de vigilia, procellosas
Vejo-te sempre, apparição divina,
Curvando-te a frente diamantina
Uma aureola d'estrellas luminosas.

És mais formosa, oh virgem peregrina,
Que as estrellas, os lyrios e as rosas,
As alvas açucenas donairosas
E a singela violeta pequenina.

Estrella da manhã, mystica rosa,
Teu candido sorriso, meigo, infindo,
Tem suave expressão, huri formosa!

Dá-me um raio de luz, visão fagueira!
Olha-me assim tão terna, assim sorrindo,
Oh virgem, na minha hora derradeira!

Grillo Mendes (Angra do Heroismo).

CHARADA XL (EM QUADRO POR SYLLABAS)

Esta planta foi colhida
Por uma santa da egreja
No vasto elemento undoso.
Pois não me crês? vá que seja.

D. Orminda de Souza Ramos.—(Cachoeira—Bahia).

ANAGRAMMA

Feito com os nomes dos eximios caçadores de Hippopotamos do Rio Zaire e offerecido ao Ex.^{mo} Gerente da feitoria Nieuwe Afrikaansche Handels Venootschap, em Ponta da Lenha, Frederico da C. Balsemão.

Frederico da CUNHA Balsemão
Joaquim MACHADO Junior
Francisco J. CAÇAPA
Antonio dos Reis NIVAL
Domingos José DE Sousa
Joaquim RodriguES Carmelino
J. HOWDER Lindene
David Medina da Cunha
Pedro Baptista de Oliveira
Antonio J. LOPPO
Guilherme TORREIRA
ChrisOPINIANO Dury
AntoniOMARTINS da Silva
João C. da COSTA e Fara
Bernardo FRANCISCO da Silva
JoaquiAMO A. F. Constante
João R. da COSTA e Lemos
Abel de FontesPEREIRA

Bernardo Francisco da Silva (Rio Zaire).

A doutrina de Jesus.—A doutrina de Jesus, além do seu caracter divino, venceu por ter ido procurar a vida no seio do povo, por haver elevado os espiritos até o martyrio. Contra ella se levantaram todos os poderes da terra. Os imperadores accenderam fogueiras para a abraçar, os povos repelleram-n'a e desconheceram-n'a, desvirtuando-a; os sabios perseguiram-n'a com sophismas; os poetas riram-se e crivaram-n'a de sarcasmos; os fortes, os poderosos vibraram-lhe feridas com a ponta das espadas; os verdugos saciaram-se no sangue dos seus adeptos; e

comtudo, humildemente deslizando no fundo da sociedade antiga, no seio mysterioso das grutas, e no segredo sepulchral das catacumbas, sem outro auxilio humano, que a palavra dos seus apóstolos, fez com que os imperadores curvassem a frente e dobrassem os joelhos; transubstanciou-se no espirito dos povos, absorveu com as suas verdades a mente dos sabios, partio como frageis vimes as espadas dos fortes, fez dos seus verdugos mártires seus, e triumphou porque era a causa de Deus — que é a eterna causa da justiça.

Emilio Castellar.

DESEJOS

Borboletas côr de neve
Cortam o azul do ar,
Quando poderei com ellas
Pelos espaços voar?

Sabes oh bella, entre as bellas,
Que és a flôr do meu dia,
Se eu tivesse aquellas azas
Sabes tu para onde iria?

Sem pedir um beijo ás rosas,
Cumprindo c'oa minha sorte
Nos teus labios entreabertos
Iria buscar a morte.

Santarem, 1889.

Uma Scalabitana.

LOGOGRIPHO XXXV (POR LETRAS)

(Aos socios Zeuxis)

O rei por Ulysses morto—5, 7, 2, 7.
Esta veste, sei, trajava—5, 1, 4, 7.
Por ser o filho de Eolo—2, 6, 3, 7, 2, 7.
Foi valente imperador—2, 1, 3, 7.
É palmeira conhecida—1, 4, 3, 6.
É uma planta tambem—2, 7, 2, 1.
Sou da familia dos Gracehos—2, 1, 6, 7.
E tambem posso ser planta.—6, 2, 4, 2, 1.

CONCEITO

Se me buscares de véras
Fui rei no tempo de trévas.

Dona M. J. F. (Brazil).

A lisonja.—(*Perolas soltas*). E' a lisonja manjar doce, e detem-se com gosto e d'aqui vem que corrompe o juizo e impede a correção. E' a reprehensão utilissima, inda que se regeite, porque amarga. Ouçamos David : «*Corripiat me justus* : bem soffrerei eu e de boa vontade que o varão justo me reprehenda, castigue e fira com misericordia e humanidade, porém o oleo do peccador, e sua lisonja não pingará minha cabeça ; a sua suavidade e brandura, o seu favor e apparente benevolencia, os seus simulados louvores não me mollificarão, não terão negocio commigo; melhor me é a mim ser encontrado, castigado e açoutado da mão dos bons, que unguido e untado com unguento precioso de mão de maus. Porque os açoutes d'aquelles saram enfermidades do animo, e os unguentos e palavras meigas d'estes são nocivas, quebram as cabeças, transtornam os sentidos, botam o juizo e lançam em perdição as almas ; prendem e enganam os corações dos innocentes, são fomento e pasto dos peccados.

«Algo mais de varão é dar orelhas aos maldizentes, que aos aduladores, porque nos ditos d'aquelles ás vezes se acha alguma secreta medicina, e nos d'estes sempre está manifesta a peçonha. Os primeiros muitas vezes saram mordendo e os segundos mordem affagando. Passemos pois pelos cantos das sereias como surdos, com as orelhas tapadas, e não nos enchamos de vento que nos faça rebentar em nosso damno; e entendamos que não é facil conhecer quaes são os aduladores e quaes os amigos de veras.»

DIALOGOS

Dom Frey Amador Arraes.

ESPERANÇA

Comtigo, doce Esperança,	Pé ante pé vem o bando
Dos céos a luz apparece,	Dos prazeres espreitar-te ;
Que infunde intenso defeite	Dás um signal, para o sitio
Nos olhos de quem padece.	Que lhe apontas logo parte.

Tu és conforto da vida	Ai de mim! em vão consulto
Por mil penas agitada	A Esperança ; não responde ;
E as feras paixões invertes	Cruel Esperança ; dize,
em recreio, em jogo, em nada	Onde hei de ir ? tyranna ! aonde ?

(OBRAS POETICAS).

Marqueza d'Alorna.

CHARADA XLI

Quando o sol nasce e clareia
As verdejantes campinas;
E aos jardins da minha aldeia—2
Vem oscular-me as boninas.

Vão para a igreja as meninas
—Qual d'ellas a mais teteia—2
Entoar odes divinas
Com seu canto de sereia.

E as aldeãs muito crentes
Fazem orações ferventes
A's imagens adoradas,

Que á sombra d'arvore bella,
Sem ter nicho nem capella,
Alli foram collocadas.

D. Maria Maximina de Albuquerque (Casalvasco).

ONDE ESTÁ DEUS?

Quando Mr. de Chateaufort tinha apenas nove annos, foi levado á presença d'um bispo que lhe disse:
— Meu pequeno amigo, dizei-me onde está Deus, e eu vos darei uma laranja.
— Monsenhor, respondeu o pequeno, dizei-me onde elle não está e eu vos darei duas.

Instrucção em Sergipe.—Em Sergipe, como em as demais provincias que distendem-se pela vastidão do territorio brasileiro, a instrucção ainda não tem um completo desenvolvimento; está na primeira epocha da formação.

A semente fecunda do que ha de mais elevado para qualquer povo, começa a enraizar e d'ahi enormes resultados, alevantados adiantamentos, poderão nascer para a cruzada valente dos sectarios das lettras.

Da diffusão recente de luzes da instrucção é que surgirá a força progressiva para nós, deprimidos por dois inimigos terriveis: a raça escravizada e o calor!

Ambos são peias que nos inibem de trabalhar; e, não obstante, o trabalhar não comprehende mais do que o cumprimento de uma lei eterna, imposta pela natureza.

Com a instrucção espancam se as trevas, desbravam-se os terrenos aridos, estende-se o braço colossal do futuro, que, então, aponta-nos a divisa da evolução, dita por Peletan, na seguinte phrase:—*Le monde marche.*

As senhoras sergipanas, principalmente, necessitam de um certo gráu de instrucção.

A mulher é a base da familia, o sustentaculo das leis estatuidas, a garantia do nosso futuro.

Faz-se preciso educal-as, apontar-lhes o trilho do porvir, que não pode ser outro senão o da instrucção solida, moral e aproveitavel.

Conforme o influxo, as ondas luminosas que recebe a mulher, sempre bôa pelo coração, transmite-as á alma do filho tenro e delirantemente amado, e com ellas os germens de um futuro character.

Muito se tem escripto n'estes ultimos tempos relativamente á magnitude d'este assumpto.

Mas não se ha chegado a um resultado pratico, impulsor e notavel.

O paiz de Cabral é um paiz de papeis: tudo se protela.

As reformas não têm dado resultado satisfactorio, e as cousas caminham mal, pois tudo fenece entre os brasileiros sem originalidade.

A acção da instrucção é sempre civilisadora.

«Hontem dizia um moço de talento—Josino Menezes — os galileus tinham o escarneo, as perseguições e, ás vezes, o fogo para os arrosos da intelligencia, que altaneira queria rasgar as nuvens do obscurantismo; hoje, os trabalhadores do futuro, os altruistas, adquirem os bravos e apotheoses das turbas enthusiasmas».

Trabalhemos, por conseguinte, em prol da cruzada nobre da instrucção.

Irenio Borges. (Sergipe — Larangeiras)

O ANJO DA GUARDA

(A minha mãe)

A' noite, quando me deito,
E começo a dormitar,
Um anjo casto e formoso
O meu somno vem velar.

De noite, vejo-o em sonhos	É esse anjo tão formoso,
Com seu ar encantador;	Que meu somno velar vem,
Eu, acostumado a elle,	Um anjo cá d'este mundo:—
Consagro-lhe o meu amor.	É a minha qu'rida mãe.

Joaquim da Cunha. (Monchique)

CHARADA XLII (EM FÓRMA DE CONTO)

(Offerecida ao ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. João de Deus Baptista)

I

Um cura d'aldeia,
rapaz inda novo,
bastante instruído,
amigo do povo,

tomou a seu cargo,
como obrigação,
derramar n'aldeia
alguma instrucção ;

e todos os dias,
de capa e batina,
ia ensinando
a lingua latina

á mocidade,
bem desditosa,
d'essa parochia
nada rendosa.

Com desinteresse,
e não pouco amor,
os foi ensinando
o padre prior ;

até que um dia,
em sabatina,
já conhecendo
phrase latina,

ao encontrarem
um tal palavrão,
todos gritaram :
—«é Preposição !»—2

II

Epidemia terrível
assaltou a pobre aldeia,
trazendo comsigo a morte,
tão horrenda e tão feia !

Foram todos á igreja,
com o seu pastor na frente,
a providencia divina
implorar humildemente.

E em repetidas preces,
a favor da povoação,
pediram a Deus, rogaram
clemencia e compaixão.—3

III

O flagello terminou,
continuaram as lições,
e os pobres rapazinhos
tornaram-se uns *sabichões!*

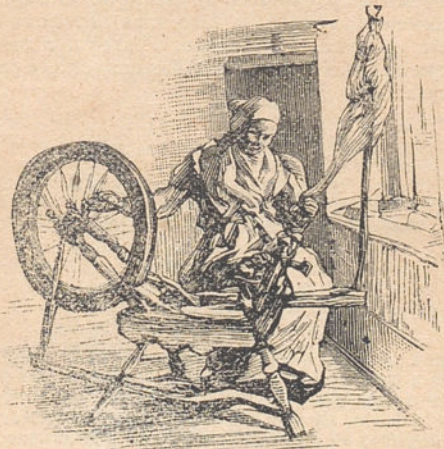
Stavam já senhores de si,
com tão solida instrucção,
que fizeram ao seu mestre
estranha declaração!!

Disseram-lhe, sem rodeios,
por fórma mui terminante,
que escreviam o conceito,
sem vogal nem consoante !!!

J. A. Marques (Reguengos).

A fiandeira.—Nas cidades heroicas da Grecia e Roma, o fiar no interior das suas casas era occupação honrosa para as damas. D'este modo o maior elogio que se lhe podia fazer depois do seu fallecimento era : *Viveu na sua casa e fiou.*

esse serviço de que desdenham, quando



a roca e para o fuso com enfado, e deixam

muito ás suas criadas, menos senhoras do que ellas.

Na Mythologia representavam as Parcas com uma roca, um fuso e umas thesouras. Pindaro attribue uma roca de ouro a Amphitrite e ás Nereidas. Hercules, perdendo os seus attributos e a sua força, subjugado pela paixão, chegou a fiar aos pés de Omphale, rainha de Lydia, em quanto ella se embrulhava na pelle do leão de Neméa, ou se divertia com a maça do heroe.

Na idade média a roca tornou a ser symbolo honroso, porque tanto as rainhas, e as princezas fiavam,

como as simples camponezas. A rainha Pedauqua é geralmente representada com uma roca, nas antigas esculturas. Sobre a sepultura da filha d'Othon, o grande, em Moguncia, sem duvida para mostrar que fôra uma boa fiandeira, vê-se uma roca e um fuso.

Nas nossas provincias, as camponezas é que ainda se servem da roca e do fuso, mas não da roda, para fiarem, á noite, no inverno, á lareira, e mesmo de dia quando não estão occupadas nas voltas e trabalhos da casa.

ENIGMA XI

(A D. Leonor Guimarães)

Se na primeira e segunda
Dou-vos rio sem canceira,
Na segunda com terceira
Tendes cousinha profunda
Para vos fazer soffrer !
É na terceira com quarta
Vereis animal correr
Acaso o gradil se parta !

Corre a primeira e segunda,	Ai! pobre da humanidade,
Corre a terceira com quarta,	Que é sujeita a taes flagellos,
Sobre a segunda e terceira,	Rompem-se todos os élos,
Sobe e desce, até que parta	Tinem espadas no ar,
Os membros ao desgraçado!	As balas a se cruzar
Quanto á segunda, cuidado	Dão tons horriveis ao quadro;
Pois resume tudo quanto	As nações servem de adro
O mundo tenha de encanto	As luctas carnificinas !
Ou tenha de fealdade !	Monumentos em ruinas,

Fogo, morte, em toda a parte!
Treme no ar o estandarte
Nas mãos d'um tenente bravo
Que, subindo, torna escravo
Um povo inteiro, em resumo,
Subio, que quasi é o summo,
Descendo, ó fados, ó céus,
Ao nivel dos pygmeus !

D. Laura da Fonseca. (Pernambuco).

UMA QUISSAMA

(A Carlos d'Almeida)

Em manhã fria, nevada,
n'essas manhãs de *cacimbo*
em que uma alma penada
não se lembra d'ir ao limbo;
eu vi formosa, correcta,
não sendo europeia dama,
a mais seductora preta
das regiões da Quissama.

Mal quinze annos contava e no seu todo brilhava o ar mais doce e gentil! Tinha das mulheres lindas as graças bellas, infindas, d'encantos, encantos mil!...	Nos labios—posto que escuros— viam-se-lhe risos puros em borbotões assomar... Tinha nos olhos divinos reverbéros crystalinos e fulgores... de matar!...
--	--

Radiava-lhe na fronte
—como em limpido horisonte
radia mimosa luz—
da virgem casta a candura
que soe dar á formosura
a graça que brota á flux!...

Embora *azeitados* pannos,
lhe cobrisse os lacteos pomos,
denunciavam os arcanos
de dois *torneados* gomos...

Da cintura a palmo e meio, bem tecidinho, redondo, descia-lhe em doce enleio um envoltório de <i>hondo</i> (*)	Viam-se-lhe a descoberto —com arte bem modeladas— (e que eu mirava de perto) umas fórmas cinzeladas.
---	---

Co'o o seu andar magestoso,
co'o o seu todo gracioso,
quando a *quissama* encarei;
eu possuir um harem
e n'elle ter umas cem
—como um sultão—desejei!...

1881.

J. D. Cordeiro da Matta. (Tombo—Margens do Quanza)

(*) *Hondo*, fibra d'embondeiro, de que os quissamas fazem vestuario.

Justificação de sangue limpo—

Ainda no reinado do Senhor D. João VI, e no começo do do Senhor D. Pedro IV, era necessario ao individuo que desejasse servir a Deus no estado de sacerdocio, requerer e justificar préviamente perante o cabido d'esta provincia de S. Thomé e Príncipe, a *natureza de sangue limpo*.

Autoada a petição, e seguidos os seus tramites, um dos itens ou pontos que invariavelmente tinha a justificar era: «que os paes do habilitando não eram christãos novos, mas inteiros e legitimos christãos velhos, de limpo sangue, sem raça de judeu, moiro, moirisco, mulato, herege, nem de alguma infecta nação reprova-»! (Textual).

Dezembro de 1889.

Antonio Maria de Jesus Castro e Moraes (S. Thomé)

Hoc Opus . . .

(SONETO)

(*No album de meu irmão José Neves—Resposta a uma carta, depois da leitura de um folhetim do sr. Pedro Machado*).

Eu penso, meu José, algumas vezes
em ter vida feliz e socegada ;
o commercio, porém, já não dá nada,
por já haver mais lojas que freguezes.

Por isso vejo decorrer os mezes
sem ver a minha sorte melhorada ;
só vejo a minha vida atrapalhada,
e sempre muito cheia de revezes !

Alguem já me lembròu um casamento
com dama que bem rica n'um momento
me trocasse esta vida de canceiras ;

Eu entendo, porém, que é bem melhor,
P'ra ter o que desejo sem favor,
professar n'um convento... mas de freiras.

26—7—88.

Eduardo Neves. (Dondo—Africa).

Juiz das cousas. — Não é com a imaginação que se devem julgar os objectos, mas com o coração, que é juiz imparcial. Quando o coração está na cabeça, por assim dizer, o juizo que se fórma é sempre apaixonado.

CHARADA XLIII (EM LOSANGO POR LETTRAS)

Fazes de certo a segunda
Para poder decifrar.
Rei antigo é a terceira
Na Asia vae procurar.

Pelas desgraças da quinta
A quarta podes fazer.
Diz a sexta que está mesmo
No ponto de se comer.

Troca na setima lettra,
Um caudilho te dará;
Dá consoante ao que é nascido
Oitava terás vencido.

Quanto á nona e á primeira,
N'isso lá não ha questão,
No alphabeto é que estão

.....
Podes ao doutor Cordeiro
Mandar a decifração.

Dona F. B. C.—(Rio de Janeiro)

O Petroleo. — Póde dizer-se que é conhecido desde seculos na Persia, na India, nas margens do mar Caspio, em Java, na America do Norte, mas este oleo mineral, não obstante a sua importancia, era empregado muito limitadamente, me-mo nos paizes da sua extracção, e só em 1859 é que o seu uso começou a ter maior desenvolvimento.

Em 1830, quando se procedia a certos trabalhos em uma mina de sal junto de Burkville, em Kentucky, na profundidade de 50 metros, repuchou de repente de-baixo d'uma camada de rocha, uma fonte de petroleo puro, que subio quasi 6 metros acima do nivel do terreno. Esta fonte produzio logo 740 litros por minuto, mas depois diminuiu d'intensidade e d'altura. Em seguida o

liquido tomou a fórma de repucho e correu para o rio Cumberland, sobrenadando na superficie da agua, e não se misturando com ella. Lembrou-se alguém de lhe lançar o fogo, e logo se viram chamas enormes correr sobre o rio e elevarem-se até ao cume d'altas colinas, incendiando as arvores mais altas.

Na America meridional tambem ha jazigos de petroleo, e Humboldt dá curiosas informações sobre as fontes betuminosas d'esta parte da America. De todas ellas as mais importantes são as da Trindade.

Tambem se acha o petroleo sobre as aguas do mar a 30 leguas ao norte da Trindade e em redor da Ilha de Granada, cujo solo balsatico encerra um vulcão extincto.

A meus paes, residentes na Mourisca (Portugal)

Seja eu embora pobre
Tambem nasci sem camisa,
Serei pobre mas honrado
E' essa a minha divisa.

Bem joven me retirei
Dos queridos patrios lares
Vim p'ra terra dos palmares
Onde sempre bem me dei.
Mas o que nunca alcancei
Foi abundancia de cobre,
Muito embora não me sobre,
Ganho pão p'ra cada dia,
Goso perfeita alegria
Seja eu embora pobre.

Se na vida transitoria
Ha lide bem incessante,
Serei, senhores, constante
Em prol de minha gloria,
Se alguém deseja a victoria
D'algum successo arrojado
Mostrando ser denodado,
Em qualquer occasião
Eu não, não tenho ambição,
Serei pobre mas honrado.

Quando eu vim para o Brazil
Annos tinha desenove,
Hoje tenho trinta e nove
Mas dinheiro nem ceutil.
Penso não ser imbecil,
Tenho a ideia precisa,
Commigo não rivalisa
Qualquer patife ou ga iato,
Embora me falte o fato
Tambem nasci sem camisa.

Talvez que algum, mal fundado,
Despreze quanto eu acato,
Se o faz é um insensato
Ou então um mal fadado.
Viver vilipendiado
E não ter quanto precisa,
Julgando que se abalisa.
Faltando a são preceitos,
Quero antes bons conceitos,
E' essa a minha divisa.

Março de 1887.

Manuel Marques Ferreira Coelho. (Pelotas)

SONETO IMPERIAL

Publicou o *Jornal de Noticias* do Rio de Janeiro, que, por occasião da busca no Paço Imperial, foi encontrado entre outros papeis, escripto a lapis, o seguinte :

SONETO

Não maldigo o rigor da iniqua sorte,
Por mais atroz que fosse e sem piedade,
Arrancando-me o throno e a magestade,
Quando a dois passos só estou da morte.

Do jogo das paixões minha alma forte,
Conhece bem a estulta variedade,
Que hoje nos dá continua felicidade,
E amanhã nem um bem que nos conforte.

Mas a dôr que excrucia, a que maltrata,
A dôr cruel que o animo deplora,
Que fere o coração e prompto o mata,

E' vêr na mão cuspir, á extrema hora,
A mesma bocca aduladora e ingrata,
Que tantos beijos n'ella poz ontr'ora.

Pelo sentido se vê ter sido escripto o mencionado soneto, pelo ex-imperador depois da revolução de 15 de novembro do anno findo, a qual deu em resultado a queda da monarchia e a proclamação da Republica dos Estados Unidos do Brazil.

O ex-monarcha deixou entrever qual a bocca que lhe beijava a dextra, e na hora extrema o atraçoou.

15—fevereiro—1890.

Joaquim Alvares dos Reis.
(Cidade de Condeuba—Brazil).

TRES CHARADAS DUPLAS XLIV--V--VI

(DE TRAZ PARA DIANTE E VICE-VERSA)

2—E' homem e é claro.

2—E' conta e está nas arvores.

2—Diz o levita e compara-se.

Antonio Pires da Silva Junior (Campos—Brazil).

Bom modo de viver. — Um dos aminos d'Ariato Piovano, cura muito conceituado d'uma freguezia em Italia, pediu-lhe que lhe desse um formulario d'orações. O padre respondeu-lhe :

—Resai, logo que vos levantardes um *Pater* e uma Ave Maria, depois fazei esta oração : «Senhor, preserva-me d'um burguez arruinado ; d'um pobre enriquecido ; d'um usurario; da tabella d'um procurador ; do *qui pro quo* d'um pharmaceutico; dos que ouvem duas missas por dia; e dos que juram pela sua consciencia e a sua honra.»

LOGOGRIPHO XXXVI

Ao meu exemplar amigo e distincto poeta, o sr.

- M I N U T O S** por **T** — é ave, vossê não vê? — 9, 5, 3, 1, 5, 4, 3, 10.
 » **E** — é planta, não do pé — 4, 7, 6, 8, 7.
 » **S** — o pobre bem as conhece — 1, 7, 8, 4, 4.
 » **L** — e mais um U — que tributo pagas tu? — 6, 10, 9, 2.
 » **V** — est'anno passa por cá — 10, 5, 9, 10, 3, 10.
 » **N** — é adorado em lausperene — 10, 6, 8, 3, 1, 10, 9, 2, 8, 9, 7.
 » **V** — é doença muito má. — 9, 7, 8, 2, 4, 5, 10.

CONCEITO (ENIGMA) XII



Simão F. de Souza (Madeira).

Retrato de Eiffel. — A sua popularidade tem feito com que não haja alguém que leia jornaes,



ou compulse livros que não saiba que M. Eiffel, e o engenheiro francez que edificou a torre monumental que foi o assombro para todos na Exposição de Paris de 1889.

Effectivamente a torre Eiffel excede 131 metros o Obelisco de Washington, monumento de pedra que a America mostrava até então com orgulho como tendo no seu genero a maior elevação do Universo. Por outro lado as torres das cathedraes de Colonia, de Ruão, de Strasburgo, tão nomeadas pela sua grande altura, são-lhe todas inferiores em muitos metros. As pyramides do Egypto, obra monumental dos Pharaós, postas ao lado da maravilha do Campo de Marte, pareceriam d'uma altura vulgar. As torres de Notre Dame, a que os curiosos sobem para d'ali gozarem o panorama da cidade, apenas attingem o nivel da primeira plataforma da torre Eiffel, que tem 300 metros.

Poucas pessoas teriam a coragem de subir 1:700 degraus, para attingir a altura dos 300 metros. Assim quatro ascensores vão do pavimento á primeira plataforma, d'esta dois á segunda, e da segunda á cupula um. Ao todo sete.

O peso total de ferro empregado na construcção da torre Eiffel, ascende a 7 milhões de kilogrammas.

LOGOGRIPHO XXXVII

(*Á minha terna amiga Laura da Fonseca*)

Beijando as pallidas flores—4, 9, 11, 2, 11

Perpassa de leve a brisa—14, 3, 4, 7.

Com ternos cantos d'amore—13, 9, 4, 13, 7, 9.

As nossas almas suavisa.—8, 1, 9, 4.

E eu vivo triste, poetisa—1, 2, 3, 4, 5.

Em um continuo seismar,

Emquanto a lua deslisa—5, 10, 6, 2.

Doirando a face do mar.—9, 13, 12, 5, 10, 9.

CONCEITO

Dos encantos da natura

Tens a graça e formosura.

D. Laura Mattos (Recife—Pernambuco).

À MEMORIA DE MEU PRESADO AMIGO
COMMENDADOR ANTONIO GILBERTO MOREIRA
POR OCCASIÃO DO SEU FALLECIMENTO

«Amigo : pouco vale o meu tributo
de preces e de pranto ;
Como pae, como esposo, o que recebes
vale mais, é mais santo.»

THOMAZ RIBEIRO.

O céo ridente e puro d'um azul claro e brando,
O mar tão manso e quedo que só de quando em quando
mansas ondas o agitam. O sol mui dardejante
com seu manto de fogo par'cia n'um instante
querer destruir tudo produzido e creado.
Morrem nos seccos campos, nos valles e no prado
d'almo á mingoa frescor que á seiva vida preste
arbustos, relva, flores, vegetação agreste.
Mas, nuvens d'occidente pardas, desgrenhadas,
de repente avançam e correm apressadas.
vento sul impele-as. O tempo bello e puro,
que ainda ha pouco havia, vai-se tornando escuro,
fica triste, soturno, pardacento, obumbrado,
como a casa de um livre junto da de um forçado ;
e lá d'esse infinito, lá onde Deus habita
as lagrimas cahiram cheias d'uneção constricta :
é que a patria celeste vinha tambem chorar
um seu dilecto filho que estava a expirar.

Reclinada no Tejo do teu passado ufana,
porque guardas queridas as velhas tradições
n'um canto grandiloquo, n'essa voz mais que humana
que Portugal erguera sobre as d'outras nações,
tambem Lisboa deves, deves em ti guardar
como reliquia santa do muito que te amou
o ultimo suspiro de um filho a expirar
modelo de virtudes que o trabalho honrou.

Foi um pae extremoso, foi marido exemplar,
uma alma sem refolhos, aberta par em par
p'ra tudo quanto é justo, quanto é distincto e santo,
aonde visse dôres, a miseria e o pranto
lá ia suavisal-as. Exercia a caridade
como um dever que tinha p'ra com a humanidade.
trabalhador eximio, sempre amigo do amigo,
bem sei quanto elle o era, porque viveu commigo.

Da Real Sociedade P. de Benficiente, lembrado foi proposto, e nomeado presidente. Foi n'esta sociedade que elle mais trabalhou, que aos desamparados mais serviços prestou, inquirindo onde a pobreza mais definharia; e, assim como um doente que vae de dia a dia a melhor, a melhor, tambem a sociedade viveu, e foi medrando, devido á sua vontade!

Se aspiração alguma já havia social era de in continenti fazer um hospital, não havia recursos, aonde os ir buscar? Era temeridade tal obra começar, obra delineada que em todos os seus pontos montava á enorme cifra de cento e tantos contos! Mas o edificio fez-se, lá está o hospital, padrão da sua gloria honrando Portugal! Como realisou elle sonho tão abençoado? Pedindo a quem o tinha numerario emprestado, sem prazo e sem os juros! Grande idéa, sublime, que hoje da miseria tanta gente redime!

Planeou uns bazares e junto a caridade indo de porta em porta pedir pela cidade! Pedir para consolo da pobreza e indigencia, não é nenhum desaire, folga a beneficencia; De sua alma em delicias á face lhe subia por pedir para pobres uma immensa alegria!

Hoje lá tem o pobre da sorte abandonado cama de amor e benções onde será tratado. A viuva que ficara sem pão para comer tambem terá sustento para poder viver.

Nem tudo conseguira sem desgosto e pezar, almas ha que não podem o vôo d'aguia olhar, que cobrir o quizeram por vezes de baldões, sem ver que ao pé d'elle eram supinamente anões.

Eu venho de ajoelhar-me no templo onde os teus te choravam e esse pranto, qual frescor matutino, vôou entre suspiros, subio aos pés de Deus d'incenso entre nuvens e cantico divino.

O meu ao pé d'aquelle nada vale, no entanto
eu deixo que elle corra, tambem é nobre e santo.

Outubro, 1887.

Augusto de Souza (Pará).

CHARADA XLVII

Se aqui trocares a tércia		E se n'esta accrescentares
Por outra sua parenta,		Uma letra e um accento,
E' provavel que a procures		E' cousa que muitos gostam
Quando a <i>causa</i> se apresenta—2		Outros dizem— <i>anjo bento</i> .—

(CONCEITO)

O meu todo sem mudanças
Não ficará no tinteiro,
E' do reino vegetal,
E' arbusto brasileiro.

D. Josephina Laurentina.—(Bahia).

Juramento de D. João de Castro poucos dias antes de morrer

(PEROLAS SOLTAS)

E tomando um missal poz sobre elle a mão direita, dizendo :

«Por este juramento dos Santos Evangelhos (digo) que até esta hora em que estou, não sou em encargo á fazenda de El-Rei de um cruzado, nem a alguma outra pessoa de cousa que tomasse a christão, judeu, mouro, ou gentio; nem nunca enquanto governei a India tive genero algum de trato de mercadoria, nem por outra alguma via tenho, ou tive proveito algum; antes até agora vivi e gastei de meus ordenados, sem me ajudar d'outra alguma cousa. Nem em meu poder, nem fora d'elle tenho senão aquillo que trouxe de Portugal para o serviço e authoridade d'este cargo, E ainda esta pouca prata de meu serviço é quasi metade diminuida, parte por m'a furtarem, parte por se gastar e quebrar. E de tal maneira e tão registado fui sempre em minhas emprezas, que fóra do ordinario não tive em alguma hora posse para comprar outra colcha além d'esta que tenho na cama, nem em minha casa se

achará peça que eu fizesse n'este Estado, tirando uma espada de oiro, com pedras de pouca substancia, e um capacete guarnecido de prata, que foi para meu filho D. Alvaro, porque determinava de o mandar este anno que embora vem a Portugal a servir El-Rei nosso Senhor na Côrte e na guerra. E de tudo isto que aqui disse e jurei vos peço que mandeis fazer um termo em que todos os que aqui estaes se assignem, para que a todo o tempo que se achar o contrario d'isto que aqui jurei, el-Rei nosso Senhor me castigue como a perjuro á fé, e destruidor da sua honra e fazenda.» (1)

Este auto se fez logo e hoje está o proprio, em que todas as pessoas nomeadas se assignaram n'um livro dos registos da fazenda dos Coutos de Goa, d'onde o nós tiramos e trasladamos. E' certo que assim devia de andar escripto nos animos de todos os governadores e vice-reis da India. E se isto succedera em tempo d'aquelles antigos gregos, com muita razão poderam trasladar este termo em laminas d'oiro e pregarem-n'as sobre as portas do oraculo de Delphos, junto d'aquella notavel e memoravel sentença que n'ellas tinham de *Nosce te ipsum*. Porque não ha mór conhecimento de si mesmo, nem mór desprezo de tudo, que o que tem este viso-rei, porque nem aquelle grande desprezo de ouro e riquezas d'aquelle famoso capitão Fabricio Romano, nem o d'esse outro Themistocles grego, chegaram a este.

«Decadas da Asia»

Diogo do Couto.

LOGOGRIPO XXXVIII (POR LETTRAS)

No mar habita o peixe—1, 9, 4, 2, 10.

Canta no bosque a ave—1, 5, 8, 9, 6.

No prado serpêa o rio—10, 7, 3, 7.

Na Europa está a chave.

Andarilho. (Bahia).

(1) D'ahi a quatorze dias, a 6 de junho de 1548, entregava o grande e honrado viso-rei da India a alma a Deus, na idade de 48 annos.

Da Redação.

No jardim

(A ella)

Branca violeta !
Florinha bella,
Tu és fiel
Retrato *d'ella*.

Se acaso entro
N'este jardim
A flôr, és tu,
Que ri p'ra mim.

Eu deslumbrado,
Em ti diviso
A graça *d'ella*.
Só n'um sorriso.

Diz-me, violeta,
Branca florinha,
Se és a amada,
Amada minha.

Quem sabe, és *ella* ?
A minha amada,
Por ti, violeta,
Mui disfarçada.

Se és não me negues
Saber desejo,
Depor te quero
Na face um beijo.

Matar eu quero,
Com anciedade,
De quem adoro,
Tanta saudade.

Morrer me deixo,
Por ti, querida,
De amor eu quero
Perder a vida.

João Domingos da Cunha. — (Buenos Ayres).

A Estatua de Nabucho. — (*Perolas soltas*). — Todos os imperios e reinados, uma vez que são do mundo, enfim acabam e perecem; e só o de Deus permanece por seculos de seculos. O mundo é aquella grande estatua que Nabuchodonosor vio em sonhos, composta de ouro, prata, bronze e ferro, por que n'estes quatro metaes se representavam os quatro imperios de que constou. Mas como todos elles se fundavam em barro, porque eram imperios de terra, ultimamente se desfizeram em pó. Pelo contrario o reino de Deus é aquella pedra despedida sem mão, da qual se formou um grande monte, que occupou toda a grandeza da terra e nunca se destruiu. Porque o imperio de Christo, que começou no mesmo Christo, pedra mystica, jámais se ha de destruir. Dize-me pois, alma minha: Aonde está a cabeça de ouro d'aquella grande estatua, que eram as riquezas e delicias do imperio dos Assyrios? Já passaram. Aonde

o resplendor e pompa do imperio dos Persas, que eram os peitos e braços de prata? Já se destruíram. Aonde a fama e celebridade do imperio dos Gregos, que era o bronze das côxas? Já pereceram. O mesmo succedeu á fortaleza e triumphos do imperio Romano, que são os pés de ferro, porque tudo enfim se reduzirá a pó, e se desfará como em arestas que arrebatam o vento.

EXERCICIOS ESPIRITUAES.

Padre Manuel Bernardes.

AO LUAR

A. C.

É noite, brinca a lua
na limpidez do mar,
e eu vejo perpassar
sorrindo a imagem tua.

Então á sombra sua
eu quedo-me a scismar,
vendo a maré beijar
a barca que fluctua,

Ouvindo harmoniosa,
qual candida menina,
travessa buliçosa,

A brisa que s'inclina
dizendo maviosa
teu nome—VALENTINA.

Irineu Seabra.

(Rio de Janeiro).

RÊCOMPENSA D'AMOR

Por muito virtuosa que seja uma mulher,
raras vezes deixa de ter uma amizade quasi
fraternal, e uma terna piedade pelo homem
que a ama secretamente e sem esperança.
Dil-o Alexandre Dumas no seu romance: *A
condessa de Salisbury.*

Singularidade.—Catharina de Medicis teve um irmão natural chamado Alexandre, 1.º duque de *** Este duque Alexandre morreu apunhalado, e com respeito a este assassinio é singular a sextupla combinação do numero seis que se dá! Alexandre foi assassinado em 1536, multiplo de 6, na idade de 26 annos, em 6 do mez de janeiro, ás 6 horas da tarde, com 6 punhaladas, e depois de haver reinado 6 annos.

Estremo de dedicação. — E' sabido

que D. Pedro I rei de Castella, mereceu pelas suas tyrantias e excessos san-

guinarios o nome de *Cruel*. Andando em guerra com seu irmão bastardo D.



Henrique, entrando em Sevilha, sacrificou á sua vin-

gança os cavalleiros e fidalgos que tinham protegido o seu contendor, mas não podendo haver á mão D. Affonso de Gusmão, cujo crime consistia em não seguir o rei, mas não seguindo tambem o adversario, prendeu a mãe D. Urraca d'Ozorio, e mandou-a queimar fóra dos muros da praça.

As chronicas da localidade são conformes em dizer que ella foi queimada viva, mas que ao assentar-se no meio da lenha e materias inflamaveis á que os algozes tinham lançado o fogo ficara descomposta.

Observado isto por Leonor Davalos, creada de sua casa, que a tinha acompanhado, e que a não podia avisar, lançou-se ao meio das chammas, e cubrio-a com, o seu corpo, morrendo ambas.

Conta-o Zuniga nos *Annaes de Sevilha*, e Pero Lopes d'Ayala nas suas chronicas de Castella.

SONETO

Recitado por M. Vieira da Silva no Theatro Angrense, na recita realisada na noite de 10 de março de 1890, em favor da grande subscrição Nacional e dedicado ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Dr. Jacinto Candido da Silva.

Socega Portugal ! Foi mui pesada a affronta
Em tua face cuspida, em teu nome, em teus brios !
Tanto era de esperar d'uns piratas impios,
D'uns verdugos crueis, que o mundo inteiro aponta.

Mas has-de ser vingado. A immerecida offensa
Ha-de pagal-a a Albion, embora altiva e forte ;
Que a força não se exime aos azares da sorte,
E o selvagem Leopardo ha-de haver quem o vença

Socega Portugal ! Não é a ti somente
Que o roubo e insulto doe dos espoliadores,
Que a pilhagem tornou colosso prepotente.

Soberbo, inda verás os Jaks estripadores,
Salisburys brutaes, que a Europa ahi consente,
Como na primitiva, obscuros peccadores.

João de Souza Pereira.—(Angra do Heroismo).

CHARADA XLVIII

(Ao erudito charadista, e meu amigo Augusto Cezar de Freitas—Retribuição á sua charada — Trapiche — do Almanach de Lembranças para 1888, pag. 180).

Agradecendo o *Trapiche*
Com que ha pouco me brindou,
que, fallando com franqueza,
alguns dias me ralou,

Offerto-lhe esta charada
que, segundo o meu pensar,
tambem lhe dará canceira
para a poder decifrar:

Troque quarta letra, troque,
por consoante ha-de trocar,
e encontra no que lhe fica
quem o possa encaminhar.—1

Troque p'r uma letra, troque
por consoante tambem,
e verá no que lhe fica,
moeda, mas não vintem.—1

Troque p'r uma letra, troque
por consoante deve ser,
e verá depois da troca
o que o senhor deve ter.—1

Vamos lá a dar á roda
para o fardo levantar,
talvez assim, senhor Freitas,
possa este decifrar.

Carmo e Souza.

Entre primos. — Em 1888 mudou-se A., um dos nossos poetas, para esta capital, e no mesmo anno foi mandado ao estado de Minas por uma casa commercial, cuja representação n'aquelle logar tomou. E' de crêr que o nosso poeta, que é collaborador d'este *Almanach*, ame menos o «mundo dos algarismos» do que o da litteratura, por isso mesmo que encontrou primeiro em viagem uma poetisa do que os devedores de sua casa. M., a dilecta filha das musas, e predilecta hoje do poeta, não se conteve ao primeiro encontro com o viajante; e seus olhos encontraram-se com os d'elle, demonstrando a irmandade e semelhança das suas almas.

Além da egualdade de genio, os dois jovens são primos: duas scentelhas fortissimas para atearem um incendio.

Amavam se já se vê, e... que de improvisos não terão cahido dos labios dos dois pombinhos! que doces arrulhos!

D'entre muitos que deverão ter feito, apanhamos um, que não passa de verdadeiro *calembourg* d'amor.

Eil-o:

— «O' prima, que flôres amas?»
«Quanto a flôres... a qualquer :
«AMO O BEIJO, O AMOR-PERFEITO,
«SÓ NÃO AMO O MAL-ME-QUER.»

«Dize tu quaes as que amas?»
— «Uma só que só me anima :
Dou por ella a propria vida,
«Por chamar-se AMOR-DE-PRIMA.» (1)

A. não tardou a deixar a casa que representava, e o «mundo dos algarismos».

A estas horas talvez estejam ligadas perante os altares as almas candidas, que voaram uma para a outra com as azas da poesia.

Que lhes seja o leito nupcial um lago tranquillo, cujos encantos façam, não uma, porém muitas vezes, cantar os dois cysnes.

D. Maria E. de Novaes. (C. Federal—Brazil)

Valor, Valer, Valentia, Animoso, Forçoso,
Valoroso, Valente

(DIFFERENÇAS)

O *Valor*, o *Valer*, a *Valentia*
Se por derivação tem semelhança,
Na significação antipathia
Ou differença grande se lhe alcança ;
Por que o *Valor* consiste na ousadia,
O *Valer* no dinheiro, ou na privança,
A *Valentia* em forças vigorosas
Timidas umas, outras animosas.

Sem forças pôde ser muito *Animoso*
O velho, o debil, de que exemplo temos ;
E pôde um homem ser muito *Forçoso*
E ser covarde como em muitos vemos.
Muito vae do *Forçoso* a *Valoroso*,
Que homens de grande força conhecemos
Fracos entre os pelouros, porque logo
Reconhecem por mais *Valente* o fogo.

VIRIATO TRAGICO *Braz Garcia de Mascarenhas.*

(1) Nome que n'aquelle estado dão á juruyuba.

JORGE RODRIGUES

(VISITA AO TUMULO)

— *Meu pae!* foi o adeus á vida d'este esperançoso poeta, victima d'uma tísica pulmonar, aos vinte e tantos annos de idade, quando se preparava a impressão do seu segundo livro de versos, *Manhãs de estio*, que deviam seguir as *Fugitivas*, dadas á estampa em 1883.

Era natural do Espirito Santo, redigio em S. João d'El-Rei (Minas) *O Domingo*, jornal litterario, collaborou no *Cruzeiro* e em outras folhas.

A' morte da esposa sobreviveu poucos mezes, vindo a fallecer em 15 de agosto de 1886, na cidade da Victoria, capital do Espirito Santo.

Fortes de Fontes. (Rio Grande do Sul).

DESERTO

Pallida, triste, anemica e nervosa,
Altiva refractaria ao sentimento,
— Fere-lhe horrivel, forte, um só tormento,
Um desejo impossivel: — ser formosa!

Muita vez lhe segreda o pensamento
Que é rica, aristocrata, poderosa,
Mas, ai! — o coração da desditosa
— «És feia e má!» repete, lento e lento...

E ella prosegue... em seu viver sombrio;
— Nem um raio d'amor no inverno frio
D'aquelle peito de afflicções coberto!...

— A's vezes sonha que o amor lhe veio
E acorda... e chora, ao presentir no seio
O aterrador silencio do deserto...

Manuel Jorge Rodrigues. (S. João d'El-Rei).

CHARADA XLIX (INVERTIDA)

2 { A's direitas se fôr lido
Sempre usa o cirurgião;
Invertida verá logo
Grutas, motim, confusão.

D. Amelia Braga. (Nietheroy—Brazil).

Inteireza de João de Barros. —

O nosso historiador João de Barros, que além do que nos deixou escripto, servio o officio de feitor da Casa da India e China, não vivia na pobreza, porque os reis lhe fizeram mercês que o pozeram ao abrigo de qualquer necessidade, mas tambem não morreu rico, tendo trabalhado tanto em honra da patria. No *Dialogo da Viciosa Vergonha*, dirigindo-se a seu filho Antonio de Barros, diz-lhe :

«Trabalhei para te não envergonhar com edificios que tem a magestade e a opinião da Torre de Babilonia, os quaes depois de compostos, vem a confusão eterna que os divide em tantas linguas quantas foram as achegas de que se fundaram; e d'aqui vem quantas heranças vemos sem proprios herdeiros, porque como se ajuntaram de estranhas fazendas, estranhos as herdamos. Crê-me que nunca alguem perdeu o proprio; e por isso me ficam d'este meu trabalho duas esperanças, uma que nunca por elle serás citado, pois são noites minhas veladas, e a outra que tempo virá em que serei julgado por homem zeloso do bem da patria.»

Flôr cahida

(No anniversario de S...)

Em que profundo barathro cahiste,
Desventurada flôr!
Só tens agora na existencia triste
Vergonha, lucto e dôr!

Que mãe buscou-te occulta na folhagem
E cortou-te do hastil,
Para arrojarte á lugubre voragem
Em pleno e roseo Abril?

Quando passas ligeira e deslumbrante
Qual estrella fugaz,
Meu coração murmura soluçante :
«E's viva, e morta estás!»

Debalde, suffocando a custo o pranto,
Desejo-te elevar
Para a vida de luz que amavas tanto
Nas festas a brilhar!

Debalde quero dar-te sonhos lédos,
Arrancar-te do mal ;
Mas ah! . . não devo macular meus dedos
No negro tremedal !

Sim! Não devo transpôr a infernal porta
Das paixões mundanaes,
Onde toda esperança tomba morta
E não resurge mais!

Nunca mais poderás vogar commigo
Nos lagos ideaes,
Tendo o céo litterario por abrigo!
Nunca mais! Nunca mais!

As illusões tombaram na torrente,
Uma a uma, a correr,
Como um bello collar que de repente
Quizeste desfazer!

Amas agora as seducções do vicio
Mentiroso e fallaz!
Perdeste no horroroso precipicio
Sincero affecto e paz!

Que funesta lição em ti contemplo,
Desventurada flôr !
Fragil, seguiste um perigoso exemplo
Sem tremer de terror!

Não te desprezo, não; mas te lamento
Do fundo de meu ser,
Sem que saibas que enorme soffrimento
Me fazes padecer!

.....

Vaes proseguindo a turbida existencia
Sem remorsos talvez,
Emquanto eu peço para ti clemencia
Ao Deus, em que não crês!

22 de Abril 1890.

D. Annalia Vieira do Nascimento
(Porto Alegre—Brazil).

Amuletos.—Amuleto é a figura, medalha, ou outro objecto que alguém traz consigo por superstição, attribuindo-lhe a virtude d'afastar malefícios, doenças, accidentes, etc.

No dizer de Tacito, os germanos herdaram esta superstição, que vogou tanto na Grecia como em Roma, e que ainda hoje não está de todo extincta, apesar do Christianismo. O amuleto traz a sua origem dos Chaldeos e dos Egypcios, e foi d'estes que com outras superstições, passou aos gregos e romanos.

Plinio refere-se a este costume por vezes, e S. Jeronymo lamenta que os primitivos christãos o não evitassem, acrescentando que no seu tempo muitas mulheres traziam penduradas do pescoço pedaços de lenho da cruz, e outras reliquias, como verdadeiros amuletos. S. João Chrisostomo condemna formalmente o costume, reprovado por S. Jeronymo, e chama-lhe idolatria. Tambem o concilio de Laodicea, celebrado no 3.º seculo, prohibe aos ecclesiasticos as *phylacteras*, ou amuletos sob pena de serem degradados das ordens.

ENIGMA XIII

(*Offerecido á ex.^{ma} sr.^a D. Francisca Dias do Bem, insigne charadista, auctora do enigma a paginas 458 do Almanach de 1889*)

«N'este acharás cinco letras,
e duas d'ellas vogaes;
a prima, tércia e quinta,
consoantes, querem mais ?

«São iguaes segunda e quarta, a prima e quinta eguaes são; porém não eguaes áquellas, n'isso pois não ha questão.	«Pois ainda assim não fica e para mais garbo ter, ás vexas ou ás direitas igual nome tens de vêr.»
--	---

«Das consoantes, só uma desigual; é a terceira; as que ladeam iguaes, que tal é a brincadeira !	Agora, leitor amigo vaes vêr a minha franqueza: é cidade lá da Asia. Adivinhas com certeza.
--	--

Alfredo Tavares (Ouro Preto—Estado de Minas).

A Estatua de Pasquino. — E' assim que se denomina, pelo povo romano, uma estatua truncada, sobre um pedestal, (representa-a a gravura) que se encontrou quando se abriram os alicerces para a edificação do palacio Orsini. Esta estatua mutilada, que a despeito das dissertações dos antiquarios, não se sabe se foi Meneláo, Ajax, ou Alexandre, ergue-se n'uma pequena praça em Roma, no angulo do palacio Braschi. A tradição pretende que o nome moderno de Pasquino lhe vem d'um alfaiate da vizinhança assim chamado, que tinha uma lingua diabolica. Se a tradição é verdadeira, Pasquino, como bom afilhado, faz 'honra ao seu padrinho. O que é facto é que desde o seculo xv, poucos papas tem



havido que elle não tenha mordido com os seus labios de pedra. Esta liberdade pelos pasquins de que a revestiam, degenerou por vezes em licença, e foi esta tão longe que em 1592 os Aldobrandini, sobrinhos de Clemente viii, resolveram pôr-lhe termo. Reunio-se uma commissão de cardeaes que sentenciaram a estatua, unanimemente culpada, condemnando-a a ser esmigalhada, e em expiação das

suas diatribes, arrojada ao Tibre. Entretanto não querendo dar execução á sentença antes de ouvir mais alguém, os Aldobrandini consultavam o Tasso.

— Deixae Pasquino sobre o seu pedestal, respondeu-lhes o poeta. Se o lançardes ao rio em pedaços da sua poeira nascerão milhares de rãs que com o seu coaxar vos aturdirão de dia e de noite *che graccherianno la notte el'di*.

Devemos por isso ajuizar que o illustre author da *Jerusalemme Liberata* era partidario da liberdade de imprensa.

O que é factó é que a sentença não se levou a effeito, e Pasquino continua a estar sobre o seu pedestal, posto que mais moderado.

ESTIO

A franja do horisonte colorindo
Já vem a luz serena da alvorada,
Como chuva de perolas iriada,
Que em disco de crystal fosse cahindo.

Ondas d'olor no ar vão espargindo
As florinhas, e, em mansa revoada,
De cantos fere o céo a turba alada,
Branças d'orvalho as pennas sacudindo.

A brisa, o lago, a gruta, a fonte e o prado
Tudo sauda o estio triumphante.
Luz no oceano ethereo um nimbo d'ouro...

Das esperanças no vergel dourado,
Tambem banha minh'alma delirante
Do sol das illusões um raio louro !

Rozendo d'Oliveira.—(Alagoas—Brazil).

CHARADA L (EM QUADRO POR SYLLABAS)

(Ao sr. dr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro)

Tendo o nome de uma planta,
Sou mulher, posso casar,
E se no mar tu me encontras,
E' meu costume enganar.

D. Orminda de Souza Ramos. (Bahia).

Uma participação.—(*Archivo de raridades*)— Ill.^{mo} Senhor Subdelegado do districto da Colônhã.

Participo a V. S.^a que Neste enstante dois moradores visinho brigarão a pontos que um recebeu uma faquada em lugar morto, estou com a mulher presa e cum poquo mi apresento a V. S.^a

Deus Guarde a Vm.^{co}—O Enpes-
tor de Guabiraba— *Antonio
Lourenço.*

**** (Pernambuco)

A

Como o rocio do orvalho
Esparge vida e frescor;
Como bella madrugada
Inflamma o peito de dôr;
Pinda, divina, sublime,
Immaculada, innocente,
Accendes n'alma o — amor.

Dogello Caldas. (Santa Catharina—Lages).

LOGRIPHO XXXIX

(*Ao ex.^{mo} sr. Sergio Leitão*)

Oh portentoso patricio—3, 5, 13, 9.
Sei que és bom qual seraphim,
Mas peço-te que por mim
Não faças tal sacrificio—1, 10, 13, 13, 7.

Foge sempre do perigo—11, 4, 6, 12.
Que os valores attrae
Aonde o timido cae
Que foge sem ter abrigo—8, 2, 3, 9.

O conceito
D'este pleito
São historias
Illusorias.

Ajanario Pierre. (Porto).

Prophecia d'uma beata.—Quando se estava no afan de D. João vi e a côrte deixarem Lisboa em 1807, e passarem ao Brazil, pela approximação das tropas de Junot, propalou uma beata, que lhe fôra revelado que o principe regente não devia emprehender viagem porque a nau em que embarcasse havia de naufragar. Isto não deixou de causar alguma impressão no principe, mas quando já estava desvanecido, contou o facto ao seu encarregado de gabinete José Egydio Alvares d'Almeida, acrescentando que se dizia que a beata era um anjo.

A isto respondeu José Egydio: «Sim, será anjo, mas decerto que não tem azas e merecia umas de pau.»

OUTONO

Já das galhas pesadas nedio estilla
O orvalho em bagas puras de esmeralda ;
No ninho mudo tímido pipila
O borracho, suspenso na ramada.

Nenhum trapo de azul no céu scintilla,
Repousa o sol atraz da nevoada,
Uma tristeza immensa invade a villa,
Como invades minh'alma, ó dôr sagrada !

Mas o outono deslisa, e ainda os dias
De teu tristor, ó grande natureza !
Vem o sol, e cessam melancolias...

Só na minh'alma a bruma da tristeza
Nunca destouca o sol das alegrias,
Role embora do tempo a correnteza !

Março—1890.

Eugenio Maia. (Maceió—Brazil).

Agradecimento incompleto.—Cicero conta que um certo individuo sonhou que tinha comido ovos frescos. Supersticioso, como verdadeiro romano, foi logo consultar um interprete de sonhos, e este disse-lhe que a clara dos ovos significava que elle dentro em pouco teria uma boa porção de prata, e a gemma, uma boa porção de ouro. Quiz o acaso que

o sonhador tivesse em poucos dias uma herança que realison as palayras do interprete.

Foi o felizardo agradecer a este, e recompensou-o com uma moeda de prata. Agradeceu-lh'a, e acompanhando-o á porta, antes de se despedir disse-lhe o interprete : *Nihil ne de vitello?* — E da gemma do ovo, nada?

Uma glosa de Santa Thereza

Que muero porque no muero

Vivo ya fuera de mi, Despues que muero de amor, Porque vivo en el Señor, Que me quiso para si : Quando el corazon le di Puso en mi este letrero, Que muero porque no muero.	Ay! Que larga és esta vida! Que duros estes destierros! Este carcel, y estes hierros, En que está el alma metida! Solo esperar la salida Me causa um dolor tão fiero, Que muero porque no muero.
---	--

Esta divina union Y el amor con que yo vivo Hace á mi Dios cautivo, Y libre mi corazon; Y causa en mi tal passion, Vêr a Dios mi prisionero, Que muero porque no muero.	Acaba ya de dejarme Vida, no me seas molesta ; Porque muriendo, que resta, Si no vivir, y gozarme ? No dejes de consolarme Muerte, que ansi te requiero, Que muero porque no muero.
---	---

João Mendes Cicioso.—(*Perolas soltas*)
Estando el-rei (D. Manuel) n'esta cidade (Evora) nos annos de 1519-1520, por conselho e parecer de letrados e dos officiaes de sua fazenda, ordenou que as novidades que colhessem seus sugeitos se estimassem, e que rebatido o que os alvidradores dissessem ser necessario aos senhorios para despeza de suas casas e familias, lhe pagassem logo a sisa do demais, o que posto que por todo o regno fosse mal tomado, pôde tanto o querer d'el rei, que muitas cidades e villas do regno consentiram n'esta imposição, e entre as que não consentiram foi Evora, onde então Joanne Mendes Cicioso era vereador, sobel-o qual negocio o mandou el-rei chamar, e lhe dixee que lhe agradeceria querer ser da opinião dos outros, ao que elle respondeu de-

pois de muitas altercações dizendo-lhe : « Senhor, eu não tenho necessidade de vossas mercês, posto que mas offereçaes, porque meu pae me deixou duzentos e cincoenta mil reis de renda patrimonial, de que me mantenho honradamente, os quaes me não podeis tirar com razão, e posto que nos tomar quiseseis nem por isso hei-de deixar de vos dizer a verdade, a qual é que tal imposto vós o não podeis poer sobre vosso povo com razão nem justiça, e os que vos tal cousa aconselham não são amigos de vossa alma, nem da vossa honra.» O que el-Rei ouvindo lhe dixe que se fosse preso para sua casa, e que d'ali por diante não queria que tivesse officio nem cargo n'aquella cidade, ao que Joanne Mendes respondeu que tudo lhe tinha em mercê, excepto a prisão por que lh'a não merecia.

D'ahi a alguns dias cahiu el-rei no negocio, e conhecendo que Joanne Mendes fizera o que devia o mandou chamar e lhe agradeceu o bom conselho que lhe dera, dizendo-lhe que taes homens como elle quizera ter sempre muitos a par de si, para verdadeiramente lhe dizerem o que cumpria ao bom governo e ordem do seu regno e casa; e que se se lhe d'elle cumprisse mercê que lh'a faria; e que quanto aos cargos e officios, que sempre servira n'aquella cidade lhe mandava que d'alli por diante o fizesse como sempre fizera, por que n'isso lhe faria serviço. (1).

CHRONICA DE D. MANUEL.

Damião de Goes.

(1) O imposto lançado por D. Manuel, e que segundo o seu chronicista *fôra por todo o reino mal tomado*, não foi auctorizado pelas côrtes, como nos bons tempos da monarchia, e d'alli provinha a má vontade dos contribuintes, e a altercação do Cicioso com o rei. Demais D. Manuel passa por ser o primeiro rei que deitou tributos *fôra das côrtes*. Estas foram convocadas vinte e duas vezes por D. João I, por D. Duarte no seu curto reinado, quatro vezes, por D. Affonso V vinte e tres. Desde D. João II, cahiu o bom costume de convocar côrtes. D. Manuel só as convocou quatro vezes e D. João III tres, tendo governado ambos mais de sessenta annos. Assentára-se o absolutismo no throno. Evora era já então uma grande cidade. Agora os seus veadores oppunham-se ao lançamento d'um tributo, por um dos seus; diziam ao rei as razões porque. No seculo seguinte (1637) o povo de Evora, arvorando a sua bandeira em nome de *Manuelinho*, erguia-se contra o dominio de Castella, e esse movimento foi o prologo da Revolução de 1640.

Da Redacção.

CHARADA LI

Retribuição ás ex.^{mas} sr.^{as} D. Josephina B., Euphrasia R. da Cunha, e Maria Maximina de Albuquerque, auctoras das charadas Maracujá, Luva, e do logogripho Aghirlik publicadas no Almanach para 1890.

Das mimosas violetas, da rosa
Eu quizera a fragrancia o odor ;
Da gentil borboleta formosa.
O matiz variegado da côr.—2

D'uma ave catita e plumosa
Os gorgeios que dizem amor ;
De tenor linda voz bem maviosa,
P'ra cantar-vos um hymno em louvôr.—2

Mas tudo isto me falta, é azar !
Pois não posso pagar gentilmente
Os protextos d'amor e conceito :

E só posso n'est'hora offertar
Minha sombra talvez indigente,
Como prova de muito respeito.

Germano Homem d'Albuquerque (Rio de Janeiro).

A aristocracia. — A aristocracia, diz Chateaubriand, tem tres idades successivas : a idade das superioridades, a idade dos privilegios, e a idade das vaidades : sahe da primeira, degenera na segunda e extingue-se na terceira.

QUANDO ELLA FALLA

She speaks
O speke again bright angel !
SHAKESPEARE.

Quando ella falla, parece
Que a voz da brisa se cala ;
Talvez um aujo emmudece
Quando ella falla.

Meu coração dolorido
As suas magoas exhala.
E volta aó goso perdido
Quando ella falla.

PHALENAS

Podesse eu eternamente
Ao lado d'ella, escutal-a.
Ouvir sua alma innocente
Quando ella falla.

Minh'alma, já semi-morta
Consequira ao céu alçal-a,
Porque o céu abre uma porta
Quando ella falla.

Machado de Assis (Brazil).

Sentenças de Santo Ambrosio

O demasiado discurso faz mais triste e descontente a pessoa que queremos consolar.

O que tem temperança na liberalidade para ninguem é avaro, e para todos é liberal.

De Santo Agostinho

A metade da nossa alma é o bom amigo.

Maior premio se deve dar aos bons que castigos aos maus.

O segredo que a tres se declara a todos se manifesta.

De S. Gregorio

Visinha da soberba é a abundancia.

Todos os que o avarento teme todos os padece.

A soberba é rainha dos vicios.

De S. Cypriano

Deve-se acautelar do inimigo, ainda depois que se fez amigo.

Não é tão alegre adquirir cabedal, como é triste o perdê-lo.

Bem sabe mandar o que bem soube obedecer.

LOCUÇÃO

..... Vae-se-me a vida
Em fogo, vento e agoa que alma chora
A memoria de mim trago perdida,
Muitas vezes me busco, não me vejo
Minha alma de mim mesmo anda fugida.

Antonio Ferreira.



345

Deuses e gigantes.—Frizo grego, que foi desenterrado em Pergamo, cidade da Mysia, ao norte da antiga e celebrada Troia.

A BARQUINHA

I

As aguas corta do norte
Barquinha muito gentil,
Procura chegar ao porto
Correndo perigos mil.

* Semelha garça real
Singrando por mansos mares
Parece linda andorinha
Garbosa cortando os ares.

Os seios tem carregados
De doces fructos maduros,
Laranjas, melões, maçãs.
Ananazes dos mais puros.

Uvas, bananas e côcos
No bojudo ventre traz,
Cantam lindos passarinhos
Em quanto mil curvas faz.

Pelas ondas que s'encrepam,
N'um céu ha pouco azul,
Se dirige, creio, a Roma
Paris, Londres, Stambul.

Conduz cysnes, cotovias,
Canarios e sabiás,
Ovelhas, cabras malhadas,
Diferentes animaes.

II

De repente o céu se tolda
Sópra rijo o vendaval,
As ondas rolam medonhas,
A' barquinha ninguem val!

Amaina logo esta vela !
Diz capitão que não teme;
O vento geme nos mastros,
Marinheiro vira o leme !

Que o furioso tufão
A barlavento soprando
Lança a barca nos rochedos!
Assim grita, senão quando

Caso raro e milagroso
Passado no alto mar,
Cessa tudo de repente
Para o trovão de roncar !

III

Foi a prece fervorosa
Que soltada do teu peito,
Foi talvez ajoelhar-se
Com reverencia e respeito

Aos pés de Deus nas alturas !
Foi teu meigo supplicar
De teus labios desprendido
Que fez Deus nos perdoar !

Marinheiro que navegas
N'este mar do peito meu,
Os teus rogos tão ardentes
Já voaram para o céu !

Ergueu-se Deus magestoso	Cessam vagas temerosas
Depois ao mar acenou	Cheias de medo o bramir,
Que submisso e tremendo	E logo a forte barquinha
A sua furia applacou!	Vae tambem a paz fruir!

D. Rosá Branca de Olinda (Brazil).

LOGOGRIPHO XL

(IMITAÇÃO)

A brisa dizia á rosa :
 — Eu passo e vou indolente
 Beijar o seio fremente
 Da virgem pura, formosa.—1, 2, 4, 6, 5, 10

A flor, innocente e bella,—4, 1, 10
 Respondia á brisa mansa :
 Eu vou perfumar a trança
 Da meiga e pura donzella.—8, 9, 5, 3, 10

A virgem, no seu candor,
 Ouvindo as fallas da rosa,
 Busca no livro, curiosa.
 Um nome p'ra dal-o á flor.

D. Palmyra Luiza de Mont'Alverne (Recife — Brazil).

Santo Frey Payo.—(*Perolas soltas*) Cousa é rara e maravilhosa, que de todos os outros santos sabemos que o foram, por ouvirmos contar excellencias da sua vida, ou da sua morte, e do presente não temos nenhuma que escrever; e comtudo sabemos que foi grande santo, e por tal o pregoam á bocca cheia quasi todos os estrangeiros que d'esta ordem escreveram. E não é esta a mais pequena maravilha das que havemos de contar d'elle. Por onde justamente podiamos pedir licença para perguntar ao Senhor que o fez tal, que razão houve para que sendo tão liberal pagador de bons serviços, que ainda n'este mundo se preza de responder a cento por um, assim permittio que ficasse enterrada uma vida purissima, e uma morte santa, que nenhuma fama nem noticia houvesse d'ella.

Euleio, Senhor, de um Hilarião, que vivendo entre selvagens no coração do deserto, ordenastes que os mesmos demonios o fizessem conhecido em muitas par-

tes do mundo. Leio de um Aleixo Romano, que peregrinando pobre e desconhecido pela Syria, essa imagem de Vossa Sagrada Mãe publicou o seu nome. E a um Paulo primeiro ermitão embrenhado na serra da Thebayda, depois de cem annos de vida, mandaes que o visitem e lhe façam exequias. Que havemos logo de responder n'este caso senão que mais mercê fizeste a esse Frey Payo, que a muitos celebrados da terra? Por que sendo assi, que vos agradais muito dos que mais se sabem esconder e furtar ás linguas e favor dos homens, por esta via o quizestes fazer um santo unico e sem igual. E como em vossa divina palavra não póde haver falta, o que lhe tardastes com mercês publicas na vida, recompensastes na abundancia e qualidade das que lhe fizestes depois de morto.

HISTORIA DE S. DOMINGOS

Frey Luiz de Souza.

EMFIM ! . . .

Eis-me aqui ! a lua assoma
Além no cimo do monte,
E na crystalina fonte
Espelha o mago clarão.

Eis-me aqui! O sol já brilha	Aqui junto a tanta flôr
Affaga a relva no prado	Vão os meus cantos soar,
E entanto o cantor alado	E do copado arvoredado
Ensaia cantos d'amor!	Dos campos da minha aldeia
E' nuncio de primavera!	Meu pensamento vagueia
Pobre insecto zumbidor.	Qual perdido trovador!

Algarvia.

CHARADA LII (EM TRIANGULO POR SYLLABAS)

(Ao Club Feminino)

No céo brilha a estrella d'alva	Na terceira o beija-flôr
Brilha na terra tambem;	Tem a sua reinadia;
A planta, que na primeira	E' alli que elle se encontra
Da charada ora aqui vem.	Tem lá sua moradia.
Tambem brilhou n'outro tempo	Quarta com letra trocada
Denodado capitão	Mostra logo um animal;
Que a segunda vem trazer	Quinta póde ser pronome,
A' flôr da decifração.	Artigo, et cetera e tal!

D. Herminia Esmeraldina Goularte.
(Cantagallo—Brazil.)

COHERENCIA DE DIONYSIA

(PEROLAS SOLTAS)

Falla Solina

Quem a vira o outro dia
Um poucochinho agastada,
Dar no chão com a almofada,
Toda n'outra transformada,
E enlevar a phantasia
Toda n'outra transformada!
Outro dia lhe ouvirão
Lançar suspiros a molhos
E com a imaginação
Cahir-lhe a agulha da mão,
E as lagrimas dos olhos.
Ouvir-lh'eis á derradeira
A' ventura mal dizer,
Porque a foi fazer mulher :
Então diz que quer ser freira
E não se sabe entender.
Então gaba-o de discreto,
De musico e bem disposto,
De bom corpo e de bom rosto;
Quanté então eu vos prometto
Que não tem d'elle desgosto.
Depois, se vem attentar,
Diz que é muito mal feito
Amar homem d'este geito,
E que não póde alcançar
Pôr seu desejo em effeito.
Logo se faz tão senhora,
Logo lhe ameaça a vida.
Logo se mostra n'essa hora
Muito segura de fóra,
E de dentro está sentida.

FILODEMO—COMEDIA.

Luiz de Camões.

As mulheres do Christianismo.—
(*Perolas soltas*)—O Evangelho está cheio de mulhe-
res boas e crentes, cujos nomes harmoniosos tanto
contribuíram para enfeitar com flôres melifluas, as
melancholicas severidades da igreja nascente.

Devia ser assim: á Religião do amor e caridade cumpria auspiciar-se femininamente. Desde Sant'Anna e Santa Izabel, desde Maria, a Mãe de Deus, que deposita o filho nas palhas do Presepio, e foge com elle em braços para o Egypto, até ás que sobem com Elle ao Golgotha, ás que o visitam no sepulchro e o annunciam resuscitado, quantas fieis não vemos figurar no sequito, e representar papeis importantes nos actos e milagres do Divino Mestre!

Depois, no crescer do seculo, e no diffundir-se pelo mundo a crença originaria da Judea, o sexo heroico do amor, fiel áquella primeira tradição, continua por toda a parte a avultar com maior brilho nos fastos do christianismo.

O circo romano é por donas donzellas procurado como vestibulo purpureo de bemaventurança; e as martyres voam ás mil e mil para os palmares celestiaes

Finda a perseguição, o fervor que elle incendiava não descontinua. Povoam-se de santas os altares de todas as nações. Aparecem as fundadoras de Ordens Religiosas, que assombram tanto com a sciencia, como com a piedade, e cujas filhas em espirito ameigam a terra toda, como bandos de aves do paraizo, com quem a pomba das alturas se compraz de arrulhar affectos ineffaveis.

Thereza de Jesus, a Matriarcha das Carmelitas, hombraia, como instituidora e como escriptora, com os mais eloquentes padres tanto da egreja grega como da latina, eguala se em arrobos de ternura com S. Bernardo, e imprime ás solidões de Carmelo uma benção de attracção para as vontades, que não parece menos prodigiosa que a de Claraval.

Visconde de Castilho. (Antonio Feliciano).

(D'uma carta á ex.^{ta} sr.^a D. Maria do Carmo Osorio Cabral Pereira de Menezes, por occasião da traducção da Historia da Vida de Nosso Jesus Christo, pelo P. de Ligny, feita por esta senhora).

CHARADA LIII (NOVISSIMA)

(A Gabriel de Lucena)

Segura, mas negra, esta affirmativa — 2 — 2.

D. Julia d'Almeida Bahia. (Porto).

TEUS OLHOS

Teus olhos negros, profundos
Cheios de luz e de amor,
Como o olhar do creador
Sobre as orbitas dos mundos,

Reflectem nos mares densos
De minha vida sombria ;
Esses teus olhos que eu via
Entre prazeres immensos !

O que pensar d'esses olhos
Que foram luz nos escolhos
D'esta existencia d'um dia ?

Senão que Deus fez a Venus
Pelos espaços serenos
D'esses teus olhos que eu via !

Padua Carvalho. (Pará).

A JUSTIÇA E A PAZ

Um individuo vio sobre o marmore
d'um fogão uma esculptura onde figura-
vam a Justiça e a Paz abraçando-se.
—Vêl-as? disse elle a um amigo que o
acompanhava, beijam-se, abraçam-se,
dizem-se adeus! para se separarem, e
nunca mais se tornarem a vêr.

LOGOGRIPHO XLI

Só seis syllabas contém,
Este todo endiabrado,
Porém fica descaçado
Combinações muitas tem,
E eu vou usar do conceito
E tantas vou arranjar
Que pódes metter o peito,
Não sei se has de decifrar.

Prima e quinta e quarta e sexta
A mesma cousa darão,
E todo, todo o varão
Na vida soffrerá esta,
Embora os gosos divinos
Quatro e dois da mór ventura.
E' remedio p'ra tontura
Dois, um, quatro meus meninos.

Se quarta e quinta tentares
Vaes parar no tribunal
E um e seis por teu mal
Terás com esses azares.
Tércia, prima, quinta e sexta
(A'quella interpõe vogal)
Verás que a verdade é esta
Triste e ás vezes fatal

Um e tres está no céu
Seis e tres quem o fizera
Lugar lá oblivera
Mesmo de algo sendo réo.
Dois um e cinco é molestia
Faz tres, cinco o lavrador
E o todo (sem modestia)
Não pilhas, decifrador! .

Dr. J. S. de Brito. (Brazil).

Rehabilitação da fama dos gatos.

—Este animal é geralmente tido por ingrato e desconhecedor dos donos.

O *Imparcial* de 12 de abril de 1887, conta porém o seguinte caso que prova plenamente que esta má fama nem sempre é comprovada pelos factos.

D. Martha Blanc, fallecida na segunda feira ultima possuia, havia doze para treze annos, um gato que estimava muito, e, quando a fallecida foi depositada no ataude, o animal, sem que fosse visto, metteu-se dentro d'elle, fazendo companhia a sua dona. Quando porém foram soldar o involuero de chumbo, tiveram de o enxotar, e o animal, sendo obrigado a apartar-se de sua dona, foi logo para o quarto onde ella tinha fallecido, morrendo alli pouco tempo depois.

Ha n'esta simples tragedia um incomparavel poema de affeição que póde servir de modelo ás almas mais bem formadas e amorosas.

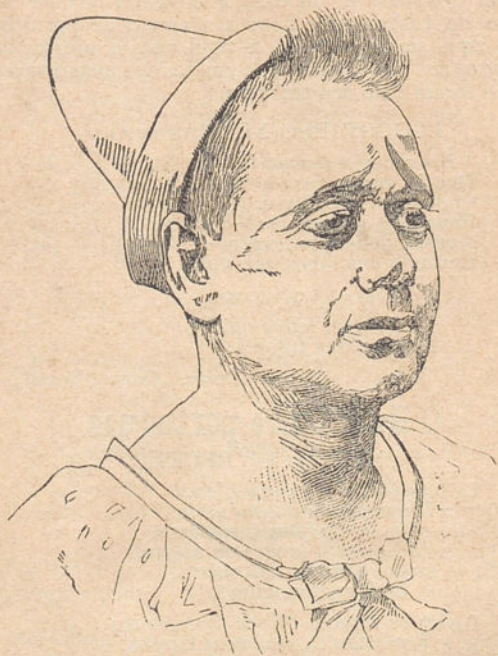
Maxima chinesa.— Quatro cousas se devem exigir d'uma mulher: Que a virtude habite no seu coração, que a modestia brilhe na sua frente, que a doçura destille dos seus labios, e que o trabalho occupe as suas mãos.

ENIGMA XIV (PITTORESCO)



João Stello. (Lisboa).

O clown. — O clown inglez é o hanswurst dos allemães, o gracioso dos hespanhoes, e se assim o quizerem, guardadas as differenças, o nosso palhaço.



Tem havido clowns que adquiriram pelos seus trabalhos grotescos, em theatros, ou no circò, pela sua agilidade, os seus esgares, e as suas chocarrices grande popularidade. Tal é entre outros, e este era

francez, Mazurier, cujo nome ficou sendo quasi legendario, e que fez as delicias de Pariz no tempo da Restauração dos Bourbons. Ha clowns que teem ganho 1:200 francos por noite, o que não ganhou nunca Mlle. Mars, nem Talma.

Um dos clowns inglezes que veio trabalhar no circo de Lisboa, que ficou tão amigo de Portugal, que aqui se estabeleceu e aqui veio a morrer foi Whytoyne. Tambem foi elle um dos que mais applaudidos foram pelo seu trabalho.

LOGOGRIPO XLII (POR LETTRAS)

Eis a copia a mais fiel—1, 2, 3, 4, 5, 7, 11.
Deseja entrar para o céu—4, 11, 7, 10.
Onde amor a seduziu.
Nada leva na bagagem—5, 1, 6, 8.
Apenas pede a passagem—9, 5, 7, 8.
Levando uns olhos que viu.

CONCEITO

E' certo, leitor qu'rido,
Nunca terás trahido.

D. Leonor Abreu. (Brazil).

O livre Chire portuguez

IMITADÓ DE BECKER

Eu te saúdo, ó rio largo e fundo
Que reflectes o azul do céu profundo
Do teu seio na argentea limpidez;
Via por nós para o progresso aberta,
Eu te saúdo, a fronte descoberta,
O' Chire portuguez!

Contra os rapaces corvos sanguinosos
Que te espreitam da sombra cubicosos,
Em nossos braços tens seguro arnez.
Deixa-os arder na furia que os consome,
Que enquanto um labio pronunciar teu nome,
Tu serás portuguez!

O leopardo — é assim todo o felino —
E' cobarde, ladrão e assassino,
Mas não ha de assaltar-nos d'esta vez,
E enquanto um remo te açoitar as vagas,
Correndo livre entre libertas plagas,
Tu serás portuguez!

Quer abraçado ás tuas cataratas,
Quer na espessura umbrosa das tuas mattas,
Ou das verdes campinas através,
Rola tranquillo as fulgidas areias,
Que, enquanto o sangue nos girar nas veias,
Tu serás portuguez!

Do teu caudal as naiades formosas
Que desertam as ribas, receosas
Do agudo griffo do abutre inglez,
Não mais nas grutas do teu seio escondas,
Que, enquanto um lenho te sulcar as ondas,
Tu serás portuguez!

De Portugal não passam nas barreiras,
Por gravatas, as ferreas gargalheiras,
Nem os grilhões para algemar teus pés.
Dorme tranquillo em teu sagrado leito,
Que enquanto a fé nos accender o peito,
Tu serás portuguez

Tu serás portuguez, e livre, e ufano,
Que jámais contra o peito lusitano
Deixou Deus o infiel vibrar revez;
E enquanto ao mar fores levar uma onda,
Desde o Zambeze ás terras de Moponda
Tu serás portuguez!

Mupassa, 6—10—89.

(Africa Oriental).

Alvaro de Castellões.

Navegando no Amazonas. — Vê as caudalosas correntes, que cortam estas serras como se despenham com furioso impeto por cima d'alcançtiladas rochas até virem confundir-se com as aguas do grande rio! Vê para outro lado os placidos ribeiros, que lá correm murmurando por entre espessos e

frondosos bosques, fazendo bulir mansamente a branca areia. Ahi tens uma nova ilha que a natureza vae formando no meio do rio, para servir de recurso aos vasos atacados da furiosa tormenta. Que lindo quadro! Tenras vergontear sobresahe á superficie d'agua; diarias que d'ella tiram toda a sua substancia; outras já profundamente arreigadas na terra, abrindo os ramos, e enfeitando-se de flôres engraçadissimas; todo aquelle fresco terreno como está alcatifado d'uma relva verde e mimosa que encanta o espirito!

Não paremos aqui, coração meu; n'estas noites serenas e claras subamos ao mais alto da tolda, e emquanto a natureza se acha em profundo silencio, alarguemos a vista por essa dilatada esphera dos céos; contemplemos de vagar a grandeza immensa d'esses luminosos pregoeiros da gloria do altissimo, a harmonia dos seus movimentos, essas distancias quasi infinitas consideradas cá na terra, e ao mesmo passo reduzidas a um pequeno ponto, quando se comparam com a grandeza de Deus. Ah! Que espectaculo magnifico! Quem foi que disse á lua: apparece, e dissipa as trevas da noite? Quem deu o ser e nome a essa multidão d'estrellas, que decoram o firmamento? Que mão prodigiosa pôde toldar todo esse augusto palacio d'immensos pavilhões d'azul, semeal-os de luz e de gloria, e revestil-os d'uma belleza que arrebatava os olhos do mortal? Oh! como deve ser rica e pomposa a mão d'onde brotam todas essas maravilhas!

MEMORIAS.

D. Frey Caetano Brandão.

CHARADA LIV (EM LOSANGO)

A meu cunhado Germano d'Albuquerque)

Chapas velhas já batidas,
Dão p'ra prima e derradeira;
Duas letras conhecidas
Veja só, que brincadeira!

Tem um fructo na segunda,		Não ficará esquecida
Tambem vegeta a terceira;		Quinta em certos vegetaes;
Quarta é da uva oriunda,		Na sexta sendo invertida
Continua a brincadeira!		Interjeição encontraes.

D. Luiza Nogueira de Albuquerque.
(Estação do Rocho—Rio de Janeiro).

A UMA ACTRIZ

Na opulencia da voz, no gesto, na vehemencia,
Na viva luz que fulge em teu radiante olhar,
Transluz, sente-se bem, o brilho e a extrema ardencia
Do resplendente sol do céo peninsular.

Tens uma graça tal, tamanho *nervosismo*
Quando te freme a voz na ardente seguidilha,
E fazes triumphar, n'um brusco realismo,
Todo o *salero* audaz das *mozas* de Sevilha,

Que d'essa voz de prata ás inflexões estranhas
Surge-nos ante o olhar, qual n'uma evocação,
Tudo o que mais gracioso e bello nas Hespanhas
O espirito adivinha e sonha o coração.

Até por um momento a gente se imagina
Na patria da mantilha e da paixão lasciva...
Onde eu creio que sempre, á noite, uma Rosina
Por dentro da *ventana* escuta um Almaviva...

Nós, os filhos do mar, cuja onda, acre e fria,
Nos embala ao seu grave e saudoso gemer,
Deixamo-nos levar pela melancolia
Estranhos ao bulicio e estranhos ao prazer.

Por isso é que, talvez, nos és surprehendente,
Fazendo uma impressão tamanha em nossas almas,
E ao vêr-te, em entusiasmo accesos de repente,
Desatamos, febris, n'uma explosão de palmas!

1886.

Carlos Cezar (S. Jorge).

O monumento da Batalha.—O Principe de Lichnowski, quando visitou a Batalha em 1842, escreveu no seu livro de *Recordações*, que depois publicou:

«Passei o dia inteiro n'esse templo, o primeiro entre todos os da Peninsula Iberica. Deve conceder-se ao architecto a gloria de ter projectado uma das edificações mais perfeitas de todos os paizes e de todos os tempos.»

Referindo-se ás capellas imperfeitas diz: que D. Manuel as não quiz continuar, depois que lhe morreu o esculptor, a cuja mão perita, e a cuja phantasia poderosa tem

Portugal a agradecer aquelles baixos relevos aos quaes se não pôde comparar cousa alguma do que se encontra nos outros paizes. O amplo arco da entrada, abandonado á invasão dos ventos e das chuvas, conserva-se ainda uma obra digna d'admiração.

A Batalha é o triumpho da architectura.

Ao chegar áquelle sitio não apparece cousa alguma que predisponha para a impressão que se vae receber; descobre-se no meio do campo, entre miseraveis barracas, essa fabrica collossal e magestosa, onde cada passo que se dá faz retroceder o pensamento a uma antiguidade de 500 annos.

ESPERANÇA

(*A D. Joanna Augusta Monteiro*)

«Espoir... C'est un ange
venu sur la terre où nous
sommes.»

C.

Eu te vejo, ó sylphide peregrina,
Banhada dos sorrisos d'alvorada,
O amiculo revoando virginal
Agitado por brisa embalsamada.

Eu te vejo, aerea fada seductora,
Curvada sobre longas penedias;
Se no amplo horisonte o sol resplende,
Eu te ouço as suaves melodias!

Eu te vejo, agil filha das espheras,
Quando as nuvens dormitam pelo espaço;
A's caricias sorrindo das estrellas,
Tu repousas a fronte em seu regaço.

Eu te vejo pelo ether revoando
Qual cysne gentil, d'argenteas plumas;
Desprendendo os cabellos côr de ouro,
Scismadora divagas entre as brumas!

Vejo-te como sombra fugitiva,
Apontando um porvir sempre distante;
Como um floco de candidas neblinas,
Que se aninha no espaço cambiante!

D. Carmelitana de Arantes.
(Estado de S. Paulo—Capital—Brazil).

LOGOGRIPO XLIII

Sou insecto venenoso,—9, 6, 1, 2.
 Tambem vaso de pescar.—9, 2, 5, 5, 2.
 Eu significo medida—2, 7, 9, 4.
 Na Igreja me has de achar.—1, 4, 7, 10 2.

Exprimo tambem conselho—1, 4, 3, 8, 9, 8, 5, 8.
 Ou um discurso moral,
 Virgilio na sua Eneida
 Tornou meu nome immortal. 6, 9, 10, 2, 5.

CONCEITO

A bella imagem de Phebo
 Nas nuvens se reflectio.
 Nunca tão bello phenomeno
 Na campina azul se vio !

O Sertanejo. (Alagôa do Monteiro—Brasil).

Lembrança.— *A meus filhos Annibal e Graziella, pela morte de sua irmã Maria, nascida em Vizeu a 9 de janeiro de 1887 e fallecida em Penamacôr, a 23 de junho do mesmo anno.* — Hoje meus filhos que vós sois bellos e pequeninos como os anjos que ornão o altar da nossa egreja, para os quaes estendeis as vossas mãosinhas debeis e rosadas; que as vossas almas são puras e transparentes como a gota d'agua que rocia o calix das flôres; que o sorriso perenne inflora os vossos labios como as rosas em maio perfumam os jardins; que a vossa memoria infantil só pôde guardar as reminiscencias dos vossos brinquedos de criança, venho eu, com o coração cheio de pranto, dedicar esta saudosa lembrança á vossa irmã pequenina que tão cedo voou para o ceo. Seja ella o vosso anjo da guarda, que como anjo que era vos lembrará a Deus, se vos não esquecerdes d'ella. E se um dia, a vossa mãe tambem já não existir, este livro de *Lembranças*, que tão querido se torna, guardará esta terna recordação d'uma mãe a seus adorados filhos.

1890.

D. Guilhermina da Costa e Silva. (Coimbra).

POST MORTEM

(A ALGUEM)

Se eu morrer, não vás sobre a minha lousa
Dizer: «descance quem amou alguém.»
Voz da campa talvez diga: «ninguém
Ouse accordar o pobre que repousa!»

Não me esfolhes na tumba a flôr da rosa;
Talvez que a brisa que gemendo vem
Me roube á jazida a paz que a sustem,
E ao triste que alli jaz o bem que gosa!

Não, não queiras, saber se eu durmo ali,
Eu que um louço fui d'amor por ti,
E a quem, cruél, tu respondeste: não,...

Ah! fiquei triste como a cruz da campa,
Tu'imagem em minh'alma não se estampa,
Perdido o teu affecto e coração!...

*N.º 4 da Associação S. Nicolaense
(Cabo Verde—S. Nicolau).*

ENIGMA XV

(Aos meus collegas fluminenses)

As letras de mim constantes
são cinco, leitor, em summa:
tres ou duas consoantes
e vogaes duas ou uma.

A's direitas ou ás vessas,
o mesmo nome se lê.
Tenho ruas e travessas,
gente e casas, bem se vê.
Em face d'isto não ha-de
vêr logo vossemecê
que o todo meu é cidade?

P'ra que duvidas não haja,
nem a menor controversia,
o bom leitor, que viaja,
saiba que sou lá da Persia.
Dou-lhe ainda um pormenor:
uma, duas, tres e terciã,
—cidade d'Asia Menor.

Vargas (Brazil).

Serão d'um homem de letras.—

Quem compra um livro não sabe muitas vezes, nem pondera o trabalho que elle deu ao seu author, os dias e as noites que elle consumio, as investigações a que foi obrigado, o estudo a que se entregou para o redigir.

O homem de letras em paga dos seus estudos

ou cança a vista muito cedo. E que ganha com as vigílias, ainda que tenha



e lucubrções, ou cega como Augustin Thierry e Camillo Castello Branco,

sido privilegiado pela natura com um grande talento? Muitas vezes a pobreza. Camões, o maior poeta da Peninsula, morreu quasi ao desamparo, apesar do seu divino poema, e morrendo foi amortalhado n'um lençol que mandára a casa de Vimioso. Cervantes, o manco de Lepanto, que immortalisou o seu nome, dando á Hespanha um dos livros que tem tido mais voga no mundo, Cervantes luctou com a pobreza e no ultimo quartel da vida se não fossem os soccorros do inquisidor Sandoval, morreria de fome.

Com razão diz Chateaubriand :

«O genio é um Christo. Desconhecido, perseguido, açoitado, coroado de espinhos, crucificado pelos homens, morre deixando-lhes a luz, e resuscita para depois o adorarem.»

VERSOS

(*Á Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.^a D. L. N. V.*)

Amar-te, amar-te sempre, é meu destino,
O' linda flôr mimosa ;
Sem ti serei na vida peregrino,
O' perfumada rosa !...
E pode acaso alguém fitar-te qu'rida,
Encantadora Ophelia,
Sem dar-te o coração, sem dar-te a vida ?...
Pura como a camelia,
Tu mostras no sorriso angelical
A graça femenil
E teu semblante alegre, jovial
E' qual manhã d'abril.
Tua voz meiga e sonora,
De célica harmonia,
E' como o pipilar á luz d'aurora,
Da meiga cotovia.
O teu olhar — a luz da providencia —
Um astro rutilante,
Revela da mulher a fina essencia,
N'um coração vibrante.
E ao vêr-te assim modelo de bondade,
Eu fico mudo, extatico,
E curvo a frente e o peito á magestade
Do teu perfil sympathico.
Amar-te, amar-te sempre, é meu destino
O' linda flôr mimosa ;
Sem ti, serei, na vida peregrino
O' perfumada rosa.

A. Rebello. (Traz-os-Montes—Provezende).

Sobre charadas.—Existia n'esta villa de Currealinho um ancião de nome João Antonio Lopes Pereira, que falleceu com oitenta e tantos annos de idade, com quem, ás tardes, nos reuniamos, em pequena roda, palestrando quasi sempre sobre charadas, das quaes era tão bom decifrador, como habil factor, comprazendo-se, as mais das vezes, a fazel-as disparatadas, desviando-nos o mais possivel o sentido da questão.

Acontecia muitas vezes, quando lhe propunhamos alguma charada, elle dizer-nos incontinenti: «Emquanto eu medito na sua, vá-se divertindo com esta.» E dava-nos a *mesma* por differente fórma.

N'uma occasião, em que viajavamos juntos, em um dos vapores da Companhia do Amazonas, do qual era commandante o sr. Joaquim Barros, vinha tambem um passageiro de nome João Valente do Couto. Conversando sobre a tolda do navio, lhe disse este senhor:

— Sr. Lopes, sabendo que é um grande charadista, dê-nos algumas das suas.

Ao que lhes respondeu de momento:

— Pois então: siga seu professor aqui vae, 1 e 2:

Na barba
No rosto
Tributar-lhe elogios
E' todo meu gosto.—1—1.

Como se vê *de uma cajadada matava dois coelhos*, dando para um *Valente* e para outro *Barros*, fazendo persuadir que só dava uma, como era de esperar.

Para terminar esta noticiasiuha daremos ainda uma das d'elle para os amadores, cuja solução terão para o anno:

CHARADA LV (NOVISSIMA)

2, 1. —No centro de Madrid ha um dithongo, homem?

Leo (Currealinho —Pará).

VAMOS?

Meu lar, meu lar azul! Queres, bemdicta,
Gozar na vida de attracção superna?

— Mora em meu lar a primavera eterna,

— Da vida a nevoa no meu lar se agita.

Sabes as lendas d'essa Alhambra antiga?

De amor o encanto que em Chiraz se aponta?

— Lenda tão santa do meu lar se conta,

— Tão doce encanto no meu lar se abriga.

Já viste a lua que a Veneza accende ?
O sol de fogo que o Memphis clareia ?
— Lua mais linda no meu céu passeia,
— Sol mais brilhante no meu lar resplende !

Tu has de amar-me se a sorrir tu vires
A rubra aurora que em meu lar desponta
E' côr da purp'ra que a Phenycia aprompta,
Côr d'essa faixa que enrubece o Iriiz.

No vitreo arroio que os marneis alaga,
Miram-se os astros quando a noite é pura...
Grita a calhandra na floresta escura,
Scintilla a estrella que nos céos se apaga.

Por tardes minhas, do horisonte a fita
Faz-se purpurea... o seu clarão encanta...
Qual do Indostão na Cachemira santa
L'asseiam anjos no meu lar, bemdita.

Na flux dos tanques, sob impulsos sabios,
Corre a canôa, recortando um frizo...
Vamos...? tu partes...

Oh!... bemdicto o riso
Que qual resposta te estremece os labios.

Marialva. (Santa Maria Magdalena).

LOGOGRIPO XLIV

Na fé de sacerdote
Venho eu declarar,
Que terá um bom dote
Quem o bicho matar.

Alerta, camaradas !
Não percam a monção :
Em carta bem fechada
Enorme requiejão.

Envolto em fino manto—4, 8, 3, 6, 5.
Vi um typo *sem saber*—6, 2, 4, 10.
Estudando no insecto—9, 2, 4, 3, 10.
O que planta vinha a sêr !—1, 5, 7, 10.

Sou mineral
Ninguem duvide,
Para mata-lo
Entrem na lide.

Frei Donato. (Iguarassú—Pernambuco).

O silencio e a lagrima

Á distincta escriptora Sergipana, D. Anna Sabina de Menezes

Ha phases na vida que a palavra humana é impotente para definir, e que, se o tentasse fazer, ainda mesmo que fôsse manejada pela mais sublime e arrebatadora inspiração, ou pela mais arrojada e assombrosa eloquencia, não passaria de um som inarticulado e confuso, como os pios lugubres de mocho agoureiro em noite caliginosa de horrivel tempestade, em que os silvos agudos da ventania confundem-se com o triste rumorejar da floresta convulsionada e o cayo bramar do oceano agitado.

E' que, se a palavra é a prova da razão e da intelligencia, que distingue o ser racional do irracional, o silencio é a expressão tacita, mas eloquente e sincera da existencia e da concentração da alma, e, por consequencia, do sentimento.

A palavra indica que o cerebro está em movimento, isto é, que a intelligencia e a razão funcionam; o silencio diz que o coração soffre, isto é, que existe dentro em nós uma coisa mais sublime, mais nobre, mais elevada de que tudo — o sentimento; e o sentimento é o sentimento: sente-se o seu effeito, mas não se sabe exprimir-o, nem definil-o.

Quando o homem vê cahirem, uma a uma, as illusões da mocidade, desvanecidos os mais fagueiros sonhos de mancebo, ceifadas, ainda em flôr, as mais ardentes aspirações da juventude, e que a descrença e o desalento apoderam-se de seu coração, como que elle transforma-se em uma especie de cadaver ambulante.

Vive ainda, é verdade, mas não tem consciencia da propria existencia; e, n'esse angustioso transe, poderá exclamar com Junqueira Freire: — «Se não morri, sou transfuga da vida!» Entra em duvida se realmente ainda vive; e, como Thomaz Ribeiro, poderá n'essa triste conjunctura, exclamar: — «Existo... nem sei se existo!...»

E, no entanto, existe! Existe; mas os seus movimentos são automaticos; os seus passos são incertos e

vacillantes; os seus braços como que estão manietados; parece-lhe que a circulação se lhe paralysoou, que o seu coração já não palpita, que a sua alma desfalleceu completamente; crê pesar sobre a sua fronte sombria um céu de chumbo, carregado de negras nuvens, que ameaça desabar-se e esmagá-lo, e sente-se pregado ao solo e acabrunhado ao peso enorme dos ferreos grilhões que arrasta; falta-lhe até o ar para respirar, e, como a aguia que, livre e ousada, se arroja, em vôos alterosos, pelo espaço infindo, quizera «espanejando o pó das azas lucidas, douradas», voar... voar... e voar... até sumir-se longe e completamente d'este lodaçal a que chamamos mundo e que não é mais do que o desterro da eterna e verdadeira patria!

E' então que a palavra humana é mesquinha e impotente! é então que o silencio exprime tudo!

Meditamos... e, depois de algumas horas de profunda meditação, concentramos todas as idéas que entrechocavam errantes e dispersas nos acanhados compartimentos do cerebro. Então allia-se o sentimento com a razão, e essa alliança traz-nos o mais doce e grato conforto ás magoas da vida, porque faz renascer a esperança, quando mais não seja, da morte e da eterna recompensa!

Tranquillisa-se o espirito; e uma lagrima, uma só, que nos apressamos a enchugar para que olhos profanos não devassem os reconditos arcanos que, como preciosas perolas em cofre de custosos labores, avaros occultamos nas cellulas mais intimas do coração e nas fibras mais sensiveis de nossa alma, deslisa-nos, pezar nosso, furtiva e lentamente, pela face, é como salufifero e prodigioso balsamo que suavisa as nossas magoas, as nossas dôres e a nossa tristeza, e, como o arco-iris apoz a tormenta, é a prova de que surgio a bonança e com ella a deslumbrante aurora da paz e da consolação.

O silencio e a lagrima são, portanto, poemas de uma nudez sublime e indefinivel; são poemas do coração, da alma e do sentimento.

E' que o silencio e a lagrima não são da terra; a lagrima e o silencio são o emblema da Divindade, a linguagem dos anjos e a musica do céu.

Deus, na sua sabedoria e bondade infinitas, permit-

tio que o homem fallasse para que pudesse disfructar os prazeres da terra, mas deu-lhe o silencio e a lagrima para que pudesse formar uma idéa das delicias do paraizo !

João Bastos. (Maracás—Bahia).

SONETO

(***)

Vamos, fugi de mim, ó alvas Julietas,
Romanticas visões d' almas enamoradas ;
Eu tenho o coração cheio de chagas pretas,
Hediondas, crueis, fundas e gangrenadas.

Deixei morrer a fé a golpes de lancetas,
Apresento os signaes das fortes punhaladas;
Foram-se as illusões todas angustiadas
Mar em fóra da alma, ó lindas Julietas.

Tenho agora a mudez dos scytas silenciosos;
Prefiro o coração das creações de Ovidio
Ao vosso limpo amor, branco como os crystaes.

Affogo assim talvez os males tempestuosos...
— Bem haja a lentidão do meu cruel suicidio,
O' camélias do amor, ó rosas virginaes.

Candido M. d'Oliveira. (Rio de Janeiro).

Humorista.—Quereis saber o que os francezes chamam humorismo? (Nós não, porque a palavra não é portugueza, mas como não temos cá outra que bem a substitua, temos de a adoptar) Lêde o discurso que o tio Toby faz a uma mosca teimosa e impertinente, que durante todo o jantar esteve a perseguir-lhe o nariz, como o abutre no corpo de Prometheo :

— Vae, lhe diz elle, depois de ter jantado e depois de a haver á mão, atravessando a casa e abrindo uma janella. Vae, pobre mosca endiabrada, parte, porque hei de eu fazer-te mal? Este mundo é assaz grande para nos conter a ambos nós — a ti e a mim.

E dizendo isto abriu os dedos e deu a liberdade á prisioneira.

ACROSTICOS

Amei-te em risos : foi loucura, eu vejo
Mentira d'alma que passou sonhando,
Era um peccado profanar n'um beijo
Luz e futuro de teu fado brando ;
Inda não deve virginal teu pejo
Vôr das rosas desbotar-se amando.

As ondas que no mar soltas palpitam
Uma estrophe de amor aos céos levando
Gemem saudosas, tremulas se agitam
Dulantes na praia e se abraçando,
Serenas beijam solitaria margem,
Tem mais poesia quando o sol radiando
A flôr das aguas repercute a imagem.

Alma de cherubim com terreas vestes,
Inda assucena do jardim paterno,
Innocente volver de olhos celestes
Orava nos céos, onde um poder eterno
Em risos troca os prantos que lhe destes.

Uma canção eu quizera
Bella joven dedicar-te,
A casta fronte adornar-te
Inda como a primavera
De meigas, viçosas flôres,
Innocentes qual tu és,
No mundo buscar primores
A ir depôr a teus pés !

Rosa olorosa — que vivia um dia,
Onde se esconde — do Senhor a flôr,
Sonho tristonho — não te esfolhe e molhe
A alma, que a palma — fez-te amor compôr !

Pedro Antonio de Miranda. (Rio Grande do Sul).

CHARADA LVI (NOVISSIMA)

2—2— E' pura esta mulher consagrada ás musas.

D. Honorina C. G. Galvão Rocha
(Conceição do Almeida—Bahia)

Uma familia de inglezes visitando a exposiçào.— A Exposiçào de Paris, que chamou á França meio mundo, pôde dizer-se, vio no

seu seio povos de todas as nacionalidades — turcos, armenios, chinezes, africanos, marroquinos, — e ao lado destes e d'outros que



seria longo mencionar, europens de todos os paizes — distinguindo-se entre elles pela sua excentricidade, o seu aprumado, o seu

vestuario, o seu feitio, em summa — as familias inglezas. A nossa gravura representa uma familia ingleza que não tem menos de oito pessoas, caminhando

para o Campo de Marte com a fleugma que lhe é peculiar. Na frente vai o chefe e segue-se a esposa, e por alturas os seis filhos. Não se confundem, nem se trocam com os das outras nações. E' vel-os.

LOGOGRIPHO XLV

(*Offerecido ás caçadoras : Fluminense, Bahiana e Pernambucana*)

Por sobre a corrente—5, 2, 7.
que vae murmurando—4, 8.
perpassa, tremente,
a brisa, beijando
as aguas. E o rio—1, 6, 3.
manante, macio,
lá vae deslisando.

CONCEITO

O monstro, nas ancias crueis que o dominam,
os ares estruge co'a voz do trovão.
Mil ondas de fogo, que o céu illuminam,
despenham-se e rolam no ingreme chão.

D. Isaura Cezimbra. (Nitheroy—Brazil).

A Antonio Pedro

REPRESENTANDO NO "PARALYTICO"

Hoje que no seu templo é sacerdote e nume,
Flores, chovei sobre elle ! applaude-o, multidão !
O'roa essa frente acceza em sacrosanto lume !
É-nos dever saudar as glorias da nação !

Thomas Ribeiro.

Deus que tambem se entristece
Na viuvez das nações,
Dá-lhes um Antonio Pedro,
Quando as priva d'um Camões.
Este sonhador, poeta ;
Aquelle d'arte propheta ;
Mas gigante cada qual !
Ambos para as fronte bellas
Tendo do céu as estrellas
O diadema immortal !

Artista, não sei, ignoro,
Desde que no palco te vi,
Se foste feito para a arte
Ou a arte feita p'ra ti.
Tudo cede ao teu imperio !
Que a arte não tem mysterio
Para o artista creador. . .
Do teu genio ante a potencia,
Vê-se illudida a sciencia
Confunde-se a propria dôr !

Quando nos enches de pasmo
Na exhibição d'um papel,
Excedes Phydias talhando
A pedra com seu cinzel !
Em vez de inertes figuras
Tu esculpes creaturas :
E's o Phidias das paixões !
No craneo a idea escondida
Tem o marmore na vida
Para as tuas creações.

Todo o papel te pertence,
Não vejo qual seja o teu ;
Não se escravisa a uma fórma
Quem é da scena Protheu.
Tu só vales d'arte a historia !
De Talma e Salvini a gloria,
Já não podes invejar :
Paralytico no drama,
Tens o teu *Christo* na fama
Que te manda caminhar.

1876

Das «Vozes no Ar»

Que rei não trocára, artista,
Seu destino pelo teu ?
Que throno eguala em grandeza
Esse que a gloria te deu ?
Quem fez-se Prometheu d'arte
Se orgulha de em toda a parte
Poder assim se mostrar !
Teu pé na terra descança ;
Mas teu braço o céu alcança
Para o fogo lhe roubar.

Não houves das cachoeiras
Chegar o estrondo até cá ?
São palmas que a natureza
Ao vêr-te em scena te dá.
E' que a plaga americana
Tambem sabe soberana
Um culto aos genios render.
Para abraçar te hoje, ufano,
O vulto de João Caetano
Veja no palco se erguer !

E' elle que ordena a todos
Que te cerquem d'ovação !
E a platêa delirante
Quer jogar-te o coração.
Em quadro que encanta a vista
Confundem-se povo e artista
N'um abraço fraternal !
Junto a ti tudo se some,
Para cantar o teu nome
E' pequeno Portugal.

João de Brito. (Bahia).

O clero e a sciencia. — Em todos os tempos a Igreja Catholica tem sido calumniada e o seu clero grandemente diffamado, com o affrontoso epitheto de ignorante. Haverá razão n'este modo de proceder? Não ha. Vejamos.

Para a uma certa classe de individuos se poder devidamente, impôr um epitheto, é preciso que os seus actos manifestem peremptoriamente o que servio

de base a esse epitheto. Mas, dar-se-hão esses actos na parte que toca ao clero? Com certeza que não; porque, para lhe ter cabida o epitheto supra, era necessario que elle desprezasse o cultivo do campo scientifico; ora, n'este campo, é onde elle mais tem brilhado; por tanto, o termo ignorante, applicado ao clero, é falso, e producto, sem duvida, de inimigos encarniçados, e que mais teem em vista o desprestigio do mesmo clero, do que o amor á verdade.

E se não digam-nos: Não tem scintillado no firmamento da Egreja Catholica, soes luminosos, como um Bossuet, um Bourdaloue, um Fenelon, um Massillon, um Antonio Vieira, um Raphael Bluteau, um Alves Mendes, um Bernardes, um Silveira Malhão, na tribuna sagrada?

E na poesia, não destacaram sempre sobranceiros a esses poetas ronceiros, que tanto abundaram, e ainda hoje abundam, um Fr. Agostinho da Cruz, um Fr. Jeronymo Bahia, um Fr. Antonio das Chagas, um Fr. Bernardo de Brito, um José Agostinho de Macedo, um Antonio Pereira de S. Caldas, um Fylinto Elisio, um Domingos Caldas Barbosa, um Calderon de la Barca?

De nada servirão os trabalhos arrojadissimos no vasto terreno das sciencias naturaes, d'um Fr. Thomaz da Camara, d'um Monsabré, d'um abbade Lecomte, d'um Besmel, e d'um conego D. Caetano de Sancho Antonio?

E poder-se-hão dizer ignorantes aquelles, que se dedicaram d'alma e corpo ao estudo aprofundado da linguistica, como foram o cardeal Mezzofanti, que sabia mnitas linguas e varios dialectos, o jesuita Hervas, tão erudito e tão sabedor em linguas, que foi nomeado por Pio VII prefeito da bibliotheca do Quirinal, Fr. Paulino de S. Bartholomeu, que formou a primeira grammatica sanskrita, o cardeal Wiseman, o abbade Hin?

Mas, se n'estes estudos se tornaram immortaes muitos membros do clero, não menos exigem o nosso respeito e admiração: na physica e chimica, um Theodoro d'Almeida, um abbade Haig, um abbade Nollet, um Grimaldi, um Bartholomeu de Gusmão, portuguez, e o primeiro inventor dos aereostatos.

Na geographia, José Trefenthaler. Na musica, Fr. Estevão de Christo, D. Francisco Castelhana, Fr. José Marques, abbade Costa, José Mauricio Garcia, Fr. Domingos de Santa Anna, todos portuguezes.

Na historia patria, D. Fr. Marcos Lisboa, Raphael de Jesus, Jacintho Freire d'Andrade, Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, Barbosa Macedo, Caetano do Amaral, e Fr. Francisco de S. Luiz.

Na historia das outras nações, cardeal Retz, um Bossuet, um Muratori, um Tiraboschi, um Palavicino. Na astronomia, um Sechi e um Moigno.

A' vista d'isto, em presença d'estes nomes de clerigos, e d'outros que poderia citar, que tanto resplandeceram na Igreja Catholica, e que d'uma maneira tão nobre illustraram as litteraturas dos diversos povos, terá fundamento o epitheto de ignorante, com que os pseudo sabios teem brindado, e continuam brindando o clero?

Que o digam o bom senso, e o juizo imparcial de cada um.

João Chrysostomo. (Povoa de Lanhoso).

ACROSTICO

Es a rosa inda em botão que desabrocha,
Mais cheirosa que o nardo, ou alecrim,
Inda pretendo em teu vergel, ditoso
Tivre colher, esse botão p'ra mim;
Ingrata, acolhe meu amor zeloso
Vh! dá-me um riso em signal de sim!

A. A. V. C. (Limoeiro—Pernambuco—Brazi).

CHARADA LVII

Minha segunda, tão doce,—2
Tambem pertence á primeira;—2
Esta encontram facilmente
Cá na terra brazileira.
O todo sendo africano,
E' do reino vegetal;
Producto medicinal.
Vão achal-o sem canceira,
E não digo nem mais al.

Maximo Alves Ferreira. (Bahia).

MORENA

Morena quanto és formosa
N'esses teus olhos brilhantes!
Eu quero sonhar contigo
Sequer dois meigos instantes.

Feiticeira, és tentadora
Provocas febre e delirio;
Ha no teu seio ventura,
Ha f'ficidade e martyrio.

Teu labio pede outro labio
Que n'elle infunda calor;
Teu coração pede vida,
Tua vida pede amor.

Merêces quem te aprecie
Essa belleza e poesia,
Quem encha tua existencia
De vivo amor, de alegria.

Carinhosa, és seductora
Como um sceptro de rainha,
Dá-me um sorriso —sou teu,
E tu tambem serás minha.

Tens nos olhos tanto fogo
Tanto fogo de ternura,
Que no vibrar-os acendes
A paixão na alma mais dura.

Se eu pudesse nos teus olhos
Por uma hora os meus deter
De gosto cheio me viras
Em palpitante morrer.

E tu, em quebro amoroso
Languorosa os levantasses,
Se um tremulante suspiro
Junto a meu peito exhalasses,

No teu collo as quentes flammas
Do meu amor derramara,
Embora toda a existencia
N'esse momento acabára.

Gostosa vida eu agouro
Nos braços de uma paixão
A quem feliz aquecer
Teu virginal coração.

P. A. de Miranda. (R. G. do Sul.)

RUINAS

(EXCERPTO)

.....

E' um velho monumento religioso que encerra ha seculos dentro das suas paredes enormes, o segredo de muitas almas, o deslizar monotono de muita existencia placida, a agonia lenta de muito coração despedaçado. Uma das que mais ahi soffreu, unica talvez, que devido á indelicadeza e vaidade do marquez de Chamilly, se mostrou ao mundo na sua dolorosa complexidade d'amor e de torturas, foi a desde então celebre soror Marianna Alcolorado.

Natureza ardente, alma sensivel e intelligencia clara, Marianna apparece-nos envolta na poetica historia d'um amor desgraçado, soffrendo muitissimo,

adorando até ao fanatismo, e morrendo martyr da sua paixão desvairada.

De Chamilly preparou-a pouco a pouco, com a sua indiferença cruel, para o desenlace tremendo. Se pensou n'isso, talvez julgasse que assim seria menor o golpe e que a ferida sangraria menos.

Enganava-se. Marianna preferia com certeza a morte de todas as suas esperanças n'um só momento do que vê-las cahir uma apoz outra murchas, pallidas, perdidas para sempre.

O assassino é mais humano cravando logo o punhal no coração da victima do que enterrando lentamente.

Uma dôr enorme, inesperada, póde matar ou enlouquecer em menos d'um segundo; mas mil dôres espaçadas envenenam a alma, e a agonia do coração como é mais lenta, é mais horrivel que a do corpo.

Marianna amou e sonhou muito. Concorriam para isso duas coisas poderosas; — a sua imaginação exaltada e a solidão da cella.

Só, sem uma voz carinhosa que a distrahisse, entregue aos impulsos d'um coração ardente e ás extravagancias d'um pensamento desvairado, fez d'aquelle amor immenso, a felicidade e a esperança da sua vida inteira.

Mas... caprichos do coração humano!...

O conde de Saint-Leger, Noel Boutan de Chamilly, depois marquez de Chamilly, era segundo a tradição — tão estúpido e tão bronco que mesmo não se entendia que pudesse possuir algum talento para a guerra.

.....

Está uma noite formosissima; noite de julho luminosa, perfumada, encantadora.

A lua surgio ha pouco, e um dos seus raios illuminando as torres do velho convento, parece murmurar tristemente o nome da pobre freira apaixonada.

.....

D. Magdalena Martins de Carvalho (Reguengos).

AMOR PARA OS VELHOS

O amor para os velhos é como o sol para a neve; deslumbra-os mas não os aquece.

LOGOGRIPO XLVI (CARTA)

Amigo Dr. Cordeiro,
Venha de lá um abraço.
Ha que tempo, seu frêcheiro,
Eu não entro n'este paço!—1, 11, 3, 8, 17.

Mas o que quer, seu Roiz,
Tornou tão confusa a cousa,—10, 12, 3, 4, 2.
De sorte que o meu nariz
Entrar, de certo, não ousa,—13, 14, 19, 15, 5.

Não ousava! Pero agora
Ès facil el almanaque.—19, 9, 1, 20.
Pues botó, Antonio, fóra
Los de difficil ataque—15, 11, 19, 14, 1.

Et encore, je veux entrer
Dans la lutte, aujourd'hui.—6, 7, 16.
Cent a cent je vais tuer
Seigneur Xavier, oui!—9, 3, 4, 11, 6, 18, 2.

Pelo meu carcaz e flechas,
Pelo meu cocar de pennas, 2, 19, 9, 15, 11.
Lhe juro que farei brechas
Horriveis nas taes *pequenas*.—9, 15, 2, 19, 11, 1.

Hei de levar de vencida
Toda a troça da cidade—19, 17, 8, 5.
Comtanto que a errante vida
Dê-me descanso, em verdade!—15, 5, 10, 17.

Yo lloraré, pero poco,
Las muertes, porque merece—16, 5, 3, 1, 11.
Cada qual um murro, un sôco,
Porém nem uma só prece!—13, 19, 17, 8, 20.

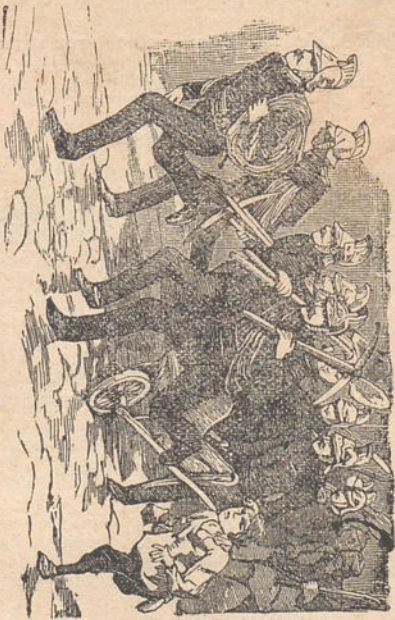
Basta de prosa! Vai longa
Esta. Usted publica, oui?
Chama ao trabalho a araponga,
Adieu, mon cher ami.

Taba dos Cahetés, 20 de fevereiro de 1890.

Caçador Indiano. (Pernambuco).

Fogo! fogo! — Este grito sobressalta, intimidada, a terra. Cada um, se toca, ou se lhe dizem que é na sua freguezia, cuida logo que é na sua casa, e

corre, corre, como fóra de si, e não socega senão quando se convence que não é na sua habitação. Estrugem os apitos, tudo se agita. Acodem bombas, carros com escadas e mangueiras; acodem bombeiros com picaretas e machados; vem tropa para circumscrever o espaço necessario para um trabalho desafogado, e não consentir que a multidão o invada.



corre, corre, como fóra de si, e não socega senão quando se convence que não é na sua habitação. Estrugem os apitos, tudo se agita. Acodem bombas, carros com escadas e man-

Tudo está a postos, e prestes a começar o ataque. Salvam-se alguns inquilinos pelas mangueiras, outros logo no principio poderam salvar-se pelas escadas do predio. Conseguirão extinguir o terrivel elemento, que parece ganhar forças pela nortada que o agita?

Quem sabe! Já se refrescam os predios contiguos,
para que ao menos estes se salvem, se não poder
salvar-se o que está presa das chammas.

Deus nos livre d'este flagello.

CHARADA LVIII (EM LOSANGO, POR LETTRAS)

São duas lettras, bem sei,
A prima e mais derradeira ;
Quanto á segunda, direi
Que é droga, não brazileira.

Tens na tércia um vegetal,		A quarta morde, cuidado !
Pódes vê-lo na deveza,		É um animal. Vês a sexta
E a quinta é certo animal:		No mar calmo ou agitado;
Dois reinos da natureza.		Depois, setima—o que resta?

D. Deolinda Simões. (Villa da Amargosa—Brazil).

JUNTO A UMA FLÔR

Ouve, escuta, ó minha Annita
O perfume d'essa flôr ;
Ella fica mais bonita
Perante o teu resplendor !

Olha-a, sim, como ella fita
Dos teus labios o rubôr...
Oh! de inveja ella palpita,
— Pobre rosa, ó pobre flôr

És mais Linda que essa rosa,
mais meiga, terna e miuosa,
Que as flôres da natureza !

Como flôr és mais altiva,
Ingenua, doce e mais viva :
—Pois és a flôr da belleza !

(Das *Gaivotas*).

Bento de Mello. (Rio de Janeiro).

A guerra, segundo Thucydides.

—Com a guerra, diz elle, a avareza desperta, a justiça se aterra, a violencia e a força triumpham, a libertinagem toma um novo impulso, o poder cae muitas vezes nas mãos do peor dos homens, os bons são opprimidos, a innocencia é calcada, as donzellas e matronas são prostituídas, as provincias devastadas, os templos destruidos, e a habitação dos mortos profanada. Emfim a guerra traz sempre consigo a fome e a peste.

ELEGIA

Á INESPERADA E CONSTERNADORA MORTE DA EXCELSA
SENHORA D. THERESA CHRISTINA MARIA
EX-IMPERATRIZ DO BRAZIL

Benções piedosas, lagrimas sentidas,
dôr sincera das almas consternadas
das viúvas, das orphãs condoídas,

unir-vos quero, perlas delicadas,
n'uma grinalda, emblema de mil dôres,
d'infinitas saudades enlaçadas.

Oh! venham mais as innocentes flôres,
— risos da infancia — brancas açucenas
que luz piedosa abriu d'entre amargores!...

Soluços d'anciãos, preces serenas
que santificam asperos martyrios
da molestia dos males e das penas...

vinde juntar-vos, como roixos lyrios,
vinde, ás saudades, ás cecens mimosas,
tristes á luz de merencorios cirios!

Dôce Fé divinal, nas preciosas,
celestes graças de tua luz infinda,
vem banhar estas flôres dolorosas!

Traze-me o casto véo, e pura, e linda,
ó Caridade — Estrella das estrellas —
seu frio leito vem cobrir ainda!...

Ella dorme feliz! — se as tardes bellas
de sua vida abençoada e pura
toldaram negras sombras de procellas...

Descança em paz! — lá da Eternal ventura,
na sempiterna, flácida Alvorada,
não vê, sequer do mundo uma amargura!

.....

Alma que ao céo voaste coroada
das virtudes, do bem que praticaste,
implora o bem á terra que deixaste!

Fevereiro—1890.

D. Delminda Silveira. (Desterro—Brazil).

Resposta soberanamente varonil de uma rainha

Maria Stuart, filha de Jacques V e de Maria de Guise, nasceu em 7 de Dezembro de 1542. Poucos dias depois falleceu seu pae, ficando regente do reino a sua viuva. Aos 9 mezes de idade, Maria foi pedida para o principe de Galles, filho de Henrique VIII, mas a Escocia, colligada então com a França, projectou logo o seu casamento com o Delphim.

Morrendo Henrique VIII, um exercito entrou na Escocia a reclamar a menina destinada ao Principe de Galles, mas a regente, para que sua filha nunca fôsse esposa de Eduardo VI, embarcou-a para França a 13 de Agosto de 1543, sendo recebida paternalmente por Henrique II.

A 24 de Dezembro de 1558, Maria Stuart casou com o Delphim, e a 10 de Julho de 1559, expirando o rei de França, subiu ao throno seu esposo Francisco II. Morrendo a regente da Escocia a 10 de Junho de 1560 e pouco depois Francisco II, Maria aos 18 annos ficou donataria da França, rainha da Escocia e pretendente ao throno de Inglaterra, a que, como neta de Henrique VIII, tinha tanto ou ainda mais direito que sua prima Isabel, que havia sido excluida do throno por seu pae, declarando-a illegitima por occasião do processo de sua mãe Anna Bolena.

A 15 de Agosto de 1561 Maria Stuart regressou á Escocia, onde um povo inteiro a chamava, apartando-se da França com profunda saudade. (*Veja-se o Supplemento do Almanach de 1886 pag. 80 e o do Almanach de 1888 pag. 189, nos quaes o Sr. Paio Peres em maviosa poesia*

e o Sr. Emilio de Aguilar em fina prosa descrevem o ultimo adeus á França d'esta Rainha)

A 29 de Julho de 1563 casou com Lord Darnley, filho mais velho do Conde de Lennox e pretendente á corôa de Inglaterra.

O odio, que já lhe tinha Isabel, vendo-a sua igual em posição e superior em talentos e formosura, augmentou com este casamento, e principiou a incitar á insurreição os lords escocезes, que tinham á sua frente Jacques Stuart, conde de Murray, irmão natural de Maria. Mas o exercito dos rebeldes foi derrotado pelo da rainha a 3 de Setembro de 1563.

A 9 de Março de 1566 foi assassinado por ordem de Darnley e na presença da rainha o italiano Rizzio, seu secretario intimo. (Veja-se Almanach de 1853 pag. 99.) Foi d'este assassinio que se originaram todas as suas infelicidades porque nunca poudo perdoar a Darnley o suspeitar da sua honra, mandando praticar um tal acto.

A 19 de Junho de 1566 nasceu seu filho Jacques, e pouco tempo depois foi tambem assassinado Darnley por Lord Bothwell.

Então os emissarios de Isabel fizeram convencer Maria a casar com Bothwell, o que se realisou a 15 de Maio de 1567 e assim a desditosa rainha tornou-se cumplice do assassinio de seu esposo, diziam que para vingar a morte de Rizzio.

Tal é sempre a urdidura das intrigas da Inglaterra!

Então quasi toda a nobreza se ajuntou aos seus inimigos e declararam-lhe guerra.

Os dois exercitos encontraram-se a 5 de Junho de 1567 mas a intervenção de Mr. Ducrop, embaixador francez, evitou a batalha. Sir Lagrange foi tratar da paz com a rainha, que abandonaria Bothwell e seria conduzida ao campo dos confederados com todas as honras que lhe eram devidas.

Maria ali se dirigio, sendo recebida com aclamações de entusiasmo, mas ao entrar em Edimburgo, apezar de todos os esforços dos nobres, o povo recebeu-a com insultos, quebrando os vidros das janellas do seu palacio.

Tendo os fidalgos faltado ás suas promessas, ella julgou-se no direito de faltar ás suas e escreveu a Bothwell, mas a carta foi entregue pelo portador aos nobres da

Confederação, que, reunindo conselho, determinaram prendel-a no castello de Lochleven, onde entrou a 16 de Junho de 1567.

Entretanto a Escocia era governada pelo conde de Murray, mas, para pôr termo á guerra civil era necessaria a abdicação da rainha e a nomeação do regente.

Para este fim apresentaram-se no castello Lord Lindsay de Bires, Sir Melvil, e Lord William Ruthwen, enviados extraordinarios da Confederação.

Ella não difficultava a sua renuncia ao throno, porém recusava-se obstinadamente a entregar a regencia a seu irmão que se fizera o chefe do partido inimigo.

— Dizei ao conselho, Milords, que haveis achado Maria Stuart presa, mas sempre rainha, e que o primeiro acto de sua auctoridade, que talvez lhe possam roubar, mas que nunca cederá, ha de ser o de mandar cortar a cabeça aos traidores e aos rebeldes, que tiveram audacia bastante para a menoscabar, fazendo-lhe semelhante proposta.

Então Melvil, amigo dedicado da rainha, entregou-lhe em particular uma carta dos seus partidarios Lord Hennis e Lord Seyton, em que lhe pediam para assignar tudo, porque n'isto estava a sua salvação e a felicidade da Escocia.

Chamados novamente os embaixadores, a rainhã disse-lhes:

—Milords, é preciso ceder, quando se não pode resistir. Dae-me esses papeis para que eu os assigne.

—Senhora, replicou Ruthwen, fica entendido que V. Graça tem o arbitrio livre, assigna voluntariamente e não pretenderá argumentar com a situação, em que se acha.

Maria ao ouvir estas palavras atira com a penna para longe:

—Milords, se esperam que eu declare de moto proprio, que sou indigna entre os Stuarts de cingir a corôa que possuímos ha 3 seculos, enganam-se, porque nunca assignarei tal infamia.

—Pelo céo! exclamou Lindsay, agarrando com força na mão da rainha com a sua manopola de ferro, haveis de assignar. Senhora, porque sou eu que vol-o digo...

—Sim, Milord, sim: disse ella com os olhos radiantes de alegria, porque eu só esperava algum acto, co-

mo este, para assignar. Eu o faço voluntariamente e de mui bom grado. E levantando a mão e mostrando o pulso ainda roxo, acrescentou: eis aqui o testemunho do meu livre arbitrio!...

Dizendo isto, assignou rapidamente os papeis.

Lindsay quiz balbuciar algumas desculpas, porém Maria o atalhou:

— Como, Milord! desculpas? eu só tenho de que vos agradecer. O que sinto, é que esta real mão não possa conservar-se assim roxa e martyrisada até ao dia em que a mostre ao meu povo, da janella do meu palacio de Holyrood.

Finalmente, no dia 2 de Maio de 1568 os amigos da rainha conseguiram evadil-a do castello de Lochleven, mas o seu exercito de oito mil homens foi completamente derrotado pelos cinco mil de Murray perto de Glasgow, em consequencia da contra indicação das ordens dos commandantes, que se atropellavam para alcançar o poder supremo,

Foi então que ella determinou passar á Inglaterra, apesar dos rogos e lagrimas dos seus bons amigos. Aqui foi logo considerada prisioneira até provar perante um tribunal a innocencia dos crimes que lhe imputavam.

Os reis de França e de Hespanha escreveram a Isabel solicitando a liberdade de Maria, e o papa Pio V expedio uma bulla excommungando-a, mas ella a nada se moveu, e por fim recusou-se a receber os embaixadores.

Uma conspiração de catholicos aventurou-se, sem que Maria de nada fosse informada, a traçar o plano de assassinar Isabel e libertar Maria. A conspiração foi descoberta e a rainha de Inglaterra teve então o ensejo de processar Maria, como auctora do attentado.

A sentença foi pronunciada, e a 18 de Fevereiro de 1587, de Maria Stuart na idade de 45 annos entregava a cabeça ao cutélo.

(*Veja-se almanack de 1854 pag. 81*)

Miguel Augusto Rogerio da Encarnação.

BONS E MAUS

A perversidade do coração extermina a fé; porque, se para os bons crêr é esperar, para os maus crêr é temer.

VERSOS DE H. HEINE

(REISIBILDER)

Mais claro vae tornando-se o horisonte,
Do sol nascente aos timidos fulgôres ;
Longe, bem longe, as grimpas das montanhas
Banham-se n'um oceano de vapores.

Botas de sete leguas eu tivesse
Que rapido correra como o vento,
De grimpa em grimpa, até da minha amada
A' moradia, ao placido aposento.

Do delicado leito onde ella dorme
Docemente as cortinas abriria;
A sua meiga fronte docemente
E docemente os labios beijaria.

Mais docemente murmurar quizera
Ao seu ouvido junto á face linda :
«Pensa em sonhos — que ainda nos amamos
E não perdemos a esperanza ainda !»

Jaguarão, 1881—Abril, 22.

Mericano (brazileiro).

A FELICIDADE DOS OUTROS

Os individuos que vêem sempre a felicidade na casa dos outros são ordinariamente aquelles que para si a não encontram em parte alguma.

ENIGMA XVI (PITTORESCO)

(ADAGIO)

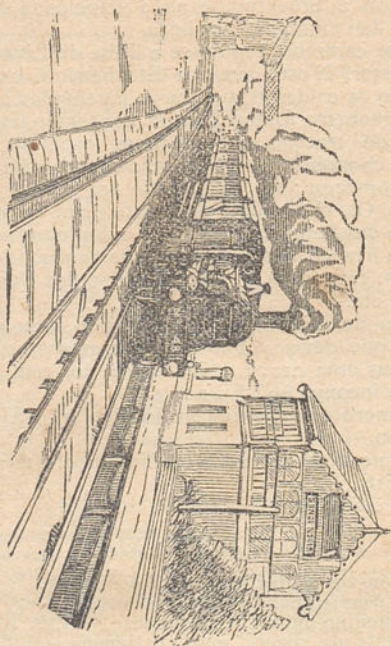
(Ao talentoso joven José Pacheco de Medeiros)

Vb' M qatt 2xa III

F. M. da Silveira. (Cidade de Ponte Nova—Minas).

Caminho de ferro. — Meio mundo conhece hoje o que é um caminho de ferro, o que é um comboio e uma locomotiva. Não era assim no

princípio d'este século. O primeiro caminho de ferro que se viu explorado por uma locomotiva deve-se ao estudo aturado e persistente de Jorge Stephenson, engenheiro inglez, que de conquista em conquista chegou ao que tanto desejava. Pôde dizer-se que a data do invento do caminho de ferro é 1814, porque foi n'este anno que Stephenson conseguira



que uma machina posta sobre carris, que levavam a uma mina, puxasse oito wagons com a velocidade de quatro milhas por hora. Não era ainda bastante. Em 1815 e 1816 seguiram-se novos estudos. Passaram alguns annos. Diziam os invejosos que este meio de locomoção, além de muito dispendioso, servia só

para pequena distancia, e era por consequencia de pequena utilidade pratica. Enganaram-se. Em 27 de setembro de 1825 inaugurava-se a linha ferrea de Darlington a Stockton, e ahi a velocidade de comboyo já deu 26 milhas por hora.

A este caminho seguio-se a linha de Liverpool a Manchester. N'este caminho Stephenson, que tinha adoptado as caldeiras tubulares inventadas em 1829 pelo engenheiro francez Seguin, conseguiu uma velocidade de tracção que ninguem esperava. D'este modo o caminho construido unicamente para mercadorias começou a ser empregado em serviço de passageiros. Os resultados obtidos fizeram com que o systema das linhas ferreas fosse adoptado na Inglaterra, na França, na Belgica, na Allemanha, na Suecia, na Italia, em toda a Europa, nos Estados Unidos, no Egypto, etc.

Estava descoberto e aperfeiçoado o invento maravilhoso que devia voltar a face do mundo sublunar.

Quereis uma prova da influencia dos caminhos de ferro na locomoção? Eis-a :

O numero de viajantes em França em 1830 foi de 2.000:000.

O numero de viajantes em França em 1865 foi de 84.025:516.

Estas cifras são eloquentes.

LOGOGRIPHO XLVII

Dou-vos a decifrar, leitor constante,
Um passaro nos bosques encontrado, — 3, 7, 10
Pequenino animal, interessante, — 4, 2, 1
E mais um vegetal muito estimado. — 6, 8, 5, 7, 9

Inda vou dar-vos o preciso auxilio
Para que destrinceis o meu composto :
No todo achaes um animal brazileo,
Que fornece um pratinho de bom gosto.

D. Mathilde Cardoso (Limeira — Brazil).

MAGOAS

(A minha irmã C. M. F. Feio)

Porque partio tão cedo d'esta vida
O amigo esposo teu, o teu cuidado?!...
Porque é que n'um momento aquelle espirito,
Voou da terra para o mundo alado?!...

Sorria-lhe nos olhos tanta vida,
E n'um instante, n'um gemer profundo
Cerraram-se, extinguindo-se-lhe o alento!...
Ficou dormindo somno eterno e fundo!...

Pelo quarto um silencio pavorozo,
Então triste, funereo vagueou.
Para acordar depois em dores horridas,
Nos corações dos entes que elle amou!..

Ai! que soffrer cruel n'essas crianças,
Que viviam alegres descuidosas!...
E que um momento só bastou, ai, tristes!
Para as tornar assim tão desditosas!!

.....
Porque partio tão cedo d'esta vida
O amigo esposo teu, o teu cuidado?...
E porque n'um momento o seu espirito,
Voou da terra para o mundo alado?!...
1889

D. Leonor de Figueiredo Castello Branco.

A cidade de Campos. — Esta cidade, a maior e mais importante de todo o estado do Rio de Janeiro, está situada á margem direita do rio Parahyba, e entre as cidades de S. Fidelis e S. João da Barra.

A sua extensão é de cinco kilometros binario e tres para o centro, e está distante 388 kilometros da capital do Estado.

Possue muitos e excellentes predios publicos e particulares; entre os primeiros, distinguem-se o da Intendencia municipal, Santa Casa da Misericordia e Cadeia publica, que é magnifica, não só pela sua construcção elegante, como tambem pela sua segurança; occupa uma área de cerca de 80 metros quadrados, e tem quatro

grandes salões, além de outros commodos destinados a prezos de alta regalia; é toda de cantaria, está situada n'um dos melhores pontos da cidade e foi inaugurada em março de 1889, pelo então presidente da ex-provincia do Rio de Janeiro, o conselheiro José Bento d'Araujo.

O seu municipio riquissimo, cuja exportação em grande escala consiste em assucar, café, aguardente, e goiabada, e em outros generos alimenticios em menor escala, taes como: feijão, farinha, milho, etc.. é cortado por tres excellentes vias ferreas, além de mais duas em construção, que, creio, em breve tempo nos ligará a primeira, a visinha cidade de S. Fidelis e a segunda a Gargahú por S. João da Barra. A mais antiga d'ellas é a de S. Sebastião, que nos liga ás freguezias de S. Gonçalo, S. Sebastião e Santo Amaro; a segunda, a Macahé e Campos com comunicação diaria com a capital do Estado, passando pelas cidades de Macahé, Capiray, Rio Bonito e outras localidades importantes. Além d'essa estrada, dispõe a companhia Macahé e Campos de tres excellentes vapores para as viagens maritimas para a capital federal pelo porto de Macahé, e a estrada de ferro Carangola, que, partindo d'este Estado, atravessa o do Espirito Santo, seguindo até o de Minas Geraes, passando tambem pela cidade de Itaperuna e outras freguezias importantes como Natividade, Santo Antonio, Lage, Patrocínio, etc.

A navegação fluvial tambem não é das peiores, pois que é feita por seis excellentes vapores, com lotação para cincoenta passageiros cada um, pouco mais ou menos; os vapores *União* e *Cachoeiro* nos liga pelo rio Parahyba á cidade de S. João da Barra, e o *Miracoma*, *Cambucy* e *Muriahi* á cidade de S. Fidelis; e um outro menor o *Santa Rosa* que faz viagens para o Muriahi e Cachoeiro.

Tem tres sociedades carnavalescas; o Club Macanoni, os Tenentes de Plutão e o Indiano Goytacaz, e outras sociedades de dança etc.; duas sociedades beneficentes, a Sociedade União artistica e a Beneficencia portugueza, que é uma das melhores de todo o Brazil.

A companhia de bonds, graça que se deve aos inauditos esforços e actividade do benemerito e abastado capitalista portuguez, commendador José Cardoso Moreira, de saudosa memoria, está completamente reformada, possuindo tres linhas para diversos pontos da cidade com uma extensão total de nove a dez kilometros.

A iluminação publica é feita pela luz electrica, inaugurada em 24 de junho de 1883, em presença de D. Pedro d'Alcantara, então imperador do Brazil.

Foi a primeira cidade da America do Sul que adoptou tão importante e aperfeiçoado systema de iluminação.

Tem dois grandes bancos; o Banco de Campos e o Banco Commercial e Hypothecario, e uma Caixa Depositaria; uma bem montada fabrica de chapéus; duas de cerveja; uma de tecidos de algodão, realisada por iniciativa do fallecido capitalista portuguez, Francisco Ferreira Saturnino Braga, cujo pessoal é calculado em 200 e tantos operarios de ambos os sexos; dois theatros, um dos quaes, o S. Salvador, rivaliza com os melhores do Rio de Janeiro; nove pharmacias; tres hotéis e dois cafés de primeira ordem; tres depositos de machinas de costura; onze egrejas, sobresaindo entre ellas a Matriz, S. Francisco, a do Carmo e Mãe dos Homens, que, pela sua architectura moderna e elegante nada deixa a desejar rivalizando com os melhores templos das mais importantes cidades do Brazil; um Lyceu de Humanidades para a instrução secundaria e outro de Artes e Officios destinado a aprendizagem de desenho, esculptura, geometria, etc., para ambos os sexos; uma agencia de jornaes estrangeiros e nacionaes; quatro depositos de chapéus; quatro livrarias; quatro fundições, deposito e fabrica de machinas e instrumentos para a lavoura; uma companhia de gaz corrente, do qual se serve quasi todo o commercio e muitas casas particulares; duas officinas photographicas; cinco relojoarias; cinco typographias, pautação e encadernação, duas das quaes muito bem montadas; duas fabricas de sabão; quatro jornaes diarios, dois bi-semanaes e dois semanaes; dez padarias e uma confeitaria; uma pilação de arroz; uma empreza telephonica; um azylo para expostos da Santa Casa da Misericordia; duas companhias de seguros; dois externatos e internatos para as instruções primaria e secundaria; muitissimas lojas de molhados, ferragens, fazendas, sapateiros, selleiros, tanoarias, alfaiates, ourivesarias, officinas e fabricas diversas, etc.

A população da cidade é de cerca de 25:000 habitantes, as suas ruas são bastante largas e extensas e decentemente calçadas, com as competentes placas e numeração.

No correr dos annos de 1888 e 1889 foram construídos e reformados cerca de 300 predios, inclusive, alguns publicos, como o da Intendencia municipal, cadeia, telegrapho e correio.

Uma solida ponte de ferro de oito metros de largura e cem de extensão, sobre o rio Parahyba, liga a cidade com a freguezia de Santo Antonio dos Guarulhos, no lado do norte.

A cidade de Campos pode orgulhar-se de ter sido o berço de muitos homens illustres; entre elles distinguem-se o conselheiro Thomaz Coelho, ex-senador do antigo imperio; dr. João Baptista de Lacerda, medico distinctissimo; dr. José Bento d'Araujo; conselheiro Costa Pereira; José do Patrocínio, distincto jornalista de primeira ordem, ex-redactor da *Gazeta da Tarde* e actual redactor-chefe da *Cidade do Rio* e um dos vultos mais eminentes do abolicionismo brasileiro; dr. Teixeira de Mello, primoroso escriptor e poeta de grande nomeada; João Barreto, jornalista como poucos; Carlos de Lacerda, o glorioso chefe do abolicionismo campista e tantos outros.

Campos foi o quartel-general do abolicionismo, como bem o disse no parlamento o Barão de Cotegipe, de saudosa memoria, e foi ainda uma das cidades do Brazil que mais se bateu pela causa da Republica, tanto na imprensa como nas conferencias publicas pelo intrepido republicano dr. Nilo Pessanha e outros.

Salve! cidade de Campos!

17 d'abril de 1890.

Antonio Pires da Silva Junior (Campos).

CHARADA LIX

Ao Dr. Eugenio Savard

Muda letra, meu leitor — 2
E terás papa gostosa,
Muda final e verás
Uma arvore bem frondosa — 2
Não mudes nada e terás
Uma fructa saborosa

Estado de S. Paulo — (Brazil).

As Graças Paulistas.

AMOR E DESVENTURA

(A...)

Ella era bella e meiga como a aurora
quando louçã desponta no horizonte,
como a lua que mostra a linda fronte,
como o sol que no mar, alem, descora !...

Amei-a ! e ainda eu sinto a chamma
d'esse amor a dizer-me : «espera e crê» !
minh'alma, revestida então de fé,
espera e curva-se ao calor que a inflamma.

Amei-a ! como a rôla ama o seu ninho !
e como a borboleta adora a flor !
depois a minha amante soffre a dor,
e fico sobre a terra sem carinho !...

Ai foge á funda magua que te invade
o peito que palpita só d'amor !
não t'importes ! esquece a negra dor
a dor que tens por causa da amizade !

Mulher que adorei na flor dos annos !
unindo as nossas mãos, serás feliz !...
escuta a minha voz, ella te diz :
«terás a paz em vez dos desenganos !...»

Bem sei que tu me foges se procuro
as mãos cubrir-te de mil ternos beijos,
dizer-te : «une aos meus os teus desejos ;»
«juntos busquemos um melhor futuro...»

Eis a causa do pallido desgosto
que sinto quando eu penso em ti mulher !
o problema : «querer mas não poder»
lê-se tanto no meu como em teu rosto !

Ilha de S. Nicolau — Cabo Verde.

N.º 1 da associação S. Nicolaense.

A mulher marinha.— N'um livro que se intitula *Delices de la Hollande*, lê-se :

Que depois d'uma tempestade que em 1430 tinha rompido muitos diques se encontrou n'uma praia, n'uma

fossa cheia de vasa, uma mulher marinha, ou mulher peixe.

Tinha, diz o livro, pouco mais ou menos a figura d'uma mulher, cabeça redonda, olhos grandes, rosto largo e cheio, nariz curto e achatado, dentes muito brancos, cabellos azulados. Os dedos eram meios espalmados; desde a cintura inferiormente tinha a fórma d'um peixe.

Esta descripção parece servir á sereia dos antigos :

Desinit in piscem mulier formosa Superne.

Levaram esta mulher peixe a Harlem, vestiram-n'a e ensinaram-lhe a fiar. Viveu alguns annos, diz o livro, mas nunca aprendeu a fallar, a sua voz, ou o seu grito era uma especie de gemido.

Acreditam? Se esta mulher não tinha pernas, nem pés, como podia ter-se em pé, e andar? Estava sempre deitada, e deitada é que aprendeu a fiar? E se era mulher-peixe podia viver sem ser mergulhada na agua do mar?

Era conveniente que o auctor das *Delicias de Hollanda* nos explicasse estas coizas.

O nosso Gaspar Correia, nas *Lendas da India*, falla d'uma grande lagoa na Abissinia, e diz :

«N'esta lagoa ha as sereias que se pintam, que são meias mulheres da cinta para cima, e da cinta para baixo são peixes. E isto segundo contavam os da terra, e contavam d'outras coizas mui espantosas e duvidosas de crêr, e por isso se não escrevem.»

Gaspar Correia não é novelleiro, nem elle vio as sereias. Referindo-se a ellas diz que existiam, *segundo contavam os da terra*.

Mesmo a Mythologia não é uniforme a este respeito. Ovidio nas *Metamorphoses* fallando das sereias diz :

..... *vobis Acheloides, unde
Phuna pedesque aviun, quum Virginis ora geratis?*

«Mas vós, filhas d'Áchelous, d'onde vos vem essas azas, e esses pés d'aves, junto a esse rosto de virgem?»

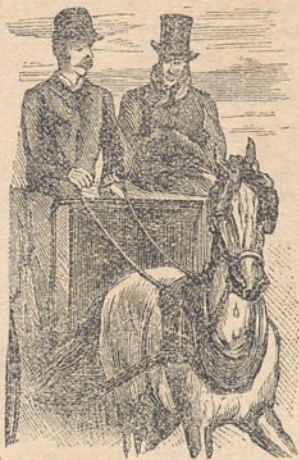
Claudio descreve-as do mesmo modo.

De sorte que as sereias para uns são meias mulheres, meias peixes, para outros meias mulheres e meias aves, mas aves que Plinio, que era um naturalista, e não um poeta, colloca entre as fabulosas.

Carruagens. — Entre as elegantes carruagens modernas e os carros puchados a bois em que passeava às vezes Carlos Magno, e os reis dos primeiros seculos ha um abysmo. No fim do seculo xvi é que começaram a apparecer as primeiras carruagens,

até então os nobres andavam a cavallo, as damas, ou em liteira, ou a cavallo em hacaneas (cavallos ou eguas medianas e alindadas) ou d'ancas com o cavalleiro.

Quando Luiz xiv entrou em Paris, que foi



já no seculo xvii, attrahiam a attenção do publico as hacaneas brancas d'Anna d'Austria, cobertas d'arnezes riquissimos, onde brilhavam os lavores de oiro e prata.

O que é fóra de duvida é que em França,

e refiro-me a este paiz, porque a França já era, continuou a ser, e é ainda a patria da elegancia, não houve carruagens em Paris antes do fim da Liga (1596). Entretanto em Madrid mostra-se uma bella carruagem com enfeites de tartaruga, que dizem ter pertencido á rainha Joanna a Doida, mãe de Carlos v, que nasceu em 1479 e morreu em 1555. Ou n'este caso a côrte de Madrid levou a palma a Paris, ou o coche que ali se mostra não foi da infeliz Joanna a Doida.

Voltando á França, foi só em 1630 que o duque de

Roannez obteve de Colbert o privilegio de estabelecer em Paris carruagens publicas para alugar, com a condição de que n'ellas se não admittisse nenhum pagem, soldado, lacaio, ou homem d'officio.

Entre nós os que vivem em Lisboa, teem visto os magnificos coches de D. João v, mas D. João v, que procurou em tudo imitar Luiz XIV, só subio ao throno em 1706, já no seculo XVIII.

O Professor José Pinto Chichorro da Gama

(AOS SEUS PARENTES)

D'aurea lingua do cysne mantuano
Querido mestre, mestre consummado,
Eis-te livre do mar sempre agitado,
Do insondavel mar do mundo insano.

Quão util foste á patria, desvelado
A instruir, benemerito bahiano!...
De mais preço que o ouro soberano,
Legaste a ella e aos teus um nome honrado.

Se os fóros de notavel anhelando
Consegue-os marcia turba, sem piedade,
Combatendo, ferindo, exterminando,

Tu, sem prejudicar á humanidade,
Notavel te fizeste, transformando
Em clara luz — nociva escuridade.

Antonio E. Moniz. (Bahia).

LOGOGRIPHO XLVIII (POR SYLLABAS)

No corpo está, com certeza, — 1, 3
Do pequeno e bello insecto — 4, 3
Um bom meio de defesa. — 2, 4
Sou producto mui selecto
Da fecunda natureza,
Lá nas florestas vegeto.
Ahi deixo, com clareza,
O logogrifho completo.

D. Clotilde A. de Araujo.
(Santa Catharina — Desterro).

Industria rendosa

UMA ORAÇÃO SUI-GENERIS

São muitos e mui complexos os meios pelos quaes — desgraçadamente — uma immensidade de nocivos parasitas da especie humana, *vivem* e até progridem á sombra de uma religião que não respeitam; cujos dogmas e preceitos — apesar de venerandos — não cumprem, preceitos e dogmas, que, por tantas e tão variadas fôrmas profanam, e indignamente desconsideram servindo-se de *subtilesas* as mais odiosas, com que exploram a ignorancia, sugando muitas vezes a propria miseria!

Innumeras creaturas pobres e extremamente miseraveis a quem, em muitas occasiões da vida escaceiam totalmente os recursos da mais parca subsistencia, e que já por si soffrem as consequencias de uma adversidade impiedosa, nem assiim mesmo escapam á exploração d'esses parasitas cuja permanencia entre creatura humanas, é mil vezes mais ruinosa que util.

Eis o que acontece aqui n'esta isolada Ilha tropical, e como aqui, em toda a parte onde o progresso, a instrucção e os verdadeiros conhecimentos humanos carecem de missionarios doutos e consciences, que na tribuna não menos sagrada da instrucção publica, e dentro dos templos igualmente veneraveis do ensino util, combatam com a sciencia a ignorancia; e com a luz e a verdade, as trevas e a mentira!

É assim e só assim que a verdadeira e a mais santa religião será venerada e summamente respeitada, sem jámais poder servir de *industria rendosa* a hypocritas inconscientes.

A *oração* que aqui vae fielmente transcripta e pela veracidade da qual tomo inteira responsabilidade, para o que conservo em meu poder o *origi-*

nal, custou á sua possuidora (1)^{ma} quinhentos réis : preço porque alguns sacristas, costumam fazer, em papel almaço e sebento — apesar de benzido como dizem — *specimens* iguaes ao que segue.

25 de março de 1889.

Manuel Francisco C. e Silva. (S. Thomé)

J. N. R. J.

Oração de Nosso



Senhor jesus christo

Justo juiz de Nazareth Filho da Virgem Maria que em bellêm fostes nascido entre as idolastia, eu Vos pesso, Senhor, pelo Vosso Sesto dia que meu corpo não seja prezo; nem ferido; nem morto; nem nas mãos da justiça em Vorto pastecum; pastecum; pastecum: christo assim o disse aos Seus discipullos Sios meus inimigos Vierem para me prender terão olhos não me Verão; terão ouvido, não me ouvirão; terão bôca não me falarão; com as armas de São jorge serei armado, com a Espada de Abraham Serei cobertado com leite (leite) da Virgem Maria Serei burrifado com Sangue do meu Senhor jesus christo, Serei Baptizado na arca de Noé Serei arcadado com a chaves de São Pedro Serei fichado; aonde me não possão Ver nem ferir nem matar, nem Sangue do meu cõrpo tirar: e tambem Vos peço Senhor por aquelles treis Hostia consagrados que, consagrastis ao terceiro Dia; desde as portas de bellêm átte jerusalem que com prazer e alegria eu seja tambem guardado da noite

(1) Ha orações para crianças e para adultos, com preços segundo tabella já sabida, e idades.

Fazem-se orações para tudo, inclusivé para conseguir descendencia, para se obter a affeição da pessoa desejada, e para *muchas cosas mas.*

como de Dia assim como andou jesus christo no Ven-
tre da Virgem Maria; Nove (nove) mezes e alguns
Dias;

Deus Diante com paz na guia, deus me dia com-
panha que deus de no sempre Virgem Maria desde a
Casa Santa de bellêm atté jeruzalem; Deus é meu pai
a Virgem Santa Maria Minha Mai com as armas de
São jorge serei armado; com o Espada de São Tiago
Serei guardado para sempre Amen ✠ F. ✠

Vosso Servo Criatura de Deus.

ANHELO

(A. J. F.)

Ao longe se descortina
A cordilheira nevada,
Vem atravez da neblina
A rósea luz da alvorada.

Cada gota crystallina
Reluzindo na ramada,
E' qual uma pedra fina
Em verde esmalte engastada

Perto um regato serpeia;
Ao tronco a hera se enleia
N'um abraço fraternal...

Quando ás vezes te contemplo
Quizera seguir o exemplo
Da hera do meu quintal

Abril de 1889.

*Maria do Carmo Neves e
Mello.* (Coimbra).

CHARADA LX

Permitte, meiga visão,
Que te dedique, radiante,
Um poema coruscante,
Uma maviosa illusão.—2

Permitte, ó meu coração,
Que a tua belleza offuscante
Seja de instante a instante,
Relembrada na canção—2

E's gentil, qual nova graça
Que, sorridente aqui passa
Coroada de pulchras flores.

E's a casta e meiga Vesta,
Que segue, calma e modesta,
A alameda dos amores.

Frederico da Silva Leite.
Rio de Janeiro

CHARADA LXI (EM QUADRO POR SYLLABAS)

Na planta medicinal,
Entre as materias tecidas,
Vês nome d'aves conhecidas
Em desenho ornamental.

D. Adelina de S. B. (Rio de Janeiro).

A armada do rei d'Achem, diante de Malaca. — (*Perolas soltas*). — Aconteceu por desdita que n'este tempo no mar d'elles (dos mouros) andava pescando um parão nosso, em que estavam sete homens da terra, que n'ella tinham mulheres e filhos; os inimigos tanto que o viram, mandaram a elle os seus balões, que traziam muito bem equipados, os quaes em breve espaço o tomaram, e lh'o trouxeram; e a todos os sete que vinham n'elle mandaram cortar os narizes e as orelhas, e a alguns jarretar pelos artelhos como por desprezo, e d'esta maneira os mandaram com uma carta escripta com o sangue dos mesmos tristes que a traziam a qual dizia assim :

«Byayá Sóra, filho de Scribiyayá Pracamá de Rajá, que em bocetas de oiro traz guardado para sua honra o riso do Grande sultão Alaradim, castiçal com pivetes de cheiro da Santa Casa de Meca, Rei de Achem, e da terra d'ambos os mares : te faço saber para que assim o digas ao teu Rei que n'este seu mar, em que estou descançado, assombrando com meu bramido essa sua Fortaleza, hey de estar pescando a seu despeito, e muito em que pez, o tempo que me vier á vontade; e por testemunhas d'isto que digo tomo a terra, e as gentes que n'ella habitam, com todos os mais elementos até o Céu da Lua, e lhe certifico a todos com palavras ditas da minha boca, que o teu Rei fica vencido, e sem honra nenhuma, e as suas bandeiras derrubadas no chão, para jámais as poder levantar sem licença do que o venceu; pelo que metida a sua cabeça debaixo do pé do meu Rei, como senhor que a todos sogiga, fica de hoje por diante por seu escravo. E para fazer confessar ser verdade isto que digo, eu te desafio d'aqui d'onde estou, se por sua parte m'o quizeres contradizer.»

Esta carta vinha assignada pelo capitão da frota, como cousa que se fizera por conselho de todos; e chegando estes sete coitados sem narizes e sem orelha á cidade, foram logo levados á for-

taleza ao capitão assim ensanguentados, e disformes como vinham, e lhe deram a carta que traziam, a qual se leu logo ali publicamente perante toda a gente, de que o capitão em alguns seus aceitos esteve zombando com alguns ditos cortezãos e galantes. (1)

PEREGRINAÇÕES.

Fernam Mendes Pinto.

ESTRELLA D'ALVA

(A Augusto de Lima)

Já do céo as estrellas vão fugindo ;
Vae uma, depois outra e outra embora...
Dançaram toda a noite. O céo é lindo.
Houve orgia de luz. Dormem agora.

No salão do horisonte, azul, infindo,
Vão-se apagando as luzes; vem a aurora,
Descerra-lhe a cortina, entra sorrindo.
Apenas uma estrella inda demora.

Na mocidade a vida é noite bella,
Lindo horisonte que de amor se estrella,
De onde a Crença não sae ás vezes salva.

Fugis, estrellas? que me importa, em summá
Se das mais bellas me ficou inda uma :
— A minha amada, a meiga estrella d'alva ?

Dos Versos e Reversos.

Heitor Guimarães. (Minas—Brazil).

(1) A petulancia do Byayá Sóra, capitão-mór do rei d'Achem, foi bem castigada. Dias depois no Rio de Parlés, foi a esquadra de cincoenta e oito velas atacada pelos portuguezes e em tão boa hora, que a armada mourisca, vencida e destroçada, deixou-nos senhores dos despojos que consistiram em 300 peças d'artilheria, das quaes a maior parte eram falcões e berçis, em que entravam 62 nossas que elles nos tinham tomado; 800 espingardas, grande quantidade de zangunchos, lanças, azagaias guarnecidas de ouro, etc. Dos nossos morreram 26 e feridos tivemos 150. Byayá Sóra foi gravemente ferido.

Da Redacção.

Quem era grande para Napoleão? — Napoleão não admirava senão dois capitães, entre os modernos Frederico II, entre os antigos Alexandre. De Cezar não era apologista, por que uma vez estando alguém a elogiar Cezar, disse-lhe: — Deixae-me tranquillo com o vosso Cezar, — Cezar não é mais que Cezar. Naturalmente não lhe perdoava o não ter-se feito coroar, e haver conservado o governo republicano. Alexandre sim, que era um audacioso e um aventureiro, mas esse mesmo, considerava-o inferior a si.

Um dia a imperatriz lia-lhe, a seu pedido, a vida de Alexandre enquanto elle passeava na alcatifa do aposento, tendo as mãos cruzadas atraz das costas. De quando em quando fazia signal para que se suspendesse a leitura, e continuava a passear, reflectindo em silencio. «Continue», dizia depois. E quando acabou a leitura, que foi longa, pronunciou este oraculo:

«Sim, Alexandre effectivamente foi um grande homem, mas ainda se pôde fazer mais do que elle fez.»

Certamente pensava em si, julgando que já tinha feito mais que Alexandre, ou que o podia fazer.

Era já imperador dos francezes, ajuntára ao seu territorio os Estados da Italia, toda a Flandres Austriaca, a Hollanda, o Paiz de Liege, e os outros d'aquem e d'alem do Rheno. Isto não bastava — queria tambem conquistar a Russia, para depois passar á Asia, e d'esta á conquista da Africa.

Foi a ambição que o perdeu.

ENIGMA XVII

Às direitas, é cidade
Que a Russia d'Europa tem;
A's vexas, na verdade
Inda é cidade tambem.
Contanto que se a traslade
Um pouco mais para além,
Sim, lá p'ra a Turquia d'Asia.
Decifre, leitor, porém,
A cidade... não arraze-a!

D. Henriqueta Martins
(Itajahy—Santa Catharina).

Camelias.—Foi um jesuita missionario Jorge José Camelli, natural de Moravia, que no fim do seculo xviii, enviado como missionario ás Ilhas Phi-

jippinas, introduzio, de volta na Europa em 1739, o arbusto das camelias. E foi Linneo quem baptisou a flôr dando-lhe o nome do introductor. Conhecem-se doze especies de camelias, todas ellas originarias das regiões orientaes da



Asia austral. Entre ellas algumas gozam d'uma verdadeira celebridade, quer como plantas uteis, quer como plantas d'ornamento.

A camelia *olivæfera* e a *sasanguia* fornecem pelas se-

mentes um oleo, que, segundo dizem, vale tanto como o azeite. A camelia *reticulata* e a camelia do Japão são cultivadas de preferencia e muito apreciadas pelos cultivadores, que fazem d'ellas um commercio consideravel na Europa.

No principio d'este seculo foram trazidas do Japão novas camelias, que accordaram a attenção dos hor-

ticultores, e desde então as variedades de flôres duplas, brancas, côr de rosa, vermelhas e raiadas tem-se multiplicado de tal fórma, que as de petalas simples tem perdido bastante da sua importancia.

O arbusto das camelias quando encontra condições favoraveis chega a attingir uma altura de seis e sete metros. E' quasi uma arvore. No Porto, em Cintra, e n'outros pontos de Portugal dão-se perfeitamente.

A gravura representa uma menina colhendo camelias para se enfeitar.

COM A PEDRA NO SAPATO

—Irmão, não leva a sua esposa á missa ?
(A um homem dizia um gordo abbade)
— Qual levar ! Lá isso é pêta de frade.
P'ra vêr se em minha casa o fogo atiza ;

Porém eu cá não sou nenhum nabiça
E p'ra outra freguezia, o sermão guarde,
Que já aqui, você chegou mui tarde
P'ra converter cá a minha carriça.

O frade já se mostra arrependido
de ter o mal no homem accendido
E diz-lhe : — irmão ; eu vigio as ovelhas !

— Não me venha atordoar com essas lérias,
Falle me, se quizer, em coisas sérias,
E não me faça ninhos nas orelhas.

José Luiz de Sá.
(Margens do Anajás — Pará).

LOGOGRIPO XLIX (POR LETRAS)

Aos charadistas Pernambucanos

Seu tronco robusto aos ares erguendo — 5, 1, 6, 2, 7
Em forma de leque os ramos agita ; — 8, 4, 3, 7
Mas foge depressa pois já estou vendo
Que queres morrer molestia maldita.

Dona E. Saint Brisson (Brazil).

Intelligencia e virtude. — O homem, o ente mais perfeito dos seres, o rei da criação, o remate e complemento com que Deus coroou, por assim dizer, a obra esplendorosa da criação do orbe, um dos grandes reflexos da omnipotencia do seu braço, o homem, repetimos, como um ser de tal magnitude, devia reunir em si qualidades taes que o distinguissem vantajosamente no meio do mundo animal.

Além da alegria da forma, do porte magestoso e graças naturaes, com que Deus embellesou este primor da sua omnisciencia, dotou-o, distinguio-o, ennobreceu-o com os dois mais poderosos elementos da sua superioridade sobre todas as creaturas: a intelligencia e a virtude, esses inestimaveis dotes, que, sendo scintillações da divindade, immortalisam o homem, o primeiro áquem, e o segundo além da orbita do tempo.

A intelligencia com que Deus dotara este ser privilegiado, tem sido desde a origem do mundo, e sel o ha até á sua derradeira hora, o grande, o luminoso fóco, d'onde dimanam em ondas de luz todos os progressos humanos, a grande alavanca com que as gerações, em uma continua e ininterrompida serie de conquistas, teem devassado os mysterios da natureza, desentranhando-lhe do seio os seus innumeraveis thesouros.

O homem, expulso do delicioso eden, onde Deus o collocára, e lançado, sem direcção nem abrigo, como os outros seres da criação, ao inhospito deserto não tendo outros recursos mais que a propria intelligencia, ainda nascente e inculta, conseguiu crear as sciencias e as artes, caminhando de progresso em progresso, de descoberta em descoberta, até o actual estado de civilisação em que vivemos, que nos apresenta o vastissimo quadro d'assombrosas maravilhas que contemplamos, e que constituem a mais sublime epopeia da supremacia do homem sobre todos os seres da criação.

Com o poder da intelligencia, tem conseguido immortalisar-se perante os seculos, nas suas obras scientificas e artisticas, eloquentes pregoeiros da sua grandeza; com o da virtude, lançando no seu ser o cunho do immortal, viver eternamente nas regiões do infinito.

João Antonio Rodrigues d'Azevedo Coutinho
(Povoa de Lanhoso.)

A' memoria do infeliz poeta Ricardo Guimarães

BARBARAMENTE ASSASSINADO ÀS 4 E MEIA HORAS DA TARDE
DO DIA 19 DE SETEMBRO DE 1889 NA RUA DO IMPERADOR

Foi-te sempre a palavra ervada setta
contra os abusos vis da tyrannia,
quando em torrentes cheias de harmonia
verberavas o crime, audaz poeta !

Não tocaste, infeliz, a doce méta
de teus sonhos azues da phantasia,
quando mais o teu estro parecia
anunciar a aurora predilecta.

O punhal homicida, sanguinario,
teus passos embargou, malvadamente,
no caminho infeliz de teu fadario.

E a tua memoria, eternamente
no coração do povo — esse sacrario, —
ha de viver, lembrada e reverente.

Rangel Sobrinho. (Recife—Pernambuco)

CHRISTO

(Ao respeitabilissimo amigo Manuel José Pereira d'Albuquerque, digno vigario de S. Lourenço da Matta.)

Elle amava o sorriso das creanças.
Na doce pallidez do seu semblante
projecta-se o iris triumphante
de suas lyriaes, caras esp'ranças.

Coroavam-lhe a fronte irradiante
de seus cabellos as formosas tranças ;
humilde ás vezes como as pombas mansas,
outras vezes soberbo, qual gigante !...

Azorragando os vendilhões do templo
Dava o mais nobre e salutar exemplo
da indignação que lhe lavrava n'alma.

Depois abrindo aos « miseraveis grandes »
os meigos braços—formidaveis Andes —
era tão manso como o mar em calma.

Ricardo Guimarães (Recife—Pernambuco.)

A embriaguez.—Vêdes aquelle homem caminhando em continuo desequilibrio, ora gritando, ora a custo proferindo phrases sem nexo?

E' o rei da creação que abdicou, com menor causa que Esau, a realza da sua razão, por um copo a mais.

E' um homem racional e forte que desceu a baixo de qualquer animal que o serve, e a quem a natureza recusou taes predicados.

E' um desgraçado que malbarata a propria saude e sacrifica á intemperança a manutenção e o socego da familia.

Uns fogem d'elle, outros olham-no como um infeliz, quando não é como um ente despresivel. E mais tarde, se não é uma apoplexia que o mata, é muitas vezes o suicidio que vem pôr termo á sua existencia miseranda.

Nos povos do Norte, principalmente, é que o vicio da embriaguez domina com mais intensidade.

Na Inglaterra e nos Estados Unidos apresentam as estatisticas um numero assustador de prisões effectuadas por causa do alcoolismo, apesar dos esforços de varias associações que existem para debellar este vicio.

Em Londres, diz Taine, trinta mil pessoas são presas por se encontrarem embriagadas; em Glasgow por cada dez moradores ha uma venda de *gin*; e em Manchester os operarios dispendem, por anno, em bebidas cerca de um milhão de libras.

O *Times*, accrescenta o mesmo auctor, n'um artigo publicado ha annos, indicava o Lancashire como um ponto da Inglaterra onde a educação estava mais descurada; e provava-o dizendo que a maior parte dos autos de casamento eram assignados de cruz.

M. Wilson, vigario de Liverpool, respondeu a este artigo dizendo que não se devia concluir d'ahi que todas as pessoas que assignavam de cruz não soubessem escrever; porque em um caso sobre cinco os esposos estavam sob a influencia do alcoolismo na occasião de assignar os autos, e se traçavam uma cruz era porque o seu estado nervoso os impedia de escrever o proprio nome.

Segundo affirma outro escriptor, em 1873 no Estado do Maine (America) com sessenta e tres mil almas, contaram-se dezoito mil prisões por embriaguez.

Nas classes baixas a mulher não se envergonha, tanto na America como na Inglaterra, de rivalisar com o homem de copo na mão; e um dos maiores elogios que se

póde fazer a um homem é dizer-se: *A four botte man*, homem para quatro garráfas.

Para obstar a este vicio, as mulheres formam uma especie de cruzada contra os bebedores infrenes, reunem-se á porta das lojas de bebidas, entoam um cantico e depois entram, a mais aauthorisada reprehende os consumidores, entorna os copos e censura o dono da casa pelo mister que exerce. E, ás vezes, acontece que o botequineiro subitamente despeja na sargeta os barris de whisky.

Se estes povos em vez de beberem *brandy, whisky, gin e rhum* substituíssem quanto possivel estas bebidas pelo vinho natural, os casos de embriaguez seriam em menor escala e teriamos resolvido uma questão que muito nos tem preocupado—a collocação para os nossos vinhos.

J. Machado Leal. (Alvorinha).

CHARADAS LXII e LXIII (NOVISSIMAS)

(*A' ex.^{ma} sr.^a D. Julia d'Almeida Bahia*)

2, 3 — No moinho á cavallo é fanfarricee.

1, 1 — No meio da esteva ha uma flôr para o cavallo.

Gabriel de Lucena. (Porto).

SOLIDÃO

A casa hoje é deserta: o vacuo em tudo existe; não mais fallas de amor, só soluçar e pranto! Como é sombrio tudo! O riso, no entretanto, ha pouco inda era quasi, e tudo agora é triste.

A esta immensa dôr minh'alma não resiste; quando ella estava aqui, que deleitoso encanto! Meu Deus! se eu fui feliz... E eu, amo-a tanto, tanto, que para mim, sómente o bem n'ella consiste.

Que eterna solidão! E resistir quem ha de n'uma angustia tamanha? — A casa erma e vazia... Que subita tristeza o coração me invade!

Ai! foram-se tambem os sonhos de alegria; só ha recordações em tudo, e da saudade suspira em cada canto a intima elegia.

Alfredo F. Rodrigues. (Pelotas — Brazil)

TERREMOTOS NA ILHA DA MADEIRA (1).

1816 — Este tremor de terra, diz uma testemunha d'aquelle tempo, foi mais violento que o de 22 de dezembro de 1884. Teve logar a 2 de fevereiro, das duas para as tres horas da manhã. Depois d'aquelle abalo, diz a mesma testemunha, repetiram-se mais tres oscillações até ao romper do dia. Foi tão grande o susto que em varias egrejas da ilha se fizeram preces e procissões publicas. A procissão do *Senhor dos Passos*, que ainda hoje se faz na freguezia do Estreito de Camara de Lobos, foi instituida por aquelle tempo.

1850 — «Durante a nossa demora ali, na noite de 10 de outubro, ás 9 horas e meia, houve um tremor de terra de succussão instantanea, na direcção de Leste a Oeste; não fez estrago algum, pareceu mais um movimento de concenso do que desenvolvido ali mesmo: e d'este genero tem havido mais, com grandes intervallos de tempo. (2)»

1886 — N'este anno, a 20 de fevereiro, ás 2 horas e meia da tarde, houve um ligeiro tremor de terra.

1887 — No dia 7 de janeiro, pelas 10 horas e meia da noite, foi presentido um tremor de terra, acompanhado de um ruido subterraneo.

1887 — A 27 de janeiro, á uma hora e meia da manhã, novo abalo de terra vem pôr em sobresalto os habitantes da ilha da Madeira.

1887 — A 6 de agosto d'este anno, á uma hora e vinte minutos da manhã, fez se repetir um pequeno tremor de terra.

1889 — Depois de uns mezes de continuado bom tempo, estando uma noite tranquilla e socegada, sentimos um ligeiro tremor de terra, pelas 5 horas e meia da manhã, do dia 14 de janeiro de 1889.

De 1748 a 1816, no longo espaço de 68 annos, apenas se contam 6 tremores de terra.

De 1816 até 1850 ha um intervallo de 34 annos em que a historia não menciona um só phenomeno d'aquella natureza.

De 1850 a 1883 tambem se nota um silencio de 33

(1) Vide *Almanach* de 1888, pag. 443.

(2) F. A. Barral, *Noticia sobre o clima do Funchal*.

annos ; mas de 1883 em diante não se repete a mesma coincidência. Parece que se occulta um novo periodo de força e de vida, porque, no curto espaço de seis annos, já se elevam a dez os tremores de terra.

Oxalá que não tornemos a mencionar a continuação d'estes phenomenos, que são quasi sempre os prenuncios de grandes desgraças.

Maio, 1889.

Joaquim Pestana (Camara de Lobos — Madeira)

DOENTE

E ella perdia as forças, dia a dia !
Da cruel tysica a mentida rosa
Coloria-lhe a face.
E a pobresinha, ao sentir a molestia
Roubar-lhe a vida, exclamava em pranto :
«Meu Deus : p'ra que se nasce ?»

«De que serve ao amor tão pouca vida
«Se não se póde ouvir a harpa eolia
«Indefinidamente ?
«Porque viver, perdendo-se a esperança
«Tal como perde a candida magnolia
«O seu perfume olente ?»

E ella perdia a vida lentamente
Vendo esvaecer sua illusão doirada !
Teve um viver tão breve !
Mas descançou de vez, meiga creança,
Assim como a flôrsinha estiolada
Que morre sob a neve !

Aguas Bellas, 12—11—1889.

R. (Pernambuco).

ESQUECIMENTO DAS INJURIAS

A desgraça d'um inimigo, que tenha mesmo attentado contra a minha vida, me approximarâ d'elle, escreveu Diderot.

Pavilhão Oriental. — A' architectura latina, que esteve em voga na Italia durante os dez primeiros seculos do christianismo, succedeu a architectura bysantina, ou para melhor dizer, uma mistura das artes grega e romana, degeneradas, a que



os archeologos deram o nome de estylo romano-by-santino. Foi n'esse estylo que se construiu no seculo xi o zimbório de Piza e no seculo seguinte o baptismo da mesma cidade. Nos seculos xiii e xiv, enquanto a arte ogival se desenvolvia em França, Inglaterra, Allemanha, Suecia, Hespanha e Portugal, os architectos italianos, procurando restaurar a tradição da arte antiga, ligando os seus nomes aos monumen-

tos mais notaveis levantados na Italia durante este periodo, pódem ser considerados como os precusores da *renascença*.

Pelo que respeita ao estylo bysantino, propriamente dito, diremos que tomou um rapido desenvolvimento no Oriente quando Constantino transferio a séde do imperio para Bysancio, querendo na nova Roma offuscar a magestade da antiga. Esta architectura bysantina, a que tambem chamam *neo-grega*, não foi immutavel nas suas fórmas, porque soffreu numerosas vicissitudes durante os onze seculos que durou o imperio do oriente, e apresentou uma serie de estylos que se enxertaram uns nos outros; por isso os escriptores dividem a historia d'essas phases successivas em quatro periodos, ou epochas principais.

O primeiro desde a fundação de Bysancio (328) até Justiniano (527); o segundo desde Justiniano até o fim do seculo VIII; o terceiro desde o seculo IX ao XII; o quarto enfim desde a tomada de Constantinopla pelos latinos, em 1204 até á chegada dos turcos em 1453.

ENIGMA XVIII

(A Francisco P. Lima)

Cinco lettras tem meu todo
Todas ellas desiguaes ;
D'ellas duas são consoantes
E as restantes são vogaes.
Prima, quinta, terceira e prima,
Com a segunda no fim,
Dão serpente que se encontra
Quasi sempre no capim.
Prima, quinta, quarta e quinta
N'um globo nós o achamos.
Mas o conceito ? é tão bom
Que eu dou, tu dás e nós damos

Manuel Joaquim Silveira Sobrinho.

(Recife — Pernambuco)

EPITAPHIO

*Na campa de D. Maria José da Silva Canuto,
infatigavel apostola da educação popular*

Dorme tranquilla na algidez marmórea,
O' Mestra genial, bondosa e pura!

—Chorae, ó mães sobre esta sepultura.

—Creanças! bemdizei sua memoria.

21—1—90.

Arlindo Varella. (Lisboa).

Prodigalidade e avareza. — (*Perolas soltas*). — De duas coisas nos devemos guardar muito, prodigalidade, que deseja ter muito para gastar mal; e avareza, que ajunta muito para o não gastar, nem bem nem mal. A prodigalidade, porque com dispender, grangea affeições de outros peccados, que distrahem o coração do amor que só a Deus se deve. A avareza, porque encerra o amor de coração, que não póde subir a Deus. Mas qual d'estes seja mais prejudicial á alma, folgára de ver outros pareceres e de santos allumiados. O meu (submettendo-me aos melhores) é, que mais grave e incuravel é o avarento, por muitas razões.

O fim do prodigo é contentar-se a si e a muitos, que é menos mal, que querer-se contentar a si só.

O prodigo tem por officio dar, e o avarento receber e ajuntar; e Christo disse, que mais bemaventurada coisa é dar, que receber. O prodigo se gasta por affeição d'outros vicios, que com desordenados gostos commette, não fica tão afferrado aos bens temporaes, que de si lança; e o avarento se deixa de commetter aquelles vicios, não é por amor da virtude, mas por não gastar; e sem duvida fóra tãful, deshonesto, e destemperado, se sem gasto o podera sêr; mas a cubiça o soffrea, e não Deus, e fica sempre captivo do seu dinheiro. Deixo que para o mundo o prodigo tem mais amigos, é mais lustroso, tem mais primores, e o avarento é mais tacanho e baixo em tudo. E deixo que o prodigo lograsse do seu, e o avarento vive sempre do misero; e outras cousas deixo, que devem pouco para a virtude pelo muito que tem do mundo e vaidade.

TRABALHOS DE JESUS.

Fr. Thomé de Jesus.

HASTE SEM FLOR

*Ao meu amigo e collega R. L. Monteiro
por occasião da morte de meu filho recém-nascido*

Não viste a planta mimosa,
De lindo aspecto loução...
Enlevo da mariposa...
Enleio da viração?!...

No meu jardim cultivei-a,
Como um bello talisman!
Foi-me a lucida candeia,
Que se accendeu de manhã!

E sempre, sempre que arde,
A' minh'alma envia luz...
Embora me venha a tarde
O seu brilho 'inda seduz!

Sim! viste a singela planta,
Sem adornos de primor!
E viste como ella encanta,
Sem ter sequer uma flôr!!

Vivia como no outomno
As arvores do vergel:
Mergulhada em brando somno
Tendo o azul por docel.

Emquanto o sol elevado,
Dourava os campos de luz,
Tinha-me sempre a seu lado,
Fitando... espaços azu's.

E quando, acabado o dia,
No céu raiava o luar,
Aos seus pés adormecia...
E via-a no meu sonhar!

Era a vida um sonho ledo
Do mais formoso matiz...
De repente... Tive medo! —
Ella estremece — Deus quiz...

26 de outubro de 1889.

Deus quiz dar á tenra planta,
— Encanto do meu amor —
Um mimo que mais a encanta,
Que mais nos prende — uma flor!

Surgio mais uma aurora
No curso do meu viver...
Tive prantos de quem chora;
Mas vi minh'alma crescer...

Senti no peito os anceios
De negra angustia sem fim;
Porém attingia os meios
De enriquecer o jardim!

Aquella florinha bella
Vi-a, sim, desabrochar...
Primores taes tinha ella
Que a recebi a chorar!

Os meus labios logo um beijo
Pedem ao tenro botão...
Nunca, nunca esse desejo
Brotasse do coração!...

Toquei a nevada c'rolla
C'um só beijo e... desmaiou...
Quem a minh'alma consola
No pranto que me ficou?!

Quem commigo aguarda a noite?!
E me illumina a manhã?!
Quem me diz: «Aqui se acoite?!»
Oh! tenho o meu talisman!!

Milagres da economia e da ordem. — A ordem equilibra a receita e a despesa, diminue as necessidades, augmenta os recursos, emprega utilmente o tempo, e sem ordem não ha prosperidade nem ventura. A ordem assignala a cada cousa o seu fim, o seu tempo, o seu logar, e a sua medida; classifica, distribue, regula, proporciona, e é opposta á confusão e ao acaso.

CHARADA LXIV (EM LOSANGO POR SYLLABAS)

A primeira é voz de verbo,
Muda da quinta a primeira
E voz de verbo será.
A segunda é mui matreira
Se a persegues talvez possa
A terceira acontecer,
Mesmo se usasses a quarta
Que segundo ouço dizer
E' cousa muito antiquada.
.....
Já sei que está decifrada.

Club Feminino. (Rio de Janeiro).

Titulos e proeminencias do duque de Wellington. —

Arthur Wellesley era o muito alto, muito poderoso, e muito nobre principe, duque e marquez de Wellington, do Douro, de Talavera, de Waterloo, de Ciudad Rodrigo, de Victoria, de Torres Vedras, de Vimieiro, etc., grande de Hespanha, commandante, coronel, condestavel, almirante, guardião-lord, logar tenente, governador, chancellor, commissario, presidente, doutor, etc. de todos os exercitos, de todos os postos, de todas as fortalezas, de todos os parques, de todas as Universidades, de todos os collegios, e de todas as faculdades dos tres reinos; grã-cruz de todas as ordens do mundo conhecido, feld-marechal d'Inglaterra, marechal de Hespanha, da Russia, d'Austria, de Portugal, dos Paizes Baixos, da Hollanda e do Hanover.

Grã-cruz de todas as ordens do mundo conhecido? Aqui ha exagero. Não foi grã cruz, nem mesmo simples cavalleiro da ordem da Legião de Honra, nem marechal de França.

SONETO

(Ao bom amigo Arthur Rabello)

Amar não é um crime, amar é sina,
Amar é um dever da natureza
DR. BARROS VULCÃO

Eu amo do regato as aguas crystallinas,
O terno ciciar da brisa entre os palmares,
Das aves o gorgoeio enternecendo os ares,
Os risos festivaes de auroras diamantinas;

Eu amo de um jardim as flores purpurinas,
As ondas sensuaes de revoltosos mares,
As sombras divinaes dos lucidos pomares,
O meigo vaguear das nuvens peregrinas;

Eu amo a limpidez d'um céo estrellejado,
Da lua alvinitente o manto assetinado,
E tudo que respira esta palavra — amar!

Mas eu ao contemplar-te, ó anjo de primores,
Desprezo d'esta vida os risos e os fulgores
E vou morrer feliz na luz do teu olhar!

Demosthenes de Olinda A. Cavalcanti.
(Recife—Pernambuco).

LOGOGRIPHO L

Quizera bem offertar-te
Um objecto de valor, — 6, 5, 3, 4
Mas não podendo dest'arte
Satisfazer meu empenho,
Desculparás, bom leitor, — 4, 6, 1, 7
A ousadia, se ora venho
Junto a ti, mui reverente,
Dar-te uma ave simplesmente. — 1, 2, 4

CONCEITO

Escuta! Que magicos sons, que harmonia
Do bello instrumento desfere o cantor!
Que doce ballada, que a alma extasia
E vem abrandar-nos os prantos, a dôr

D. Bertha Ismenia de Freitas (Piauhy — Theresina)

Gabinete curioso. — Walter Scott, falando d'um gabinete onde havia quadros da escola italiana e flamenga, de autenticidade reconhecida, bronzes antigos, e outras raridades, que o seu dono alli tinha reunido, depois das suas viagens a paizes estrangeiros, diz :

«Em uma palavra, este gabinete era um lugar onde a preguiça tinha tentações de se tornar estudiosa, e o estudo de se tornar preguiçoso; onde a seriedade encontrava mil objectos que a podiam distrair, e a alegria artefactos e riquezas para se tornar pensativa.»

A CABO-VERDIANA

(CANÇÃO)

(Ao meu amigo Antonio Lourenço Ramos)

A madrugada
rompendo vem
e a estrella d'alva
desponta além ;
plumeos cantores,
soltam a voz
cantando amores
da noite apóz.

Cabo-verdiana
dá-me um abraço !
quero dormir
em teu regaço.
Plumeos cantores,
soltando a voz
cantam amores
da noite apóz.

Toma o teu pote
vamos á fonte
que o sol já brilha
lá no horisonte.
e mil cantores
da noite apoz
soltam a voz
cantando amores.

Se eu t'os pedir
dá-me mil beijos !
Oh! que eu não morra
dos meus desejos.
Vem ! mil cantares
soltam a voz
da noite apoz,
cantando amores.

*N.º 3 da Associação S. Nicolaense.
(Cabo Verde — S. Nicolau).*

AMOR

O primeiro amor que entra no coração é o ultimo que sae da memoria.

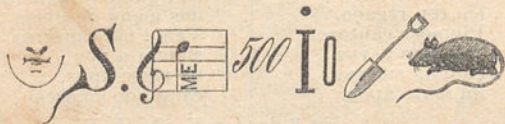
ANAGRAMMA

*Composto com os nomes de rios tributarios do Amazonas
offerecido ao sr. Coronel Labre*

A Cre
Ort on
Pu ús
CO RO nary
Be Ni
Mad Eira
So EL mões
Ucaya Ii
Tap Ijós
Trom B betas
Ju R uá
Madr E-Deus

Noduale (Brazil—Amazonas—Rio Acre.

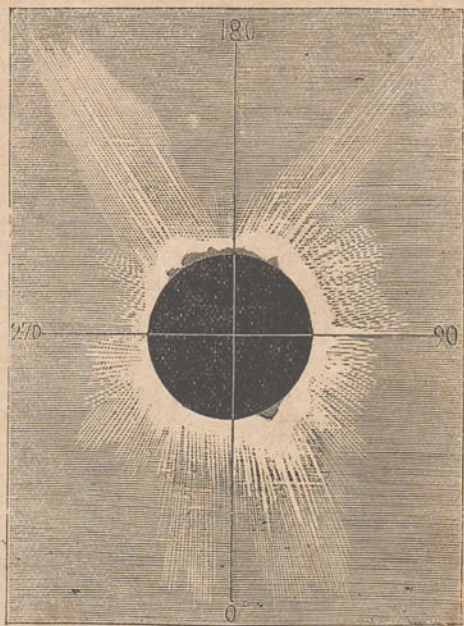
ENIGMA XIX (PITTORESCO)



João Stello. (Lisboa).

Eclipse do sol. — Toda a gente mais ou menos lida sabe hoje o que é um eclipse; ninguém ignora que um eclipse do sol é produzido pela inter-

os astrónomos podem perfeitamente prever e calcular; e ha já



posição da lua entre o sol e a terra. Os eclipses são factos que

muito tempo que este phenomeno astronomico está estudado. E' bem sabida a historia de Christovão Colombo no seculo xv. Querendo intimidar os selvagens da America e submettel-os pelo terror, e sabendo que n'aquelle dia havia um eclipse do sol vi-

sivel, annunciou-lhes que o sol havia de obscurecer-se, se elles não lhe obedecessem. Os selvagens não o acreditaram, nem lhe obedeceram, mas quando d'ahi a pouco viram o sol obscurecido e realisada a predicção, lançaram-se-lhe aos pés, e fizeram tudo o que lhes ordenou.

Sabe-se hoje que nunca ha por anno mais de sete eclipses, nem menos de dois. A media em 18 annos foi de 70 eclipses, sendo 29 de lua e 41 do sol.

FOR EVER

Quando morreres, eu, triste e choroso,
na tua sepultura irei buscar
as saudades d'aquelle immenso goso,
— sonho d'amor que nunca ha de voltar. —

Quando as sombras da noite, mansamente,
baixarem dos cyprestes sobre nós,
reataremos silenciosamente
dos laços d'este amor todos os nós.

E se breve não fôr, — pomba ferida, —
ao pó da tua unir-se a minha vida,
saciar na morte os éstos da paixão,
no intimo penar, que não se acalma,
guardarei este amor que tenho n'alma
n'um féretro — o meu proprio coração.

Alberto Marques Pereira. (Loanda).

CHARADA LXV (EM ESQUADRO) (1)

*(Offerecida ao Ex.^{mo} Sr. João Fogueteiro,
auctor das charadas em esquadro)*

Aqui tem um tribunal,
E mais um peixe aqui tem,
Veja agora esta parede,
Tem harmonia, não tem ?

Augusto dos Santos (Macau).

(1) Vidê «Almanach» de 1887, pag. 476.

A Torre Eiffel. — Quando ha annos os jornaes começaram a noticiar o projecto de uma exposição universal em Paris, indicando algumas concepções notaveis, que se haviam de exhibir n'aquelle certo trabalho, a attenção geral foi occupada com uma ideia inteiramente nova, que encheu de curiosidade e admiração as cinco partes do mundo. A França, com o espirito de invenção, de que é dotada, e com o entusiasmo das grandes concepções, que a caracteriza, forjara um pensamento inteiramente novo, uma nova maravilha, que perpetuaria de futuro a memoria da sua exposição universal. Acima do solo levantar-se-hia uma torre, que cresceria até á altura de trezentos metros, altura superior a todos os edificios mais altos conhecidos; uma torre que seria um verdadeiro paiz, com todos os seus attributos: estradas para viajar em caminho de ferro, cidades diversas, com os seus restaurants, estabelecimentos, redacções de jornaes, passeios ornados de flores variegadas, e panoramas esplendidos da planicie de Paris.

Uma verdadeira maravilha, que se não fosse uma realidade, só poderia ser imaginada pelo cerebro fecundo de Julio Verne, em elaboração de um romance cheio de concepções arrojadas, e peripecias extraordinarias, que todos leriam com avidez, mas que todos concordariam ser uma concepção inverosimil.

Ao illustre romancista que nos deu a *Viagem à lua*, e a *Volta do mundo em oitenta dias*, e tantas narrações incompreensiveis da sua fecunda imaginação, antepoz-se um engenheiro distincto, de que se honra a França, Mr. Eiffel, produzindo um romance maravilhoso, arrojado e patente no Campo de Marte, onde se desenrola o entreccho de toda a acção, que Mr. Eiffel imaginou.

Logo ás primeiras noticias do edificio, que se projectava, a critica, com a sua ironia sarcastica, ridiculisou o projecto, com mil asserções contrarias e epithetas humoristicos; mas a obra de Mr. Eiffel começou a occupar o Campo de Marte, n'uma immensa área, e a crescer, a crescer até aos trezentos metros estipulados, onde gloriosa e ovante Mr. Eiffel desfraldou logo a bandeira franceza, em honra do paiz, que acenava ao mundo em prol de uma nova maravilha, que se er-

guia alterosa do seu arrojo, da sua celebridade e da sua grandeza.

Ella ali está imponente, a Torre Eiffel, o immenso colosso de ferro, dominando o espaço e elevando á altura de trezentos metros a gloria da nação franceza, symbolisada na sua sygna victoriosa de tantos feitos heroicos, fluctuando em ondulações ao sopro das auras festivas do Campo de Marte.

F. P. Albano Gonçalves (Pariz).

VOLTA DA ALVORADA

Vem rompendo a manhã! A philomela
Gorgeia o seu cantar melodioso;
Estala o cardeal harmonioso,
Volatil menestrel da varzea bella.

O levante se tinge matizado
Das mil flores que tem o firmamento
E o sol vem despontando lento e lento
Como tendo saudades do passado.

Tudo é flor! tudo é riso! tudo é festa!
Mas ao pobre cantor nada mais resta.
Senão gemer seus cantos no alaude!

Tudo volta, meu Deus! tudo alvorece!
Tudo brota, Senhor! tudo floresce!
Só não volta a manhã da juventude.

José Augusto (Purificação — Bahia)

LOGOGRIPHO LI

Aos nossos amigos e distinctos academicos d'esta cidade os srs. A. B. Vasques, J. M. d'Assumpção, Miguel d'Oliveira e Lopes de Castro.

Acompanha o viajante — 8, 1, 2, 1
N'aquella grande cidade — 5, 7, 1, 8
Um monarcha portuguez — 1, 3, 3, 4, 5, 6, 4
Muito magro na verdade — 3, 7, 5, 4

Dizem uns que sou *moeda*
Chamam-me outros *instrumento*.
— Tem dois conceitos, leitor
Mate-me já n'um momento.

Club dos Cavalleiros do Luar. (Evora).

Educação da mulher.— Diz Aimé Martin, o conceituado auctor d'um livro intitulado : *Education des mères de famille*, que a Academia franceza corouo : — Educamos as mulheres pelo entendimento e deviamos educal-as pelo coração ; porque as mulheres nunca sabem bem senão o que o coração lhes ensina.

À SOMBRA DA AROEIRA

Longe, bem longe, da aroeira à sombra,
olhando o rio que sereno corre,
em ti eu penso — acabrunhado e triste —
tal como o lyrio, que definha e morre.

As aves cantam nos curvados ramos
do joazeiro, d'onde pende um ninho;
mas — insensível — só de ti me lembro
e sinto n'alma da saudade o espinho.

O sol despede seus ardentes raios,
que sobre a terra vêm cair a prumo;
inclino a fronte e só levanto a vista
para fital-a do teu lar no rumo.

A brisa agita do umbriseiro os galhos
e me parece segredar teu nome ;
mas quando penso te cingir nos braços
a tua imagem, qual visão, se some.

As niveas garças pelo espaço voam,
pardas marrecas vão scindindo as aguas ;
eu cruzo os braços sobre o debil seio
e, assim, comprimo d'um vulcão as fragoas.

A natureza se desfaz em risos,
mas a tristeza me apparece em tudo !
Ao céu pergunto : — «Qual será meu norte ? !»
porém o céu não me responde : é mudo !

E tu, meu anjo, que farás agora
n'este momento em que padeço tanto ? !
Talvez que mesmo nem de mim te lembres !
ai ! quem me dera merecer teu pranto !

João Bastos. (Maracás—Bahia).

CHARADA LXVI (EM LOSANGO)

*Aos heroes Ludgero P. Luz, Zamith, Eugenio Savard
e José da Cunha Pires*

Migue-vos, mestres valentes,
 Cui as vossas fileiras!
 Uuma linda charadista
 Graças tereis galhofeiras.
 E a prima, certa lettra,
 Regia cidade a segunda,
 Optimo peixe a terceira,

Z en'um monte muito abunda, Brigada ilha procura; Mogando em rio altaneiro, Viroso muito estimado Fisonha lettra a terreiro Pará fim ao meu losango,	Nelosos mestres, coragem! S'as armas, meus capitães Marchai firmes p'ra o combate Brados, feros, temiveis. Tempo tendes para o combate, Heroismo não vos falta
---	---

Emulação ainda menos
 Mires, Zamith e Ludgero
 Inclito Savard, serenos,
 Machai as vossas cabeças
 E luctae que eu, calma, espero
 Sorrindo pedir-vos meças.

Caçadora Brasileira. (Rio de Janeiro).

DR. LOPES TROVÃO

Uma das qualidades apreciaveis d'este grande tribuno é a sua coherencia nos principios republicanos, através de uma época em que se mudava de idéas como de gravatas. E a respeito d'esta sua coherencia, lembramo-nos agora de um facto que vem a proposito. Antes do dr. Trovão partir pela primeira vez para a Europa, uma parte do publico d'esta capital preparou-lhe uma manifestação no antigo theatro Principe Imperial, offerecendo-lhe por essa occasião diversos mimos e joias de valor, para testemunhar-lhe o apreço em que tinha o seu elevado talento, ainda mais engrandecido pelo seu character de fina tempera.

Reunimo-nos, pois, alguns rapazes, seus amigos e correligionarios, e deliberámos offerecer-lhe tambem

uma corrente de ouro, visto que alguns representantes do commercio lhe iam fazer offerta de um riquissimo relógio.

No dia designado, o orador acabava de proferir as ultimas palavras da sua conferencia de despedida, quando por entre o diluvio de applausos, com que o publico as coroava, appareceram as commissões, de largos discursos engatilhados e offertas presentes.

Ao ser surprehendido pela manifestação, elle não perdeu o animo e conservou se firme como nos seus grandes momentos de coragem. As commissões desempenharam o seu encargo e chegou a vez da nossa. Após algumas palavras, entregamos-lhe uma caixinha aberta, com a corrente. Elle cravou-lhe o seu olhar de aguia, através do crystal do *lorgnon* e respondeu-nos n'aquelle tom despretençioso e amavel que tanto o distingue :

— Bem vos comprehendo, amigos concidadãos. Que-reis lembrar-me na partida os meus deveres de intransigencia na causa republicana, e vindes trazer-me uma *corrente!* Eu vos agradeço a lembrança, mas era desnecessaria, porque eu jamais me poderei separar da causa do povo! Estou prezo a elle por uma outra corrente — a da minha existencia — e só a abandonarei quando a morte, essa eterna vagabunda, entender, por um mau gracejo, dever-m'a partir. Afastai, pois, os vossos receios, concidadãos, eu já estou *acorrentado...* a essa deusa divina das liberdades publicas.

Ficámos bambos com o inesperado recurso do orador e abraçámo-lo, convencidissimos da verdade que acabava de enunciar e que jamais pozemos em duvida.

Outubro de 1889.

A. Moreira de Vasconcellos (Rio de Janeiro).

A UM ESTUDANTE VADIO

Sendo eu tão teu amigo
Do que dizes não suspeito,
Tudo te ouço sisudo —
Podes pois me dizer tudo
Menos que estudas — Direito.

Est. C. (Recife).

MUSAS

Á SINHÁ SINHA

Amo o clarão que desprende a alvorada,
Eu amo das selvas as flores mimosas,
Eu amo das aguas a nympha serena
E os bellos perfumes das candidas rosas;
Amo o clarão que desprende a alvorada,
As selvas, os bosques e as flores mimosas!

Eu amo a belleza dos campos, das mattas,
Eu amo as phalenas das bandas do sul,
Eu amo essas brisas que emballam as flores,
As tardes serenas e o páramo azul;
Eu amo a belleza dos campos, das mattas,
E as mil borboletas das bandas do sul!

Eu amo os cantores das notas suaves,
Eu amo essas cores do céu do Brazil,
Eu amo as cantigas ao som da viola
E a doce tristeza das tardes de Abril;
Eu amo os cantores das notas suaves
E os meigos encantos do céu do Brazil!

Mas tudo eu desprezo, formosa morena,
Sem ter em meu peito nem dôr nem pezar,
E sabes menina, por que sou voluvel?
Por um teu sorriso ou por um teu olhar,
Eu tudo desprezo sem ter, em meu peito,
As garras possantes da dôr, do pezar!

Bento de Mello. (Rio de Janeiro).

ENIGMA XX

A's direitas, ou ás vessas,
Conforme leias leitor;
Verás habil antiquario,
Em medicina doutor
E' vazio. — Que mais quer?
Clarão ao decifrador.

Caçadora Bahiana

Miserias do mundo. — Ha contratempos de tal ordem na vida, ha dores tão fundas, que o animo mais resistente succumbe experimentando-as. Por exemplo, esse homem que representa a gra-



vura, que penas não terá para pôr o joelho esquerdo em terra, e apertar a cabeça entre as mãos, apoiando os cotovellos no joelho direito ?

Nem elle as pôde dizer, nem nós as sabemos, mas devem ser grandes, e se o são e exprime um grande sentimento, Deus lhe dê a resignação precisa para lhes resistir.

É um pequeno lavrador ao que parece. Está ao pé de casa, e tem proximo um carro de trafego ordinario.

CHARADA LXVII (NOVISSIMA)

Offerecida á Ex.^{ma} Sr.^a D. Francisca de Sá Nogueira
1, 2 — A 2400 passos do convento vi uma virgem.

Alberto Nozolino d'Azevedo (Cabo Verde)

PERVIGILIOS

(A minha irmã Gertrudes)

I

Socega, ó mar faminto! A grande tempestade
que ruge dentro em ti, perverso sonhador,
ouviu cynicamente os brados d'esta dor,
e deu-me, como allivio, os risos da impiedade.

Ao leres no meu rosto a fervida anciedade
com que buscava a morte ao termo d'este amor,
soltaste a gargalhada, ó lubrico traidor.
dos brutos canibaes. Cruel ferocidade

a tua, ó mar raivoso! O pranto, as amarguras,
o crebro soffrimento, as lagrimas mais puras,
o calmo soluçar, as grandes afflições,

encontram só em ti, ó cynico vivente,
o tetrico rugir que solta fatalmente
o mesto despertar das tuas convulsões.

II

É crime, eu sei, viver de lúbricas visões.
Mas, ai! que ria quem não sinta o que eu senti:
o rapido brilhar d'um sonho que antevi...
um raio todo luz... amor... fulgurações...

Depois... que triste, ó Deus! um barco... o mar... clarões
d'amargo padecer... e tudo o que eu soffri...
cavou-me eterno abysmo! Erguendo as mãos, a ti
chegei a levantar as minhas orações!...

Pensei na morte horrenda. E louco, e desgraçado,
ao ver o mar revolto, a rir, em tresloucado
e cynico desdem da minha funda dor,

fugi á tentação do crime abominavel.
e preso á minha angustia, infinda, miseravel,
tornei-me o pária errante, emfim, d'aquelle amor.

Dos Sons Orientaes

S. Rano. (Lourenço Marques).

ANAGRAMMA

Composto dos nomes das illustradas
decifradoras do «*Almanach Luso-Brazileiro*», (1)
offerecido a Eugenio Savard

Josephin **A** de Azevedo
Zulmira d' **C**liveira
Carolina **D**e Mendonça.
Gertrud **E**s Cunha.
Al **E**cilina Lima
Joseph **I**na B.
Maria C. **F**reira
Eugenia Saint B **R**isson
Marg **R**ida de Medeiros
A **A**delina Paulistana
Argemira M **O**zart
Anna Teixei **R**a
Dolor **E**s Casmotte
Luciola F **U**rtado
Amanda Vidi **G**al Guimarães
Jos **E**phina Laurentina
Emilia **N**egrão
Leonor Gu **I**marães
Christina d **O**s Anjos
Angelica **S**apho
Gr **S**ças Paulistas
Amaralina Al **V**ares
Juli **A** C.
Maria Mine **V**ina de Menezes
Maria **C**unha.
Raul Azevedo. (Pará—Brazil).

(1) Publicamos este anagramma porque era um preito que se pagava ás senhoras decifradoras d'este *Almanach*; e a um cavalheiro que muito presamos; vimos tambem que o auctor não podia mencionar mais de 25 que tantas eram as lettras maiusculas a que tinha d'attender, mas visto que no titulo em vez de *composto d'alguns dos no-*

Bons bebedores. — Um bom bebedor estava a jantar em casa d'um amigo, e á sobrezeza offereceram-lhe uvas.

— Obrigado, obrigado, diz elle, arredando de si o prato que as continha. Eu não costumo tomar o meu vinho em pilulas.

Que um homem de espirito dissesse isto n'um jantar de cidade não admira, mas pela inversa sei d'um camponez, que perguntando-se-lhe se queria uma pinga depois de haver comido um cacho d'uvas, respondeu:

— Com todo o gosto, nunca um filho ficou mal nos braços de sua mãe.

Qual d'elles foi mais feliz ?

MANHÃ NO CAMPO

Os milhos a cabeça vão alçando
No lindo milharal da minha horta,
O bello cajueiro já s'entorta
Co'a bafagem fugaz do vento brando.

De meigas andorinhas vês um bando
Que célere a cantar os ares corta
É volve a repousar na minha porta
Mil hymnos e balladas chilrêando.

No formoso pomar os jacamins
Beliscam buliçosos a maçã;
Entre os cravos, junquinhos e jasmíns

A rosa desabrocha mui louçã;
Suspira a sensitiva nos jardins;
Sorri a natureza de manhã!

D. Rosa Branca de Olinda. (Brazil).

mes, etc, poz composto dos nomes, convém que se diga, que além das indicadas ficaram ainda no Almanach de 1890 por mencionar as seguintes ex.^{mas} sr.^{as} :

Caçadora Brazileira, Urania Bristitza, Alcina Candida de Lima, Isaltina Cruz, Josephina d'Azevedo.

E no de 1889: Maria do Nascimento, Carmelitana d'Arantes, Caçadora Pernambucana, Club Feminino, A. M. da Silva, Georgina d'Almeida, Arminda de Sousa Ramos, Justina de M. Paiva, Josephina Laurentina, Lelia Augusta da Silva e Laura J. da Fonseca.

E se recorressemos aos *Almanachs* anteriores além d'estas teriamos ainda outras a mencionar.

LOGOGRIPHO LII

Ingrato ! Tu não me queres,
 Mas de ti preciso eu, — 2, 6, 7, 5
 Pois tu não sabes que existe
 Seja romano ou judeu ? — 8, 9, 3, 5
 Não sabes que no Brazil
 Eu sou muito conhecida ? — 3, 6, 4, 9
 Tambem não ves que tal vaso
 Nunca póde ser medida ? — 4, 9, 1, 5

(CONCEITO)

Bellini, Rossi, Florimo,
 Panicali, e muitos mais,
 Composemam certamente
 Bellos trechos musicaes.

Antonio Alfredo Orleans (Bahia).

Cifragem. — D'entre os diversos systemas de cifragem, é muito simples e engenhoso o seguinte, de que ha annos me deram conhecimento.

Distribuem-se arbitrariamente os vinte e cinco caracteres alphabeticos em cinco divisões, de cinco letras cada uma. Numeram-se as divisões, e numeram-se egualmente as letras componentes de cada divisão. Exemplo :

1	2	3	4	5
1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
a n t o l	y q b m i	r z u e f	x k d e g	h p v j s

Por esta fórma, cada letra é indicada por dois algarismos: um, que aponta a divisão a que letra pertence; e o outro, o numero de ordem d'essa letra na divisão respectiva.

Os algarismos 6, 7, 8, 9 e 0 costumam-se disseminar por entre os primeiros, a fim de desorientar a quem tente decifrar a escriptura.

José Diogo Ribeiro. (Vimeiro — Alcobaça).

CHARADA LXVIII (NOVISSIMA)

2 — 2. É aspero este Deus, dai-lhe reputação

D. Maria Minervina de Menezes (Laranjeiras—Sergipe)

AO MEU PEQUENO MARIO

Elle dormia. — Somno de innocencia !
Na vida — somno unico feliz !
Dormia o tenro anjinho... e um sorriso
Brincava-lhe nos labios infantis !

Parei a contemplar o anjo lindo
No collo maternal adormecido !
Achei-o tão formoso ali deitado !
Beije-o docemente commovido !

E despertou a linda creancinha,
Lançando em de redor os olhos vivos;
Olhou-me... e logo os labios côr de rosa
Abriram-s' em sorrisos expansivos.

Beije-o mais ainda ... e dentro d'alma
Senti illuminar-me ingente brilho !
Chorei de amor, chorei de f'licidade,
Ao contemplar o rosto de meu filho !

Oh lyrio de innocencia, meigo anjinho,
Affecto puro e santo de minh'alma !
Pomba, que me trouxeste — da oliveira
Ungida d'esperança — a verde palma !

Bem como ás gotas matinaes de orvalho,
Rebentam lêdas, rubicundas flores,
E aromas espargem no ambiente vasto
Do sol — aos raios vivificadores;

Assim — orvalho santo — reviveste
As flores de minh'alma — emmurhecidas !
Oh sol de minha vida que alentaste
As crenças qu'eu julgava já perdidas !

Bem hajas, pois, creança que amo tanto,
Qual de Rachel — Jacob amava o filho !
Bem hajas, lindo anjo, e Deus te guie
D'esta existencia no escabroso trilho.

Nemo. (Minas do Rio de Contas — Bahia.)

Cidade de Porto Alegre. — Acha-se situada na latitude sul de 20° 2' e longitude oeste do meridiano do observatorio do Rio de Janeiro 8° 7' 17'', e sobre a margem esquerda do magestoso Guahyba, em uma formosa eminencia, a bella e imponente cidade de Porto Alegre, capital da heroica provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Data a sua origem do anno de 1742, em que alguns caes açorianos vieram povoar a provincia, então capitania d'El-Rei; e ahí se estabeleceram, dando-lhe ao principio o titulo de Porto dos Casaes e mais tarde o de Porto Alegre, por causa da magnifica vista que gosava o viajante, ao avistar a extensa colina, semeada de casas.

Foi elevada á cathegoria de Parochia de Nossa Senhora da Madre de Deus, por provisão de 24 de março de 1772; a villa, em 23 de agosto de 1803, mandado cumprir em 20 de agosto de 1808; e a cidade, por carta imperial de 11 de novembro de 1823, sendo agraciada com o titulo de Leal e Valerosa, em 19 de outubro de 1841.

Foi n'esta cidade que começou o movimento revolucionario, que convulsionou toda a provincia e que durou desde 1835 até 1845, sendo pacificador o Duque de Caxias.

A cidade de Porto Alegre é a 4.^a do Brazil, em grandeza e magnificencia, sobresahindo entre todos os edificios: — a cathedral, o Seminario episcopal, a Assembléa provincial, a Escola militar, o edificio onde funcionam a Directoria da Fazenda provincial, Camara municipal e a meza de Rendas; o Theatro e o mercado, que occupam o primeiro lugar na classificação dos edificios; tendo além d'isto magnificos templos, como a igreja de Nossa Senhora das Dóres, capella do Menino Deus, nos seus arrabaldes, a capella de S. Raphael e muitos edificios importantes.

A 4 leguas d'esta cidade existe a freguezia de Viamão, que foi antigamente a residencia das auctoridades da provincia e cujo nome ou titulo é devido ao facto de alguns viajantes ou expedicionarios, que subindo a uma montanha, d'ahi avistaram os rios Guahyba, Jacuhy, Taquary, Sinos, Gravatahy e Cahy, formando o largo Guahyba a palma da mão e os outros 5 rios os dedos; pelo que um dos expedicionarios exclamou admirado: — Vi a mão! — Assim ficou sendo denominada Viamão a primeira Capital da Provincia.

O governador José Marcelino de Figueiredo foi quem

transferio a séde do governo para o porto dos Casaes, hoje cidade de Porto Alegre.

Natural d'esta grande cidade, aqui deixo transcriptos os mais importantes apontamentos e parte de sua pittoresca vista.

2 de Março de 1889.

Thomé Gonçalves Ferreira Mendes.
(Villa do Passo Fundo.— Rio Grande do Sul.)

A UNS CABELLOS D'OURO

Vida de minha vida! antes eu fôra
Na febre das paixões, ardendo em zelos,
A brisa que te poisa nos cabellos
De celestes encantos transmissora.

Na maciez serena d'esse ninho
Formaria uma séde irrequieta,
Para sonhar meus sonhos de poeta,
Bafejando de luz o teu caminho.

E, se a minha esperança não mentisse
E um riso de teus labios me ferisse
Em meio o coração — como um thesouro...

Doce ventura me seria a sorte
Se eu morresse a teu lado, e, antes da morte,
Beijar podesse teus cabellos d'ouro.

Edistio Martins.

ENIGMA XXI

*(Offerecido ao autor da Kattak publicada no
Almanach do finado Matheus Peres).*

Seis letras duas vogaes,
as outras são consoantes ;
são iguaes segunda e quinta,
terceira e quarta, e as restantes

Ás direitas, ou ás vessas
igual nome tens de ver
E' cidade franca, ou turca ?
isto é para entontecer.

Agar (Bahia).

Os legisladores. — Quereis saber como o celebre publicista francez Emilio de Girardin avalia os legisladores? Lêde: — « O que é um legislador ?

Historia Universal e Martyrologio Humano, — respondei !
Elles respondem que os legisladores nunca



serviram senão para inventar supplicios, e aperfeiçoar o potro e a tortura. Elles respondem que os legisladores nunca serviram

senão d'impedir que a liberdade desenvolva as suas azas, e que a arvore do trabalho, que tem por fructo a economia, estenda os seus ramos. Elles respondem que os legisladores nunca serviram senão para retardar na sua marcha o progresso das sciencias. Elles respondem emfim que tudo que se tem feito de bom e de util se fez contra os legisladores, e sem o seu concurso.» Parece-nos severo.

CHARADA LXIX (NOVISSIMA)

(Ao Dr. Eugenio Savard)

1, 2 — Anda o cordeiro no navio.

D. Urania Bristritza.

(Estado de S. Paulo — Brazil).

TREVAS E LUZ

(*Á sentida morte de minha mãe*)

No lar materno eu bem feliz vivia
Gozando de meus paes o santo amor,
Sem conhecer da vida os turbilhões
Nem as lides do mundo enganador.

Veio a crua e pesada mão da morte
Roubar-me quem me havia dado o ser,
Ficando adolescente já sem mãe,
Sem arrimo pr'os erros combater.

Chorando tacteava as densas trevas
Ao soffrer, procurando um lenitivo,
Encontrei linda mão mysteriosa
Que guiou-me a um lar confortativo.

N'esta mão encontrei uma esposa, —
Um extremoso anjo de bondade.
Que tentou mitigar as minhas dôres
Ênxugando-me o pranto d'orfandade.

Agora já tranquillo espero a morte;
O phantasma terrivel, iracundo
Descarregue sobre mim certo golpe
«Mas poupe a quem eu amo n'este mundo.»

Romualdo Ferreira dos Santos.
(Gurupá—Pará)

LOGOGRIPHO LIII

Á Ex.^{ma} Sr.^a Dona A. A. Benny.

Da prima tira-se o todo — 1, 8, 3, 6
E a segunda tambem, — 1, 2, 3, 6, 7, 8
Tércia emprega todo e partes, — 3, 8, 4, 7, 2, 5
P'ra isso licença tem.

Sendo um dia descoberto
Fui pela sciencia adoptado,
Pois de mim muitos precisam
Rico... pobre... desgraçado...

Carlos Pinto (Bahia).

Em viagem para a India. — (*Perolas soltas*). Tornando a Pedralvarez, que se partio de Porto Seguro, d'aquella provincia de Santa Cruz, sendo elle na grande travessia que ha entre aquella terra de Santa Cruz e o Cabo da Boa Esperança, aos doze dias do mez de maio appareceu no ar um grande cometa com um raio que demorava contra o Cabo da Boa Esperança, o qual foi visto por todos os da armada por espaço de oito dias, sem se mover d'aquelle logar, parece que prognosticava o triste caso que logo viram. Porque como desapareceu, ao segundo dia que foram vinte e tres de maio, depois do meio dia, indo a frota já do dia passado com um mar grosso empolado como que vinha feito de longe; arrou-se contra o norte um negrume no ar a que os marinheiros de Guiné chamam bulcão, com o qual acalmou o vento, como que aquelle negrume o sorvera todo em si para depois lançar o folego mais furioso.

A qual cousa logo que se vio, rompendo em um instante tão furiosamente que sem dar tempo a que se mareassem as vélas, sossobrou, de que eram os capitães Ayres Gomes da Silva, Simão de Pina, Vasco de Taide, e Bartholomeu Dias. O qual tendo passado tantos perigos de mar nos descobrimentos que fez, e principalmente no Cabo de Boa Esperança (como atraz contamos) esta furia de vento deu fim a elle (1) e aos outros, mettendo-os no abysmo da grandeza d'aquelle mar Oceano, que n'aquelle dia encetou em nós, dando ceva de corpos humanos aos peixes d'aquelles mares; os quaes corpos podemos crêr serem os primeiros, pois o foram n'aquella incognita navegação.

«Decada 1.^a »

João de Barros

(1) Foi Bartholomeu Dias o primeiro que descobriu o Cabo da Boa Esperança, para agora morrer á vista do Cabo. Camões refere-se a elle, pondo na bocca de Adamastor estes dois versos:

*Aqui espero tomar, se não me engano
De quem me descobriu suma vingança*

CANTO V, EST. XLIV.

Pedro Alvares Cabral sahio de Lisboa a 8 de março de 1500 com treze velas entre náos, navios e caravelas, e em 16 de julho achou-se só no parcel de Sofala, depois d'este temporal, com seis vélas, diz João de Barros, tão desaparelhadas de mastros, vergas, vélas e enxarcea, que mais estavam para se tornar a este reino, se fora perto d'elle, que ir ávante a conquistar os alheios.

Da Redacção.

RUINAS

Frio clarão de lua envolve a massa escura
D'um castello ogi Val e meio derroçado:
Em torreão sómente, ainda em plena altura,
Um lugubre mudez, impassivel, contempla
A memoria final d'um esplendor passado.

Jaz tudo quanto foi grandeza, brilho e festa
Esquecido e submerso, ali, n'um mar d'escombros!
A altiva charamella emmudeceu na festa,
Inpetuoso corcel, ardente, não relincha,
Nem já o aço feudal brilha em robustos hombros.

Nada mais resta ahi do que essas pedras frias
E a velha esguia torre envolta n'um clarão!

.....
Tal jazem na minh'alma as doces alegrias
Do meu primeiro amor, castello d'ouro em ruina,
De que sómente existe, intacto, o coração.

Junho 1888

Eugenio Alão.

CHARADA MULTIPLA LXX (NOVISSIMAS)

DIALOGO

2, 1, 1. — Que opinião faz, meu amigo, do instincto ?
— E' um phenomeno intimo.

2, 1. — Mas o instincto do elephante ? — Está no cerebro.

1, 2. — Pois sou mais que todos convicto d'esta asserção.

2, 2. — de homens respeitaveis e de capacidade : — está na tromba.

1, 2. — Causa dó ! quem affirmou tal absurdo ?

1, 2. — E' o parecer de auctoridades acima de suspeita !

Eugenio Savard. (Rio de Janeiro).

A Figueira da Foz. — A Figueira, ultimamente elevada á cathegoria de cidade, foi no ultimo seculo de simples logar elevada a villa pelo seguinte decreto :

«Hei por bem erigir em villa o logar da Figueira da Foz do Mondego, e crear n'ella o logar de Juiz de fóra,

crime e orfãos, que terá por districto os coutos de Maiorca, das Alliadas, Quiaios, Tavadede, Lavos, e as villas de Buarcos e Redondos; os concelhos e situações do Sul do rio chamado de Carnide, ou do Lourical, desde onde principia o districto da Ouvidoria de Pombal até ao Moinho do Almojarife, que tudo hei por desmembrado do districto de Montemór-o-Velho, a quem até agora pertencia. E outro sim hei por bem nomear para o dito logar de juiz de fóra o bacharel Bento José da Silva, o qual fazendo a meu contento a dita criação, se haverá o dito logar por cabeça de comarca, depois de me servir tres annos, e os mais que decorrerem enquanto lhe não nomear successor. Palacio de N. Senhora da Ajuda em 12 de Março de 1771. = Com a rubrica de Sua Magestade Fidelissima.»

AS CREAÇAS

Que quadro encantador! Um grupo de creanças!...
Estrellas que do azul do céu se desprenderam,
Pequeninos crystaes, pero!as que trouxeram
No dorso crystalino as aguas puras mansas.

Auroras que em sua luz nos dão preciosos bens,
Ramo fresco e gentil de perfumadas rosas,
Um punhado de sóes, joias, pedras preciosas.
Presas n'um puro engaste — o coração das mães.

João de Mattos

LOGOGRIPHO LIV (POR LETRAS)

Dedicado ao sr. Eugenio Savard

Na floresta procurai-me, — 4, 2, 3
Uma pedra encontrareis — 9, 10
Se te alegras, olha bem, — 6, 7, 8
Sem este mal andareis — 1, 5
Esta classe desgraçada
Anda sempre despresada.

D. Angelica Sapho.

Capital do Estado de S. Paulo — (Brazil).

A imprensa em Villa Nova de Gaya

Em additamento ao artigo publicado a paginas 149 do *Supplemento ao Almanach de 1890* devemos dizer que, até hoje, existiram mais n'esta villa e concelho os seguintes semanarios:

Jornal do Corvo, na freguezia d'Arcozello, e o *Povo de Gaya*, na freguezia de Santa Marinha. Este ultimo suspendeu a publicação pelo motivo da ultima lei de imprensa, e publicou sómente quatro numeros.

No logar dos Carvalhos, freguezia de Pedroso, é publicado um semanario sob o titulo de *Jornal dos Carvalhos*.

Tem feição independente e advoga os interesses do concelho. Publica semanalmente um extracto das sessões da vereação municipal, o que importa a um dos seus zelosos redactores o sacrificio de em todas as quintas feiras percorrer um trajecto de tres legoas para assistir ás sessões nos paços municipaes.

E' digno d'applauso o procedimento expontaneo d'esse cavalheiro, cujo fim unico é ser util aos povos ruraes do concelho.

Antonio Gayense. (Villa Nova de Gaya).

EMFIM!

(A Bento de Mello)

I

Tentei os gosos celestes
D'uns amores possuir
Mas nunca em mente poisára
A esperança de os fruir!...

II

Dias assim se passaram,
Noites infindas chorando,
Até que em lindas auroras
Elles despontam brilhando!

Gildo dos Santos (Rio de Janeiro).

(*A meu presado cunhado Dr. Josino Odorico de Menezes*)

2, 2 — Faça como o Cupido, na opulencia, minha senhora.

D. Adelina de Menezes Ribeiro.
Sergipe—Larangeiras.

O Apostolo S. Thomé

(*Offerecido ao digno e illustrado collega, collaborador d'este «Almanach» Ill.^{mo} Sr. Lydio Nunes Bahiense, da Imperial villa da Victoria, Provincia da Bahia.*)

Escolhi para assumpto d'este escripto uma das mais brilhantes paginas da vida do glorioso Apostolo Thomé, prégador das Indias.

Eram decorridos 8 dias, depois da resurreição de Jesus Christo, em que appareceu pela primeira vez a seus Apostolos e discipulos; entre os quaes se não achava presente o Apostolo Thomé, que não quiz crer na sua miraculosa appareição, dizendo: «Eu se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos e se não metter o meu dedo no lugar dos cravos, e se não metter a minha mão no seu lado, não hei de crer.»

Porém como a incredulidade de Thomé era filha da sinceridade e pureza de suas crenças, o Senhor o não abandonou.

Apparece segunda vez na casa, em que os Apostolos habitavam, em Jerusalem; e ahi achando-se todos á mesa, lhes disse:—«Paz seja comvosco.»—Dirigindo-se então ao Apostolo Thomé disse-lhe —«Mette o teu dedo aqui, e vê as minhas mãos. Chega tambem a tua mão, e mette-a no meu lado; e não sejas incredulo, mas fiel!»—«Meu Senhor, e meu Deus!» exclamou Thomé já mudado.—«Thomé, replicou Jesus, creste porque viste; bemaventurados os que não viram e creram.—»

Admiravel exemplo de amor á verdade, foi este do Apostolo Thomé; queria vêr e apalpar o Divino Mestre, para crer em sua resurreição!!...

E vio e apalpou o lugar dos cravos e a ferida do lado... e então crêu.

Por certo que este grande Apostolo nada acreditava

sem vêr; porque o mundo muitas vezes cobre de doestos e má fama aos bons e incensa aos máos; e por isso Thomé tinha chegado áquelle excesso de descrença.

Porém, tinha ou não razão em assim proceder?

Por certo que tinha; porque não duvidando do poder e divindade de Jesus Christo, desejou vel-o resuscitado, para crêr com mais firmeza e poder transmittir aos posteros o resultado de suas observações e a grandeza de sua fé; porque a verdade é uma e unica como a Divindade e brilha resplandecente no universo, mais do que o proprio sol; e se por acaso uma nuvem negra offusca o seu brilho, é para mais tarde brilhar com mais intensidade.

Thomé mereceo ser distinguido com o nobre titulo do «Apostolo da verdade»; e o Christianismo, nas suas revelações, recebeu a palma da victoria.

O testemunho d'este Apostolo, relativamente á resurreição de Christo, foi portanto a prova mais irrecusavel de sua divindade.

Curvemo-nos sempre á verdade e á virtude, base de toda a felicidade terrestre; e como o Apostolo Thomé, verdadeiramente constrictos e humilhados, diante da sublime victima do Golgotha, digamos, cheios de confiança, na sua divina misericordia: Meu Senhor e meu Deus!

A Igreja Catholica commemora hoje a festa d'este grande Apostolo da verdade.

21 de dezembro de 1888.

Thomé Gonçalves Ferreira Mendes.

(Villa do Passo Fundo—Rio Grande do Sul).

ENIGMA XXII

Ao Dr. Eugenio Savard

Póde ser ave caseira,
Este mimoso tecido!...
E talvez um grande tolo,
Que é bastante conhecido.

D. Adelina Paulistana

(Capital do Estado de S. Paulo — Brazil).

Cavalleiro em perigo. — Quando um cavallo não obedece ao freio, foge desacordado, e



o cavalleiro já se segura ás clinas, é quasi certa uma queda desgraçada, e quem sabe se mortal. Tanto mais quando o perigo eminente se dá n'um campo mal gradado, cheio de sebes e tropeços.

De quantas desgraças não teem sido victimas os cavalleiros! De tres nos lembramos nós agora, e os cavalleiros eram dos mais altos em gerarchia.

No seculo xv (1482) n'uma caçada em Bruges, Maria de Borgonha, filha de Carlos o Temerario e herdeira dos seus estados, bisneta do nosso D. João 1, morreu d'uma queda do cavallo.

Em Hespanha, D. João 1, o que perdeu a batalha d'Aljubarrota, pouco tempo depois, correndo n'um cavallo encontrou a morte n'uma queda.

O principe D. Affonso, unico filho de D. João 11 e herdeiro da corôa, no verdor dos annos, casado havia pouco, n'um dia á tarde (12 de julho de 1461) correndo o pareo com o commendador de Aljezur, D. João de Menezes, abateu de repente o cavallo debaixo d'elle, e quando o levantaram estava morto. D. João 11 nunca mais teve uma hora de consolação na vida.

SONHANDO...

(A José Luiz de Sá)

Em seu leito perfumado,
Sob alvissimas cortinas,
Aspirando das boninas
O perfume delicado,

— Dorme um anjo socegado.
As auras passam traquinas,
E, de uns beijos ás surdinas,
Ouve-se um echo abafado...

E' o anjo que, risonho,
Bebe as delicias de um sonho.
Antes que a noite se acabe.

Qual será pois, esse archanjo
Com que sonha aquelle anjo?
— Responder ninguem o sabe...

Gemino M. Lima. (Belem — Pará).

ENIGMA XXIII (POR LETRAS)

As direitas uma aldeia }
Da Europa, conhecida. } 3
As avessas, bellas aguas }
Cidade mui concorrida. }

Ship Chandler. (Setubal)

LOGOGRIPHO LV (MARITIMO)

*Offerecido aos charadistas Raymundo Camargo
e Alberto Ramos*

A' ordem ao homem do leme,—1, 2, 3, 4, 5, 14
Nos rijos, fortes madeiros
Em qu'apoiam-se as antenas,—9, 14, 3, 11, 7, 6, 12.
Gruparam-se uns marinheiros ;

Desfraldam outros a vèla—10, 11, 9, 11, 1, 8.
Do barco qu'as aguas fende;
Ammarram outros os cabos—9, 14, 12, 15, 6, 12.
De grão ferro que suspende ;—8, 3, 7, 2, 5, 6.

Emquanto, no pavimento,—1, 2, 9, 11, 10, 13, 8.
Batido da branda aragem,
Contemplava um passageiro
Uma risonha miragem !

Eram cabos, mais delgados
Que os cabrestos alentados,
Embebidos pelo béque,
Que se unem em atezar
No gurupés, ao vogar
O navio ou calhambeque !

17—4—1880.

Polydoro. (Companhia Pery—Brazil.)

A proposito da chuva. — O kalendario francez faz menção de S. Médard no dia 8 de junho, e S. Gervais a 19 do mesmo mez. Ora ácerca d'estes dois santos ha os seguintes ditados em relação á chuva:

Do primeiro dizem : se acontece chover no dia de S. Médard, tambem choverá quarenta dias mais tarde.

E do segundo dizem : se chover no dia de S. Gervais tambem choverá quarenta dias *après*, ou depois.

A nossa latitude não é a mesma da França, mas experimentem.

Entretanto diga-se que o ditado de S. Médard já existia antes da reforma do kalendario pelo papa Gregorio, mas houve quem observou que na reforma do kalendario, como se perderam doze dias, o de S. Médard, foi transferido para o dia de S. Gervais, e d'este modo deve dizer-se:

Se chover a 19 de junho tambem choverá a 30 de julho, trinta dias depois.

Não ha prophetas n'este mundo. E ácerca d'este ditado ha de haver tantas falhas que farão mentiroso o prologo.

NÃO TE VÁS! . . .

(A K. W. Z. H.)

Sem ti só vivo mergulhado em dor,
Em dor profunda que meu peito rala;
Deixa te peço n'este sacro odor
Inebriar-me, que teu seio exhala.

Deixa que goze eternaes delicias,
Deixa que o riso de teus labios veja,
Deixa que frua só tuas caricias.
Deixa que sempre a teu lado esteja.

Não te vás rogo, divinal donzella,
Da tristeza vem desfazer-me o véo;
Não te vás, diva magestosa, bella,
Transpor-nos vamos aos jardins do céo.

.....
Tua mão é só tudo quanto almejo,
Ar que respeito, deusa que eu adoro;
Ver-me em teus braços, eis o meu desejo
Eis que curvado sempr'a Deus imploro!

João Marques Castor (Alagoas—Brazil).

CHARADA LXXII

A sua face rosada elle bafeja, — 1
Que rubra já se torna uma cereja, — 2

E tomando o arrabil,
Com o seu porte gentil
Dos antiquados cantores,
As notas solta serenas,
Cantando as doces penas
De seus passados amores.

Fricinal Vassico (Rio de Janeiro — Brazil).

Definição da mulher. — (*Á minha comadre a Ex.^{ma} sr.^a D. Maria de Jesus Loureiro Gaspar — Vizeu*). É tão curiosa a nota que o *Correio da Pesteira* deu, em novembro ultimo, sobre a definição da mulher, que não posso deixar de a archivar no nosso mui lido *Almanach de Lembranças*.

«A mulher, diz alguém, é a obra mais perfeita que o Arbitro Supremo creou e a mais complicada da natureza». É concisa esta opinião; mas nem por isso deixa de ser agradável a definição a que me refiro — com a qual, estou persuadido, que muitos dos nossos leitores concordarão. — Eil-a.

«Solteira, é uma flôr; casada, uma semente; viuva, uma planta abandonada; freira, um cogumelo da humanidade; irmã da caridade, uma planta medicinal; e solteirona, uma enredadeira. — Como solteira, é um problema; como casada, um premio; como irmã, uma causa; como mãe, um anjo; como amante, um luxo; como sogra, um demonio; como madrastra, um inferno. — Bonita é um anjo; feia uma nuvem. Morena é uma virgem; loura é um anjo. Casta, é um altar; pura, é uma imagem; vaidosa é um engano; humilde é um achado. Amante um eden; presumida um perigo; modesta, uma sorte. Economica, uma fortuna, gastadora o maior castigo que Deus póde impor a um homem dando-lh'a como companheira.

A mulher para o homem é: — o trabalho e o desvello, o valor e a força, a honra e a fortuna, o pensamento e a alma... Emfim, a mulher foi quem ensinou o homem a amar e odiar, a luctar e a vencer, a trabalhar e a soffrer, a pensar e a conseguir, a crear e a matar, a viver e a morrer resignado com a sorte que lhe coube na terra».

1890.

Vaz Martins (Madeira).

LOGOGRIPHO LVI

Aqui tudo tem começo — 1, 2, 3, 6, 3
E vae alli acabar. — 5, 4, 7, 8, 9
Para conceito offereço
Um jogo. Toca a buscar.

Lauriano Graça (Fortaleza — Ceará).

O AMOR PERFEITO

(A ***)

Eu cultivo uma florinha,
Na apparencia bem mesquinha,
Que é toda a minha ambição :
Chama-se ella *amor perfeito*,
Tem por jardim o meu peito
E por vaso o coração.

A mão d'um anjo formosa, N'uma tardinha calmosa Meu coração cultivou ; E a semente d'este <i>amor</i> , Cheia de viço e frescor, No meu peito germinou.	Cresceu ; está tão viçosa Esta florinha mimosa, Tão fortes raizes tem, Que nem da vida a tormenta, Que no meu peito rebenta, Jamais a arrancal-a vem !
--	---

Mulher, a quem amo tanto,
N'este meu singello canto
Fallo contigo, não ves ?
Na flor pinto o meu affecto,
E da vida o anjo dilecto.
E's tu, Gertrudes, tu és !

D'este jardim tão mesquinho, Onde n'um vaso estreitinho Rebentou a flor primeira, Já que pois d'elle fizeste, Brotar um amor como este, Sê a sua jardineira.	Cultiva a pobre florinha, Na apparencia bem mesquinha, Que é toda a minha ambição ; Entra dentro do meu peito, Trata d'este <i>amor perfeito</i> , Vem regar-me o coração...
---	---

Julio Gaspar Ferreira da Costa — (Lisboa)

Jornalismo. — Desde os jornaes romanos *Fasta Diaria* até aos modernos periodicos, decorrem muitos seculos, a differença porem é pequena. Ha presentemente periodicos de trez edições diversas em cada dia ; temos telegraphos electricos e caminhos de ferro, que fornecem mais novidades, que os correios dos romanos podiam ministrar ; nossos meios modernos de publicação são incomparavelmente mais rapidos do que então. Por mais veloz que o cavallo do correio fosse, por mais amiudadas que fossem as mudas, não pode tal systema ter comparação com os telegraphos e caminhos de ferro ; não só as novidades

por escripto chegam mais depressa e mais numerosas, mas os viajantes em maior numero contam immensas coisas que os noticiaristas inserem em variadissimas noticias diversas ou locais nos periodicos.

Joaquim Antonio de Sousa Telles de Mattos
(Evora)

CHARADA LXXIII.

(NOVISSIMA)

1 — 2. A fazenda não para na Africa.

Francisco Roberto de Vasconcellos.
Ceará — Fortaleza — (Brazil).

UM ANNO!

A Maria Augusta Reis

Foi um anno de dor, de sofrimento,
Um anno bem terrivel para nós,
Um anno de infortunio de revezes
Mergulhado na dor, destino atroz!

Um anno sem te vêr! Que de tristezas!
Esquecido de tudo e abandonado,
Um anno sem amor, sem ti, sem vida
Um anno triste e só, pobre exilado!

Emquanto que no baile tu valsavas
Ouvindo confissões loucas de amor
Eu sósinho, proscripto e miseravel
Morria ao desespero, em minha dor!

Emquanto tu sorrias, eu chorava,
Emquanto tu folgavas, eu gemia,
Assim eu vi passar louco de insomnia
Esse anno terrivel, dia a dia!

Sergio Leitão (Brazil — Olinda).

Premio de valor. — Na idade media (é Duclercq que o conta, contemporaneo dos factos,) uma senhora rica, no dia que se seguia áquelle em que perdeu o marido, casou com outro homem. E' pasmoso! mas o facto tem explicação.

E' que o duque de Borgonha Filippe o Bom, para contentar os seus soldados em tempo de guerra, estava no uso de forçar as viuvas ricas a casarem com os seus

soldados, ou outros servidores seus. E ellas para escaparem a disposição tão violenta casavam em seguida á morte dos maridos, com homens que lhes não fossem indifferentes, nem inferiores em posição.

São abusos e violencias da guerra, mas na *Republica* de Platão, ha outra ainda maior. Ahi auctorisava-se o individuo que se tivesse tornado notavel por acções de valor na guerra, e feio que fôsse, a ser temerario pelas suas exigencias, diante de mulheres, sem que estas devessem escandalisar-se.

Era assim que Platão, chamado o *divino*, recompensava as acções de valor!

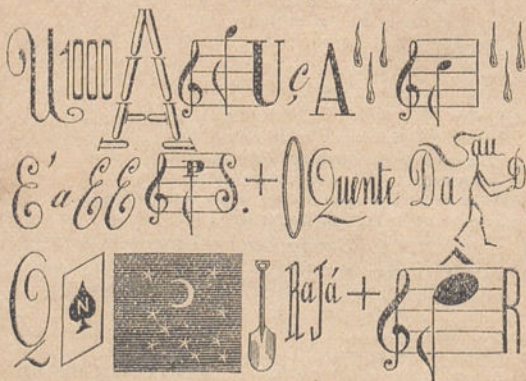
TRAIÇÃO

Guarda-te Deus d'um engano,
De um bom rosto contrafeito,
D'homens que trazem no peito
Sempre um cavallo troyano.

ECLOGAS.

Francisco Rodrigues Lobo.

ENIGMA XXIV (PITTORESCO)



Frederico G. N. Ferreira. (Chaves—Pará).

Lucta imminente. — Para dois cães a lucta imminente está na posse d'um osso, que ambos

o preto, nem será menos valente, e está com os olhos fixos no osso, que o companheiro disfructa. Ainda não guerream, ainda se não atiraram um ao outro para se rasgarem com os



desejam. O cão preto tinha encontrado uma carrelia não sabemos de que animal e estava divertindo-se com ella. Era uma presa sua, e chega o cão branco, que não é menor que

dentes, porque mutuamente se temem, mas a hesitação não póde durar muito tempo. Está imminente a lucta, e para os dois fortissimos podengos a causa está na posse d'um osso com pouca, ou já nenhuma carne adherente.

O TEU POR VIR Á MARIASINHA

MIMOSA CRIANÇA DE 3 MEZES E FELIZ AFILHADA
D'ESSE ANJO DA CARIDADE,
RESIDENTE EM SANTO ANTONIO DA BARRA A EX.^{ma} SR.^a
D. MARIA FEBRONIA DE JESUS SIMÕES

Elle sera vertueuse... et elle sera heureuse.
Bernardin de Saint-Pierre.

Quanto é bella esta innocencia !
Como estás tranquillassinha !
Como dormes — delicada —
tão serena, tão mansinha !
Como deve ter encantos
o teu sonho, innocentinha !...
Como ris — com tanto gosto...
Ah ! — do céu vês a Rainha !

E ella, ao vêr-te no regaço da carinhosa madrinha, — como a flôr que fecha o calix quando a noite se avisinha, — com ternura inimitavel te beijando a testassinha, diz:—«o osculo é da virtude... «Não te esqueças, filha minha !»		E após em roseas nuvens se envolvendo, sóbe azinha para o céu... lá continúa a ensinar-te creancinha : — «Toma a norma edificante de tua santa madrinha, de tua santa madrinha, que na trilha da virtude d'ahi para aqui caminha...»
---	--	--

E um côro de archanjos repete o conselho :
«Da certa vereda — se bem que escabrosa —
«de tua madrinha se não te afastares,
« — auréola terás, pequena graciosa.»

Os flocos de nuvens que vão derramando
fulgôres em torno da Virgem Maria,
os almos conselhos de lábios tão puros,
a orchestra divina — tão grata harmonia...

Tudo isso, criança, que vês em teu somno
exprimem teus lábios, tão cheios de gozo !
A gloria dos anjos que a Virgem te aponta
traduz co'este rir teu rosto mimoso.

Sê pois virtuosa, creança adorada
que ao mundo vieste — já tão venturosa:
pois vês — que a virtude no berço te embala...
a vida — no berço — já vês gloriosa!

Segue sempre os passos da santa madrinha
que bem inspirados — teus paes procuraram;
e has de sahir triumphante das tramas
dos anjos rebeldes que a Deus insultaram...

Descança, pequena, em teu berço de flôres!
Oh! nada te empeça este sonho, este rir!
Na frente e na mente conserve-se impresso
o beijo que marca — teu bello porvir!

23 de Setembro.

Tito V. Dantas. (Barra).

LOGOGRIPHO LVII (POR LETTRAS)

(*Offerecido ao sr José Innocencio Gomes*)

Eis aqui um logogrifho
Mui facil de se matar,
Para mais facilidade
Vão o *Moraes* cousultar.

Receitou-me certo medico
Para a cura do meu mal, 7, 1, 5, 4, 8,
Que procurasse em viagem
Parochia de Portugal.—6, 2, 3, 4, 7, 1.

Co'este coleoptero fiz viagem—4, 3, 2.
E depois de lá estar,
Sentindo sempre melhoras
Fui n'um barco passeiar.—2, 1, 7, 4, 8.

Estando restabelecido
Por senhora convidado,—8, 7, 8, 5, 8, 2, 4, 8.
Fui assistir ao concerto
D'este instrumento fallado, 6, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8.

CONCEITO

Senhor José, o conceito
N'este instante lhe vou dar,
Instrumento é de teclado
Não o quer executar?

J. G. dos Santos (S. Paulo—Campinas).

Porco sem lombos. — Em uma aldeia da provincia de Traz-os-Montes, a 3 leguas de Villa Real, deu-se um facto muito singular que me parece digno de figurar nas paginas do *Almanach de Lembranças*, e, tal como me foi referido por um amigo, filho da mesma aldeia, vou relatal-o.

O abbade da freguezia tinha em sua companhia uma irmã que não recebera educação alguma: diziam-n'a até analphabeta porque indo certo domingo á missa levou um livro, e as pessoas que lhe ficaram proximas verificaram que, além de ser escripto em latim, tinha-o ella collocado de *pernas ao ar*.

No entanto, por influencia do abbade, embora este fosse de uma ignorancia crassa, frequentava algumas casas de familias abastadas e distinctas, n'este convivio affavel que se encontra quasi sempre nos pequenos povoados.

Cupido que não dorme e quiz divertir-se com a ave-lada *quarentona* com quem a natureza fôra mesquinha em dotes, fez que ella se apaixonasse por certo doutor a ponto de vêr n'elle o eleito do seu coração e o companheiro do resto dos seus dias.

Não podia ella calar a impressão que isto lhe causava, e sempre que a communicava a pessoa da sua intimidade, achava da parte d'esta um poderoso apoio ás suas esperanças, dissipando assim a pequena duvida que lhe restava. Entre as suas confidentes e coadjuctoras, figurava uma mulher do povo, de sobrenome Varella, que, em materia de namoros e recados amorosos era uma potencia de primeira ordem: fazia tantas promessas aos seus clientes quantas fossem precisas para extorquir-lhe dinheiro ou cousa que o valesse.

Um dia em que ella foi levar as novas que havia forjado, para fazer jus á recompensa, (era na época da matança de porcos) vio com cubiça dois soberbos ombos destinados a fazerem as delicias do padre e de mais alguns convivas que este costumava levar consigo, e de tal fórma se enthusiasmou, taes cousas engendrou que a pobre ingenua não sabendo como pagar-lhe tão relevantes serviços, entregou-lhe intactas as duas enormes porções de carne, que sé foram á voz de *marcha*.

Emquanto a Varella saboreava o magnifico pe-

tisco, chegava o prelado á residencia, de volta da egreja, e ordenava que lhe fosse servido o almoço em que devia ter o principal papel o afamado lombo, mas ainda não tinha acabado quando a matrona lhe disse :

— Não sabe mano ?... O nosso porco não tinha lombos!

Livido d'espanto, sem pensar na singularidade do caso porque a isso se oppunha a sua obscuridade, dirigio-se á janella e perguntou a um visinho cuja casa ficava defronte :

— O' sr. F... o porco que o sr. mandou matar este anno tinha lombos ?...

— Decerto ! respondeu elle estranhando a pergunta.

— Pois olhe, o meu não os tinha !

Respondo pela veracidade do que escrevi.

R.

COROA DE LAGRIMAS

De lagrimas urdi uma grinalda
para depor na sua campã fria;
e cahir fio a fio, inda as sentia,
sobre a tremula mão, que a febre escalda

Dando-lhe de coroa a idoneidade,
entre os braços da cruz ficou pendente;
as brizas se moveram docemente
murmurando o *seu* nome com saudade !

E as lagrimas, em chuvas crystallinas,
impellidas da aragem se espalharam,
e voando, ao cahir, multiplicaram,
por toda a superficie das campinas!...

Mil rosas se cobriram do acre pranto;
os lirios, e os arbustos na deveza;
suspiraram os eccos com tristeza,
e o espaço se envolveu de escuro manto!...

Avára de saudades, de que a palma,
te quizêra implantar na sepultura,
senti, que d'esses prantos a amargura,
cahia, como orvalho na minh'alma!...

D. Catharina M. de Figueiredo Feio (Porto),

CHARADA LXXIV

E' por muitos desejado—3
Mas tem defeito (que sorte!)—2
O animal apreciado,
Que é lá dos mares do norte.

D. Lucia de Macedo Alves. (Aracaju—Sergipe)

Informação d'um regedor.—(*Arquivo de raridades*). Eis a que eu li n'uma copia que me deram, e que depois vi publicada n'um jornal de Agueda, a ultima vez que fui ao reino; e que por muito curiosa, acho digna de figurar nas paginas d'este *Almanach*.
Eil-a :

«Dados estatisticos pedidos pelo Sr. *amenistrador*, aos quaes eu o *rinchedor* d'esta freguezia *inderijo* a seguinte *relaxação* do anno corrente, digo que corre.

MORTOS NA FREGUEZIA — Nenhum ; aqui todos morrem em suas casas.

NASCIDOS — Idem por idem.

CIDADÕES — Dez, e mais oito, e mais o Roque Marmanjo, o Zé da Rita, e Thomaz Esfolla, e muitos outros.

ALMAS — Nenhuma; n'esta freguezia não se acredita em tolices.

CASAS PUBLICAS — A do Sr. padre prior e a da senhora fidalga : todas as mais são uns palheiros.

CONTRIBUIÇÕES — N'esta freguezia devem pagal-as os *próves*, que os mais não teem com quê.

CEREAES — Aqui não ha cêra nem mel, porque não ha mais abelhas do que *avêspas*, quanto ao mais *apanha-se* cevada e palha para consumo dos *cidadões*.»

22 de dezembro de 1889. — O regedor — *F.*

Antonio Maria de Jesus Castro e Moraes
(S. Thomé)

OS EXPLENDIDOS

Tudo que é trivial chama-se agora : Explendido !
No campo da batalha os feitos mais brilhantes ;
Os rasgos da virtude, o genio dos poetas ;
A terra, o mar, o cêo, os astros rutilantes,
Que nome tem então, esplendidos patetas !

Bulhão Pato.

LENDAS DA ILHA BRAVA

A CRUZ DO FRADE

(A. Antonio Artiaga)

Por muito tempo, meus filhos, o rochedo da Cruz do Frade foi o terror dos moradores de Sant'Anna, João da Nolla e Pé da Rocha; todas as noites ouvia-se ali um constante martellar e como que o ruidoso sopro de um immenso fole; linguas de fogo subiam até as nuvens e avermelhavam sinistramente toda a cadeia de montanhas do Serrado e Tina; depois, ao amanhecer, ouvia-se o tropel de muitos cavalloes e ao retinir de hybridas gargalhadas desapareciam lá pelas bandas de Belem os genios infernaes que andavam construindo no cume da Cruz do Frade uma fornalha maldita, succursal da velha officina do pico da ilha do Fogo.

Era uma cousa medonha: as creanças escondiam-se, tranzidas de medo, no regaço das mães, que prostradas ante uns velhos crucifixos balbuciavam umas orações entrecortadas de estremecimentos febris.

Um dia, um antigo frade que vivia na povoação, resolveu pôr termo aos trabalhos infernaes. Armou-se de uma cruz de madeira, e noite velha, subio ao cume do rochedo. Era noite de novembro escura e medonha; a chuva cahia lenta, miuda e penetrante; enormes penedos deslocavam-se do alto, rolavam, saltavam de quebrada em quebrada, mas como por encanto desviavam-se do velho cura, que de cruz alçada caminhava lentamente, curvado, humilde e sublime, como um pensamento christão. Grandes labaredas cingiam o rochedo; as pedras crepitavam, estalavam e voavam em rubros estilhaços até ao fundo do valle; porém, á medida que o frade avançava, o cinto de fogo ia recuando para o alto da rocha.

Quando elle chegou ao cimo, um tremor convulsivo sacudio violentamente o rochedo; de todos os lados se rasgavam enormes fendas que vomitavam chammas e enxofre; um fumo negro mesclado de fogo envolveu toda a montanha; e então, alguns mais ouzados puderam vêr no meio de um circulo de fogo o velho frade com os olhos no céu ajoelhar-se e erguer a cruz á bocca do sorvedeiro.

Quando o fumo se dissipou ouviam-se ainda as ultimas pragas soltadas pelos demonios repercutirem-se de echo em echo e morrerem por fim na ultima quebrada da serrania.

Nunca mais foi perturbado o socego d'aquella boa gente; mas por noites invernaes, quando em volta de um ballaio de milho para debulhar, alguma velha conta esta terrivel historia, não é raro verem-se as creanças procurarem tremendo o doce abrigo do regaço das mães. Eu proprio, quantas vezes não julguei ouvir nos epilepticos uiyos do vento, os relinchos dos corceis infernaes, quando meu pae, o velho Gregorio que Deus tenha, nos contava esta lenda medonha.

17 de Abril de 1890.

Libanio Matto Grande. (Ilha Brava.)

LOGOGRIPHO LVIII

(Ao Pequeno Antoninho)

Os Cettas chamavam deus.—1, 4, 7, 8, 3.

Irmã de Dido, bem vê.—2, 3, 3, 4.

Um romance de Zola.—3, 1, 3, 4.

E tambem mytho, não crê?—4, 1, 2.

Chama assim Varrão á lua.—5, 8, 3, 4.

No cemiterio encontrada.—6, 7, 3, 2.

Não se acha facilmente.—7, 4, 7, 2.

Respeite esta, que é sagrada.—8, 7, 4.

CONCEITO

Se Basilio da Gama
o *Uruguay* conhecer,
vê que—india feiticeira,
o conceito vem a ser.

M. Legnar. (Rezende).

PRENDAS

Muito sabe, mui bem canta,
Muito faz quem se lhe atreve,
Como dança! Como é leve!
Que vós tem! Como a levanta!

ECLOGAS.

Francisco Rodrigues Lobo.

Pezadelo. — Já n'outro lugar do *Almanach* fallámos do pezadelo, e démos uma gravura representando-o. Hoje damos outra diferente, mas para

nos não repetirmos, fallaremos d'um quadro de Feneli, pintor

da escola ingleza, do seculo passado. Este quadro que teve uma



grande voga, representava sobre um leito em desordem uma mulher nova estendida, o corpo coberto por uma colcha muito ligeira, a cabeça inciçada para traz, a trança desatada, o braço esquerdo estendido fóra da roupa, tocando o chão com os dedos. Um

macaco grotesco e terrivel, pezava, opprimindo-lhe o estomago, e appoiando as pesadas mãos sobre o peito: outro animal phantastico que participava do touro e do leão, espreitava meio occulto pela cortina, derramando sobre o leito onde repousava a dormente afflictiva um cheiro empestado que lhe dobrava o tormento, ao mesmo tempo que dos olhos sem pestanas d'esta féra se escapavam sinistros fulgores. Seria difficil representar de modo mais afflictivo as apparições monstruosas que pódem perturbar o somno d'essa pobre mulher, porque são estas as mais atreitas aos pezadelos.

Este quadro appareceu em 1728. Não rendeu ao artista mais que vinte guineus, menos de 20 libras, em quanto que um tal Raphael Suit obteve do quadro uma bella aguarella, que se tornou tão popular, que produziu ao editor um beneficio de 500 libras esterlinas.

Quasi sempre assim acontece. Os authores não são muitas vezes os que mais lucros tiram das suas creações. Milton, pobre, vendeu o manuscripto do *Paraiço Perdido* ao livreiro Symmon por 5 libras. Só vendendo 1:300 exemplares, e fazendo-se segunda edição, é que receberia outras 5. D'este modo veio a receber 10 libras, e a sua viuva em 1680, mais 8. Ao todo 18, pela cedencia de todos os direitos sobre a propriedade da grande epopea.

A familia do livreiro Symmon que a havia comprado por tão pequena quantia ganhou com ella mais de 100:000 escudos, ou cerca de noventa contos de réis.

CHARADA LXXV (POR SYLLABAS)

Aqui vê um animal — 2
Animal aqui se vê — 2
Isto é falso, isto é mentira,
E' coisa que ninguem crê.

I. S. (Africa Occidental).

O trabalho. — E' engano, diz Fr. Luiz de Sousa, cuidar ninguem, que se encurtam os annos com o trabalho. O mimo e a ociosidade são a lima surda, que os corta e abrevia.

DEUS SABE

Deus sabe se te amei
Phantastica visão
Cuja vontade é lei
Que prende o coração !

Deus sabe se voci
Na aza d'uma illusão;
Deus sabe se chorei
Perante essa traição

Deus sabe o ardente culto
Que sempre trouxe occulto
Das turbas á irrisão.

Deus sabe se te adoro
Fulgente meteóro,
Phantastica visão !

ASPIRAÇÕES.

D. Alice Moderno.
(Ponta Delgada)

Duvida posthuma

As vezes quando evoco,
os tempos meus d'out'ora,
e, que idealmente toco
a imagem encantadora;

às vezes, quando scismo
n'essa illusão passada
não sei que extranho abysmo
á minha mente brada :

«essa que um dia amaste,
rosa no chão cahida,
quebrada pela haste —

que o euro, desfolhou
da morte — nunca — infida
e perfida ! te amou !»

Arriscado Malheiro.
(Porto)

E esta ? — Lê-se n'uma folha da côrte :

Um maganão de bom gosto divertia-se em dirigir a diversas pessoas o seguinte convite : «Ill.^{mo} Sr. Tendo-se nomeado uma comissão para sortear as pessoas que devem este anno servir de Judas, e reconhecendo a dita comissão na pessoa de v. s.^a as qualidades precisas para esse fim, por isso o scientifica para comparecer no sabbado de Alleluia, 4 do corrente, as 9 horas, no largo da Sé, para depois do repique dos sinos lhe ser passada a corda ao pescoço e arrastado pelos moleques nas ruas da cidade, até completa destruição, podendo v. s.^a apresentar o seu itinerario. — O 1.^o secretario, *Dr. Cangica.*»

Como não ficaria entusiasmado o cidadão que recebesse tão honroso quanto attrahente convite ?

Horacio Maia. (Recife).

LOGOGRIPHO LIX

*Offerecido ao auctor dos logogriphos, «Almarcova»
e «Alvaçaria» a paginas 62 do Supplemento
do «Almanach de Lembranças» para 1889.*

Este cexo logogripho
Feito sem arte nem geito
E' obra de um amator
Que não estudou *direito!*

Vou principiar. Attenção
Rocha, toca rabeção.
O' seu *Zé Manel Traquinas*,
Já está melhor da perna?
Si sior curei-a honte
Ali, n'aquella taverna.—5, 11, 5, 9, 7, 1.

Disse ; e o bom do homem
— Era camponez robusto —
Voltou costas e foi deitar-se
Logo á sombra d'este arbusto.—7, 4, 2, 9, 11.

Por Brahama, Siva e Vichnu,
Pelo céo e mar profundo
Eu juro, áparte o rifão,
Que sou da Asia oriundo.—9, 7, 10, 9, 11.

Pode, ver-me em qualquer parte
Sem fadiga nem canceira:
Em cidades e aldeias
'Té mesmo na Ericeira—5, 2, 4, 10, 9, 11.

N'outros tempos não d'agora,
Houve um rei valente e forte
Que p'ra salvar o seu reino
A este homem deu a morte—1, 7, 8, 6, 9, 3, 11.

Que foi um grande peccador,
Isso lá vou eu jurar
Mas de hoje para o futuro
Promette não mais peccar.

Francisco Mendonça de Gouvêa.
Loanda— (Africa Occidental)

VERSOS

Á MORTE DE MEU QUERIDO IRMÃO A. S. V.

Na primavera, n'esta quadra amena
Que tão serena nos implora a vida,
Elle succumbio ante golpe fero,
Que agro e severo terminou-lhe a lida.

Nos verdes annos da existencia breve,
— Floco de neve que exhalou no ar, —
Nos braços ternos de uma mãe querida,
Concluio a vida de cruel penar!...

A vida d'elle foi um meteóro
Que o Deus que adoro breve lhe apagou;
E cedo pendeu qual o branco lyrio!
Que n'um delirio para o chão vergou!

Só vinte annos, vinte primaveras,
De vans chimeras, que este mundo atêa,
Tal era a idade do irmão querido,
Do amigo fido, que o cantor pranteia!

José Lopes Vianna. (Santo Antonio da Barra.)

CHARADA LXXVI

(Á *Ex^{ma}*)

Na primeira encontrarás, A terceira mais sentido.
o principio da charada.—| Repara, muita attenção!—|
A segunda é uma vogal, | A quarta, essa coitada, |
já está quasi decifrada.—| é digna de compaixão.—|

E' homem, talvez o estimes,
e estimes como os teus olhos.
Se adivinhas dou-te um doce
e de cebolas dois molhos!

Artiaga Souto Maior. (Cabo Verde).

O carrasco. — A tia Barbara era uma velha sexagenaria.

Fiando na sua roca e fuso entretinha-se ao soalheiro badalando da visinhança sobre quantos namoros tinha este ou aquella e contando ao lar contos da *Serpente encantada* e da *Bella Salema*, que nos deixava todos boquiabertos; mas era uma velhota de bons costumes, appel-

lando sempre para a moral do seu tempo em que tudo era innocencia, etc.

Já lá vão bons 30 annos que a terra a gasta.

Tinha em sua companhia uma neta dos seus 6 annos, desenvolta e traquina como o pode ser uma creança em taes edades com os mimos da avó.

Era esta o seu Adonis, não vivia para outra cousa. E se não fosse o Carrasco que de quando em quando lhe apparecia em casa, era um viver de rosas sem uma nuvem escura que lhe toldasse o horisonte.

O Carrasco era o nome com que ella designava o genro, pae da pequena, guarda de alfandega a cavallo, de grandes bigodes, porte marcial e cara patibular, a que dava um certo terror o picado das bexigas.

Era a verdadeira cruz da pobre velha que sempre que o via tremia como varas verdes. Mas o Carrasco fazia serviço em Olhão, só de longe em longe vinha a Faro e era n'esses intervallos em que o não via que a boa velhota vivia feliz.

Mas como todas as cousas do mundo tem o seu contra, um dia appareceu-lhe o Carrasco em casa de todo. Vinha transferido de Olhão para Faro. A pobre velha nunca mais socegou. A alegria desapareceu-lhe; até os contos da *Serpente encantada* lhe esqueceram.

Trouxe o Carrasco um cão pequeno, raça vulgar, que muito estimava. Eu morava fronteiro á casa da tia Barbara e era assiduo frequentador, com outros pequenos da minha idade, em lhe ouvir os contos. Depois da vinda do Carrasco continuei a frequentar a casa e por esse motivo o animal affeição-se-me. A's horas das refeições tinha mais um commensal — era o cão.

O Carrasco via isto com maus olhos porque tinha, supponho, affeição ao animal, e um dia em que o chamou, o cão não lhe obedeceu; veio buscal-o e a sangue frio, varou o pobre animal com 3 bayonetadas!!! Pouco depois expirava o cão na rua entre as maiores convulsões, mas o epitheto de Carrasco estava confirmado.

A visinhança não o conhecia por outra alcunha e os garotos da rua, com quem eu tambem fazia coro, quando o viam passar gritavam-lhe de longe «ahi vae o Carrasco». Elle exasperava-se, corria atraz dos ra-

pazes e elles fugindo gritavam sempre «ahi vem o Carrasco».

Pouco tempo depois arranjava nova transferencia para Olhão e levava a filha para se vingar da sogra, a quem attribuia as suas desventuras. A pobre velha não poudo resistir ao embate, inclinou a fronte para a terra e ficou dormindo o somno dos justos.

RECORDAÇÃO DA INFANCIA.

Maio — 1890.

J. Garrana (Tavira).

LOGOGRIPHO LX

AO ILL.^{mo} E EX.^{mo} SR. EUGENIO SAVARD

(A PREMIO *)

—Ao Grão Mestre charadista,
o primeiro entre os primeiros,
meus emboras verdadeiros
muito me honro em lh'os dar.

E' preto assaz respeitoso
d'um vosso admirador.
que pede venia, senhor,
de vos vir aqui *massar*..

- ☞ de certo este soldado.—4, 14, 3, 7, 5, 6, 13.
☞ Um fêto sem coração;—15, 3, 7, 14, 11, 13, 10.
☞ Permina, mas amparado—1, 2, 3, 4, 5, 11, 12, 7.
☞ Um vagarosa inacção.—2, 1, 6, 8, 13, 3, 13, 15.
☞ Não é vinho está provado—2, 13, 3, 12, 14, 4.
☞ Isto basta calcular—12, 2, 3, 10, 8, 11, 13, 14.
☞ Ou então accrescentar.—1, 8, 4, 11, 13, 4.

☞ Sou dos judeus uma festa—1, 5, 3, 12, 5, 13, 15.
☞ Era dos musulmanos;—9, 12, 6, 13, 14, 10.
☞ Maso era dos romanos—3, 9, 10, 14, 15, 8, 7.
☞ Queixada d'uma besta.—6, 7, 8, 10, 3, 9, 4.
☞ Real confederação—9, 10, 8, 2, 15.
☞ E captivos; porque não?—2, 4, 6, 12, 8, 10.

Na minha aldeia virente,
que faz parte da Bairrada;
na Beira, terra fadada,
podel-o-heis encontrar.

Das vindimas é o tempo;
e n'um simples taboleiro
vê-se o pobre jornaleiro
duas cousas separar.

Augusto Cezar de Freitas.
(Cabinda — Congo Portuguez)

* O auctor offerece o seu retrato photographico á primeira pessoa de quem receber a decifração.

O minuete. — A dança elegante, miudinha,

muito simples, de movimentos excessivamente demorados; a dança querida das nossas bisavós, no século xviii.

A musica escripta em compasso ternario, e com andamento vagaroso, arrastava-se tambem para assim acompanhar os movimentos dos que dançavam.

O minuete é originario de Poitou, antiga provincia de França. Para os amadores do tempo era uma dança que primava pela simplicidade, a nobreza, a graça. Vêr uma bella dama a dançar o minuete era caso



d'estontear cabeças. D. João d'Austria, vice-rei dos



Paizes Baixos, correu um dia açodado e veio a Paris unicamente para vêr dançar Margarida de Borgonha. Luiz XIV dançou o minuete, acompanhado de uma musica que tinha escripto Lulli.

Que differença vae do minuete á walsa de hoje, em que dois pares voam enlaçados em voltas rapidas, quando os amadores apostados, e proximos da orchestra lhe gritam: *vîte! vîte!* Para no fim a dama extenuada cahir quasi desfallecida na sua cadeira, quando o seu cavalheiro, que disfarça a agitação que o perturba, a vae sentar, dando-lhe os agradecimentos.

Assim devia ser. Então viajavam as senhoras em andadura pausada e cautelosa da liteira, ou da sege de posta, em estradas mal gradadas. Hoje é o movimento rapidissimo dos comboyos nos ca-

minhos dê ferro, e no mar o dos barcos movidos a vapor.

Cada seculo tem a sua lei.

BARÃO DE S. ANDRÉ

ACROSTICO

Bem certo é que teu nome
A grandes honras faz jus :
Rara vez um titulo nobre
Ao par da gloria — reluz !
O teu que exprime os brazões
De teu merito e virtude,
Exorna as francas acções
Sem o disfarce que illude !
Acceita, pois, Cavalheiro,
N'estas phrases de amizade
O sentimento a verdade — :
Rosa que nunca fenece —
Elo que nunca enfraquece

2 de abril de 1888.

Antonio Antero Alves Monteiro. (Maceió)

CHARADA LXXVII

(*Ao ex.^{mo} sr. Francisco Pereira Soares da Motta*)

Branco é, gallinha o põe.
Se n'esta lettras trocares.—2
Cidade, e lá da Italia,
Se uma outra aqui mudares.—2

CONCEITO

Charadinhas como esta
nunca tem explieação ;
entretanto direi sempre
na amendoa a encontrarão.

H. L. Cardoso. (Bissau).

A IMAGINAÇÃO DO POETA

Minh'alma vae-se pelo mundo, infrene;
Divaga errante no gemer das ondas;
Sobe as montanhas do equador; dormita
A's praias lacteas da Amazonia adusta!
Ella suspira, murmurando endechas;
Ella só canta da saudade os threnos;
Ala-se ao throno do Senhor e resa...!
Toda perdida, a divagar sósinha,
Rindo, chorando... respousar não póde!
Qual borboleta... adejando as flores,
Mil pensamentos agitando-a sempre,
Vae-se á cidade, á campina, ao brejo...
E ninguem a colhe, não a vê ninguem!
Cançada agora de correr, reflecte,
A si pergunta do seu fim...: *Ditoso...?*
Uma voz occulta lhe responde mansa:
Só da familia no melifluo seio
Viver tu pódes sem temor d'espinhos...
Quando teus filhos pequeninos, nus
Sobre os joelhos como pae tiveres;
Quando uma Eva mui formosa e pura,
Sobre teus hombros reclinando a fronte,
Risonha te afagar com seus carinhos;
Quando teu sangue palpitar nas veias
D'entes queridos que geraste, vires...
Mas qual dos mortaes que feliz já pôde
Ser como dizes, ó Mentor occulto,
E qual dos mortaes que viver já pôde
Sem d'acre fel haver tragado o calix?
Minh'alma triste, tu viver não pódes
Feliz na terra, nem gozando amores,
Nem já da gloria merecendo a palma,
Nem n'esta lyra desferindo cantos. .!
Só quando vires sobre um throno ingente
O Ser eterno que do nada ergueu-te
Raios brilhantes chammejar á flux;
Uma milicia de guerreiros anjos
Renderem preitos sem cessar. Então:
Só então podés, como um bardo insonte,
Cantar: Feliz, oh! quão feliz que sou!

J. Rebello de Souza (Pará)

O soccorro mutuo. — As associações d'auxilio mutuo estabelecidas pelos diversos membros das classes proletarias para terem n'ellas o necessario amparo nos dias de enfermidade ou da velhice, e mesmo nas crises de trabalho, são uma das mais grandiosas concepções do espirito humano.

Livre das baixeiras a que está sujeito o homem desamparado da saude e da fortuna, vae ali, o associado, exigir, nos momentos criticos, os auxilios a que tem direito, e por conseguinte o serviço medico e os remedios para os males do corpo e o subsidio pecuniario, diario, que representa o pão para si e sua familia.

E não ha que córar de vergonha ao fazer essa exigencia porque não é mais que uma justa reclamação aos compromissos que a sociedade tomou com o socio á face dos seus estatutos.

As sociedades de soccorro-mutuo, pois, prestam grandiosos serviços ás classes menos favorecidas da sorte, bem como tambem contribuem efficazmente para a tranquillidade publica nos graves casos das crises de trabalho.

E por estes importantes motivos bem merecem essas sociedades a melhor e mais seria attenção dos diversos governos para que sejam geridas com intelligencia e honestidade, afim de estarem sempre nas circumstancias de realisar o seu generoso objectivo.

Referindo-nos a estas bellas instituições não podemos deixar de mencionar, aqui, as diversas sociedades d'este genero existentes n'esta villa.

São ellas: a *Associação Villanovense Fé, Esperança e Caridade*; *Monte-pio Progresso Villanovense*; *Associação Humanitaria de Soccorros Villanovense*; e *Associação dos Mareantes*, todas com séde na freguezia de Santa Marinha, sendo a primeira a mais antiga, pois que teve fundação em 1859. Na freguezia de Mafamude existem duas com a denominação de *Associação de Beneficencia dos artistas de Mafamude* e *Monte-pio de Soccorros para ambos os sexos*; e na freguezia de Villar do Paraiso outra com o nome de *Associação Humanitaria de Nossa Senhora da Conceição*.

Em todas estas agremiações encontra o associado, a troco d'uma quota semanal de 80 a 100 réis, 240 réis diarios, medico, botica, subsidio para banhos de cal-

das ou ares de campo, e até no caso de fallecimento um modesto funeral.

Na referida freguezia de Santa Marinha existe tambem uma sociedade denominada *Funebre Familiar*, cujo fim unico é fazer o enterramento dos socios e suas familias, modesta mas decentemente, isto mediante a quota semanal de 20 réis.

Esta sociedade está sendo muito util á gente pobre.

Este interessante annuario vae a todas as terras do paiz e do Brazil; por isso solicitamos do seu respeitavel colleccionador a publicação d'este humilde artiguinho, cuja leitura poderá, casualmente, despertar a iniciação dos fundamentos de sociedades *sui generis* em localidades onde ellas ainda não existam.

E o amavel leitor que nos desculpe este arrojado mas bem intencionado proposito.

Antonio Gayense (Villa Nova de Gaya).

CHARADA LXXVIII (DECAPITADA)

3, 0' — pois — e — assim — escuras.

Acurcio Urbano. (Rio de Janeiro).

A minha esposa

Vivia d'este mundo já descrente,
Carpindo, sem cessar, as minhas dores,
Até mesmo o odor das lindas flores
Me passava sem graça, indifferente!...

Tudo agora mudou-se felizmente.
Já não sinto da sorte os crus rigores,
Tenho a meu lado um anjo de primores
Que me consola os dias docemente...

Meus pezares converteu em alegrias,
Meu viver converteu em doce riso,
Reunindo c'os meus seus bellos dias...

Seu amor recebendo e seu sorriso
Já sentimos da vida as primazias,
E temos n'este mundo um paraizo.

12 de Novembro de 1877.

José de Amorim Salgado. (Maceió).

LOGOGRIPO LXI

(POR LETRAS)

Povoação portugueza
Muito bella e aprazivel. — 15, 5, 8, 11, 16
Se não achar não se zange,
Paciencia é preferivel.

Do Brazil arvore bella,
Que muito bom fructo dá. — 17, 12, 9, 1, 13, 10.
E' da Russia uma cidade ; — 4, 3, 6, 14, 7, 2, 16.
Com certeza lá está.

Agora vejam, senhores,
E por fabula não tomem;
Ha um Deus, muito adorado,
Meio leão, meio homem.

D. Leopoldina Ferreira. (Itaparica).

A pobreza do homem. — O homem, embora rei das creaturas, carece d'ellas para viver e cobrir a sua vergonhosa nudez.

Aos animaes doou o Creador tegumentos proprios, que só acabam com a sua existencia.

São os animaes os unicos proprietarios n'este genero ; todos os homens dependem d'elles.

E' necessario que os animaes se dispam para que o homem se vista !

Se elles não fossem, e se a terra não produzisse o algodão e o linho, ver-se-hiam talvez, os homens cobertos de liconde, (fibra), como os nossos primeiros paes.

Se tudo isto não é assim, digam-me o que é esse pano, de que se vestem os chamados ricos, e outros que o não são ?

Não é a lã da timida ovelha, e de outros animaes da sua especie ?

Que são esses roçagantes e lustrosos vestidos, que elegantemente adornam as damas da alta posição, e ainda aquellas que a não tem ?

Não são o producto do trabalho d'esse industrioso verme, que mudando de forma, e jazendo por algum tempo immovel e sepultado n'esse involu-

cro que elle mesmo engendrou, resuscita depois metamorphoseado em linda e engraçada borboleta?

De que é feito esse calçado, de que ordinariamente uzam tanto o rico como pobre? Não é da pelle de animaes? De que são as luvas e os chapeus? Em vista, pois, d'estas tão evidentes provas da pobreza humana, que motivos tem o homem para vangloriar-se das suas commodidades e do seu luxo? Nenhum.

Veste e calça espolios de animaes; e tudo quanto n'este genero possui, d'elles lhe vem; embora o compre com dinheiro, de que os animaes não carecem para viver, nem para se vestir.

Dos expostos provados principios póde concluir-se, sem perigo de errar, que o ente racional é mais pobre que os animaes.

Antonio José d'Almeida.

MINH'ALMA

És vida da minha vida...

Tu és a minh'alma emfim...

F. d'Arellar.

Tu és a estrella formosa
Que m'illumina a existencia;
Eu soffro na tua ausencia
D'uma noite pavorosa.

Tu és a brisa faceira
De aromas impregnada,
Que a esta vida magoada
Dá uma esperança fagueira.

Tu és a fulgente aurora
Do meu escuro porvir;
O teu mimoso sorrir
A minha existencia enflora.

Maio, 1886.

Tu és o unico bem
Que n'este mundo desejo;
Sem ti eu olho e não vejo
Encantos que o mundo tem.

Tu és o sopro divino
Que faz meu peito sentir;
Sem ti o meu existir
Seria vago e sem tino.

Tu és tudo para mim,
Oh mulher estremecida!
«És vida da minha vida...
«Tu és a minh'alma emfim!...

J. A. Ferreira (Campinas—Brazil).

Boa sahida. — Falleceu ha poucos annos em Minde, concelho de Porto de Móz, Antonio Carreira Chavinha, celebre pelos seus ditos, e ainda mais pelas

respostas picantes que, por vezes, deu ás auctoridades do Porto de Móz, villa que muitas vezes visitou.

Um dia, deram-lhe a noticia de que uma questão que tinha pendente nos tribunaes da villa e a que elle se julgava com direito, se havia decidido contra elle: Chavinha, ao recebê-la, marchou logo para Porto de Móz: chegado que foi, e informado da verdade, começa, qual o vendilhão, apregoando as suas cousas, a correr as ruas da villa, gritando : ladrões !... ladrões !... Depois de tanto gritar, um empregado da administração, lembrando-se que n'aquellas palavras se atacavam directa ou indirectamente as auctoridades, chamou-o e disse-lhe:

—Sr. Chavinha, v. n'essas palavras mysteriosas dirige-se ás auctoridades ?

—Não senhor, responde elle; eu vejo-me tão apouquetado com dois callos que tenho nos pés que não posso deixar de exclamar contra elles : ladrões !... ladrões !... que tanto me vexam por estas ruas de Porto de Móz !...

O empregado deixou-o; e o nosso homem continuou a clamar contra os callos...

Antonio de Jesus e Silva (Minde.)

LOGOGRIPO LXII (POR LETRAS)

Um jogo de dados — 8, 5, 6
É peso oriental — 8, 5, 5, 6
Fazenda mui fina — 3, 4, 3, 6
Commum animal — 1, 6, 5, 6
Uma herba silvestre — 6, 3, 5, 2, 6
É planta rasteira — 5, 4, 1, 8
Bebida agradável — 6, 3, 8, 6
Da India palmeira — 7, 4, 1, 6
Instrumento aqui tem
Que é uma ave tambem.

F. A. d'Athayde (Lages — E. Catharinense).

As mulheres. — Copiado *ipsis verbi* d'um livro intitulado: *Adagios, proverbios, rifões e anexins da lingua portugueza* por F. R. I. L. E. L., impresso em Lisboa em 1780:

«Com mulheres não sabe o homem como se ha de haver; se não as ama, tem-n'o por nescio; se as ama,

por leviano; se as deixa, por covarde; se as segue, por perdido; se as serve, não o estimam; se não as serve, o aborrecem; se as quer, não o querem; se não as quer, o perseguem; se as frequenta, é mais que louco, se não as frequenta é menos que homem.

CHARADA LXXIX

Aos meus ex.^{mos} amigos Gabriel de Lucena e Jão,
como retribuição ás suas offertas
do «Almanacch» de 1890

Vio-se na *Polonia* um dia—1.
Em lide bem affanosa,—1
Um servo de sachristia
Sobrinho da tia Rosa.

Tinha o tal do bom patusco, Por costume e obrigação, Ir vêr sempre ao <i>lusco-fusco</i> , Se as vélas tinham morrão,	Vae elle, presto, ligeiro, Como era a obrigação, Vêr se a vélla ou candieiro Inda tinha algum morrão...
E, lá, qual ave agourenta, D'essas que bebem azeite, Na alampada mettia a venta Por prazer ou por deleite...	Depois de estar já na egreja; Quando tirava a maquia, Sentio nas costas vareja Fóra da <i>ordem do dia!</i> ...
N'uma noite o <i>padre cura</i> , <i>Abelha mestra</i> d'officio, Protesta, affirma e jura No templo fazer bulicio;	Teve um susto bem medonho O servo da sachristia, Quando vio que não foi sonho, Tal caso de bruxaria!
E foi de caso pensado, Postár-se atraz d'uma porta, P'ra deixar atarantado, O sachrista, esse <i>Ignez d'Horta!</i> ...	Causa <i>pena</i> o facto raro,—1 Que acabo de descrever,... Mas inda agora reparo Que massador ia ser!...
Deram as sete da tarde, N'um campanario d'aldeia; Sem que o mais pequeno alarde Espantasse esta sereia.	E' proprio d'um rapaz serio, Ser em tudo <i>delicado</i> ; Por isso findo o mysterio De caso tão intrincado!

Pequeno Antoninho. (Vizeu).

ARLINDO

NO DIA DO SEU BAPTISMO

Sou devéras teu amigo.
Cumprindo-se co'um dever ;
Todos os teus passos sigo,
E seguirei podes crer.

M. d'Almeida Henriques.

Hoje que a egreja te abriu as portas,
Baptisando-te, chamando-te seu ;
No céo ha festas canticos divinos,
— E's mais um lyrio que ali floresceu.

Trasborda em nosso peito a alegria;
Todos folgam, aqui ha só prazer !
Os teus paes, teus padrinhos, e os convivas,
Todos te querem bem a mais não ser.

O bom Deos te proteja, dôce anjinho ;
Bem feliz te faça Elle eternamente :
Jámais tu soffras acres dissabores :
— Quero vêr-te feliz e bem contente.

Cresce e faze-te homem, meu cherubim;
Infloresce a vida a teu pae e mãe :
Dá-lhe a dita de te verem feliz
E todos nós o seremos tambem !

1 de junho de 1890.

D. Julia d'Almeida Bahia. (Porto).

A UM QUE RIA PRETENCIOSA E PEDANTESCAMENTE

EPIGRAMMA

Só o homem é que ri,
Condição apreciada,
Animal inda não vi
Dar a sua gargalhada.
Escusas pois de te rir
Assim por um modo tal,
Não te pódem confundir
Com algum outro animal.

A. de V. (Alcacer).

AS BORBOLETAS

Como são bellas!... Quanto eu as amo!...

Quando vejo este conjuncto de amor e poesia, sinto reviver as fibras emurchecidas do meu coração!... Como são admiraveis as suas azas multicôres presas n'um corpinho fragil e encantador!...

E os seus pésinhos microscopicos, só dignos de pousar em flôres!... E o seu doudejante voejar de flôr em flôr, aspirando o perfume de uma, aspirando o perfume de outra; de repente foge-nos em procura de outra flôr que tinha um perfume mais agradavel e mais saboroso!...

Ah!... como eu as invejo!...

Quizera ser uma d'ellas, para n'esse doudejante adajar pousar nas tuas faces, Alice! e sorver n'um longo e amoroso osculo o odôr d'estas duas rosas que possues, n'um desabrochar matutino!...

A. L. P. (Pernambuco).

CHARADA LXXX

A phrase que o mendigo pronuncia
Ao pedir alimento ao viandante.—1
E' bom ou mau e pode ser tyranno—3
De todos os diabos commandante.

Abilio Monteiro (Moncorvo)

O PENHASCO

Desperta no levante a madrugada
Fresca, risonha, nitida e radiante;
Mixto de luz e sombra, aureolada
Pela scintelha do astro flammejante.

Ergue-se da montanha esbranquiçada
Envolto em cabelleira fluctuante,
O penhasco de fronte levantada,
Altivo para o céu, calmo e possante...

E o sol os raios vae espadanando...
E os flócos de neblina espiralando
Vão pelos ares tépidos fugindo...

E o dia a scintillar, de sol banhado,
Repelle para a terra, angustiado,
O penhasco que ao céu ia subindo.

1888.

Isaias de Oliveira.

ESPERANÇA

Se a dôr de te perder
me levar o socego, a paz e a vida,
Restar-me ha um prazer,
Que faz sorrir minh'alma entristecida;
A suprema esperança
De, aos pés de Deus, poder, ainda um dia,
Dizer que eras creança
Quando despedaçaste esta alma fria;
E vêr meu coração
Alçando a chaga que lhe abriste em vida,
Pedir o teu perdão,
Pedi-lo com os labios da ferida!

Maio de 1890.

Eugenio P. Tavares. (Ilha Brava).

CHRADA LXXXI (NOVISSIMA)

2, 2 — Hui! Eu tenho-lhe muito medo!
E' lá da França.
Foi d'aqui que um rei piedoso
Sahio ao mar
Triste! para não voltar.

D. Branca Maria de Bettencourt e Silva. (Pelotas.)

LIÇÃO AO MESTRE

Eu costume applicar ao meu pequeno
Dozes de geographia,
Porém succedeu que um dia
Apontei-lhe uma nodoa verde suja
N'uma carta portugueza,
E fiz-lhe vêr com toda a singeleza
— Aqui fica a Azambuja,
E' o celebre pinhal onde ha ladrões.
Elle ergueu para mim seus grandes olhos
Escuros como carvões,
Accesos d'anciedade
E em lagrimas teima e berra,
Dizendo não é verdade.
O pinhal da Azambuja é na Inglaterra.

João Diniz.

ESTANCIAS

Quando em dias de bonança Esteja o mar manso e quieto, Nunca te illudas creança, E' finjido o seu aspecto;	Porque sob a tempestade Das ondas embravecidas, Ha a doce serenidade De muitos milhões de vidas.
---	---

Sob esse espelho fulgente Que fascina o teu olhar Referve o abysmo fremente D'uma lucta sem parar.	Na vida, tudo apparencia, Tudo falso como o oceano, Naufraga a nossa existencia Nos sorvedoiros do engano.
---	---

Quando em noites de procella Escutares os rugidos Da vaga que se encapella, Nunca lhe prestes ouvidos;	Acautela-te, creança Graciosa, ingenua e pura; Mente mil vezes a esp'rança Quando promete a ventura!
---	---

1890.

Amelia Janny. (Coimbra).

CHARADA LXXXII (ENIGMATICA)

*Offerecida ao Ill.^{mo} sr. J. L. Belchior, auctor do enigma
n.º 25 do «Almanach» de 1890*

Conheço *bella* segunda
Que quando zangada está—2
Faz muito feia a primeira
Como adeante se verá.—2.

Quem esta souber decifrar
De charadista terá fama
Porque vae o todo mostrar
Mulher que deseja ser dama.

Tragaldabas. (Capital Federal—Brazil).

VIVE E GOSA!

(A MARIA ANTONIA)

Dize : — tu já viste flôr,
N'uma noite maviosa
Todo o encanto que se gosa
Da lua ao mago palôr ?
Da virente erma campina
Viste o raiar d'alvorada ?
A estrella da madrugada
Dize, tu já viste flôr ?

Um mundo immenso ignorado
Surge então á nossa vista,
E a crença suave e mixta,
Como um perfume sagrado
Da noss'alma se apodera,
E o pensamento volvemos
P'r'as regiões onde crêmos
Um mundo immenso ignorado...

A rutilante poesia
De leve a fronte nos beija,
E em torno de nós adeja
Em esplend'rosa harmonia...
E fica-se extasiada
N'essa noite feiticeira,
Tendo só por companheira
A rutilante poesia!...

O mar entôa distante
Uns longos, tristes gemidos,
Que acordam n'alma, sentidos
Como um ecco soluçante.
A vaga se despedaça
D'encontro aos ermos rochedos,
Talvez contando os segredos
Que o mar entôa distante.

Nas sidéreas regiões
O astro da noite brilha
Pondo no espaço que trilha
Argenteas scintillações
As estrellas aljofradas
Dizem no ethereo fulgor
Talvez mil lendas d'amor
Nas sidéreas regiões...

Nos solitarios jardins
Não adormecem as flôres :
Suspiros, lyrios, amores,
Cravos, rosas e jasmins
Fallam a linguagem mystica
Que as almas não comprehendem,
Mas que só as flor's entendem
Nos solitarios jardins.

Como a c'roar a paisagem
Murmura a altiva cascata
Lucido orvalho de prata
Que aljofra a verde folhagem...
— E da estrella d'alvorada
Surge o esplendor peregrino,
Resplendecente, divino ;
Como a c'roar a paisagem !

Depois no fulgido oriente
Desponta a aurora rosada,
De sorrisos perfumada
De per'las ornada a fronte!
O rouxinol no arvored
Modula canções dilectas.
Voam brancas borboletas
Depois no fulgido oriente...

Dize, tu já viste, pomba,
N'uma tarde maviosa
Todo o encanto que se gosa
Quando o sol declina e tomba?
— Tu, que estás em vigor pleno
Dos teus annos n'alvorada,
Da vida na leda estrada
Vive e gosa, branca pomba.

Hilda. (Lisboa).

CHARADA LXXIII (NOVISSIMA)

*Ao meu sympathico amigo João Carlos d'Araujo
Sequeira, preclaro charadista*

2, 2—D'ali sae macaco do paiz.

José Thomaz Nunes d'Aguiar.
(Cidade da Praia)

NOSTALGIAS

(EXCERPTO)

A minha filha Joanna Carolina Pessoa d'Amorim Rosa

Creio bem que tu calculas com que profunda saudade, suspiro na soledade por te vêr, meu santo amor! tu minha esperança fagueira, o sol da minha existencia, formosa, meiga innocencia, oh! gentil mimosa flôr!	Não ha no céu alegrias, na terra encanto ou ventura, que eguale a maga candura d'um casto beijo dos teus! Eu maldigo a sorte avara, que me traz de ti ausente, cheio de magua pungente, a lutar com escarceus!
---	---

Setembro 1889.

José Pedro Gouveia da Rosa. (Lisboa).

LOGOGRIPO LXIII

Ao Sr. Dr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro

Saboreando este peixe — 13, 11, 9, 3, 12, 5, 12
Lembrei-me de ti, querida, — 13, 9, 5, 12, 13, 1, 9,
10, 13.

Quando morto o teu esposo — 3, 9, 11, 3, 12
A este entregaste a vida — 5, 4, 10, 3, 2, 7, 8, 6

Soldado bisonho fitando o porvir
Não sei o que faça : Seguir ou parar ?
O' chefe, responde, que eu ouça o commando...
Prosigo na luta, ou volvo ao meu lar ?

J. S. Teixeira Filho (Carmo de Cantagalo—Brazil).

OLHOS AZUES

Olhos azues, olhos bellos
Da côr dos céos e do mar,
Mente quem diz que sois falsos,
Vós não podeis enganar.

Quem vos maldiz desconhece As maravilhas de Deos; Olhos azues são profundos, É profundo o mar e os céos.	Eu que busco lêr mysterios Occultos na etherea côr, Eu digo que são taes olhos Poemas do Creador.
---	--

F. Gomes d'Amorim.



SUPPLEMENTO

AO

Novo Almanach de Lembranças

A collaboração sempre crescente do *Almanach de Lembranças*, desde a sua criação em 1851 até hoje, e a impossibilidade de satisfazer a muitos que pela sua competencia tem direito a inscrever aqui o seu nome, tornou necessaria a publicação d'um Supplemento. Isto é, d'um pequeno volume do mesmo formato e indole do *Almanach*, mas em que só ha a parte litteraria recreativa, indices e materias d'expediente.

Este volumezinho, que no presente anno leva, e levará d'ora em diante, não menos de sete folhas de impressão com 224 paginas compactas, e cerca de 300 artigos, brochado, ou cartonado, como se quizer, está á venda em Lisboa no mez de fevereiro de cada anno, podendo n'esse mez ser expedido para os pontos distantes onde o *Almanach* costuma chegar.

Preço: — Brochado 160 rs.; cartonado em percalina 240 rs. — Pelo correio, para Portugal e Ilhas, br. 180 rs.; cart. 270 rs.

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA

Rua Augusta, 50, 52, 54 — LISBOA

Já ha publicados e á venda cinco volumes do «Supplemento», relativos aos annos de 1886 a 1890.

VIAGENS NA GALLIZA

POR

I. F. SILVEIRA DA MOTTA

(Da Academia Real das Sciencias de Lisboa)

(Tuy, Vigo, Pontevedra, Santiago, Corunha, Lugo,
Orense, Villa Garcia, Rivadavia, etc.)

1 volume, magnifica edição, brochado 600 réis
Elegantemente encadernado 800 réis
Pelo correio, 640 ou 850 réis

CONTOS

DE

TRUEBA

TRADUZIDOS POR

BRITO ARANHA

E PREFACIADOS PELO

DR. LUIZ JARDIM

(CONDE DE VALENÇAS)

1 volume de 240 pag. contendo os seguintes contos :

Abençoada seja a familia. O embusteiro.

O mau filho. A resurreição da alma. A madrasta.

O que é a obrigação. O tio Miserias.

Preço 300 réis brochado, ou 500 réis elegantemente
encadernado, proprio para brindes

LIVRARIA PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54 — LISBOA

Collecção Antonio Maria Pereira

VULGARISAÇÃO DAS MELHORES OBRAS

DOS

ESCRITORES NACIONAES E ESTRANGEIROS

ROMANCES, CONTOS, VIAGENS, LITTERATURA, ETC., ETC.

*Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas,
em corpo 8 ou 10, excellente edição, em optimo papel,
Preço de cada volume 200 réis brochado,
ou 300 rs. elegantemente encadernado em percaline.
Para as provincias, 220 ou 330 réis.*

VOLUMES PUBLICADOS :

- N.º 1 — **Tristezas á Beira-Mar.** romance de Pinheiro Chagas, 1 volume.
N.º 2 — **Contos ao Luar,** por Julio Cezar Machado, 1 volume.
N.º 3 — **Carmen,** celebre romance de Merimée, (d'onde se extrahiu o libreto da opera do mesmo titulo) traducção de Mariano Level, 1 vol.
N.º 4 — **A feira de Pariz,** por Iriel, 1 vol.
N.º 5 — **A mascara vermelha,** por Pinheiro Chagas, 1 volume.
N.º 6 — **John Bull e a sua ilha,** traducção de Pinheiro Chagas 1 vol.
N.º 7.º — **O juramento da duqueza,** por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 8 — **A lenda da meia-noite,** por Pinheiro Chagas, 1 vol.

Sae um volume por mez, desde Novembro de 1889

Pedidos á Livraria do editor Antonio Maria PEREIRA
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54 — LISBOA

OBRAS

DE

Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro

EM VERSO :

ESPARSAS

2 volumes, com o retrato do auctor, br. 1\$000 rs.
Esplendidamente encadernados em percaline,
folhas douradas, etc., 1\$600 réis.

EM PROSA :

SERÕES DE HISTORIA

Factos da historia portugueza ou que com ella
se relacionam,
expostos por fórma romanceada
e que não fatiga o leitor

2 volumes br. 1\$000 rs. Encad. 1\$400 rs.

NO PRELO :

LEITURAS AO SERÃO

A' venda em Portugal na livraria Antonio Maria PEREIRA
RUA AUGUSTA 50 a 54 — LISBOA

No Brazil, Ilhas e Ultramar, em todas as livrarias
importantes.



LIVRARIA

DE

ANTONIO M. DA PEREIRA

50-52, Rua Augusta, 52-54

LISBOA

